REVISTA

DO

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

ASSIGNA-SE E VENDE-SE

NA

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO

BELLO HORIZONTE

Assignatura por anno . . . . . 10$000

Numero avulso. . . . . 3$000

REVISTA

DO

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

DE

Augusto de Lima

DIRECTOR DO MESMO ARCHIVO

Anno VIII — Fasciculos III e IV — Julho a Dezembro de 1903

BELLO HORIZONTE

IMPRENSA OFFICIAL DE MINAS GERAES

1903

UBLICO MUNICIPAL
84
03/07/95
IOTECA

651

BIBLIOTHECA DA CAMARA
DOS
DEPUTADOS
DO
ESTADO DE MINAS GERAES
Vol. n.

AS AGUAS THERMAES DE POÇOS DE CALDAS

POR

Pedro Sanches de Lemos

As aguas thermaes de Poços de Caldas

I

O finado major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, de saudosa memoria, disse a seu filho, o coronel Agostinho José da Costa Junqueira, que os Poços de Caldas foram descobertos por caçadores, mas que se ignorava o nome delles, assim como a data do descobrimento.

Esta opinião, emanada de um perfeito homem de bem, que de longa data conhecia estes logares, tem a seu favor todos os visos da certeza.

Antigamente, as fontes thermaes constituiam *barreiros* ou *bebedouros* frequentados pelos animaes do sertão, antas, veados, etc., de sorte que não é para admirar que os caçadores portuguezes, nas suas excursões venatorias, viessem ter aos *poços* por alguns dos carreiros, que a elles conduziam, e a analogia entre estas aguas e as Caldas de Portugal deu necessariamente origem á denominação de Poços de Caldas, que até hoje a localidade conserva.

E qual será a etymologia da palavra *Caldas*?

O illustre professor do Gymnasio Nacional, D.r Fortunato da Fonseca Duarte, num phonogramma que pertence ao tenente Arthur Affonso de Barros Cobra, comprehende a assim: « Cada homem vê as cousas pelo prisma do meio em que vive, — o mathematico tudo submette ás linhas geometricas, — o musico surprehende no canto do passaro, no sussurro da brisa, um motivo de harmonia; eis porque eu, acostumado a examinar e a prescrutar o sentido dos vocabulos, vou falar sobre a palavra *Caldas*. Por que razão o suffixo sigmatico do plural? Qual a etymologia deste termo? Taes são as questões que procurarei explanar em uma prelecção de dous minutos.

« A causas diversas se attribúe o signal do plural nos nomes de logares. Uns, como Athenas, Thebas, etc., devem-no á sua origem tendo sido constituidas por diversos nucleos de população que se

ligaram, — outros como Paris (*Lutetia Parisiorum*) indicam nomes de povos ou de seus habitantes primitivos: — *Parisii* eram os moradores das margens do *Sequana*, — é uma palavra celtica que significa *ribeirinhos*. Com o correr do tempo perdeu se a palavra *Lutetia*.

Outros são adjectivos cujos substantivos com *quem* concordavam se obliteraram. Assim succedeu, por exemplo, com os logares de aguas thermaes ou não, *Sextias*, *Siracusæ*, etc. E' este o nosso caso.

« *Caldas* provem de *Calidas*, accusativo do plural feminino do adjectivo *calidus*, *a*, *um*, concordando primitivamente com *Aquas*, *Aquas Calidas*. E' bem de ver que o nome deste logar ou da cidade vizinha é devido ao das *Caldas* da *Rainha* de Portugal e pode se affirmar que foram os portuguezes que lhe deram *a pari* essa denominação ».

A efficacia das aguas thermaes de Poços de Caldas na cura do rheumatismo era conhecida muito antes de 1815, porque foi naquelle anno que o capitão Joaquim Bernardes da Costa, pai do major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e morador na Conceição do Rio Verde, distante de Poços cerca de 30 leguas, vindo passar neste logar a sua terceira estação balnearia, tomou a resolução de fazer com que seus filhos requeressem diversas sesmarias nestas paragens; daqui nasceu a actual fazenda do Barreiro, que consta quasi toda das sesmarias então requeridas, posteriormente compradas a seus irmãos pelo major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira.

A sentença civel de sesmaria do sesmeiro José Bernardes da Costa, no logar e paragem do Pinhal, freguezia de Nossa Senhora do Patrocinio do Rio Verde de Caldas (1) foi dada, depois de satisfeitos os tramites legaes, pelo D.r Faustino José de Azevedo, Juiz das sesmarias e demarcações da Campanha da Princeza, no dia 7 de dezembro de 1820, sendo 1.º tabellião do publico, judicial e notas — Manoel Lopes de Figueiredo.

O auto de posse é assim concebido: « Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e vinte, aos treze dias do mez de novembro do dito anno, nestes campos das Caldas e Ribeirão do Pinhal ou das Caldas, freguezia de Nossa Senhora do Patrocinio do Rio Verde das Caldas,

Termo da villa da Campanha da Princeza, Minas, e comarca do Rio das Mortes, e dentro das terras mencionadas na carta de sesmaria e Mercê feita ao sesmeiro José Bernardes da Costa, aonde foi vindo o dito sesmeiro, junto com o D.r Faustino José de Azevedo,

---

1) A freguezia de Caldas foi creada pelo alvará de 27 de março de 1813 e elevada á villa pelo § 4.º do art. 1.º da lei n. 131, de 1839; teve a categoria de cidade pelo art. 1.º da lei n. 573, de 2 de junho de 1859.

Juiz das sesmarias e demarcações da mesma villa da Campanha da Princeza, por provisão competente, e comigo escrivão do seu cargo, adeante nomeado, ahi sendo sol fóra e dia claro, demos posse actual, real, judicial e corporal das terras medidas e demarcadas, constantes do auto de medição, nestes mesmos autos descripto, ao dito sesmeiro José Bernardes da Costa, quebrando elle ramos, cavando terra, lançando a ao ar, e olhando para a extensão das terras com animo de tomar posse dellas, em cujo acto disse eu escrivão tres vezes, em voz alta, clara e intelligivel, que se havia quem se oppusesse á dita posse — apparecesse, e proferidas estas palavras, e feitas as cerimonias da lei, não houve opposição alguma; em vista do que houve elle ministro por empossado das ditas terras, quanto em direito se requer, ao sesmeiro dito José Bernardes da Costa Junqueira, o que tudo presenciaram as testemunhas Manoel Cardoso da Silva e Elias José Pereira; e para constar faço este auto em que todos assignam, o dito juiz, o procurador do sesmeiro e testemunhas acima referidas, depois de lido por mim, Manoel Lopes de Figueiredo, primeiro tabellião do publico, judicial e notas que o escrevi e assignei. — *D.r Azevedo, Manoel Lopes de Figueiredo, José Bernardes da Costa, Manoel Cardoso da Silva e Elias José Pereira* ».

E para provar que as aguas thermaes de Poços de Caldas eram conhecidas muito antes de 1815, vamos transcrever « alguns trechos de um officio dirigido em 6 de setembro de 1786 ao ministro Martinho de Mello e Castro pelo governador da capitania de Minas Geraes, Luiz da Cunha Menezes, com a informação que a este foi prestada pelo commandante do districto de Sapucahy, relativamente á existencia das fontes thermaes, informação datada de 15 de junho tambem de 1786 ». Este documento, que parece ser o mais antigo em referencia á historia de Poços de Caldas, encontra-se no Fasciculo 2.º, Anno I, da *Revista do Archivo Publico Mineiro*, então sob a direcção do vivo, lucido e fino espirito que na terra se chamou — José Pedro Xavier da Veiga.

« Ill.mo e Ex.mo Sor (2) Pellas assiduas recommendaçoens q.e tenho feito, e faço a todos os Commandantes dos Districtos desta Capitania sobre todos os conhecimentos fizicos, e naturaes que me puderem adequarir hum dos mais uteis que novam.e se tem conhecido hé o de que me dá conta o command.e do Districto de Sapucahy da Commarca do Rio das Mortes, Campanha do Rio Verde na distancia de 60 Leguas desta capital em huma Carta de q.e hé a copia incluza de haver apparecido na distancia de doze Leguas daquelle seu distr.o huas agoas tremais tão virtuozas, e uteis q.e tem

(2) Conserva-se a orthographia do original.

curado entre varias molestias a do grande mal de Lepra q. tanto persegue este Continente Americano.—Do mesmo lugar já havia hua ignorante noticia, e bem propria do povo pouco illuminado de q.e naquelle mesmo Citio andava o diabo por se ter visto aparecer por varias vezes. Lanças de fogo tão fortes, e tão enxofradas, q. havião chegado a queimar os matos de huma grande parte da sua circumferencia, e com o terrivel xeiro do d.o enxofre das quaes não se pode prezentemente tomar outro conhecimento mais do q. o que a experiencia das suas curas for mostrando o que..... (*seguem-se palavras illegiveis*) tenho novam.te recommendado ao mesmo Commandante visto não haver nesta Capitania.... (*seguem se palavras illegiveis*) pessoa capaz de ser encarregada de..... (*seguem se palavras illegiveis*) por não haver instrum.tos proprios.... como hoje hé bem necessario afim de eu com mais certeza o poder mandar fazer publico por toda esta Capitania, e comunicar esta interessante noticia as mais confinantes. — Villa Rica, 6 de setembro de 1785. — S.r Martinho de Mello e Castro.— *Luiz da Cunha Menezes.* »

« Ill.mo e Ex.mo S.r Dou parte a V. Ex.a em como neste districto daqui a onze, ou doze Legoas, apareceo hum olho de agua Caldas ligitimas, hé tão quente q. senão pôde aturar dentro nella, causa suôres gravissimos tudo o q. são feridas galicas, e galicos tudo sara com brevidade: sarou hum quaze Leprozo, com empolas grandes por todo o Corpo.

« Faço sciente a V. Ex.a p.r q. quererá saber p.a o q. quizer. S. Anna de Sapucahy 15 de Junho de 85. — Ill.mo e Ex.mo S.r Luiz da Cunha Menezes.— *João de Almeida da Fonseca*, Commandante. »

Data de 1862 o primeiro acto do governo de Minas no sentido de beneficiar as fontes thermaes de Poços de Caldas, e este facto não nos deve surprehender, porque as aguas thermaes de *Vichy*, que são a maior riqueza hydrologica do mundo, foram lançadas por Napoleão III, começando propriamente a sua fama de 1872 para cá; ao passo que *Bagnères-de-Luchon*, cujas thermas sulfurosas têm reputação universal, só tiveram as suas 43 fontes captadas em 1853, por amor da alta capacidade do engenheiro J. François, e a respectiva municipalidade não se resolveu a mandar fazer estes notaveis trabalhos, encarregando Chambert da construcção do actual estabelecimento, que está abaixo da critica, no ponto de vista esthetico, sinão

porque um grande incendio, na noite de 9 para 10 de julho de 1841, destruiu o tecto do velho estabelecimento, onde só se davam 500 banhos por dia! Ha mais ainda: o velho estabelecimento de *Vichy*, destinado á primeira classe, tosco e mal amanhado, mas espaçoso, não será destruido, dando logar ao novo, que é um edificio digno da balneotherapia moderna e da riqueza da França, sinão este anno. Tudo isto prova que as sociedades européas, que já têm da vida uma longa experiencia, caminham evolutivamente na estrada do progresso, sem dar saltos nas trevas: lá não se fazem grandes despesas sinão quando ha gente que pague, de modo que a renda dê para ganhar bons juros e amortizar annualmente o capital empregado. E numa terra como o Brasil, cuja população é disseminada e relativamente pobre, exige-se que o governo dispenda rios de dinheiro em Poços de Caldas, para termos a gloria de emparelhar com a Europa! Mas fechemos o parenthesis.

Naquelle anno (1862) o conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, então presidente da Provincia de Minas, encarregou o D.r Caetano de Azeredo Coutinho de levantar a planta e fazer o orçamento de um estabelecimento balneario applicavel ás fontes termaes de Poços de Caldas. Não podendo vir a Poços de Caldas, o D.r Azeredo Coutinho pediu informações aos D.rs André Frederico Regnell e Agostinho José Ferreira Brétas, distinctos clinicos da cidade de Caldas, e nellas baseou-se para apresentar o seu trabalho; declarou, porém, que era preciso que viesse aqui um engenheiro, unico meio de se fazer um estudo escoimado de erros.

Em 1865, o desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite, presidente da Provincia, enviou aos Poços o illustrado engenheiro D.r Martiniano da Fonseca Reis Brandão, afim de levantar a planta e construir o estabelecimento balneario. Em junho de 1865 este engenheiro deu conta da sua commissão, orçando as obras em 33:870$617.

Desde 1865 até 1870, não curou mais o Governo da antiga Provincia da questão das aguas thermaes de Poços de Caldas; mas sendo chamado á presidencia naquelle anno o honrado D.r Agostinho José Ferreira Brétas, que conhecia as virtudes therapeuticas destas aguas, ordenou que o engenheiro João Pedro de Almeida viesse a esta localidade realizar os planos do D.r Brandão. Este engenheiro, que chegou a Poços no dia 4 de agosto de 1870 e no dia 11 de novembro do mesmo anno passou a administração das obras, fez o seguinte: mandou construir um rancho para abrigo de operarios, que tratou de reunir; deu começo á abertura de uma valla destinada a desviar as aguas do Ribeirão de Poços, que corre ao pé das fontes — *Pedro Botelho*, *Mariquinhas* e *Chiquinha*, e despendeu a quantia de 431$380.

A este engenheiro succedeu o D.r Modesto de Faria Bello, então engenheiro chefe da Provincia, que tomou conta das obras no dia 11 de setembro de 1870 e passou a administração no dia 1.º de setembro

do anno seguinte. O primeiro cuidado do D.r Bello foi levantar nova planta do projectado estabelecimento balneario, cujas obras orçou, segundo me informaram, em cento e tantos contos; encommendou madeiras, que não recebeu; continuou a abertura da valla destinada a desviar as aguas do Ribeirão de Poços, e começou outra para desvio do Corrego do Cemiterio, que na epocha das enchentes innundava as fontes dos *Macacos*; iniciou a limpeza e desobstrucção do leito e margens do Ribeirão de Poços, de sorte que fosse augmentado o escoadouro das aguas na quadra das chuvas; e gastou, durante a sua administração, a quantia de 5:854$726.

Ao D.r Bello succedeu o engenheiro Bruno von Sperling, que chegou a esta localidade no dia 23 de agosto de 1871 e recebeu a administração das obras no dia 1.º de outubro. O sr. Sperling tratou de concluir as vallas, a limpeza e desobstrucção do leito e margens do Ribeirão de Poços, cuidando principalmente de erguer o paredão de revestimento á beira do mesmo Ribeirão, para servir de amparo ás construcções do estabelecimento projectado sobre as fontes de *Pedro Botelho*, *Chiquinha* e *Mariquinhas*, sendo exonerado a 10 de maio de 1872.

Durante a sua administração, gastou o Governo 18:999$040, sendo 7:000$000 para pagar as madeiras encommendadas pelo D.r Bello, nove contos e tanto na construcção do paredão e o restante em outras despesas.

Ao sr. Sperling succedeu o engenheiro Honorio Henrique Soares do Couto, que aqui chegou em fins de dezembro de 1872 e teve ordem de suspender as obras a 13 de abril de 1873. Este engenheiro tratou de levantar um estabelecimento balneario provisorio sobre as fontes dos *Macacos*; mas não conseguiu prender e elevar as aguas thermaes acima do nivel do solo, havendo despendido, durante a sua administração, 5:198$690. Assim, no espaço de tres annos, gastou o Governo provincial 30:483$836 nesta localidade, e, si não fossem as vallas feitas com o intuito de desviar as aguas do Ribeirão de Poços, na epocha das chuvas, unico meio de nos pormos a coberto das enchentes; si não fosse o paredão de revestimento á beira do mesmo Ribeirão, o qual si não serviu para amparo ás construcções do estabelecimento projectado, livrou pelo menos o grupo hydrologico de *Pedro Botelho* da invasão das cheias, antes que as respectivas fontes fossem captadas; que se aproveitou aqui com o dispendio dessa quantia? Absolutamente nada. Os nossos engenheiros nem siquer tiveram um programma, de modo que começassem *pelo principio*, que era a captação das fontes; sómente o D.r Soares do Couto se lembrou de realizar esse indispensavel serviço; mas não o conseguiu, porque lhe faltou a competencia technica. Poderemos censural-os por isso? Certo que não. O nosso campo de exploração, pelo que diz respeito á hydrologia, é por demais reduzido, de modo que é impos-

sivel preparar no Brasil engenheiros hydrologos como elles se apparelham na Europa, e portanto, seria injustiça querer que os nossos profissionaes dessem mais do que podem. Esta é que é a verdade.

Desejando ligar o seu nome ao beneficiamento das aguas thermaes de Poços de Caldas, e, querendo ao mesmo tempo proceder com acerto, o D.r Joaquim Floriano de Godoy, que presidia a antiga Provincia de Minas, desde 11 de julho de 1872 até 15 de janeiro de 1873, tomou a resolução, logo que assumiu a administração, de mandar um profissional a estas paragens, afim de obter *informações exactas do estado do estabelecimento balneario do municipio de Caldas*. (Portaria de 13 de julho de 1872). Esta commissão foi confiada ao D.r Luiz Pereira Barreto, sabio medico e illustre scientista, então residente em Jacarahy, Provincia de S. Paulo.

O D.r Barreto não se fez esperar, e a 28 de agosto de 1872 apresentou á presidencia o resultado das suas pesquizas sob o titulo — *Estudos sobre as Aguas Thermaes de Caldas* —, e nesse trabalho não se limitou a informar ao Governo provincial que *os estabelecimentos balnearios não existiam nem jamais existiram*, deu-lhe dous conselhos criteriosos, de que se aproveitou o D.r Godoy, isto é, *que a presidencia tratasse de desapropriar os terrenos necessarios para a fundação do estabelecimento balneario de Poços de Caldas, e que si ella não se julgava com forças para fazer a obra á custa do cofre provincial, quanto antes concedesse o privilegio das aguas thermaes, requerido por varios peticionarios.*

Situados dentro de uma sesmaria, a que se julgava com jús o major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, os Poços de Caldas não podiam ser beneficiados pelos poderes publicos senão mediante desapropriação dos terrenos necessarios á fundação do estabelecimento balneario e da futura povoação, que em torno delle havia de se erguer.

E' verdade que a Presidencia, fundando se em um alvará de 21 de outubro de 1795, entendia que a sesmaria de Poços de Caldas era propriedade provincial; mas o documento para que appellava, si algum dia existiu, desapparecera, e apenas delle havia noticia por uma cópia não authentica.

Em 1885, antes de levantar a planta e fazer o orçamento do estabelecimento balneario projectado, o engenheiro Martiniano da Fonseca Reis Brandão agitou a questão dos direitos, que a Provincia julgava ter á sesmaria de Poços; mas sendo lhe impossivel dar a prova das suas asserções, porque não existia o alvará de 21 de outubro de 1795, entraram em accôrdo o proprietario Junqueira e sua mulher, D. Luiza Ferreira Brétas, que por titulo particular fizeram doação á Provincia de vinte e seis e meio alqueires de terras, nas circumvizinhanças das aguas thermaes.

A assembléa provincial entendeu que devia cortar pela raiz esta questão, e, pela lei n. 1741, de 8 de outubro de 1879, auctorizou o Presidente da provincia a desapropriar os terrenos por utilidade publica.

Aproveitando-se da disposição da lei, o D.r Godoy mandou aos Poços o procurador fiscal interino, Antonio Luiz Maria Soares de Albergaria, cuja missão teve o mais feliz exito, conforme consta dos documentos, que transcrevo em seguida e se encontram no relatorio com que o D.r Godoy passou a administração da provincia ao D.r Francisco Leite da Costa Belém (15 de janeiro de 1873):

« O Doutor presidente da provincia, para dar execução ao § 3.º art. 4.º da lei n.º 1.741, de 8 de outubro de 1870, resolve, de conformidade com o art. 2.º da lei n.º 480, de 19 de junho de 1850, declarar de utilidade publica o terreno junto ás aguas thermaes de Caldas, na extensão de uma sesmaria medida por kilometros, afim de que o possuidor ou possuidores do mesmo terreno possam ser delles desapropriados e indemnizados de seu valor, nos termos da referida lei n.º 480. Palacio do Governo da Provincia de Minas Geraes, Ouro Preto, 14 de outubro de 1872. D.r *Joaquim Floriano de Godoy* ».

« Livro 5.º de notas a fls. 35 até fls. 39. Escriptura de ratificação da cessão feita em 30 de abril de 1865 pelo major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e sua mulher D. Luiza Ferreira Brêtas de vinte e seis e meio alqueires de terras na sesmaria do campo denominado das Caldas contiguo aos Poços das aguas thermaes, existentes na mesma sesmaria, e de cessão de mais de trezo e meio alqueires no mesmo logar para completar o numero de quarenta alqueires ou noventa e dous hectares e oito decimos, feita pelo major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, seus filhos e genros abaixo assignados, proprietarios em commum da mesma sesmaria.

« Saibam quantos esta virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dous, aos seis dias do mez de novembro do mesmo anno, nesta fazenda do Barreiro, do districto da cidade de Caldas e casa de residencia do major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, onde eu tabellião vim ahi perante mim e testemunhas abaixo assignadas appareceram de uma parte o dito major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, o capitão José Bernardes da Costa Junqueira e sua mulher D. Anna Flausina da Costa, o capitão José Otorio de Oliveira e sua mulher D. Anna Candida de Oliveira Junqueira, Agostinho José da Costa Junqueira e sua mulher D. Ignura Claudina Affonso Junqueira e Joaquim Candido da Costa Junqueira e sua mulher D. Maria Luiza de Oliveira ; e da outra parte o advogado procurador fiscal da Thesouraria Provincial Antonio Luiz Maria Soares de Albergaria ; outrosim, os primeiros residentes nesta mesma fazenda e o ultimo na imperial cidade de Ouro Preto, o conhecidos pelos proprios, do que dou fé, e por elles major Joaquim Bernardes do Costa Junqueira e seus filhos e genros acima nomeados, foi dito que por esta ratificam a cessão feita em 30 de abril de mil oitocentos e sessenta e cinco de sessenta e quatro he-

ctares de terras na sesmaria do campo denominado das Caldas, deste municipio, por titulo particular, como que cediam mais no dito terreno trinta e dous hectares e oito decimos de terras na dita sesmaria ao governo provincial de Minas para edificação de um estabelecimento balneario e suas dependencias para uso publico, e edificação de predios depois de competentemente medido, alinhado e marcado o terreno da respectiva área, sendo esta demarcação dentro dos limites traçados na planta feita pelo engenheiro Martiniano da Fonseca Reis Brandão e levantada pelo engenheiro Modesto de Faria Bello em fevereiro de mil oitocentos e setenta, principiando da fóz do Ribeirão do Capãosinho, corrego acima, até o ponto — A — deste ponto seguindo vallo acima até fechar no Ribeirão do Cemiterio no ponto — B — dahi seguindo pela linha quebrada até o ponto — C —, no Ribeirão dos Poços, por este abaixo até — F —, e dahi em linha recta ao ponto — D —, no Ribeirão da Serra, e por este abaixo até o ponto — U —, na barra do corrego do Monjolinho, e por este acima até o ponto — L —, na fralda da serra ; dahi descrevendo uma linha quadrada pela Serra dita dos Poços até o ponto — G —; dahi em linha recta até o ponto — O —, no pequeno corrego sem nome, que desagua no Ribeirão das Caldas acima da mudança do Ribeirão a fechar por elle acima na barra do corrego do Capãosinho, onde principiou esta divisa, tudo conforme a planta que fica em poder dos cedentes, rubricada pelo engenheiro da provincia, Pedro Luiz Taulois, reservando elles cedentes as propriedades por elles construidas ou em construcção entre o Ribeirão do Cemiterio na margem esquerda do Ribeirão dos Poços, com o fundo correspondente de cincoenta metros, e na margem direita a propriedade construida e as em construcção dentro da área comprehendida entre o Ribeirão das Caldas, vallo do Porfirio e o alinhamento da frente da casa indicada e a propriedade em construcção no terreno entre a Cachoeirinha e o poço denominado — Macacos — com cincoenta metros de frente sobre cincoenta de fundo, perfazendo dez mil e quinhentos metros quadrados. E pelo cedente capitão José Ozorio de Oliveira foi dito que, depois de demarcado e alinhado o terreno da povoação, podia a preferencia para acquisição de prazos urbanos, logares que lhe convier, sujeitando-se aos onus de aforamento, que forem postos pelo governo, não podendo exceder de seis prazos. E pelo procurador fiscal da Thesouraria Provincial, Antonio Luiz Maria Soares de Albergaria foi dito que em nome do exmo. governo da provincia aceitava a cessão feita do dito terreno com suas divisas descriptas na planta, que fica fazendo parte integrante desta escriptura ; dependente, porém, da approvação do mesmo governo. Depois de escripta esta foi lida por mim tabellião perante elles que reciprocamente a outorgaram e aceitaram, e eu como pessoa publica a outorguei e aceitei : Testemunhas a tudo presentes o D.r Pedro Luiz Taulois e o coronel

Manoel Rodrigues da Costa. Eu Tristão Leite de Meirelles, primeiro tabellião do publico, judicial e notas, que a escrevi. — *Joaquim Bernardes da Costa Junqueira. José Bernardes da Costa Junqueira, José Osorio de Oliveira, Joaquim Candido da Costa Junqueira, Agostinho José da Costa Junqueira, Isaura Claudina Affonso Junqueira, Anna Flausina da Costa, Anna Candida de Oliveira Junqueira, Maria Luiza de Oliveira.* — O procurador fiscal interino *Antonio Luiz Maria Soares de Albergaria, Pedro Luiz Taulois, Manoel Rodrigues da Costa.* Estavam as assignaturas inutilizando as tres estampilhas de duzentos reis cada uma, Nada mais continha a dita escriptura, que aqui fielmente copiei tal e qual seu original, ao qual me reporto e dou fé nesta cidade de Caldas, aos sete de novembro de mil oitocentos e setenta e dous. Eu Tristão Leite de Meirelles, primeiro tabellião, escrevi e assigno em publico e raso. Em testemunho de verdade, estava o signal publico, *Tristão Leite de Meirelles.* Estavam inutilizadas tres estampilhas de duzentos reis cada uma. Caldas, 7 de novembro de 1872. O tabellião *Meirelles* ».

Fallando do feliz exito da missão confiada ao procurador fiscal interino Albergaria, assim se exprime o presidente Godoy á pag. 21 do já citado relatorio : « O mais feliz resultado coroou esta missão, pois que os posseiros Junqueira e sua familia fizeram doação gratuita á provincia de 96 hectares e 8 decimos de terras em torno dos poços.

Os terrenos doados têm proporção para a fundação de uma grande cidade, com logradouro publico. Fiz seguir incontinente um engenheiro com instrucções para demarcar os terrenos, firmar limites, levantar uma planta da futura povoação e planejar um estabelecimento provisorio, onde os doentes possam usar dos banhos nas condições hygienicas, até que se construa definitivamente o estabelecimento balneario ».

O engenheiro incumbido desta commissão foi o D.r Honorio Henrique Soares do Couto. E ao mesmo tempo que encarregava este engenheiro da construcção do estabelecimento provisorio, o presidente, que pelas informações do illustre D.r Barreto soubera que as administrações anteriores haviam gasto quasi que improficuamente 25:285$146 nos Poços de Caldas, resolveu se a confiar a execução da obra definitiva á iniciativa particular.

Em 1871, na presidencia do D.r Antonio Luiz Affonso de Carvalho, os D.rs Agostinho José Ferreira Bretas, Ignacio de Barros Cobra, juntamente com os cidadãos Agostinho José da Costa Junqueira, capitão José Osorio de Oliveira e Joaquim Candido da Costa Junqueira, requereram o privilegio das aguas thermaes de Poços de Caldas. Este requerimento não teve solução favoravel, porque o presidente Affonso de Carvalho entrou em duvida sobre se seria ou não da sua competencia a concessão do privilegio, de sorte que se julgou na

obrigação de ouvir a respeito o governo geral. O requerimento ácerca do privilegio foi remettido á secção do imperio do Conselho de Estado a 11 de dezembro de 1871, e a 4 de abril de 1872 foram enviados alguns documentos fornecidos pela presidencia de Minas a 5 de fevereiro do mesmo anno, conjunctamente com a planta do estabelecimento projectado, levantada pelo engenheiro Bello. E como a duvida suscitada pelo D.r Affonso de Carvalho não estivesse resolvida ao tempo da administração do D.r Godoy, este, fundando se nas leis n.os 540, de 9 de outubro de 1851 e 1.009, de 2 de julho de 1850, tomou a resolução de conceder o privilegio para construcção do estabelecimento balneario de Poços de Caldas, *porque o edificio balneario planejado pelo engenheiro Bello era de custo elevado e a provincia, com os encargos financeiros que tinha, não podia realizal o*. E fez bem o D.r Godoy, porque a duvida levantada pelo seu antecessor só foi resolvida pelo Conselho de Estado, a favor do governo geral, em 5 de novembro de 1874, como consta do documento que passamos a transcrever:

« N.r 141. — Circular. 1.a Directoria. — Ministerio do Imperio. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1874. — Illm. e Exm. Sr. — A secção dos Negocios do Imperio do Conselho de Estado, sendo ouvida sobre a seguinte questão:

« Si as fontes de aguas mineraes nas provincias podem ser consideradas propriedade provincial, e, portanto, da exclusiva competencia das auctoridades provinciaes.

« Foi de parecer:

« Que na esphera da competencia das assembléas legislativas provinciaes, definidas no acto addicional, não se comprehende a attribuição de legislar sobre fontes de aguas mineraes de qualquer natureza;

« Que não existindo ainda lei pela qual, na conformidade do § 4.o do art. 11 do mesmo acto addicional, devem ser especificados os bens provinciaes, nem alguma outra que declare terem este caracter as referidas fontes, cumpre que ellas sejam consideradas na ordem dos mineraes em geral e dos assumptos concernentes á saúde publica todos os quaes são da competencia dos poderes geraes;

« Que a disposição do art. 66 § 1.o da lei de 1.o de outubro de 1828, que confere ás camaras municipaes a attribuição de regular o serviço das fontes e aqueductos, tem sido sempre entendida como relativa ás aguas que jorram e aqueductos que conduzem aguas potaveis e de uso geral;

« E Sua Magestade o Imperador, conformando-se por sua immediata resolução de 7 do mez passado com este parecer, exarado em consulta de 12 de agosto ultimo, ha por bem mandar declarar que as fontes de aguas mineraes de qualquer natureza, não devendo ser consideradas como de propriedade provincial, mas pertencendo á administração geral do Estado, não podem ser objecto de contractos

feitos pelos presidentes das provincias, em virtude de auctorização ou com dependencia de approvação das assembléas provinciaes.

« O que communico a V. Ex. para seu conhecimento. Deus guarde a V. Ex. — *Visconde do Rio Branco*. — S.r presidente da provincia de Minas Geraes. »

(Na mesma data aos presidentes das provincias de S. Paulo, Santa Catharina, Goyaz, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte.)

E' justamente o inverso do que se dá em França, e creio eu que em outros paizes cultos. Em França, as fontes de aguas mineraes podem pertencer ao Estado, ás Municipalidades e aos particulares si estes as não quizerem vender a qualquer daquelles poderes, explorando-as directamente ; e, neste caso, devem fazel-as analyzar, especificando as suas propriedades therapeuticas, impetrando ao mesmo tempo do poder publico a necessaria permissão para offerecel-as ao uso do povo, de accordo com a lei que regula a exploração das aguas mineraes.

Seja como for, o presidente d.r Godoy, pelos motivos já expostos, entendeu que devia chamar concurrentes para a construcção, custeio, uso e goso do estabelecimento balneario dos Poços de Caldas, e por que o D.r Agostinho José Ferreira Brétas e seus consocios não quizeram sujeitar-se ás condições impostas pela presidencia, foi o privilegio concedido ao D.r José Caetano dos Santos, como consta do documento em seguida transcripto :

« Termo de contracto, celebrado perante a Exma. presidencia desta provincia pelo D.r José Caetano dos Santos, para a construcção, custeio, uso e goso de um estabelecimento balneario sobre os poços das aguas thermaes de Caldas, municipio do mesmo nome, com privilegio exclusivo para quarenta annos.

« Aos oito dias do mez de janeiro do anno de mil oitocentos e setenta e tres, perante o Exm. Sr. D.r presidente da provincia, Senador Joaquim Floriano de Godoy, compareceu o cidadão José Januario de Cerqueira, na qualidade de procurador do D.r José Caetano dos Santos, afim de contractar, como de facto contractou, conforme auctoriza o art. 19 da Lei n.º 1.009, de 2 de julho de 1859, a construcção, custeio, uso e goso de um estabelecimento balneario sobre os poços das aguas thermaes de Caldas, debaixo das seguintes condições :

PRIMEIRA

« O D.r José Caetano dos Santos, por si, ou por uma companhia anonyma que organizar dentro ou fóra do Imperio, obriga se a construir um estabelecimento balneario nos poços das aguas thermaes do municipio de Caldas, segundo as plantas do D.r Modesto de Faria Bello, modificadas pelo engenheiro Pedro Luiz Taulois.

SEGUNDA

« A manter effectivamente no estabelecimento nove banheiras, sendo quatro para homens, quatro para senhoras e uma para fins especiaes, podendo ser augmentado este numero quando a affluencia de banhistas o exigir.

TERCEIRA

« A construir o edificio do lado posterior do principal com seis banheiras para uso gratuito das pessoas pobres, que provem devidamente suas circumstancias.

« Neste edificio haverá banheiras especiaes para as pessoas que soffrerem de molestias contagiosas. O plano deste edificio depende da approvação do governo provincial.

QUARTA

A fonte denominada — Macacos — será aproveitada para outras banheiras, conforme os planos que o concessionario apresentar á approvação do governo provincial. Para esse fim fica comprehendida nesta concessão a referida fonte. O concessionario fica com direito a fundar estabelecimentos semelhantes em quaesquer outras fontes de aguas mineraes que existirem em terras pertencentes á provincia.

QUINTA

« O concessionario obriga-se a ajardinar e cercar, do modo que fôr mais conveniente, todo o terreno que circumda o estabelecimento.

SEXTA

« Haverá um medico retribuido pela empresa, o qual terá a seu cuidado a hygiene do estabelecimento e suas dependencias.

SETIMA

« A empresa pagará á provincia, no prazo de cinco annos, as despesas feitas com o estabelecimento balneario provisorio e materiaes existentes no logar pelo valor que lhes fôr dado antes de começarem as obras, a que se obriga, ficando entendido que esse valor não excederá a quinze contos de réis (15:000$000.)

OITAVA

« As obras de que trata este contracto serão começadas dentro de dous annos e concluidas dentro de cinco da data da approvação das plantas definitivas. A empresa incorrerá na multa de quinhentos mil réis por cada mez que exceder daquelle prazo.

NONA

« Do excedente da renda liquida de 12 %, do estabelecimento balneario pertencerá uma quarta parte á provincia. Fica entendido que no computo dessa renda não entram os alugueis e pensões das casas e hoteis que a empresa venha a construir.

DECIMA

« O uso e goso desta concessão durarão quarenta annos, findos os quaes ficarão pertencendo á provincia todos os edificios construidos pela empresa para o estabelecimento balneario e accessorios, não comprehendendo nestas as casas e hoteis, que a mesma empresa tenha edificado para alojamento dos balneantes, ainda que em terrenos cedidos pela provincia.

DECIMA PRIMEIRA

« O governo tem o direito de fiscalizar a construcção do estabelecimento balneario por engenheiro de sua nomeação, afim de serem rigorosamente executadas as obras conforme os planos mencionados neste contracto, com as modificações que porventura venham a ser feitas mediante a approvação do mesmo governo.

DECIMA SEGUNDA

« A empresa apresentará annualmente, no mez de janeiro, um balancete do movimento do estabelecimento e sua renda; e entrará dentro de trinta dias para a Thezouraria Provincial com a quota que pertencer á provincia, na conformidade do art. 8.º O governo terá o direito de verificar os referidos balancetes, cotejando-os com a escripturação do estabelecimento, para o que a empresa franqueará os livros essenciaes — diario e copiador de contas.

DECIMA TERCEIRA

« A empresa terá privilegio na venda de aguas a que se refere este contracto.

DECIMA QUARTA

«As banheiras serão classificadas de 1.ª 2.ª e 3.ª classe; a taxa por cada banho nas de 1.ª classe não excederá 1$500, nas de 2.ª 1$000 e nas de 3.ª 500 réis. Esta classificação depende da quantidade das banheiras e seu custo relativo. Os menores de quatorze annos pagarão metade das taxas estabelecidas.

DECIMA QUINTA

«A empresa poderá cobrar até oitenta reis por entrada de cada pessoa nos jardins do estabelecimento balneario; os menores de 14 annos terão entrada gratis.

DECIMA SEXTA

«O governo concede gratuitamente todo o terreno que fôr necessario para o estabelecimento balneario, suas dependencias e jardins, bem como para construcção de casas e hoteis para alojamento dos balneantes. Fica concedido á Empresa o direito de desapropriar, na fórma da legislação vigente, os terrenos que não pertençam á Provincia e sejam necessarios para a execução deste contracto.

DECIMA SETIMA

«As duvidas e questões que se suscitarem entre o governo provincial e o concessionario ou a companhia por elle organizada, serão resolvidas por dous arbitros, nomeados pelas duas partes contractantes, tendo voto de desempate um terceiro arbitro, tirado á sorte dentre dous nomes indicados por cada um dos mesmos arbitros, quando não combinarem em um certo e determinado.

DECIMA OITAVA

«Si o concessionario incorporar companhia extrangeira, esta terá na capital do Imperio ou na dita Provincia, um representante com todos os poderes, pertencentes á respectiva directoria, em virtude deste contracto, para, sem dependencia da mesma directoria, tratar e resolver todas as duvidas e questões attinentes quer á execução das obras, quer ao cumprimento de qualquer das outras clausulas, durante todo o tempo da concessão. E, para firmeza de tudo, mandou o Exm. Sr. senador Presidente da Provincia lavrar este termo de contracto, no qual se assigna com o procurador fiscal da Thesouraria Provincial, com duas testemunhas e comigo José da Costa Carvalho, secretario do governo, que o fiz escrever e subscrevi.—*D.r Joaquim*

Floriano de Godoy.—Como procurador do concessionario, *José Januario de Cerqueira*. — *Antonio Casemiro da Motta Pacheco*. — Testemunhas, *Francisco de Paula Motta, Ignacio José de Souza Gama*. Estavam colladas quatro estampilhas de sello adhesivo no valor de duzentos réis cada uma .—Pagou dous mil reis conforme o talão n.º 76. Secretaria do governo, em 8 de janeiro de 1873.—*A. Cesario B. de Limas*.

Mas que desorientação, Santo Deus! Manda-se construir um estabelecimento balneario sobre fontes, que não haviam sido analyzadas chimicamente, e, para cumulo de despauterio, dá-se ao concessionario a faculdade de construir novo estabelecimento sobre outro grupo hydrologico, distante do primeiro poucos centos de metros, sem ao menos se pensar na identidade de composição de todas as fontes! Ha mais ainda: não se fala no contracto na necessidade de captar as fontes, condição *sine qua non* da construcção de um estabelecimento balneario, porque, sem captação, é impossivel o assentamento do reservatorio, e, sem este, não se podem executar as operações balnearias, por pequena que seja a concurrencia de banhistas. E' bem de ver que a idéa do governo e do concessionario era dar os banhos com a temperatura natural das fontes, erro duas vezes grave: em primeiro logar, porque a temperatura dos dous grupos hydrologicos de Poços de Caldas, estando comprehendida entre 41.º —46.º centigrados, é excessiva, e poucas pessoas a podem supportar, sem risco de vida; em segundo logar, porque essa infeliz lembrança, exarada em um documento official, gerou no espirito do povo a crença de que os banhos de Poços de Caldas só são proveitosos quando tomados á temperatura natural das fontes, e isto é um absurdo hydrologico e balneotherapico, de facilima demonstração. E quantas luctas e quantos erros sahiram desta cincada! Mas não antecipemos e voltemos ao D.r José Caetano dos Santos.

Tendo-se compromettido a realizar as obras dentro de cinco annos, contados da data da approvação das plantas definitivas, e a começal-as dentro de dous annos, o D.r José Caetano dos Santos tratou de organizar uma sociedade anonyma que satisfaria dous fins: dividir por muitos uma despesa, que seria pesada demais para um só ou poucos; interessar na construcção do estabelecimento balneario os elementos locaes, o que era de bom conselho.

Orçadas as obras projectadas em 800:000$000, conforme as plantas organizadas e approvadas pelo governo provincial, o concessionario organizou no Rio de Janeiro a sociedade anonyma—As Thermas de D. Pedro II—cujos estatutos foram homologados pelo governo geral (Decreto n.º 6.101, de 19 de janeiro de 1876) cabendo lhe a presidencia da primeira directoria.

O capital da sociedade foi dividido em 4.000 acções de 200$000 cada uma, emittidas por series. A primeira serie de 2.000 acções devia ser lançada de prompto, ficando a emissão das outras 2.000 ao

arbitrio da assembléa geral dos accionistas. A primeira entrada devia ser de 10 °/. das acções subscriptas, trinta dias depois de approvados os estatutos e as seguintes a juizo da directoria, precedendo annuncio pelos jornaes de maior circulação com antecedencia de trinta dias.

Ao mesmo tempo que tratava da organização da sociedade projectada, o concessionario procurou accumular nos Poços de Caldas os elementos necessarios para se iniciarem as obras, e como a construcção do estabelecimento dependia de tijolos, areia, cal e cimento, seu primeiro cuidado foi mandar assentar na *Olaria* uma machina de fazer tijolos, encommendando incontinenti a cal e o cimento. E porque as obras de carpintaria ficariam mais em conta, si a sociedade dispuzesse de serras circulares, fez acquisição de uma machina de apparelhar madeira, e ajustou o mestre pedreiro Antonio Alves da Silva para fazer as obras de alvenaria (3). Mas está escripto que os iniciadores das idéas novas não devem colher o fructo dos seus esforços, e por isso o D.r José Caetano dos Santos foi infeliz : os seus planos inspiraram receio ; os seus calculos não foram comprehendidos; e, além de não ter conseguido passar toda a primeira serie de duas mil acções, aconteceu que os accionistas, que as tomaram, recusaram-se a fazer as entradas na proporção do capital subscripto. Faltando-lhe dinheiro, a sociedade anonyma—As Thermas de D. Pedro II —entrou em liquidação, e a directoria fundadora, cujos poderes findaram a 19 de janeiro de 1880, não tratou de convocar a assembléa geral dos accionistas, afim de resignar poderes, prestar contas, etc. Seja como for, depois de ter empregado os esforços ao seu alcance para salvar a Empresa, promettendo até ceder 300 das 500 acções beneficiarias, que lhe pertenciam, áquelle que se propuzesse a construir as obras e passar acções para complemento das duas mil, cansado e desgostoso, o D.r José Caetano dos Santos offereceu ao coronel Antonio Teixeira Diniz, hoje Barão do Campo Mystico, pela quantia de 10:000$00 todo o material que tinha nos Poços avaliado em ..... 30:000$000, promettendo desistir do privilegio em seu favor. Este negocio não se realizou, porque o Barão do Campo Mystico não pôde concordar com as bases, que lhe foram offerecer ; mas todos os actos do primeiro concessionario do privilegio foram acertados e delles se aproveitaram os seus successores, como se vai ver.

---

(3) De todos os actos do D.r José Caetano dos Santos, a chamada do pedreiro Antonio Alves da Silva, que viera da Barra de São João, hoje Estado do Rio, foi o mais proficuo para os Poços de Caldas, porque foi este pedreiro que resolveu o grave problema da captação das fontes, possibilitando assim o funccionamento do estabelecimento balneario.

Continuava, portanto, insoluvel a questão concernente ao estabelecimento balneario de Poços de Caldas, quando a 14 de outubro de 1880 o vice presidente de Minas, então em exercicio, conselheiro Joaquim José de Sant'Anna, communicou ao D.r José Caetano dos Santos, que estava rescindido o seu contracto. De harmonia com esta decisão, em 1881, o senador João Florentino Meira de Vasconcellos, então presidente da provincia, autorizado pelo governo geral, abriu em Ouro Preto concurso para a construcção do estabelecimento balneario de Poços de Caldas, e apresentaram se em competencia: os D.rs Carlos Pereira de Sá Fortes, José de Carvalho Tolentino e o cidadão Anselmo Fernando de Almeida; o cidadão Joaquim José de Oliveira e Silva, e o coronel Antonio Teixeira Diniz; o Barão do Rio Negro e o cidadão João Carlos Vieira Ferraz; o cidadão Ricardo José de Araujo, e finalmente, o D.r Antonio da Silva Daltro.

Os tres primeiros levaram a melhor e foi lhes concedido o privilegio, como consta do contracto, que se vai ler:

« Termo de contracto celebrado com os doutores Carlos Pereira de Sá Fortes, José de Carvalho Tolentino e o negociante matriculado Anselmo Fernando de Almeida, para fundação de um estabelecimento balneo therapico.

« Aos vinte e cinco dias do mez de julho de mil oitocentos e oitenta um, em o palacio do governo, perante o Ex.mo S.r Senador presidente da provincia, compareceram os D.rs Carlos Pereira de Sá Fortes e José de Carvalho Tolentino e o negociante matriculado Anselmo Fernando de Almeida, para o fim de contractarem, como de facto contractaram, a construcção do estabelecimento acima referido; e depois de mutuo accordo, ficaram para esse fim estipuladas as seguintes clausulas:

« Primeira.— Fica concedido aos doutores em medicina Carlos Pereira de Sá Fortes e José de Carvalho Tolentino, e negociante matriculado Anselmo Fernando de Almeida, privilegio durante o prazo de 30 annos (*o prazo foi depois prorogado por mais 20 annos*) da data do presente contracto, para exploração, custeio, uso e goso das diversas fontes thermaes, no logar denominado — Poços de Caldas, — no municipio do mesmo nome, nesta provincia; e bem assim de quaesquer outras que venham a ser descobertas no mesmo municipio.

« Segunda.— Para o mencionado fim obrigam-se os concessionarios a fundar um estabelecimento balneo therapico no logar das referidas fontes, segundo a planta e orçamento approvados pelo governo provincial, os quaes serão apresentados dentro de seis mezes, contados da data deste contrato, sob as penas da clausula decima.

« Terceira.— Os concessionarios obrigam se a fundar um segundo estabelecimento, mediante planta e orçamento previamente approvados pelo mesmo governo, no caso que assim o exija a distancia

existente entre as fontes denominadas *Macacos*, *Pedro Botelho* e *Mariquinhas*.

« Quarta.— Os concessionarios obrigam-se a montar o numero de banheiras, que serão de primeira e segunda classe, que seja proporcional á quantidade das aguas e á affluencia dos balneantes (4); bem assim duas banheiras reservadas para as pessoas que soffrerem de molestias contagiosas.

« Quinta.— Os concessionarios obrigam-se a ter banheiras sufficientes, a juizo do governo, para uso gratuito das pessoas pobres, que devidamente provarem essa condição. A qualidade de pobre será provada, no caso de duvida, com attestado do vigario, do juiz de direito ou da camara municipal.

« Sexta.— Aos concessionarios fica o direito de cobrar no maximo, fornecendo lençol e criado: por um banho de primeira classe dous mil reis (2$000). *Idem, idem* de segunda classe 1$000.

« Setima.— Os concessionarios obrigam-se a ter uma boa pharmacia, e permanentemente um medico, que terá a seu cuidado a hygiene dos estabelecimentos, e que assistirá gratuitamente aos pobres e aos balneantes que residirem nos edificios da empresa, destinados ao seu alojamento.

« Oitava.— Os concessionarios obrigam-se a cercar e ajardinar todo o terreno que circumdar os estabelecimentos, sendo franca a entrada nos jardins.

« Nona.— Os concessionarios obrigam-se a construir um grande edificio apropriado a receber os balneantes, o qual será augmentado á proporção que exigir a affluencia dos mesmos. Além destes, poderão construir outros para morada de suas familias e da dos balneantes, que as preferirem (5). O preço da hospedagem, dentro do edificio destinado para receber os balneantes, será no maximo de cinco mil réis (5$000) para a primeira classe, e de quatro mil réis (4$000) para a segunda.

---

(4) Impagavel esta clausula! Não se sabia naquelle tempo qual era a descarga das fontes em 24 horas, e muito menos podiam os concessionarios calcular o numero de banhistas, que frequentavam Poços de Caldas, termo medio, por absoluta carencia de elementos. Si a estação balnearia nem fundada estava!...

(5) Os factos demonstraram que isto foi um mal: em primeiro logar, porque os empresarios, em vez de cuidarem do beneficiamento das aguas, gastaram muito tempo com a factura e exploração de hotel; em segundo logar, porque a Empresa, desde que tinha hotel e abria concurrencia á população neste negocio, alienou muitas sympathias, difficultando a sua acção.

« Decima.— As obras serão começadas dentro de seis mezes e concluidas dentro de dous annos, a contar da approvação definitiva de suas plantas, sujeitando-se a empresa á multa de quinhentos mil réis (500$000) por mez que exceder desses prazos, até seis mezes, findos os quaes caducará a concessão, salvo caso de força maior, provado perante o governo, que poderá então, não só alliviar as multas, como ampliar por egual tempo os prazos estipulados.

« Decima primeira.— Os concessionarios obrigam-se a facilitar aos balneantes todos os meios possiveis de transporte para os seus estabelecimentos balnearios (6) mediante preços razoaveis.

« Decima segunda.— Os concessionarios indemnizarão a provincia das construcções sobre as fontes (*sic*) e material existente nas Poças de Caldas, no prazo de dous annos, a contar da approvação das plantas, mediante avaliação feita antes de começadas as obras, conforme a clausula vigesima terceira.

« Decima terceira.— Os concessionarios obrigam-se a manter na povoação, a expensas suas, durante o prazo deste privilegio uma escola publica primaria para o sexo masculino e outra para o feminino, as quaes começarão a funccionar desde a inauguração do estabelecimento balneario. A nomeação do pessoal docente competirá ao governo provincial, na forma da legislação em vigor. As escolas poderão funccionar em casas separadas, ou no mesmo edificio, desde que tenha accommodações apropriadas. (*O presidente da provincia, Dr. Antonio Gonçalves Chaves, alliviou a empresa do onus da clausula 13.ª ficando o governo provincial por sua vez exonerado do onus da clausula 15.ª quanto á concessão de terrenos, limitando-se somente a ceder aos empresarios o terreno situado entre os corregos do Monjolinho e do Meio, o Açude e a Valla, no logar denominado Olaria, para oficina e suas dependencias*).

« Decima quarta.— A empresa obriga-se a apresentar annualmente, no mez de janeiro, um balancete do movimento do estabelecimento balneario e da sua renda.

« Decima quinta.— O governo concederá aos empresarios todo o terreno necessario para as obras e suas dependencias mencionadas neste contracto, conferindo-lhes para o mesmo fim o direito de desapropriação, na forma da legislação em vigor, dos terrenos que não pertençam á provincia; bem assim igual direito para as aguas po

(6) Não estava ainda construido um estabelecimento balneario, e já se falava *nos estabelecimentos balnearios*! Ainda quando a composição da agua das fontes dos *Macacos* fosse diversa da do grupo de *Pedro Botelho*, só se devia pensar na factura do segundo estabelecimento, si um só fosse insufficiente para satisfazer aos banhistas. Infelizmente, ninguem tinha naquelle tempo idéa destas cousas, e por isso se andou sempre á matroca.

taveis necessarias para abastecer os estabelecimentos e dependencias.

« Decima sexta.— Fica á empresa o exclusivo direito da venda das aguas mineraes fóra da povoação. O preço dessas aguas será regulado em uma tabella approvada pelo governo. Fica subentendido que é gratuito o uso interno das aguas nos estabelecimentos e dentro da povoação.

« Decima setima.— O governo concederá isenção de quaesquer onus ou impostos provinciaes sobre os estabelecimentos da empresa e sobre o material necessario para as obras, durante o tempo de sua construcção. Nessa isenção não estão comprehendidas as casas edificadas pela empresa para residencia de suas familias e das dos balneantes que as preferirem (clausula nona). A isenção de direitos sobre os materiaes será concedida á vista de uma relação especificada dos mesmos, com designação de sua applicação, precedendo os exames necessarios pela recebedoria respectiva.

« Decima oitava.— O governo terá o direito de fiscalizar a construcção do estabelecimento balneario, por engenheiros de sua nomeação, afim de serem rigorosamente executadas as obras, conforme as plantas mencionadas neste contracto, com aquellas modificações que por ventura venham a ser feitas, mediante approvação do mesmo governo.

« Decima nona.— Os direitos e obrigações conferidos por este privilegio aos concessionarios, no caso de morte destes, serão extensivos a seus herdeiros.

« Vigesima.— Este contracto não poderá ser rescindido sem prévio accôrdo entre os concessionarios e o governo provincial, salvo a hypothese da clausula seguinte:

« Vigesima primeira.— Si decorridos quinze annos da inauguração do estabelecimento balneario, entender o governo conveniente rescindir este contracto, fixarão o preço do resgate dous arbitros indicados, conforme a clausula vigesima terceira deste contracto, os quaes regularão pela renda liquida da empresa nos tres annos anteriores, e pelos valores das obras nessa época.

« Vigesima segunda.— Findo o prazo deste privilegio, ficarão pertencendo á provincia todas as obras concernentes aos estabelecimentos balneotherapicos e seus accessorios, não se comprehendendo nestes as casas de saude e outras construcções que os empresarios tenham feito para alojamento dos balneantes e morada de suas familias.

« Vigesima terceira.— Todas as duvidas suscitadas entre o governo e os concessionarios serão sempre decididas por dous arbitros, indicados, um pelo governo, outro pelos concessionarios; quando não combinarem, decidirá um terceiro tirado á sorte dentre outros dous indigitados pelas partes contractantes, de cuja decisão não haverá recurso algum.

« Vigesima quarta.— A sêde da empresa poderá ser nesta capital, ou no municipio de Caldas ; as questões, porem, e duvidas que se suscitarem entre a empresa e o governo serão decididas nesta capital.

« Vigesima quinta.— A empresa fica obrigada a sujeitar á approvação do governo o regulamento interno dos estabelecimentos balnearios.

« Vigesima sexta.— Pela infracção de qualquer das clausulas deste contracto, para as quaes não estejam comminadas penas especiaes a empresa pagará a multa de cincoenta a duzentos mil réis.

« Vigesima setima.— O estabelecimento deve conter reservatorio das fontes de aguas mineraes, que as preservem do contacto de quaesquer substancias, as quaes possam alterar-lhes as propriedades medicinaes, devendo os ribeiros ou corregos vizinhos ás fontes ser convenientemente canalizados e receber derivações para esgotos e outras obras, que obstem as inundações pelas enchentes, e podendo ser desviado o leito, si tanto fôr preciso, para pôr as mesmas fontes ao abrigo das inundações (7).

« Vigesima oitava.— As fontes serão cercadas, ajardinadas e arborizadas em uma área sufficiente, para que fiquem completamente garantidas de ser damnificadas.

« Vigesima nona.— O serviço da limpesa e esgoto será feito de modo que não fiquem expostas materias susceptiveis de ser decompostas pela acção do tempo, evitando-se tambem que sejam conduzidas para os ribeiros proximos ás fontes das aguas medicinaes. E para firmeza do que fica ajustado, lavrou-se o presente termo, que vai assignado pelo mesmo excellentissimo senhor, pelos concessionarios, com duas testemunhas, comigo Camillo Augusto Maria de Brito, secretario da provincia que o subscrevi».

Como se leu, no contracto firmado entre o Dr. José Caetano dos Santos e o governo de Minas, não se falou em captação e reservatorio, fazendo crer que o estabelecimento balneario, que devia ser construido de accordo com a planta levantada pelo engenheiro Modesto de Faria Bello, modificada pelo D.r Pedro Luiz Taulois, ficaria assente sobre as fontes, de sorte que todos os banhos seriam tomados á temperatura natural das aguas, o que era um despauterio. Agora, pelo novo contracto, que acabamos de transcrever, já não se trata da planta do engenheiro Bello e sim de outra, completamente nova, que os concessionarios mandariam levantar e o governo approvaria ;

---

(7) Como se vê, nesta clausula confunde-se captação com reservatorio. Em todo caso, a orientação já era mais segura, e é o caso para se louvar o governo de então.

aventa-se a ideia de captação e reservatorios, implicando estes a existencia de encanamentos de conducção e distribuição das aguas dentro do estabelecimento balneario, sem que se determinasse a natureza das materias, que se deviam empregar; fala se em banheiras, e não se diz de que substancia seriam ellas feitas, lacuna esta que se encontra tambem no anterior contracto! Tudo isto foi um mal, fructo da nossa inexperiencia, o qual deu em resultado muitas luctas, muitos dissabores, muitas idéas falsas e grandes erros, e tudo se podia prevenir, si houvessemos caminhado em terreno firme e seguro. Foi por isso que ao voltarmos de Ouro Preto em 1881, aconselhamos ao Sr. Almeida que mandasse vir da Europa um engenheiro hydrologo, conhecedor das installações de aguas thermo sulfurosas, afim de que se pudesse fazer uma obra escoimada de defeitos. « Nestes assumptos, dissemos-lhe, não se fazem mais experiencias; estas já estão feitas, e de longa data, entre os povos cultos. Nada mais nos cumpre fazer, portanto, senão seguir lhes a traça. » O Sr. Almeida objectou nos que isso ficava muito caro. Retorquimos lhe: « Si é assim, como já temos a analyse das nossas fontes, por amor da providencia do Conselheiro João Alfredo, mande o Sr. para a Europa uma planta da povoação, onde naturalmente se designará a situação dos dous grupos hydrologicos e a distancia, que entre elles medeia; envie com ella o resultado da analyse feita e o algarismo da descarga das fontes, num tempo dado; e póde crer que fará assim obra boa, orientando perfeitamente o governo e fazendo economias. » Não fomos ouvido. As obras foram iniciadas e tudo se começou a fazer á matroca, como vamos ver.

Alcançado assim o privilegio, ficou assentado que o sr. Anselmo de Almeida seria o gerente da empresa, ficando o Dr. Tolentino encarregado do serviço medico, em cumprimento da clausula setima do contracto (8). Para levantar a planta do estabelecimento balneario e presidir á execução das obras, foi contratado o engenheiro austriaco E. Maschek pela quantia mensal de 600$000, dando se-lhe mais 2:500$000 para que effectuasse a sua mudança para Poços de Caldas, sem que a Empresa cogitasse das habilitações technicas deste sr., que jamais passou de um habil desenhista.

Apresentada á presidencia da provincia e por esta approvada a planta do estabelecimento balneario, os srs. Almeida e Maschek vieram para Poços dispostos a dar ás obras a maxima celeridade, e

---

8 O Dr. José de Carvalho Tolentino sahiu da empresa a 21 de outubro de 1882, vendendo o seu quinhão no privilegio por 20:000$000 aos srs. Almeida e Dr. Carlos Fortes.

effectivamente, aqui chegados em dezembro de 1881, deram-lhes começo no dia 16 de janeiro de 1882.

Em vez de iniciar as obras pela captação do grupo hydrologico de *Pedro Botelho*, de modo que a agua das fontes fosse elevada acima do nivel do solo e pudesse abastecer os reservatorios do estabelecimento balneario projectado, o sr. Maschek aventou a idéa de se fazer um edificio provisorio de taboas de pinho, que denominou — *barracão* —, destinado aos banhos, e convenceu ao sr. Almeida de que se devia cuidar quanto antes de construir o grande hotel para hospedar os banhistas, porque, havendo um estabelecimento balneario provisorio, que melhorava muito a situação dos visitantes de Poços, a Empresa começaria de prompto a auferir grandes lucros, podendo perfeitamente adiar a construcção do edificio de banhos definitivo, e aconselhou ao empresario gerente que alugasse ao coronel Agostinho José da Costa Junqueira, quatro casas contiguas, na Praça do Senador Godoy, cujas cobertas se deviam aproveitar para a factura do Hote da Empresa. Como se vê, o engenheiro que nada entendia de hydrologia, queria ganhar tempo e afastar a difficil questão da captação das fontes, como si fosse possivel fazer funccionar o *barracão*, que ficava muitos centimetros acima do *barreiro*, onde demorava o grupo hydrologico de *Pedro Botelho*, sem prender e elevar as aguas thermaes! Veremos mais adiante si o sr. Maschek lucrou alguma cousa com a sua falta de sinceridade.

Como quer que seja, adoptando a orientação do seu engenheiro, o empresario gerente alugou a casa indicada por 30 annos a 1:000$000 por anno, como consta do documento abaixo transcripto:

« Augusto José de Oliveira, 1.º Tabellião da Comarca de Caldas e escrivão do judicial e notas e annexos, etc.

« Certifico e dou fé que, revendo o livro de notas do 1.º officio desta Comarca, numero sete, a folhas cento e vinte sete a cento e trinta e uma, consta a escriptura de arrendamento do theor seguinte: — Escriptura de arrendamento que fazem o Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira e sua mulher D. Izaura Claudina Affonso Junqueira com o Doutor Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida. — Saibam quantos esta escriptura virem, que no anno do Nassimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e oitenta e dois, aos vinte e nove dias do mez de Maio do dito anno, nesta cidade de Caldas, em meu cartorio, perante mim tabellião, appareceram, de uma parte o Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira e sua mulher Dona Isaura Claudina Affonso Junqueira por seu bastante procurador o Doutor José Ignacio de Barros Cobra, pelos poderes da procuração que apresentou e de outra o doutor Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida por si e como procurador do primeiro, cuja procuração apresentou e ambas adiante vão copiadas, os outorgantes moradores

no districto das Aguas Thermaes de Caldas, e os outorgados doutor Carlos Pereira de Sá Fortes, morador na cidade de Barbacena e o ultimo Anselmo Fernando de Almeida, residente na cidade de Casa Branca, da Provincia de São Paulo; uns e outros conhecidos pelos proprios do que dou fé; e pelo procurador dos outorgantes, doutor José Ignacio de Barros Cobra, foi dito que seus constituintes, Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira e sua mulher Dona Izaura Claudina Affonso Junqueira, tendo celebrado com o doutor Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida contracto de arrendamento de uma morada de casas de sua propriedade, sita na povoação de Nossa Senhora da Saude de Poços de Caldas, em a praça denominada do «Senador Godoy» conforme a escriptura que passaram em notas do segundo Tabellião deste termo em data de quatorze de Fevereiro do corrente anno, a qual fora outorgada e assignada somente pelo outorgante seu constituinte, agora confirmam e ratificam o mesmo contracto com as modificações novamente convencionadas em virtude do qual alugam e dam de arrendamento aos outorgados Doutor Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida a dita sua casa pelo tempo de *trinta annos* a contar do dia primeiro de Janeiro do corrente anno, pelo preço annual *de um conto de reis* que lhe será pago adiantadamente no principio de cada anno, tendo já recebido em moeda corrente o aluguel deste primeiro anno do qual dão quitação, obrigando se os locatarios ou arrendatarios a reedificarem a parede exterior do fundo da casa, toda de tijolos, a embocar todo o telhado e a fazer todas as obras necessarias de conservação e reparo do predio, no qual poderão fazer as bemfeitorias, mudanças, alterações e acrescimos, que entenderem convenientes para o melhoramento, uso e goso da propriedade, não tendo, porém, direito, em caso algum, de reclamar qualquer pagamento ou indemnização pelas obras, que fizerem na mesma casa e seus terrenos ou dependencias, cujas obras, findo o prazo do arrendamento, reverterão ao dominio delles outorgantes, sem onus algum para elles; e aos outorgados dam faculdade de sublocar a dita casa e suas dependencias, *participando a elles outorgantes*, uma vez que sejam respeitadas e cumpridas as condições deste contracto, *pelas quaes elles outorgados serão sempre os unicos responsaveis e solidariamente para com os outorgantes.* E pelos outorgados Anselmo Fernando de Almeida por si e como procurador de seu constituinte, doutor Carlos Pereira de Sá Fortes, foi dito e declarado que aceitam a presente escriptura pela qual tomam dos outorgantes por aluguel ou arrendamento a dita sua casa pelo tempo e prazo supra mencionados e com todas as condições enunciadas, sujeitando se a pagar o premio de um por cento ao mez por qualquer demora que haja no pagamento annual que deve ser feito no começo de cada anno, e solidariamente se obrigam ao pagamento e

cumprimento de todas as referidas condições. E logo me foi apresentado o conhecimento do theor seguinte — Numero quarenta e seis (Gomes) Renda provincial — Minas Geraes. Exercicio de mil oitocentos e oitenta e um a mil oitocentos e oitenta e dous. A folhas sessenta e uma verso, no caderno de receita fica debitado ao Collector Carlos José Alves de Sousa a importancia de reis vinte e tres mil reis (23$000) recebida do doutor Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida pelo imposto de Novos e Velhos direitos de arrendamento de um predio nos Poços de Caldas, neste municipio ao Tenente-Coronel Agostinho José da Costa Junqueira e sua mulher por trinta contos de reis (30:000$000). Collectoria Municipal de Caldas, em vinte e nove de Maio de mil oitocentos e oitenta e dous. O Collector, Souza. No verso do conhecimento achava se o mesmo sellado devidamente com tres estampilhas de dez mil reis cada uma, importando em trinta mil reis inutilizadas com a rubrica do collector Souza. Depois de escripta esta, foi lida por mim perante elles que reciprocamente a outorgaram e aceitaram, e como pessoa publica a estipulei e aceitei em nome das auzentes. Testemunhas presentes Doutor Pedro Sanches de Lemos e Capitão Liberato Marianno de Souza. Eu, Tristão Leite de Meirelles, primeiro Tabellião a escrevi. *José Ignacio de Barros Cobra Junior. Anselmo Fernando de Almeida. Doutor Pedro Sanches de Lemos. Liberato Marianno de Souza.* Nada mais se continha, segundo a transcripção das procurações de que faz menção na dita procuração, do que para aqui em forma de certidão fiz trasladar do proprio original ao qual me reporto e dou fé e subscrevo esta. Está conforme o original que conferi e achei conforme e a subscrevo. Cidade de Caldas, 24 de Fevereiro de 1913. Augusto José de Oliveira, Escrivão do 1.º officio a fiz transcrever e assigno. *Augusto José de Oliveira* (A assignatura e a data estão sobre nove estampilhas de 100 rs. cada uma, e á margem da certidão se lê: D. 30$000. Recebi). »

E agora, antes de externar juizo completo á cerca da obra do sr. Maschek, vejamos como elle a descreve no relatorio, que, em 10 de abril de 1882, dirigiu ao illustre D.r Carlos Pereira de Sá Fortes. Conservarei a *lingua de preto* do original, para absolutamente não falsear a exposição do engenheiro austriaco que, não contente com haver sido secretario particular do imperador Maximiliano, do Mexico, até a tragedia de Queretaro, segundo nos informou de Barbacena, em data de 25 de Fevereiro do corrente anno, o distincto sr. José de Carvalho Tolentino Filho, metteu se em Poços a hydrologo!

« No dia 16 de Janeiro principiei de preparar o terreno para o *barracão*; neste tempo não se tinha nem materiaes, nem ferramentas; as chuvas cahirão sem interrupção. No principio de Fevereiro, o tempo tornou se melhor por alguns dias, eu recebi algumas duzias

de taboas e emprestei algumas madeiras para o quadro do *barracão*, — as chuvas cahindo outra vez sem interrupção até o principio do mez de março, tornarão qualquer trabalho para fora impossivel. Neste tempo o meo unico marcineiro e carpinteiro o Sr. Luiz (Tremoulet) preparou as portas, as banheiras e todo que for possivel para o *barracão* — na olaria fez se a caixa para a roda, e a valletta de pedras perto do *barracão*; no dia 15 do Fevereiro principiou-se a demolição no interior do Hotel; no dia 2 de Março recebi a authorisação de tomar posse das madeiras do Governo (9) e no dia 22 o *barracão* era terminado.

— « No dia 6 de Março foram principiado as escavações das fundações do Hotel, as quaes pudiam ser prompto hoje, — se não falta de pedras; — os trabalhos de carpintaria do Hotel, principiado no dia 16, correm satisfatoriamente e pudiam ser mais adiantado, si a casa pegado a Hotel, teria sido alugado, como for promettido — No dia 21 contratei as madeiras necessarias para os dois estabelecimentos e para o Hotel com o sr. C.l Agostinho Junqueira; — na olaria estão se principiando a fazer tijolos, e a roda e quasi prompto para ser assentado.

« Os trabalhos pudiam ser muito mais adiantados, se não fossem os obstaculos que vou esplicar a V.a S.ria.

« O primeiro e quasi o mayor obstaculo é a falta de conducção (: lembro a V.a S.ria a minha primeira carta :)

Eu estou dependente da boa ou má vontade dos dois carrosseiros que até agora trabalham aqui; um dia tenho pedras para occupar os pedreiros, 2—3 dias depois, os carros não trabalhando — fico sem pedras, e estou forçado de occupar os pedreiros nos trabalhos de barrear, etc., etc., o que me sahe muito caro; — mas como não é a culpa desta gente, não posso deixar de fazel-o.

E' de absoluta necessidade de arrangar conducção constante, pelo menos, de 2 carros de bois e de algumas carroças de mulas.

« A pedreira é muito ricco, e dá em abundancia o material necessario, mas até hoje não tenho as ferramentas e os materiaes para a mina, espero recebel-os nestes dias, como tambem 4 rodas para um wagon.

---

(9) Não podemos comprehender este facto. As madeiras, que custaram ao governo 7:000$000, só foram avaliadas em agosto por 1:002$300, sendo avaliadores o Coronel Agostinho Junqueira e Francisco Gonçalves Lopes. E entretanto o sr. Maschek tomou posse dellas em março!

N. DO A.

« O cal torna-se muito caro por causa de falta de conducção, e deterriore-se durante a longa armazenagem, que elle tem de fazer, e sendo despois os saccos de todo comido, perde-se ainda uma terça parte no caminho p.ª aqui.

« A respeito das madeiras, tenho toda a confiança no contrato com o sr. Agostinho, tendo eu sómente de pedir a V.ª S.ria, que se contrate um maquinista, para o tempo necessario de por em estado de poder trabalhar as maquinas (: de plainar, etc., etc.) que acham na claria. (10).

« Para os fornecimentos dos outros materiaes e encommendas que se precisa, tenho a promessa do sr. Almeida de cuidar nisto, ficando elle responsavel pela demora.

« O *barracão* pode (: e podia já funccionar :) mas como seria um contrasenso de abrir elle sem desmanchar no mesmo tempo as casinhas em baixo ; — espero por isso a chegada do cimento.

AS FONTES

« Depois de ter acabado o *barracão*, quiz eu fazer uma experiencia para suspender as aguas das fontes e principiei para a fonte Chiquinha.

Fiz se uma excavação em roda della, para ver, se, antes de nós, já se encontrou algum trabalho ou não, — até 3 metros de fundo não se achavam vestigios, — mas viu se sahirem de differentes pontos, olhos d'agua quentes e frias, sobretudo um de bastante força, que subiu a 2 ½ metros de distancia do olho principal. Durante a reconstrucção viu-se, que as aguas não tem impulso proprio para subirem.— elles acompanhão somente a pressão das alvenarias, das quaes são rodeadas, — modo de suspensão perigoso — no sentido, que o peso da columna d'agua suspenso, pudia forçar o olho d'agua de procurar qualquer outra sahida entre as fendas de pedras, que elle percorre antes de chegar a flor da terra.

« Visto isto, e como para nos e absolutamente indifferente, se as aguas sobem ou não, resolvi, de não tocar mais nas fontes e conduzir elles simplesmente nos tubos dos estabelecimentos, os quaes vão ter abaixo no interior, ficando o esterior intacto. Depois da chegada do cimento encommendado, vou principiar essus reservatorios nas fontes e muros dos estabelecimentos,e se não falharem as madeiras,podem

---

(10). A machina de fabricar tijolos e as serras circulares, que haviam custado 30:000$000 ao Dr. José Caetano dos Santos, foram vendidas ao sr. Almeida por 6:000$000. Quanto prejuiso !

N. do A.

ser promptos em breve. Durante este tempo o *barracão* por meio de bombas, que tenho, pela razão, que as aguas das fontes, não sendo bastante volumosas, para fazer trabalhar ellas bem, deveria se collocar ellas tão baixos para chegar a esse resultado, que isto necessitara um trabalho dispendioso e inutil. As tres bombas, que tenho, vão servir depois para conducção d'agua no Hotel.

« O hotel, sem duvida alguma pode ser prompto até o fim do mez de Agosto, se os fornecimentos de vidros, papeis, etc., etc., etc., não faltam. V.ª S.ria sabe que, quanto se fiz a planta deste Hotel, foi convencionado, que a casa pegado, pertencendo tambem ao sr. c.el Agostinho seria alugado, para por nella os armazens, os escriptorios da empresa, etc., etc. ; — em consequencia o Hotel não contem nada disto.

O proprietario sr. Agostinho esta muito satisfeito e da a casa immediatamente, mas por razões ignoradas para mim, o sr. Almeida não se arranjo ainda com o inquilino sr. Francisco Gonçalves ; — deste atrazo resulta (: eu não podendo sahir da casa, e tendo já reduzido a dois quartos meo escriptorio :) que a parte habitada para mim, ainda não esta demolido e reconstruido. — Espero por isso as providencias do sr. Almeida ».

Termina este curioso documento por uma catilinaria, dirigida contra o empresario gerente, sr. Almeida, a qual não vem ao caso transcrever.

E foi a um ignorante desta marca que a empresa de então incumbiu o difficil encargo de iniciar as obras na estação balnearia de Poços de Caldas ! E este homem fez uma planta, naturalmente para dois estabelecimentos, em que por vezes fala, e essa planta foi approvada pelo governo de Minas, tomando se a serio semelhante technico ! Não podendo captar as fontes, o engenheiro queria fazer chegar a agua sulfurosa às banheiras do *barracão* por meio de bombas, e estas iriam servir depois para abastecer de agua potavel o hotel, numa terra em que a agua commum abunda e podia ser conduzida para o edificio em tubos de ferro galvanizado, como foi ! Não tendo encontrado no fundo das fontes base solida, em que pudesse assentar a sua obra de alvenaria, o engenheiro aventou a ideia de enterrar os tubos de conducção das aguas sulfurosas na lama, construindo em cima dessa mesma lama o reservatorio das fontes !

Pensava que si lhe viesse o cimento, e não lhe faltassem os materiaes, poderia inaugurar dentro de pouco tempo o estabelecimento balneario de *Pedro Botelho*, e entretanto essa inauguração só pôde realizar-se em 8 de abril de 1883, depois de muitas luctas e indefesso trabalho ! Prometteu ao D.r Carlos Fortes que daria prompto o hotel em agosto de 1882, e entretanto a inauguração deste não se realizou senão em 1884, despendendo-se quantiosas sommas

Como quer que seja, chegando ás mãos do empresario gerente o relatorio do sr. Maschek, o qual foi devolvido de Barbacena, tendo se delle conhecimento em 25 de abril, foi despedido o engenheiro e suspensas as obras, pagando-lhe a empresa 3:000$000 de multa, em vez de 5:000$000 a que tinha direito, em virtude do contracto firmado com os concessionarios. E o sr. Maschek, que despendera 22:689$950 durante a sua administração, deixou á Empresa: a planta do estabelecimento balneario e a do hotel; o barracão ou estabelecimento balneario provisorio, edificio de taboas de pinho com doze quartos e tres banheiras; as novas divisões em salas e quartos da parte já feita da casa destinada ao hotel. São assim as cousas deste mundo: si a Empresa tivesse mandado vir da Europa um engenheiro hydrologo: si o governo de Minas tivesse naquella epocha outra orientação; estes erros não terim sido praticados e muito dinheiro houvera sido poupado. Prosigamos.

Lembra-me como si fôra hoje da visita que fiz ao empresario-gerente, sr. Anselmo de Almeida, na noite de 25 de abril de 1882.

Encontrei-o sentado a uma mesa, com as mãos collocadas aos lados da cabeça, triste, abatido, desanimado, inteiramente combalido. A nossa conversa, como era natural, iniciou-se a respeito do insuccesso do sr. Maschek, das difficuldades da Empresa no momento, e dizia-nos justamente o empresario que não sabia o que iria fazer, quando entrou o mestre pedreiro Antonio Alves da Silva. «Que será de mim, seu Antonio Alves? disse o sr. Almeida». «Nada lhe acontecerá de maior, respondeu o outro. O sr. está desanimado porque o engenheiro não pôde prender as aguas. Pois eu lhe prometto que as prenderei, si o sr. me der carta branca e nos confiar a direcção das obras». «Mas que está o sr. a dizer ahi, homem, retorquiu o sr. Almeida. Pois o sr. pode lá captar as fontes?!». «Posso, sim, retorquiu o pedreiro. Eu assisti á captação das aguas de Caldas de Vizella, em Portugal, dirigida por um engenheiro francez, vindo de *Cauterets*, e sei como a cousa se faz. Si o sr. confiar em mim, eu salvarei a Empresa». O sr. Almeida baixou a cabeça, reflectiu um pouco, e depois, voltando-se para o seu interlocutor, disse: «Está feito. Fio-me no sr. O sr. Antonio Alves da Silva é deste momento em diante o mestre pedreiro da empresa. Ficam a cargo do capitão Manoel Borges da Fonseca os trabalhos de carpintaria». E assim se decidiam naquelle tempo as grandes questões de Poços de Caldas! *O palpite governava o barco.*

O primeiro cuidado do sr. Antonio Alves da Silva foi construir um açude, que assegurasse o funccionamento da machina de fazer tijolos, e obter os precisos materiaes e pedreiros habeis para dar começo ao trabalho das fontes.

O primeiro grupo de fontes thermaes — *Pedro Botelho*, *Mariquinhas* e *Chiquinha* — surgia de uma excavação, antigo bebedouro de antas e outros animaes, da fazenda do Barreiro, em meio de lodo e pedras soltas. Sendo assim, comprehende se de golpe que seria impossivel tentar qualquer obra de alvenaria com o fim de prender as aguas, desde que se não encontrasse uma base fxa, que servisse de ponto de partida á construcção dos tubos de captação. Ordenou, pois, o mestre-pedreiro Antonio Alves que se procedesse á excavação do solo, e após muito trabalho e canseira, encontrou-se a um metro abaixo do bebedouro a desejada base, verdadeira cinta de rocha, que circumdava cada uma das fontes, separando as em tres bacias distinctas; a agua de cada uma dellas surgia bem no centro da respectiva bacia, por uma porção de orificios. Esta rocha foi denominada — *Pudim* — pelo D.r Eusebio Stevaux; é um conglomerado formado de cascalho de pedras diversas, a que serve de bitume o hydrosilicato de cal.

A primeira fonte sobre que se trabalhou foi a de *Pedro Botelho*, em seguida fechou se a *Chiquinha* e finalmente a *Mariquinhas*. Os materiaes empregados foram os seguintes: um concreto formado de duas partes de cimento, tres de areia e uma terça parte de cal, tijolos e aduelas; estas que foram feitas de tijolo e cimento, reunidas em numero de quatro ou seis, formavam fiadas ou circulos, que offereciam na parte central uma abertura de 70 centimetros de diametro; entre a circumferencia externa e a interna, o tubo apresentava uma espessura de 24 centimetros. Esgotadas as aguas da bacia de *Pedro Botelho* por meio de bombas, aplainou se o seu fundo com cascalho lavado e muito claro, e em cima assentou se a primeira fiada de aduelas, cuja abertura central abrangia todos os olhos d'agua; o concreto só foi empregado da segunda fiada de aduelas em diante.

Na prisão desta fonte gastaram se cinco fiadas de aduelas, as quatro primeiras formadas de quatro aduelas cada uma, e a quinta de seis, ao todo vinte e duas aduelas. Entre a parede interna dos circulos de aduelas e a externa da bacia da fonte, ficou um espaço que se encheu de tijolo e cimento, e estes elementos foram tambem empregados sobre a parede externa da bacia até o nivel da circumferencia interna do ultimo circulo, de maneira que esta primeira construcção, destinada á prisão da fonte, ficasse com a forma de um forno ou cone truncado. A altura deste forno ou tubo, tomada da nascente da fonte até a circumferencia interna do ultimo circulo, mediu um metro e vinte centimetros. Concluido o forno do *Pedro Botelho*, esperaram se tres dias pela solidificação do concreto, e durante este tempo as bombas não cessaram de trabalhar noite e dia, sob pena de se perder todo o serviço. Solidificado o concreto, pa-

rou-se o trabalho das bombas, e immediatamente as aguas subiram á altura de um metro e vinte centimetros, e começaram a correr por uma bica de telha collocada numa depressão, feita de proposito numa porção da superficie livre do ultimo circulo. Nesta occasião verifiquei que as aguas haviam diminuido de volume, embora o thermometro continuasse a marcar 45° centigrados. Feito o mesmo trabalho sobre as fontes *Chiquinha* e *Mariquinhas* (11), e solidificado o concreto, parou-se o trabalho das bombas (12 de julho de 1882), e á proporção que as aguas subiam e se restabelecia o equilibrio dos liquidos, o volume das aguas de *Pedro Botelho* augmentava e o seu jorro readquiria o primitivo diametro. Isto provava, como anteriormente affirmava o D.r Euzebio Stevaux, que as fontes se communicavam. Vencida esta primeira difficuldade, tratou-se de elevar as aguas ao menos cincoenta centimetros acima do ponto mais alto do nivel da praça. Mais tarde soube o Sr. Almeida do D.r Stevaux que a elevação pode ser muito maior, si fôr necessario aos usos do estabelecimento balneario.

Para a elevação das aguas construiram se circulos com uma perfuração central de 10 centimetros de diametro, formados tambem de aduelas, reunidas em numero de quatro ou seis, conforme eram maiores ou menores; estes circulos apresentavam uma espessura de 35 centimetros entre a circumferencia externa e interna. Concertadas as bordas dos fornos de modo que pudessem receber estes novos elementos, começou se o trabalho no *Pedro Botelho* e successivamente na *Chiquinha* e *Mariquinhas*. Como se vê, cada fonte, alem da primeira construcção, que lhe serviu de prisão, tem sobreposto um tubo cylindrico, ao qual se ajuntou em cima e lateralmente outro pequeno, de madeira, por onde as aguas se derramavam em bicas de taboas de pinho, que as levavam ás banheiras do *barracão* ou estabelecimento balneario provisorio. A altura de cada um dos tubos, tomada da nascente das fontes até o tubo de madeira, por onde as aguas se derramavam nas bicas, mediu cinco metros e meio, e cada tubo excedia cincoenta centimetros o ponto mais alto do nivel da praça. Na parte externa dos tubos, cujos elementos foram dispostos á semelhança de uma pilha de Volta, alem de uma canada de cimento, collocaram se tijolos e mais cimento, afim de

---

(11) Na *Chiquinha* gastou-se o mesmo numero de aduelas que no *Pedro Botelho*; na *Mariquinhas* gastaram-se 21 aduelas, formando tres circulos de aduelas cada um, e dous de seis aduelas cada um.

(12) Apesar disto, ainda não ha muito eu li um *papel*, que daqui partiu para Bello Horizonte, no qual se accusava a antiga Empreza de ter dado sumiço a uma das fontes dos *Macacos*.

impedir a infiltração das aguas. No dia 7 de agosto de 1882, fez se a experiencia da elevação das aguas, obturando-se em baixo o orificio por onde se escoavam, o que muito custou, pois era enorme a pressão da columna liquida. A experiencia foi coroada de bom exito; dentro de poucos segundos as aguas subiram e jorraram dentro das banheiras do *barracão*.

A exemplo do que se havia feito nas outras fontes, o primeiro trabalho que se executou no poço dos *Macacos* foi o de escavação, à procura do *Pudim*, que servisse de base ás ulteriores construcções. Ao contrario do que se dera nas fontes de *Pedro Botelho*, *Chiquinha* e *Mariquinhas*, cujo *Pudim* foi encontrado a um metro abaixo do antigo bebedouro das antas e outros animaes do sertão, onde as fontes estavam situadas, o conglomerado do poço dos *Macacos*, que tambem antigamente fizera a funcção de bebedouro, só foi achado doze palmos abaixo da depressão, em meio da qual surgiam as fontes. Descoberto o *Pudim*, verificou se que só havia nos *Macacos* uma fonte, pois não se encontrou senão uma bacia para as aguas (12). Portanto, as duas antigas fontes dos *Macacos* provinham de que as aguas, em certa altura, bifurcavam se, fazendo crer em duas nascentes distinctas; a diversidade da temperatura (41.° e 42.° centig.°) dependia da maior ou menor extensão da camada de lodo atravessada pelas aguas. Encontrado o *Pudim*, tratou se de esgotar as aguas por meio de bombas, de sorte que pudessem ser iniciados os trabalhos de alvenaria. Endireitado o fundo do poço por meio de cascalho lavado e muito claro, começou-se de fazer a primeira construcção, destinada á prisão das aguas, e neste primeiro trabalho gastaram se 72 aduelas, formando nove circulos de quatro aduelas cada um e seis de seis aduelas cada um; o primeiro circulo, que abrangia todos os olhos de agua, foi assentado directamente sobre o cascalho; o segundo circulo foi collocado sobre o primeiro e assim successivamente, de maneira que só se usou do concreto, formado de arêa, cal e cimento, do segundo circulo em diante; cada circulo tinha uma perfuração central de 70 centimetros de diametro, e entre a circumferencia externa e a interna apresentava uma espessura de 24 centimetros. Entre a parede interna dos circulos e externa da bacia ficou um espaço que se encheu de tijolo e cimento, e estes materiaes foram tambem empregados sobre a parede externa da bacia, de maneira que esta primeira construcção tomasse a forma de um forno ou cone truncado. Este forno ficou com a altura de 14 palmos desde a nascente de agua até á superficie livre do ultimo circulo, e em baixo, ao nivel do solo, tinha um orificio por onde as aguas se escoavam, destinado ulteriormente a receber uma cunha de madeira de lei guarnecida de couro, de modo que a agua fosse obrigada a subir pelo tubo da segunda construcção, desde que se tapasse o seu escoadouro.

A' semelhança do que se fizera nas outras fontes, sobre esta primeira construcção assentou se a segunda, formada de circulos de aduelas, com uma perfuração central de 10 centimetros de diametro, guardando o todo a fórma cylindrica. O exterior desta segunda construcção tambem foi revestido de tijolo e dum concreto fromado de cimento, areia e cal hydraulica, afim de impedir a infiltração das aguas. Na parte superior e lateral do tubo collocou se outro pequeno, de madeira, por onde as aguas se derramavem em bicas de tabcas de pinho, que as levavam ás banheiras do *barracão* ou estabelecimento balneario provisorio dos *Macacos*, o qual, alem de uma sala de espera, tinha 11 quartos e 10 banheiras, que serviam para banhos de agua corrente ou dormente, havendo uma banheira dentre ellas destinada a dous quartos. A altura das duas construcções, tomada desde a nascente da fonte até ao tubo de escoamento das aguas, mediu 31 palmos e meio. No dia 22 de novembro de 1882, ás 5 e um quarto da tarde, fez-se a experiencia da elevação das aguas, a qual foi seguida do melhor resultado: arrolhado o orificio do forno, em 13 minutos ellas subiram até ao pequeno tubo e começaram a correr pelo encanamento de madeira, ficando assim resolvido, por amor da sciencia pratica do mestre-pedreiro Antonio Alves da Silva, o grande problema da captação das fontes e da elevação dellas acima do nivel do solo.

Captadas as fontes e funccionando os *barracões*, a antiga Empresa balnearia começou de auferir lucros, principiando a cobrar 1$000 por banho desde o dia 23 de novembro de 1882, facto este que, como de razão, devia revoltar a população, porque ia de encontro a habitos de longa data adquiridos. E porque antigamente os que não podiam tomar banhos á temperatura natural das fontes, e esses taes constituiam o maior numero, mandavam transportar a agua sulfurosa para as suas casas e a deixavam arrefecer em banheiras de taboas de pinho, fabricadas pelo carpinteiro José de Mello Teixeira, de forma a obter o banho mitigado ou á temperaturas diversas entre 35.° — 40.° centig.r, aconselhei ao empresario gerente que mandasse fazer varias banheiras no *barracão* dos *Macacos*, recommendando ao banhista, sr. Francisco Zeferino de Carvalho, que deixasse a agua sulfurosa esfriar em barris, durante a noite, de sorte que de dia fosse possivel dar nos *Macacos* os banhos mitigados, nascendo daqui a crença de que as aguas daquella fonte eram mais convenientes para a cura das molestias da pelle, apesar de ser a sua composição chimica identica á das outras fontes (13).

---

(13) Em virtude deste meu conselho deu-se ao *Barracão dos Macacos* a forma que já descrevi multiplicando nelle o numero das banheiras, relativamente ao seu congenere.

Em todo o caso, ou porque convinha interessar na obra da Empresa os elementos locaes, meio pratico de acalmar os descontentes, que se accomodam mal com os monopolios, ou porque o socio gerante houvesse despendido de 1 de maio a 31 de janeiro de 1883 a quantia de 44:028$700, sem que as obras do hotel houvessem avançado de muito, em relação ao periodo da desastrada administração Maschek, o D.r Carlos Fortes, a exemplo do socio Almeida, que dera sociedade ao tenente coronel Ignacio Gabriel Monteiro de Barros, de S. Paulo, na metade que lhe pertencia no privilegio, no dia 31 de janeiro daquelle anno, admittiu tambem como socios, na sua metade, o capitão depois coronel Martinho de Freitas Mourão e o coronel Agostinho José da Costa Junqueira, custando a cada um dos socios 17:378$015 o quinhão comprado áquelle doutor.

Entrando para a sociedade, o coronel Agostinho Junqueira, então tenente coronel, assumiu a direcção das obras, e recebeu dos socios duas incumbencias: concentrar todos os seus esforços no acabamento da parte já coberta do hotel e na factura do primeiro puxado, porque era intenção da Empresa abrir o hotel em agosto de 1883; transportar para o lado do hotel os alicerces do estabelecimento balneario de *Pedro Botelho*, os quaes estavam assentes adiante do reservatorio daquelle grupo hydrologico, isto porque a população entendeu que a casa de banhos, collocada no meio da praça do senador Godoy, transtornaria, de futuro, a esthetica da povoação (14).

A' excepção das obras de alvenaria, que continuaram a ser administradas pelo mestre-pedreiro Antonio Alves da Silva, o coronel Agostinho José da Costa Junqueira iniciou o systema de contratos por empreitada, sobresahindo entre elles o que firmou com o habil constructor João Baptista Pansini para a edificação do estabelecimento balneario, pela quantia de 8.000$000, porque desde então este talentoso italiano, que era a intelligencia mais rica de conhecimentos praticos de Poços de Caldas, transformou se na alma da Empresa e no factor de todo o progresso desta terra. A nova gerencia, que despendeu 11:397$385, durou desde fevereiro até junho de 1883, e o coronel Agostinho Junqueira teria desempenhado a commissão de que se incumbira, si continuasse a fazer parte da sociedade, mas

---

14 Originou-se daqui a ideia da construcção do passadiço, que liga o hotel da Empresa ao estabelecimento de *Pedro Botelho*. Teve o socio Almeida a intenção de construir a casa de banhos sobre as fontes; mas revoltando-se contra ella a população, por uma questão de esthetica (!!), os conselheiros Paulino de Souza e Moreira de Barros deram ao sr. Almeida a ideia do passadiço, de modo que para os outros hoteleiros *foi peior a emenda do que o soneto*. E são assim as cousas deste planeta, que é comico-tragico.

tendo resolvido deixar a Empresa, os seus socios, D.r Carlos Fortes e capitão Martinho Mourão o acompanharam, e, em 17 de agosto de 1883, venderam a metade do privilegio aos D.rs Carlos de Sá Leite e José de Carvalho Tolentino, pela quantia de 82:163$400, ficando outra vez incumbido da gerencia das obras o socio Almeida.

O sr. Almeida conservou se na gerencia até o dia 31 de dezembro de 1883, e deu ás obras vigoroso impulso : o grande hotel da Empresa ficou em via de acabamento; foram levantadas as paredes do estabelecimento balneario sobre os alicerces mandados construir pelo coronel Agostinho Junqueira, mas a conselho do sr. João Pansini mandaram-se supprimir as portas, que correspondiam ás banheiras e davam para a rua, ideia infeliz do engenheiro Maschek, a qual impossibilitava toda e qualquer fiscalização; e concluiram-se as obras do reservatorio das fontes *Pedro Botelho*, *Mariquinhas* e *Chiquinha*. A 7 de dezembro do mesmo anno, o tenente coronel Ignacio Gabriel Monteiro de Barros vendeu o seu quinhão ao D.r Joaquim Lopes Chaves, de Taubaté, eleito recentemente senador federal pelo Estado de São Paulo (18 de fevereiro), pela quantia de 41:000$000, de maneira que a Empresa balnearia ficou constituida desde então por quatro socios, Anselmo Fernando de Almeida, D.r Carlos de Sá Leite, D.r José de Carvalho Tolentino e D.r Joaquim Lopes Chaves; lavrou-se entre elles o respectivo contrato, que foi registado no Tribunal do Commercio, com todas as cautelas e garantias, sob a razão de Leite & C.ª, sendo o capital social de 280:000$000. A despesa da Empresa até 31 de dezembro de 1883 attingiu — 151:000$000.

No dia 1.º de janeiro de 1884 assumiu a gerencia o D.r Carlos de Sá Leite, illustrado medico, e como os *barracões* estavam feitos e funccionavam perfeitamente, dando bom rendimento, o novo director limitou principalmente a sua acção no acabamento do hotel, relegando para segundo plano a conclusão do estabelecimento balneario, e empregou a maior actividade e energia para conseguir o seu escopo.

A nova gerencia recommendou-se desde logo por dous actos acertados, que praticou : comprou ao capitão Joaquim Candido da Costa Junqueira um terreno ao lado do estabelecimento balneario e outro denominado Ilha—ao coronel Agostinho José da Costa Junqueira, tudo pela modica quantia de 2:200$000. Estes terrenos eram indispensaveis á Empresa : o primeiro para dependencias do estabelecimento ; o segundo para dependencias do hotel. E o novo gerente teve até a idea de arrendar as mattas da fazenda do Barreiro para que a Empresa ficasse com o monopolio do fornecimento de madeiras para Poços de Caldas ; mas a sua proposta não foi acceita. Foi o D.r Sá Leite quem inaugurou o Hotel da Empresa na estação de agosto de 1884, sendo o primeiro hospede da casa o sr. Zacharias Vieira Machado da Cunha, fazendeiro residente na Villa de Santa Thereza,

da então provincia do Rio de Janeiro. Quando se inaugurou, eram estes os commodos da casa: uma sala de leitura e outra de musica; uma vasta sala de jantar; 60 quartos, todos claros, e um passadiço envidraçado, que punha o hotel em communicação com o estabelecimento balneario. A diaria, naquelle tempo, era de 5$000, tendo as familias de mais de cinco pessoas uma reducção de 10 o|o. Esta gerencia terminou a 31 de dezembro de 1884.

No dia 1.º de janeiro de 1885 assumiu a direcção das obras o D.r José de Carvalho Tolentino, e a sua administração prolongou-se até o dia 31 de maio de 1886. Começou desde então para a Empresa Balnearia uma vida agitada e cheia de responsabilidades; porém o D.r Tolentino não era homem que recuasse do cumprimento do dever; arriscou e perdeu a popularidade; malquistou-se com quasi toda a população; mas fundou a Empresa, como se vai ver. Esforçar-me-hei para ser justo e imparcial.

Quando os srs. Almeida e Maschek chegaram a Poços de Caldas em 1882 e iniciaram as obras a 16 de janeiro, era intenção delles fundar um segundo estabelecimento sobre as fontes dos *Macacos*, como já fiz ver anteriormente, apesar da clausula terceira do contrato de 25 de julho de 1881, dizer assim: — Os concessionarios obrigam-se a fundar um segundo estabelecimento, mediante planta e orçamento previamente approvados pelo mesmo governo, *no caso que assim o exija a distancia existente entre as fontes denominadas Macacos, Pedro Botelho e Mariquinhas*. Ora, sendo de 574 metros a distancia que medeia entre os dous grupos hydrologicos de *Pedro Botelho* e *Macacos*, claro está que se não devia pensar na construcção de um segundo estabelecimento — *senão quando o primeiro fosse insufficiente para satisfazer o numero de visitantes*, cousa que absolutamente não se dava. Seria diversa a composição das fontes? Effectivamente não. E que o fosse, isso não justificava a construcção de uma segunda casa de banhos: para os banhistas havia toda conveniencia em reunir no mesmo ponto todas as aguas, e é assim que se procede no mundo civilizado. Como quer que seja, o povo de Poços de Caldas entendia que a composição das aguas dos dous grupos hydrologicos era diversa e que havia necessidade de construir-se segundo estabelecimento. Por outro lado, o engenheiro tinha bom ordenado, e desejava que a *festa não se acabasse*, e dahi as providencias, que elle tomou, para levar a effeito a construcção do estabelecimento dos *Macacos*. E depois — que orientação podia o sr. Almeida ter destas cousas desde que se mettera com um *bilontra*? Si elle houvera mandado vir um engenheiro hydrologo de França ou feito uma consulta para Paris, as cousas mudariam de figura. Em todo caso, desde que o D.r Tolentino metteu mãos á obra, resolvido a fundar a Empresa, aconselhado pelo habil João Baptista Pansini, ficou convencido de que não se podia construir segundo estabelecimento balneario e que as aguas thermaes deviam ser con-

centradas num ponto só. E depois, dizia o sr. Pansini : — sem reservatorio, não se comprehende estabelecimento balneario, e como se poderá dar aos banhistas o banho mitigado, á temperaturas diversas, si as aguas dos *Macacos* não forem arrefecidas e misturadas com as outras ? Apontada esta ideia, tratou-se de escolher tubos de conducção, que levassem ao estabelecimento de *Pedro Botelho* as aguas dos *Macacos* com a menor perda de calorias possivel, e de accordo com o talentoso engenheiro Brodowski resolveu-se que fossem elles de manilha ou barro vidrado, tanto mais quanto era esta a minha opinião, fundando-me no chimico Lefort e no que se fizera em *Luchon*, em França. Isto posto, fez-se a canalização, sob a repulsa de toda a população de Poços de Caldas, e a agua da fonte dos *Macacos* foi levada para o estabelecimento de *Pedro Botelho*, sendo recolhida a dous reservatorios de 20.000 litros cada um ; o estabelecimento foi inaugurado a 8 de abril de 1886 e benzo pelo illustre litterato, padre Senna Freitas. Não se póde imaginar a somma de odios e de malquerenças que este facto acarretou sobre a pessoa do D.r Tolentino; mas elle affrontou tudo com a maior serenidade e sangue frio. O estabelecimento balneario que mandou construir e a cuja inauguração presidiu, é ainda o que existe hoje, e lembra a configuração de uma barca da Companhia Ferry ; consta de dous pavilhões e de um corpo de edificio, onde estão as banheiras, em numero de 58, sendo 26 de 1.ª classe, todas de cimento, e 31 de 2.ª classe, sendo estas de cedro ; havia um quarto destinado á ducha fria, que hoje não existe, e deu logar a outro commodo ; a capacidade das banheiras é de 500 litros, sendo de 40,m9 o comprimento do corpo do edificio ; o pavilhão da frente tem sala de espera e outra que dá entrada para as banheiras; no outro pavilhão estavam os dous reservatorios das aguas dos *Macacos* ; mas hoje a sala desse pavilhão é a das duchas, havendo sido transportadas as aguas sulfurosas para um grande reservatorio de cimento, que serve de base á torre das mesmas duchas e cuja altura é de 14,m.

Como quer que seja, a grande lucta em que se empenhára o D.r Tolentino enfraqueceu-lhe muito o prestigio em Poços de Caldas, e era preciso que a Empresa mudasse de director ; e depois o Imperador tinha q' vir a Poços, de sorte que o D.r Joaquim Lopes Chaves, prestigioso chefe conservador e por vezes deputado á assembléa geral, estava naturalmente indicado para assumir a gerencia, o que se realizou no dia 31 de maio daquelle anno.

Assumindo a direcção da Empresa o Dr. Lopes Chaves, ao mesmo tempo que começou de tomar providencias para hospedar condignamente o soberano no hotel da Empresa, tratou de acalmar a irritação da população de Poços de Caldas, e a todos dizia que não trazia a guerra, mas sim a paz, porque nisto estava o interesse

da Empresa, tanto mais quanto ella não vivia sómente do hotel, porém, antes de tudo, do estabelecimento balneario.

Infelizmente a situação era má, e, para augmentar a irritação do povo de Poços de Caldas contra a Empresa, como si não bastára o passadiço, que collocava o grande hotel a cavalleiro dos outros, e a concentração das fontes sulfurosas num só ponto, o que tirava á população toda a esperança de ver construido um segundo edificio de banhos, appareceu um terceiro motivo, e este agora da maior gravidade: a materia organica, como sóe acontecer em todos os tubos de conducção das aguas sulfurosas, começou de depositar se nas paredes delles, e grandes retalhos della, semelhando o caldo de cangica coalhada, principiaram de invadir as banheiras do estabelecimento, e todos entenderam que a substancia deposta eram os saes das aguas dos *Macacos*, decompostas pela má qualidade da substancia componente dos ductos. Enorme foi a gritaria que então explodiu: uns, os mais ousados, entenderam que se devia quanto antes construir o segundo estabelecimento, unico meio de salvar as fontes dos *Macacos*, cuja damnificação iria acabar com os Poços de Caldas; outros, mais prudentes, opinavam que, por emquanto, fossem os encanamentos substituidos por calhas de madeira, que estavam empregadas nos tubos de distribuição do estabelecimento, tendo dado optimo resultado, porque impediam os depositos dos saes (sic).

Foi nestas condições que aqui chegou, no dia 22 de outubro de 1885, vindo especialmente para inaugurar o ramal de Caldas e conhecer as nossas aguas thermo-sulfurosas, o imperador D. Pedro II, acompanhado de grande comitiva, da qual fazia parte o conselheiro Antonio da Silva Prado, então ministro e secretario dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas. Recebido gentilmente pela Empresa balnearia e sob estrondosa manifestação popular, o imperador foi hospedar se no Hotel da Empresa, onde lhe haviam preparado o melhor gazalhado, que se podia apparelhar na localidade. Logo que chegou, D. Pedro II recebeu um exemplar do folheto assignado por —Um Aquatico—, ouviu a uns e a outros, aos amigos e inimigos da Empresa, sempre risonho e amavel; mas, fiel ao seu papel de monarcha constitucional, não manifestou opinião alguma; foi passeiar no dia 23 á *Casentinha* e á *Cascata das Antas*, acompanhado por grande massa popular; no primeiro passeio permittiu que lhe tirassem a photographia no meio do povo; e, no dia 24, sob torrencial chuva, partiu para Campinas, testemunhando á Empresa e ao povo de Poços de Caldas a sua gratidão pela generosa acolhida que tivera nesta modesta encruzilhada do sul de Minas. Mas teria o imperador, effectivamente, opinião formada sobre a conveniencia ou não da concentração das nossas fontes sulfurosas num ponto dado? Que pensaria elle acerca das questões debatidas entre a Empresa e a população de Poços de Caldas? Ao que me parece, o sobe-

rano não tinha opinião formada a respeito dos assumptos em litigio, e nem siquer fazia ideia do que fosse uma estação balnearia. Tivesse elle opinião segura sobre a materia, e não vejo razão para deixar de manifestar francamente as suas ideias, máxime porque se questionavam aqui problemas scientificos, da alçada da experiencia, e, sendo *impessoal* a prova scientifica, quem a póde dar, não tem motivos para ser reservado. E acredito ainda mais que este juizo é verdadeiro—pelo que se passou entre mim e o imperador. D. Pedro II fez-me a honra de me chamar á sua presença, e, quando o illustre sr. Barão de Angra me deu parte das ordens do soberano, marcando-me a hora em que seria recebido, disse entre mim: «O homem agora tem de manifestar-se e vai esclarecer-me; elle é um sabio e um investigador, já correu mundo, e sabe perfeitamente como se organiza uma estação balnearia. Como quer que seja, ainda que não queira pessoalmente externar a verdade, ha de por força indicar-me as fontes de informação». Na hora marcada, apresentei-me, alvoroçado, á presença do rei; mas voltei inteiramente desilludido e tão ignorante a respeito das questões de Poços como entrára na sala das recepções! Depois de comprimentar-me, com muita amabilidade e carinho, o imperador me disse: «Li os seus artigos publicados no «Jornal do Commercio» de 20, 21 e 22, e achei-os excellentes. Continue a estudar e a aprender. O mundo pertence aos que trabalham». E foi só o que me disse D. Pedro II em relação a Poços de Caldas! Depois pediu-me noticias acerca da saude do D.r Agostinho Brêtas, e deu-me signal que estava finda a entrevista.

Logo que o imperador se retirou, acirrou-se mais forte do que nunca a lucta entre a Empresa e a população de Poços de Caldas, sendo profusamente distribuido o folheto assignado por—Um Aquatico—onde se compendiavam as queixas dos descontentes. E, como se trata de um documento historico importante para o caso, passo a transcrevel-o aqui.

POÇOS DE CALDAS

A S. M. o Imperador e aos Exms. Snrs. ministro da Agricultura e presidente de Minas Geraes

Recorremos hoje á imprensa com o fim de invocar a sabia attenção dos altos poderes do Estado para um verdadeiro attentado que se pretende consummar, com grave detrimento do interesse publico e sómente para satisfazer á ganancia de meia duzia de especuladores.

Referimo-nos ao estabelecimento balneario dos Poços de Caldas. A empreza que, ha mais de quatro annos, contractou com a presidencia de Minas a construcção desse estabelecimento, planeja actualmente a canalisação das aguas da fonte denominada — dos Macacos —, para o fim de leval-as ao logar em que estão se construindo as banheiras para as outras fontes, das quaes aquellas ficam distantes cerca de um kilometro.

Com esta canalisação as aguas da fonte — Macacos — chegarão ao ponto objectivo completamente frias e destituidas de sua acção therapeutica, como já teve occasião de verificar a propria Empreza, que conta em seu gremio dois medicos.

O contrato celebrado com a presidencia de Minas obriga a Empreza balnearia a construir na fonte — Macacos — um estabelecimento, e só permitte a canalisação das aguas, caso não produza esse facto qualquer alteração na acção therapeutica das mesmas.

A Empreza, em uma canalisação que fez, verificou que as aguas chegavam inteiramente frias ao logar desejado; mas, apesar disso, insiste na continuação desse trabalho. Qual a razão dessa insistencia? Porque não edificam os emprezarios um estabelecimento no logar da fonte — dos Macacos —, que é a mais geralmente procurada pelos banhistas?

E' que a Empreza possue tambem um pessimo hotel junto ás outras fontes, e, como deseja attrahir para elle todos os *aquatisos*, quer concentrar nesse ponto as aguas para tornar assim completo o odioso monopolio, ainda que isso importe a deterioração e ruina da mais preciosa das fontes thermaes.

E' esse o unico movel de tão damnoso commettimento.

Na passada situação liberal a Empreza balnearia conseguiu de um presidente amigo e pouco escrupuloso a celebração de um contracto em que foi completamente esquecido o interesse publico e só tratou de beneficiar os felizes empresarios.

Pouco depois obteve a Empreza que fossem eliminadas desse contracto as clausulas que a obrigavam á edificação de escolas e ajardinamento da praça da povoação dos Poços.

Além desses favores prodigalizados pelo governo provincial, conseguiu a Empreza do corpo legislativo geral a garantia de juros de 7 % sobre o capital de 3.000 contos de réis para que a Companhia

Mogyana levasse um ramal aos Poços de Caldas, simulando o desejo de beneficiar o publico, quando seu fim era unicamente o sordido interesse particular.

Hoje não quer a Empreza cumprir as clausulas desse contracto celebrado e modificado a seu geito, e para isso faz constar que tem a valiosa protecção do Sr. Ministro da Agricultura pela simples razão de ser S. Ex. amigo particular e politico do Sr. Dr. Lopes Chaves, que é actualmente um dos interessados.

Não acreditamos, entretanto, no que alardêa a gananciosa commandita, porque temos confiança no caracter sizudo do Sr. conselheiro A. Prado e na reconhecida honestidade do Sr. Dr. Lopes Chaves.

O honrado ministro que tão zeloso se tem mostrado em corrigir os erros da passada situação, não contribuirá, por certo, para a realização desse escandaloso attentado, que vai prejudicar a saude de milhares de individuos que annualmente correm aos Poços de Caldas em busca de allivio para seus padecimentos.

Ha muito que tencionamos solicitar da administração publica rigorosa fiscalização para os actos da prepotente Empreza Balnearia.

Não o fizemos porém, porque estavamos convencidos de que nossos brados não serião ouvidos pelos administradores liberaes, que portavam em dispensar favores aos felizes empresarios.

Hoje, porém, que se acha na presidencia de Minas um administrador intelligente, honesto e bem intencionado, damos o grito de alarma, na certeza de que seremos ouvidos por S. Ex.

O illustrado Sr. Dr. Portella, se não quizer acreditar na veracidade do que deixamos dito, que mande aos Poços de Caldas uma commissão de medicos serios e independentes encarregados de examinar as fontes e dar parecer sobre a projectada canalização.

Se elles cerrarem os ouvidos ás *blandicias* dos geitosos empresarios e só tiverem em vista o interesse publico, hão de affirmar que as aguas da fonte dos Macacos chegam ao estabelecimento completamente frias, depois de terem atravessado um extenso canal que passa por dentro de rios e pantanos.

Dizem, entretanto, os empresarios que essas aguas, uma vez que chegão frias, servião *para esfriar as outras!*

E' o cumulo da desfaçatez!

Pois será esse o destino de aguas que differem das outras por sua composição chimica e tem applicação especial para a cura de certas e determinadas molestias.

Misturar as aguas é tirar lhe toda a efficacia, e destruil a completamente!

Pedimos a SS. EExs. o Sr. ministro da agricultura e presidente de Minas sérias e energicas providencias no sentido de impedir que se leve por deante a realização de tão monstruoso attentado, que só tem por fim introduzir no bolso dos felizes empresarios mais algumas dezenas de contos de réis.

Bradaremos do alto destas columnas até que sejamos attendidos.

II

Mais cedo do que pretendiamos, tornamos de novo á imprensa para replicar ao *Imparcial*, que por estas columnas tentou defender a Empreza Balnearia das graves accusações que lhe fizemos.

Não logrou, entretanto, o seu intento o affouto advogado da celebre commandita, pois ficaram de pé todas as nossas allegações, que se assentam na base larga e solida da verdade.

Reconhecemos em *Imparcial* mais um prolongamento da terrivel Empreza que, á semelhança de outras que cabem na alçada da policia, tem tambem os seus emissarios e as suas ramificações.

Tomamol o, pois, para nosso contendor, e com elle nos entenderemos até que venha a terreiro a Empreza Balnearia que o seu infeliz advogado chamou para a arena da discussão.

Affirma *Imparcial*, com admiravel desplante, que a conveniencia publica aconselha a mudança das aguas. E' mais um embuste com que pretende a Empreza illudir a clausula 3.ª do contracto que a obriga a fazer um segundo estabelecimento na fonte dos Macacos, caso exija a distancia.

Ora, a distancia manifestamente o exige, pois é de perto de um kilometro e a conveniencia publica reclama a conservação das aguas no logar da nascente, visto como junto a essas fontes existem hoteis, casas particulares e de aluguel, cujos habitantes terão de atravessar grande distancia para tomar banhos, uma vez que não queiram ser esfolados no pessimo hotel da Empreza Balnearia, unica *conveniencia* que ella tem em vista.

Quanto á alteração das aguas, o que a experiencia mostrou foi que chegam ao estabelecimento completamente frias.

E nem póde ser outro o resultado, tendo ellas de percorrer um encanamento de quasi um kilometro, atravessando nesse percurso

um rio. E', portanto, evidente que as aguas, soffrendo abaixamento de temperatura, ficam prejudicadas em sua acção therapeutica.

Não ha mais calva declamação do que dizer se que a Empreza Balnearia só tem feito *enormes sacrificios pecuniarios*. Consistem esses decantados *sacrificios* em perceber 1$000 por banho, ha perto de quatro annos e custear as obras do estabelecimento com esse dinheiro, que constitúe para a Empreza uma renda annual de cerca de..... 30:000$000.

O contracto celebrado com a presidencia de Minas obriga a Empreza a terminar as obras no prazo de *dous annos*, e no caso contrario pagar a multa mensal de 500$000 até seis mezes, depois do que será declarada caduca a concessão. Entretanto, ha quatro annos que a Empreza iniciou os seus trabalhos, que até esta data não estão concluidos !

Ha mais de um anno, portanto, devia ter sido declarada caduca a concessão, depois de ter pago á Empreza 3:000$000 de multa, como estipula o respectivo contracto. Mas, como tal se havia de fazer, se os presidentes liberaes, cedendo aos rogos e empenhos dos emissarios da geitosa commandita, se mostravão escandalosos protectores dessa monstruosa patota ?

Os *grandes sacrificios* da Empreza se reduzem, pois, a perceber indevidamente 1$000 por banho, antes de cumprido o contracto e com esse dinheiro extorquido aos pobres enfermos construir banheiras, que até hoje não estão funccionando.

A propria Empreza Balnearia reconhece não ter direito á cobrança dos banhos antes de construidas as banheiras definitivas, e, para provai-o, citaremos factos.

Estando nos Poços o illustrado sr. dr. Andrade Figueira, quiz a Empreza obrigal-o a comprar cartões para uso dos banhos e não attendendo elle a essa exigencia, foi-lhe negada a entrada nas banheiras.

O Sr. Dr. A. Figueira, homem da ordem e da lei, protestou contra o procedimento illegal da Empreza e ameaçou de arrombar as banheiras, caso continuassem a recusar entrada nas mesmas.

A Empreza Balnearia, conscia da extorção que está fazendo ao publico e receiando as iras de um adversario que lhe poderia descobrir as *mazellas*, consentiu que o Sr. Dr. A. Figueira usasse dos banhos independente da compra de cartões.

O distincto parlamentar, cavalheiro como é, ao retirar-se dos Poços pagou integralmente os banhos que tomou, provando assim

que não fazia questão de dinheiro, mas simplesmente de não pactuar com a pratica altamente abusiva da celebre Empreza Balnearia.

Por outra occasião, estando tambem em uso de banhos os conselheiros Paulino de Souza e Moreira de Barros, ambos conhecedores da lei e do direito, foram-lhes pelo povo dirigidas reclamações contra o preço exaggerado dos banhos. Aquelles distinctos cavalheiros, em attenção aos pedidos dos banhistas, fizeram sentir á Empreza a illegalidade de seu procedimento e esta, em acto continuo, estabeleceu para os banhos o preço geral de 500 rs. Mas, logo que se retiraram aquelles conselheiros, foi estabelecido o preço anterior de um mil réis.

Com relação ao excellente hotel da Empreza, para o qual faz *Imparcial tanto reclame*, basta-nos invocar o testemunho do muito conhecido e illustrado medico Dr. Martins Rocha, que foi uma das muitas victimas do pessimo tratamento e da má direcção que preside áquelle estabelecimento. E para confirmação do que affirmamos, será sufficiente referir que estando uma respeitavel senhora a queixar se do pouco asseio do estabelecimento, o gerente deste, em uma explosão de colera, lhe retorquiu — para os que não estavam satisfeitos, *a porta da rua era a serventia da casa* !

Calcule se, por este facto, o que será dos pobres banhistas se a Empreza conseguir a concentração das aguas no actual estabelecimento.

Ver se hão obrigados a abandonar os magnificos hoteis Amoedo, Coronel Diniz, Campineiro, do Sul, etc., para se sujeitarem aos maus tratos e grosserias de gerentes mal educados.

Já não é pouco o que soffrem os balneantes com a inconveniencia e prejudicial promiscuidade das banheiras, comquanto seja a Empreza pelo contracto obrigada a ter banheiras especiaes para doentes de molestias contagiosas.

Consta-nos, mesmo, que alguns doentes de rheumatismo, que têm feito uso dos banhos, ao retirar se vêm-se atacados de morphéa, isto por terem se utilizado de banheiras que erão frequentadas por morpheticos.

Poderiamos citar muitos outros factos de summa gravidade para provar o quanto vai de abuso, relaxamento e má direcção no estabelecimento balneario, cuja Empresa está fazendo a mais indecente exploração, á sombra da criminosa benevolencia dos altos poderes publicos.

Mas, desejando ser lidos, terminamos por hoje, implorando com todas as forças a attenção do illustrado Sr. Dr. Portella para os factos reaes e verdadeiros que ora denunciamos.

Pedimos a S. Ex. com toda a instancia, que leia e examine com cuidado o contracto celebrado entre essa presidencia e a Empreza Balnearia, e facilmente verificará que as suas clausulas não têm sido fielmente cumpridas.

O honesto administrador da provincia, se quizer attender aos reclamos do bem publico, deve, sem perda de tempo, abrir severa syndicancia a respeito dos factos arguidos e decretar a caducidade da concessão, chamando á provincia a administração do estabelecimento, como se pratica na Europa, ou então confiando-o á direcção zelosa de pessoas competentes.

Esperamos ser attendidos por S. Ex., mas, se assim não acontecer, recorreremos aos poderes legislativos geral e provincial, que terão força bastante para compellir a audaciosa commandita ao cumprimento dos seus deveres.

III

Depois de termos enviado á imprensa a nossa réplica ao desastrado *Imparcial*, chegou nos ás mãos a resposta da Empreza Balnearia ao nosso primeiro artigo.

Já que apparece em scena a formidavel commandita, com ella d'ora avante nos entenderemos.

Pondo de parte os tolos insultos com que pretendem os nossos contendores illudir as difficuldades em que se vêm para se defenderem das graves e veridicas accusações que lhe temos feito, continuaremos na tarefa que nos impuzemos, de levar ao conhecimento dos altos poderes publicos os grandes e inauditos escandalos commettidos por esse grupo de aventureiros que se disfarça com o nome de Empreza Balnearia dos Poços de Caldas.

Não insistiremos em affirmar que a canalização das aguas da fonte dos Macacos, além de prejudicial á acção therapeutica dos mesmos, é damnosa aos interesses do publico, porquanto é esse facto uma verdade incontestavel, que a Empreza Balnearia não póde destruir, confessando, aliás, que a distancia do encanamento é de 600 metros.

Diz a illaucicsa commandita que — «se préza de respeitar o contracto feito com o governo». Si assim é, porque razão não concluiu as obras no prazo de dous annos, e continúa até hoje a cobrar illegalmente a exorbitante quantia de 1$000 por banho fornecido em pessimas banheiras provisorias? A clausula 10.ª do contracto é concebida nestes termos: «As obras serão começadas dentro de seis

mezes e concluidas dentro de dous annos» a contar da approvação definitiva de suas plantas, sujeitando se a Empreza «á multa de 500$000 por mez» que exceder esses prazos até seis mezes, findos os quaes «caducará a concessão», salvo caso de força maior, provado perante o governo, que poderá então não só alliviar as multas, como ampliar por mais tempo os prazos estipulados ».

Ha perto de «quatro annos» que começou a Empresa os seus trabalhos e até hoje não os concluiu, sem que tenha, ao que nos conste, provado perante o governo caso algum de força maior, como exige o respectivo contracto.

Sendo assim, é manifesto que se acha caduca a concessão do privilegio, estando tambem a Empreza obrigada ao pagamento de 3:000$000 de multa, de que fala a clausula transcripta. Para esse ponto chamamos muito especialmente a attenção do Exmo. Sr. Dr. M. Portella, que, se respeita a fé dos contractos celebrados com a provincia de Minas, ha de declarar a caducidade de uma concessão monstruosa, filha do pouco escrupulo de administradores insensatos, affagados pelos empenhos de uma horda de aventureiros.

Do alto destas columnas prevenimos a S. Ex. que brevemente irá a Ouro Preto um emissario da geitosa commandita, levando grande porção de cartas de empenho, com o fim de conseguir do governo provincial novos e maiores favores, taes como prorogação de prazo da concessão, auctorização para desapropriar casas e terrenos particulares, etc.

Acautele-se, portanto, Sr. Dr. Portella. Estamos certos, entretanto, de que S. Ex., zeloso como se ha mostrado na gestão dos negocios da provincia, não se deixará illudir pelos affagos e blandicias dos temiveis emprezarios.

Temos affirmado que é exorbitante a quantia de 2$000 que pretende cobrar a Empreza pelos banhos de primeira classe nas banheiras definitivas, e, assim o entendeu o governo da provincia, que no contracto estabeleceu as eguinte clausula 6.ª:

« Aos concessionarios fica o direito de cobrar «no maximo», fornecendo lençol e criado, por um banho na banheira de primeira classe 2$000. Idem, idem de segunda classe 1$000. »

Segundo a clausula 25.ª, a Empreza obriga-se a sujeitar à approvação do governo o regulamento interno dos estabelecimentos balnearios. Pedimos, pois, ao honrado Sr. Dr. Portella que por essa

occasião estabeleça, de accôrdo com a clausula 6.ª, o preço de 1$000 para os banhos de primeira classe e de 500 rs. para os de segunda, isto se não quizer S. Ex. declarar caduca a concessão, como entretanto o auctoriza o contracto.

E' tambem muito conveniente que haja differença nos preços dos banhos para as crianças, que não devem pagar o mesmo que os adultos.

Si a Empreza Balnearia está disposta a abandonar o systema de declamações banaes e quizer discutir seriamente comnosco, lhe perguntaremos:

— Em que disposição legal se funda para cobrar actualmente 1$000 por banho nas banheiras provisorias?

— Com que direito está vedando a particulares, como si fosse propriedade sua, os terrenos que o governo concedeu-lhe para estabelecimento de olarias e suas dependencias?

— Qual a vantagem da projectada mudança do actual caminho, sinão dar maior valor a esses mesmos terrenos, prejudicando a terceiros?

— Por que motivo se recusou a pagar o imposto municipal pelo hotel do estabelecimento, quando o contracto não a isenta dessa contribuição?

— Em que clausulas do contracto se baseia para excluir do pagamento de impostos provinciaes as bebidas e generos alimenticios destinados ao hotel e casas particulares dos emprezarios?

— Terá a Empreza Balnearia, acostumada a zombar de tudo, esticado tanto a interpretação da clausula 17.ª, a ponto de considerar material de construcção os vinhos, generos alimenticios, etc., que são importados da Côrte para o hotel e delle sahem para as casas particulares?

Será possivel que continúe a pratica de tamanhos escandalos e attentados, no dominio de um contracto solemnemente celebrado com o governo da provincia e que tem soffrido tão graves violações?

Já temos indicado ao honrado Sr. Dr. Portella um meio efficaz de reprimir esses abusos: revoja S. Ex. o contracto que, aliás, foi feito tão a gosto da feliz Empreza; mande uma commissão ou, ao menos, um homem sério e moralizado fiscalizar as obras da Empreza, que estão destinadas a uma perpetua construcção.

Si S. Ex. nos attender, verificará que é exacto tudo quanto temos affirmado por estas columnas, e ha de, fundado nas disposições do contracto declarar a caducidade da concessão de um privilegio que se tem convertido em verdadeiro maleficio publico.

E nem podem ter sufficiente bôa fé para cumprir um contracto individuos que se acham congregados sómente pelos laços do interesse e que de seus proprios companheiros desconfiam.

E' aqui geralmente sabido que, ao tomar conta da gerencia do estabelecimento um dos emprezarios, os outros empregam indirecta e sorrateiramente todos os meios de fiscalização contra o gerente, contando o numero de hospedes, banhistas, etc.

Sentimos que se ache immiscuido em tão feia exploração o honrado Dr. Lopes Chaves, que vai ser agora o alvo dos olhares desconfiados de seus astutos companheiros.

Si não fosse o receio de sermos considerados suspeitos, aconselhariamos a S. S. que se retirasse do meio dessa gente.

Queixa-se a Empreza Balnearia de que só tem tido incessantes contrariedades e pesados sacrificios.

E' uma declamação que já tivemos occasião de desmentir, provando que ella tem exclusivamente auferido avultados lucros, possuindo, além disso, a rara habilidade de converter as clausulas onerosas do contracto em outros tantos meios de ampliação do seu já tão odioso monopolio.

E' assim que pretende cercar o estabelecimento com um jardim fechado, para o fim de impedir que até ahi cheguem os vehiculos que conduzem os banhistas que se hospedam nos outros hoteis da povoação. Só desse modo conseguirá a Empreza frequencia no seu desconceituado hotel, cuja tabella, além de mais elevada que a dos outros, é constantemente illudida pelo abuso dos celebres *extraordinarios*.

Muito longe iriamos si quizessemos trazer á luz da publicidade todos os abusos praticados pela nunca assás decantada Empreza Balnearia dos Poços de Caldas. Mas, por hoje aqui ficamos, repetindo que havemos de ser nestas columnas a sentinella avançada dos sagrados direitos do publico e da provincia de Minas, não cessando de bradar emquanto por parte do governo não forem tomadas serias e energicas providencias no intuito de reprimir os actos abusivos e escandalosos que temos denunciado.

IV

A nossa ausencia, por algum tempo, destas columnas, não se explica pelo desalento que costuma apoderar-se daquelles que inutilmente clamam no deserto. Muito ao contrario, tendo levado ao conhecimento dos altos poderes publicos a série de attentados e abusos commettidos pela audaciosa Empreza Balnearia, tinhamos certeza de que os nossos brados seriam attendidos, e assim aconteceu.

Pelo orgão official do governo de Minas tivemos a grata noticia de que o honrado Sr. Dr. Portella solicitou, com urgencia, das repartições competentes, minuciosas informações sobre todos os pontos das accusações por nós formuladas neste logar. Confiados na rectidão e ealdade dos auxiliares da administração provincial, não podemos receiar que as informações não se compadeçam inteiramente com tudo quanto por nós foi dito.

Tranquillos, pois, esperariamos pelas providencias que necessariamente terá dado o Exm.º presidente, se nesse momento não nos assaltasse um receio.

Assoalha por aqui a terrivel commandita que, em breve, deixará o Sr. Dr. Portella a presidencia de Minas e que então tudo hão de conseguir do 1.º vice presidente, para quem já estão munidos de numerosas cartas de empenho, e que nessa campanha serão auxiliados pelos advogados administrativos da capital, que costumam arranjar *esses negocios* com os proprios chefes e empregados das repartições.

Não damos inteiro credito a essas ballelas, porque conhecemos o caracter e boas intenções do honrado Sr. Dr. Teixeira de Sousa: mas julgamos de nosso dever prevenir a S. Ex. contra os assaltos da geitosa commandita que na passada situação tantos favores conseguio.

E já que se nos offerece opportunidade, occuparemos ainda por algum tempo a attenção dos poderes do Estado trazendo á publicidade mais alguns actos escandalosos praticados pela prepotente Empreza Balnearia.

Um dos socios da commandita, querendo obter para si muitos prasos, e não podendo a Camara Municipal de Caldas conceder mais de cinco a cada requerente, fez diversas petições assignadas por terceiros, para poder dest'arte conseguir cento e tantos prasos, que depois venderá por bom preço aos particulares.

A faina de tudo monopolisar arrasta-os a essas indecencias e falsidades.

Denunciamos este facto á Camara Municipal de Caldas, que por certo denegará a concessão de prasos a individuos que os não requereram para si e não passão de verdadeiros testas de ferro.

Chegando, ha tempos, a este logar o commendador Bustamante, seriamente enfermo e quasi cêgo e não podendo, por isso, utilisar se das banheiras da Empreza, propôz-se a comprar agua com que pudesse tomal os em casa, offerecendo o dobro do preço ordinario das tabellas.

Entretanto, a poderosa commandita negou-se a prestar-lhe *este favor*, allegando ser isso *um máo precedente* !

Não poderá o illustrado Dr. Portella, quando tiver de approvar o regulamento interno do estabelecimento, obrigar a Empreza a vender, por certo e determinado preço, agua para os doentes que não possão ir tomar banhos no estabelecimento balneario ? Julgamos essa medida de alta conveniencia para as familias e principalmente para os doentes que, pela gravidade de seus incommodos, não possão ir diariamente ao estabelecimento da Empreza.

E vem a proposito avisar a S. Ex. que não se esqueça de, por essa occasião, estabelecer o preço de um mil reis para os banhos de primeira classe, dispensando a tal condição de fornecer a Empreza lençol e criado, que ella não possúe sufficientes, e que os banhistas sempre rejeitão porque preferem os proprios.

Sabiam os emprezarios que essa clausula seria lettra morta, e a estabelecerão sómente para produzir effeito.

Falla se aqui na vinda de uma commissão de profissionaes, encarregada pelo governo de examinar o local e decidir sobre a conveniencia da canalisação das aguas da fonte dos Macacos.

Temos asseverado, e sem contestação, que a canalisação dessas aguas, na longa distancia de perto de um kilometro, trará como inevitavel consequencia o seu resfriamento e a perda de suas qualidades therapeuticas.

E para isso basta considerar que o encanamento terá de passar a superficie do sólo por dentro de dois rios e estará sujeito á acção das chuvas que, infiltrando-se na terra, serão tambem um elemento poderoso de resfriamento.

Alagada a terra pelas chuvas que aqui costumão produzir até grandes innundações, quem poderá affirmar que as aguas depositadas nesse encanamento conservarão a temperatura de sua nascente ?

Para negal-o não é indispensavel o conhecimento technico ; basta o simples bom senso.

E qual a conveniencia da mudança das aguas, senão poupar despesas á celebre commandita que quer a todo transe enriquecer da noite para o dia ?

Esperamos que o honrado Sr. Dr. Portella, cuja administração séria e moralisada tem merecido o applauso de ambos os partidos politicos, não deixará em meio a gloriosa tarefa, que emprehendeu, de pôr côbro aos desmandos da Empreza Balnearia dos Poços de Caldas.

Será um serviço que por si só, recommendará S. Ex. á gratidão dessa provincia, cujos destinos forão em tão bôa hora confiados á sua guarda e sabia vigilancia.

No alto posto que occupamos, combatendo em pról dos direitos de milhares de enfermos e em defesa dos interesses de nossa provincia, não cessaremos de bradar emquanto não virmos restabelecidos o imperio da lei e até dos contractos.

V

Haviamos dado treguas por algum tempo ao assumpto que estavamos discutindo nestas columnas, porque por parte da administração provincial tinhão sido tomadas providencias no sentido das nossas justas reclamações.

Com effeito, tendo o illustrado Sr. Dr. Portella, ex presidente desta provincia, attendido á narração dos factos escandalosos, dos graves attentados commettidos pela celebre Empreza Balnearia dos Poços de Caldas, e por nós denunciados neste logar, expedio as portarias abaixo transcriptas, pelas quaes se verifica que S. Ex. estava possuido de bons desejos e queria pôr côbro a tamanha serie de abusos.

Sempre que nos dirigiamos a S. Ex., o faziamos com inteira confiança na rectidão e inteiresa de caracter do ex administrador. Mas, conhecedor, como somos, das manhas da geitosa commandita, não deixamos de avisar a S. Ex. para que se precavesse contra os assaltos desses audazes aventureiros.

E os factos provaram que não era em vão que assim procediamos.

De feito, com grande sorpresa nossa verificamos que, de uma hora para outra, cessárão todas as providencias, e não forão avante as medidas tomadas pela administração provincial.

O illustrado Sr. Dr. Portella, com verdadeira magoa o dizemos, foi tambem assoberbado pela corrente dos empenhos emanados no alto, e que entre nós se tem constituido um grande poder do Estado.

S. Ex. foi vencido pela terrivel empreza, que não recua ante os meios ainda os mais audaciosos.

Entretanto, como, apesar de desilludido ainda temos alguma confiança na moralidade, administrativa ; continuaremos a dar o grito do alarma, ao menos como satisfação á nossa consciencia de cidadão que se interessa pelo bem publico e pela causa da humanidade soffredora.

Dirigindo me ao actual presidente de Minas, que talvez não esteja ao facto dos acontecimentos chamaremos a attenção de S. Ex. para os anteriores artigos que com esta epigraphe temos escripto por este jornal e que devem existir na secretaria dessa presidencia.

Nestes artigos provámos á saciedade e sem contestação, entre outros, os seguintes pontos :

— Que a canalização das aguas da fonte dos Macacos trazia como consequencia inevitavel o seu resfriamento e portanto a ruina de suas qualidades therapeuticas. E os factos se incumbirão de demonstral-o pois as aguas que na fonte tem a temperatura de 41°, chegão ao estabelecimento apenas com 36°, isto é completamente inutilisadas.

— Que essa conalização, por conseguinte, além de contraria ao interesse publico, era attentatoria da clausula 3.ª do contrato, que obriga a empreza a fazer um segundo estabelecimento na fonte dos Macacos, e só permitte a canalisação no caso de não soffrerem as aguas nenhuma alteração em suas qualidades therapeuticas.

— Que a empreza canalisando as aguas só tinha por fim poupar despezas e augmentar o odioso monopolio pela concentração dos banhistas no hotel do estabelecimento.

— Que a empreza estava cobrando illegalmente 1$000 por banho nas banheiras provisorias.

— Que estava vendendo a particulares os terrenos que o governo concedeu-lhe para olarias e suas dependencias.

— Que não pagava o imposto municipal pelo hotel do estabelecimento, quando o contrato não o isentava desse pagamento.

— Que as bebidas generos alimenticios destinados ao hotel e casas particulares dos emprezarios não pagavão o imposto provincial na repartição fiscal competente.

— Que o preço de 2$000 por banho de 1.ª classe era exorbitante e podia, pelo contracto, ser reduzido pela presidencia da provincia.

— Finalmente, que pela lettra clara e expressa na clausula 10.ª do contracto, estava caduca a concessão do previlegio e a empreza obrigada a pagar ao governo a multa de 3:000$000.

Todos estes pontos farão por nós discutidos e provados nestas columnas, tanto assim que o Sr. Dr. Portella *in continenti* solicitou *com urgencia* das repartições competentes as necessarias informações.

Sabemos com certeza que as informações prestadas pela camara municipal de Caldas, e que devem estar na secretaria de Minas, foram todas confirmativas dos factos por nós denunciados e, portanto, contrarias á empreza balnearia.

Estamos convencidos de que do mesmo modo procêderão as outras repartições consultadas pelo illustre ex presidente.

Entretanto, porque não vierão a lume as providencias por nós solicitadas ?

Vamos contar ao sr. Dr. Faria Lemos essa historia, e para ella invocamos muito particularmente a attenção do integro e provecto magistrado.

A empreza balnearia, sempre geitosa e trapaceira, sabendo que o conselheiro João Alfredo tem grande influencia sobre o Sr. Dr. Portella, fez com que o Dr. Lopes Chaves, que é socio da empreza, se entendesse com o honrado estadista, afim de que este, em sua viagem ao interior de São Paulo, chegasse até aqui para visitar o estabelecimento.

O Dr. Lopes Chaves, que aliás é homem serio, mas que acredisamos tenha sido illudido pelos seus socios, cumpriu a incumbencia.

A empresa balnearia, por occasião da visita do illustre conselheiro, preparou lhe estrondosa recepção: mandou fazer pratos especiaes nos outros hoteis e casas particulares, augmentou a criadagem do hotel, emfim, fez tudo quanto poude para agradar ao seu tão desejado hospede.

No momento psychologico, os terriveis emprezarios fizeram ver ao Sr. João Alfredo que o presidente de Minas estava querendo obstar a canalização das aguas dos Macacos para o estabelecimento central: que essa mudança era *um grande beneficio publico*, porque os banhistas todos terião de se hospedar no *excellente e moralizado* hotel da empreza e gosar as delicias e os raros acepipes que S. Ex. estava apreciando e que erão o ordinario do estabelecimento.

O illustre conselheiro, confundido com tanta amabilidade e aturdido com tamanha choradeira, *ordenou-lhes* que mudassem as aguas,

que ia escrever ao Sr. Dr. Portella e que este havia de arreiar a espada que tinha suspensa sobre a cabeça dos *pobres emprezarios*.

Os homens pularão de contentes e no dia seguinte retirou se o Sr. João Alfredo.

E' preciso notar que o illustre conselheiro só se demorou aqui um dia e, apezar da actividade que desenvolveu a empreza para obsequial-o, *achou máu o serviço do hotel*.

Faça S. Ex. idéa do que será nos dias ordinarios....

Os homens da empreza, em cumprimento das *ordens* do sr. João Alfredo, no dia seguinte ao de sua retirada, relizarão a tão almejada mudança das aguas, com grandes festejos e ao som das salvas de dynamite.

Mas qual foi o resultado? Grande confuzão nas banheiras: está um pobre enfermo a tomar banho com agua da fonte — Mariquinhas — e de repente cahe-lhe na cabeça um jacto de agua fria!

E' a agua dos Macacos, a mais preciosa das fontes que, canalizada na extensão de perto de um kilometro, chega ao estabelecimento completamente fria e servindo sómente para constipar os banhistas.

E' este o resultado do grande beneficio publico produzido pela mudança das aguas, é a consequencia inevitavel da balburdia resultante da má distribuição das aguas nas banheiras.

E note o honrado presidente de Minas que estes factos lamentaveis já se dão agora e que os banhos são de agua corrente. O que será então quando a empreza estabelecer os banhos de agua dormente, para que vae construir reservatorios de 30 mil litros? As aguas depositadas nestes reservatorios se esfriarão de todo e a sua estagnação e resfriamento trarão como consequencia a crystalização dos sáes e por conseguinte a ruina completa de suas preciosas qualidades medicinaes.

Consentirá o honrado presidente de Minas que continue a zombar da lei uma empreza que foi creada para beneficio publico, e que no entanto só tem tido em mira enriquecer seus felizes socios?

Permittirá S. Ex. que essa desbragada commandita, em vez de melhorar, esteja a estragar, a inutilisar completamente as excellentes aguas thermaes dos Poços de Caldas? Confiados na rigidez de caracter do integerrimo magistrado, esperamos que S. Ex. não se deixe arrastar pela corrente impetuosa dos empenhos que levárão de vencida ao Sr. Dr. Portella. Entretanto, havemos de bradar até que por parte do poder publico appareça alguma providencia no sentido dos nossos justos reclamos.

Eis as portarias :

2.ª secção. — Palacio da presidencia da provincia de Minas Geraes. Ouro Preto, 8 de Janeiro de 1886.

Recommendo a Vms. que com urgencia prestem me informações minuciosas a respeito do que, em diversos artigos publicados no *Jornal do Commercio*, se tem dito da empreza balnearia — Poços de Caldas.

Deus guarde a Vms. — Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella. — Srs. presidente e mais vereadores da camara municipal da cidade de Caldas.

2.ª secção. — Palacio da presidencia da provincia de Minas Geraes. Ouro Preto, 8 de Janeiro de 1886.

Em additamento ao meu officio de 26 de Novembro ultimo, envio a Vm. por cópia a clausula 27.ª do contrato celebrado para a fundação de um estabelecimento balneo therapico nos Poços de Caldas, e bem assim a inclusa tira do *Jornal do Commercio*, afim de que me preste informações não só a respeito do que ahi se diz como tambem de outros communicados que têm apparecido com relação áquella empreza.

Deus guarde Vm. Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella. — Sr. Dr. Sizinio Ribeiro Pontes, inspector da hygiene publica.

2.ª secção. — Palacio da presidencia da provincia de Minas Geraes. Ouro Preto 8 de Janeiro de 1886.

Haja V. S. informar-me com urgencia se estão collectados e quanto pagam as casas e edificios da empreza balnearia dos Poços de Caldas ; e bem assim se a empreza tem deixado de pagar direitos sobre materiaes, e neste caso se lhe tem sido pela mesma apresentada relação especificada dos mesmos, designação de sua applicação, e se a recebedoria respectiva a tem examinado.

Outrosim se a referida empreza tem deixado de pagar, e por que motivo, impostos sobre bebidas e generos alimenticios destinados ao hotel e casas particulares dos emprezarios, como é denunciado em um dos communicados do *Jornal do Commercio*.

Deus guarde a V. S. — Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella. — Sr. Dr. director da fazenda provincial.

2.ª secção — Palacio da presidencia do Estado de Minas Geraes, Ouro Preto, 8 de Janeiro de 1886.

Haja V. S. de informar-me com urgencia o que consta nessa repartição com relação ás obras da empreza balnearia dos Poços de Caldas, estado dellas e projectos para a canalização e estabelecimentos respectivos, e bem assim se o engenheiro do districto em qualquer dos seus relatorios referio-se a taes obras, expondo, neste caso, o que por elle foi dito e em que dacta.

Deus guarde V. S. — Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella.— Sr. Dr. director geral das obras publicas.

2.ª secção — Palacio da presidencia da provincia de Minas Geraes, Ouro Preto, 8 de janeiro de 1886.

Relativamente á empreza balnearia — Poços de Caldas — haja V. S. de informar me com urgencia.

1.º Quantas plantas e orçamentos foram approvados e em que dacta.

2.º Se a provincia foi indemnisada das construcções e materiaes e se houve avaliação delles antes de começarem as obras da empreza. No caso affirmativo, qual a importancia.

3.º Se a empreza tem apresentado annualmente balancete do movimento do estabelecimento e de sua receita.

4.º Se a empreza apresentou e foi approvada alguma tabella reguladora do preço das aguas.

5.º Se foi designado algum engenheiro, e qual, para fiscalizar a construcção das obras.

6.º Se a empreza sujeitou a approvação o — regulamento interno — do estabelecimento.

7.º Se a empreza soffreo alguma multa.

Deus Guarde a V. S. — Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella — Sr. director geral das obras publicas.

VI

Continuando a discutir o assumpto que é a nossa — *delenda Carthago* —, ainda uma vez tornamos a estas columnas, animados pela esperança de sermos afinal vencedores nesta campanha em que nos batemos com as armas leaes e francas da verdade e da justiça.

Cheios de confiança na honradez e patriotismo dos homens que se achão á frente da alta administração geral e provincial, não

cessaremos de bradar emquanto não virmos abolido o escandaloso regimen do patronato e do empenho, em que até agora tem vivido a empreza balnearia dos Poços de Caldas.

Transgredindo sem rebuço as clausulas de um contrato solemnemente celebrado com o governo da provincia, essa empreza parece ter absoluta confiança na sua força e plena certeza na efficacia dos meios de que dispõe para assim zombar da lei tão accintosamente.

Sem oppor a minima contestação ás nossa accusações, ella, entretanto, continua impunemente a praticar toda a ordem de desmandos.

E, apezar de nossos energicos protestos e justas reclamações nenhuma providencia tem sido tomada a esse respeito.

Que obstaculo encontra o Exmo. presidente de Minas para executar a lei? Que força estranha e sobrenatural é essa que o impede de exigir o cumprimento das clausulas expressas e terminantes de um contrato?

Em nosso ultimo artigo fornecemos a S. Ex. todos os esclarecimentos necessarios sobre este assumpto e até agora esperamos em vão pelas medidas urgentes que então solicitamos.

Avisamos ao honrado magistrado para que se precavesse contra os terriveis empenhos que, com grande estranheza nossa, tinhão levado de vencida o seu illustre antecessor. E o Ex. Sr. M. Portella na resposta incompleta, frouxa, indecisa, que nos deu pelo *Jornal* de 8 de junho corrente, veio confirmar tudo quanto haviamos dito.

S. Ex., calando os pontos principaes das nossas accusações, demonstrou tacitamente que não podia refutal-os. Tratando de justificar-se de não haver proseguido nas providencias tomadas, o ex-presidente foi ainda mais infeliz. Com effeito, diz S. Ex. que, ao receber as informações da repartição de obras publicas, recebeu tambem um requerimento da Empreza Balnearia pedindo a nomeação de uma commissão para examinar as obras.

Habilitado com as informações que lhe foram ministradas e cujo conteúdo muito discretamente não quiz revelar, S. Ex. abafou tudo, e nem ao menos nomeou a tal commissão que a Empreza requereu, aliás unicamente com o fim de ganhar tempo, emquanto lançava mão de outros recursos mais certos e efficazes...

Refere nos mais o Sr. Dr. Portella que posteriormente a Empreza communicou—*estarem concluidas as obras*—. S. Ex. então de posse dessa amavel participação, o que fez? Deu uma providencia *prompta e decisiva*... resolveu que o director de obras publicas

fosse em commissão verificar *se estavam cumpridas as clausulas do contracto* e dar sobretudo minucioso parecer, para poder a presidencia providenciar como fosse necessario.

Encheu-nos de tristeza essa desastrada resposta á guisa de defesa. Com effeito a Empreza teve o desplante de communicar que as obras estavam concluidas e no entanto o Sr. Dr. M. Portella, que leu o contracto, recebendo essa communicação, que era a confissão implicita da transgressão da clausula 10.ª desse contracto, não decretou immediatamente a caducidade do previlegio e limitou-se ao expediente sediço de nomear commissão.

Entretanto, porque nunca mandou S. Ex. o tal funccionario em commissão, que até hoje aqui não chegou? E a Empreza sabendo que a vinda da commissão ficaria adiada para as *kalendas gregas*, mentiu communicando haver concluido as obras, quando ellas não estão até agora terminadas e hão de ficar em perpetua construcção emquanto a lei for lettra morta, para essa feliz e poderosa commandita.

A clausula 10.ª do contracto, não nos cançaremos de repetir, obrigou a Empreza a concluir as obras *no prazo de dous annos* depois de approvadas as plantas, sobre pena de caducidade. A Empreza começou essas obras em janeiro de 1882 e até hoje não as concluiu e nem pagou a multa estipulada.

Teve, entretanto, a coragem de communicar á presidencia que as tinha concluido em 1886, isto é, *quatro annos* depois de começadas, e o presidente limita se a esperar o resultado de providencias que *resolveu a dar*, mas que de facto não deu.

De posse dessa communicação, que era o auto de corpo de delicto da transgressão do contracto, o Sr. Dr. Portella, em vez de decretar a caducidade da concessão, visto que a Empreza nem se quer tentou allegar motivo de força maior, mostra-se timido e benevolente, deixando á mais criminosa revelia os interesses desta infeliz provincia.

Verificando a audaciosa commandita que o Sr. Dr. Portella tinha fraqueado, influida e arrogante com os conselhos e promessas do Sr. João Alfredo, fez, sem previa autorização do governo, a mudança das aguas que, depois disso, ficaram completamente frias e inutilisadas. Mas, que importa a ruina das preciosas fontes se a

Empreza ganha assim mais suavemente o seu dinheiro ? Que importa que os pobres doentes soffram, se os emprezarios têm necessidade de saldar os grandes e urgentes compromissos ? Conseguindo tudo a poder de empenhos, querem agora os homens da Empreza ver realisada a sua maior aspiração—a prorogação do previlegio por mais 50 annos, como inculcam que lhes prometteu o sr. João Alfredo. Assim, dizem elles, passamos estes cacarécos a uma companhia ingleza e ficámos ricos da noite para o dia.

Já estamos tão descrentes que não duvidamos que a Empreza alcance mais essa grande victoria.

E' só o que nos falta ver para podermos affirmar que a justiça e a moralidade fugiram espavoridas do palacio da presidencia de Minas Geraes.

Dirigimo-nos hoje especialmente ao sr. conselheiro Joaquim Delfino, a cujo espirito recto e patriotico fazemos um appello. S. Ex. é filho do Sul de Minas, onde tem familia, interesses e reconhecida influencia, além disso é o unico representante desta inditosa provincia no actual gabinete. Porque não se dirige o illustre ministro ao presidente de Minas, lembrando-lhe o dever de providenciar para que cessem os abusos da Empreza Balnearia que está estragando desapiedadamente uma das mais preciosas riquezas desta parte da provincia—as aguas thermaes dos Poços de Caldas ?

Já que não quer o governo de Minas fazer cumprir integralmente as clausulas do contracto, ao menos ordene que voltem as aguas dos Macacos para a sua fonte primitiva, as quaes a Empreza canalisou destruindo as suas excellentes propriedades therapeuticas e prejudicando cruelmente os pobres enfermos.

Porque não colloca a presidencia de Minas um engenheiro fiscal junto á Empreza e pago por esta, para exigir o cumprimento do contracto e ouvir as reclamações dos banhistas, que actualmente não têm a quem recorrer ? Os infelizes supportam os preços exorbitantes, os regulamentos internos sem approvação do governo e vexatorios, as preferencias de hora e de banheiras, os máos tratos dos gerentes do caro e pessimo hotel do estabelecimento e mil outras cousas, tudo por falta de quem fiscalise os actos dessa malfadada Empreza !

As estradas de ferro, os engenhos centraes não têm todos os seus engenheiros fiscaes pagos pelas respectivas companhias ? Porque se ha de fazer uma excepção odiosa a respeito desta Empreza ?

Vê o sr. conselheiro Joaquim Delfino que não é possivel continuar este estado de cousas. Esperamos que o illustrado ministro não será surdo aos nossos justos reclamos.

Se perdermos de todo a esperança de vêr satisfeitas as nossas fundadas reclamações, resta-nos ainda um ultimo alvitre. Iremos pessoalmente á presença de S. M. o Imperador, a quem apresentaremos minucioso relatorio de tudo quanto temos escripto. E estamos convencidos que o chefe do Estado ha de admirar-se de tanta illegalidade.

Sabemos que o throno imperial é inaccessivel aos empenhos e que então triumphará a causa da humanidade enferma, que aqui temos defendido com tanto esforço e sacrificio. Mas, perguntamos ao honrado Sr. desembargador Faria Lemos : será preciso lançar mão desse recurso extremo para que se restabeleça em Minas a fé dos contractos ?

O passado honroso do integro magistrado anima-nos a dizer que não. Aqui ficámos por hoje, para não sermos demasiado extensos.

VII

Até agora esperamos em vão pela resposta do illustrado Sr. Dr. Manoel Portella ao nosso ultimo artigo.

Comquanto conservemos o anonymo, não temos abusado do incognito para atirar injurias ou calumnias a quem quer que seja. Argumentamos com a lei, e com os factos e ainda não soffremos uma só contestação que não fosse por nós completamente pulverisada. Mantendo a discussão nesse terreno elevado, desejamos que a Empreza Balnearia ou seus grandes protectores se apresentassem em campo para estabelecermos então larga e ampla controversia ácerca de todos os pontos de nossas accusações.

Não recuariamos mesmo assignar o nosso verdadeiro nome, uma vez que tivessemos pela frente um contendor serio e digno de nós.

E' por isso que estranhamos que o honrado Sr. Dr. Portella não tenha acudido em defesa do seu procedimento como presidente de Minas com relação á Empreza Balnearia dos Poços de Caldas.

As nossas accusações foram por demais claras e positivas, para que S. Ex. não corresse pressuroso a varrer a sua testada. Esse obstinado silencio por parte do illustre ex-presidente tem causado grande estranhesa áquelles que o admiraram em Minas como administrador zeloso e intelligente.

Temos fé que S. Ex. ainda ha de esclarecer esse ponto negro de sua administração nesta provincia.

Mas, emquanto, esperamos pelas explicações, vamos denunciando ao publico e ao governo o que se passa nestas paragens, onde sempre chega tão fria e lenta a acção do poder administrativo. Clamando no deserto, resta-nos ao menos o consolo de estar fornecendo assumpto a estes *pobres caipiras* que só têm noticias do governo por intermedio dos inexoraveis mandados fiscaes...

Approxima-se a época da estação balnearia e, no entretanto, até agora nenhuma providencia se faz sentir por parte do Sr. Faria Lemos, no intuito de melhorar as pessimas condições do estabelecimento da Empreza. Parece-nos que o velho magistrado, habituado á elevada temperatura das regiões do Norte, extranhou o clima humido e frio das montanhas de Ouro Preto e, enclausurando-se nos confortaveis aposentos do palacio, reduziu-se á mais completa inercia !

Tem sido esta, pelo menos, a nota predominante de sua esteril administração em Minas Geraes !

Brevemente chegarão a esse logar centenas de pobres enfermos, em busca de allivio aos seus padecimentos e encontrarão tudo no mesmo pé ! O actual gerente, Dr. Lopes Chaves, removeu as aguas dos Macacos para a sua fonte primitiva, mas diz se que essa mudança é provisoria, é só emquanto se fazem concertos no estabelecimento central. Para este voltarão depois as aguas, apesar de ahi chegarem frias e imprestaveis.

O publico faz apenas vagas conjecturas, porque de nada é informado; tudo se faz debaixo do mais inviolavel sigillo ! Parece incrivel que a administração provincial não se dê pressa em fazer a luz sobre assumpto tão importante e que se liga tão estreitamente a causa da saúde publica ! E' um segredo inquisitorial !

Que importam que venham engenheiros examinar as obras, se tudo permanece sempre no mesmo antigo estado !

O honrado e probidoso Sr. Dr. Lopes Chaves vai reconhecendo que é verdade tudo quanto avisámos a S. S. a respeito de seus companheiros de Empreza. Desgostoso e quasi inteiramente desilludido, S. S. partiu para São Paulo, consta nos que com o fim de tratar de dar nova organisação á Empreza Balnearia.

Conhecedores do seu caracter sisudo e nobre, acreditamos S. S. convencido como está, da impossibilidade de continuarem canalisadas as aguas dos Macacos, hade conserval-as no seu primitivo estabelecimento, fazendo assim um grande beneficio aos pobres enfermos.

O povo d'aqui alimenta alguma esperança de que será benefica a sua gerencia que tanto tem destoado da do seu celebre antecessor, a quem se fez um estrondoso *bolafóra* de girandolas e bombões de dynamite, como recompensa merecida do seu procedimento incivil e grosseiro.

Queremos acreditar que o honrado dr. Lopes Chaves não necessitará das ordens da presidencia para praticar um acto de tão rigorosa justiça, que o recommendará á estima deste bom povo mineiro, que no seu rude criterio sabe tanto apreciar o verdadeiro merito, como castigar os insolentes.

E' crença geral aqui que o honrado sr. Faria Lemos não deixará a presidencia de Minas sem fazer alguma cousa no sentido de nossas reclamações.

Estamos convictos de que o velho e honesto magistrado, encanecido na missão ardua e sublime de distribuir justiça, não desmentirá o seu passado glorioso, agora que o governo imperial confiou-lhe uma commissão tão espinhosa e importante, quanto na altura de seus provados merecimentos. O povo mineiro, que tem sido tão mystificado, está com os olhos fitos em s. exc., de quem espera protecção para seus sagrados direitos.

O honrado presidente não imitará, por certo, ao sr. dr. M. Portella, que, arrastado pela força poderosa dos empenhos, atropelladamente approvou um celebre regulamento interno vexatorio e iniquo. Acreditamos que assim não acontecerá; entretanto, essa inqualificavel demora por parte da presidencia já vae levando suspeitas...

Para terminar, perguntaremos ao honrado sr. desembargador Faria Lemos : que obstaculo poderá encontrar um administrador—serio e independente—para cumprir as disposições claras e terminantes de um contracto ?

(Continuar-se-ha).

Um aquatico.

Como se viu, não podia ser mais acrimoniosa a lucta entre a Empreza Balnearia e os seus desaffectos, e o D.r Lopes Chaves, com todo o seu prestigio e boas maneiras, não poude conciliar os animos, e, para mais difficultar-lhe a posição, em fevereiro de 1887 eu intervim no debate contra a Empreza, publicando no «Jornal do Commercio» um artigo, em que esposava todas as vistas do—Um

Aquatico— sustentando que o resfriamento da agua dos *Macacos*, atravez dos encanamentos, lhe alterava as propriedades therapeuticas, porque determinava a precipitação dos seus saes, de sorte que se devia construir um segundo estabelecimento balneario. O meu artigo estava inçado de erros palmares de chimica, filhos da minha ignorancia de então, e as minhas affirmações foram completamente pulverizadas pelo sabio mestre, D.r Agostinho José de Souza Lima, que em janeiro do anno seguinte veiu a Poços de Caldas, commissionado pelo governo, para dizer algo acerca das questões em debate. E' o que consta do relatorio, que vai abaixo publicado, seguido de outro do illustrado sr. D.r Garcia Redondo, no qual este illustre profissional dá conta dos novos trabalhos de canalização da agua da fonte dos *Macacos*, mandados fazer pela Empreza Balnearia, com o intuito de dar satisfação ás reclamações do publico.

Relatorio sobre as aguas mineraes de Poços de Caldas, Lambary e Caxambú

O presente relatorio é dividido em quatro partes ou capitulos, das quaes as tres primeiras são destinadas ao estudo de cada uma das aguas mineraes correspondentes ás tres localidades principaes, percorridas na minha excursão hydrologica. Assim, na primeira tratarei dos Poços de Caldas, na segunda do Lambary, com um pequeno additamento sobre Cambuquira, e na terceira de Caxambú, de passagem occupando-me tambem de Contendas.

A quarta e ultima parte será consagrada á resposta das questões propostas pelo exmo. sr. inspector geral de hygiene e approvadas pelo governo imperial.

I — POÇOS DE CALDAS

Cheguei a essa localidade no dia 28 de janeiro do corrente anno, e encontrei a completamente transformada, a comparar com o estado em que a vi em 1874, fazendo parte da commissão que nesse anno foi mandada a analysar estas aguas. E' hoje uma povoação occupada por umas 200 casas, habitada por mais de 1.000 pessoas, e servida por um ramal de estrada da Companhia Mogyana, cuja estação terminal fica ahi proxima do estabelecimento balneo therapico (apenas alguns metros).

Este estabelecimento e aquella linha ferrea são os dous principaes melhoramentos realizados nessa localidade.

As fontes thermo-mineraes passaram tambem por uma transformação profunda, estão hoje beneficiadas e convenientemente tratadas. Ficam abrigadas em duas casas, pouco mais ou menos das mesmas dimensões, uma de fórma quadrada e a outra octogona, donde partem os encanamentos que levam as aguas ao estabelecimento. Nesta de fórma octogona, acham-se reunidas as fontes de nome *Pedro Botelho* e *Maria*, (tambem chamada Mariquinhas), já

assignaladas pela commissão de 1874, e mais outra conhecida pouco tempo depois e denominada *Chiquinha*.

Estas tres fontes communicam com o estabelecimento balneario e despejam nelle suas aguas por um conducto de 40 metros de extensão, até sua entrada no dito estabelecimento, dentro do qual ellas correm através de canos especiaes de madeira, estreitas calhas, perfeitamente fechadas, tendo aberturas correspondentes a cada banheira, nestas aberturas são applicadas grossas rolhas de páo, que retiradas deixam cahir a agua primeiramente em uma pequena cuba ou de pressão collocada fóra da banheira, mas junto della em relação com a parte da cabeceira, e communicando com o interior da mesma por um orificio existente no fundo da parede divisoria.

Tem por fim esta disposição garantir o mais possivel a temperatura empregada no banho, e manter a maior igualdade da mesma em toda a massa liquida, como é de bom conselho.

Ha quatro filas ou series de banheiras, collocadas em linha recta, sendo duas centraes, todas de madeira, em numero de 32, e destinadas a doentes de 2.ª classe, e outras duas aos lados ou por fóra destas em numero de 26 feitas de cimento, para doentes de 1.ª classe. Ao longo de cada série de banheiras correm tres ordens daquelles conductos, sendo uma para as aguas reunidas das duas fontes Mariquinhas e Chiquinha, outra para a da fonte Pedro Botelho, e, finalmente, a terceira para a da fonte denominada Macacos.

Esta ultima fonte acha-se isolada na casa de fórma quadrada, distante do estabelecimento de banhos 574 metros, conforme se vê da planta junta, que me foi obsequiosamente offerecida pelo sr. engenheiro dr. Garcia Redondo.

Comquanto a fonte Chiquinha tivesse sido encontrada depois dos estudos da commissão de 1874, e, portanto, sua agua não tenha ainda sido analysada, julgo essa analyse dispensavel e desnecessaria.

Mesmo agora difficilmente ella poderia ser executada com rigor, em virtude das obras de captação e outras realizadas em beneficio da referida fonte, cuja agua se mistura com a da Mariquinhas na mesma divisão do poço.

Seria preciso, para isso, levantar o grande tablado collocado sobre estas duas fontes e estabelecer a sua separação completa. Disse, porém, que já agora julgo dispensavel esta analyse, pelas razões seguintes:

Em primeiro logar, consta do interessante escripto do dr. Pedro Sanches de Lemos sobre as *Aguas thermaes de Caldas* (1884) que a temperatura da fonte Chiquinha foi opportunamente achada igual á da fonte Mariquinhas (44°), a mesma que ainda hoje conserva a mistura, examinada na occasião em que entra nas banheiras.

Em segundo logar, a identidade tambem de composição chimica entre as aguas destas duas fontes é até certo ponto evidenciada pela inalterabilidade da da fonte Mariquinhas após a sua mistura com a outra, acareados os resultados da analyse feita em 1874, sobre aquella, com os que obtive agora dos exames a que procedi na mistura das duas.

Estes exames consistiram na analyse qualificativa e no ensaio sulfurometrico, com o apparelho de Dufasquier e os resultados combinaram perfeitamente com os da primitiva analyse, isto é, verifiquei as mesmas reacções chimicas, o mesmo titulo sulfurometrico, além do mesmo grão de thermabilidade.

Ora, assim não aconteceria si a agua da fonte Chiquinha fosse de natureza, temperatura e composição diversa; neste caso, misturando se com a da fonte Mariquinhas, forçosamente modificaria as qualidades desta.

Em terceiro logar, lê-se tambem no mesmo alludido folheto do dr. Pedro Lemos que, durante os trabalhos que se executaram nestes poços, se observara o seguinte facto: «A' proporção que as aguas subiam, o equilibrio dos liquidos se restabelecia, o volume da agua Pedro Botelho augmentava o seu jorro e readquiria o primitivo diametro». Isto provava, conforme já anteriormente affirmara o engenheiro dr. Euzebio Stevaux, e a commissão de 1874 o previra em seu relatorio, que essas duas fontes se communicam, o que se verificou depois.

Finalmente, em quarto logar, de tal maneira calou no espirito da população do logar essa convicção sobre a unidade de origem destas tres aguas (Pedro Botelho, Chiquinha e Mariquinhas), que as tem deixado em santa paz nessa bigamia de nova especie: nenhuma reclamação se tem levantado.

O mesmo, porém, não succede com a fonte denominada Macacos, cuja distancia muito maior do estabelecimento, (574 metros), cuja situação em um dos extremos do povoado, tem sido o pomo da discordia e o objecto de queixas e protestos contra a Empreza Balnearia, por ter ella encanado a agua dessa fonte para o unico estabelecimento ahi existente, em vez de edificar outro servido exclusivamente por essa mesma fonte, conforme dizem os reclamantes, está determinado no respectivo contracto com o governo.

Comquanto pareça, á primeira vista, extranha á minha missão nos Poços de Caldas, esta parte das accusações feitas á Empreza, todavia entende directamente com ella na parte relativa á pretendida alteração que a agua dos Macacos soffreu, diz-se não só quanto á sua temperatura, como tambem quanto á sua composição e propriedades therapeuticas.

E' isso o que reza um folheto anonymo, compendiando uma serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio* por um *aquatico* (*) censurando em tom violento e acrimonioso os actos da Empreza Balnearia, folheto que, naturalmente, para meu governo, se apressaram em endereçar-me pelo correio no mesmo dia da minha chegada aos Poços.

Pondo de parte outras questões relativas a cumprimento e execução do referido contracto, e as quaes não me compete apreciar, tomei em consideração as que dizem respeito a essa pretendida alteração da agua dos Macacos, pela distancia da fonte ao estabelecimento, e pelos inconvenientes e defeitos emprestados á canalisação da mesma. Antes de tudo, porém, devo observar que, pela terceira clausula do contracto, os concessionarios obrigam-se a fundar segundo estabelecimento balneario *no caso em que assim o exija a distancia entre aquella fonte e as outras*.

Ora, essa distancia, que foi perfeitamente medida sob minhas vistas, é de 574 metros; está, portanto, longe e não *perto* de um kilometro ou *a quasi* um kilometro, como diz e repete o *aquatico* no seu folheto libello. Estas expressões, assim exageradas, tratando se de uma distancia que pouco excede de meio kilometro são compromettedoras da sinceridade das accusações.

Outra queixa inda mais grave e ainda menos exacta e verdadeira é a que essa agua chega *completamente fria* ao estabelecimento! Posso assegurar que, consultando, durante quasi todos os dias da minha estada nos Poços, a temperatura da agua em questão, no momento em que ella chega ás banheiras e com um thermometro de confiança trazido do laboratorio de hygiene da Faculdade de Medicina, sempre encontrei 39°, tendo achado a de 43°, tomada na respectiva fonte.

Por aqui se vê que a agua perde apenas 4° em todo o seu percurso, e chega ainda com uma temperatura muito sufficiente para certos effeitos clinicos, e ainda demasiado alta para o preenchimento de outras indicações especiaes, guardando sempre a mesma composição chimica.

Nem se póde admittir que essa diminuição de temperatura acarrete a menor differença na composição de aguas tão fracamente mineralisadas, como são as dos Poços de Caldas. Neste particular, sinto discordar da opinião do illustre medico Dr. Pedro Lemos, quando em um artigo publicado em Fevereiro do anno proximo passado, sobre os Poços de Caldas, disse «que as aguas thermo mineraes não devem perder caloria alguma no seu percurso atraves do encanamento, porque

(*) Nome dado a todo o individuo em uso das aguas.

desde que a temperatura baixa, os saes dissolvidos nella se precipitam». Não ha tal, perdoe-me o distincto collega : esta razão só é acceitavel, só exprime uma doutrina perfeitamente correcta, quando se trata de liquidos que representam soluções saturadas, ou pelo menos muito concentradas e proximas do ponto de saturação, portanto, sem applicação ao caso vertente, em que as aguas constituem soluções muito dilluidas, incapazes de apresentar o menor deposito salino só por um pequeno abaixamento de temperatura, nem mesmo pelo resfriamento completo.

Com effeito as analyses de 1874 revelaram em todas estas aguas apenas 0,635 a 0,654 de residuo frio por litro, quantidade muito commum até em aguas potaveis, e muito inferior a de grande numero de aguas mineraes frias.

Nem se póde appellar para a natureza differente dos principios salinos nellas dissolvidos, visto como o que domina na composição das de Caldas o carbonato de sodio, é, como se sabe, nimiamente soluvel.

Eu poderia citar numerosos exemplos de aguas mineraes em temperatura inferior á dos Poços de Caldas, tendo em dissolução uma quantidade muito mais consideravel de saes ; contento me, porém, em apontar como um dos mais eloquentes o das aguas sulfurosas de Uriage, no oriente da França, em Isère, que com a temperatura de 27° têm em dissolução 10 gr., 436 de principios salinos fixos por litro, isto é, 16 vezes mais do que as de Caldas.

Nem mesmo o elemento sulfuroso se perde : aqui dá-se exactamente como em Molitg, no Sul da França, fonte Slupis, cuja temperatura nativa é de 38° e não passa de 34° a 35° no local dos banhos, conservando, segundo Constantino James (*) todos os seus principios sulfurosos. Mais adiante exponho como cheguei áquella verificação.

A prova ou argumento que o erudito collega adduziu, para explicar a precipitação dos saes das aguas thermo-mineraes dos Poços, é tirada do facto seguinte :

« Antigamente, diz elle, quando as fontes thermaes não estavam beneficiadas e eram poços de aguas espraiadas, os saes precipitavam-se em torno das nascentes, nos logares em que baixava a temperatura : massas de saes eu tive nas mãos, e viram todas as pessoas que aqui moram e são daquelle tempo. »

Ha forçosamente engano de interpretação : a condição physica que produzia este phenomeno era antes do que a perda de calor a grande evaporação do liquido, tanto mais notavel quanto era favorecida pela temperatura relativamente elevada das aguas e pela extensão e larga superficie de exposição ao contacto do ar, isso ainda

(*) *Guide practique aux eaux minerales.*

admittindo que toda essa massa de residuos apanhada fosse realmente constituida por saes, de que uma parte podia ser extranha á composição natural da agua e formada pela acção do oxygenio e do gaz carbonico do ar sobre os elementos della, e não em grande parte pela materia organica, ou antes organizada, peculiar ás aguas desta natureza.

Se naquelle tempo, como diz o estimado collega pela imperfeição do encanamento, tambem laminas de saes entravam pelos orificios das banheiras, a causa era a mesma e hoje o facto não se dá mais pela melhor construcção dos conductos.

Assim, pois, vê-se que não só pode-se, mas ha mesmo vantagem e até necessidade de resfriar um pouco mais esta agua, para obter certos effeitos especiaes e proporcionar o que o Dr. Pedro Lemos chama o ideal do banho thermal, que é a temperatura de 36° de agua corrente.

Para isso, ter-se-á ou de fazel-a ou demorar por tempo sufficiente em reservatorios apropriados antes de sua distribuição nas banheiras como os que já a empresa possue assentados no estabelecimento ; ou mistural-a com agua commum fria na proporção necessaria, o que seria neste caso inconveniente tratando se de aguas tão pouco mineralisadas, que se tornariam ainda mais fracas : salvo se se quizesse aproveitar, para esse fim, de uma agua sulfurosa fria, da qual adiante tratarei, e que offereceu aos ensaios com os mesmos reactivos empregados na analyse das outras, os mesmos resultados : ella foi mais recentemente descoberta em outro ponto afastado do povoado do outro lado do ribeirão dos Poços.

Não seria esta uma pratica nova ou original nem extravagante, porquanto em varios logares da Europa assim se faz ; haja vista a estação denominada *Bagnols les-Bains*, ao sul da França (Lozère), de aguas sulfurosas quentes, talvez as que mais se assemelham com as dos Poços de Caldas. Lá existem seis fontes, das quaes duas mais importantes, a 41.° alimentam as piscinas, as duchas e os banhos mitigados ou temperados, que se obtem com a mistura destas aguas com outras duas provenientes de fontes menos quentes (a 31° e a 36°).

Em Guagno, na Corsega, existem egualmente duas fontes de aguas sulfurosas quentes, cuja temperatura é de 52.° no ponto de emergencia que é commum.

Uma parte destas aguas é directamente utilisada em duchas, mas a outra é derramada em vastos depositos, donde, após o resfriamento conveniente, é distribuida nas piscinas e banheiras.

Os medicos de Aix-la Chapelle (Prussia Rhenana), que dispõem de aguas sulfurosas quentes desde 44° até 55° raramente empregam o banho em temperatura superior a 34° e 35° portanto resfriam para certos usos. Quando elles querem promover effeitos mais energicos, preferem as duchas.

Tambem o inverso se pratica como por exemplo nas aguas quentes (*Eaux Chaudes*) dos Baixos Pyrinéos, em que ha seis fontes, desde 11.° até 36.° de temperatura, e que são muitas vezes previamente aquecidas para servir aos banhos de duchas.

Em Sehingnach, na Argovia (Suissa), eleva se artificialmente para os mesmos fins a temperatura da agua sulfuro-calcarea de que ahi existe e cuja thermalidade não excede de 33°.

Do que fica exposto resulta claramente a improcedencia da allegação relativa ao pretendido resfriamento da agua da fonte dos Macacos, e fica ao mesmo tempo demonstrado o nenhum inconveniente de uma pequena diminuição de temperatura e, pelo contrario, a vantagem de uma diminuição um pouco mais forte.

Não deixarei este ponto sem destruir o valor de mais uma objecção maliciosa e infeliz que o auctor do folheto anonymo invoca em seu favor e contra as obras da Empreza Balnearia, e vem a ser que o encanamento que liga a fonte Macacos ao estabelecimento atravessa *pantanos e rios*!

Quanto á primeira parte é inexacto: declaro que não vi taes pantanos; si os houve, não existem mais, a menos que o aquatico se refira ás margens em alguns pontos alagadiços do ribeirão dos Poços; isto, porém, se dá sómente por occasião de enchentes, o que é um facto puramente accidental e sem influencia sobre as aguas thermo mineraes, porque, além da distancia e altura das fontes, os terrenos ahi seccam com muita facilidade.

Quanto á segunda parte, é verdade que o encanamento da fonte dos Macacos atravessa mais de uma vez esse ribeirão, mas por cima, em fórma de ponte, e não por baixo nem por dentro, como faz suppor, a expressão usada pelo aquatico. E nesse caso que influencia póde exercer sobre a agua em questão semelhante circumstancia?

Na hypothese, porém, de ter se dado aquelle resfriamento completo da agua da fonte Macacos, ou sómente mesmo um grande abaixamento de temperatura, seria preciso ainda inquerir a causa desse facto, que ninguem estava auctorizado a attribuir necessariamente ás obras ahi realizadas, sob pena de cahir no vicio — post hoc ergo propter hoc. E, com effeito, as experiencias de muitos observadores, diz o hydrologista Lefort, tendem a demonstrar que, si muitas aguas thermo-mineraes têm conservado desde seculos até nossos dias seu primitivo grau de temperatura, um certo numero têm accusado differenças sensiveis em epochas mais ou menos afastadas de nós.

Tudo leva a suppor que aguas mineraes frias possuiam, em epocha muito remota, temperaturas mais ou menos elevadas; outras, que foram thermaes, tem se tornado ao contrario frias. O auctor aponta diversas causas que têm podido determinar este phenomeno, independente dos trabalhos executados para a captação das fontes e distribuição das aguas.

Passo agora a tratar do outro ponto, referente ás pretendidas alterações de composição da agua da fonte Macacos, em prejuizo manifesto de suas propriedades therapeuticas ; facto tanto mais grave e lamentavel para os interesses da localidade e os creditos dos Poços de Caldas, quanto foi sempre essa fonte a mais acreditada e afamada entre o povo e geralmente preferida, talvez justamente pela sua temperatura mais baixa e supportavel por mais tempo.

Eu estava bem longe de pensar na discordia e ostensiva hostilidade movida contra as obras e actos da Empreza Balnearia, sobretudo em relação á fonte Macacos, em que elles provocaram as iras e o anathema de uma parte da população ; ao contrario teria ido levando recursos para uma analyse qualitativa mais completa, e um apparelho sulfurometrico, para a dosagem do gaz acido sulphydrico.

Felizmente quanto a esta segunda parte do problema, sem duvida a principal, tive a fortuna de encontrar no estabelecimento uma caixa com o apparelho sulfurometrico — de Dupasquier, ainda virgem pertencente ao gerente da Empreza, o digno e conceituado medico Dr. Carlos de Sá Leite, que pol-o immediatamente á minha disposição.

Procedendo a este ensaio repetidas vezes e com o maior cuidado, seguindo o conselho muito judicioso de Leconte, que manda primeiro acidular com acido chlorydrico as aguas que como esta forem de reacção alcalina, afim de impedir absorpção e portanto a perda de certa quantidade de iode, consegui determinar positivamente o titulo ou gráu sulfurometrico actual da agua em questão, e que foi achado exactamente egual ao que encontrou a commissão de 1874, isto é, dous graus, correspondendo a 0,0 1748 de acido sulphydrico por litro.

Para a analyse qualitativa tinha eu levado uma caixinha contendo sómente os principaes reactivos e instrumentos mais necessarios ; delles me servi, tendo deante dos olhos, para confronto, o relatorio da alludida commissão e os resultados obtidos agora são inteiramente identicos aos que ella havia consignado nesse trabalho ; deixando assim bem patente a existencia dos mesmos principios salinos, pelo menos dos elementos predominantes na composição da agua incriminada.

Estava para mim liquidada a questão ; porém, como era preciso vencer e nullificar a convicção contraria do povo ou antes do grupo hostil á Empreza, entendi que devia dar toda a publicidade possivel aos mencionados exames. Para isso solicitei a presença de todos os medicos então existentes na localidade, como testemunhas mais competentes e insuspeitas, franqueando tambem a analyse a quaesquer outras pessoas que desejaram assistir.

Deante de uns e outros reproduzi todos aquelles ensaios e os resultados foram ainda os mesmos, attestando a inalterabilidade da agua da fonte dos Macacos.

Isso deu logar a que fosse lavrada incontinente uma acta consignando este facto, e que foi assignada pelos cinco medicos presentes, e publicada em uma folha de S. Paulo.

«Nós abaixo assignados, doutores formados pelas Faculdades de medicina do Rio de janeiro e Bahia, declaramos, sob juramento de nossos graus, que assistimos no dia 31 de Janeiro de 1888, no estabelecimento balneario dos Poços de Caldas á analyse qualitativa e sulfurometrica, praticada pelo Illm.º Sr. Dr. Agostinho José de Souza Lima, lente cathedratico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aqui vindo em commissão do Governo Imperial para este fim, analyse feita pelos mesmos processos empregados em 1874, e verificamos que as aguas da fonte Macacos chegam ao estabelecimento balneario sem alteração alguma apreciavel. A prova scientifica mostrou que a analyse de 1888 é em tudo identica a de 1874.

Poços de Caldas 31 de Janeiro de 1888. — Dr. Pedro Sanches de Lemos.— Dr. Antonio dos Reis Araujo Goes.— Dr. Virgilio Fabiano Alves.— Dr. Cornelio Vaz de Mello.— Dr. João Luiz de Lemos».

Assistiu tambem a esta demonstração o illustrado medico, gerente da Empreza, Dr. Sá Leite, que, por bem ou mal entendido escrupulo, deixou de assignar esse documento, dando mais uma prova de isempção de animo, que sempre soube guardar nessa questão; facilitando-lhe por isso todos os meios para resolver este ponto controverso, que tanto affectava e podia comprometter o futuro aos doentes afastando os sem rasão, sem fundamento sério, do uso das aguas, ou pelo menos diminuindo a confiança que sempre inspiraram.

Como já disse, foi aquelle distincto collega quem gentilmente forneceu me o sulfurometro de Dupasquier, que neste caso ia prestar o serviço da espada de Alexandre, apenas com a esperança, mas sem certeza de que o resultado da operação lhe fosse favoravel.

Submetteu se a este julgamento scientifico e impessoal com a legitima anciedade de quem deseja e precisa definir a sua posição, disposto a tomar promptas e energicas providencias no sentido de corrigir os erros, vicios ou defeitos assignalados como causa da alteração das aguas, si o *veredictum* viesse confirmar e consagrar a verdade desta accusação.

Demais, no intuito de responder e destruir a objecção que já havia sido armada pela malevolencia, relativa á substituição ou mistura fraudulenta de aguas, mandou o Dr. Sá Leite esvasiar completamente para o ribeirão toda a agua das fontes Pedro Botelho, Chiquinha e Mariquinhas, emquanto se escoava se nas banheiras sómente a da fonte Macacos.

Nesta foram reproduzidos todos os ensaios e verificados os mesmos resultados analyticos.

A' vista do exposto, creio que nenhuma duvida póde mais restar sobre as qualidades physicas e os elementos principaes da composição chimica, em que residem os principios medicinaes destas aguas.

Com effeito, si, depois dos melhoramentos realizados a « thermalidade » da agua dos Macacos não ficou prejudicada com a diminuição que soffreu, si a « alcalinidade » permaneceu sensivelmente a mesma, caracterizada pela reacção egual sobre o papel vermelho de turnesol, e si o grau ou « titulo de sulfuração » não experimentou modificação alguma apreciavel, é claro que essas primitivas virtudes não foram sacrificadas nem compromettidas, sem embargo de qualquer differença, que, a todo o tempo, se possa reconhecer na proporção daquelles elementos constitutivos de agua, na sua composição quantitativa, cuja analyse não fui agora incumbido de fazer.

Pois, como bem diz Lefort, « si a composição chimica de uma agua mineral não é absolutamente variavel, todavia estas variações são tão pouco importantes, que de ordinario a analyse chimica é impotente para descobril-as, e a medicina deve pouco importar-se com ellas ».

A estas circumstancias applicam-se as mesmas reflexões que expedi a proposito das variações de temperatura. Caso se verificassem differenças na composição chimica quantitativa ou mesmo qualitativa das aguas thermo mineraes dos Poços, cumpria ainda indagar a sua causa, antes de attribuir forçosamente ás obras de captação e conducção das mesmas. Além desta, muitas outras podem influir mais ou menos directamente sobre a producção daquelle phenomeno, seja de modo permanente, ou puramente accidental e passageiro, desde as grandes convulsões ou tremores de terra até a simples differença de pressão atmospherica e direcção dos ventos (variações barcanemometricas). A causa mais frequente e cuja influencia é mais accentuada, diz Lefort, é a intervenção de aguas doces proximas e aguas pluviaes.

Ha poucas estações hydro-mineraes nas quaes não se tenha tido occasião de observar misturas desta natureza, de que resulta attenuação do grau de mineralização ou mesmo mudança completa da quantidade das aguas.

Lê-se nos auctores, continúa o mesmo hydrologista, que muitas fontes mineraes têm soffrido e continuam a soffrer incessantemente modificações na constituição de suas aguas.

Citam-se, por exemplo, as de Steinbad, em Teplitz, que segundo Berzelius, conteriam apenas traços dos saes, que 30 annos antes as fizeram classificar por Ambrozzi entre as aguas salinas as mais bem caracterizadas.

As de Rippoldsau, segundo Suttzer, não tinham mais em 1811 o carbonato de magnesia e o sulphato de sodio, que haviam sido ahi assignaladas por Klaprot.

Segundo Hermann, as fontes salgadas de Halle perderam a maior parte do cal que continham, e que foi substituido pela magnesia.

Em Sbombeck, o sulfato de sodio ia pouco a pouco desapparecendo. As aguas de Pyrmont, segundo Struve, gosam da singular propriedade de ser alcalinas e gypsosas, durante os mezes os mais quentes do anno, perdendo esta qualidade durante o inverno. As aguas de Mont'Dore não encerram a mesma quantidade de silica que analyses cuidadosas ahi haviam demonstrado.

Diz Lecocq que as aguas de S. Nectaris e de Vichy não têm mais a mesma riqueza em substancias mineraes e sua composição não é mais a mesma, como na epocha em que ellas formavam os immensos depositos silicosos e aragonitiferos, que se encontram nos arredores das nascentes.

Em 1822, Berzelius, analyzando as aguas mineraes de Carlsbad, não tinha achado potassa, ao passo que o deposito amarello da fonte encerrava fluo silicato deste alcali; depois outros chimicos assignalaram a existencia da potassa nessas aguas mas o exame do deposito recolhido em 1862 não continha mais traços della. Quanto á proporção do alcali encontrado, cumpre ainda notar que as analyses chimicas variam e accusam algarismos diversos, circumstancias que, attendendo á grande auctoridade dos analystas, deve antes ser attribuida á grande variabilidade da composição das aguas.

Finalmente alguns escriptores antigos assignalam fontes hydromineraes que não são hoje mais do que fontes de agua doce potavel.

Voltando aos Poços de Caldas, devo lembrar que, defendendo os trabalhos ahi executados e os melhoramentos realizados, refiro-me aos actualmente existentes e não ás primeiras obras que se fizeram: estas eram reconhecidas por todos como effectivamente imperfeitas e defeituosas e acarretaram alteração sensivel das aguas dos Macacos; e que reunindo a algumas disposições viciosas da installação balnearia, provocou e mereceu as justas observações do dr. Pedro Lemos, constantes do artigo a que alludi no começo deste relatorio. Nesse caso estavam, por exemplo, a bacia aberta e exposta destinada á passagem da agua para o encanamento. Este, relativamente fraco e desprotegido não offerecia a capacidade e a resistencia precisas para impedir as perdas de agua de dentro para fóra e nem a penetração do ar e infiltração de aguas estranhas.

Muito frequentemente rompia-se reclamando concertos, por sua vez, em geral pouco duradouros.

Todos estes inconvenientes porém desappareceram: a bacia feita na fonte lá está sem uso; o encanamento velho foi despresado e

substituido por outro solidamente construido não só quanto ao material empregado, como quanto á mão de obra, de modo a preencher perfeitamente os seus fins, conforme já foi reconhecido e attestado por profissionaes insuspeitos e da maior competencia. (*)

Os vicios inherentes á distribuição da agua no estabelecimento com particularidade nas banheiras foram tambem remediados de maneira a evitar contacto com qualquer metal: os canos e aberturas por onde corre a agua, bem como as rolhas que as fecham, são de madeira. A agua penetra nas banheiras pela parte inferior e sahe por um orificio aberto na parte superior e do lado opposto, permittindo assim á vontade o banho de agua dormente ou corrente.

Nestas condições desapparece por sua vez o inconveniente da distancia da fonte Macacos ao estabelecimento, a qual não é extraordinaria sobretudo tratando se de uma agua francamente mineralizada.

Em algumas estações européas encontra-se a mesma disposição e até com distancia maior: assim por exemplo, a agua de Pfeffers, na Suissa, é conduzida em tubos de madeira a Hof Ragaz que fica distante um kilometro. A agua thermal de Gastein, na Austria, percorre uma distancia de dous kilometros até Hof Gastein onde ella é servida, e reputada tão activa como na sua nascente.

«Experiencias já antigas, diz Lefort, tem mostrado que quando os canos são cercados de corpos maus conductores do calor as aguas thermaes perdem apenas um ou dous graus de sua temperatura, durante um trajecto de um kilometro, mais ou menos, sobretudo si o rendimento da fonte é abundante.

«Quando o trajecto a percorrer é longo, deve-se sobretudo evitar que a agua circule com ar atmospherico; para isso escolhem-se canos cujo diametro seja proporcionado ao jacto da fonte. Não tendo contacto com o ar a agua acha se nas mesmas condições como si o ponto de energia fosse situado na extremidade do encanamento.

Foi isso o que se fez com as aguas dos poços inclusivé a da fonte Macacos e empregando se na construcção dos conductos, manilhas de barro vidrado encaixadas em dobrado tubo de tijolos isolados por uma camada de areia.

E' verdade que existem outros materiaes superiores a esse para tal mister, mas cuja applicação offerece inconvenientes; assim, por exemplo o vidro muito facil de quebrar-se; a gutta-percha e a borracha além de caras, susceptiveis de se deformarem pelos movimentos do terreno, e até de se alterarem nesse meio, segundo Lefort.

(*) Leia-se a este respeito a exposição publicada no n. 1.154 do Diario Mercantil de S. Paulo e que junto a este.

Por consequencia ficam assim destruidas os objecções levantadas contra os actos da Empreza Balnearia na parte que affecta á questão iatro chimica. Fóra deste terreno nada tenho que ver com a veracidade das outras accusações com que por isso não me occupo.

Em conclusão de tudo o que fica exposto, resulta:

1.º, que a distancia da fonte Macacos ao estabelecimento não é de quasi um kilometro, e sim de pouco mais de meio;

2.º que a agua dessa fonte chega ás banheiras com 39º tendo perdido apenas 4º no trajecto: não chega, pois, fria como se inventou;

3.º, que essa temperatura, muito sufficiente para certos effeitos é ainda demasiado alta para outros que não poderão ser alcançados senão mediante um resfriamento conveniente;

4.º, que esse resfriamento póde ser obtido ou pela demora da agua em reservatorios especiaes, apropriados a esse mister ou pela mistura com agua fria (commum ou melhor sulfurosa tambem);

5.º, que as ultimas obras de captação e canalisação de aguas foram feitas com bastante arte, solidez e segurança, para evitar o seu contacto com o ar, principal causa da alteração das mesmas;

6.º, que, de facto nenhuma alteração apreciavel foi denunciada pela analyse qualitativa, cujos resultados corresponderam exactamente aos fornecidos pela analyse realizada em 1874;

7.º, que, portanto, só *póde haver* differenças pequenas e insignificantes *na proporção* dos elementos frios constitutivos da agua e que sómente a analyse quantitativa poderá descobrir;

8.º, que admittidas ou mesmo provadas a todo o tempo essas differenças ellas não importariam prejuizo sensivel das propriedades therapeuticas de que as aguas de Caldas têm gosado e não justificariam de modo algum o descredito que se tem procurado lançar sobre ellas;

9.º, que em todo caso essas differenças não alcançam o grau sulfurometrico das mesmas que foi achado igual em todas as tres (ou quatro) fontes e inteiramente o mesmo obtido e consignado pela commissão de 1874;

10º, que finalmente conservando a agua da fonte Macacos as tres qualidades primitivas que são os principaes factores de sua acção medicinal e curativa a saber: thermalidade, alcalinidade e sulfuração, fica prejudicado e destruido o fundamento capital das queixas formuladas pelos adversarios da Empreza.

Não terminarei, porèm, esta parte do relatorio sem declarar que, não obstante estas conclusões contrarias aos argumentos invocados pelos queixosos em favor da reclamação de um novo estabelecimento balneario exclusivamente supprido pela fonte Macacos, não serei eu quem conteste a *vantagem* de sua fundação mas sómente para commodidade dos poucos moradores circumvizinhos, que, na distancia em

que se acham do actual estabelecimento, ficam privados durante os dias de chuva de utilziar-se das aguas thermaes. A levar a questão para esse terreno é fóra de duvida que seria mesmo muito mais commodo que cada habitante tivesse estas aguas em sua casa á sua disposição. Mas entre esse motivo de *mera conveniencia* e a *necessidade* de outro estabelecimento exigido pela distancia do primeiro conforme a condicional especificada na 3.ª clausula do contracto, vai grande differença.

Estudando as condições que poderiam influir reclamando o cumprimento daquella disposição, vê-se que, além da supposta alteração das aguas, já desmentida, tambem a densidade da população, seria um argumento poderoso em favor da fundação de outro estabelecimento, se ella excedesse os recursos materiaes do primeiro, mas ninguem seriamente allegaria essa circumstancia, que por emquanto está longe de verificar semelhante medida.

Nutro a certeza de que mais tarde ella se imporá fatalmente com o augmento da população, quer fixa ou local, quer adventicia ou accidental, attrahida pelo credito crescente das aguas, e dos meios cada vez mais variados de seu emprego. Até lá, porém, cumpre que os descontentes esperem resignados, e não só abandonem a attitude hostil que guardam para com a Empreza Balnearia, e cujas más consequencias elles compartilham, mas tambem venham em auxilio dessa util e humanitaria instituição; e, em vez de crearem e opporem mil embaraços ao seu progresso e engrandecimento, empenhem todas as suas forças e actividade em beneficio desse resultado, que deve ser o *desideratum* commum.

Neste sentido, faço tambem d'aqui um appello ao governo, solicitando a concessão dos favores de que carece a Empreza, para que o estabelecimento balneo-therapico possa attingir a altura a que tem direito, e assim venha preencher todos os fins dos seus congeneres, dos quaes, é preciso confessar, está ainda longe.

Elle é, por emquanto, uma simples casa de banhos, e debaixo deste ponto de vista pouco deixa a desejar. Não é, porém, sómente nisto que consistem os estabelecimentos desta natureza: faltam ainda naquellas salas os apparelhos especiaes para duchas e banhos de vapor para pulverisação de agua thermal, e para inhalação quer de agua pulverisada, quer de gazes e vapores; para massagem, exercicios e outras applicações desta ordem, faltam ainda piscinas ou tanques de demora e natação, etc. Só com estes e outros recursos se poderá colher das aguas thermaes de Caldas todo o proveito que ellas devem produzir. Antes de chegar a este ponto julgo inteiramente desacertado pensar-se em outro estabelecimento balneario dentro de uma area tão pequena: mais vale possuir um unico bom e completo, adequado a todos os seus variados misteres, do que dous, ambos incompletos, deficientes e incapazes de preencher os seus fins.

Additamento

Tive occasião de referir-me a uma agua sulfurosa fria descoberta do outro lado do ribeirão dos Poços, e que o povo do logar baptisou com o nome de *Sinhasinha*. E' uma fonte pouco rendosa, pouco abundante, que brota á beira de um corrego, tributario daquelle ribeirão, e cuja temperatura é a mesma da agua do corrego. Seus outros caracteres physicos são os seguintes : limpida, transparente, de cheiro e sabor levemente hepatico, sensação fracamente unctuosa ao tacto ; azulesce o papel vermelho de turnesal, e, submettida á analyse qualitativa, com os mesmos reactivos empregados no exame das outras, forneceu resultados analogos, indicando a mesma composição.

Consultando o sulfurometro de Dupasquier, obtive 1 1/2 g.r ; por tanto quasi o mesmo titulo de sulfuração das aguas thermaes. Ella é utilisada pelos doentes em applicação interna ; e poderia, como disse, ser aproveitada para misturar com aquellas afim de obter o resfriamento conveniente para certos usos.

De passagem, finalmente, consignarei a existencia de mais uma nascente, porém de agua de natureza muito diversa, encontrada em outro ponto da povoação; é por ora pouco abundante tambem. O aspecto do leito em que ella corre, bem como seu sabor, denuncia logo sua qualidade ferruginosa, que foi confirmada pelo emprego dos reactivos apropriados.

Forneceu de residuo fixo, aproximadamente 1 g.r, 75, o exame feito sobre a agua, e depois sobre este residuo em solução mais concentrada levou-me á convicção de que se trata de uma agua mineral pertencente ao grupo das sulfotadas ferreo-calcareas, e portanto podendo ser aproveitada para uso interno nos casos em que os seus principios dominantes (ferro e cal) são indicados.

Poços de Caldas (*)

A NOVA CANALISAÇÃO DAS AGUAS DA FONTE MACACOS

Cumprindo a nossa promessa, damos hoje uma descripção minuciosa das obras executadas em Poços de Caldas pelo illustrado engenheiro Dr. Garcia Redondo, para a canalização das aguas thermaes da fonte Macacos.

(*) *Diario Mercantil de 4 de março de 1888.*

A descripção é feita pelo proprio Dr. Garcia Redondo, e para completal a o leitor encontrará no nosso escriptorio um quadro representando, em todos os detalhes, os planos das obras executadas por aquelle distincto engenheiro.

Ligeiro historico

AS FONTES THERMAES DOS POÇOS DE CALDAS SÃO QUATRO E DENOMINAM-SE «PEDRO BOTELHO, MARIQUINHAS, CHIQUINHA E MACACOS»

As tres primeiras surgem do sólo ácerca de 60 metros de distancia do estabelecimento balneario ; a ultima, porém, (Macacos) fica a uma distancia de 573 metros.

Pela analyse feita em 1874, pela commissão medica composta dos Drs. Ezequiel Corrêa dos Santos, Souza Lima e Borges da Costa, verificou se que um litro da agua da fonte Macacos, além dos gazes, azoto e sulphydrico, fornece de residuo fixo 0,6510 constituido pelos seguintes principios :

Acido sulfurico	0,0566
Silicia	0,0200
Acido carbonico	0,2293
Chloro	0,0042
Cal	0,0110
Potassa	0,0165
Soda	0,2973
Materia organica e perdas	0,0491
Magnesia e ferro (vestigios)	—
	0,6510

A composição das aguas das outras fontes é quasi analoga á de Macacos, variando apenas na temperatura que é mais elevada.

«Primitivamente, estas fontes surgiam de excavações do sólo, antigos *barreiros ou lebedouros* de antas e outros animaes, em meio de lodo e pedras soltas (*)».

Mais tarde, constituida a Empreza Balneario, foram as aguas captadas e suspensas á superficie do sólo. Esse serviço um dos mais difficeis e arriscados que realizou a Empreza, foi executado por seu socio o sr. Anselmo de Almeida, com rara felicidade e bastante pericia.

Uma vez captadas as aguas, construio a Empreza barracões provisorios junto ás fontes e ahi começou a fornecer banhos aos enfermos em banheiras de madeira.

(*) *Aguas thermaes dos Poços de Caldas*, pelo dr. Pedro Sanches

No entretanto construia se o estabelecimento balneario. Uma vez concluido o estabelecimento, foram as aguas de todas as fontes canalizadas até elle em simples manilhas de barro vidrado, unidas umas ás outras com argamassas de cimento e collocadas no fundo de vallos sem alicerces nem paredes que as protegessem da compressão do terreno e sem precaução alguma para impedir a perda da temperatura.

O resultado de tal serviço foi que, ao fim de pouco tempo, verificava se que as aguas da fonte Macacos, cuja temperatura é de 44.° centigrados, chegavam ao estabelecimento balneario com perda de cerca de 5.° de temperatura, perdendo-se, além disso, no trajecto, uma bôa parte do volume da agua, pelas fugas occasionadas pelas fracturas do cano em diversos pontos.

Estes factos, levantando geral clamor do publico, obrigaram o governo provincial de Minas a mandar a Poços de Caldas um engenheiro das obras publicas com o fim especial de examinar o encanamento e propor, caso fosse necessario, a substituição por outro. O engenheiro em questão propoz a substituição das manilhas de barro pelo cano de ferro esmaltado ou gavalnisado.

Foi nessa occasião que eu, sendo consultado pela Empreza sobre a adopção do encanamento de ferro, apresentei o meu parecer por escripto, impugnando o emprego de tal material e mostrando os perigos a que ia ficar sujeita a Empreza com a sua adopção.

Era claro que, pelo facto de ser o ferro muito melhor conductor do calorico do que a terra cotta, as perdas de temperatura em um tal encanamento deviam ser muito maiores do que nas manilhas de barro. Por outro lado, em contacto constante com as aguas thermo-mineraes, o ferro seria afinal atacado pelos acidos dessas aguas, sobretudo pelo sulfurico e dahi uma serie de reacções chimicas que (3) dariam em resultado o duplo estrago do encanamento e das aguas conduzidas por elle.

Propuz, portanto, que fosse banido o ferro e que se adoptasse para o encanamento collector o cano duplo de pedra, tijolos e manilha de barro, ficando as manilhas protegidas por uma espessa camada isoladora de areia fina, e, para o encanamento de distribuição dentro do estabelecimento balneario, o cano duplo de porcellana e madeira.

---

(3) Ha engano da parte do illustrado Dr. Garcia Redondo.

As aguas dos Poços não têm os seus acidos em liberdade ; todos elles desapparecem na analyse interpretativa em estado de saes ; e isto em minimas proporções, de modo que as nossas fontes thermaes são fraquissimamente mineralisadas, menos até que muitas aguas potaveis.

N. do auctor.

Submettido este meu parecer ao Club de Engenharia, foi nomeada uma commissão composta dos engenheiros Drs. Paula Freitas, Chrochatt de Sá, Paulo de Frontin e J. Feliciano da Costa Ferreira, os quaes concordaram com elle, divergindo apenas tres dos mencionados engenheiros quanto ao emprego da areia fina, parecendo-lhes preferivel a moinha de carvão, por ser material mais isolador.

Obras executadas

O primitivo encanamento, feito exclusivamente de manilhas de barro, partia do fundo de uma pequena bacia da fonte Macacos, atravessava, em bicames de madeira, o ribeirão dos Poços e um confluente deste e chegava ao estabelecimento balneario com um percurso de 630 metros.

A differença do nivel entre o fundo da bacia e a parte superior dos reservatorios de distribuição, dentro do estabelecimento, nos quaes despeja o cano, é apenas de alguns centimetros.

O novo encanamento que acabo de concluir chega ao estabelecimento com um percurso de 573 metros, diminuindo assim de 57 metros, o percurso entre a fonte e o estabelecimento.

O novo encanamento começa na parte superior da columna da fonte e depois de atravessar em pontes de pedra e tijolo, uma valla que depois foi transformada em braço do ribeirão dos Poços, o proprio ribeirão dos Poços e um confluente deste, chega á entrada do estabelecimento balneario e ahi se bifurca, mandando um ramal directamente para as banheiras e outro para os reservatorios de distribuição.

A differença de nivel entre o ponto de partida na fonte e a entrada nos reservatorios de distribuição é de um metro, e entre o mesmo ponto de partida e a entrada nos canos das banheiras é de 3,m 50.

Com excepção das passagens nas fontes, todo o encanamento está enterrado no sólo, a profundidades variaveis, havendo pontos em que elle desceu á profundidade de 2,m 50, mantendo sempre em todo o seu percurso a declividade de 0,0075 por metro corrente ou 0,75 % até ao ponto em que se bifurca na entrada do estabelecimento.

O cano foi feito da seguinte fórma :

Sobre um alicerce de pedra de 1,m 10 de largura por 0,m 375 de altura respaldado com uma camada de cimento e areia de 0,m025, o que dá para a altura total do alicerce 0,m40, foram erguidas duas paredes lateraes de tijolo de 0,m 25 de largura por 0,m 30 de altura, deixando de cada lado do alicerce um resalto de 0,025 ou entre si um vão de 0,m55.

No centro deste vão ergue-se sobre o alicerce um cano de tijolo de secção quadrada de 0,30 de largura por 0,30 de altura.

Dentro deste cano, foi collocada a manilha de cano vidrado, de 0,07 de diametro interno, tomados os interticios com argamassa de cimento e areia, ficando assim o cano de tijolo a servir de estojo á manilha de barro.

O espaço que fica entre o cano de tijolo (que serve de estojo á manilha de barro) e as paredes lateraes foram cheias de areia fina e bem assim a parte superior do cano de tijolo, sendo o todo coberto por uma abobada de tijolo que assenta sobre as paredes lateraes.

Por esta fórma a manilha de barro, por onde transita a agua, fica envolvida pela camada de areia que, a seu turno, é envolvida pelas paredes lateraes e a abobada superior.

Com esta disposição o centro da manilha de barro fica em todos os sentidos a uma distancia média de 0,^{m}48 da terra que envolve o aqueducto e por onde este passa.

Cumpre accrescentar que, para evitar as infiltrações, as paredes lateraes bem como a abobada que sobre ellas repousa, foram rebocadas com argamassa composta de uma parte de cimento e duas de areia e que com excepção do alicerce, que é feito com argamassa de cal e areia, a argamassa empregada em todo o encanamento é de cimento e areia.

As pontes, sobre as quaes passa o novo encanamento foram feitas com encontros de pedra e arco achatado de tijolo, de 0,^{m}41 de espessura.

São tres tendo duas dellas o vão de 7,^{m}50 e a terceira o de 4,^{m}. O raio dos arcos das duas partes eguaes tem 9.^{m} e o da terceira 6,^{m}5.

Os alicerces dos pegões ou encontros desceram até á camada incompressivel, que é um conglomerato ou *puding* composto de calhaus ligados pelo hydrocelicato de cal, o qual forma a base geral do terreno em toda a bacia em que assenta o povoação de Poços de Caldas.

Como na passagem pelas pontes o encanamento emerge da terra e tem de ficar exposto ao ar, tomei precaução de alargar ahi a superficie occupada pelo aqueducto, augmentando assim a espessura da camada de areia e compensando por este modo o resfriamento pelo contacto com o ar.

Para evitar os damnos que ao encanamento podiam causar as grandes enchentes do ribeirão dos Poços tomei a precaução de aproveitar uma velha valla, bastante larga, existente proximo á fonte Macacos, que despeja no ribeirão dos Poços abaixo da 2.ª ponte, e liguei-a ao ribeirão de modo a desviar para ahi uma parte do volume das aguas deste.

Por esta forma, não só consegui diminuir o volume das aguas do ribeirão, na secção comprehendida entre as duas primeiras pontes, como fiz uma obra de saneamento, transformando uma valla de aguas estagnadas em leito de aguas correntes.

Na fonte Macacos o encanamento foi ligado directamente á columna por onde sobem as aguas das nascentes, na parte superior, fechando-se em seguida o topo da columna para evitar á agua o contacto com o ar.

A antiga bacia, onde cahiam as aguas do Macacos, bem como o primitivo encanamento foram conservados para, na hypothese de ser um dia necessario fazer qualquer reparo no novo encanamento, as aguas transitarem pelo antigo até ser concluido o reparo no novo.

Por outro lado, se um phenomeno geologico qualquer (o que não é de estranhar em terreno vulcanico) produzir um augmento no volume das aguas, o antigo encanamento servirá de valvula de segurança para o despejo do excesso das aguas.

Ao entrar no estabelecimento o cano bifurca-se, como já dissemos : um braço segue directamente para as calhas de madeiras, que distribuem agua pelos banheiros, o outro caminha para os depositos ou reservatorios, que ficam ao fundo do estabelecimento.

Com esta disposição durante o dia a agua segue directamente e tem sahida pelos banheiros, cujo nivel é mais baixo que o dos depositos ou reservatorios, e á noite, uma vez fechadas as torneiras dos banheiros (ou o registro que está collocado na bifurcação), ella, sobe aos reservatorios, onde fica em deposito e arrefecendo.

Deste modo a Empreza poderá fornecer banhos com a temperatura da fonte áquelles que delles carecem nessa temperatura, ou em temperatura mais baixa de 36° até 35° (o que é mais commum), dosando a agua da fonte recebida directamente nos banheiros com a que resfriou durante a noite nos reservatorios.

Taes foram as obras que executei em Poços de Caldas para a canalização das aguas da fonte Macacos.

Quanto aos canos de distribuição pelos banheiros, a Empreza ainda conserva os antigos não me havendo encarregado de os substituir pelos de porcellana e madeira, como indica o meu parecer.

Resultado das obras feitas

Pouco antes de concluido o novo encanamento, tive de ausentar-me de Poços de Caldas, mas deixando instrucções para a conclusão das obras, preveni ao Dr. Sá Leite, socio-gerente da Empreza, que, logo que soltasse as aguas pelo novo cano, ellas haviam de chegar forçosamente muito frias ao estabelecimento balneario, mas que,

desde que o jacto da agua pelo novo cano se mantivesse de um modo permanente, ellas iriam adquirindo paulatinamente a temperatura perdida até alcançarem a normal, em que se manteriam.

Era claro que, partindo as aguas da fonte em temperatura elevada (41° centigrados) e tendo de transitar por um cano relativamente frio numa extenção de 573 metros e com a espessura de 1.m10, ellas haviam de chegar no começo ao estabelecimento balneario, em temperatura muito mais baixa porque durante o trajecto tinham de ceder alguns graus da sua temperatura ao cano, até o aquecerem e estabelecer se o equilibrio da thermalidade entre a agua e o cano.

De facto, soltas as aguas da fonte Macacos pelo novo cano, a 4 de Janeiro ultimo, chegaram ao estabelecimento balneario com a temperatura de 35°,8, tendo perdido, portanto, no trajecto 5°,2.

Poucos dias depois a agua começava a readquirir a sua temperatura, pois esta elevava-se nos banheiros a 36°, depois a 37°, depois a 38° e assim por deante, até que em 31 do mesmo mez, dia em que o Dr. Souza Lima, commissionado pelo governo imperial, fez analyse das referidas aguas, ellas attingiam já a 39°,5.

Por esta forma realizavam se as minhas previsões.

A analyse feita pelo Dr. Souza Lima, e da qual já tem o publico conhecimento, veio provar que as aguas, transitando pelo novo cano, não tinham perdido nenhuma das suas propriedades chimicas e therapeuticas e que chegavam ao estabelecimento balneario no mesmo grau de pureza com que sahiam da fonte.

Poucos dias depois da analyse feita pelo Dr. Souza Lima, tendo se verificado que as aguas não subiam aos depositos de distribuição, por se acharem muito fendidas as calhas de madeira que distribuem a agua pelos banheiros, o que produzia uma perda consideravel de pressão, tornou-se necessario assentar provisoriamente um registro no ponto em que o novo cano se bifurca.

Para fazer este serviço, foi necessario desviar de novo as aguas para o antigo cano, o que produziu o arrefecimento do novo, sendo provavel que neste momento já as aguas transitem pelo cano, e que, tendo-o aquecido, estejam na sua temperatura normal.

São Paulo, 29 de Fevereiro de 1888.

O engenheiro,
Garcia Redondo.

Eis o modo pelo qual foi resolvido o problema da canalização das aguas da fonte Macacos.

Sabemos que de engenheiros abalizados e professores da Escola Polytechnica que examinaram as obras do novo encanamento, entre elles os Srs. Drs. Viriato Belfort Duarte, Eugéne Tisserandot, Conselheiro Domingos de Araujo e Silva e Montmorency, possue a Empreza e os mais honrosos attestados sobre a perfeição e solidez do trabalho planejado e executado pelo Sr. Dr. Garcia Redondo.

A' Empreza que não poupou sacrificios para dotar seu estabelecimento com uma canalização collectora modelo, compete completar a sua obra, substituindo as antigas calhas de distribuição dos banheiros pelo cano duplo de porcellana e madeira indicado pelo Dr. Garcia Redondo, e bem assim fazer as precisas reformas para que as aguas penetrem nos banheiros, por baixo e não por cima, podendo assim fornecer o banho de agua corrente, tão recommendado e tantas vezes necessario.

Por este modo e com mais algumas pequenas reformas, ficará a Empreza com um estabelecimento balneario de primeira ordem, capaz de rivalizar com os mais adiantados da Europa.

Depois das experiencias feitas pelo Dr Souza Lima, mudei inteiramente de idéas em relação á inconveniencia da canalização das aguas dos *Macacos*, e no dia 9 de janeiro de 1890 escrevi um artigo, que foi publicado na—*Breve Noticia—Sobre As Aguas Thermaes de Poços de Caldas*—, em que fazia *amende honorable* e me punha inteiramente ao lado da Empreza Balnearia. Este acto de sinceridade de minha parte acarretou-me muitas censuras, partidas de pessoas que não se achavam ao corrente das exigencias do methodo experimental, o qual fez a sciencia e a civilização, de que todos nos gloriamos;chamaram me de contradictorio, de incoherente e de outros nomes feios. Mas, Deus dos christãos, em que mundo vivemos nós então ! Em primeiro logar, só póde cahir em contradicção um theologo, que vive nos dominios do absoluto e tem soluções preparadas para todos os problemas, em que a humanidade se debate ; mas isto não se dá com o homem de sciencia, que só conhece o relativo e tem o dever de submetter se á dura lei da prova experimental, a qual, sendo *impessoal*, não tem amigos e nem inimigos, obrigando sempre á unanimidade das convicções. E depois, a questão não é de mudar de idéias, mas sim de saber quaes as razões por que certas deias foram abandonadas. Acaso poderia eu, por mera teimosia, tola e inexplicavel, deixar de concordar com as experiencias do D.r Souza Lima, reformando as minhas opiniões ? Ninguem em boa fé o dirá! Sem duvida o testemunho da consciencia, num dado momento da vida psychologica, é verdadeiro, porque elle exprime ao certo os

movimentos da alma ; mas como os juizos que formamos acerca dos estados de consciencia variam com os progressos do intellecto, é evidente que a consciencia de hoje póde não ser a de hontem, amanhã como sempre, assim no passado como no futuro. A coherencia é por certo uma grande cousa ; mas o progresso é a evolução, e esta se faz sob o aguilhão da experiencia, de sorte que o homem civilizado não póde representar o triste papel do marco que jaz fincado á beira da estrada, envelhecendo e apodrecendo, quando tudo á roda delle caminha, evolue e se transforma. Ha mais ainda. Segundo pensa meu sabio collega, o illustre sr. D.r Luiz Pereira Barreto : «Só não varia o medico vadio, que não lê, que não acompanha o febril andamento das conquistas de cada hora (16).»

Mas, de que se queixava o—Aquatico—? Que a canalização dos *Macacos*, fazendo a agua perder calorias, prejudicava as propriedades therapeuticas da fonte sulfurosa. A precipitação dos saes veiu depois, em segundo plano, tanto que a argumentação dos D.rs Souza Lima e Garcia Redondo versou principalmente sobre aquelle particular. Como quer que seja, a temperatura nunca foi considerada como uma virtude no ponto de vista hydrologico, e sim como uma qualidade, que se póde dar ou tirar, á vontade. Em todo o caso, sendo o nosso banho thermal muito quente, pois acha-se comprehendido entre 41°—46° centigrados, como poderiamos dar em Poços de Caldas os banhos mitigados, a temperaturas diversas, si não se refrisasse alguma das fontes, para ser misturada com as outras, tanto mais quanto é identica a composição chimica dos nossos dous grupos hydrologicos ? Por causa dos banhos a altas temperaturas, usados nesta estação balnearia ? Não : para esse mistér a temperatura do grupo hydrologico de *Pedro Botelho*, que é hyperthermal, bastava perfeitamente, não havendo necessidade, portanto, de levantar uma tempestade num copo de agua. Assim, a argumentação do —Aquatico— por este lado, rúe por terra.

O D.r Souza Lima demonstrou, pelo que diz respeito á precipitação dos saes, que o resfriamento da agua dos *Macacos* não a podia causar ; mas que se tratava, no caso vertente, de depositos de materia organica da agua sulfurosa, o que é perfeitamente exacto. Eu vi na Europa, em *Luchon*, em *Cauterets*, em *Uriage*, em *Aix les Bains* e em *Enghien les-Bains*, os mesmos depositos de materia organica ou sulfuraria, todos elles semelhando o caldo de cangica coalhada, e este mesmo facto se reproduz por toda a parte, onde quer que se canalizem aguas sulfurosas, seja qual fôr a materia dos ductos. Mas não antecipemos o assumpto ; prosigamos na nossa tarefa.

---

16 «Estado de São Paulo» de 2 de março de 1913.

Tendo cedido a gerencia ao D.r Sá Leite durante a estada aqui do D.r Souza Lima, prompto o encanamento — Garcia Redondo, que fôra construido para dar uma satisfação ás reclamações populares, serenados os animos, o D.r Lopes Chaves poz se de novo á testa da Empreza, e tratou de dar lhe a fôrma de uma sociedade anonyma ou syndicato, procurando attrahir para a obra do progresso de Poços de Caldas gente e mais dinheiro. Esta sociedade firmou se a 10 de abril de 1888, como consta do documento, que se vai ler.

Escriptura publica que fazem os Srs. José de Carvalho Tolentino, Carlos de Sá Leite, Joaquim Lopes Chaves e Joaquim Pio da Silva, por si, e José Francisco Bernardes, por seu procurador Vital Brochado e C.ª, João Gualberto Teixeira de Carvalho e José Eugenio de Azevedo, por seu procurador Dr. Carlos de Sá Leite, Dr. José Miguel Frias, por seu procurador Jacques Rivière, D. Maria José Marcondes de Mattos e D. Jacintha Candida de Almeida Ayrosa, por seu procurador Ancelmo Fernandes d'Almeida, todos membros componentes da firma social Leite e C.ª, na forma abaixo:

Saibam quantos este instrumento de escriptura virem que sendo no anno do nascimento de N. S. J. C. de 1888, aos dez dias do mez de Abril, presentes os D.rs José de Carvalho Tolentino, Carlos de Sá Leite, Joaquim de Lopes Chaves e Joaquim Pio da Silva, por si, e José Francisco Bernardes, por seu procurador, Vital Brochado & C.ª, João Gualberto Teixeira de Carvalho e José Eugenio de Azevedo por seu procurador Dr. Carlos de Sá Leite, Dr. José Miguel Frias, por seu procurador Jacques Rivière, D. Maria José Marcondes de Mattos e D. Jacintha Candida de Almeida Ayrosa, por seu procurador Ancelmo Fernandes de Almeida, todos membros componentes da firma Leite e C.ª, sendo os tres primeiros por si, e os outros como cessionarios de Ancelmo Fernandes de Almeida, nesta parochia de N. S. da Saude das Aguas de Caldas, na provincia de Minas Geraes, em o Hotel da Empreza, onde eu tabelião, a rogo dos mesmos, vim, sendo ahi presentes, pelos mesmos me foi dito na presença das testemunhas abaixo assignadas e declaradas, tendo resolvido converter a actual sociedade, em sociedade anonyma, para o fim mencionado nas clausulas deste contracto e mais disposições da lei de 4 de Novembro de 1882 e seu respectivo regulamento, sendo que o valor de todas as acções está realisada nos bens, cousas e direitos com os quaes en-

tram os socios nas respectivas partes, ficando a constituição definitiva adiada até que seja apresentada a avaliação, conforme preceitua o art. 26 § 1.º do Regulamento de 30 de Dezembro de 1882.

Clausulas da Companhia Empreza Balnearia dos Poços de Caldas, denominação, fins, capital, sede e duração.

Art. 1.º A sociedade commercial que nos Poços de Caldas tem gyrado sob a firma social de Leite e C.ª, fôra convertida em uma sociedade anonyma, que se denomina Empreza Balnearia dos Poços de Caldas.

Art. 2.º Esta companhia tem por fim adquirir os direitos que, pelo contracto celebrado a 25 de Julho de 1881, entre o governo provincial de Minas Geraes e os Drs. Carlos Pereira de Sá Fortes, José de Carvalho Tolentino e Ancelmo Fernandes de Almeida, forão a estes concedidos e relativo á fundação, uso e custeio de um estabelecimento balneo-therapico, e um edificio de hospedagem de balneantes.

Art. 3.º Adquiridos estes direitos pela competente escripitura publica, ficará a nova companhia senhora de todas as vantagens, e obrigada a todos os onus constantes do referido contracto de 25 de Julho de 1881 e suas modificações.

Art. 4.º O capital da Companhia será de quatro centos contos, dividido em duas mil acções no valor nominal de duzentos mil réis cada uma.

Art. 5.º Este capital está realisado e consiste em bens, cousas e direitos com que para a nova Companhia entram os socios da firma Leite e C.ª, a saber: Drs. Carlos de Sá Leite, José de Carvalho Tolentino, Joaquim Lopes Chaves e Ancelmo Fernandes de Almeida, sendo que a parte deste ultimo é hoje pertencente a Joaquim Pio da Silva, D. Maria José Marcondes de Mattos, João Gualberto Teixeira de Carvalho, José Eugenio de Azevedo, José Francisco Bernardes, D. Jacintha Candida de Almeida Ayrosa, e José Miguel Frias.

Art. 6.º A séde da Companhia será provisoriamente em Poços de Caldas; a assembléa geral, porém, quando julgar conveniente, designará a séde diffinitiva.

Art. 7.º A duração da Compania será a do prazo concedido pelo contracto de 25 de Julho de 1881, isto é, de 8 annos a contar daquella data; das acções e accionistas.

Art. 8.º A acção que fôr possuida por mais de uma pessôa será inscripta em nome de um dos possuidores, o qual será representante della.

Art. 9.º A transferencia das acções se fará por qualquer modo valido em direito, com a responsabilidade determinada no art. 7.º § 2.º da lei de 4 de Novembro de 1882, averbando-se no livro competente, não excedendo a despesa de transferencia de mil réis por acção.

Art. 10.º Haverá no escriptorio da Companhia livro especial para averbações de transferencia para registro nominal dos possuidores de acções e para os mais fins constantes da lei e regulamento relativos á sociedades anonymas.

Art. 11.º O accionista não fica impossibilitado de exercer seus direitos pelo facto de dar em penhor suas acções, ficando sempre com direito aos dividendos.

Art. 12.º O accionista tem direito a examinar pessoalmente uma vez por mez, em dia designado pela directoria, todos os papeis, escripturação e documentos da Companhia; não tem, porém, direito a banhos e hospedagem gratuita no hotel.

Da assembléa geral

Art. 13. A assembléa geral é a reunião de pelo menos, 7 accionistas representando um quarto do capital.

Art. 14. Haverá uma assembléa geral ordinaria annualmente, no mez de janeiro e extraordinarias nos casos e de conformidade com a lei e regulamentos citados.

Art. 15. Estas assembléas geraes serão annunciadas com 30 dias de antecedencia nas capitaes de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro, sendo competente para convocal-as: 1.º a directoria; segundo, o Conselho Fiscal; terceiro, até 7 accionistas representando pelo menos um quinto do capital; quarto, um accionista, auctorizado pelo Juiz Commercial nos casos da lei e regulamentos citados.

Art. 16. Os prazos entre a primeira e a segunda, e entre a segunda e terceira convocações de que trata o § 4.º do art. 15 da lei de 4 de novembro de 1882 serão de 15 dias.

Art. 17.º Só terão direito de votos nas assembléas geraes os accionistas que tiverem as acções inscriptas em seu nome nos livros da Companhia, pelo menos 30 dias antes da reunião, contando-se a votação a razão de um voto para cada 5 acções; nenhum accionista, por qualquer que seja o numero de acções que represente por si ou por outrem, poderá ter mais de 60 votos.

Art. 18. O accionista pode fazer-se representar nas assembléas geraes, seja qual fôr o objecto da reunião por procurador, com poderes especiaes, não podendo ser procuradores nem os directores nem os fiscaes.

Art. 19. Reunidos os accionistas no logar, dia e hora designados, o presidente da directoria ou seu substituto, e, na falta, o accionista possuidor de maior numero de acções, installará provisoriamente a assembléa, procedendo se immediatamente á eleição do presidente diffinitivo, que chamará para secretario um dos accionistas presentes.

Art. 20. A assembléa, geral regularmente, constituida, representa todos os accionistas e suas decisões são obrigatorias.

Art. 21. São admittidos, podem deliberar e votar apresentando os competentes documentos: o tutor por seu pupillo, o pai por seu filho menor, o marido pela mulher quando o regimen for o da communhão dos bens, o representante de firma social e o inventariante pelo espolio.

Art. 22. Nas assembléas ordinarias serão lidos os relatorios dos fiscaes, sendo apresentados discutidos e approvados o balanço, conta e inventario.

Art. 23. A' Assembléa geral compete:

1.° eleger seu presidente 2.° eleger os directores e fiscaes, 3.° julgar as contas, 4.° alterar ou reformar os presentes estatutos, 5.° deliberar sobre a responsabilidade dos membros da directoria, 6.° auctorizar a directoria a celebrar ou invocar e modificar contractos com o governo, a contrahir emprestimos, a tomar em beneficio da companhia quaesquer medidas aqui não previstas, e cumprir as mais disposições da lei de 4 de novembro de 1882, applicaveis á presente Companhia.

Da administração da Companhia

Art. 24. A Companhia será administrada por uma directoria composta de 3 membros eleitos pela assemblèa geral, elegendo elles entre si seu presidente, e determinando a ordem em que devem servir nos casos de impedimento.

Art. 25. Os directores não poderão entrar em exercicio sem possuirem cada um pelo menos cem acções, as quaes serão inalienaveis e depositadas no cofre da Companhia, só sendo restituidas depois de approvadas as contas e entregues.

Art. 26. Não poderão ser directores os accionistas que forem sogro e genro, socios da mesma firma commercial ou industrial,: cunhado durante o cunhadio; tambem aquelle que exercer emprego de confiança na Companhia, ou tiver, quer directa, quer indirectamente, interesse com a mesma Companhia.

Art. 27. A directoria funccionará pelo prazo de tres annos, findo o qual se elegerá um director para substituir aquelle que a sorte designar, ou voluntariamente quizer retirar se, podendo ser reeleito.

Art. 28. Da directoria sómente o presidente será remunerado com a quantia de 300$000 mensaes; esta remuneração, porém, passará para o substituto, nos casos de substituição.

Art. 29. A' directoria compete:

1.º tomar quaesquer providencias sobre negocios da Companhia, fazendo todos os contractos, ajustes e convenções que util e necessarios sejam a seu fim e interesse;

2.º auctorizar todas as despesas e arrecadar a receita, recolhendo para um estabelecimento de credito o que não for preciso para despesas immediatas;

3.º organizar o quadro dos empregados nomeados e dimittil os e marcar-lhes ordenados.

Art. 30. Os directores não votam nas deliberações de suas contas, balanço e inventario.

Do concelho fiscal

Art. 31. As attribuições, direitos e obrigações dos fiscaes são os marcados no cap. 4.º do reg. n.º 8.821, de 30 de dezembro de 1882.

Do fundo de reserva, dividendo e fundo de amortização

Art. 32. A directoria retirará annualmente dos lucros liquidos da Companhia pelo menos meio por cento do capital social para formação do fundo de reserva, que não excederá de trintta contos, empregando-os em apolices ou em acções de outras companhias, conforme deliberar a assembléa.

Art. 33. O fundo de reserva é destinado a despesas com obras novas, reparações e concertos dos edificios, estabelecimento e dependencias da Companhia.

Art. 34. O rendimento ou juro do fundo de reserva augmentará o respectivo fundo até attingir o maximo do art. 32, constituindo, d'ahi em diante renda da Companhia.

Art. 35. A directoria fará semestralmente um dividendo aos accionistas, com o saldo dos lucros liquidos.

Art. 36. Logo que o saldo liquido dos dividendos dê mais de 10 % ao anno, a directoria proporá á assembléa geral a deducção

de uma quota dos lucros para ser empregada em fundo de amortização.

Art. 37. O fundo de amortização é destinado a refazer integralmente o capital social e qualquer desfalque que por ventura se dé, ficando nesse caso suspenzos os dividendos até que seja refeito o desfalque.

Art. 38. Os accionistas deverão procurar receber seus dividendos dentro de 60 dias do annuncio, e, caso não o façam nesse prazo, só poderão fazer no semestre seguinte.

Da dissolução da Companhia e sua liquidação

Art. 39. A Companhia será dissolvida:

1.º expirando o prazo da sua duração, si outra cousa não fôr resolvida;

2.º no caso de perda de 2/3 do capital;

3.º nos casos do artigo 17 da lei de 4 de Novembro de 1882, determinando a assembléa geral a fórma e tempo da liquidação.

Art. 40. Uma vez approvada a fórma da liquidação e partilha por 2|3 dos votos representados na assembléa geral, não haverá mais reclamações.

Disposições geraes

Art. 41. O anno social da Companhia terminará a 31 de dezembro.

Art. 42. Todas as despesas para a acquisição do privilegio, contractos e incorporação da Companhia serão levados á conta de despesas geraes.

Art. 43. A primeira directoria que servirá durante o prazo marcado nestes estatutos será composta dos accionistas Dr. Joaquim Lopes Chaves, como presidente, Dr. Carlos de Sá Leite e Joaquim Pio da Silva.

Art. 44. Ao presidente desta directoria ficam concedidos poderes especiaes:

1.º para, perante o governo da Provincia de Minas, annuir a todos os onus constantes do contracto de 25 de julho de 1881,

2.º para lavrar e assignar a escriptura de transferencia ao privilegio de direitos que por esse contracto tem hoje a firma social Leite e C.ª

Art. 45. Os accionistas da Empreza Balnearia de Poços de Caldas tem realizado suas entradas na proporção seguinte:

Dr. Joaquim Lopes Chaves.....	500 acções
Dr. Carlos de Sá Leite.....	500 »
Dr. José de Carvalho Tolentino.....	500 »
Joaquim Pio da Silva.....	150 »
João Gualberto Teixeira de Carvalho.....	100 »
D. Jacintha Candido d'Almeida Ayrosa.....	50 »
Dr. José Miguel Frias.....	50 »
C.ª J. Fr.ª Bernardes.....	75 »
D. Maria J. Marcondes de Mattos.....	50 »
José Eugenio de Azevedo.....	25 »

e acceitam em integro as clausulas do presente contracto.

Como se viu, a primeira directoria da Empreza Balnearia, depois de constituida ella em sociedade anonyma, coube aos D.rs Joaquim Lopes Chaves (presidente) Carlos de Sá Leite e coronel Joaquim Pio da Silva; mas como em 1890 o D.r Sá Leite mudou-se para S. Paulo, coube me substituil-o, porque tornara me accionista da Empreza, e esta tinha interesse em que eu tomasse responsabilidades de director. A gestão do D.r Lopes Chaves prolongou-se até 23 de setembro de 1890, e, durante este periodo, o coronel Joaquim Pio e eu estivemos á frente da Empreza, successivamente, mas por poucos dias. Dentro deste lapso de tempo, as queixas do povo eram as mesmas, mas sobretudo se falava do Hotel da Empreza, cujo mau passadio e desorganização eram o assumpto obrigado dos inimigos da companhia, não obstante estar o grande hotel sempre cheio e ser procurado pelo melhor pessoal, que visitava Poços de Caldas.

A 23 de setembro de 1890, por instigação do coronel Joaquim Pio da Silva, o D.r Lopes Chaves foi apeado do poder, e uma nova directoria foi eleita, composta dos D.rs José de Carvalho Tolentino (presidente) Oscavo Corrêa Netto e o mesmo Coronel Joaquim Pio da Silva, prolongando-se a gestão do D.r Tolentino até a encampação da Empresa pelo Governo de Minas, a qual tendo sido resolvida pela Lei n.º 147, de 23 de Julho de 1895, só se tornou effectiva pelo Decreto n.º 920 de 8 de Abril de 1896, que «abriu á Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas um credito extraordinario na importancia de 460:000$000, para occorrer ás despesas relativas ao resgate da concessão feita pelo contracto de 25 de Julho de 1881, referente ás aguas thermaes denominadas dos Poços de Caldas, no municipio do mesmo nome, cujas propriedades estão revertidas ao dominio do Estado, em virtude da cessão e transferencia de todas as acções da respectiva sociedade anonyma exploradora da referida concessão»; mas é conveniente observar que a firma Rezende, Santos & C.ª, arrendataria dos estabelecimentos balnearios de Poços de Caldas, começou a funccionar desde 1 de abril de 1896, sendo o seu contracto de

30 de março daquelle anno, havendo ao demais concorrido com..... 100:000$000 para a compra dos *Macacos*.

A nova administração do D.r Tolentino, que foi cheia de luctas, de canceiras e de desgostos, não se fez na mesma companhia: a 8 de abril de 1892, o D.r Oscavo Netto pediu exoneração do cargo de director, por enfermo e fui eu eleito em seu logar; a 24 de abril de 1893, tendo fallecido o coronel Joaquim Pio da Silva, foi eleito director em sua substituição o major José Affonso de Barros Cobra; e foi esta a directoria que se prolongou até a encampação. Vejamos agora os factos mais salientes da gestão — Tolentino, em segunda edição.

Logo que o D.r Tolentino assumiu a direcção da Empreza, entrou se em Poços de Caldas numa relativa calma, cheia até de esperanças. E' que fazia parte da directoria o D.r Oscavo Corrêa Netto, republicano historico e chefe politico da localidade, e todos entenderam que nova epocha de prosperidades se ia abrir para Poços, mórmente porque entráramos em franco periodo de reformas, sob todos os pontos de vista. Infelizmente os beneficios do novo regimen não se fizeram sentir nessa terra, e quando em 1892 fui eleito director, eram tantas e tão acrimoniosas as queixas contra a Empreza — que eu disse ao D.r Tolentino: «Isto não póde continuar. Um de nós precisa de ir a Europa. Será o unico meio de acalmar a irritação popular e de orientar o governo de Minas».

O D.r Tolentino respondeu-me: «Estou de accordo; mas eu sou suspeito. Você é quem deve ir». Não realizei então a viagem á Europa, porque, a conselho do meu velho amigo, o illustre D.r Visconde de Ibituruna, achei pequena a mensalidade que a Empreza se apropositára a fornecer-me para percorrer as estações balnearias do velho mundo. Como quer que seja, além dos motivos de rixa do povo contra a Empreza, outro appareceu, e da maior gravidade: o encanamento — Garcia Redondo, que custára 20:000$000, começou a ceder em varios pontos, a gastar se, e as aguas dos *Macacos*, em vez de correrem para os reservatorios, infiltravam-se pelo chão, de maneira que nas banheiras do estabelecimento de *Pedro Botelho* faltava agua, e isto, como era natural, levantava uma grita sem nome durante as estações balnearias, sendo que daqui partiam constantemente queixas ao Governo de Minas, pedindo se energicas providencias e reclamando-se novamente a construcção de um segundo estabelecimento sobre a fonte dos *Macacos*. O D.r Tolentino procurou aparar os golpes, e officiou ao Governo dizendo que o encanamento seria reparado, e que não havia, portanto, necessidade de se construir segundo edificio de banhos. A nada attendeu o Governo, e o despacho do Presidente do Estado de 22 de dezembro de 1892, sob requerimento da Empreza, impoz á mesma a obrigação de fundar o segundo estabelecimento

balneo-therapico, sobre a fonte dos *Macacos*, nos termos da clausula 3.ª do seu contracto de 25 de julho de 1881. A' vista disto, a assembléa geral de 24 de abril de 1893 auctorizou a Empreza a construir o estabelecimento dos *Macacos* e a melhorar o de *Pedro Botelho*, *reformando a sua canalização*, podendo a directoria lançar mão do fundo de reserva no valor de 64:679$400, para occorrer a estas despesas. Munido desta auctorização, e com o fim de ser util, o D.r Tolentino, ao mesmo passo que iniciava a construcção da segunda casa de banhos, á míngua de orientação, outra que não fosse a do habil architecto João Baptista Pansini, resolveu substituir a canalização — Garcia Redondo por tubos de ferro galvanizado, que tambem foram empregados na distribuição das aguas sulfurosas, dentro do estabelecimento de *Pedro Botelho*. E que outro alvitre poderia elle tomar? A canalização em tubos de barro havia dado pessimo resultado, em duas tentativas, porque o terreno cedia e os ductos se partiam.

Portanto, o unico meio de assegurar a canalização e a distribuição das aguas dos *Macacos* no velho estabelecimento se impunha, tanto mais, quanto Pansini, homem muito lido e instruido, affirmava que outra cousa não se fazia na Europa. Póde-se bem imaginar os protestos que este acto levantou, da parte da população, e a intervenção do Governo não se fez esperar: o decreto n. 726, de 26 de junho de 1894, « impoz á Empresa a multa de 6:000$000 por inobservancia e infracção de algumas clausulas do contracto, determinando lhe que, sem perda de tempo, augmentasse o numero de empregados encarregados dos serviços dos banhos e da limpeza das respectivas banheiras, afim de conserval-as em perfeito estado de asseio, devendo egualmente:

a) « reformar o serviço da distribuição das aguas nas banheiras, de modo a serem todas postas em effectividade de acção »;

b) « substituir as cobertas de zinco por telhas de barro, francezas »;

c) « substituir todo o encanamento de ferro por tubos de grés ceramico, ou de qualquer materia adequada á conducção das aguas sem alteral-as, e bem assim providenciar para que os reservatorios sejam resguardados contra communicações demasiado francas com a atmosphera ». O D.r Tolentino mostrou-se pouco propenso a attender a estas ordens do Governo, e, ao passo que dava impulso ás obras dos *Macacos*, cujo estabelecimento foi inaugurado em 1896, foi adiando as providencias determinadas pelo decreto n. 726. Este procedimento do director da Empresa apressou a encampação, e por isso o contracto de 30 de março de 1896, celebrado entre mim e o Governo, vem no Relatorio do Secretario da Agricultura, precedido destes dizeres: « *Poços de Caldas*. As queixas continuamente trazidas ao conhecimento do Governo contra a Empreza exploradora dessas fontes thermaes

determinaram, conforme expuz no meu ultimo Relatorio, a expedição do Dec. n.º 726, de 25 de junho de 1894, no qual ordens terminantes eram dadas para a regularização da exploração technica das fontes e para maior commodidade proporcionada aos banheantes.

«Violando as clausulas contractuaes, continuou a empreza a desrespeitar as ordens do governo, e, como guarda operoso e fiel dos interesses do Estado, o benemerito Congresso Mineiro apressou-se em dar ao caso a solução mais conveniente aos interesses de Minas, armando o Poder Executivo da faculdade expressa no art. 14 da lei n. 147, de 23 de julho do anno proximo findo. Não era, com effeito, possivel que riquezas immensas como as fontes thermaes dos Poços de Caldas continuassem improficuas á sociedade, como estavam, nada sendo feito pela Empreza exploradora para o beneficiamento da localidade, desrespeitado o contracto e alteradas as propriedades chimicas e therapeuticas das aguas pela natureza da canalização e de alguns dos depositos empregados pela empreza.

«Contra essa exigencia imperiosa do publico, que alli vai procurar allivio a seus soffrimentos, oppunha-se a lettra expressa do contracto de 25 de julho de 1881, o qual marca o prazo minimo após o qual é licito o resgate. Para conciliar os interesses superiores do Estado com as obrigações impostas pela lettra contractual, resolvi após longos e demorados estudos, acceitar como solução mais vantajosa para o Estado a proposta modificada, feita pelo dr. Pedro Sanches de Lemos (17), representante devidamente auctorizado de todos os portadores de acções da Empreza, proposta que, convenientemente debatida e corrigida, foi traduzida em contracto a 23 de março proximo passado (de 1896)».

Teria razão o Governo contra o D.r Telentino? Acho-me hoje habilitado a deitar os pingos nos ii, felizmente.

A ideia da construcção do segundo estabelecimento, para a qual eu concorri em grande parte, foi infelicissima. No mundo civilizado, já o disse, não se edifica segunda ou terceira casa de banhos, sinão quando a primeira não basta para satisfazer a concurrencia dos visitantes, ainda mesmo que seja diversa a composição chimica dos diversos grupos hydrologicos, isto porque a commodidade dos aquaticos exige que todas as aguas mineraes se achem reunidas num ponto só, o que é intuitivo. Por que razão ninguem gosta de estudar medicina em Paris? Porque lá os hospitaes se acham

---

(17) Na assignatura do contracto, que daqui a pouco se vai ler, representei de *figura de prôa*; não fui ouvido nem consultado a respeito, e ainda que o fosse, nada adiantaria, por que a minha instrucção então, no que se refere á hydrologia pratica, era nulla ou quasi nulla.

espalhados por uma area immensa, separados por grandes distancias, de sorte que quem vai á Lariboisière, p. ex., não póde ir a São Luiz, e assim por diante. Isto não acontece entre os povos praticos, como os allemães; esses tratam de reunir todos os elementos de estudos num ponto só, para commodidade do publico. Ora, o que se dá com as clinicas, por egual acontece com as aguas mineraes e com sobra de razão.

A lembrança de se empregarem tubos de grés ceramico para conduzir e até distribuir aguas sulfurosas é de escacha pecegueiro, mórmente no segundo caso, num paiz como o nosso, em que a indisciplina anda de mãos dadas com o desejo de destruir e quebrar. Em *Luchon* e *Cauterets*, cujas installações já são velhas, os tubos de conducção frisam pelo grés ceramico ou cousa que o valha, mettidos dentro de um pesado ducto de alvenaria; mas convem notar: em primeiro logar, que aquellas fontes sulfurosas demoram ás vezes muitos kilometros distantes dos respectivos estabelecimentos balnearios, de sorte que, si não fosse este processo de canalização, chegariam ás banheiras inteiramente frias, havendo então necessidade de mistural-as com a agua commum aquecida para o fornecimento das diversas operações balneotherapicas; em segundo logar, que aquellas canalizações correm pela serra dos Pyrinéos, em terreno granitico, de difficil accesso, e não por um terreno fôfo como o de Poços, pelo meio da rua, submettido aos abalos dos carros de bois, das carroças, dos carros de praça, das tropas, das boiadas, etc. Seja como fôr, tanto em *Luchon* como em *Cauterets* os encanamentos de distribuição são de chumbo e as torneiras das banheiras de bronze, sem embargo de serem aquellas aguas mineraes incomparavelmente mais sulfurosas e chimicamente mais ricas do que as de Poços de Caldas. E não fica nisto. Em *Enghien les Bains*, em *Aix les-Bains* e em *Uriage*, estações sulfurosas tão conhecidas como as já apontadas, os tubos de conducção são de ferro galvanizado, ao passo que os de distribuição são de chumbo em *Enghien* e *Uriage* e de cobre em *Aix les Bains*, segundo me disse o illustre D.r Durand Desmons, não ha muito tempo. Ora, as installações nestas estações hydro-mineraes são recentes; mas devo estender-me aqui acerca de uma dellas, *Enghien-les-Bains*. A mineralização destas aguas sulfurosas, termo médio, é de 0,87, cabendo na somma 0,045 ao hydrogeneo sulfuretado livre, 0,28 ao carbonato de calcio e 0,23 ao sulfato de calcio, tudo para um litro de agua; a estação de *Enghien*, muito mais sulfurosa do que a de Poços de Caldas e muito mais mineralizada, está a 11 kilometros de Paris, e é servida por 120 trens rapidos por dia, fóra os bonds electricos de 15 em 15 minutos; o estabelecimento balneario de *Enghien-les Bains* é modernissimo, está ás portas de Paris, e, portanto, deve achar-se ao nivel de todos os progressos da sciencia hydrologica. Sendo assim, por que razão serão de ferro

galvanizado os tubos de conducção das aguas de *Enghien* e de chumbo os tubos de distribuição? Porque, segundo Lecomte Denis, E. Hallé e L. Helary, que são summidades na materia: «O ferro galvanizado não é atacado senão levissimamente pela agua sulfurosa e *póde resistir ás pressões consideraveis dos reservatorios*». (18) E o chumbo? Segundo as mesmas notabilidades: «o chumbo não é atacado pela agua sulfurosa senão depois de certo tempo; uma simples lavagem dos conductos sob pressão basta para limpal-os de todo».

Assim, o dr. Tolentino teve razão para fazer o que fez, e a melhor prova deste asserto está em que a obra delle perdura até hoje, sem alteração, pelo que diz respeito a encanamentos, tendo sido modificado o estabelecimento de *Pedro Botelho* quanto á sua coberta, que passou a ser de telhas francezas em vez de zinco, e á installação das duchas, da pulverização, da inhalação e da *humage*, e tudo isto se fez sem em nada se mudar o tamanho e a fórma do edificio. Por que, pois, tanto barulho, que chegou a rematar na encampação? Por uma simples razão: si desde 1881 a empresa houvesse mandado um medico á Europa, para estudar estas questões praticas de hydrologia, que os livros não ensinam; si o dr. Tolentino seguisse o meu alvitre em 1892 e não me regateasse dinheiro; certo que as cousas não tomariam o rumo, que seguiram, e muitos dissabores teriam sido evitados. Desgraçadamente, não são as idéas que governam o mundo e sim os factos, e infeliz daquelle que não se submette a elles, *calcando pela fórma do sapateiro da casa*!

Vencido no terreno das realidades, o dr. Tolentino teve que se resignar á encampação, tanto mais quanto os seus co-associados sentiram que a luta era impossivel e desegual, e depois, as promessas eram tantas e tão grandiosas, que seria um acto de lesc-patriotismo contrariar as vistas do *alto*, que tudo póde e manda. Foi sob a pressão destas idéas que se realizou a ultima assembléa geral da companhia, a 27 de janeiro de 1896, sendo a reunião presidida pelo D.r Barão de Miranda, secretariado por mim. Vale a pena transcrever o curioso documento.

Acta

Aos 27 dias do mez de Janeiro de mil oito centos e noventa e seis, ao meio dia, no escriptorio da Empreza Balnearia de Poços de Caldas, hora e logar designados para a reunião da assembléa geral dos accionistas da mesma Empreza, acham-se presentes o D.r. José

---

18 A pressão dos reservatorios concorreu muito para o escangalhamento do encanamento Garcia Redondo, em Poços de Caldas.

do Carvalho Tolentino, representando seiscentas e cincoenta acções; o Dr. Antonio de Padua Assis Rezende, representando 550 acções; o Dr. Barão de Miranda, representando 350 acções, 250 suas e 100 de Manoel Antonio de Moraes, cuja procuração apresentou; o Coronel Agostinho José da Costa Junqueira, representando 50 acções; o Dr. Francisco de Faria Lobato, representando 60 acções; Luiz Augusto de Loyolla representando 30 acções e o Dr. Pedro Sanches de Lemos representando 50 acções.

Expostos os fins da reunião pelo Presidente da Companhia, Dr. José de Carvalho Tolentino, este convidou o Dr. Barão de Miranda para presidir á reunião, o qual convidou por sua vez o Dr. Pedro Sanches de Lemos para servir de secretario.

O Presidente da assembléa convidou o secretario a ler o parecer do Concelho Fiscal, lavrado a 31 de Dezembro de 1885, o qual concluia pela approvação dos balanços e mais papeis relativos ao anno social de 1885, e tendo sido sobre este parecer aberta a discussão nenhuma impugnação appareceu pelo que foi elle posto a votos e approvado.

Em seguida, o Presidente da assembléa convidou o secretario a ler o relatorio apresentado pelo presidente da Directoria, o qual declarava: que o Estabelecimento dos *Macacos*, cuja construcção fôra ordenada pelo Governo, estava quasi concluido e podia ser logo inaugurado: que a Empreza e a Camara desta Villa haviam accordado uma permuta de terrenos, situados á rua da Estação, para possibilitar a abertura de uma rua, o que isto havia sido dado por assentado entre a mesma Camara e a Directoria da Empreza; sendo que a Directoria pedia auctorisação á assembléa para vender os lotes de terrenos que ficavam á margem da rua projectada, assim como os lotes de outros terrenos situados no logar denominado Olaria, porque, sendo elles inuteis á Empreza, podiam dar uma renda, que talvez bastasse ás obras de reformação do antigo estabelecimento balneario; que o primitivo estabelecimento de banhos necessitava urgentes reformas, não só exigidos pelo governo como tambem conducentes a pol-o a par dos seus congeneres da Europa, como sala de duchas frias e quentes, sala de inhalações, de massagem, de electricidade, de humage, etc., e que para isso pedia á Assembléa a necessaria auctorisação; que tendo o Governo resolvido encampar a Empreza, que a Directoria, de accordo com todos os accionistas, entrou para tal fim em negociação sob as seguintes bases: venda das 2.000 acções por 460:000$000, pagamento das despezas feitas com o Estabelecimento dos *Macacos*, desde o dia 10 de Junho de 1885, até o dia da entrega da Empreza, distribuição do que houvesse em caixa pelos actuaes accionistas, respeito aos contractos feitos, entrega da Empreza no dia em que fosse effectuado o pagamento, que é á vista, sendo que o prazo para esta operação foi marcado até o dia 4 de

Fevereiro proximo futuro, cessando nesse dia os compromissos de parte á parte, caso não se realizasse o negocio.

Não tendo havido impugnação a este relatorio, foi elle dado por approvado, ficando resolvido que se distribuisse o dividendo de 10 % aos accionistas, relativo ao ultimo semestre.

Resolveu ainda a Assembléa, por proposta do Presidente da Directoria, nomear uma commissão de 3 membros que avaliassem o novo Estabelecimento dos *Macacos*, de modo que o preço da avaliação fosse encorporado ao capital da Companhia.

Resolveu-se unanimemente que a commissão se compuzesse dos seguintes senhores: Barão de Campo Mystico, Sydney Monteiro dos Santos e Octaviano Ferreira de Brito.

Nada mais havendo a tratar-se, deu se por finda a presente reunião, e lavrou se esta acta, que vai assignada pelos membros presentes.

Dr. Pedro Sanches de Lemos, que esta ditou e assigna como secretario.

Dr. Barão de Miranda.
Agostinho José da Costa Junqueira.
Dr. Francisco de Faria Lobato.
Luiz Auzusto de Loyolla.
Antonio de Padua Assis Rezende.
Dr. José de Carvalho Tolentino.

E eu, que em 1896 nem siquer fazia idéa do que fosse uma estação balnearia, entender que si o estabelecimento de *Pedro Botelho* tivesse sala de duchas, frias e quentes, salas de inhalação, de massagem, de electricidade, de *lumage*, etc., rivalizaria com os seus congeneres da Europa! Não póde haver maior ingenuidade: o banho—Frederico, em *Baden-Baden* custou 2.000:000$000 e o banho—Augusta 2.500:000$; mas o novo estabelecimento balneario de *Vichy*, que é um modelo no genero e será inaugurado em maio deste anno, foi contractado por 7.500.000$000, ao passo que o parque-jardim, que o circumda, custará 5.000:000$000. Quando chegaremos até lá? Quando tivermos o que abunda na Europa e escasseia aqui: dinheiro e gente, disposta a pagar o luxo; mas até lá..... muita agua tem que correr por baixo das nossas pontes. A obra do progresso é de evolução e não de revolução, e seria loucura pretender o impossivel. E' preciso progredir, porém, de harmonia com a logica e o bom senso, seguindo o caminho que os outros povos trilharam, e esse caminhar foi lento, mas seguro, prospero e crite-

ricso. *Roma*, como diz o rifão, *não se fez num dia*, e nós não estamos na America do Norte, essa terra feliz e privilegiada, onde se realiza em annos o que o velho mundo gastou seculos para conseguir.

Mas vejamos o contracto de arrendamento, que se seguiu á encampação.

Termo de contracto celebrado com o Dr. Pedro Sanches de Lemos para o arrendamento dos estabelecimentos de aguas thermaes de Poços de Caldas.

Aos trinta dias do mez de Março de mil oito centos e noventa e seis, perante o Sr. Dr. Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, compareceu o Dr. Henrique de Magalhães Salles, como procurador do Dr. Pedro Sanches de Lemos, para o fim de celebrar o contracto acima referido, e, depois de mutuo accôrdo, ficaram combinadas as seguintes condições:

1.ª O governo do Estado arrenda, pelo prazo de vinte e dois annos, contados da data deste contracto, ao Dr. Pedro Sanches de Lemos ou á associação por elle organisada, os estabelecimentos de aguas thermaes de Poços de Caldas, pelo preço annual de trinta contos de reis.

2.ª O arrendamento annual será pago em duas prestações, por semestre, a começar de Abril do corrente anno, sendo o pagamento effectuado até os dias trinta e um de Janeiro e trinta e um de Julho de cada anno, ficando sujeito ao juro *de seis por cento ao anno pelo excesso deste prazo.* (Vide clausula 34ª.

3.ª O arrendatario pagará adiantadamente cincoenta contos de réis de arrendamento, pelos dous primeiros annos, gosando por este facto um abatimento de dez contos de reis no preço do arrendamento, correspondente a este periodo.

4.ª O arrendatario entregará ao governo cincoenta contos para a garantia da execução das obras a que se obriga pelo presente contrato, sendo vinte e cinco contos em apolices do Estado ou da União, que serão levantados no fim do prazo do arrendamento; e vinte e cinco contos em dinheiro, que serão levantados por occasião da approvação e acceitação pelo governo das referidas obras.

5.ª O arrendatario obriga-se a manter o numero de banheiras de primeira e segunda classes, proporcional á quantidade das aguas e ao numero dos banheiros, e bem assim duas banheiras reservadas, para as pessôas que soffrerem de molestias contagiosas.

6.ª O arrendatario obriga-se a fornecer gratuitamente, nos estabelecimentos, banhos ás pessoas pobres. Serão reconhecidas pobres para os effeitos desta condição as pessôas que apresentarem

attestados de indigencia passados pelo parocho, pelo juiz de direito ou por qualquer outra auctoridade, podendo esse attestado ser substituido pelo testemunho de tres pessoas conhecidas.

7.ª Ao arrendatario fica o direito de cobrar por cada banho os preços da seguinte tabella:

Banhos de primeira classe, dous mil reis; banhos de segunda classe, um mil reis.

Estes preços serão revistos pelo governo, de accordo com o arrendatario, desde que estejam realizadas no estabelecimento as obras e os melhoramentos de que trata este contrato.

8.ª O arrendatario poderá, si julgar conveniente, construir novas banheiras superiores ás existentes, as quaes serão de primeira classe, passando aquellas de que trata a condição antecedente a ser de segunda e terceira classe.

9.ª O arrendatario obriga se a fazer as obras seguintes:

a) cobrir de telhas francezas os estabelecimentos balnearios.

b) modificar a canalisação das aguas entre as fontes e as respectivas banheiras, empregando para isto tubos de grés-ceramico ou de porcellana ou de qualquer outra substancia que melhor conserve ás aguas as suas qualidades chimicas e therapeuticas, como os empregados em estabelecimentos congeneres na Europa, a juizo do governo (19).

c) reservatorios com capacidades sufficientes para satisfazer ás affluencias dos balneantes.

10.ª O governo concede o praso de dez mezes para a cobertura dos estabelecimentos e para a terminação dos estabelecimentos dos — *Macacos*.

---

(19) Por acto de 15 de janeiro de 1888, a requerimento da Empreza, o Governo de Minas suspendeu a execução da clausula 9.ª, na parte referente á lettra — b —, no que andou elle muito bem: os tubos de grés-ceramico ou cousa que o valha, só servem para conduzir aguas, que não supportem pressão; mas para ditos de aguas sulfurosas, que estão sob a acção de fortes pressões, são uma velharia.

Em *Luchon* e *Cauterets* os encanamentos de conducção são de barro vidrado; mas esses tubos correm pela serra, chegam acima dos reservatorios e nelles despejam a agua sulfurosa, fóra de toda e qualquer pressão. Em Poços de Caldas quizemos imitar esses encanamentos, a pretexto de não resfriar a agua dos *Macacos*, cuja temperatura natural é excessiva, e sahimo-nos mal na experiencia: a pressão dos reservatorios deu a mão á foice do nosso sólo para arrebentar tudo. E haviamos de voltar outra vez a renovar uma experiencia, que já foi feita duas vezes! E chegam até a dizer que os nossos tubos galvanizados tiraram o cheiro de enxofre ás nossas aguas, o que é o cumulo da falta de observação! Si o nariz estiver habituado, o cheiro de enxofre passa desapercebido. Sinão, não!

11.ª Todas as mais obras serão concluidas pelo arrendatario dentro do praso de trinta mezes.

12.ª Si a conveniencia do serviço o exigir e o governo o determinar, o arrendatario poderá construir sobre as fontes um estabelecimento modelado pelos melhores congeneres de algumas cidades européas.

13.ª O pagamento das despesas, e se seja construido o estabelecimento de que trata a condição anterior, será feito pelo Estado, deduzindo-se a favor do arrendatario trinta por cento da quota annual do arrendamento, até a completa amortização da divida do Estado.

14.ª Si, vencido o praso deste contracto, não estiver ainda amortizado o custo da construcção, o governo pagará o restante de uma só vez, antes de se empossar dos estabelecimentos arrendados.

15.ª Quando o governo julgue conveniente a construcção do estabelecimento a que se refere a condição duodecima, o projecto e o orçamento deste ficarão sujeitos a sua approvação; e se aceita a obra pelo governo, ficará este sujeito ás obrigações constantes das duas condições antecedentes.

16.ª Fica salva ao governo a faculdade de fazer por conta propria, ouvindo ao arrendatario ou a pedido deste, se assim o mesmo governo o julgar conveniente, a edificação de que trata a condição duodecima, pagando neste caso o arrendatario o juro de sete por cento ou outro que se convencionar, a titulo de aluguel sobre a quantia despendida na referida edificação.

17.ª Sendo facultativa a condição duodecima, o arrendatario não é obrigado a construir o estabelecimento, objecto da referida condição.

18.ª O arrendatario obriga-se a ter uma bôa pharmacia, permanentemente, um medico que terá a seu cuidado a hygiene dos estabelecimentos.

19.ª A pharmacia poderá ser fechada, si o arrendatario provar ao governo a existencia de outras na localidade da estação balnearia; sendo porém o arrendatario obrigado a reabril-a logo que ella se faça necessaria.

20.ª O arrendatario se obriga a cercar e conservar perfeita a captação da agua, sendo franca a entrada nos jardins que circumdarem os estabelecimentos.

21.ª O arrendatario observará o regulamento dos estabelecimentos balnearios que for decretado pelo governo, salvo naquillo em que contrariar as disposições deste contracto.

22.ª O governo manterá em favor do arrendatario a 15.ª clausula do contracto de 25 de julho de 1881 que concede os terrenos necessarios para as obras e suas dependencias mencionadas no mesmo

contracto, terrenos já demarcados, e approvados pelo governo em 4 de Setembro de 1884, conferindo-lhe para o mesmo fim o direito de desapropriação, na forma da legislação em vigor, dos terrenos que não pertençam ao Estado, e bem assim igual direito para as aguas potaveis necessarias para abastecer o estabelecimento e suas dependencias.

23.ª Poderá o arrendatario utilizar como proprios, para obras necessarias ao estabelecimento e suas dependencias, os terrenos denominados *Gloria* e da *Rua da Estação*, particularmente adquiridos pela extincta empreza, e a elle reservados na cessão em plena propriedade.

24.ª De accordo com a clausula 9.ª do citado contrato de 1881, fica mantido ao arrendatario o direito de construir edificios para suas familias e para os balneantes que os preferirem ao hotel da empreza.

25.ª O arrendatario obriga-se a manter um hotel com proporções para receber os balneantes, assegurando lhes o necessario conforto e devendo ser augmentado, á medida que exigir a affluencia dos mesmos.

26.ª Si as obras especificadas nas condições 9.ª, 10.ª, 11.ª e 20.ª não estiverem concluidas nos prazos nas mesmas estatuidos, sujeitar se ha o arrendatario á multa de 500$000 por mez que exceder, até seis, findos os quaes o arrendatario pagará a multa de 5:000$000, salvo o caso de força maior, provado a juizo do governo, que poderá então não só alliviar as multas, como prorogar, por egual tempo, os prazos estipulados. Si ainda decorrerem seis mezes, sem que as obras estejam concluidas, caducará o presente contracto.

27.ª Fica ao arrendatario o direito exclusivo da venda das aguas mineraes fóra da povoação, ficando subentendido que é gratuito o uso interno das aguas no estabelecimento e dentro da povoação.

28.ª O governo do Estado concederá, nos limites da sua competencia, isenção de qualquer onus ou impostos estaduaes sobre os estabelecimentos de que trata este contracto e sobre o material necessario para as obras, durante o tempo do arrendamento.

Nessa isenção não estão comprehendidas as casas edificadas pelo arrendatario para residencia de suas familias e das dos balneantes que as preferirem (condição 25.ª); a isenção de direitos sobre materiaes será concedida á vista de uma relação especificada, dos mesmos, com designação de sua applicação, precedendo os exames necessarios pela recebedoria respectiva.

29.ª O governo fiscalizará as obras que se tiver de fazer de accordo com o presente contracto, por engenheiros do Estado, cujos vencimentos, até 2:000$000, serão deduzidos da importancia paga pelo arrendamento,

30.ª A' fiscalização por parte do Estado competirá superintender a execução das obras, afim de que sejam observadas as plantas, com as modificações que venham a ser determinadas pelo governo, de accordo com o arrendatario, propostas por este e approvadas por aquelle, e além disto sendo lhe fornecidos, para o bom desempenho das suas attribuições, todos os esclarecimentos e informações que forem exigidos do arrendatario e referentes ao ultimo quinquenio do arrendamento, quanto ao estado financeiro do estabelecimento

31.ª O arrendatario apresentará annualmente, no mez de Janeiro, exposição circumstanciada do movimento do estabelecimento balneario.

32.ª Os direitos e obrigações conferidos ao arrendatario são extensivos, em caso de morte, a seus herdeiros.

33.ª Este contrato sómente poderá ser rescindido depois de previo accordo entre o governo e o arrendatario, salva a hypothese das condições 26 e seguinte.

34.ª Caducará o contrato do arrendamento, desde que o pagamento a que se refere a condição primeira não tenha sido effectuado, *passados seis mezes depois de vencidos os dous pagamentos semestraes estabelecidos na condição segunda*. Neste caso, o governo, assumindo a direcção do estabelecimento, indemnizará o arrendatario do valor de todas as obras por este executadas depois deste contrato e que hajam sido em tempo approvadas e acceitas pelo governo, não podendo a indemnização exceder do valor dos orçamentos relativos ás mesmas obras.

A indemnização de accordo com esta condição será fixada por arbitramento; sendo o processo estabelecido na condição trinta e seis.

35.ª Findo o prazo deste contrato, o arrendatario entregará ao Estado as propriedades arrendadas, comprehendendo todas as obras executadas e por executarem, concernentes ao estabelecimento balneo-therapico convenientemente conservadas, com todos os accessorios a ellas pertencentes, não comprehendendo essa entrega as casas de saúde e outras construcções que o arrendatario houver feito para alojamento de balneantes e habitação de suas familias.

36.ª Todas as duvidas suscitadas entre o governo e o arrendatario serão sempre decididas por dous arbitros, indicado cada um por cada uma das partes. Quando estes não combinarem decidirá a questão um terceiro, tirado á sorte de entre dous indicados pelas partes contratantes, não havendo dessa decisão recurso algum.

37.ª As questões ou duvidas que se suscitarem entre o arrendatario e o governo serão decididas e julgadas na Capital do Estado.

38.ª Pela infracção de qualquer das condições deste contracto,

para as quaes não esteja comminada pena especial, o arrendatario pagará a multa de cincoenta a duzentos mil reis.

39.ª O estabelecimento balneario deve conter, nas fontes de aguas mineraes, reservatorios que as preservem do contacto de qualquer substancia ou substancias que possam alterar lhes as propriedades chimicas e medicinaes.

40.ª Os ribeiros e corregos visinhos ás fontes deverão ser convenientemente canalizados, recebendo todas as derivações, para assim obstarem as inundações pelas enchentes, podendo mesmo ser desviado o leito de algum delles, si tanto for preciso para se pôrem as mesmas fontes ao abrigo das inundações.

41.ª O presente contrato não poderá ser transferido a terceira pessoa pelo arrendatario sinão mediante previo consentimento do governo, e si a transferencia fôr feita a alguma companhia, esta será obrigada a ter a sua séde no Estado.

42.ª Vencido o prazo deste contrato, o arrendatario terá preferencia, em igualdade de condições, para o arrendamento, caso o governo tenha de o fazer.

E, para constar, foi lavrado este termo que vae assignado pelo contractante e por mim subscripto, Recemvindo Rodrigues Pereira.— *Francisco Sá.— Henrique Salles.*

Como testemunhas: — Saturnino Ribeiro do Nascimento. — João Alfredo Lander.

Logo que em Bello Horizonte foram assentadas as bases deste contracto, partiu para aqui o illustre deputado federal, sr. dr. Antonio de Padua Assis Rezende, e deu-me para eu assignar o contracto social, que se vae ler.

Exm.º Snr. Presidente da Junta Commercial — Ouro Preto 22 de Julho de 1896. — *Barbosa.*

O Dr. Pedro Sanches de Lemos, residente em Poços de Caldas, precisa, a bem de seu direito, que V. Ex. mande dar por certidão, verbo ad verbum, o registro e theor do contracto social da firma Rezende, Santos e C.ª para o arrendamento e exploração dos estabelecimentos balnearios de Poços de Caldas ; e por isso

P. a V. Ex.ª deferimento:

E. R. J.

Francisco Engracio Alves Costa, official da Secretaria da Junta Commercial do Estado de Minas Geraes.

Certifico que em cumprimento do despacho exarado na petição retro, revi os contractos de sociedades commerciaes, archivados

nesta secretaria, no presente anno de mil oito centos e noventa e seis e dentre elles deparei com o do theor seguinte:

Numero cento e sessenta e oito. Folhas uma, duas e tres. O official Costa.

Contracto de sociedade commercial em commandita e em nome collectivo que entre si fazem os Doutores Pedro Sanches de Lemos, Antonio de Padua Assis Rezende, Gabriel de Oliveira Santos e Marçal José dos Santos, para exploração da Empreza das Aguas de Caldas, na fórma indicada. Primeira:—Entre os abaixo assignados, Doutores Pedro Sanches de Lemos, Antonio de Padua Assis Rezende, Gabriel de Oliveira Santos e Marçal José dos Santos; o primeiro, medico residente na Villa de Poços de Caldas, e os tres ultimos proprietarios residentes em Ouro Preto, todos cidadãos brasileiros e naturaes do Estado de Minas Geraes, se ha formado um contracto de sociedade commercial, em commandita com firma, sob as clausulas e estipulações adeante enunciadas, para exploração do contracto celebrado com o governo do Estado pelo socio Dr. Pedro Sanches de Lemos, que é o objecto da presente sociedade por este constituida a plena propriedade e todas as vantagens do alludido contracto de arrendamento, inclusivé a propriedade dos terrenos alli reservados que se partilharão pelos socios. Segunda:—Todos os socios são solidariamente responsaveis por todos os negocios e obrigações contrahidos em nome da sociedade, exceptuando o socio commanditario Doutor Pedro Sanches de Lemos, que só será responsavel pela sua quota do capital social. Terceira.—A sociedade terá sua séde e domicilio na Villa de Poços de Caldas, e gyrará sob a firma de «Rezende, Santos & Companhia», da qual só poderão usar o socio gerente e seu auxiliar, e sómente em operações pertencentes ao objecto e fim da sociedade e interesse da communhão. Quarta: — O capital social é de cem contos de réis (R: 100:000$000) e será formado pela entrada de vinte e seis contos, seiscentos e sessenta e seis mil, seiscentos e sessenta e seis réis (R.$ 26:666$666) por parte de cada um dos tres ultimos socios, e pela entrada de vinte contos de réis (20:000$000) por parte do socio commanditario Dr. Pedro Sanches de Lemos, o qual toma a seu cargo, de accordo com o presente contracto, o serviço de hygiene dos estabelecimentos, segundo o contracto firmado com o governo. Quinta:— O capital social é empregado no pagamento do arrendamento, segundo o contracto celebrado com o governo, indemnização por obras feitas no estabelecimento denominado dos «Macacos», melhoramentos de que carecem os estabelecimentos de banhos e o hotel da Empreza, et cætera, podendo a sociedade realizar quaesquer operações de credito, contrahindo emprestimo pignoraticio para os fins indicados. Sexta:— A sociedade durará pelo prazo de vinte annos consecutivos que começarão a correr do primeiro de Abril de mil oito centos e noventa e seis, podendo os socios, findo o prazo do presente contracto,

prorogal o pelo tempo que lhes convier, si, por sua vez, prorogar o governo o contracto de arrendamento.

Cessará, porém, a sociedade antes de findo o prazo da sua duração, procedendo se á sua liquidação, si, por accordo dos socios ou deliberação tomada pelo voto da maioria for deliberada a transferencia do contracto do arrendamento a um terceiro. Setima : — A presente sociedade será administrada por um socio alias gerente que será o Dr. Padua Rezende, o qual terá como seu auxiliar o socio Marçal José dos Santos e perceberão, a titulo de honorarios, o primeiro sete centos e cincoenta mil réis (750$000) e o segundo quinhentos mil réis (500$000) mensalmente. Oitava:— Os lucros liquidos da sociedade, depois de deduzida a commissão de 10.p' para o socio gerente, esteja ou não em exercicio, serão partilhados igualmente entre os socios, tocando a cada um a quarta parte d'elles. — As perdas, quando as houver, recahirão tambem em partes egoaes sobre os socios. Nona: — No mez de janeiro de cada anno, a começar de mil oito centos e noventa e sete, far se ha um balanço geral de todo o activo e passivo da firma social e, se então se verificarem lucros liquidos, poderão os socios partilhal os, na forma indicada na clausula anterior, ou deixar parte ou totalidade delles para restauração ou melhoramentos de que carecer a Empreza Balnearia.

Além do balanço annual será o socio gerente ou seu auxiliar obrigado a fornecer aos outros socios um balanço semestral de todas as transações da firma, assim como prestar-lhes ha em todo e qualquer tempo as explicações e esclarecimentos que pedirem, facultando lhes a leitura dos livros e papeis da firma. Decima:— Si occorrer o fallecimento de qualquer socio a sociedade não se dissolverá, mas continuará com os sobreviventes que farão levantar logo um balanço geral de todo o activo e passivo da firma e, de accordo com os herdeiros do fallecido, liquidarão as respectivas contas para o embolso do que a estes couber, si não accordarem na continuação da sociedade com estes, sendo maiores. E por assim haverem justo e contractado, em razão da reciproca confiança que os liga e do livre e mutuo assentimento que prestão ás clausulas e estipulações acima mencionadas, firmão quatro exemplares deste theor e forma para documento de cada um dos quatro socios já mencionados. — Poços de Caldas, dous de Abril de mil oito centos e noventa e seis.

Dr. Pedro Sanches de Lemos.

Antonio de Padua Assis Rezende.

Marçal José dos Santos. Como testemunhas: Laurindo Felisberto de Assis, Henrique A. D. Coelho, Estavam colladas estampilhas estadoaes no valor de cem mil réis competentemente inutilizadas, do que dou fé. Reconheço serem verdadeiras as firmas retro por semelhantes e dou fé. Ouro Preto, treze de Abril de mil oito centos e noventa e seis.

Estava o signal publico em testemunho da verdade.

O tabellião Agostinho José dos Santos.—Numero cento e sessenta e oito. Este contracto contém tres folhas numeradas e rubricadas por mim, foi archivado sob o numero cento e sessenta e oito, em virtude de despachos proferidos em sessão de hoje, dando se a competente certidão do archivamento entregue nesta data. Secretaria da Junta Commercial, Ouro Preto, quatorze de Abril de mil oito centos e noventa e seis. Eu, Francisco Engracio Alves Costa, official da mesma secretaria, o escrevi. José Ferreira de Andrade. Estava collada uma estampilha estadual no valor de cinco mil reis, competentemente inutilisada, do que dou fé. Nada mais se continha no original supra transcripto, do qual extrahi a presente certidão, que conferi e, por achal-a conforme, authentica e com o sello da Junta, assigno-a.

Secretaria da Junta Commercial, Ouro Preto, vinte e cinco de Julho de mil oito centos e noventa e seis.

Eu, Francisco Engracio Alves Costa, official da mesma secretaria o escrevi.

Francisco Engracio Alves Costa.

Este contracto foi assignado por mim tal e qual me veiu de Bello Horizonte, com uma unica modificação : em vez da posição de socio solidario, que me haviam destinado, pedi para ser considerado socio commanditario. Fui censurado por haver assignado este papel, sendo eu o *dono* do contracto, quando ficava na nova Empreza em posição inferior á que occupára na anterior. «E' um philosopho» disseram os meus censores. Mas que havia de fazer ? Eu não tinha architectado contracto algum, e só guardava o *alheio* em deposito, que me fôra confiado. Era obrigação minha entregar o seu a seu dono, e fiquei até agradecido ao dr. Padua Rezende por se haver lembrado de mim, o que foi uma prova de boa vontade a meu respeito.

Ainda hoje não me arrependo do que fiz, e, em egualdade de circumstancias, continuarei a ser *philosopho*.

Seja como fôr, a Empreza ficou sob a guarda do dr. Padua Rezende desde o dia 1 de abril de 1896 até o dia 20 de janeiro de 1900, em que s. ex.ª se retirou da firma Rezende, Santos & C.ª, começando de então para cá a gerencia de Lemos & Santos, que dura até hoje.

Homem intelligente, activo e energico, perfeitamente relacionado e poderoso, o dr. Padua Rezende prestou bons serviços a Poços de Caldas, sendo o principal delles o haver levantado os creditos da Empreza Balnearia, que estavam assaz abalados ao tempo que se fez a encampação ; mas a sua administração não foi facil e commoda conforme consta do relatorio, que se vai ler.

Relatorio sobre as aguas de Poços de Caldas, dirigido ao Dr. Americo Werneck pelo dr. Padua Rezende, em 1.º de setembro de 1899.

Exmo. Sr. Dr. Americo Werneck, dd. Secretario da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de Minas Geraes.

Repetidas vezes temos dirigido ao governo do Estado de Minas Geraes reclamações contra a absurda e incomprehensivel guerra movida á Empresa Balnearia de Poços de Caldas pela administração local, e melhor, pelo presidente e agente executivo municipal.

E' facto, que não admitte controversia, que o progresso da villa de Poços de Caldas virá como consequencia decorrente do progresso da Empresa Balnearia, pelos melhoramentos que se forem introduzindo nos seus estabelecimentos e pelo crescimento constante da população adventicia, constituida de balneantes e veranistas.

A riqueza da localidade baseia-se exclusivamente na existencia das fontes de aguas thermaes de propriedade do Estado, que a Empresa Balnearia explora por arrendamento.

A villa de Poços de Caldas não tem vida propria, nada produz, nada exporta, a não ser algum café dos municipios vizinhos, e crescerá, estacionará ou retrogradará conforme progredir, estacionar ou decahir a empresa exploradora de suas aguas thermaes.

Guerrear a Empresa Balnearia é combater e impedir o progresso da localidade; é ser retrogrado e até perverso, porque importa em guerrear os proprios sentimentos humanitarios. Uma campanha surda, tenaz, persistente como esta, que vem de muito longe, só envolve interesses inconfessaveis e ambição mal contida; esse odio *hereditario* da administração municipal não tem um fundamento serio, não encontra bases em allegações acceitaveis, porque tem visado todas as empresas anteriores á actual—mal encobrindo o desejo de aborrecer, de atormentar os arrendatarios, para leval os de vencida pelo cansaço. O mallogro das diversas investidas não desanimou ainda os inimigos da actual Empresa, que foram tambem os inimigos das empresas anteriores. Derrotados hoje, como hontem, como sempre, chegam a recuar por tactica, e novos ataques são preparados nas trevas, porque não desistem nunca de se apoderarem da Empresa.

De cada uma destas investidas temos dado conhecimento, ora ao governo do Estado, ora ao engenheiro fiscal das aguas pondo os assim ao corrente de quantos obstaculos têm sido oppostos ao desenvolvimento e á boa marcha dos negocios da Empresa Balnearia, cuja vitalidade, não cessaremos de repetil-o, é a melhor garantia de progresso para a propria vida de Poços de Caldas.

Que tem feito a actual Empresa Balnearia de Poços de Caldas para merecer assim a continuação de uma guerra que vem de longe, e que é oriunda da inveja consorciada a um tacanho interesse individual? (Tacanho, sim, e nós o demonstraremos no correr da presente exposição).

Nada!

E o governo sabe-o bem, porque dos nossos relatorios ao engenheiro fiscal das aguas e dos relatorios desta constam a enumeração e as descripções completas dos muitos melhoramentos levados a effeito pela actual Empresa, com relação aos estabelecimentos balnearios de Poços de Caldas, sem que uma só vez, por palavras ou por actos, os arrendatarios tivessem incorrido em falta ou se arredassem da linha de conducta, que se traçaram, guardando a maior calma e toda a rectidão diante da situação de luctas creadas pelo agente executivo da municipalidade para com as empresas anteriores, sem excepção da actual.

A's provocações responderam sempre os arrendatarios com paciencia e resignação inegualaveis, certos de seus direitos, confiantes na justiça do governo, embora esta, por vezes, pesa nos confessal-o, se tenha feito por muito esperar. Aos embaraços de todo genero creados pelo despeito mesquinho e pequenino de seus inimigos gratuitos, os arrendatarios têm respondido invariavelmente com um accrescimo no desenvolvimento de sua actividade ou com mais um melhoramento para o estabelecimento balneario, isto é, com mais um elemento de progresso para a localidade. E' assim que nós, os arrendatarios, transformámos inteiramente o estabelecimento balneario de *Pedro Botelho*, concluimos o do *Macacos*, montámos um hotel confortavel e obedecendo a todos os preceitos da mais rigorosa hygiene, tendo communicação directa e resguardada para os banheiros; organizámos a secção das duchas, inhalações e massagens, dispondo de modernos apparelhos hydro therapicos; sanearámos por meio de aterros os arredores do estabelecimento de *Pedro Botelho*, *Macacos*, etc.

Tudo isto era feito sob a constante e inexplicavel guerra do agente executivo, que ora exigia e conseguia do governo que a Empresa fizesse despesas enormes e superfluas com obras, como a do estabelecimento de *Macacos* sómente com o intuito de valorizar terrenos que tinha no local, ora oppunha embargo a melhoramentos uteis ou indispensaveis, como fosse a projecção do velho estabelecimento sobre as fontes; ora determinava a destruição da represa que fornecia agua para mover os machinismos da officina da Empresa, desobedecendo as ordens do governo do Estado, ferindo direitos, praticando arbitrariedades, como se verá no correr da exposição succinta que vamos fazer sobre esta campanha ingrata, que tão mal recommenda o nome da atrabiliaria auctoridade municipal, que transmittiu o cargo

ao seu successor, mas com toda uma bagagem de odios e perseguições, com o direito de dictar lhe o procedimento por detrás das cortinas, em nome de um inconfessavel interesse individual.

A historia das aguas thermaes de Poços de Caldas é a historia da guerra a que nos vimos referindo.

E' preciso, pois, que volvamos a vista para o dia 30 de Abril de 1865 em que o major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e sua mulher, D. Luiza Ferreira Brétas, fizeram doação á ex-provincia de Minas Geraes de 26 ½ alqueires de terra em torno das fontes thermaes de Poços de Caldas. Não nos é necessario entrar em considerações minuciosas dos motivos que determinaram a supra mencionada doação.

A 6 de novembro de 1872 Junqueira e toda a sua familia ratificaram a doação de 30 de Abril de 1865, á qual juntaram mais 13 ½ alqueires de terra no mesmo logar, incluidas as fontes thermaes de aguas cicatrino sulfurosas. Logo depois da doação de 30 de Abril de 1895, o filho do major Bernardes Junqueira, coronel Agostinho Junqueira, fez o rancho chamado da Olaria para o fabrico de tijolos. Em 1873 o presidente Godoy ordenou que o engenheiro Soares do Couto fizesse a medição dos 41 alqueires doados—o que se realizou tendo o engenheiro Couto concluido este trabalho em Março de 1873, quando já em 8 de Janeiro do mesmo anno o governo havia concedido ao Dr. José Caetano dos Santos privilegio por 30 annos para exploração das aguas thermaes dos Poços de Caldas.

Havendo o Dr. Soares do Couto respeitado a posse da Olaria, mantida pelo Coronel Agostinho Junqueira, a este o Dr. José Caetano dos Santos comprou a com todas as suas dependencias para iniciar as obras projectadas. Das mãos do Dr. José Caetano, que nada poude fazer, passou o privilegio que caducara para as dos Drs. Carlos de Sá Fortes e José de Carvalho Tolentino, e o cidadão Ancelmo de Almeida, por contracto de 25 de Julho de 1881.

O primeiro cuidado de Almeida, ao entrar para a gerencia, foi comprar ao Dr. José Caetano dos Santos a Olaria e suas dependencias, como este ultimo a comprára ao Coronel Agostinho, ficando entendido que os terrenos já pertenciam á Empresa Balnearia.

Por esse contracto de 1881, firmado durante a presidencia do senador Meira de Vasconcellos, o governo se obrigou a fornecer o terreno necessario aos concessionistas para a fundação do estabelecimento balneario e suas dependencias, ficando por sua vez os concessionarios obrigados a manter duas escolas, uma para o sexo masculino e outra para o feminino. Representando os concessionarios ao governo, na presidencia do Dr. Antonio Gonçalves Chaves, no sentido de lhes ser alliviada a clausula relativa á manutenção das duas escolas, e reclamando do governo os terrenos necessarios, comprehendidos entre os corregos do Monjolinho e do Meio, e Açude e a Valla, o Dr. Gon-

çalves Chaves deferiu a petição do gerente Almeida, ficando assim a Empresa não só com os terrenos da Olaria, em cuja posse já se achava, como ainda com os adjacentes á mesma Olaria e que são os acima descriptos, demarcados pelo engenheiro Francisco Lemos.

Passando Almeida a gerencia da Empreza ao novo socio dr. Sá Leite, este comprou por escriptura publica ao coronel Agostinho Junqueira e sua mulher o terreno denominado «ilha», onde está installada a officina da Empreza, assim como parte do terreno da rua Junqueira, junto ao estabelecimento de «Pedro Botelho» e que acaba de ser aterrado pelos actuaes arrendatarios.

O Dr. Sá Leite foi substituido na gerencia pelo Dr. Lopes Chaves, e este pelo Dr. José de Carvalho Tolentino, que geriu os negocios da Empreza por 11 annos.

Foi durante a administração deste ultimo que o governo de Minas encampou a Empreza, surgindo então a firma de Resende, Santos & C.ª, como arrendatarios, por contracto de 20 de Março de 1896.

Todo esse historico era necessario para, salientando e esclarecendo os direitos da Empreza a taes terrenos, podermos estudar as perseguições a ella movidas pela autoridade municipal de Poços de Caldas.

A posse da Empreza sobre taes terrenos nunca foi posta em duvida pelas diversas camaras municipaes que na cidade de Caldas succederam durante o Imperio e nem esses terrenos foram demarcados e divididos em lotes para aforamentos, deixando de fazer mesmo parte dos terrenos da povoação, segundo o mappa Faria Bello, de 1886, onde, ao contrario, elles são contados como proprios da Empreza. Proclamada a Republica — Poços de Caldas foi elevado á cathegoria de villa, por acto de 19 de Maio de 1890, do governo dictatorial do Dr. João Pinheiro da Silva. O intendente dictador — Dr. Octavo Correia Netto entendeu que devia dividir em *posses* todos os terrenos devolutos, considerando taes os terrenos da *Olaria*, respeitando os demais como pertencentes á Empreza e onde se acha situada a Villa Pinhal. Esse acto arbitrario e injustificavel em face dos direitos indiscutiveis da Empreza sobre os terrenos da *Olaria* provocou protesto da parte do Dr. Tolentino, gerente da mesma Empreza. Veio mais tarde o governo municipal do Dr. Barros Cobra, que é ainda hoje o auctor de quantas perseguições soffre a Empreza Balnearia.

O contracto dos actuaes arrendatarios determina «que elles poderão se utilizar, para as obras necessarias, dos terrenos da Olaria e da rua da Estação, particularmente adquiridos pela extincta Empreza, «reservados na cessão em plena propriedade». Assim, pois, esses terrenos pertencem indiscutivelmente á firma de Resende, Santos & C.ª, que os quer e os póde vender.

A Camara Municipal allegou ser ella hoje senhora e possuidora dos terrenos dados por Junqueira em 1865 e 1872; pretende que os

terrenos da olaria estavam sujeitos ao fôro e que não podem ser vendidos pela dita firma sem o pagamento do referido fôro.

Entretanto, em 1891 a Intendencia Municipal, reconhecendo a posse da Empreza sobre os terrenos da olaria, dirigio ao seu gerente o seguinte officio:

« Cidadão.— A Intendencia Municipal desta villa, no intuito de promover o melhoramento das ruas da povoação, deliberou em sessão de 8 do corrente mez solicitar-vos que façaes retirar a agua que por um bicame vem ter á olaria dessa Empreza, visto não só a mesma olaria não estar se servindo da dita agua como estar esta damnificando a rua proxima. Do vosso patriotismo espera a Intendencia que attendereis o seu pedido. Saude e fraternidade. Poços de Caldas, 9 de Junho de 1891.»

Ao cidadão Dr. José de Carvalho Tolentino, m. d. gerente da Empreza Balnearia de Poços de Caldas. (Assignado). Manoel Junqueira Maximiano da Fonseca, secretario ».

Um anno depois, em 1892, os terrenos da mesma olaria eram divididos e aforados, provocando este procedimento tão indevido quanto injusto do governo municipal energicos protestos e diversas providencias por parte do gerente da Empreza, Dr. Carvalho Tolentino.

As reclamações apresentadas pelo gerente tiveram plena satisfação dos colendos edis, nas sessões de 9 e 25 de Maio d'aquelle mesmo anno e a requerimento do mesmo gerente Dr. José de Carvalho Tolentino, de 30 de Setembro de 1893, pedindo lhe fosse dado por certidão o que sobre suas reclamações constasse das actas d'aquellas duas memoraveis sessões, mandou a Camara Municipal certificar-lhe de que de taes actas apenas constava o seguinte: « .. a reclamação ou protesto do director da Empreza Balnearia contra as concessões de aforamento feitas a diversos, nos terrenos dos prasos 240 até 249, da rua Marquez do Paraná » os da olaria. A commissão de Justiça deu parecer, elaborado pelo vereador de nome Amarante, deferindo o pedido do Dr. Tolentino, e mantendo á Empresa a posse d'aquelles terrenos, indevidamente aforados.

« Posto em discussão o parecer e depois de algumas observações dos senhores vereadores Sebastião Pereira, José Affonso e João Amarante e de informações do Sr. presidente, foi unanimemente approvado este parecer e autorisado o agente executivo a restituir aos concessionarios que o requererem a importancia liquida recebida pelo cofre municipal pelos aforamentos dos mencionados terrenos. »

Da certidão pedida pelo Dr. Tolentino consta ainda o seguinte documento de inestimavel valor:

« Nós abaixo assignados, moradores nesta villa de Poços de Caldas, attestamos e juramos aos Santos Evangelhos, que a olaria e mais dependencias que existem nesta villa á rua denominada «Mar-

quez do Paraná» e pertencente á Empreza Balnearia foi construida a vinte annos pelo primeiro concessionario do privilegio das aguas thermaes, Dr. José Caetano dos Santos, de quem a mesma Empreza comprou essa propriedade, da qual tem estado sempre de posse desde então até hoje, sem reclamação de quem quer que seja. Para constar e por nos ser pedido, assignamos esta declaração que confirmaremos em juizo. Poços de Caldas, 30 de Setembro de 1893. (Assignado com as firmas devidamente reconhecidas) Francisco Zeferino de Carvalho, Agostinho José da Costa Junqueira, Antonio Ferreira Rodrigues, Belisandro de Andrade Montanion, Isidoro Michel, José Solferini, Antonio Martins da Silva, Luiz José de Mello, Pedro Dal Poggeto, Emygdio Antonio Teixeira, José Joaquim Pereira. »

Pois bem, apesar de tudo isto, apesar do voto unanime da Camara Municipal, mandando restituir o producto do aforamento illegalmente feito — o agente executivo, *magna pars*, na sessão da Camara, dictador mirim e caricato, oppoz-se ultimamente a que os actuaes arrendatarios pagassem o imposto de transmissão de propriedade dos terrenos da claria que iam ser vendidos.

E não é isto só! Já não se contenta, porém, o agente executivo com os terrenos da claria e continuando a campanha de perseguições iniciada por seu antecessor arroga-se os dominios tambem daquelles terrenos, em parte dos quaes se acha a villa Pinhal, pertencentes á Empreza Balnearia desde 4 de Setembro de 1884 data em que o governo approvou o accordo entre a população da villa de Poços de Caldas e a Empreza de então e para a permuta d'aquelles terrenos pelos que a Empreza possuia, comprehendidos entre os corregos do Monjolinho e do Meio, o Açude e o Valla, como mais apropriados ao desenvolvimento do povoado. Que os terrenos em parte dos quaes está situada a villa Pinhal são os que a Empreza recebeu em troca dos outros — provam os documentos que abaixo transcrevemos:

« Poços de Caldas, 28 de Abril de 1884. Numero um.

Illm.° Sr. Tenho a honra de communicar a V. S. que, em cumprimento do despacho proferido pelo governo provincial ao requerimento que lhe apresentou a Empreza Balnearia, relativamente aos terrenos cedidos pela provincia, procedi á demarcação destes terrenos de accordo com as instrucções exaradas no despacho. A primeira estaca está collocada no ponto onde o corrego do Monjolinho faz barra no ribeirão da Serra, segundo a direcção sul norte e a duzentos e cincoenta metros junto á Valla, e á margem do corrego do «Meio» está collocada a segunda estaca. Seguindo a direcção nascente-poente, á distancia de quatro centos e dezoito metros, ao açude, está collocada a terceira estaca. Seguindo-a perpendicularmente a esta direcção, á distancia de duzentos e cincoenta metros, até encontrar o corrego do Monjolinho, está collocada a quarta estaca. Tendo assim a area de cento e quatro mil e quinhentos metros quadrados. Fica

tambem demarcado o terreno necessario para jardins em frente e ao lado do hotel da Empreza, assim como espaço para cercar os reservatorios e o estabelecimento balneario.

Deus guarde a V. S. Dr. Carlos de Sá Leite, dd. socio gerente da Empreza Balnearia. (Assignado). O engenheiro — Francisco Lemos. »

« Poços de Caldas, 28 de Abril de 1884. Numero um.

Illms. Srs. Nesta data officio ao Sr. Dr. Carlos de Sá Leite, communicando lhe que procedi á demarcação dos terrenos cedidos pela provincia á Empreza Balnearia, destinados ás dependencias, da mesma Empreza. O que communico a V. S. para os devidos effeitos. Deus guarde a VV. SS. Srs. Anselmo Fernandes de Almeida, Dr. Joaquim Lopes Chaves, Dr. José de Carvalho Tolentino, Dr. Carlos de Sá Leite — Concessionarios da Empreza Balnearia. »

« Termo de accordo a que chegaram a Empreza Balnearia dos Poços de Caldas, representada pelo socio Anselmo Fernandes de Almeida e a população da mesma povoação, sobre a demarcação dos terrenos da provincia de Minas Geraes, cedidos áquella por contracto de 25 de Julho de 1881, e por mais um additamento ao mesmo passado a 9 de Abril de 1883.— Estando a Empreza Balnearia de Poços de Caldas de posse legitima dos terrenos sitos na povoação do mesmo nome, conhecidos por terrenos da Olaria, comprehendidos entre os corregos do Monjolinho e do meio pela valla que conduz as aguas do ribeirão da Serra e uma linha parallela á mesma tirada de um açude pertencente á dita Empreza, comprehendendo toda a area de 104.500 metros quadrados (cento e quatro mil e quinhentos metros quadrados), conforme a medição feita pelo respectivo engenheiro do districto, Dr. Francisco Lemos — para esse fim commissionado, e sendo a occupação desta area pela Empreza prejudicial aos interesses da povoação, ficou completamente resolvido por proposta do Illm. Sr. Dr. Crockatt de Sá, muito digno director das Obras Publicas, aqui em commissão, a permuta daquelle terreno por um outro de cento e tres mil e quinhentos metros quadrados (103.500 metros quadrados) limitado pela linha polygonal F. G. O. da divisa geral (planta da povoação levantada pelo engenheiro Talois), á valla que conduz as aguas do ribeirão da Serra e uma parallela á linha divisoria G. O., traçada á distancia de (duzentos e vinte e cinco metros), fechando assim o quadrilatero. (Assignado) Anselmo Fernandes de Almeida, Antonio Teixeira Diniz, Agostinho José da Costa Junqueira, Dr. Pedro Sanches de Lemos, etc., etc. »

« Illms. Srs. empresarios do estabelecimento balneario de Poços de Caldas. (*Tem uma linha dilacerada*) assignado por VV. SS. e diversos habitantes dos Poços de Caldas, pelo qual ficou *substituido o terreno cedido* pela provincia, por acto de 9 de Abril de 1883 e que havia sido demarcado pelo engenheiro do districto, pelo que escolhi o limitado

pelo polygonal F. G. O. da divisa geral, á valla que conduz as aguas do ribeirão da Serra e uma parallela á linha divisoria G. O. traçada á distancia de (225 metros, duzentos e vinte e cinco metros), fechando assim o quadrilatero.

O que communico a VV. SS. para os fins convenientes. (Assignado). Crockatt de Sá, director das Obras Publicas de Minas Geraes. Em 5 de Setembro de 1884. »

Dos documentos acima transcriptos fica plenamente demonstrado que os terrenos cedidos pela Provincia foram demarcados por pessoa competentemente autorisada, que posteriormente em beneficio da povoação, e por accordo estabelecido entre os interessados, foram elles permutados por outros; e que finalmente essa permuta foi sanccionada pelo governo.

Outros officios e mais documentos que abaixo vamos transcrever demonstram a prepotencia de que se servia o ex-agente executivo contra a Empreza, abusando da ingenuidade do Dr. Carvalho Tolentino, então seu presidente:

« Secretaria da Camara Municipal da Villa de Poços de Caldas, em 18 de Agosto de 1893.

Illm.° S.r — Em nome da Camara Municipal, e para que possa ella deliberar com o necessario conhecimento, sobre questões relativas aos terrenos cedidos á Empresa Balnearia pelo governo da extincta Provincia, em virtude da clausula 15.ª do seu contracto de 25 de julho de 1881, rogo a V. S. se digne de enviar-me, com a possivel brevidade, todos os documentos que possuir a Empresa, concernentes á cessão dos mesmos terrenos, sua situação e extensão ou demarcação, os quaes serão opportuna e fielmente devolvidos a V. S. depois do conveniente exame. Deus guarde a V. S. — Illmo. S.r Dr. José de Carvalho Tolentino, m. d. director presidente da Empresa Balnearia de Poços de Caldas. (Assignado) José Ignacio de Barros Cobra, presidente da Camara Municipal. » A este officio a Empresa respondeu, a 8 de Novembro do mesmo anno de 1893, dando conhecimento de seus documentos que são os seguintes attestados: «Affonso José de Oliveira, segundo official da quinta secção da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de Minas Geraes, servindo de chefe da segunda secção da mesma Secretaria.

Certifico em cumprimento do despacho do Sr. Dr. director, exarado sobre o presente requerimento da Empresa Balnearia de Poços de Caldas, por seu procurador nesta Capital, Alberto Carneiro de Mendonça, que da planta dos respectivos terrenos daquelles Poços, levantada pelo engenheiro Dr. Modesto de Faria Bello, em julho de 1886, que me parece ser original e que está de accordo com a copia tirada em papel azul, se vê a seguinte nota sobre a fachada ao lado esquerdo da mesma planta.

« Terrenos cedidos á Empresa » — e que finalmente da mesma planta consta um ponto indicador, no qual se lê a seguinte declaração na *rua* do mesmo lado esquerdo da fachada: « *marco divisorio dos terrenos da Empresa* ». Eu Affonso José de Oliveira, servindo de chefe interino da segunda secção, a escrevi e subscrevo. (Assignado) Affonso José de Oliveira. Directoria, 6 de Abril de 1893. — Cypriano J. de Carvalho. »

« Francisco Carlos Bueno Deschamps de Moura, amanuense da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de Minas Geraes.

Em cumprimento do despacho exarado na presente petição e na conformidade das informações prestadas nesta data, a respeito dos terrenos situados em Poços de Caldas, que foram medidos e demarcados em julho de mil oitocentos e oitenta e seis pelo engenheiro Modesto de Faria Bello, certifico que as cedidas pelo governo deste Estado á Empresa Balnearia Poços de Caldas, a ella pertencem, segundo o acto do governo de 9 de abril de mil oito centos e oitenta e tres e que, não tendo sido demarcados nos logares denominados Corregos do Monjolinho e do Meio, o foram na parte constante da planta, á sua margem esquerda.

E' o que consta e ás mesmas informações e planta me reporto.

Eu, Francisco Carlos Bueno Deschamps de Moura, amanuense, que a escrevi. Cypriano de Carvalho (assignado). Vae á collectoria pagar o imposto devido na conformidade da lei n. 14 § 1.º da tabella B, do decreto 538, de 21 de dezembro de 1892, sendo a parte referente á busca a contar do anno de 1883. Segunda secção, 21 de junho de 1893. (Assignado) Moura. (Assignado) Cypriano de Carvalho, director, sobre quatro estampilhas no valor de seis mil e sete centos réis. »

« Secretaria da Camara Municipal da Villa de Poços de Caldas, em 5 de Fevereiro de 1894. Illmo. Sr.

Em solução ao officio de V. S., datado de 8 de novembro, mas recebido em Dezembro do anno findo, envio inclusos não só o documento original (certidão passada pela Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas deste Estado) que V. S. me remettou para ser presente á Camara Municipal, relativo aos terrenos cedidos á Empresa Balnearia pelo governo da extincta Provincia mas tambem cópia da deliberação tomada pela mesma Camara, em sessão de 18 de Setembro *daquelle anno*, a tal respeito, afim de que V. S. exhiba o documento por ella exigido para completo esclarecimento da questão.

Ao mesmo tempo, rogo a V. S., em nome da Camara, que se digne de remetter-lhe cópia fiel e authenticada por V. S. da acta da assembléa geral dos accionistas da Empresa, reunida em um dos primeiros mezes de 1890, sob a presidencia do seu digno antecessor, o Dr. Joaquim Lopes Chaves.

Illm.º Sr. Dr. José de Carvalho Tolentino, m. d. director presidente da Empresa Balnearia de Poços de Caldas. José Ignacio de Barros Cobra, presidente da Camara Municipal. »

« A commissão nomeada para dar parecer sobre a legitimidade dos terrenos *concedidos pelo engenheiro Faria Bello* á Empresa Balnearia de Poços de Caldas, revendo uma certidão que acompanha outros documentos, e não julgando a dita certidão sufficiente, é de parecer : que a Camara convide a Empresa Balnearia, pelo seu director gerente a exhibir documentos que provem : que o governo approvou o acto do engenheiro demarcando os terrenos em outro ponto não designado por elle.

Poços de Caldas, 18 de Setembro de 1893. Os vereadores. (Assignado) Silverio Duarte de Oliveira, Pedro Dal Poggetto, Barão de Campo Mystico.

Foi approvado este parecer com emenda que abaixo damos, em sessão de 18 de Setembro de 1893. O Secretario—Sebastião F. Pereira.»

Emenda ao parecer da commissão especial : Que a Camara, exigindo documentos relativos aos outros terrenos a que a Empresa se julga com direito, mande restabelecer o alinhamento da rua que segue entre os mesmos terrenos e os outros da povoação, restituindo nos prazos adjacentes e já aforados pela ex-Intendencia as dimensões ordinarias de cincoenta metros de fundo. S. R. Sala das Sessões, 18 de Setembro de 1893.

Sebastião F. Pereira. Foi appprovada unanimemente em sessão de 18 de Setembro de 1893. (Assignado). O Secretario — Sebastião F. Pereira. Confere, Barros Cobra.»

Agora transcreveremos tambem um officio do actual agente executivo, documento de valor, não tanto por ser mais um ponto accrescido á directriz que tem seguido as administrações do municipio na faina de perseguições á Empresa Balnearia, como pela cavillosa linguagem em que é concebido, procurando seu signatario, com ares de Catão, insinuar ao Governo do Estado cumprimento de deveres.

Eis o officio :

« Paço da Camara Municipal da Villa de Poços de Caldas, em 11 de Abril de 1899. Illmo. Sr. Dr. João de Carvalho Junior, dignissimo engenheiro fiscal das aguas medicinaes do Estado de Minas Geraes.

Accuso recebido o vosso officio de 31 de Março p. findo, em que solicitaes que vos informe si de facto a Camara Municipal desta villa resolveu mandar vender em hasta publica os terrenos que o Estado de Minas possue nesta localidade, sob os nomes de «Terrenos da Empresa ou da Villa Pinhal» conforme ao Exm.º Sr. Dr. Secretario da Agricultura, Commercio e Obras Publicas communicou a Empresa Balnearia de Poços de Caldas, em officio datado de 19 de fevereiro anterior, do qual me enviastes cópia.

Em resposta, cabe-me informar vos que a Camara Municipal, em sessão de 16 de Março p. passado deliberou não vender, mas aforar em hasta publica ou mediante concurrencia e sob as condições geraes, estabelecidas para os respectivos aforamentos, os terrenos devolutos do dominio municipal, já arruados, e divididos em lotes ou prazos urbanos, comprehendidos entre a rua denominada *Tiradentes* a lêste, o ribeirão da Serra ao sul, e os valles divisorios da fazenda do Barreiro ao norte e ao oéste, donde podereis inferir que é verdadeira a communicação da Empresa Balnearia, si accaso são estes os terrenos a que vos referis como possuidos pelo Estado nesta localidade.

No presupposto de serem estes os terrenos em questão, peço vos permissão para additar que ha da parte da Empresa Balnearia lamentavel equivoco revelado nas seguintes palavras do seu officio, transmittido por cópia: *os terrenos de que trata a clausula 22.ª de nosso contrato, e que pertencem ao governo por acto da encampação da Empresa e de que esta se achava e se acha de posse ha mais de dezesete annos, em virtude de concessão, documentos, approvações de demonstrações e contractos.* Os terrenos a que assim se refere o citado officio serão de certo os que a extincta Empresa adquiriu por compra ou troca e dos quaes, sim, estava de posse, caso tenham sido estes incluidos na encampação feita pelo Estado; mas nunca os que a Camara pretende aforar e que acima designei, os quaes nem se achavam na posse da mesma extincta Empresa nem foram ou podiam ser comprehendidos no acto da encampação, porque sempre foram considerados e reconhecidos do dominio de posse do municipio pelo mesmo titulo e da mesma fórma que todos os outros pertencentes a esse dominio, quer os já aforados, quer os devolutos.

Em abono desta asserção convergem as circumstancias de não ter havido da parte da Empresa *acto algum de posse real e effectiva* sobre taes terrenos, ao passo que a Municipalidade, por mais de um acto seu, especialmente desde 1894, sempre cogitou da conservação e do aforamento delles, fazendo dividil os em lotes e levantar a competente planta, para aforal os com destino a construcções particulares, logo que se esgotassem os anteriormente aforados, ou o desenvolvimento da povoação o exigesse, como acontece actualmente.

Dahi tambem podeis concluir que não é uma novidade a deliberação da Camara ultimamente tomada quanto ao aforamento dos

mencionados terrenos. Ao governo do Estado *que deve manter a ordem, a lei e o direito, tanto quanto zelar e auxiliar o bem estar e o progresso dos municipios, compete dissipar a illusão ou desfazer o equivoco em que laboram os seus arrendatarios da Empresa Balnearia e que os incita a suscitarem constantes questões em esta Camara Municipal*, e com toda confiança espero que assim *proceda*, no interesse da *harmonia e bôa intelligencia tão necessarias entre os poderes estadual e municipal.*

Para este fim sinceramente almejado, empenhei-me em prestar-vos a presente informação com a possivel clareza e minuciosidade, de modo a satisfazer vos melhor do que a anteriormente *ministrada pela Secretaria da Camara* que considerastes deficiente. Saude e fraternidade. (Assignado). O presidente e agente executivo da Camara Municipal — José Affonso de Barros Cobra. »

Alem desses terrenos, medidos e demarcados, em cuja posse tem sempre estado a Empresa Balnearia, — posse que só agora está sendo contestada ao Estado, segundo o tem exigido as conveniencias e o capricho dos administradores do municipio, ha outros cedidos pelo governo da ex Provincia ao primeiro concessionario Dr. José Caetano dos Santos que não foram em época alguma demarcados.

Ainda outros documentos como a escriptura publica de compras de terrenos da olaria, que nos dispensamos de transcrever, possuimos, sufficientes para demonstrar a incorrecção com que sempre procedeu e continua a proceder a agencia executiva de Poços de Caldas, cujos representantes, um presidiu a memoravel sessão em que aquella assembléa proclamou bem alto a posse da Empreza sobre os terrenos da olaria, mandando se restituisse o aforamento indevidamente cobrado, outro, o actual, como já dissemos tambem *magna pars* naquella sessão, expede um acto que veio cercear a liberdade e o direito dos arrendatarios na venda de terrenos considerados solemnemente como propriedade da firma, que os representa Rezende, Santos & C.ª

Hontem reconhecia o direito na Empreza ; hoje nega-o ; amanhã voltará a reconhecel o ? Certamente que sim — si a intervenção tão necessaria do governo de Minas se fizer sentir como é de justiça.

Não seria para admirar, porém, que ainda mesmo intervindo o governo, o agente executivo illudisse qualquer promessa ou faltasse a qualquer compromisso que o momento o obrigasse a assumir. E não seria para admirar, repetimos, porque tal procedimento já tem conquistado foros de normal nos actos do governo municipal.

Ahi está, por exemplo, a questão da repreza, demonstrando á clarividencia a covardia e a nenhuma importancia que o ex agente executivo ligava aos compromissos — mesmo os escriptos dos direitos alheios, mesmo os mais incontestaveis. Historiemos a questão da represa.

Ha dezesete annos foi feita no ribeirão da Serra uma represa para o derivamento da agua necessaria ao funccionamento das officinas da Empreza Balnearia. Durante este longo periodo de tempo a actual Empreza e as anteriores estiveram sempre de posse da represa, utilizando se da agua derivada como motor dos machinismos da officina. E tanto assim sempre entendeu a presidencia da Camara, que dirigiu em 8 de Agosto de 1891 ao gerente da Empreza o seguinte officio :

« De ordem do Sr. presidente da Intendencia Municipal desta villa, communico-vos que a mesma Intendencia, attendendo á necessidade de satisfazer os melhoramentos mais urgentes desta povoação, deliberou officiar-vos, pedindo que façaes cobrir e rebaixar o rego que conduz a agua para as officinas desta Empreza, de modo que possa ser dispensado o açude existente na valla do Desvio.

Confiada nas vossas luzes, patriotismo e interesse pelo bem desta localidade, espera a Intendencia que attendereis a sua solicitação satisfazendo-a com a maxima brevidade. »

O officio acima transcripto, si de um lado reconhece a posse, uso e goso por parte da Empreza sobre a alludida servidão, por outro lado foi o primeiro grito de alarme, pondo em evidencia um novo ponto sobre o qual novas perseguições se poderiam exercer contra a Empreza Balnearia.

Estava lançado o *thema* em torno do qual deveria variar o poder municipal as expansões de uma má vontade. Era necessario *rebaixar o nivel do rego* e cobril-o para só *dispensar a represa!* Era absurda a exigencia do rebaixamento do nivel do rego, pois si a Empreza construio a represa é que necessitava d'agua em nivel superior ás suas officinas, e como nenhum principio de real interesse publico justificasse o desapparecimento do açude, as cousas continuaram como d'antes até 6 de Dezembro de 1897, quando a administração municipal, arvorando a bandeira da arbitrariedade, do despotismo, bandeira a que se abroquela sempre que trata com a Empreza Balnearia, baixou a seguinte portaria, que nos foi remettida á guisa de ultimatum :

« Não tendo os notificados até hoje satisfeito á demolição do açude, apesar de terem decorrido cinco dias e sendo urgente a providencia, o fiscal proceda á mesma demolição e completa limpeza do leito da Valla, reunindo *para esse fim os precisos trabalhadores* e intimando primeiramente o gerente da Empreza, digo, da Sociedade Rezende, Santos & C.ª para sua sciencia.— Poços de Caldas, 6 de Dezembro de 1897. (Assignado). Barros Cobra. »

Conhecedores dessa ordem contra ella, protestamos immediatamente em officio ao governo do Estado a quem pedimos providencias que felizmente foram dadas em tempo de produzir effeito.

Em vista de taes providencias, transigiu um pouco, concordando que lá ficasse a represa, mas que fosse reparada de alvenaria cimentada.

Foi essa uma unica sahida, a *retirada honrosa* que teve a perseguidora autoridade municipal ao desertar a posição insustentavel que lhe havia creado o seu amor proprio, sinão um baixo sentimento de vingança mesquinha.

Ainda desta vez, sempre firmes no proposito de evitar atritos, sempre calmos, cordatos, os arrendatarios acceitaram o alvitre proposto e communicaram ao agente executivo que passadas as chuvas, ao entrar o tempo secco, executariam o trabalho combinado. Qual não foi, porém, a surpresa dos arrendatarios quando ao apresentarem, em Agosto de 1898, a planta das obras de alvenaria projectadas, souberam que aquella auctoridade havia mandado violentamente destruir a represa, acabando com a servidão das aguas, privando de seu uso a Empreza, cujas officinas ficavam assim impedidas de funccionar. Mais uma vez fizeram os arrendatarios sentir o seu protesto contra a violencia perpetrada e sobre o assumpto apresentam dois officios obtidos em resposta; um do fiscal da Camara aos arrendatarios,— outro do presidente da mesma Camara ao engenheiro fiscal das aguas mineraes do Estado de Minas.

Eis os officios:

« Srs. Rezende, Santos e C.ª Em resposta ao vosso officio supra, tenho a declarar vos que *foi por ordem do Dr. agente executivo*, que eu, na qualidade de fiscal da Camara Municipal, *mandei destruir a represa* a que vos referis no dito officio. Poços de Caldas, 26 de Setembro de 1898. (Assignado). Reducindo Pinto. »

« Camara de Poços de Caldas, 23 de Setembro de 1898.— Sr. Dr. engenheiro fiscal das Empresas Hydro balneo-therapicas do Estado de Minas Geraes.

Em satisfação ao pedido constante do vosso officio n. 51, de 24 do corrente, que não teve mais prompta resposta por ter me sido entregue ás quatro horas da tarde desse dia e ser hontem Domingo, cabe me informar-vos que si realmente houvesse a *demolição* a que vos referis da represa d'agua no ribeirão da Serra, de propriedade deste Estado, que a arrendou aos Srs. Rezende, Santos & C.ª, *não foi effectuada por ordem* dessa agencia executiva em cujo archivo não ha caso algum a tal respeito que possa transmittir vos, o que houve e (dilacerada 1 palavra) de registrar em todos os meus actos, foi a providencia iniciada em Dezembro do anno passado, e a intimação feita ao gerente d'aquella sociedade arrendataria para demolir ou ver demolir a informe e grosseira represa então existente no canal do desvio das aguas do Ribeirão da Serra, que alem dos damnos materiaes (1 palavra dilacerada) feitos nocivos causados á hygiene e salubridade publica logo ás primeiras enchentes embara-

çava e ameaçava destruir as obras começadas e hoje concluidas na ponte sobre o mesmo canal, entre a praça do Senador Godoy e a rua da Saude.

Esta providencia determinada em portaria desta agencia executiva, de 1.º do referido mez, cuja cópia deixo de enviar-vos por ter sido dada na occasião ao gerente que a exigiu, foi suspensa em attenção ao vosso pedido e tambem ao do Dr. Pedro Sanches de Lemos — *socio principal e commanditario* daquella firma, promettendo ambos que em Março do corrente anno, passada a estação chuvosa não só a represa seria reconstruida em melhores condições e de accordo com a Camara, mas tambem seria devidamente canalisado e coberto o rego na parte que impedia e interceptava a passagem e transito pela nova ponte. Embora taes promessas não fossem até hoje cumpridas desappareceu posteriormente a necessidade de levar se a effeito a referida providencia porque bastou um *pequeno crescimento* das aguas do canal, em consequencia das chuvas de Fevereiro, para desmoronar o *amontoamento de madeiras velhas e pedras soltas* que formavam a represa.

Conforme vereis na informação prestada hoje mesmo pelo architecto e fiscal das obras municipaes que vos transmitto na cópia inclusa n.º 1 nenhuma *demolição foi ordenada nem executada*, por isso mesmo que já era desnecessaria e impraticavel; *apenas em Agosto ultimo o fiscal geral, mandando proceder á limpeza do canal, fez remover para as margens do mesmo algumas pedras sollas e esparsas no leito, que embaraçavam e retinham materias nocivas á saude publica levadas pela corrente.*

Tendo tido occasião de ver e apreciar com a vossa auctoridade e competencia profissional a represa de que se trata que tem motivado mais de uma das vossas excursões a esta villa e que entretanto *emphaticamente* determinaes *propriedade do Estado*, estou certo de que tereis devidamente informado ao governo o que era essa obra, como modelo de construcção grosseira e rudimentar, com flagrante menoscabo de todas as regras e providencias do asseio, de hygiene publica e como artificio destruidor de grande extensão de um canal aberto em rua e praças publicas, precisamente com o fim de diminuir o volume e melhorar o curso das aguas do Ribeirão da Serra em prevenção de damnos materiaes e em beneficio da salubridade da povoação. Entretanto, em Janeiro do corrente anno, quando ainda existia a referida represa e esta agencia executiva ainda aguardava o desempenho da promessa feita por vós e pelo Dr. Pedro Sanches de Lemos, fiz proceder *por peritos idoneos ao exame e vistoria* constante da cópia junta tambem sob n.º 2 por meio dos quaes foram verificados, descriptos e consignados a natureza e o estado dessa represa, cujo conhecimento deve interessar ao governo do Estado que, zeloso e patriotico como é, de certo ainda ignora muitos dos grandes bene-

ficios feitos em seu nome a esta florescente e futurosa localidade, digna, sem duvida, pelos seus prodigiosos dons naturaes, de todos os desvellos da administração publica, tanto municipal como estadoal.

Persuadido de vos ter informado sufficientemente sobre o objecto do vosso officio, desejo *accentuar* em conclusão que esta agencia executiva *não mandou demolir a represa* de que tratae, nem podia realmente *haver demolição*, quando fora *desmoronada pela propria corrente represada*, mas em cumprimento do seu dever teria proseguido e mandado effectuar essa providencia, si fosse necessaria, *assumindo*, como é de direito, toda a responsabilidade do seu acto.

Como deveis suppôr, porque conheceis o actual agente executivo de Poços de Caldas, não faço esta declaração por *mera e censuravel jactancia*, mas no intuito de desassombrar o vosso animo esclarecido e recto das manobras mexeriqueiras e intrigantes que procuram á fina força fazer crer em *imaginarios caprichos e arbitrariedades da actual administração municipal* para com os arrendatarios dos estabelecimentos balneo-therapicos, da mesma forma porque o fizeram com a extincta Empresa Balnearia dos Poços de Caldas. Saude e fraternidade. —O agente executivo municipal (assignado) *José Ignacio de Barros Cobra.*»

Ahi deixamos registrados os dois officios, que trazem ambos a mesma data, ambos egualmente emanados de duas auctoridades municipaes que se identificam porque, embora uma seja subalterna e outra superior, a primeira é uma funcção da segunda.

E podem estes documentos, explicando o mesmo objecto sujeitarem-se a um confronto? O fiscal, honra lhe seja feita, declara na altivez do seu caracter, ou na inconsciencia de instrumento que é — «*que foi por ordem do Dr. agente executivo que eu, na qualidade de fiscal da Camara, mandei destruir a represa.*» emquanto o agente executivo fala ao representante do governo que, «*se realmente houvesse a demolição a que vos referis da represa d'agua no Ribeirão da Serra, de propriedade do Estado, não foi effectuado por ordem desta agencia executiva.*»

E os arrendatarios seriam levados a crer que, nesse assumpto em que se devia pôr á prova a nobresa, a hombridade, sinão a propria honra da autoridade municipal, os dois funccionarios se divorciaram pela contradição, se acontecimentos anteriores não trouxessem a elles arrendatarios a convicção de que ambos os officios foram dictados pela mesma auctoridade—o ex-agente executivo municipal.

E' que consultava aos planos daquella ex-auctoridade fazer rugar aos arrendatarios,—como si estes fossem creanças, a catadura de sua prepotencia, procurando intimidal-os com a realidade do seu quero e do seu posso, e procurou fazel-o pelo officio de seu fiscal;

e, ao governo, porém, verdadeiro proprietario da Empresa, foi a ex-auctoridade em seu proprio nome, repudiando vergonhosamente o seu acto e as suas ordens, negar covardemente que houvesse mandado demolir a represa!

E' que aquella ex auctoridade continuava firme, como continua, no proposito de tirar a calma aos arrendatarios, molestando-os incessantemente, a ver se assim conseguia que elles acceitassem a proposta—*tantas vezes feita*, de lhe passarem elles o arrendamento dos estabelecimentos balnearios.

E onde fica a coherencia do ex-agente executivo si se submetter o seu officio a uma analyse? Não seria necessario, e muito, que ficasse bem claramente demonstrada a causa demolidora da represa? Foi a enchente, em fevereiro, ou o fiscal da Camara em Agosto que levou a cabo tão patriotica empresa? Comquanto certifique o officio do engenheiro fiscal que: *desappareceu posteriormente a necessidade de levar-se a effeito a referida providencia porque bastou um pequeno augmento das aguas do canal em consequencia das chuvas de Fevereiro para desmoronar o amontoamento de madeiras velhas e pedras soltas que formavam a represa*», as officinas da Empresa continuaram a ser servidas pela agua desviada em razão da represa, até que em Agosto o fiscal geral, «*mandando proceder á limpeza do canal fez remover, para as margens do mesmo, algumas pedras soltas e esparsas no leito que embaraçavam e retinham materias nocivas á saúde publica levadas pela corrente*», cassou á Empresa a posse em que se achava, ha dezesete annos, de uma servidão que nunca lhe fôra contestada.

Isto de «*pequeno augmento das aguas no canal desmoronar*» a represa é simplesmente uma pilheria, porque o proprio sr. agente executivo, como a maioria dos habitantes da villa, sabe que ha dezesete annos «*aquelle amontoamento de madeiras velhas e pedras soltas que formavam a represa*» e que o fiscal geral fez remover para as margens do mesmo (canal) resistia solidamente ás maiores enchentes do canal.

Podem, pois, os arrendatarios responder á interrogativa que acima deixaram:

Foi o fiscal da Camara, em Agosto, e não a enchente do canal, em Fevereiro, que *desmoronou* a represa, e o fez segundo confessa por ordem do ex agente executivo que assumiria, não «por méra e censuravel jactancia,» como é de direito, toda a responsabilidade do seu acto si tal «acto» houvesse no *archivo da agencia executiva*».

.....(tem seis linhas dilaceradas).

E em arrojado lance de sua personalidade impeccavel, entoando uma venia á puresa de suas intenções, termina seu officio o ex agente executivo «lessassombrando o animo, esclarecido e recto do engenheiro fiscal, das manobras mexeriqueiras e intrigantes que pro-

curam á fina força fazer crer em imaginarios caprichos e arbitrariedades da actual administração municipal para com os arrendatarios dos estabelecimentos balneo-therapicos, da mesma forma porque o fizeram com a extincta Empresa Balnearia de Poços de Caldas!

Serão acaso necessarias «manobras mexeriqueiras e intrigantes» para «fazer crer em imaginarios caprichos e arbitrariedades» daquella autoridade «para com os arrendatario»?

Vejamos. Conceda se que fosse o transbordamento das aguas ou uma forte ventania a causa do desmoronamento das pedras soltas que desde 17 annos resistiam a todas as enchentes; conceda se que a propria natureza, revoltada, viesse em auxilio da pobre auctoridade municipal, expurgando a villa daquelle foco de emanações mephyticas, pestilenciaes e mortiferas; conceda-se tudo quanto queira a ex-auctoridade, mais ainda!

Diante do facto consummado, a indignação causada aos arrendatarios pelo esbulho de seus direitos cedeu logar á resignação tacita, quasi evangelica, a que as perseguições de continuo os haviam acostumado. Restava lhes a elles, os que precisavam da agua e da repreza um recurso unico: reconstruil-a. Nesse sentido dirigiram á Camara Municipal um requerimento, pedindo approvação da planta, mediante a qual devia ser construida a nova represa.

A tal raquerimento o agente executivo deu em 1.º de Setembro o seguinte despacho: *Para que este agente executivo resolva sobre o objecto de esse requerimento de 11 do mez findo, cumpre que apresenteis a licença municipal em virtude da qual foi feita a represa que pretendeis substituir.*»

Si ha «imaginarios caprichos e arbitrariedades» ou si ha má vontade, guerra pequenina e caprichosa movida contra a Empresa nestes actos que traduzem perseguições constantes, facilmente se podem avaliar.

Pois que! O agente executivo em Dezembro de 1897, suspendeu a ordem de demolição da represa para entrar em accordo com os arrendarios promptificando se estes a reconstruir a represa, sem que houvesse da parte da mesma auctoridade exigencia da licença, como é que mezes depois, só porque uma enchentezinha carregou com as pedras ali plantadas ha dezesete annos, já os arrendatarios em tão descabida exigencia do poder executivo, encontravam tropeços e obstaculos para reconstruir essa represa?! Então ignora o sr. agente executivo que as empresas balnearias que se têm succedido, têm successivamente estado de posse da represa por espaço de dezesete annos, isto é, desde uma epocha em que não havia agente executivo, nem presidente da Camara, nem Camara Municipal em Poços de Caldas? Que significa isto?

Significa tão somente que o odio pequenino induzia, em Dezem-

bro de 1897, o agente executivo a crear á Empresa mais a difficuldade da destruição da Empresa.

Impedido de fazel-o pela intervenção, por ordem do governo, do engenheiro fiscal das aguas, simulou o tal accordo, mas logo veio em seu auxilio a providencia com o pequeno *crescimento de aguas* sufficiente para destruir a represa, sem outra intervenção humana, além da medida ultra hygienica de se retirarem umas pedras soltas que por acaso foram ficar lá bem no logar da represa! Destruida a immunda represa os arrendatarios se prestarão a construir outra e a *licença* surgiu como um novo impecilho!

E não é verdade que o agente executivo nada diz sobre tal licença, quando no officio, acima transcripto, dirigido ao engenheiro fiscal dá conta das informações pedidas sobre a represa? E o officio do ex-agente executivo, além de incoherente e capcioso, não está repleto de heresias juridicas, o que nos levaria a ter serias apprehensões pela sua integridade mental, attenta a sua elevada competencia se não fosse a convicção em que nos achamos de que a paixão o tem obsecado? Onde vio o ex agente executivo que um socio commanditario é o socio principal de uma firma? Não sabia o ex-agente executivo que o caso da represa que mandou destruir é uma das especies de desapropriação de que cogita a lei n. 15 da legislação mineira, uma vez que a Camara não queira manter a servidão da mesma como a tem tido os arrendatarios? E si o sabia como expediu uma portaria contra a mesma lei, mandando violentamente desfazer aquella servidão? Não conhecia o ex agente executivo o processo a seguir-se na referida lei para os casos de desapropriação? E então o ex agente executivo mandou clandestinamente proceder a uma vistoria administrativa, sem que o governo, parte interessada, fosse ouvido? Foram os arrendatarios da Empresa ou o fiscal do governo convidados a comparecer ao acto da vistoria?

E o ex-agente executivo, reconhecendo o terreno fofo, em que pisava, verificando quanto era profundo o sub solo pantanoso, onde por certo se afundaria, preferiu logo, após a remessa do officio acima transcripto, resignar o seu mandato, e o fez consignando ao seu successor—instrumento mais apropriado e inconsciente, a tarefa gloriosa a que se havia entregue dedicada e apaixonadamente, á semelhança de Catão, pedindo a destruição de Carthago!

Se esta exposição clara e documentada não basta para evidenciar a guerra absurda e pertinaz de que é e tem sido victima a Empresa de Caldas, para não nos alongar, accrescentaremos apenas outra

curam á fina força fazer crer em imaginarios caprichos e arbitrariedades da actual administração municipal para com os arrendatarios dos estabelecimentos balneo-therapicos, da mesma forma porque o fizeram com a extincta Empresa Balnearia de Poços de Caldas!

Serão acaso necessarias «manobras mexeriqueiras e intrigantes» para «fazer crer em imaginarios caprichos e arbitrariedades» daquella autoridade «para com os arrendatarios»?

Vejamos. Conceda se que fosse o transbordamento das aguas ou uma forte ventania a causa do desmoronamento das pedras soltas que desde 17 annos resistiam a todas as enchentes; conceda se que a propria natureza, revoltada, viesse em auxilio da pobre auctoridade municipal, expurgando a villa daquelle foco de emanações mephyticas, pestilenciaes e mortiferas; conceda-se tudo quanto queira a ex auctoridade, mais ainda!

Diante do facto consummado, a indignação causada aos arrendatarios pelo esbulho de seus direitos cedeu logar á resignação tacita, quasi evangelica, a que as perseguições de continuo os haviam acostumado. Restava lhes a elles, os que precisavam da agua e da repreza um recurso unico: reconstruil a. Nesse sentido dirigiram á Camara Municipal um requerimento, pedindo approvação da planta, mediante a qual devia ser construida a nova represa.

A tal requerimento o agente executivo deu em 1.º de Setembro o seguinte despacho: *Para que esta agencia executiva resolva sobre o objecto de vosso requerimento de 11 do mez findo, cumpre que apresenteis a licença municipal em virtude da qual foi feita a represa que pretendeis substituir.*»

Si ha «imaginarios caprichos e arbitrariedades» ou si ha má vontade, guerra pequenina e caprichosa movida contra a Empresa nestes actos que traduzem perseguições constantes, facilmente se podem avaliar.

Pois que! O agente executivo em Dezembro de 1897, suspendeu a ordem de demolição da represa para entrar em accordo com os arrendarios promptificando se estes a reconstruir a represa, sem que houvesse da parte da mesma auctoridade exigencia da licença, como é que mezes depois, só porque uma enchentezinha carregou com as pedras ali plantadas ha dezesete annos, já os arrendatarios em tão descabida exigencia do poder executivo, encontravam tropeços e obstaculos para reconstruir essa represa?! Então ignora o sr. agente executivo que as empresas balnearias que se têm succedido, têm successivamente estado de posse da represa por espaço de dezesete annos, isto é, desde uma epocha em que não havia agente executivo, nem presidente da Camara, nem Camara Municipal em Poços de Caldas? Que significa isto?

Significa tão somente que o odio pequenino induzia, em Dezem-

bro de 1897, o agente executivo a crear á Empreza mais a difficuldade da destruição da Empresa.

Impedido de fazel-o pela intervenção, por ordem do governo, do engenheiro fiscal das aguas, simulou o tal accordo, mas logo veio em seu auxilio a providencia com o pequeno *crescimento de aguas* sufficiente para destruir a represa, sem outra intervenção humana, além da medida ultra hygienica de se retirarem umas pedras soltas que por acaso foram ficar lá bem no logar da represa! Destruida a immunda represa os arrendatarios se prestarão a construir outra e a *licença* surgiu como um novo impecilho!

E não é verdade que o agente executivo nada diz sobre tal licença, quando no officio, acima transcripto, dirigido ao engenheiro fiscal dá conta das informações pedidas sobre a represa? E o officio do ex-agente executivo, além de incoherente e capcioso, não está repleto de heresias juridicas, o que nos levaria a ter serias apprehensões pela sua integridade mental, attenta a sua elevada competencia se não fosse a convicção em que nos achamos de que a paixão o tem obsecado? Onde vio o ex agente executivo que um socio commanditario é o socio principal de uma firma? Não sabia o ex-agente executivo que o caso da represa que mandou destruir é uma das especies de desapropriação de que cogita a lei n. 15 da legislação mineira, uma vez que a Camara não queira manter a servidão da mesma como a tem tido os arrendatarios? E si o sabia como expediu uma portaria contra a mesma lei, mandando violentamente desfazer aquella servidão? Não conhecia o ex agente executivo o processo a seguir-se na referida lei para os casos de desapropriação? E então o ex agente executivo mandou clandestinamente proceder a uma vistoria administrativa, sem que o governo, parte interessada, fosse ouvido? Foram os arrendatarios da Empresa ou o fiscal do governo convidados a comparecer ao acto da vistoria?

E o ex-agente executivo, reconhecendo o terreno fofo, em que pisava, verificando quanto era profundo o sub solo pantanoso, onde por certo se afundaria, preferiu logo, após a remessa do officio acima transcripto, resignar o seu mandato, e o fez consignando ao seu successor—instrumento mais apropriado e inconsciente, a tarefa gloriosa a que se havia entregue dedicada e apaixonadamente, á semelhança de Catão, pedindo a destruição de Carthago!

Se esta exposição clara e documentada não basta para evidenciar a guerra absurda e pertinaz de que é e tem sido victima a Empresa de Caldas, para não nos alongar, accrescentaremos apenas outra

ordem de considerações sobre mais alguns actos de perseguição, dentre tantos que demonstrariam como e porque o famoso governo do municipio se preoccupa unica e exclusivamente com aquella *sua pretendida feitoria.*

Trataremos agora dos obstaculos sempre creados á construcção e aos melhoramentos dos estabelecimentos balnearios.

A construcção do estabelecimento de «Pedro Botelho» foi iniciada em 1882, e sob pretexto de não guardar o alinhamento da praça foi suspensa e mais tarde transferida para o local onde hoje se acha.

Para melhor se conhecer da sinceridade dos homens daquella epocha, que são na sua maioria, ainda hoje, os mesmos inimigos da Empreza, chefiados pelo Dr. Barros Cobra, ex agente executivo, Antonio Teixeira Diniz e outros, transcrevemos o seguinte abaixo assignado :

« Illm. e Exmo. Sr. presidente da Provincia.

Os abaixo assignados residentes na Freguezia de Nossa Senhora da Saúde de Poços de Caldas, usando do direito de petição, que lhes é autorgado pela Constituição do Imperio, vêm perante V. Exc. representar sobre o facto que passam a expôr. Pelo contracto celebrado em 25 de Julho do corrente anno, por bem do Aviso de 20 de Maio de 1881, foi concedido previlegio aos Drs. Carlos P. de Sá Fortes e José de Carvalho Tolentino e negociante matriculado, Anselmo Fernando de Almeida, para construirem estabelecimentos balnearios nas aguas thermaes desta Freguezia, ordenando V. Exc., á Camara de Caldas para demarcar e fazer entrega dos terrenos que outr'ora foram concedidos ao Dr. José Caetano dos Santos, primeiro previlegiado nas mesmas aguas, cujo contracto caducou.

Achando-se á frente das obras projectadas o negociante Anselmo Fernando de Almeida, requereu á Camara de Caldas o cumprimento da portaria de V. Exc., afim de ser empossado nos ditos terrenos, o que feito elle se arroga o direito a quasi metade do terreno doado á Provincia, de modo que ninguem mais poderá obter um praso qualquer para edificar, si ao mesmo concessionario não aprouver ceder, devendo-se accentuar que ficará senhor até da agua potavel que abastece esta povoação.

A natureza das aguas aqui existentes é de tanta importancia e utilidade, que dentro em muito pouco tempo esta povoação deverá figurar no numero das mais importantes da Provincia, tal é o seu commercio e progresso material, tudo isto, porém, desapparecerá, será mesmo anniquilada esta povoação si prevalecer a posse dos terrenos concedidos aos concessionarios, pois que não ficará nem um palmo para logradouro publico.

Os abaixo assignados ainda mais levam ao conhecimento de V. Ex. um outro facto que muito nos tem contristado :

Os fazendeiros, senhores da fazenda dos Poços, antes de fazerem doação do terreno á Provincia, construiram a esmo pequenas casas para alugarem aos balneantes, em cujos edificios não foram guardados os preceitos de arte e muito menos de architectura, tanto assim que o engenheiro que veio alinhar a povoação e demarcar os prasos para edificações, as desprezou nesse alinhamento, devendo se entender que, do futuro, não poderiam ser reedificadas. Pois bem, o concessionario, gerente das obras, desprezando a opinião geral, e, talvez, só por mero capricho, está construindo o estabelecimento balneario fóra do alinhamento geral, estabelecimento que fica na praça mais nobre desta povoação e que si V.Ex. não mandar immediatamente mudar, do alinhamento em que está sendo edificado — ficará *sendo um verdadeiro espantalho collocado no largo desta povoação*.

Os abaixo assignados são tanto ou mais interessados nas mencionadas obras do que os concessionarias, e por isso, trazendo sua representação ás mãos e conhecimento de V.Ex., esperam que serão attendidos, afim de que aos concessionarios sejam cedidos sómente os terrenos de que tiverem necessidade para as obras e suas dependencias, e que estando ainda em começo os alicerces do estabelecimento se observe a planta da povoação, juntando se o bello ao agradavel, o justo ao necessario.

Deus guarde a V.Ex. Poços de Caldas, 29 de Agosto de 1882. Ill'm.° Exm. Sr. Dr. presidente da Provincia de Minas Geraes. Seguem se as assignaturas, em cuja frente se acha a de Antonio Teixeira Diniz.»

Esta reclamação, naturalmente, devia de suggerir ao governo da ex Provincia qualquer medida no sentido de ficar bem averiguada a sua procedencia.

E a medida tomada levou o gerente Anselmo de Oliveira a dirigir ao governo o seguinte officio :

«Illm. Exm. Sr. Constando-me que V.Ex., attendendo a uma representação que daqui partiu, ordenou á Camara Municipal de Caldas que reunisse todos os papeis concernentes aos Poços de Caldas e se apresentasse para auxiliar o engenheiro do districto nos seguintes pontos :

1.° Si os alicerces já completamente assentados para o estabelecimento balneario que está se construindo junto das fontes *Pedro Botelho, Mariquinhas e Chiquinha* acham se ou não no alinhamento da praça.

2.° Quaes os terrenos entregues á Empreza, por constar que a mesma se havia apossado de mais da metade dos terrenos pertencentes á Provincia.

Constando me esses factos por pessoas fidedignas, mandei immediatamente sustar as obras do estabelecimento balneario, á espera do respectivo engenheiro ; pois, comprehende V. Ex. que a ter de se

mudar o edificio, melhor será que a Empreza tenha um prejuizo menor, que um maior.

Ora, a demora que tem havido no apparecimento aqui do engenheiro, prolongando a suspensão das obras, é summamente prejudicial á Empreza, pois, cada vez mais se augmentam os seus prejuizos. Venho, pois, rogar a V.Ex., que quanto antes se digne providenciar no sentido de dar se solução a esta questão, si é que é verdadeira a noticia que me deram, attendendo aos enormes prejuizos, que a Empreza está tendo com a paralyzação de suas obras e o tempo que vae passando, sem que as mesmas se adiantem.

Tenho consciencia de que os alicerces por mim assentados estão no alinhamento da povoação de um lado da praça que continúa em uma rua : no mappa desta povoação, levantado pelo engenheiro H. H. Soares do Couto, verá V.Ex. que esse engenheiro, alinhador, houve que respeitar casas que já achou construidas em terrenos particulares em um dos lados da praça que é completamente de forma irregular, tendo essas casas uma montanha por detraz. Taes casas formam um dos lados de uma rua enviasada, a unica da povoação que assim é, e foi o seu alinhamento que serviu de base á minha escolha. Ha mais, si de futuro houver de accrescentar o meu estabelecimento, como é de esperar, terei espaço para mover me e não encontrarei com o obstaculo do rio como se dará mudando o meu edificio.

Mude se, como se mudar, o meu estabelecimento sempre ficará torto para um dos lados da praça.

Comprehende V.Ex que eu não tenho a culpa de haver no mappa e na povoação uma praça de forma irregular.

Mesmo agora, si forem collocados os alicerces em outra direcção, como aqui pretendem, um dos lados do edificio, por força ha de ir sobre o barranco do rio : facto que não precisa de commentarios não só pelo perigo como pela falta de segurança, para o edificio, sobre tudo aqui que as enchentes são enormes e frequentes.

Quem, Exmo. Sr., aqui, mais do que eu, procurará a segurança e regularidade dos edificios da minha Empreza ?

Isto posto, espero que V.Ex., solicito como sempre se tem mostrado por esta Empreza, dar me á prompta solução a esta questão que aqui como em Caldas se pretende levantar para atraso das obras do estabelecimento. Deus guarde a V. Ex.

Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Theophilo Ottoni, m. d. presidente da Provincia de Minas Geraes. (Assignado). *Anselmo Fernando de Almeida*, empresario-gerente das obras em Poços de Caldas, em 9 de novembro de 1882.

A este officio o illustre presidente de Minas respondeu com a seguinte carta de gabinete :

«Tendo recebido da Camara Municipal de Caldas uma representação contra o alinhamento do predio destinado ao estabelecimento

balneario da mesma cidade, a cargo de V.S., mandei como é de praxe ouvir a respeito o engenheiro do districto, isto porém, não auctoriza a suspensão das obras nem é motivo para V.ª S.ª arreceiar se de que o *governo provincial fraqueie deante dos enredos daquelles que pretendem embaraçal o na sua patriotica empresa*. Continue *sem susto* com o seu trabalho e *conte com o meu apoio*. Subscrevo-me com particular apreço, etc. (Assignado). Theophilo Ottoni».

As palavras gryphadas deste officio ou desta carta do digno presidente de Minas, datado de Novembro de 1882, provam que desde essa epocha o governo tinha conhecimento dos *enredos* daquelles que pretendiam embaraçar a Empresa Balnearia que elle considerava patriotica, promettendo mesmo não fraquear o seu apoio.

«Patriotica Empresa» dizia o sempre lembrado Theophilo Ottoni, homem de valor e cuja opinião não póde nem deve ser suspeitada de parcialidade.

Patriotica sim,—porque nessa epocha o material que pertencia á Provincia e entregue á Empresa orçava apenas em 1:092$000, ao passo que, hoje, ha dois estabelecimentos de primeira ordem, em um dos quaes a actual administração não tem cessado de introduzir melhoramentos que, afinal, constituem elementos de progresso para a localidade, isto apesar da estupenda guerra movida pela primeira auctoridade municipal, como vamos expondo neste relatorio geral, ou antes nesta resenha em que vamos historiando as mais incompreheensiveis perseguições!

Mas, continuemos, porque as difficuldades creadas á construcção do estabelecimento não se limitaram á questão do alinhamento. O edificio estava sendo construido sobre as fontes de *Pedro Botelho, Mariquinhas* e *Chiquinha*, como indicava o mais rudimentar bom senso. Tal foi a *grita* do povo (*sempre o povo!*) contra isto, que o Sr. Anselmo de Almeida, então gerente da Empresa, para não *enfeiar a praça* e apesar de já ter dispendido cerca de 5:000$000 nos alicerces, teve de recuar o estabelecimento, para o local em que ainda hoje se acha.

Em janeiro de 1890, o engenheiro Chrispiniano Tavares, examinando as obras por ordem do governo do Estado, achou-as bem feitas e calculou que deveriam ter custado somma muito consideravel, mas estranhou que o estabelecimento não tivesse sido construido sobre as fontes.

Era tarde, porque a *grita* já havia produzido os seus resultados. Finda a questão do alinhamento, prejudicada a Empresa com o abandono dos primeiros alicerces lançados sobre as fontes ou grupo de fontes denominado *Pedro Botelho, o Odio, a Inveja*, alliados ao *Interesse*, julgaram dever se transformar novamente em *grita do povo* exigindo a construcção de um novo estabelecimento sobre a fonte dos *Macacos*, distante do primeiro apenas 666 metros!

A esse respeito o Dr. Chrispinianno Tavares informou ao governo o seguinte :

«*E' uma grita absurda, mas quem póde com a opinião publica !*»

Referindo-se ao encanamento, diz o Dr. Chrispiniano :

«Este encanamento é perfeitamente construido e satisfaz plenamente todas as condições em encanamentos desta natureza.»

Note-se que o ex-agente executivo dirigiu sobre este assumpto longuissimos officios ao então presidente de Minas — Dr. Affonso Penna.

Dizia mais o Dr. Chrispiniano : «Julgo a maior parte dos serviços feitos pela Empresa erros palpaveis e que deviam ter sido evitados quando se approvou o plano geral das obras, si é que foi approvado.»

E o que se podia esperar de trabalhos executados ao embate de paixões e interesses encapotados sob um falso rotulo da grita popular ?

Entretanto, o illustrado engenheiro lembrava ao governo a conveniencia de um accordo com a Empresa que muito havia feito para corrigir os erros primitivos. E que foi esse accordo sinão a exigencia de construir o novo estabelecimento de *Macacos* em prejuizo de custosas obras de canalização ?

O representante da Empresa, em officio ao governo, dizia : «Em primeiro logar a Empresa não construiu esse segundo estabelecimento sobre as fontes dos *Macacos* porque o actual basta perfeitamente para o serviço do exiguo numero de banhistas que frequentam de presente esta estancia balnearia ; não havia ella de metter se em novas despesas, só para dar ouvidos a uma grita, sem motivo e sem fim,—grita que parte dos *interessados em dar valor aos terrenos situados no largo da Columbia* onde demora a dita fonte. De futuro, quando o actual estabelecimento não bastar para os serviços dos balneantes, a Empresa será a primeira a tratar de edificar o estabelecimento dos *Macacos*.

Como se vê, mal acabava a Empresa de construir um estabelecimento balneario, reputado excellente pelo engenheiro Chrispiniano Tavares, gastando com o serviço de conducção de aguas dos *Macacos* «somma bem consideravel», como declarou ainda o referido engenheiro e já a grita dos interessados levantava novo obstaculo e exigia a construcção do estabelecimento dos *Macacos*, *para valorisação* dos terrenos adjacentes, pertencentes ao agente executivo, auctor de tantas perseguições pequeninas. Tão pequenas, que uma vez construido o estabelecimento dos *Macacos*, foi preciso cercar o terreno pertencente á Empresa, e o agente executivo encetou a proposito nova campanha de picardias e de exigencias que bem demonstram o intuito unico de crear difficuldades aos actuaes arrendatarios como já havia creado ás empresas anteriores.

Em 16 de Abril de 1898 o ex-agente executivo dirigiu aos arrendatarios o seguinte officio :

« Sendo informado de que o fécho que trataes de fazer no Largo da Columbia para circumscripção do estabelecimento balneario da fonte dos « Macacos » e do respectivo jardim, consistirá em um muro de tijolos gradeados, apresso me a communicar-vos que esse fécho não póde ser estabelecido senão por gradil de ferro ou madeira, assento sobre baldrame de alvenaria de pedras ou tijolos, como aliás fora combinado com o gerente da extinta « Empreza Balnearia » por occasião de ceder a Camara o terreno da praça necessario á edificação do mencionado estabelecimento.

As posturas municipaes prohibem, nas ruas e praças, quaesquer obras que não se conformem com as plantas e os planos da Camara (com os *planos* principalmente) e bem comprehendeis a absoluta inconveniencia de um muro de tijolos, quaesquer que seja a sua forma, levantado no centro de uma praça e que, no caso de que se trata, não só contraria sob todos os aspectos o aformoseamento da povoação, que á Camara incumbe promover e zelar, como prejudicial á propria perspectiva do estabelecimento balneario. Si nesta questão, como em outras suscitadas anteriormente, vos parecer que o governo do Estado, pelo facto de ser o proprietario locador dos estabelecimentos balnearios, compete resolver sobre a reclamação municipal, *embora julgue infundada semelhante intellegencia*, rogo vos que façaes suspender as obras em começo, até a decisão do mesmo governo, a quem a Camara vae representar sobre o assumpto, e, em todo caso, aguardo a vossa resposta para ulterior deliberação. Saúde e fraternidade. (Assignado) ».

Apesar da impertinencia da intimação e do tom emphatico em que falava em aformoseamento da povoação quem nunca cuidou sinão em deixar nascer o capim e estagnar as aguas nas ruas, a Empresa então como sempre manteve se calma, deixando de responder a mais essa provocação, e alterando, entretanto o serviço, no sentido da modificação pedida, mandou, para evitar attritos, que a cerca do estabelecimento dos « Macacos » fosse feita com gradil de madeira.

Esse trabalho foi executado com a assistencia do engenheiro-fiscal das aguas mineraes.

Pois, o ex-agente executivo não ficou satisfeito e tentou novamente suspender a obra, de modo que a 30 de Maio, ou mez e meio depois do officio acima transcripto, novo officio foi dirigido aos arrendatarios. Nesse documento o ex-agente executivo repetia emphaticamente que « *só pelo arrendamento da obra tinha podido conhecer a natureza da modificação feita no gradil e que esta modificação não o satisfazia* ».

Achava o gradil pesado, grosseiro e disforme em todos os sentidos, chegava a achal-o uma coisa inteiramente desnecessaria, só não lembrando-se tambem da falta de *licença* da Camara para sua construcção, como se elle proprio no officio anterior não houvesse expontaneamente declarado que entrara em accordo com a Empreza anterior para a construcção do gradil, e não houvesse mandado estacar o terreno para a execução da obra.

Por estas razões *poderosas* e *serias*, mas muito *serias*, protestava o ex agente executivo contra a continuação da obra encetada, esperando que os arrendatarios a fizessem suspender... O gradil, porém, foi acabado e não será para estranhar que um bello dia qualquer *enchentezinha* ou *furacão* carregue com elle, como já se dera com a represa, que tinha dezesete annos de duração!

Com esta, porém, não terminou a serie de perseguições resultantes da guerra surda e absurda movida contra a empreza balnearia.

E para não nos alongarmos muito deixaremos de analysar minuciosamente os acontecimentos que deram em resultado as arruaças e outras provocações presididas pelo então delegado de policia Antonio Teixeira Diniz e das quaes foi victima o Sr. Anselmo de Almeida, um dos espiritos mais emprehendedores de nossa patria e que perdeu na luta ali travada grande parte de sua preciosa saúde. E para darmos sómente uma amostra do que foi aquillo contentar-nos-emos em transcrever alguns topicos de uma carta do Sr. Dr. Pedro Sanches de Lemos ao Sr. Almeida: — « O negocio dos terrenos que lhe foram cedidos não vae bem. O povo entende que o matto é logradouro publico e a isso está habituado.

Revoltou-se com a prohibição da tirada de lenha, páo, barro, etc., etc. Já por duas vezes se reunio para escangalhar o que está feito, sendo contido.

Mandaram um *ultimatum* e esperam a minha resposta. Não sirvo para dar-lhe conselho, mas falei ao compadre Agostinho e é esta a sua opinião: marcar o amigo o terreno de que precisa e dar o resto para logradouro publico. » — O delegado de policia em officio dirigido ao encarregado do expediente contestava o facto e dizia que o *povo* havia dirigido uma petição, a respeito, ao presidente da *Provincia* « *cuja decisão contamos nos seja favoravel* » affirmava elle.

E' preciso que vos lembreis que a extincta Empreza encontrou os mesmos tropeços por parte do referido chefe na demarcação da area necessaria á construcção do estabelecimento dos Macacos, e só depois da intervenção energica por parte do então presidente do Estado o Sr. Conselheiro Affonso Penna foi feita a demarcação exigida. E a extincta Empreza era proprietaria e não arrendataria dos estabelecimentos!

As ameaças que em vossa presença fez o chefe executivo ao governo do Estado a respeito dos terrenos demarcados legalmente pelos

engenheiros para isso commissionados, demarcação approvada pelo governo, de 1884, não sufficiente para demonstrar cabalmente o quanto é apaixonado o chefe executivo do municipio, sempre prompto anteriormente a levar queixas ao presidente do Estado contra a Empreza por não executar melhoramentos e hoje o mais ferrenho adversario desses melhoramentos.

Bem comprehendemos o intuito conciliador do governo e por isso nos resignamos em não continuar a insistir nas nossas pretenções ».

Este officio por si só constitue a chave de ouro da exposição que acabamos de fazer com relação á guerra que o interesse particular tem movido á Empreza. Elle contem a affirmação não contestada de que o proprio engenheiro Dr. Luz, fiscal das aguas na occasião, ouvio do agente executivo de Poços de Caldas ameaças de oppor obstaculos aos melhoramentos projectados, elle contem a affirmação não contestada da confissão do mesmo agente executivo perante o proprio fiscal das aguas, de que desejava valorisar os seus terrenos nas visinhanças dos «Macacos» querendo até arrendar este estabelecimento; elle, o agente executivo, emfim, é o espelho da situação creada á Empreza por um odio que, vindo de longe, encarnou-se naquella ex-autoridade municipal e hoje serve de pedestal ao actual agente executivo.

E depois de toda essa lucta ingloria, que se tem feito de util e duradouro? Nada, absolutamente nada. Os emprezarios como si dirigissem alguma empreza lá pelos confins do Celeste Imperio, com grande sacrificio de seus esforços e seus interesses, embalde procuram romper o circulo de ferro do estacionismo a que os tem circumscripto os poderes municipaes!

Os ambiciosos de todos os tempos, que exploram a demagogia em beneficio de seus interesses individuaes, os que a todo transe têm procurado vencer-nos pelo cansaço, vendo na posse da Empreza Balnearia a conquista de um Eldorado, tampouco têm conseguido empolgal-a!

A propria povoação de Poços de Caldas, tão digna de melhor sorte, não tem tido em seus eleitos os verdadeiros defensores de seus mais vitaes interesses, os pugnadores de seu progresso, os propulsores de seu engrandecimento, porque os seus interesses vitaes, o seu progresso e seu engrandecimento estão intimamente ligados aos da Empreza Balnearia que elles guerreiam continuamente, sem treguas!

O Estado — este vê desvalorizada uma de suas mais bellas riquezas, não passando de provisorias as construcções que alli se fizeram e assim quasi que inutilmente perdidos tanto esforço, tanto dinheiro!

Eis o resumo historico dessa guerra de cerca de 20 annos, na qual, as armas mais empregadas foram sempre a intriga, a hypocrisia, a mentira, a calumnia e a má fé.

— Lutando com calma, resistindo com firmeza, os arrendatarios têm, comtudo, podido realisar grandes melhoramentos, certos de que estão trabalhando pela prosperidade de Poços de Caldas, e pela grandeza de Minas, nesta campanha humanitaria e digna!

1 de Setembro de 1899.

PADUA REZENDE.

O ultimo acto da administração do Dr. Padua Rezende, digno de nota, foi a moratoria que elle conseguiu do Governo de Minas quanto á prestação de 30:000$000, referente ao anno de 1900: a Empreza Balnearia deixou de pagar ao Governo, naquelle anno, o preço do arrendamento e empregou o na construcção do chamado *Predio Novo*, que lhe custou 45:187$430; mas obrigou-se a indemnizar o Governo durante 6 annos, a contar de 1900, á razão de 5.000$000 por anno. Findo o prazo do contracto de 30 de março de 1896, o *Predio Novo*, que augmentou o Hotel da Empresa de 20 quartos e uma saleta, reverterá para o Estado de Minas, junto ao Estabelecimento Balneario o officio de *Casa da Administração*.

Retirando-se o Dr. Padua Rezende da Empresa Balnearia, ficaram á frente della, com permissão do Governo de Minas, o Dr. Gabriel de Oliveira Santos, o sr. Marçal José dos Santos e o auctor deste trabalho, sob a firma Lemos & Santos, sendo do theor seguinte o novo contracto social.

Contracto da sociedade commercial e em nome collectivo que entre si fazem os D.rs Pedro Sanches de Lemos, Gabriel de Oliveira Santos e o cidadão Marçal José dos Santos, para a exploração da Empreza de aguas thermaes de Caldas, na forma indicada:

1.ª — Entre os abaixo-assignados Dr.s Pedro Sanches de Lemos, Gabriel de Oliveira Santos e o cidadão Marçal José dos Santos, por si e por procuração do segundo nomeado, o primeiro medico residente em Poços de Caldas, o segundo proprietario residente na cidade de Ouro Preto, e o terceiro negociante e residente nesta Villa de Poços de Caldas, todos cidadãos Brazileiros e naturaes deste Estado de Minas Geraes, se ha firmado um contracto de sociedade commercial, sob a firma — Lemos e Santos —, debaixo das clausulas e esti-

pulações adiante enunciadas com o fim de explorar o contracto celebrado com o Governo do Estado pelo socio D.r Pedro Sanches de Lemos, a 30 de Março de 1896, isto por ter se retirado da extincta firma—Resende Santos & C.ia—, o Dr. Antonio de Padua Assis Resende, com quem, em companhia dos abaixo-assignados, o mesmo Dr. Pedro Sanches de Lemos, celebrou o contracto social de 2 de Abril de 1896.

2.ª — Todos os socios são solidariamente responsaveis por todos os negocios e obrigações contrahidos em nome da sociedade.

3.ª — A Sociedade terá sua séde e domicilio na Villa de Poços de Caldas e gyrará sob a firma — Lemos e Santos —, da qual só poderão uzar os socios gerentes Dr. Pedro Sanches de Lemos e Marçal José dos Santos, representando tambem qualquer delles a firma social perante os poderes publicos do Estado.

4.ª O capital social é de cem contos de reis, (Rs. 100:000$000) cabendo a cada socio a quota de trinta e tres contos, trezentos e trinta e tres mil, trezentos e trinta e tres reis, (33:333$333), representada pelo valor que cada um delles dá, e todos o acceitam, dos seus respectivos quinhões da sociedade dissolvida da firma Resende Santos & C.ia, á parte o valor das obras por esta realisadas.

5.ª — A sociedade durará até se findar o praso do contracto de arrendamento que o socio Dr. Pedro Sanches de Lemos firmou com o Governo do Estado em 30 de março de 1896, começado a correr desde o dia 23 de Janeiro de 1900, epocha em que se retirou o socio da extincta firma — Resende Santos & C.ia, Dr. Antonio de Padua Assis Resende, podendo os socios Lemos e Santos, findo o mencionado praso, prorogal-o pelo tempo que lhes convier, si por sua vez prorogar o Governo o contracto de arrendamento.

Cessará, porém, a sociedade antes de findo o praso de sua duração, procedendo se a sua liquidação se por accordo dos socios for resolvida e effectuada a transferencia do contracto de arrendamento a um terceiro.

6.ª — A presente sociedade será administrada por dois gerentes, os socios Dr. Pedro Sanches de Lemos e Marçal José dos Santos, que se alternarão na administração annualmente, cabendo começar a gestão social ao socio Marçal José dos Santos, desde a data da assignatura do presente contracto, mas ambos deverão auxiliar se mutuamente, e qualquer delles poderá ceder a sua vez de administração ao outro, desde que a necessidade do serviço ou a conveniencia da sociedade assim o exija, a juizo dos mesmos gerentes.

O gerente que estiver em effectivo exercicio perceberá a remuneração de dez por cem (10 %) do lucro liquido annual.

7.ª — O socio Dr. Pedro Sanches de Lemos se encarregará, alem dos onus do presente contracto, de velar pelo serviço hygienico dos Estabelecimentos Balnearios, segundo o contracto firmado com o governo do Estado.

8.ª — Os lucros liquidos da sociedade depois de deduzida a commissão de 10 % para o socio gerente, a quem couber a gestão annual na formula da clausula sexta, serão repartidos igualmente pelos tres socios, ficando entendido que só retirará dinheiro do cofre o socio que não estiver em debito com a firma. As perdas, quando as houver, recahirão tambem em partes iguaes sobre os socios.

9.ª — No mez de Janeiro de cada anno, a começar de 1901, dar-se-á um balanço geral de todo o activo e passivo da firma social.

Alem do balanço annual, o socio gerente será obrigado a fornecer aos outros socios um balanço semestral de todas as transações da firma, assim como prestar-lhes á em todo o tempo as explicações e esclarecimentos que pedirem, facultando lhes a leitura dos livros e papeis da firma.

10.ª — Se occorrer o fallecimento de qualquer socio, a sociedade não se dissolverá, mas continuará com os sobreviventes, que farão levantar logo um balanço geral de todo o activo e passivo da firma, e, de accordo com os herdeiros do fallecido, liquidarão as respectivas contas para o embolso do que a estes couber, se não concordarem na continuação da sociedade com estes, sendo maiores.

11.ª — Tudo quanto não estiver previsto e regulado nas clausulas do presente contracto será resolvido por meio das regras estabelecidas no Codigo Commercial da Republica dos Estados Unidos do Brazil, e por assim haverem justo e contractado, em razão da reciproca confiança que os liga, e do livre e mutuo assentimento que prestam ás clausulas e estipulações acima mencionadas, firmam trez exemplares deste theor e forma para documento de cada um dos trez socios, já mencionados, Dr. Pedro Sanches de Lemos, medico residente em Poços de Caldas, Dr. Gabriel de Oliveira Santos, proprietario residente na cidade de Ouro Preto e Marçal José dos Santos, negociante e residente nesta Villa, todos elles socios componentes da firma — Lemos & Santos.

Poços de Caldas, 23 de Janeiro de 1900.

Dr. Pedro Sanches de Lemos, Marçal José dos Santos e pp. do Dr. Gabriel de Oliveira Santos.

Testemunhas: Luiz Gustavo Pradez. Testemunha Luiz Augusto Montandon. Reconheço verdadeiras as assignaturas supra dos Srs. Dr. Pedro Sanches de Lemos, Marçal José dos Santos e das testemunhas Luiz Gustavo Pradez e Luiz Augusto Montandon por ter dellas pleno conhecimento, e dou fé.

Poços de Caldas, 27 de Janeiro de 1900.

Em testemunho de verdade A. P.

O Tabellião

JOÃO BAPTISTA DE ALAMBARY PALHARES.

Lemos & Santos, na direcção da Empresa, hão vivido até hoje dentro dos moldes lançados pela firma anterior, Rezende, Santos & C.ª; mas tendo eu ido a Europa, no dia 7 de maio do anno passado, a bordo do *Atlantique*, exclusivamente para estudar as questões praticas de hydrologia, referentes a Poços de Caldas, julguei-me habilitado a indicar ao Governo de Minas um modesto plano de reformas para a estação balnearia desta localidade, achando-se as minhas ideias consignadas no Relatorio, que se vai ler.

Illm.º Sr. Dr. João de Carvalho Junior. — Terminamos o relatorio, que o anno passado endereçamos a V.ª S.ª por este periodo «Como V.ª S.ª sabe, o estabelecimento de *Pedro Botelho* precisa de algumas reformas entre as quaes está a substituição das actuaes banheiras, de modo que sejam ellas em tudo iguaes ás do estabelecimento dos *Macacos*; mas esta reforma deve ser acompanhada de outras, convindo-nos, visto que não é clausula obrigatoria do nosso contracto, aguardar o regresso da Europa do nosso socio Dr. Pedro Sanches de Lemos para, com os precisos subsidios, propormos ao governo do Estado ao menos as linhas geraes de um plano digno do patriotismo mineiro».

Como o nosso socio voltou da Europa no dia 7 de Setembro do anno passado, tendo feito uma viagem feliz e proveitosa, vamos nos desobrigar hoje do compromisso assumido perante o governo do Estado; mas é necessario que V.ª S.ª saiba que as idéas do Dr. Pedro Sanches ácerca do beneficiamento desta estação balnearia se acham amplamente desenvolvidas em suas — *Notas de Viagem*, que proximamente deverão sahir a lume em S. Paulo, de modo que a leitura dessa publicação melhor elucidará o que vamos dizer, sendo para notar que no livro do nosso socio encontrará o Governo largo subsidio para agir nas aguas mineraes do Sul de Minas com mão firme e segura.

Pensa o dr. Pedro Sanches que as banheiras de 1.ª classe do estabelecimento de *Pedro Botelho* devem ser de zinco e não de azulejos brancos como as dos Macacos, conservando-se, porém, para as banheiras de 2.ª classe o mesmo material empregado, que é o cedro, convindo unicamente reformar as actuaes banheiras, que se acham um pouco estragadas. Elle prefere o zinco aos azulejos por dous motivos: em primeiro logar, são de zinco as banheiras usadas no estabelecimento balnear Aix les Bains, cujas aguas sulfurosas são chimicamente quasi iguaes ás nossas, sendo ao demais aquelle importantissimo estabelecimento, que pertence ao Governo Francez, frequentado pela gente mais rica e mais fina do mundo; em segundo logar, porque as banheiras de azulejos, além de serem de difficil e custosa factura, escorregam muito, por isso em *Wiedbad*, na Allemanha, todas ellas têm areia no fundo e enchem-se e exvasiam-se pelo processo do siphão. As banheiras de 1.ª classe do estabeleci-

mento de *Pedro Botelho* podiam tambem ser de porcelana, de opalina ou de marmore, mas não ha necessidade de se lançar mão de tão custosos materiaes, quando as banheiras de zinco servem perfeitamente, não são muito caras e facilmente se podem substituir.

O principal defeito do estabelecimento de *Pedro Botelho* como do de *Macacos* é a falta de abrigo; dentro daquellas casas venta muito, e é preciso que o banhista, lá dentro fique a coberto das correntes de ar.

Para isso conseguirmos, propõe o dr. Pedro Sanches: primeiro que se colloque um guarda vento ou porta envidraçada nos dous estabelecimentos, um pouco adiante da porta principal, correndo o tapa-vento de parede a parede: segundo que se cubram os quartos de telhas de vidro e os corredores de tijolos tambem de vidro, de cores diversas estes, de sorte que, dentro dos edificios, o vento não mais entre.

Fica entendido que as vidraças dos estabelecimentos serão conservadas, embora melhoradas. Como V. S.ª comprehende esta reforma não nos tira a luz, antes nol-a dá em maior quantidade, e até uma luz fosca e bella nos corredores, o que concorrerá para impressionar agradavelmente os banhistas.

Mas, perguntará V.ª S.ª, todo esse material não se quebrará facilmente, sendo de vidro? Não. Trata-se de vidros e de tijolos Falconier, e esses taes não se quebram, são duros como aço. No trabalho do nosso socio V.ª S.ª encontrará a respeito todas as indicações. Para arejar os quartos de banho, podemo-nos servir dos arejadores Gutzi, de vidro, que se compram em Grenoble, Boulevard de Bone n. 1.

Apesar de se fazer o aquecimento da agua para se darem as duchas por meio de um forno, cujo combustivel é de lenha, ainda assim, por amor a recentes melhoramentos, as nossas duchas acham se actualmente nas melhores condições e servem perfeitamente, dada a actual situação de Poços de Caldas. Como ha na torre das duchas dous reservatorios, só é aquecida a agua commum contida num delles, para ser misturada com a sulfurosa fria no aparelho proprio *misturador* ou *nourrice melangeur*, como dizem os francezes, de modo que a ducha tenha temperatura, ordenada pelo medico, temperatura essa que é assegurada por um bom thermometro, appenso ao apparelho e pela pratica dos empregados. Ao lado das salas das duchas ha uma bôa vestiaria para senhoras e trata se de fazer outra para homens, e si a tudo isso accrescentarmos que collocaram vidros em todas as partes da sala, por onde podia penetrar o vento, conservando-se os apparelhos meticulosamente areados, V.ª S.ª comprehende que a nossa situação melhorou, podendo se perfeitamente esperar outras modificações de conforto, lembradas pelo dr. Pedro Sanches, no seu opusculo.

Os apparelhos de pulverisação, inhalações, etc., acham-se bem conservados, e adiante delles se correu um biombo, supprimindo-se a antiga cortina vermelha que mereceu os reparos de um turista que por aqui passou não ha muito. Como V.ª S.ª sabe, os nossos encanamentos de conducção e de distribuição servem perfeitamente, e não os ha melhores entre a gente culta. Os que fallam contra elles são pessoas profanas, que nada conhecem de chimica e de technica hydrologica, quanto mais das exigencias da demonstração experimental.

De accordo com o que V.ª S.ª disse no seu magistral artigo, publicado no *Jornal do Commercio* de 5 do corrente mez, as reclamações dirigidas ao Governo deste Estado contra a Empresa de Caldas, *no começo do anno passado* foram motivadas apenas pela má interpretação dada a uma chronica que o jornalista Olavo Bilac, então em Caldas, escreveu contra *esta* povoação. O sr. Bilac referiu se á falta de conservação das ruas, de arborisação de praças, etc., e não aos estabelecimentos balnearios, que estão sendo administrados e conservados de accordo com as clausulas do contracto em vigor.

E effectivamente assim é, o actual beneficiamento das aguas thermaes de Poços de Caldas basta perfeitamente para satisfazer ás exigencias dos banhistas que nos frequentam, mormente depois que se fizerem os melhoramentos por nós indicados, o que depende do concurso do governo de Minas.

Mas o que urge fazer em Poços de Caldas para augmentar a concurrencia dos visitantes, são attractivos, que convidem os banhistas a virem a esta paragem, e esses, como V.ª S.ª sabe, se resumem aos parques, ao cassino, á arborisação das ruas, ás pontes, ás excurções, etc.; e isto jamais se fará emquanto o Governo não crear aqui uma prefeitura, que se possa encarregar, aos poucos, da execução de um vasto plano de beneficiamento e saneamento desta villa.

Então, augmentada a concurrencia, novas installações balneotherapicas se poderão fazer no estabelecimento de Pedro Botelho, e para esse fim não haverá necessidade de fazel-o avançar para o meio da Praça do Senador Godoy, o que ficaria feio; basta que seja elle alargado para a banda esquerda do Hotel da Empresa, fazendo se para esse fim as necessarias obras á margem do Ribeirão dos Poços. Impedirá esse plano a modificação da esthetica do velho estabelecimento?

Não: os alicerces delles são tão solidos que tudo poderão supportar. Procedendo assim, mantendo-nos dentro dos primitivos moldes, até as installações balneo-therapicas dos *Macacos* poderão ser de futuro augmentadas, aproveitando se assim as grandes sommas, que foram outr'ora despendidas.

Em summa, a obra do progresso é de evolução e não de revolução. Sem augmentar a concurrencia de Poços por meio do conforto da povoação e das festas da nossa estação balnearia, não se deve pensar em fazer aqui luxuosas installações balneo therapicas e confortaveis hoteis á moda da Europa: sem gente que pague o luxo, as grandes despesas, que se fizerem aqui, transformar se-iam *em tiros sahidos pela culatra*, para nos servirmos de usual comparação. Como quer que seja, o plano de reformas para o estabelecimento de *Pedro Botelho*, o qual acabamos de esboçar (e até a completa transformação daquelle edificio tomando por typo algum estabelecimento balneario da Europa) póde desde já ser iniciado, alterando-se as clausulas 12 e 15 do contracto de 30 de Maio de 1896.

Presentemente, a Empresa paga annualmente aos cofres do Estado rs. 35.000$000, quantia essa que póde ser applicada aos melhoramentos indicados desde que o Governo o auctorize e mande fiscalizar a execução dos planos, que forem adoptados. O interesse da Empresa arrendataria, como já dissemos em outro relatorio, encontra-se todo em secundar as vistas patrioticas do illustrado e pratico governo do Exm.º Sr. Dr. Francisco Antonio de Salles.

Solvido o nosso compromisso, pela melhor forma que nos foi possivel, num documento desta ordem, resta-nos dizer a V.ª S.ª que a esta acompanha um quadro do movimento dos banhos, nos estabelecimentos balnearios, no anno transacto, e por elle verá V.ª S.ª que a nossa situação, se não peiorou, tambem não melhorou, por virtude da crise economico-financeira que o paiz atravessa, crise essa que se prolongará ainda pelos annos vindouros, porque a sua solução não depende directamente da acção dos governos, sinão de uma nova orientação dos brasileiros, e essas cousas não modificam do pé para a mão, demandam tempo, paciencia e tenaz propaganda.

Com a viagem do nosso socio, Dr. Pedro Sanches de Lemos, para a Europa, a sua clinica teve um largo hiato; mas ainda assim registrou elle brilhantes curas de molestias chronicas, referentes a estas aguas, o que tudo constitue o melhor meio de demonstrar a efficacia therapeutica das mesmas e excellencias do nosso clima, sem rival: pilhassem os européus um banho como o nosso, que Olavo Bilac comparou a um banho de oleo; pilhassem elles o nosso abençoado clima, e temos por certo que despenderiam aqui milhares de contos, pois não lhes falta a elles quem pague e queira gastar dinheiro. Façamos nós como elles, mas comecemos pelo principio. E' necessario attrahir mais gente a Poços, e isto não se fará com a povoação que aqui está, suja, porca, immunda, impossivel!

Finalisando, cumpre-nos dizer a V.ª S.ª que estamos em dia com os nossos pagamentos ao Governo, o que V.ª S.ª poderá averiguar na

respectiva Secretaria. Temos a honra de renovar os nossos protestos de alta estima e distincta consideração, junto á pessoa de V.ª S.ª.

Poços de Caldas, 31 de janeiro de 1903.

Mas de que constará uma estação balnearia ? Consta do estabelecimento de banhos, dos beberetes, da alpendrada destes (trink halle), do parque-jardim,—onde se deve achar o kiosque da musica, do cassino, dos passeios, das excursões, da cidade, etc. Teremos isto em Poços ? Ninguem o dirá.

Em Poços de Caldas, como já disse nas —Minhas Notas de Viagem—precisamos começar do principio, porque quasi tudo está errado.

Assim, o que mais falta aqui, as arvores, as flores e a relva, é justamente o que é mais facil de obter, porque a fertilidade do nosso solo é espantosa, em relação á do europeu, e ao passo que no velho mundo um parque — jardim custa um dinheirão para se fazer e conservar, no Brazil é a cousa mais facil do mundo, mórmente em Poços de Caldas, que é a terra das arvores e das flores.

Mas o povo desta terra é indisciplinado, dirão, e será impossivel terem se aqui, pelo meio da rua, arvores, flores e relva, sem que destruam e esbandalhem tudo.

Penso diversamente : a população de Poços de Caldas é muito cordata e ordeira ; basta que se faça a propaganda neste sentido, para que se consiga exito completo. Quando d'*E'ligny* abriu a grande avenida de *Luchon*, que hoje tem o seu nome (esta avenida tem 30.m de largura sobre 630.m de comprimento), teve que luctar contra a imprevidencia e a ignorancia e chegou a arriscar a vida para conseguir o seu escopo; mas não estamos hoje no tempo d'*E'ligny*, e o estado mental do povo de Poços de Caldas, no anno da graça de 1903, é por certo superior ao dos camponios francezes do tempo do celebre intendente. E' impossivel que haja nos Poços de Caldas, actualmente, uma só pessoa, mediantemente instruida, que acredite que as arvores causem humidade e produzam rheumatismo, quando o fim dellas ao envez disto, é sanear a atmosphera, seccar o sólo e acabar com a rheuma.

Quando se começou a povoação, em 1873, uma longa e bella floresta de pinheiros flanqueava o Ribeirão de Poços, sombreando as suas duas margens. Essa floresta não devia ter sido destruida, para se fazerem casas, mas sim conservada, ao passo que as ruas podiam ser orladas de pinheiros e as casas edificadas em meio do pinheiral, como em *Luchon*. Infelizmente, ninguem comprehendeu isto na occasião, e o povo não foi orientado. Força é, portanto, que voltemos atraz, e é facil, dada a uberdade do nosso solo : esta estancia balnear, como as da Europa, deve surgir do meio da verdura e das flores.

Em summa, a obra do progresso é de evolução e não de revolução. Sem augmentar a concurrencia de Poços por meio do conforto da povoação e das festas da nossa estação balnearia, não se deve pensar em fazer aqui luxuosas installações balneo therapicas e confortaveis hoteis á moda da Europa: sem gente que pague o luxo, as grandes despesas, que se fizerem aqui, transformar se-iam *em tiros sahidos pela culatra*, para nos servirmos de usual comparação. Como quer que seja, o plano de reformas para o estabelecimento de *Pedro Botelho*, o qual acabamos de esboçar (e até a completa transformação daquelle edificio tomando por typo algum estabelecimento balneario da Europa) póde desde já ser iniciado, alterando-se as clausulas 12 e 15 do contracto de 30 de Maio de 1896.

Presentemente, a Empresa paga annualmente aos cofres do Estado rs. 35.000$000, quantia essa que póde ser applicada aos melhoramentos indicados desde que o Governo o auctorize e mande fiscalizar a execução dos planos, que forem adoptados. O interesse da Empresa arrendataria, como já dissemos em outro relatorio, encontra-se todo em secundar as vistas patrioticas do illustrado e pratico governo do Exm.º Sr. Dr. Francisco Antonio de Salles.

Solvido o nosso compromisso, pela melhor forma que nos foi possivel, num documento desta ordem, resta-nos dizer a V.ª S.ª que a esta accompanha um quadro do movimento dos banhos, nos estabelecimentos balnearios, no anno transacto, e por elle verá V.ª S.ª que a nossa situação, se não peiorou, tambem não melhorou, por virtude da crise economico-financeira que o paiz atravessa, crise essa que se prolongará ainda pelos annos vindouros, porque a sua solução não depende directamente da acção dos governos, sinão de uma nova orientação dos brasileiros, e essas cousas não modificam do pé para a mão, demandam tempo, paciencia e tenaz propaganda.

Com a viagem do nosso socio, Dr. Pedro Sanches de Lemos, para a Europa, a sua clinica teve um largo hiato; mas ainda assim registrou elle brilhantes curas de molestias chronicas, referentes a estas aguas, o que tudo constitue o melhor meio de demonstrar a efficacia therapeutica das mesmas e excellencias do nosso clima, sem rival: pilhassem os européus um banho como o nosso, que Olavo Bilac comparou a um banho de oleo; pilhassem elles o nosso abençoado clima, e temos por certo que despenderiam aqui milhares de contos, pois não lhes falta a elles quem pague e queira gastar dinheiro. Façamos nós como elles, mas comecemos pelo principio. E' necessario attrahir mais gente a Poços, e isto não se fará com a povoação que aqui está, suja, porca, immunda, impossivel!

Finalisando, cumpre-nos dizer a V.ª S.ª que estamos em dia com os nossos pagamentos ao Governo, o que V.ª S.ª poderá averiguar na

respectiva Secretaria. Temos a honra de renovar os nossos protestos de alta estima e distincta consideração, junto á pessoa de V.ª S.ª.

Poços de Caldas, 31 de janeiro de 1903.

Mas de que constará uma estação balnearia ? Consta do estabelecimento de banhos, dos beberetes, da alpendrada destes (trink halle), do parque-jardim,—onde se deve achar o kiosque da musica, do cassino, dos passeios, das excursões, da cidade, etc. Teremos isto em Poços ? Ninguem o dirá.

Em Poços de Caldas, como já disse nas —Minhas Notas de Viagem—precisamos começar do principio, porque quasi tudo está errado.

Assim, o que mais falta aqui, as arvores, as flores e a relva, é justamente o que é mais facil de obter, porque a fertilidade do nosso solo é espantosa, em relação á do europeu, e ao passo que no velho mundo um parque — jardim custa um dinheirão para se fazer e conservar, no Brazil é a cousa mais facil do mundo, mórmente em Poços de Caldas, que é a terra das arvores e das flores.

Mas o povo desta terra é indisciplinado, dirão, e será impossivel terem se aqui, pelo meio da rua, arvores, flores e relva, sem que destruam e esbandalhem tudo.

Penso diversamente : a população de Poços de Caldas é muito cordata e ordeira ; basta que se faça a propaganda neste sentido, para que se consiga exito completo. Quando d'*E'ligny* abriu a grande avenida de *Luchon*, que hoje tem o seu nome (esta avenida tem 30.m de largura sobre 630.m de comprimento), teve que luctar contra a imprevidencia e a ignorancia e chegou a arriscar a vida para conseguir o seu escopo; mas não estamos hoje no tempo d'*E'ligny*, e o estado mental do povo de Poços de Caldas, no anno da graça de 1903, é por certo superior ao dos camponios francezes do tempo do celebre intendente. E' impossivel que haja nos Poços de Caldas, actualmente, uma só pessoa, mediantemente instruida, que acredite que as arvores causem humidade e produzam rheumatismo, quando o fim dellas ao envez disto, é sanear a atmosphera, seccar o sólo e acabar com a rheuma.

Quando se começou a povoação, em 1873, uma longa e bella floresta de pinheiros flanqueava o Ribeirão de Poços, sombreando as suas duas margens. Essa floresta não devia ter sido destruida, para se fazerem casas, mas sim conservada, ao passo que as ruas podiam ser orladas de pinheiros e as casas edificadas em meio do pinheiral, como em *Luchon*. Infelizmente, ninguem comprehendeu isto na occasião, e o povo não foi orientado. Força é, portanto, que voltemos atraz, e é facil, dada a ubardade do nosso solo : esta estancia balnear, como as da Europa, deve surgir do meio da verdura e das flores.

Em Poços de Caldas o banhista não encontra distracção de especie alguma, e por isso é necessario que aqui se faça parque, alpendrada, canteiros de flores e de relva, comoros improvisados no parque, cascatas, pequenos lagos, repuxos de agua, etc ; é necessario que se edifique no parque um kiosque, onde se faça musica, pelo menos tres vezes ao dia, passeiando então os banhistas pelas ruas do parque e pela alpendrada, tanto nas horas das operações balnearias como depois do jantar ; urge que se faça em Poços de Caldas um Cassino com theatro, salas de concerto, de conversação, de jogos, etc., onde os banhistas se possam reunir, palestrar, lêr jornaes, ouvir musica, jogar, assistir a repretransações dramaticas ou outras; cumpre endireitar as nossas ruas, arborizar e limpar o Ribeirão, que deve ser atravessado por boas pontes,nos logares indispensaveis, devendo se plantar arvores por toda a parte, tanto mais quanto as nossas ruas, que já têm a largura de 20.m podem fazer o officio de modestas avenidas.

Emquanto não fizermos isto, será impossivel attrahir mais gente a Poços e criar aqui uma freguezia certa e segura, que sirva de base á futuras despezas para o melhoramento dos hoteis existentes e a edificação de novas hospedarias com outro gosto e outro conforto. E' bom lembrar que quando Coelho Netto e Olavo Bilac estiveram em Poços de Caldas, bastou que o *Estado de São Paulo* désse noticia da movimentação, que elles imprimiram á estação de então, para que familias e familias affluissem a esta terra, de São Paulo e de outros pontos daquelle Estado.

E depois de haver escripto estas cousas nas — *Minhas Notas de Viagem*—, fechei o meu livro pelo periodo, que se vai ler, e elle será tambem o remate da primeira parte deste trabalho :

« E urge que em Poços de Caldas se faça alguma cousa, quando mais não seja para pôr a *locomotiva dentro dos trilhos* ; não ha na Europa, nas estações hydro-mineraes que percorri, e são as mais afamadas, clima como o de Poços de Caldas e banho como o nosso banho sulfuroso, que semelha um banho de oleo, na phrase do meu illustre amigo, Olavo Bilac, e é acariciador da pelle e excitador de todas as funcções e si a isto accrescentarmos que a estação balnearia de Poços de Caldas não tem concurrentes, como se dá na Europa, de modo que não precisa lutar para viver, parece-me ter dito bastante para pôr em saliencia os altissimos meritos da *Joia Mineira*, digna de melhor sorte. Pelo que me diz respeito, emprehendendo longa e dispendiosa viagem para ser util a Poços de Caldas, segreda-me o coração que cumpri o meu dever : resta agora que os outros cumpram o seu.»

Liberato Mariano de Souza, escrivão do segundo officio do judicial, notas e mais termos da comarca de Caldas.

Certifico e dou fé que do sexto livro de notas do meu cartorio consta, a folhas sessenta verso e sessenta e um verso, a escriptura com o theor seguinte, que por me ser pedido aqui a transcrevo por certidão :

Escriptura de contracto de arrendamento de uma morada de casas que faz o Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira ao Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida na forma abaixo. Saibam quantos este publico instrumento de escriptura publica de contracto de arrendamento de uma morada de casas virem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e oitenta e dois, aos quatorze dias do mez de Fevereiro do dito anno, nesta freguezia de Nossa Senhora da Saúde das Aguas Thermaes de Caldas, onde eu Tabellião vim em casa da residencia do Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira, sendo ahi presente o mesmo Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira, Anselmo Fernando de Almeida e o Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes, representado por seu socio e bastante procurador Anselmo Fernando de Almeida, conforme os poderes da procuração que adiante vai transcripta ; pelo primeiro nomeado foi dito em presença das testemunhas adiante assignadas que, pela presente escriptura contracta, como de facto contractado tem com o segundo nomeado, arrendamento de uma morada de casas que possue nesta freguezia na praça do Senador Godoy, cuja morada de casas arrenda aos arrendatarios acima Anselmo Fernando de Almeida e Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes, pelo tempo ou prazo de quinze annos, a contar do dia primeiro de Janeiro do corrente anno, obrigando-se os arrendatarios a pagar annualmente a quantia de um conto de réis ; e bem assim a edificarem a parede lateral do fundo da casa empregando na construcção tijolos; assim mais a conservarem a casa, reparando e fazendo todo o qualquer concerto que necessario seja, por conta dos ditos arrendatarios, que ficam autorizados a fazer na casa toda e qualquer modificação ou alteração como entenderem, ficando mais obrigados a embocar todo o telhado da casa.

E pelos arrendatarios nomeados me foi dito que acceitam a presente escriptura de contracto pela forma acima estipulada, e apresentaram me neste acto os talões do theor seguinte : Renda Provincial — Minas Geraes — Exercicio de mil oito centos e oitenta e um e oitenta e dois : ás folhas quarenta e sete verso do caderno de receita fica debitada ao Collector Carlos José Alvares de Souza a importancia de vinte e tres mil réis, recebida do Dr. Carlos de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida, pelo imposto de Novos e Velhos Direitos do arrendamento de um predio nos Poços de Caldas

deste municipio, do Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira, por quinze contos de réis.

Collectoria Municipal de Caldas, treze de Fevereiro de mil oito centos e oitenta e dois.

O Collector Souza. O escrivão (em branco).

Numero vinte. Provincia de Minas Geraes, Receita geral. Exercicio de mil oito centos e oitenta e um e oitenta e dois. Transmissão de propriedade. Lei 2.347, de 25 de Agosto de 1873, art. 11 § 11 e Regulamento n.º 5.581 de 31 de Março de 1874. A's folhas quarenta e sete verso do caderno de receita fica debitado o Collector no valor de quize mil reis recebido do Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes e Anselmo Fernando de Almeida proveniente do arrendamento de um predio nos Poços de Caldas deste municipio do Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira por quinze contos de reis. Para clareza se lhe dá o presente conhecimento. Collectoria Municipal de Caldas em treze de Fevereiro de mil oito centos e oitenta e dois. O Collector Souza — O Escrivão interino Rebouças. Depois de escripta esta eu Tabellião a li presente as partes que reciprocamenté entregaram e acceitaram e eu como pessoa publica tambem acceitei em nome dos auzentes e mais pessoas a quem pertencer possa.

Testemunhas presentes Coronel Antonio Teixeira Diniz e José de Freitas Garcia, que esta assignam com as partes contractantes.

Eu, Cesario Augusto Garcia Junior, segundo Tabellião publico vitalicio, o escrevi.

Agostinho José da Costa Junqueira — Anselmo Fernando de Almeida — Antonio Teixeira Diniz e José de Freitas Garcia.

Procuração a que se refere a escriptura acima: Carlos de Sá, digo, Carlos Pereira de Sá Fortes, Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Pela presente procuração por mim feita e assignada nomeei e constituo meu bastante procurador ao meu socio Anselmo Fernando de Almeida, a quem concedo poderes especiaes em meu nome como se presente fosse, contractar com o Tenente Coronel Agostinho José da Costa Junqueira o arrendamento de um predio sito na freguezia de Nossa Senhora da Saúde das Aguas Thermaes de Caldas, assignada a respectiva escriptura com as bases e condições que convencionaram; para que concedo ao dito meu procurador amplos e illimitados poderes. Cidade de Barbacena dois de Fevereiro de mil oito centos e oitenta e dois. Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes, assignado por cima de uma estampilha de duzentos réis.

Reconheço verdadeira a lettra e firma da procuração retro, por ter dellas pleno conhecimento, do que dou fé. Barbacena, dois de Fevereiro de mil oito centos e oitenta e dois. Em testemunho de verdade. (Estava o signal publico). O Tabellião José Pinto de Souza».

Nada mais se continha nem declaram na dita escriptura e procuração constantes do livro de onde extrahi esta ao qual me reporto. Caldas, dois de Maio de mil novecentos e tres. Eu, Liberato Mariano de Souza, escrivão, o escrevi e assigno. Liberato Mariano de Souza.

II

Este municipio, que unicamente comprehende o territorio da freguezia e hoje *Villa de Poços de Caldas*, está situado ao sudéste do Estado de Minas, entre Caldas, Campestre, S. José dos Botelhos, Caconde (S. Paulo), Sapecado (S. Paulo), S. João da Boa Vista (S. Paulo) e a Villa do Caracol, antiga Samambaia, a 2 1|2 leguas da serra limitrophe com o Estado de S. Paulo ; a área da Villa, gratuitamente cedida ao antigo governo da Provincia de Minas pelo proprietario Junqueira e sua familia, no dia 6 de novembro de 1872, consta de 90 hectares e oito decimos de terreno. As divisas do districto com a parochia de Caldas começam na barra do Ribeirão das Campinas com o Rio Pardo, por aquelle acima subindo pelo Corrego do Maribondo, e da cabeceira deste em linha recta até o Rio das Antas e por este abaixo até fazer barra com o Rio Pardo, donde segue rio acima até a barra do Ribeirão das Campinas, onde as divisas tiveram principio.

« A villa, escreveu o dr. Ezequiel Corrêa dos Santos, está assentada sobre um largo valle formando uma área de terreno perfeitamente plano, circulado por uma linha de morros, em geral apenas cobertos de relva, entre os quaes se nota uma collina pedregosa, completamente despida de qualquer vegetação, de cujo cimo se divisam para todos os lados magnificos panoramas. Do lado opposto existe uma serra mais elevada, *Serra dos Poços*, em cuja base se vê uma bella matta (20). O terreno sobre o qual assenta a povoação é cortado por um péqueno rio, *Ribeirão dos Poços*, que corre muito proximo ás fontes thermaes, quasi encostado a ellas e em cujo seio despejam estas constantemente o excesso de suas aguas, sempre abundantes ; ha, além deste, dous outros, o *Ribeirão da Serra* e o *Corrego do Meio*, affluentes e tributarios daquelle. »

---

(20) Esta matta quasi desappareceu hoje, por amor do machado e do fogo, apesar dos meus mais vehementes protestos. Nunca se viu maior desprezo pelos conselhos da hygiene !

Como o *Ribeirão dos Poços* cahe no Rio das Antas e este no Rio Pardo, que desagua no Rio Grande, podemos dizer que esta povoação está situada no Valle do Rio Grande e na Bacia do Rio da Prata.

O *Ribeirão dos Poços*, que nasce na *Serra dos Poços*, a mais de duas leguas do patrimonio, no ponto denominado *Teixeira*, percorre toda a área da povoação do nascente ao poente, indo encontrar o Rio das Antas a pouca distancia da villa. A *Serra dos Poços* é um galho da Serra do Caracol, e esta pertence ao systema orographico da Mantiqueira.

A povoação, hoje villa de Poços de Caldas, começou em março de 1873, epocha em que o engenheiro Honorio Henrique Soares do Couto, por ordem do então senador Joaquim Floriano de Godoy, presidente da antiga Provincia de Minas, dividiu em lotes a parte do patrimonio, que foi primitivamente edificada ; antes de se executar aquelle serviço, só existiam aqui quatro casas cobertas de telha : quem vinha usar das aguas thermaes ou mandava construir rancho ou trazia barraca ; disto posso dar testemunho, porque fixei residencia em Poços naquelle anno.

Esta povoação foi elevada a districto de paz, sob o nome de *Freguezia de N. S. da Saude das Aguas de Caldas*, pela lei n. 2.542 de 6 de dezembro de 1879, e elevada á villa em 1890 pelo então governador de Minas, dr. João Pinheiro da Silva. Os intendentes, dr. Octavo Corrêa Netto, presidente, coronel Agostinho José da Costa Junqueira, capitão Manoel José da Costa Junqueira, Aureliano de Campos Camargo e Antonio Ferreira Rodrigues foram nomeados por acto de 19 de maio daquelle anno e a villa foi installada no sobrado de residencia do cidadão Francisco Joaquim Pinto e propriedade de D. Anna Flausina da Costa, no dia 30 do mesmo mez.

O progresso de Poços de Caldas, que começou no dia 22 de outubro de 1886, porque naquella epocha se inaugurou o *Ramal de Caldas*, pertencente á *Linha Mogyana*, com a assistencia dos Soberanos do Brasil de então, ha sido notavel, podendo-se até dizer que em completo contraste com o que se dá nas outras povoações do sul de Minas, como passamos a demonstrar.

Em 1891 havia nesta villa — 282 casas e 50 em construcção, 20 ruas e uma praça — a *Praça do Senador Godoy*. Hoje, isto é, 12 annos depois, apesar da crise economica financeira, que percute todo o paiz, temos construido 615 predios e 45 em construcção, tres praças — a *Praça do Senador Godoy*, a da *Independencia* e a da *Columbia*, ao passo que são 28 as ruas.

E note-se : entre as casas construidas em Poços, ha vivendas de primeira ordem, com aguas, esgotos de aguas servidas e materias fecaes, banheiros, chuveiros e latrinas modernissimas, como : as residencias do coronel José Procopio de Azevedo Sobrinho, do major Christiano Osorio de Oliveira, do capitão Domingos Theodoro de Aze-

vedo Sobrinho, do Barão de Itacurussá, da Condessa de Pinhal, do conselheiro Antonio da Silva Prado, do cidadão Joaquim José de Oliveira, do cidadão José Joaquim da Costa, do Conde de Prates, do dr. Pedro Sanches de Lemos, de D. Maria dal Poggetto, do Barão de Campo Mystico, do major Manoel Candido da Costa, do capitão Reinaldo Amarante, do dr. Francisco de Faria Lobato, do capitão Caetano José de Abreu, do coronel Agostinho José da Costa Junqueira, de D. Ignez Bernardina da Silva Dias, de D. Ignez Hygina da Silva, do dr. David Ottoni, do capitão Euzebio Dias Ferreira, etc., etc. Póde-se dizer que não ha casa nova construida em Poços de Caldas que não tenha estes melhoramentos, que se notam em quasi todos os hoteis da localidade e nos nossos collegios, verdadeiros modelos de saneamento. Mais ainda: calculando que cada casa nesta localidade custasse o preço de 5:000$000, o que aliás é modestissimo, porque ha em Poços ricas habitações, temos que o capital aqui immobilizado em construcções orça, digamol-o assim, em 3.500:000$000, e isto já é para admirar numa povoação do sul de Minas, cujo progresso é em geral de uma desanimadora morosidade.

Em 1891, escrevendo acerca deste mesmo assumpto, avaliei em 2.000 os habitantes de todo o districto. Pois bem: segundo recentes dados que me foram gentilmente fornecidos pelo actual secretario da Camara Municipal, sr. Virgilio Wenceslau Messias, a população fixa da villa póde ser avaliada hoje em 3.075 habitantes e a de todo o districto em 4.000, e si mais não temos caminhado, nos doze annos decorridos de 1891 até a epocha actual, é porque toda a obra de Poços de Caldas foi até hoje devida á iniciativa particular, sem que os governos houvessem feito cousa alguma em nosso auxilio, apesar de tratar-se aqui do aproveitamento de um dos mais ricos monopolios naturaes do Estado. Por felicidade nossa, o actual e illustre Presidente de Minas, exmo. sr. dr. Francisco Antonio de Salles, está animado para comnosco das melhores intenções, tendo concorrido já com o seu alto prestigio para que fosse installada aqui, no dia 4 de março do corrente anno, a estação do *Telegrapho Nacional*, urgente melhoramento, ha muito tempo reclamado, mas sempre adiado. Temos por certo que s. exc. continuará no seu patriotico empenho, dotando as estações hydro mineraes do sul de Minas com a lei das prefeituras: a prefeitura quer dizer dinheiro, e sem dinheiro não ha progresso material possivel.

Mas antes de proseguir, devemos dar uma descripção minuciosa das ruas de Poços de Caldas, as quaes, menos duas, as do *Ipyranga* e do *Van-Volla*, têm 20 metros de largura e são perfeitamente orientadas:

Ruas que correm de N. a S. seguindo a contagem de E. para O:

Rua Saldanha Marinho com.....	680	metros
» Marquez do Herval com.....	1.500	»
» Marquez do Paraná com.....	1.520	»
» da Saude com.....	760	»
» Tiradentes com.....	620	»
» Vai-Volta com.....	380	»
» do Ipiranga com.....	200	»
» do dr. Brodowski com.....	100	»
» do Collegio com.....	180	»
Mais duas ruas sem nome, cada uma com	400	»

Ruas que correm de E. a O. seguindo a contagem do S. para N:

Rua Ferreira Lage com.....	300	metros
» do Riachuelo com.....	460	»
» dos Poços com.....	460	»
» Itororó com.....	460	»
» 7 de Setembro com...	460	»
» 7 de Março com.....	900	»
» Direita com.....	900	»
» do Humaytá com.....	700	»
» da Federação com.....	660	»
» do Cruzeiro com.....	680	»
» da Boa Vista com.....	540	»

Na parte S. do lado E. temos a rua dos Junqueiras com 160 metros e mais quatro ruas sem nome, as quaes estão sendo presentemente povoadas. Ainda na parte S. e do lado O. temos a rua da Estação com 300 metros.

A praça do Senador Godoy tem de um lado o comprimento de 380 metros e do outro o de 300 metros, com a largura uniforme de 160 metros.

A Praça da Independencia tem 140 metros de comprimento por 100 de largura.

A Praça da Columbia tem as mesmas dimensões da Praça da Independencia.

Como quer que seja, estudemos o progresso de Poços de Caldas no seu movimento commercial, e esse principalmente se denuncia na nossa estação ferro-viaria.

Segundo os ultimos relatorios da *Companhia Mogyana*, que possuimos, referentes aos annos de 1900 e 1901, foi esta a renda da Estação de Caldas:

Em 1899, rendeu ella 185:610$748, assim distribuidos: 57:134$210 — de 15.544 passageiros de 1.ª e 2.ª classes; 14:499$190 — de 243.156 kilogrammas de encommendas e bagagens; 666$490 — de 154 animaes,

que transitaram em trem de passageiros; 3:354$678 — de 4.653 telegrammas; 54:859$530 — de 1.797.663 kilos de café; 5:279$870 — de 458.147 kilos de sal; 48:800$230 — de 434.074 kilos de assucar, de 3.141 kilos de fumo; de 606.953 kilos de cereaes (principalmente arroz e feijão que importamos), de 1.692 kilos de toucinho, de 29.209 kilos de aguardente, de 11.135 kilos de couros, de 1.176.897 kilos de diversos (na rubrica diversos se incluem as conservas, os *molhados*, a manteiga, etc.); 19$800 — de 16 animaes que transitaram em trem de carga.

Em 1900, a Estação de Caldas rendeu 166:136$430, assim distribuidos: 56:914$730—de 13 010 passageiros de 1.ª e 2.ª classes; 13:297$130 — de 225.270 kilos de encommendas e bagagens; 570$050 — de 177 animaes que transitaram em trem de passageiros; 3:254$780 — de 4.961 telegrammas; 46:885$570 — de 1.630.320 kilos de café; do 4:855$820 — de 396.170 de sal; 39:006$280 — de 379.208 kilos de assucar, de 2.936 kilos de fumo, de 539.618 kilos de cereaes, de 10.212 kilos de toucinho, de 16.790 de aguardente, de 12.628 kilos de couros, de 924.340 de diversos; 306$470 — de 277 animaes que transitaram em trem de carga.

Pelo que se vê, o anno de 1900 produziu 19:404$318 menos do que o de 1899, devido isto á diminuição na exportação do café e do fumo, principalmente, na importação dos *diversos*, dos cereaes, do sal e da aguardente, o que se explica pelas difficuldades economico-financeiras do paiz, mas a differença para menos é tão pequena, que não dá para desanimar, tanto mais quanto em 1900 exportamos muito mais toucinho do que em 1899 e importamos menos cereaes, e isto quer dizer que já vamos cuidando de plantar feijão e arroz, o que é um bom systema. Seja como for, e este o ponto capital, si compararmos a Estação de Caldas de hoje com o que ella foi não ha muito tempo, tanto que a *Companhia Mogyana* reduziu a tres por semana os nossos trens, certo de que temos progredido muito; hoje a nossa estação não dá *deficit*, e si o Ramal de Caldas não estivesse ligado á sorte da Linha *do Rio Grande*, ella não faria má figura em meio de estações do *Tronco*.

Mas que generos exportaremos e importaremos? Além de Poços Caldas, que outras povoações adjacentes alimentarão o nosso commercio? Nós exportamos café, toucinho, queijos, fumo e couros cortidos e importamos arroz, feijão, assucar, sal, farinha de trigo e de mandicca, *molhados*, conservas, etc. Poços de Caldas exporta café, queijos, toucinho e couros: mas tambem enviam cargas para esta estação: Cabo Verde (café); S. José dos Botelhos (café); Caconde (café); Areado (café); Caldas (queijos); Campestre (queijos, fumo, toucinho e café; Santo Antonio do Machado (café e queijos).

E para movimentar o nosso commercio, quantos negociantes haverá em Poços de Caldas? Em 1891 havia aqui—19 negociantes bra-

sileiros, 9 italianos e nove portuguezes ; mas em 1896 era de 108 o numero dos nossos negociantes—sendo 64 nacionaes e 44 extrangeiros, havendo mais cinco barbearias, cinco padarias, cinco açougues e tres pharmacias. Hoje, como de razão, as cousas mudaram : ha 62 negociantes de varias especies, ao passo que existem as mesmas cinco barbearias, tendo os açougues augmentado de 5 para 8, as padarias de 5 para 6 e as pharmacias de 3 para 4, sendo que no anno de 1903 os cidadãos que pagam o imposto de industrias e profissões em Poços de Caldas se distribuem assim—69 extrangeiros e 44 nacionaes. Assim o movimento commercial é hoje aqui menor do que em 1896, o que tem natural explicação ; mas essa diminuição é menor do que a correspondente em outros pontos da zona do sul.

Mas a que causas poderemos attribuir o desenvolvimento relativamente rapido de Poços de Caldas ? Será porque esta povoação é ponto terminal de um ramal ferro-viario, o Ramal de Caldas, feito exclusivamente, seja dito de passagem, á custa de capitaes paulistas ? Será porque este clima, situado cerca de 1200.m acima do nivel do mar, rivalize com os melhores do mundo ? Será porque Poços de Caldas são a séde de uma afamada estação de aguas thermo sulfurosas ? Tudo isto vale muito sem duvida ; mas para nós outros o que vale mais é a vizinhança de S. Paulo, cujo americano progresso transbordou para aqui : os Paulistas fizeram de Poços de Caldas a sua Petropolis, e é tal a importancia que os homens eminentes do Estado de S. Paulo ligam á *Joia mineira* interessando se elles tanto pelo nosso futuro, que no dia 7 de março do corrente anno, graças á illustre *Commissão Geographica e Geologica* do vizinho Estado, inaugurou se no *Jardim da Empresa* o posto meteorologico de Poços, munido dos melhores e mais perfeitos apparelhos, para se estudarem as nossas condições climatologicas. E' verdade que nada disto se daria, si este bello torrão de Minas não tivesse valor proprio ; mas seriamos ingratos si não fossemos reconhecidos aos Paulistas pela importancia que sempre nos deram.

Prosigamos, porém, na nossa patriotica faina.

Situado na zona do campo, o districto de Poços de Caldas possue ainda bellas mattas, que são aproveitadas para o cultivo dos cereaes e o plantio do café, o qual é feito em larga escala na fazenda do Barreiro, propriedade do coronel Agostinho José da Costa Junqueira, que com seus filhos e genros, colhem boa porção do precioso producto.

Estas mattas fornecem estimadas madeiras — o pinho, o oleo vermelho, o oleo pardo, o pau-brasil, a perobs, a pereira, o ipé, o jacarandá, a cangerana, a massaranduba, o dedal, o sassafraz, o cedro e a amoreira, que são empregados na construcção das casas e no fabrico da mobilia, pelos marcineiros e constructores italianos e allemães, que abundam em Poços de Caldas.

Os campos, cobertos de capim mimoso, são aproveitados para a criação do gado e a exploração da lã (em pequena escala), assim como para a venda do leite e dos lacticinios; mas os campos de Poços de Caldas, e por egual os do sul de Minas, servem perfeitamente para a criação dos carneiros merinos, para o plantio do trigo e a exploração da industria vinhateira e pecuaria em geral, de sorte que o immigrante perfeitamente se fixaria entre nós, porque lhe podiamos fornecer em abundancia, a par de um clima ameno, carne, pão e vinho. Mas quanta riquesa desaproveitada, por falta de instrucção agricola e desamor ao trabalho!

O sul de Minas seria capaz de emparelhar com a Argentina na exportação do trigo, da lã, dos animaes, das carnes e das fructas, e, entretanto, nós importamos tudo isso! As hervas forrageiras dão-se admiravelmente no nosso clima, a ponto da luzerna produzir em Poços mais cortes annuaes do que no Rio da Prata, e não obstante os fardos de alfafa são importados aos milhares pela Estação de Caldas e daqui transbordam para o coração das pastagens do sul de Minas! Nós importamos fructas do Rio da Prata e da Europa, em que pese á fertilidade do nosso solo, que produz abundantemente todos os fructos pomareiros! Podiamos ter no sul de Minas, e na comarca de Caldas com melhoria de razão, uvas que fartem, tanto as de mesa como as de vinho, e apesar da boa vontade do Governo de Minas, que em 1899 inundou esta terra de bacellos de videiras da melhor qualidade comprados ao illustre dr. Luiz Pereira Barreto, continuamos a comer uva Isabella e a fabricar vinho dessa mesma uva, um zurrapa insupportavel! Nós importamos cereaes, principalmente arroz e feijão, e apezar de tudo isto o sul de Minas podia ser o celleiro do Brasil! Na comarca de Caldas, a terra do leite, nós importamos queijos e manteiga, e ninguem ainda cuidou de montar aqui uma fabrica de lacticinios!

E por que tudo isto? Em primeiro logar por causa do café e do exemplo de São Paulo: o café rendia muito e dava para tudo, e por isso todo o mundo quiz ser cafelista, abandonando por completo a industria pastoril e todas as culturas peculiares a esta abençoada zona. Em segundo logar, por falta de instrucção technica: no sul de Minas como no resto do Brasil, a intelligencia se aparta das profissões uteis e praticas, que se relacionam com a agricultura, o commercio e a industria; somos um povo de doutores e de literatos, e a profissão liberal entre nós é por via de regra um meio de fazer carreira politica; a nossa suprema aspiração é ter um logar á mesa do orçamento, ou ser o *peitudo* da freguezia; ninguem quer trabalhar e tomar a vida a serio, e se antes de 1888 labutava o negro, agora deixamos esse cuidado aos extrangeiros, que aos poucos dominarão o nosso paiz, porque o governo pertence a quem tem dinheiro e não aos que sabem fazer discursos e tornear bonitas phrases. Em terceiro logar, por incuria

e falta de orientação dos nossos governos, que, em vez de virem em auxilio á lavoura, dando-lhe fretes e mercados, consomem a vida a fazer politicagem e a augmentar os impostos existentes, sem cuidarem de criar fontes novas de producção. E senão leiam.

Não ha muitos dias, conversando com um homem politico de Minas, falei-lhe do atrazo do sul, da nossa mania de plantar café exclusivamente quando esta zona estava fadada a dar brilhantes exemplos de polycultura, representando no mundo dos mercados papel egual ao da Argentina, que o anno passado exportara um milhar e duzentos milhões de francos, constando essa exportação de generos, cuja cultura se adaptava perfeitamente a este territorio e a este clima. «E veja o sr., accrescentei eu, na comarca de Caldas podiamos produzir abundantemente todos os fructos pomareiros da Europa e isto já seria uma riqueza, si os caldenses quizessem accordar do somno, que os entorpece e romper com a rotina». «Qual ! respondeu-me o homem. Os srs. não tem mercados para fructas». Não temos mercados ? Não me diga isso ! Mercados não nos faltam ; carecemos de fretes, isso sim». E são assim as cousas deste desorientado paiz !

Em 1900, si a memoria me não falha, importamos muito milho e muito feijão do Rio da Prata. Revoltei-me contra o facto e censurei muito a nossa incuria e a nossa relaxação. No anno seguinte um dos fazendeiros de Poços plantou muito milho e muito feijão, abasteceu o mercado e quiz exportar as sobras para Mogy-mirim e Campinas ; mas não o poude fazer porque o frete da Mogyana era prohibitivo, não se falando no imposto mineiro, que concorria ainda para aggravar a situação. E, pois, o milho e o feijão foram atirados aos porcos ou apodreceram nas tulhas ! E é nestas circumstancias, quando a crise dos trasportes é tão grave como a economica, que um congresso agricola se reune, não ha muito tempo, composto do escol dos nossos fazendeiros, e o unico remedio, que lembra para remover a crise, é pedir dinheiro a prazo longo e a juro barato (*) como si o governo, que principalmente vive da lavoura, pudesse ter numerario nos seus cofres quando está pobre quem lhe fornece os recursos ! Não, tudo isto está errado : a lavoura precisa de fretes e de mercados, mas é-lhe necessario tambem a eliminação do imposto de exportação, que deve ser substituido pelo de consumo, tudo condimentado de nova orientação e de novas ideias. Emquanto a sacca de milho de 60 kilos por ex. pagar daqui até Campinas, num percurso de

(*) Pediam tambem a reducção de 50 % no frete do café ; mas não cogitaram de ampliar a medida aos outros generos que a lavoura produz, unico meio de resolver a crise economica, que nos vae arruinando.

206 ks. o frete de 600 rs., fóra o imposto mineiro e outras achegas, não haverá producção possivel neste paiz. Emquanto quizermos viver da exploração de um só genero de consumo, submettidos ás oscillações da offerta e da procura, seremos um povo pobre e incapaz. Venha, portanto a polycultura e os fretes baratos, acabe-se com o imposto da exportação, e a lavoura estará salva.

Felizmente, parece que o sul de Minas vae agora melhorar de sorte, sob a direcção do benemerito Presidente, sr. dr. Francisco Antonio de Salles. S. exc. está perfeitamente orientado e tem da situação uma ideia clara e nitida, tanto que trata de impulsionar as forças economicas do Estado, e o melhor indicio deste facto é a reunião do *Congresso Agricola Industrial e Commercial*, que neste momento deve estar funccionando em Bello Horisonte, fazendo o processo das nossas necessidades e das nossas miserias e apontando os remedios adequados aos nossos males. Fechemos o parenthesi e prosigamos.

Ha em Poços grandes quedas d'agua, que podem mover machinas destinadas ao preparo da lã e da seda, assim como o fabrico dos artefactos correlatos; mas tudo jaz por ahi, desaproveitado e sem destino.

As mattas do municipio, *cerrados e capoeiras*, estão para os campos, nas seis fazendas do districto, como 3 para 1. Ha ainda em Poços florestas virgens, em todas as fazendas, que pertencem ao coronel Agostinho José da Costa Junqueira, aos herdeiros do finado major Joaquim Candido da Costa Junqueira, ao capitão Manoel Junqueira, aos cidadãos Joaquim Bernardes Junqueira, Antonio de Andrade Junqueira e Manoel de Andrade Junqueira. Antes da Republica, vendia-se em Poços o alqueire de campo por 60$000 e o de matto entre 40$000 e 50$000. Hoje, fazendeiro algum vende terras, porque ninguem quer trocar o que tem um valor real por pedaços de papel que representa valor convencional.

Na fazenda do Barreiro, graças á intervenção do dr. Martinho da Silva Prado Junior, ha bois, vaccas, cavallos, jumentos, porcos, carneiros e cabritos de superior qualidade, o que sem duvida muito tem melhorado a nossa roceira industrial pastoril. Nas fazendas do municipio empregam-se o arado, as machinas de debulhar milho e de preparar o fubá, assim como excellentes engenhos de serra, movidos a vapor ou a agua, para beneficiamento da madeira. Infelizmente, por causa da escassez do braço, o cultivo dos cereaes tende a diminuir; todos querem plantar e colher café.

Os trabalhadores agricolas são extrangeiros em geral, principalmente italianos, e dedicam-se ao serviço dos cafezaes, que recebem plantados pelos trabalhadores nacionaes; mas exploram a pequena lavoura, cujos generos são consumidos no mercado desta villa, fartamente abastecido. Pela formação de cada alqueire de café, com

75 × 75 braças, o fazendeiro paga 800$000 por espaço de quatro annos, sendo os pagamentos feitos na fórma ajustada.

Nesta villa, á excepção dos dous estabelecimentos balnearios — o de *Pedro Botelho* e o dos *Macacos*, da *Capella do Senhor Bom Jesus*, do *Mercado* e da *Cadeia* não ha outros edificios publicos, basta dizer que a *Casa da Camara*, provisoriamente assim denominada, é propriedade particular.

O *Estabelecimento dos Macacos*, que foi inaugurado no dia 27 de fevereiro de 1896, tem como o seu congenere, que já foi descripto, á fórma de uma barca da *Companhia Ferry*, e dispõe de 24 banheiras, 11 de primeira classe e 13 de segunda. As banheiras de primeira são de azulejos brancos, perfeitamente trabalhados; as de segunda são de cedro, mais bem feitas do que as do primeiro estabelecimento.

A *Capella do Senhor Bom Jesus*, edificada á custa dos esforços dos prestimosos cidadãos Antonio Ferreira Rodrigues, José Pinto Barbosa e tenente-coronel Sebastião Fernandes Pereira, os dous primeiros infelizmente já fallecidos, é pequena e modesta, mas acha-se perfeitamente apparelhada. Ha ainda duas acanhadas capellinhas: uma no morro *Ururó*, onde o padre Caltaniceta, capuchinho, collocou um cruzeiro, que durou até bem pouco tempo; e outra em um morro, em face da *Praça do Senador Godoy*. Em ambos os morros avultam dous cruzeiros levantados modernamente. Dirige actualmente os officios sagrados o padre dr. Luiz Capello, illustre professor.

O edificio do *Mercado*, que foi inaugurado a 2 de fevereiro do corrente anno, é melhor e muito do que o antigo que foi demolido — velho edificio alpendrado, tosco, pequeno, immundo e grotesco; infelizmente o novo mercado, recente e limpo, se assemelha a uma prisão por causa das suas grades de ferro, e absolutamente não satisfaz as exigencias da hygiene moderna, perante a qual os mercados, além de serem edificios altos, amplos, isolados, accessiveis, abertos por toda parte se podem lavar, e desinfectar de cima a baixo, sempre que fôr preciso. Este erro prova mais uma vez que em Poços de Caldas, logar frequentado pela nata da sociedade brasileira, e estação balnearia de primeira ordem, as obras devem ser definitivas, e para isso necessitamos duas cousas: uma planta do beneficiamento da villa, acompanhada dos respectivos orçamentos, e muito dinheiro, condição *sine qua non* do progresso.

A *Cadeia*, edificio pequeno e modestissimo, recentemente construido a expensas do Estado, nada offerece de notavel e está abaixo da importancia desta localidade.

Como se vê, em que pese ao nosso progresso, em Poços de Caldas quasi tudo está ainda por fazer: não temos ruas e praças que prestem; não temos parque; não temos serviço de aguas e esgotos; não temos edificios publicos que valham a pena; e si não nos falta

illuminação electrica, nós o devemos á iniciativa patriotica do coronel Octaviano Ferreira de Brito, cujo nome ficará para sempre na historia desta terra, como um dos seus bemfeitores. E si vamos vivendo menos mal, não obstante a nossa falta de esthetica e de hygiene, é porque este clima é excellente, tem uma atmosphera rica de oxigenio, o qual vae queimando os detrictos organicos accumulados na superficie do solo ; mas dia virá, por amor do augmento da nossa população, que o gaz vivificante não bastará mais e tremendas epidemias de febre typhoide farão aqui a sua apparição, si não tratarmos de sanear e já esta villa. E este estado de cousas não póde continuar. E' necessario que esta terra seja digna de nós e dos que a visitam annualmente, e ella não o será emquanto não tiver hygiene, isto é, asseio e limpeza, que são a propria civilização e geram a ordem, o methodo, a economia, a belleza, a saude, a moralidade e os bons costumes.

E para ser completa esta noticia, vamos tocar em outros pontos dignos de menção.

O grande negocio de Poços de Caldas é a exploração de hotel e de casas para alugar aos banhistas. Assim, temos actualmente 12 hoteis : o *Hotel da Empresa*, o *Hotel do Globo*, o *Grande Hotel do Sul*, o *Hotel da União*, o *Hotel da Estrella*, o *Hotel Aurora*, o *Hotel do Norte*, o *Hotel Esperança*, o *Hotel Central*, o *Hotel Solferini*, o *Hotel Internacional* e o *Cassia*, e cinco restaurantes, entre os quaes está a *Brasserie*, que serve muito bem e dá hospedagem, ao passo que no *Restaurante Fernando Lopes* encontra-se a boa cozinha portugueza e bebe se o vinho verde em canecos de barro, saboreando-se, de quando em vez, o caldo de unto e o molho de cabidella. Ha varias casas para alugar e pertencentes aos srs. Augusto Montandon, capitão Reinaldo Amarante e outros.

Temos na villa, dous collegios, dous externatos e uma escola particular : o *Collegio Santa Anna*, habilmente dirigido por d. Arminda Freitas Moreira, que conta este anno 60 alumnas matriculadas ; o *Collegio Rosa*, dirigido pelo capitão Rodolpho Garcia *Rosa*, com 25 alumnos ; o *Externato Mineiro*, dirigido pelo sr. João Borges Salgado, com 38 alumnos, assim como o *Externato Itale Brazileiro*, dirigido pelo professor Carlos Cascella ; a *Escola particular de d. Clara Vieira*, com 14 alumnos.

Além destes estabelecimentos de ensino, temos quatro escolas publicas mantidas pelo Estado : a primeira cadeira do sexo masculino, sob a direcção de d. Evangelina de Freitas Mourão, com 43 alumnos matriculados ; a segunda cadeira tambem do sexo masculino, sob a direcção de d. Branca Darphe Mourão, com 37 alumnos matriculados; a primeira cadeira do sexo feminino sob a direcção de d. Idalina Guilhermina de Andrade, com 34 alumnas ; a segunda ca-

deira do sexo feminino, sob a direcção de D. Isbella de Freitas Mourão, com 40 alumnas.

Ha em Poços um jornal semanal—*O Patriota*, habilmente redigido pelo capitão Martinho Alvares, orgão imparcial, noticioso e nitidamente impresso. E si accrescentarmos que nesta terra ha tres alfaiatarias, dous cirurgiões dentistas, tres medicos, um photographo e casas commerciaes de primeira ordem, onde os banhistas podem abastecer se de tudo quanto houver mister, teremos posto em destaque todos os meritos actuaes da *Joia Mineira*, mormente depois que fizemos a descripção das nossas fontes thermo — sulfurosas, que vae ser o assumpto da terceira e ultima parte deste trabalho.

III

São quatro as fontes minero-thermaes que existem em Poços de Caldas: *Pedro Botelho* — 45.°; *Chiquinha* — 44.° 6/10; *Mariquinha* — 44.° e *Macacos* — 41.° 2/10. A *Chiquinha* e a *Mariquinha* estão hoje reunidas e marcam 44.° no reservatorio, mas chegam ao estabelecimento com 42.°; os *Macacos* marcam no fundo do reservatorio 39.° 1/2; mas chegam ao estabelecimento de *Pedro Botelho* com 36.° e, ás vezes, com 37.° si a agua sulfurosa correr durante muitas horas atravez do encanamento. O *Pedro Botelho* marca 45.° na superficie do reservatorio, mas 46.° no fundo delle. No estabelecimento, a agua desta fonte chega com a temperatura de 44.° Portanto, não obstante a captação e a canalização, ainda assim as nossas fontes hydro mineraes estão sufficientemente quentes e bastam perfeitamente para o manejo das operações balneo-therapicas.

E' crença popular que a caldeira de *Pedro Botelho* é a mais quente do inferno. Desta superstição originou-se o nome da primeira fonte. Parece averiguado, por outro lado, que a denominação —*Mariquinhas* commemora o nome de uma doente, que, vindo entrevada para os Poços, curou se com os banhos da fonte, a qual até hoje conserva o seu nome.

Antigamente a fonte dos *Macacos* era conhecida pelo nome de *Poço Velho*, e esta denominação se encontra no mappa levantado em 1865 pelo engenheiro dr. Martiniano da Fonseca Rego Brandão, sobre a primeira doação de 25 alqueires feita á antiga Provincia pelo major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e sua mulher, D. Luiza Ferreira Brêtas. Na epocha em que a fonte recebeu o nome que tem, o ajuntamento de banhistas fazia-se em torno das fontes *Pedro Botelho*, e *Mariquinhas*, que eram empregadas unicamente em banhos; á tarde

todos os aquaticos se reuniam no largo, hoje *Praça do Senador Godoy*, e iam ao *Poço Velho* beber agua. Como este poço demorasse na outra extremidade da varzea da localidade, lembrou se um dia alguem de convidar os companheiros para irem a *Macacos*, para fóra da cidade, imaginando um passeio do Rio de Janeiro á *Estação de Macacos*, da Estrada de Ferro Central. Tem esta origem o nome da fonte.

Até 1877 as duas fontes, *Mariquinhas* e *Chiquinha*, não se distinguiam, e ambas eram usadas sob o nome de *Mariquinhas*, com a temperatura de 44.° Naquelle anno, o sr. Manoel Franco de Araujo Vianna, de Santos, lembrou se de utilizar uma das nascentes da *Mariquinha* para banhos de agua dormente, e para esse fim mandou fazer uma banheira, á qual deu o nome de *Paulista*. Em 1878 houve uma grande enchente do *Ribeirão dos Poços* e a *Paulista* foi carregada pela enxurrada. Então os balneantes, que na occasião estavam nos Poços, mandaram fazer outra banheira e recebeu ella do Barão de Campo Mystico o nome de *Chiquinha*, porque se verificou então que as duas nascentes eram diversas, por causa da differença de temperatura entre a *Mariquinhas* e a *Chiquinha* (44.° —44.° 6/10), embora a analyse de 1875 não tivesse assignalado entre as duas fontes divergencia na composição chimica.

A temperatura das fontes póde ser considerada como fixa (21), e isto está de accordo com o que diz Ch. Contejean, á pag. 345 dos seus *Elementos de Geologia*: « A temperatura é constante para as fontes quentes ou muito quentes, e pouco variavel para as outras ».

Referiu nos ha annos o dr. Otto Linger, do *Instituto Fluminense de Agricultura*, que o terreno de Poços de Caldas é de formação vulcanica, facto que foi observado por elle desde a antiga estação de Caldas, então a 10 leguas daqui, até esta povoação, onde se encontra *rocha basaltica*, na cidade de Caldas, a cinco leguas dos Poços, a formação é outra ; lá se lhe deparou com o *gneiss*. E esta opinião tem visos de verdade, porque as aguas mineraes são consideradas como vulcões reduzidos á parte aquosa.

E' assim que, falando das fontes mineraes, Ch. Contejean diz (Log. cit. pag. 343) : — « Algumas destas (fontes thermaes) prendem se tão intimamente aos *geyseres* pela natureza de suas aguas e por sua origem, que não é sempre possivel distinguir uns dos outros ; e como a transição das fontes thermaes ás fontes mineraes frias é inteiramente insensivel, não podemos deixar de relacionar as fontes mineraes aos phenomenos eruptivos de que *ellas representam a manifestação mais enfraquecida* ». E Durand Fardel citando, a proposito do mesmo assumpto, a opinião de Nivot diz : « Ha uma ou muitas

(21) Quando ha tempestade em Poços, com descargas electricas, as fontes augmentam a sua temperatura de decimos de grau ; mas logo que surge o bom tempo, tudo se repõe no primitivo estado.

principaes (fala das fontes mineraes de um grupo dado) as mais quentes e em geral tambem as mais abundantes, que podemos considerar como vulcões privados *da faculdade de emittir outro producto que não as emanações gazosas, que, na maioria dos casos, chegam á superficie condensadas em aguas minero thermaes.* Elie de Beaumont opina no mesmo sentido.

Mas a questão da constituição geognostica desta zona póde hoje ser melhor destrinçada, por causa do magistral trabalho que o illustre sabio sr. dr. Orville Derby communicou á *Sociedade Geologica*, de Londres, e foi publicado no *Quartely Journal*, como se vai ver (22).

Quem vem da fazenda do Barreiro para Poços de Caldas, logo que avista a povoação, do alto da serra do *Teixeira*, tem a impressão de achar se deante da cratera de um vulcão, tão bem cintada de morros está a varzea, onde demoram as nossas fontes thermo sulfurosas. E o aspecto vulcanico da região não muda quando se tem em mente o chamado p'analto de Caldas, circulado ao norte e ao céste pela *Serra dos Poços*, a léste pela *Serra de Caldas* e ao sul pela do *Caracol*. Como quer que seja, os notaveis estudos do dr. Derby, fundados na mais positiva das sciencias, a chimica, vêm em apoio deste modo de ver, porque desde a base da *Serra do Paiol*, em demanda desta estação balnearia, o illustre sabio encontrou formações vulcanicas. Assim, no planalto de Poços de Caldas, a rocha predominante é o *phonolito* perfeitamente granular, embora nesta zona não se encontre a rocha *dyke*, como dizem os inglezes, e raramente se veja o *foiaito*, nas proximidades da povoação, sempre em estado de decomposição ; mas a serie eruptiva, que começou de apparecer a dous kilometros pouco mais ou menos da base da *Serra do Paiol* até o nosso taboleiro, desdobra se do seguinte modo : a principio notaram-se *phonolitos* associados ao *gneiss*, *tufos*, *foiaitos*, etc. ; depois vieram os *grés* e os *conglomerados* — *tufacios*, inteiramente decompostos, *contendo seixos e blocos de rochas eruptivas, e não raro grandes massas crystallinas de mica parda até a altitude approximada de 900.m*, escrevendo a proposito o illustre geologo: « Os typos predominantes entre os blocos deste *conglomerado* são duas rochas, que não foram encontradas satisfactoriamente expostas *in situ*. Uma tem o aspecto externo de *diabase* de grão moderadamente grosso, que, ao microscopio, mostra como elemento predominante *plagioclase* notavelmente bem conservada, estando os outros elementos por demais alterados para que me fosse possivel reconhecel os, pois jamais vira tal cousa em *diabase*. Pelos

(22) Tive noticia deste trabalho por um artigo que o illustrado engenheiro dr. Josaphat Bello publicou no *Jornal do Commercio* de 24 de novembro do anno passado (1902).

resultados, que dá, quando é tratado pelos acidos, parece conter *nephelina*, e, neste caso, é provavelmente um *tephrito* ». Depois dos conglomerados, vieram as rochas *nephelinicas*, sendo que na zona entre o viaducto e o pontilhão do *Pinhalzinho*, o dr. Derby encontrou uma rocha basica, que deu logar á classificação de dous typos : um *basalto* preto como azeviche, onde o professor Rosenbusch descobriu o *leucitito* (23). No tracto de terreno comprehendido entre o tunel e o pontilhão do *Pinhalzinho*, o eminente sabio encontrou em abundancia o *foiaito*, que quasi desappareceu no nosso planalto — para dar logar ao *phonolito*. E que conclusão poderemos tirar destes estudos ? Si a maioria dos geologos consideram as cadeias de montanhas oriundas do levantamento de rochas igneas, que surgiram á superficie sob a acção do calor central do globo, em epochas diversas da sua historia; si desde a base do planalto do sul de Minas, que a E. de Ferro Mogyana percorre, as diversas rochas existentes são de natureza *plutonica*, como que derramadas entre as camadas da terra a modo de toalhas de lavas, que nos tempos de antanho escorreram pelas encostas das serras ; não vemos motivo que nos inhiba de considerar as aguas thermaes de Poços de Caldas como vulcões extinctos, reduzidos á sua parte aquosa e gazosa. Mas porque esta povoação foi nos tempos primévos a séde de um vulcão, não se pense que estamos ainda hoje a pique de testemunhar aqui o acordar das antigas erupções : não ha terremotos e erupções vulcanicas sinão quando a crosta da terra se fende, deixando que a agua do mar se precipite pela rocha abaixo e se ponha em contacto com o fogo central da terra, sendo depois projectada para o exterior, acarretando na sua passagem os elementos constitutivos dos vulcões em erupção. Ora, o Oceano está agora bem longe de nós. Deixemos esses cuidados aos habitantes das ilhas e das partes dos continentes, que confinam com o mar, onde a fragilidade da crosta terrestre está exposta a gretaduras.

Agora, si o centro da terra é incandescente; si cavando o solo da superficie para o interior do globo, depois de 25 metros vamos ganhando um grau centigrado por cada 33 metros, á medida que nos adiantamos na profundidade ; é evidente que a temperatura das aguas dos Poços de Caldas depende, como a de todas as aguas thermaes, da maior ou menor fundura em que nascem, em relação á esphera de fogo.

E qual será a descarga das nossas fontes sulfurosas ?

---

23 Até estes estudos do dr. Derby, o *leucitito* sempre denunciou os terrenos *pliocenos* ; estava reservado ao illustre sabio demonstrar que essa variedade de *basalto* se prende á edade *paleozoica*.

No dia 16 de outubro de 1883, o dr. Herculano Velloso Ferreira Penna, de saudosa memoria, mediu a quantidade de agua que dão as fontes thermaes em um tempo certo e serviu se para esse fim de umo medida de 92 litros.

A fonte dos *Macacos* encheu a medida em 1', 2''; o *Pedro Botelho* em 0,58''; a *Mariquinhas* em 1', 49''; a *Chiquinha* em 1', 42.''

Quantidade em litros

	Por M	Por H	Por 24 H
Pedro Botelho.....	95,10	5.706	136.944
Mariquinhas.....	50,60	3.036	72.864
Chiquinha.....	54,10	3.246	77.904
Macacos.....	89,0	5.340	128.660
	288,80	17,328	415.872

Assim, admittindo se que todas as banheiras dos Poços tivessem uma capacidade de 300 litros, (24) poderiamos fornecer por dia 1.386 banhos — si todos elles fossem de agua dormente. Actualmente, dada a pequena frequencia de banhistas a esta estação balnearia (o anno passado, 1902, ella foi de 1116 pessoas), temos agua sulfurosa em sufficiente quantidade ; mas quando essa frequencia for maior, de 20.000 — 40.000 visitantes, supponhamos, a descarga das nossas fontes thermaes será insufficiente para dar vasão ás diversas operações balneo therapicas, e então ser nos ha preciso misturar a agua sulfurosa com a commum, como se faz no importantissimo estabelecimento balneario de *Aix les Bains*, isto para citar um dos mais notaveis e procurados do mundo. E quando este facto se der, nem por isso ficarão damnificadas as nossas aguas thermo-sulfurosas, porque, seja qual fôr a composição das aguas mineraes, é *preciso saber que a parte fundamental dellas é a propria agua, que possue uma acção peculiar, ligada á temperatura, ao movimento, ao volume, á pressão.*

Deve-se ao conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, quando ministro do Imperio, ter se obtido o conhecimento da analyse qualitativa e quantitativa das aguas thermaes de Poços de Caldas.

A commissão medica nomeada por elle, composta dos drs. Ezequiel Corrêa dos Santos, Agostinho José de Souza Lima e José Borges Ribeiro da Costa, veio aos Poços em 1874 e apresentou o seu trabalho no anno seguinte, em 6 de fevereiro. Na opinião do illustrado dr. Carlos Ferreira de Souza Fernandes, essa commissão fo

(24) A capacidade de todas ellas é maior de 300 litros.

incompleta, pois deu se nella a falta de um geologo, de um naturalista micrographo e de um engenheiro hydrologo, que se encarregassem da solução de questões especiaes, attinentes ás aguas, as quaes não podiam ser resolvidas, como não foram, pelos membros que a compuzeram. E effectivamente assim é: por falta de um geologo, só hoje, graças aos notaveis trabalhos do dr. Orville Derby, temos noções seguras acerca da constituição geognostica desta zona; por falta de um naturalista micrographo, até agora não conhecemos, sinão por analogia, qual seja a materia organica das nossas fontes thermaes; por falta de um engenheiro hydrologo, tudo andou á matroca nos Poços desde 1862, e só hoje, por causa da minha viagem á Europa, o Governo de Minas ficou apparelhado para agir nesta estancia balnearia. Seja como fôr, o trabalho da commissão, no ponto de vista chimico, é excellente e basta perfeitamente ás exigencias da pratica medica; o que se fizer demais poderá ter muito interesse theorico; duvido, porém, que o tenha clinico. O proprio dr. Fernandes o confessa quando, ao terminar a sua interessante critica, no magistral opusculo — *Aguas Mineraes no Brasil* — assim se exprime «.... creio até que lhes prestei um serviço (refere-se aos membros da commissão), mostrando que o seu trabalho é geralmente bom; porquanto sujeito a uma rigorosa critica scientifica, *não lhe achou esta sinão pequenas sombras....*»

Eis agora as analyses feitas pela commissão medica:

AGUA DA FONTE PEDRO BOTELHO

« Agua clara, limpida, transparente, de cheiro e sabor hepatico e tocar unctuoso. — Temperatura — 45.° na superficie da agua e 46.° no fundo, mais proximo da nascente. — Densidade 0,0005, sobre a pressão de 663.mm e na temperatura ambiente de 22.° — Um litro de agua forneceu de residuo em peso 0,6350, constituidos por:

Acido sulfurico.....	0,0303
Silicia.....	0,0180
Acido carbonico.....	0,2100
Chloro.....	0,0037
Potassa.....	0,0110
Soda.....	0,2780
Materia organica e perdas.....	0,0120
Magnesia e ferro — vestigios.....	0,6350

« Um litro de agua forneceu 11.cc de gazes.

« Estes gazes são azoto e acido sulphydrico ; este na doze de 0,cc 1748 a 0° de temperatura e 0.m760 de pressão, conforme a tabua relativa aos ensaios sulfurometricos, que se acha á pag. 781 do tratado de chimica hydrologica de J. Lefort, si a bureta marcou 0°,2. »

AGUA DA FONTE MARIQUINHAS

« Assim como a precedente, a agua é clara, limpida, transparente, de cheiro e sabor hepatico e tocar unctuoso — Temperatura de 44.° — Densidade de 0,0005 sob a pressão de 663.mm e na temperatura ambiente de 22.° .—Um litro de agua forneceu de residuo fixo 0,6430 de principios, distribuidos da maneira seguinte :

Acido sulfurico.....	0,0820
Silicia.....	0,0170
Acido carbonico..	0,2195
Chloro.....	0,0039
Cal.....	0,0110
Potassa.....	0,0130
Soda.....	0,2816
Materia organica e perdas.....	0,0150
Magnesia e ferro — vestigios.....	0,6430

« Quanto aos gazes, encontrou a commissão 10.mm, 2 por litro, sendo os mesmos da agua da fonte *Pedro Botelho*, e achando se o acido sulphydrico na mesma doze que na dita agua. »

AGUA DA FONTE MACACOS

« Agua ligeiramente turva (25) mas offerecendo os outros caracteres identicos aos das fontes precedentes, isto é, cheiro e sabor hepatico e tocar unctuoso — Temperatura de 41.° tomada na agua das banheiras, e 42.° na do poço onde está a nascente.— Densidade 0,0006 sob a pressão de 663.mm e temperatura de 22.° Um litro de agua forneceu de residuo fixo 0,6540, constituidos pelos principios seguintes :

(25) Houve engano da parte da commissão : a agua dos *Macacos* é tão clara, limpida e transparente como a das outras fontes ; de certo proveio o engano de estar a agua na occasião ligeiramente suja, *em vez de ser ligeiramente turva*.

Acido sulfurico	0,0566
Silicia	0,0200
Acido carbonico	0,2293
Chloro	0,0042
Cal	0,0110
Potassa	0,0165
Soda	0,2973
Materia organica e perdas	0,0191
Magnesia e ferro — vestigios	0,6540

« Quanto aos gazes, encontrou a commissão 10.6 por litro, sendo os mesmos das aguas das fontes *Pedro Botelho* e *Mariquinhas*, e o acido sulphydrico na mesma dose. »

Nos relatorios sobre as aguas mineraes de Caxambú, Lambary e Poços de Caldas, a commissão não quiz apresentar analyse theorica, systematica ou interpretativa da analyse elementar, pratica ou experimental, pelos seguintes motivos:

« Sómente em relação aos resultados definitivos da analyse occorre exibir agora as considerações de ordem chimica que a levaram e a levam, desta vez, a indicar separadamente os algarismos que representam os diversos elementos ou os generos e as especies de saes que entram na composição das aguas, não se propondo a apresental-os combinados, porque, como bem se exprime Reynault, « quando acidos e bases existem simultaneamente em uma dissolução, é de ordinario impossivel decidir de que maneira estão elles combinados ».

A este respeito tambem se exprime Filhol do modo seguinte:

« Quando o chimico tem retirado de uma agua mineral os differentes acidos, bases e outros elementos de que ella se compõe, e tem determinado a quantidade de cada um delles, resta lhe reconstituir a agua, reproduzir a formula exacta da solução mineral, cujo segredo pretende arrancar á natureza; mas isto é, infelizmente, muitas vezes impossivel no estado actual da sciencia. » Cada chimico interpreta, pois, a seu modo os resultados da analyse, e dahi as variações tão consideraveis, entre differentes auctores, na determinação dos principios constituintes de uma mesma agua.

Sirva de exemplo a inspecção do quadro comparativo das quantidades de substancias fixas contidas na agua mineral de Bath, segundo diversos chimicos. Ahi uns encontraram sulfato de soda e chlorureto de calcio, outros sulfato de cal e chlorureto de soda, outros, emfim, todos estes quatro saes reunidos, sendo que esta ultima hypothese está mais em harmonia com os dados fornecidos pelos estudos sobre o coefficiente de decomposição dos saes misturados e dissolvidos no mesmo liquido. Em uma dissolução mixta dos acidos sulphurico e chlorydrico, e das bases soda e magnesia, póde-se

admittir que resulte uma mistura ou de sulfato de magnesia e chlorureto de sodio, ou de sulfato de soda e chlorureto de magnesia, ou destes quatro saes ao mesmo tempo; e, cousa notavel, póde-se até certo ponto obter á vontade uma ou outra destas combinações, resultantes de decomposições inversas.

« No exemplo figurado, si se evapora a dissolução em temperatura superior a 15.° crystalliza a maior parte do chlorureto de sodio, que se pode separar do sulfato de magnesia, o qual fica ainda dissolvido, e pela evaporação a secco se deposita; si, ao contrario, esta operação se executa em temperatura mais baixa, a 0°, por exemplo, deposita se sulfato de soda, deixando no liquido — chlorureto de magnesia.

«Foi esta difficuldade, sinão impossibilidade, de determinar com precisão as combinações salinas naturaes nas aguas, que levou a commissão a imitar o procedimento da maior parte dos chimicos, indicando separados os diversos elementos constituintes, *deixando a cada um o cuidado de reunil os*.

«Entretanto, isto não é absoluto, e casos ha em que se podem, com grande probabilidade, casar os elementos e achar a formula pelo menos approximada da composição das aguas.

«Quando se trata de interpretar os algarismos que representam estes elementos, é preciso primeiramente entrar em nova discussão especial, estabelecer um raciocinio baseado sobre o conhecimento das affinidades relativas dos corpos, e dahi chegar a conclusões, umas certas, outras provaveis, sobre a natureza e quantidade relativa dos saes em dissolução.

«Assim, por exemplo, quando a analyse tem demonstrado a existencia simultanea, em uma agua mineral, do acido carbonico e acido silicico, em presença de uma quantidade insufficiente de soda para saturar a ambos, á primeira vista o espirito vacilla em saber com qual dos dous acidos está a soda combinada, desde que são ambos dotados de fraca energia, e qualquer delles desloca o outro quando se opera em temperatura apropriada, e com um excesso sufficiente daquelle que se faz reagir sobre o outro. Como, entretanto, por uma evaporação lenta bem dirigida, a silicia separa-se pouco a pouco e fica livre, em presença do carbonato de soda, e como, além disso, por meio de analyse separa-se tambem uma parte de silicia, no caso figurado deve-se destes dados concluir que na triplice mistura mencionada existem formados naturalmente silicia e carbonato de soda e acido carbonico.

«Ha ainda um caso em que a combinação de certos elementos é por assim dizer necessaria ou forçada, e vem a ser quando, em uma mistura complexa, dous destes elementos proprios para se unirem, isto é, dotados de tendencias electricas oppostas, se acham em tal proporção que fica ainda em excesso sobre a quantidade necessaria

para se combinar com cada um dos outros: é o que acontece com a agua do mar, em cuja composição se pode ter certeza da existencia do chlorureto de sodio já formado, porque o chloro achado pela analyse é em excesso sobre a quantidade necessaria para se alliar ao potassio, ao calcio, ao magnesio, ao ferro, etc, e por outro lado o mesmo succede com o sodio em relação ao iodo, ao bromo e aos acidos sulfurico, phosphorico, etc. Nestas condições não póde deixar de figurar no quadro interpretativo da analyse da agua do mar o chlorureto de sodio.

«E', finalmente, o que se verifica a respeito das aguas de Poços de Caldas, nas quaes as proporções encontradas de acido carbonico e de soda não podem deixar de auctorizar a sua combinação e de firmar no espirito a crença de que ellas encerram, entre outros compostos, o carbonato de soda».

O dr. Souza Fernandes (Loc. cit. pag. 54) não poude concordar com as razões expostas pela commissão, e por estes fundamentos:

«Quanto á primeira parte desta exposição de razões, observa que Filhol, com as palavras — é muitas vezes impossivel,— resalvou a ideia de impossibilidade absoluta, e com estas outras, que se acham, como assegura Constantin James á pag. 40 do seu livro sobre as aguas mineraes dos Pyrinéos, protesta contra a citação do seu nome para a justificação da falta de analyse systematica ou interpretativa.

«No estado actual da sciencia, a analyse de uma agua mineral constitue um dos problemas mais delicados, cuja solução possa ser pedida ao chimico. Não é que a determinação qualitativa ou quantitativa de cada um dos elementos da agua, considerados isoladamente, apresente serias difficuldades; a analyse chimica tem feito progressos sufficientes para que se possa contar muito com a exactidão dos resultados. Mas, quando o chimico tem tirado de uma agua mineral acidos sulfurico, carbonico, silicico, phosphorico, chloro, iodo, potassa, soda, cal, magnesia, etc.; quando tem rigorosamente determinado a quantidade de cada um destes elementos, tem antes preparado do que acabado a sua analyse. Com effeito, elle deve saber, com os elementos distinctos que tirou da agua, reconstituil-a, e reproduzir a formula exacta da solução medicamentosa, cujo segredo quer arrancar á natureza. Não é indifferente, nem ao chimico, nem ao medico, saber com precisão si o acido sulfurico, por exemplo, existe na agua combinado com a cal de preferencia á magnesia ou a soda; si o chloro está unido ao sodio ou ao calcio; si uma agua sulfurosa contém acido sulphydrico livre, um monosulfureto ou um polysulfureto, etc. Estes diversos compostos não obram da mesma maneira sobre a economia, e importa que se tenha fixado de uma maneira perfeita sobre a verdadeira constituição das aguas mineraes.

«Si assim o disse Filhol, continúa o dr. Souza Fernandes, assim o fez; aqui apresento a analyse completa, por elle feita, da agua da fonte *Tambour*, do Bréges (sulfurea sodica):

	Gr.s
Sulfureto de sodio	0,0408
Sulfureto de ferro	0,0005
Chlorureto de sodio	0,0720
Silicato de sodio	0,0984
Silicato de calcio	0,0161
Silicato de magnesio	0,0016
Sulfato, Iodureto, Borato, Phosphato de sodio, vestigios.	
Materia organica e perdas	0,0669
	0,2963

«Num litro de agua.

«Todas as outras razões produzidas pela commissão nas outras partes do seu arrazoado me parecem contraproducentes.

«Si os chimicos que na agua de Bath encontraram sulfatos de sodio e calcio, e chloruretos destes mesmos metaes, procederam mais em harmonia com os dados fornecidos pelos estudos sobre os coefficientes de decomposição dos saes misturados, porque não imitar o seu exemplo?

«Si de uma dissolução mixta de acido sulphurico e chlorydrico, magnesia e soda se extrahe pela crystallização chlorureto de sodio e sulfato de magnesia, operando em temperatura superior a 15° centigrados, e o contrario se obtém operando na de 0°, porque não admittir que numa agua mineral de temperatura superior a 15°, os dous acidos e as duas bases estejam formando aquelles saes?

«A sem razão de falta de analyse interpretativa, especialmente em relação às aguas mineraes de Caldas, resalta, emfim, das proprias palavras com que a commissão terminou o seu arrazoado.»

Eis a analyse interpretativa da agua da fonte dos *Macacos*, feita pelo dr. Souza Fernandes; a composição das aguas das fontes *Pedro Botelho* e *Mariquinhas* é, com pequinissima e insignificante differença, igual á da fonte dos *Macacos*.

«Num kilogramma d'agua:

Sulfato de potassio	0,0305
Sulfato de sodio	0,0756
Chlorureto de sodio	0,0069
Carbonato de calcio	0,0195
Carbonato de sodio	0,4450
Silicia	0,0200

Acido sulphydrico	0,0027
Azoto	0,0013
Materia organica e perdas	0,0191
Carbonato de magnesio } **vestigios**	
Dito ferroso } **vestigios**	
Totalidade dos principios	0,6206

«A analyse foi calculada assim :

«Formação do sulfato de potassio :

$$\frac{Ko}{47,1} : \frac{Kos\ 0^3}{87,1} :: \frac{Ko}{0g,0165} : x = \frac{87,1 \times 0,0165}{47,1} =$$

$$= 0,0305 = \frac{Ko}{0,0165} + \frac{So^3}{00,140}$$

«Assim ficou empregada toda a potassa obtida pela analyse experimental $\frac{So^3}{0,0566} - \frac{So^3}{0,0140} = \frac{So^3}{0,0426}$ é, portanto, o resto do acido sulfurico obtido pela analyse experimental.

Formação do sulfato de sodio :

$$\frac{So^3}{40} : \frac{Na\ o\ So^3}{71} :: \frac{So^3}{0,0426} : x$$

$$x = \frac{71 \times 0,0426}{40} = 0,0756 = \frac{So^3}{0,0426} + \frac{Na\ 0}{0,0330}$$

«Ficou, pois, combinado todo o acido sulfurico.

$\frac{Na\ 0}{0,2973} - \frac{Na\ 0}{0,0330} = \frac{Na\ 0}{0,2643}$ é conseguintemente o resto da soda obtida pela analyse experimental.

«Formação do chlorureto de sodio :

$$\frac{60}{35,5} : \frac{69 - Na}{58,5} :: \frac{69}{0,0042} : x$$

$$x = \frac{58,5 \times 0,0042}{35,5} = 0,0036 = \frac{C\ 9}{0,0042} + \frac{Na}{0,0027}$$

« Todo o chloro obtido pela analyse experimental ficou, pois, combinado, e

$$\frac{Na}{0,0027} + \frac{0}{0,0009} = \frac{Na\ 0}{0,0036},$$

deduzida do resto da soda obtida pela aanlyse experimental, dá :

$$\frac{Na\ 0}{0,0036} - \frac{Na\ 0}{0,2643} = \frac{Na\ 0}{0,2607}.$$

«Si assim o disse Filhol, continúa o dr. Souza Fernandes, assim o fez; aqui apresento a analyse completa, por elle feita, da agua da fonte *Tambour*, do Bagèges (sulfurea sodica):

	Gr.s
Sulfureto de sodio	0,0408
Sulfureto de ferro	0,0005
Chlorureto de sodio	0,0720
Silicato de sodio	0,0984
Silicato de calcio	0,0161
Silicato de magnesio	0,0016
Sulfato, Iodureto, Borato, Phosphato	de sodio, vestigios.
Materia organica e perdas	0,0669
	0,2963

«Num litro de agua.

«Todas as outras razões produzidas pela commissão nas outras partes do seu arrazoado me parecem contraproducentes.

«Si os chimicos que na agua de Bath encontraram sulfatos de sodio e calcio, e chloruretos destes mesmos metaes, procederam mais em harmonia com os dados fornecidos pelos estudos sobre os coefficientes de decomposição dos saes misturados, porque não imitar o seu exemplo?

«Si de uma dissolução mixta de acido sulphurico e chlorydrico, magnesia e soda se extrahe pela crystallização chlorureto de sodio e sulfato de magnesia, operando em temperatura superior a 15° centigrados, e o contrario se obtém operando na de 0°, porque não admittir que numa agua mineral de temperatura superior a 15°, os dous acidos e as duas bases estejam formando aquelles saes?

«A sem razão de falta de analyse interpretativa, especialmente em relação ás aguas mineraes de Caldas, resalta, emfim, das proprias palavras com que a commissão terminou o seu arrazoado.»

Eis a analyse interpretativa da agua da fonte dos *Macacos*, feita pelo dr. Souza Fernandes; a composição das aguas das fontes *Pedro Botelho* e *Mariquinhas* é, com pequinissima e insignificante differença, igual á da fonte dos *Macacos*.

«Num kilogramma d'agua:

Sulfato de potassio	0,0305
Sulfato de sodio	0,0756
Chlorureto de sodio	0,0069
Carbonato de calcio	0,0195
Carbonato de sodio	0,4450
Silicia	0,0200

Acido sulphydrico	0,0027
Azoto	0,0013
Materia organica e perdas	0,0191
Carbonato de magnesio } **vestigios**	
Dito ferroso } **vestigios**	
Totalidade dos principios	0,6206

«A analyse foi calculada assim :

«Formação do sulfato de potassio :

$$\frac{Ko}{47,1} : \frac{Kos\ 0^3}{87,1} :: \frac{Ko}{0g,0165} : x = \frac{87,1 \times 0,0165}{47,1} =$$

$$= 0,0305 = \frac{Ko}{0,0165} + \frac{So^3}{00,140}$$

«Assim ficou empregada toda a potassa obtida pela analyse experimental $\frac{So^3}{0,0566} - \frac{So^3}{0,0140} = \frac{So^3}{0,0426}$ é, portanto, o resto do acido sulfurico obtido pela analyse experimental.

Formação do sulfato de sodio :

$$\frac{So^3}{40} : \frac{Na\ o\ So^3}{71} :: \frac{So^3}{0,0426} : x$$

$$x = \frac{71 \times 0,0426}{40} = 0,0756 = \frac{So^3}{0,0426} + \frac{Na\ 0}{0,0330}$$

«Ficou, pois, combinado todo o acido sulfurico.

$\frac{Na\ 0}{0,2973} - \frac{Na\ 0}{0,0330} = \frac{Na\ 0}{0,2643}$ é conseguintemente o resto da soda obtida pela analyse experimental.

«Formação do chlorureto de sodio :

$$\frac{60}{35,5} : \frac{69 - Na}{58,5} :: \frac{69}{0,0042} : x$$

$$x = \frac{58,5 \times 0,0042}{35,5} = 0,0069 = \frac{C\ 9}{0,0042} + \frac{Na}{0,0027}$$

« Todo o chloro obtido pela analyse experimental ficou, pois, combinado, e

$$\frac{Na}{0,0027} + \frac{0}{0,0009} = \frac{Na\ 0}{0,0036},$$

deduzida do resto da soda obtida pela aanlyse experimental, dá :

$$\frac{Na\ 0}{0,0036} - \frac{Na\ 0}{0,2643} = \frac{Na\ 0}{0,2607}.$$

«Formação do carbonato de calcio :

$$\frac{Cao}{28} : \frac{Cao\ co^2}{50} :: \frac{Ca\ 0}{0,0110} : x$$

$$x = \frac{50 \times 0,0110}{28} = 0,0195 = \frac{Ca\ 0}{0,0110} + \frac{60^2}{0,0085}.$$

«Deste modo ficou combinada toda a cal obtida pela analyse experimental.

$$\frac{C0^2}{0,2293} - \frac{C0^2}{0,0085} = \frac{C0^2}{0,2207}$$

é, pois, o resto do acido carbonico obtido pela analyse experimental.

«Formação do carbonato de sodio :

$$\frac{Na\ o}{31} : \frac{Na\ o\ co^2}{53} :: \frac{Na\ o}{0,2607} : x$$

$$x = \frac{53 \times 0,2607}{31} = 0,4450 = \frac{Na\ o}{0,2607} + \frac{Co^2}{0,1843}$$

«Empregada assim toda a soda, e deduzido o acido carbonico com ella combinado do acido carbonico resultante, isto é,

$$\frac{Co^2}{0,1847} - \frac{Co^2}{5,2207} = \frac{Co^2}{0,0360},$$ sobra esta fracção de gramma de acido carbonico, sem ter com que se casar.

«Si a cal fosse combinada com o acido sulfurico, o seu acido carbonico iria para a soda, e, neste caso, como o que aquella ganhasse em peso perderia esta, é claro que a differença seria, porque assim o digamos, nulla, continuando em excesso o acido carbonico.

«Nesta analyse interpretativa inscrevi a silicia em estado de liberdade não só pelas razões exhibidas pela commissão, senão tambem porque, como diz J. Lefort, fundado nas suas experiencias, os silicatos alcalinos e terrosos não podem coexistir nas aguas mineraes com os bicarbonatos alcalinos e o acido sulphydrico livre, sem se decomporem, dando logar á formação de carbonatos neutros e sulfuretos alcalinos terrosos, o que não vai de encontro ao que diz Wurtz, isto é, que o carbonato e o silicato de sodio existem em todas as aguas sulfurosas naturaes dos Pyrinéos, e a razão está em que, embora o silicio e o carbono tenham entre si uma perfeita analogia, não só nas suas propriedades physicas, senão tambem nas suas combinações com o oxigenio e outros corpos, tendo o acido silicico e o carbonato a mais perfeita analogia de composição, pois, si 0^2 é formula daquelle e $C0^2$ a deste; todavia a affinidade deste para as bases é superior á daquelle.

«Na analyse interpretativa da agua da fonte *Macacos* quiz inscrever a cal sob a forma de sulfato, seguindo o que com toda a competencia disse a commissão na sexta pagina do segundo relatorio,

isto é, que depois do carbonato de sodio seguiam se, na ordem inversa da quantidade, silicia, sulfatos e chloruretos de sodio, calcio e potassio ; não o fiz, porém, e inscrevi a cal sob a forma de carbonato, a exemplo de Fresenius na analyse das aguas d'*Ems*, de Liebig de *Aix la chapelle*, e Berzelinas nas de *Carlsbad*, por ser isto mais conforme com a lei que preside á decomposição dos saes em dissolução, e ao grau de solubilidade do carbonato de calcio, que é de 0 gr, 0250 por litro, termo médio, e se eleva com a temperatura da agua ; só teria deixado de faze-lo, si a commissão, na analyse experimental, não se tivesse limitado á pesquiza dos elementos dos saes, e indo um pouco além, tivesse investigado a não existencia do carbonato de calcio, o que tivera conseguido, si, concentrando o liquido pela evaporação, não tivesse obtido a precipitação do carbonato de calcio.

«Como no calculo para a formação dos carbonatos de calcio e sodio me sobrassem, 0 gr, 0360 de acido carbonico, quantidade insufficiente, entretanto, para a formação de bicarbonatos, pois, para isto, serião necessarios mais 0 gr, 1573 de acido carbonico, resolvi desprezar aquella fracção, e o fiz porque a commissão no segundo relatorio diz, á pagina setima, o seguinte :

«O ensaio dos gazes, finalmente, foi executado... e em relação aos que existem dissolvidos, fazendo ferver um volume conhecido de cada agua, contida num balão, munido de um tubo abductor cuja extremidade mergulha em uma cuba de mercurio, e inteiramente cheios (balão e tubo) da mesma agua. Nestas condições, os gazes desprendidos e recolhidos em um provete graduado foram analyzados por meio de uma solução acida de acetato de chumbo, que não podia absorver e fixar o acido carbonico, mas sim somente o acido sulphydrico, e depois por uma quantidade conveniente de potassa caustica destinada a fixar aquelle gaz, si existisse nas aguas ; não tendo sido então observada nenhuma reducção de volume, concluiu-se pela sua ausencia nella.»

«E' facto de observação que pelo aquecimento os bicarbonatos, perdendo acido carbonico, se transformam em carbonatos neutros ; e sendo assim, é claro que, não tendo a fervura da agua feito desprender acido carbonico, não existiam bicarbonatos, e só podiam existir carbonatos neutros, ao que não poz a minima duvida a commissão, porquanto não cuidou mais da existencia de bicarbonatos nas aguas de Caldas, e dosou no apparelho de Fresenius e Saxe o acido carbonico dos carbonatos neutros existentes no residuo fixo ; digo dos carbonatos neutros, porque era impossivel que os bicarbonatos tivessem resistido á acção do calor empregado pela obtenção e desseccação do residuo fixo. Por conseguinte, ou o peso do apparelho de Fresenius e Saxe, quer antes, quer depois da reacção, não foi bem apreciado, ou este methodo de dosagem dos carbonatos não tem a

necessaria exactidão, ou a dosagem dos outros principios não foi perfeita.

«Reconheço, entretanto, e assim remata o dr. Souza Fernandes as suas considerações sobre as analyses interpretativas, quão hypothetico é quasi tudo numa analyse interpretativa, as difficuldades desta, e, por sciencia propria, o trabalho intellectual que exige.»

E não parou aqui a critica do dr. Souza Fernandes; o illustre medico censurou ainda a commissão: por falta de observações electrometricas; por não ter procurado nas fontes hydro mineraes do Sul de Minas o arsenico, a ammonia, os acidos crenico e apocrenico, o manganez, o iodo, o cobre, o rubidio, o thalio, etc; por não ter feito investigações microscopicas, capazes de determinar a natureza da materia organica das nossas fontes mineraes; e, finalmente, por ser insufficiente a analyse sulphydrometrica, que ella apresentou.

Em relação á materia organica, e só tocaremos nos pontos que mais nos interessam, diz o dr. Souza Fernandes: «Tem a materia organica incontestavel parte na acção physiologica e therapeutica das aguas mineraes: dahi outra falta, a de observações microscopicas, já sobre as aguas, já sobre os depositos que deixam nos logares por onde correm e sobre os corpos nellas immersos.

«Wurtz, tratando das aguas sulfurosas degeneradas, nas quaes os reactivos chimicos não demonstram a existencia do enxofre sob a forma de acido sulphydrico, sulphydrato ou sulfureto, diz que ellas conservam entretanto as propriedades therapeuticas de aguas sulfurosas, e, cousa notavel, nellas se encontra a *baregina*.

«Segundo diz L. Soubeiran, a *sulfuraria* não está em relação com a riqueza sulfurosa das aguas, mas para a sua existencia numa agua necessario é que esta seja sulfurosa.

«Existe a materia organica nas aguas mineraes em solução e em suspensão, ou depositada sobre os corpos em immersão ou nos logares por onde ellas correm.

«Quanto á materia organica soluvel, diz J. Lefort que, qualquer que seja a potencia de um microscopio, é insufficiente para descobrir-lhe o mais ligeiro vestigio; mas, si se faz evaporar a agua sobre uma lamina de vidro, e se examina o residuo com esse instrumento, observa se uma camada muito tenue, extremamente semelhante á albumina soluvel e solidificada. Este facto é tambem asseverando por L. Soubeira.

«E', pois, a materia organica, que se acha em suspensão ou formando depositos, que pode ser apreciada pelo microscopio. De Anglada e Bonis recebeu ella o nome de *glerina*, em razão do seu aspecto, e Longchamps deu-lhe o de *baregina*, em razão da localidade da fonte onde elle a observara pela primeira vez, nome sob o qual comprehendeu Aulangier todas as materias organicas das aguas sul-

furosas. E' nesta ultima accepção que se emprega ordinariamente a palavra baregina na linguagem hydrologica; Wurtz assim procedeu, quando disse ser cousa notavel a existencia da *baregina* nas aguas sulfurosas degeneradas.

«A *glerina* ou *baregina* se divide em amorpha ou inorganizada e organizada (*a tal substancia, que se deposita nos nossos encanamentos de aguas sulfurosas e semelha o caldo de canjica coalhada, não é outra senão a glerina ou baregina. Nunca se tratou, no caso vertente, de depositos de sacs*). No primeiro caso, segundo diz Ch. Robin, é chamada por muitos auctores *glerina* pura, e considerada como não sendo mais que um pequeno deposito da substancia organica não crystallizavel, tida em dissolução por qualquer agua de fonte, e sobretudo pelas thermaes (hydrose de Lambron ou sulfuridrina de Cazin). Segundo diz L. Soubeiran, é ella pouco soluvel na agua; mas pelo aquecimento dissolve se completamente, dando pelo resfriamento uma materia gelatinosa, muito semelhante á clara d'ovo, mas differindo das substancias protheicas pela proporção de 8 °/₀ de azoto, que obteve Anglada, proporção que diminue á medida que a *glerina* se organiza, podendo baixar a 0 para chegar á cellulose. E. Verjon diz que a *glerina* differe das substancias albuminoides por conter mais carbono e hydrogenio, e menos azoto e oxygenio. Anglada deu-lhe os nomes de *glerina* flocunosa, filandrosa, mucosa, membranosa (sulfodyphtherose chamou a Cazin) compacta, zonaria, fibrosa e stalactiforme, em razão do seu aspecto, que depende da sua situação e das circumstancias da sua producção. A sulfodyphtherose, segundo L. Soubeiran, apresenta frequentemente na superficie uma camada codecsa, formada por silica gelatinosa, contendo crystaes octaedricos de enxofre.

«A materia organica desenvolve-se na *glerina* pura, e é constituida por algas e animalculos como certos desmideas e outros mais elevados na escala animal, como infusorios, helmintos e até pequenos crustaceos no asserto de Ch. Robin. Parecem especiaes ás aguas sulfurosas, diz L. Soubeiran, os seguintes: Surivella, Pueli, Oscilatoria elegans, Monas sulfuraria, Phanaglæne Filholi, Angillula Anglade, Oncholaimas sulfuraria, etc. A alga sulfuraria assim chamada por Fontan, e que só existe, como diz L. Soubeiran, nas aguas sulfurosas, quando a temperatura destas não sobe alem de + 50° centigrados, não apresenta movimentos oscillatorios, conforme diz o mesmo L. Soubeiran, contra a opinião de Dujardin, e foi classificada por Keitzing e Robin no genero Hygrococcisninea, e por Anglada e Montagne no genero Leptomitus sulfurario. A côr da sulfuraria dos depositos póde passar ao amarello ou rubro, como ainda assevera L. Soubeiran, pela mistura de materias estranhas, e á verde pela mistura de diversas outras confernas, que se desenvolvem conjunctamente.

«E' pela materia organizada, diz Robin, que a *glerina* das aguas mineraes differe das materias *glairosas* ou mucosas das aguas doces, e até de uma fonte mineral a outra, com a composição chimica da agua, a sua temperatura e outras condições que influem sobre o desenvolvimento dos seres organizados.

«Este assumpto é, pois, muito importante, quer sob o ponto de vista da historia natural, quer sob o da therapeutica, e foi por isso que notei a falta de analyse microscopica, e no primeiro artigo disse que na commissão devia ter havido um naturalista micographo, do que me justifica o primeiro relatorio com as seguintes palavras: Sobre a superficie do marmore adjacente á abertura desta fonte (refere-se á fonte *Duque de Saxe*) e sobre o obturador de madeira, que a fecha, encontra-se uma camada amarellada em uns pontos e esverdeada em outros, camada que pela sua côr se acreditava ser constituida por um deposito de enxofre; bem examinada, porém, *se verificou ser formada por uma materia organica, ou antes organizada, representando uma vegetação que constitue o limo*».

Pelo que diz respeito aos defeitos da analyse sulphydrometrica, assim arrazôa o dr. Souza Fernandes, referindo se ao que nos importa saber:

«Quanto ás aguas thermaes de Caldas, conclue a commissão que o unico principio que as sulforiza é o acido sulphydrico. Quero crer que seja esta conclusão a expressão genuina da verdade; mas o que não me parece é estar contida nas premissas apresentadas no segundo relatorio.

«Pelo processo sulphydrometrico de Dupasquier, que creio ter sido empregado com as modificações propostas por Filhol, já em relação ao vehiculo do iodo (o relatorio fala de solução de iodo), já em relação á separação dos carbonatos, chegou a commissão á conclusão de que é o acido sulphydrico o unico principio sulfurizador das aguas de Caldas, e a sua dosagem de 0 gr. 0027 ou 0gr, 1748, a 0.° de temperatura e 0,m 760 de pressão.

«Muito logica fôra esta conclusão, si o processo de Dupasquier, que Fontan com razão denominou sulfurometrico, medisse somente a quantidade de acido sulphydrico livre, o que não acontece, pois este processo mede, não só o enxofre do acido sulphydrico, como tambem o dos sulphydratos e sulfuretos.

«Muito logica tambem fôra essa conclusão: 1.°, si nenhuma reacção tivesse produzido nas aguas o sulfato de manganez, que não foi empregado ou sulfato de zinco (diz o 2.° relatorio que as aguas precipitaram pela addição deste reactivo, mas nada quanto á côr do precipitado), pois, como diz J. Lefort, todas as vezes que as aguas contem monosulfuretos, este reactivo dá depois de algum tempo um precipitado branco sujo; 2.°, si no processo de decompor pela prata metallica pura o acido sulfhydrico, quer livre, quer com-

binado sob a forma de sulfhydrato, e os polysulfuretos, reduzindo-os a monosulfuretos, tivessem sido empregados, como acima disse e recommenda J. Lefort, em vez de uma só lamina, duas ou mais de certas dimensões, e em vez de immersas por 24 h., o tivessem sido por dous ou mais dias, ao abrigo do ar e da luz (o relatorio nada diz a este respeito), e em certa quantidade da agua apanhada na fonte na occasião de começar a operação; 3.º, si depois de extrahidas as laminas, tratada a agua, quer pelo nitrato de prata ammoniacal, quer pelo papel e solução acida de acetato de chumbo, nenhum indicio mais desse de sulfuração; 4.º, finalmente, si se tivesse empregado o processo de substituição ou deslocação do acido sulfhydrico pelo hydrogenio, processo mechanico muito simples, mas que exige tempo e paciencia.

« Uma outra razão, que de alguma sorte põe em duvida a conclusão tirada, e até a propria dosagem do enxofre, está no seguinte trecho do 2.º relatorio :

« A dosagem do acido sulfhydrico foi feita :

« Pelo ensaio com a lamina de prata, que depois de convenientemente preparada, e immersa por tempo sufficiente (Este tempo sufficiente é relativo ao do primeiro relatorio, isto é, de 24 horas) em um litro d'agua, apresentou *uma differença para mais, em peso, de 2 milligrammas de sulfureto de prata*, donde deduzido o peso do enxofre achou se 0gr,0002. »

« 2.º Pelo ensaio sulfhydrometrico de Dupasquier, marcando a bureta 2 gráos, que correspondem na respectiva taboa de 0gr,0027 de enxofre em peso ou 0.cc,1748, a 0.º, e 76 de pressão, de acido sulfhydrico em volume ».

« Resultados, pois, equivalentes ».

« Si no emprego do processo de Dupasquier a bureta marcou dous gráos, e não dous decimos de gráo, si não houve equivoco nisto, então os resultados foram equivalentes ; porém, si a bureta não marcou dous graos, mas sim 0,º 2, si o equivoco do sulfureto de prata não se estendeu aos gráos da bureta e da respectiva taboa, então os resultados não foram equivalentes, porquanto a lamina de prata não deu o peso de 0gr,0002, de enxofre, mas sim o de 0,gr0025, que corresponde a 0gr,0027 de acido sulfhydrico, e não deu, porque a differença de peso apresentada pela lamina não era o peso de sulfureto de prata, mas sim o do enxofre retido pela prata sob a forma de sulfureto, não tendo a prata adquirido prata, mas sim enxofre e só enxofre. Neste caso, onde estará a verdade ? No resultado obtido com a lamina de prata, ou no processo de Dupasquier ?

« Reconhecida, pois, a quantidade de acido sulfhydrico existente nas aguas, já pelo processo das laminas de prata, já pelo da substituição ou deslocação deste gaz pelo hydrogenio, e combinado o reresultado de muitos ensaios feitos com o processo de Dupasquier, e

de outros com o processo de Grothus, a satisfação do espirito do leitor seria tão completa em relação á dosagem do acido sulfhydrico e a não existencia dos sulfuretos, quanto o é á dosagem da magnesia existente na agua da fonte *Leopoldina*, do Caxambú, com que ficou completamente demonstrado que a denominação de magnesiana dada a esta agua não passou de um sonho, que rapidamente se desfez á luz da analyse ».

As *aguas mineraes* são aguas naturaes que, em razão da sua temperatura ou mineralização, se podem empregar no tratamento das molestias. Quanto á temperatura, ellas são quentes ou thermaes, frias ou thermaes e mornas. As fontes frias têm de 0° — 25° centigrados; as mornas de 25° — 33°; as quentes de 33° para cima, ficando entendido que não se dão banhos mineraes senão a temperatura de 46°. Em relação á classificação, costumam os hydrologos distribuil-as em cinco grupos, conforme os principios a que devem a sua acção therapeutica, sem levar em linha de conta outras substancias, cujo papel é manifesto, mas parece occuparem plano secundario. Assim, clinicamente, admittem cinco classes: aguas salinas; aguas sulfurosas; aguas arsenicaes; aguas alcalinas; aguas indeterminadas.

As fontes thermaes desta localidade pertencem á classe das aguas sulfurosas, cujo typo é *Bagnères — de — Luchon*, e a este respeito cumpre nos entrar em algumas minucias.

Fontan dividiu as aguas sulfurosas em duas especies: umas *naturaes*, francamente *sulfurosas*; outras artificiaes, *sulfhydricas*. As primeiras, *sulfureas sodicas*, as mais importantes e numerosas, abundam principalmente nos *Pyrineos*; o principio que as sulfuriza, o *sulfureto de sodio*, preexiste nellas. São muito alteraveis ao ar; inodoras, claras, limpidas e transparentes antes do contacto com elle, só ulteriormente, depois da acção do oxygenio da atmosphera, espalham o cheiro caracteristico do hydrogenio sulfuretado e passam por um começo de decomposição, de sorte que, de limpidas que eram, tornam se opalinas e turvas; mas todas não se alteram por egual, apesar da grande analogia da sua constituição chimica; ha umas em que o principio sulfureso é menos estavel do que em outras. Os agentes da decomposição são: — de um lado o oxygenio do ar, do outro lado o acido silicico, que se apodera da soda. Quando a soda do sulfureto é atacada pelo acido silicico ou pelo acido carbonico do ar dissolvido na agua, o monosulfureto passa ao estado de polysulfureto, que se deposita formando um precipitado amarello, como verifiquei nos tubos de *humage* do

estabelecimento balneario de *Luchon*, no dia 10 de julho do anno passado (1902), em companhia do illustre clinico, sr. dr. Delavarenne. Outras vezes, e isto se observa tambem em *Bagnères — de — Luchon*, produz-se na agua o phenomeno do *branqueamento*: o hydrogenio sulfuretado desprendido é decomposto pelo oxygenio do ar em enxofre e agua, de maneira que as aguas *sulfureas sodicas* depositam o enxofre sobre as paredes dos seus reservatorios e conductor, precipitado este que é reforçado pela mistura dellas com a de fontes carregadas de silicatos insoluveis. Por isso, o *branqueamento*, segundo Filhol, depende da suspensão na agua do enxofre muito dividido, de um excesso de acido silicico e de um pouco de silicatos de cal, de magnesia e de alumina, insoluveis. Em consequencia destes depositos o banho de *Luchon*, p. ex., nada tem de agradavel; a modo que a gente sahe da banheira com o corpo sujo. Meu excellente companheiro de viagem á Europa, sr. Augusto Montandon, habituado ao delicioso e asseiado banho de Poços de Caldas, não pôde supportar o da *Rainha do Enxofre*; no dia 9 de julho do anno passado (1902), elle tomou um banho em *Luchon*, e achou o tão desagradavel que não repetiu ».

As aguas *sulfureas sodicas* são em geral thermaes, e ás vezes em alto grão, e de ordinario a sua sulfurização está na razão directa da temperatura, não exhalam o cheiro do hydrogenio sulfuretado senão depois do seu contacto com o ar, tanto q.' ao abrigo deste agente, Filhol viu a agua de *Luchon* percorrer 180.m sem experimentar alteração; todas são francamente mineralizadas, porque contêm 15 a 5 centigrammas de residuo fixo por litro, e a totalidade dos seus principios, apesar da insignificancia do peso, pode distribuir-se por muitas substancias. E' assim que Filhol, analysando as aguas *Luchon*, encontrou nas fontes *Gruta Superior* e *Rainha* 20 substancias (18 saes, gaz sulfhydrico livre e materia organica) por litro d'agua. E's a analyse:

	Gruta Superior		*Rainha*	
Acido sulfhydrico..	vestigio			vestigios
Carbonato de soda..	id.			id.
Sulfureto de sodio..	—	0,0314		0,0550
» de ferro...	—	0,0027		0,0028
» de manganez.....	—	0,0013		0,0013
» de cobre..	vestigios		vestigios	
Sulfato de potassa..	—	0,0032		0,0057
» de soda.....	—	0,0082		0,0222
» de cal.....	—	»		0,0323
Hyposulfito de soda	vestigios		vestigios	
Chlorureto de sodio..	—	0,0723		0,0570
Iodureto de sodio...	vestigios		vestigios	
Acido silicico.....	—	0,0103	id.	
Silicato de soda....	—	0,0094	id.	
» de cal.....	—	0,0376		0,0118
» de magnesia	—	0,0057		0,0083
» de alumina..	—	0,0109		0,0274
Allumina.....	—	»	vestigios	
Phosphatos.....	vestigios		»	
Materia organica...	—		indet.	
		0,2050		0,2592

A segunda especie de aguas sulfureas de Fontan comprehende o grupo das *sulfureas calcicas*, que são sulfurizadas pelo sulfureto de cal. O elemento sulfuroso não preexiste nestas aguas : são, na sua origem, aguas sulfatadas, que se tornam accidentalmente sulfurosas, em consequencia da reducção dos sulfatos ao contacto das materias organicas do solo, por via de regra turfas em decomposição ou em putrefacção ; desde sua emergencia encerram acido sulfhydrico livre; são, portanto, sulfhydricas, e, por consequencia, odoriferas desde a sua sahida do solo. Segundo Durand — Fardel, estas aguas se distinguem das *sulfureas sodicas* pelos seguintes caracteres :

Os seus saes têm por base a cal e não a soda ;

Ellas encerram hydrogenio sulfuretado livre, ao passo que nas outras este só se desprende ao contacto do ar ;

Contêm mais substancias mineralizadas, sobretudo o chlorureto de sodio ;

São geralmente frias ;

A materia organica é nellas menos constante e ás vezes não existe.

Vejamos qual é, segundo Filhol, a analyse da fonte *Pinac de Bagnère de Bigorre*, que é *sulfurea calcica* :

Acido carbonico.....	q. indet.
» sulfhydrico.....	
Carbonato de cal.....	0,448
» de magnesia.....	0,068
Sulfato de cal.....	0,7 6
» de magnesia.....	0,228
Chlorureto de sodio.....	0,136
» de magnesia.....	0,172
Acido silicico.....	0,086
Materia extractiva vegetal.....	0,007
Goma resinosa.....	0,010
Perda.....	0,014
	1915

O que fica dito é sufficiente para convencer que as aguas thermaes de Poços de Caldas não podem ser incluidas em nenhum dos grupos das sulfurosas de Fontan, mas sim na classe das aguas simplesmente sulfurosas de Durand Fardel, porque não encerram sulfuretos. Ha, entretanto, sensiveis analogias entre ellas e as *sulfureas sodicas* : as fontes hydro-mineraes de Poços de Caldas, descriptas neste trabalho, são thermaes e em alto grão, variando a sua temperatura entre 41° — 45° ; todas ellas são francamente mineralizadas, embora o sejam mais do que as de *Luchon* ; a base que nellas predomina é a soda, a exemplo das *sulfureas sodicas*. Separam-se, porém, das *sulfureas sodicas* : pela ausencia do sulfureto de sodio ; pela sua inalterabilidade ao contacto do ar, pela presença do hydrogenio sulfuretado livre, desde a sua sahida do solo, e independentemente da acção da atmosphera. Ha um ponto, porém, em que as nossas aguas e as sulfurosas de Fontan se confundem : — a identidade das indicações.

A fama, a notoriedade das aguas thermaes de Poços de Caldas, dependem de tres circumstancias : a presença do gaz hydrogenio sulfuretado, a thermalidade da agua e a alcalinidade do banho ; mas é preciso ponderar que uma agua mineral constitue um medicamento especial, cuja acção não é determinada unicamente por um ou dous dos seus elementos, senão pelo conjuncto das propriedades chimicas, physicas e dynamicas ; numa agua mineral dada, a parte fundamental é a *agua*, que age pela temperatura, pelo movimento e o volume, em que pese a isto, porém, seria erro confundi-la com uma solução aquosa, que artificialmente encerrasse os mesmos elementos mineraes, identica temperatura, igual movimento, analoga pressão, etc. Como quer que seja, as qualidades apontadas de nada valeriam, si as nossas fontes sulfurosas não possuissem a grande descarga de 415.872 litros em 24 horas, podendo, portanto, prestar se ao abastecimento de um vasto estabelecimento balneario, onde se praticassem todas as operações balneo therapicas. Neste particular estamos ainda a cavalleiro da afamada estação sulfurosa de *Luchon*, a Rainha do Enxofre, cuja descarga por dia orça em 330.000 litros pouco mais ou

menos (dr. de la Harpe, *Formulaire Des Eaux Minerales*), devendo se notar o seguinte: as nascentes de *Luchon* são em numero de 42, não se contando nelle o das destinadas a bibitorios mas todas ellas, quarenta e duas, foram reunidas hoje em nove fontes, tendo se em vista a semelhança da temperatura e da mineralização, para o abastecimento do celebre estabelecimento balneario dos Pyrineos, munido de 121 banheiras de marmore, cada uma dellas provida de uma ducha local; de duas pequenas piscinas, de que ao mesmo tempo se podem servir dez a dose pessoas; duma grande piscina para natação; de seis grandes duchas; duma ducha local d'Etigny; de tres duchas ascendentes; duma estufa subterranea; de duas salas de *hamage*; de diversas salas destinadas aos banhos e duchas de vapor, com leitos de repouso, á pulverização e á massagem; de 22 bibitorios dispostos assim: tres no proprio estabelecimento, na galeria do fundo, e 19 na alpendrada dos bibitorios, dos quaes 4 distam da casa de banhos 100 metros, para o lado do sul, no kiosque do *Prado*. Assim, em Poços de Caldas poderemos ter egual riqueza de apparelhamento quando fôr tempo, mórmente porque a descarga dos nossos dous grupos hydrologicos é maior. E note-se ainda: a estação de *Luchon* foi frequentada em 1901, segundo me disse o dr. De Lavarenne, por 46.000 visitantes, sendo este numero official. Ora, com 330.000 litros de agua sulfurosa em 24 horas, pouco mais ou menos, é impossivel que as nove fontes — *Bordeu, Bosquet, Ferras, Etigny, Grotte, Reine, Blanche, Richard ancienne e Richard nouvelle* — bastem ás innumeras operações balneo therapicas diarias, a menos que não se lance mão de muitas centenas de litros de agua commum para reforço do serviço, que deve ser extraordinario. Ora, sendo por emquanto insignificante a nossa concurrencia de banhistas, é claro que as operações balnearias de Poços são actualmente mais puras do que as de *Luchon*.

Como a especialidade desta estação balnearia é o banho, agua corrente ou dormente, morno ou quente, devemos começar por dizer algo acerca dos banhos e sua temperatura.

Em hydrologia, é frio o banho cuja temperatura se comprehende entre 0° — 25.° centig; morno — entre 25.° — 33.° quente — de 33.° para cima; mas no ponto de vista clinico este dado hydriatico varia muito; é preciso contar com a sensibilidade do banhista, porque a temperatura é um facto physico, que não muda, ao passo que o calor é uma sensação, dependente da sensibilidade individual, e esta é tão variavel como as imagens observadas nas nuvens do céo, de maneira que um banho, que é morno para A, póde ser quente para B; nesta questão, é necessario levar em linha de conta o clima, a temperatura do ar exterior, o seu estado hygrometrico, etc. Exemplifiquemos: no dia 9 de abril do corrente anno de 1903, ás duas da tarde, sendo a temperatura ambiente de 23° centig, tomei um banho de 33°,5 no estabelecimento de *Pedro Boletho*, na banheira n. 10, e

achei-o por demais frio, a ponto de encommodar-me; no dia 11 do mesmo mez e anno, ás 10 da manhã, sob a influencia de uma temperatura exterior de 17°4, na mesma banheira, metti-me num banho de 35.° e senti-me mal, porque estava elle quente demais. No dia 9 de julho do anno passado, 1901, ás 8 da manhã, sob um calor suffocante tomei em *Vichy* um banho mineral de 34.° e achei-o excellente; ao sahir da banheira, porém, o criado envolveu-me num *peignoir* de linho quente, que me fez suar de um modo extraordinario, como nunca me acontecera ao deixar banho algum. Portanto, pelo que diz respeito á temperatura dos banhos, cada qual deve regular-se pela sua impressionabilidade, tomando por base os factos seguintes: num banho frio, antes da reacção, o banhista sente-se mal, porque a rede capillar peripherica se contrahe e recalca a massa sanguinea para as regiões centraes do corpo, cuja temperatura augmenta, sentindo o paciente calafrios mais ou menos violentos; num banho morno, o inverso se dá, a sensação de frescura é mais ou menos agradavel, sem que se sinta frio, ao passo que a temperatura central baixa de prompto; num banho quente, a pessoa sente calor e a temperatura central eleva-se, sobrevem dyspnéa, e, para prevenir a vertigem e a congestão, a sua duração deve ser curta — de 5' — 15'; pode-se tambem resguardar a vida do banhista — aspergindo-lhe agua fria na testa e na face ou deixando livre accesso ao ar exterior, durante a demora no banho. Neste clima, nas estações balnearias, de ordinario o banho morno é de 34.° —35,° considerando-se quente todo o que passa de 35,° 5.

Antes da captação das fontes thermaes e da installação dos estabelecimentos balnearios, a maior parte dos banhos de Poços de Caldas tomavam-se á temperatura ordinaria das aguas—41.° —46,° sendo todos de agua corrente; hoje, depois dos reservatorios, que permittem o resfriamento da agua da fontes dos *Macacos*, quasi todos os banhos são á agua dormente ou immovel, a temperaturas diversas, dando-se poucos á agua corrente. Esta antiga pratica hydriatica de Poços era uma velharia e felizmente acabou. Na Europa, nas estancias balneares, que percorri, a maior temperatura dos banhos é de 38.° centig; só em *Wildbad*, na Allemanha, tomam-se banhos a 39.°; lá, as altas temperaturas, para promover a sudação, só se usam nas salas de duchas ou no banho russo ou romano —irlandez. Não temos ainda aqui estes banhos; mas já possuimos uma sala de duchas, em que as altas temperaturas se podem empregar sob a massagem, como em *Aix-les Bains*, e isto é de uma vantagem incalculavel para o effeito therapeutico das aguas sulfurosas. Em todo caso, quando se fizerem as modificações lembradas por nós nos estabelecimentos balnearios de Poços de Caldas, de modo que fiquem cobertos de telhas de vidro todos os quartos das nossas banheiras, a temperatura de 38.°—39.° bastará perfeitamente para produzir aqui as largas diaphoreses, sem que

haja necessidade de se recorrer ás altas temperaturas dos banhos, acima de 40.°, o que é sempre um perigo para quem não possue arterias e coração em integridade physiologica.

Para provar este asserto, basta ponderar que nas banheiras 9 e 11, de 1.ª classe, e na de n. 5, esta do lado das mulheres, do estabelecimento de *Pedro Botelho*, as quaes têm o tecto envidraçado, o banhista sua mais e melhor, tomando o seu banho a 38.° — 39,° do que num banho de 40.° — 45.°

Seja como fôr, o banho thermal de Poços de Caldas, entre 34.° 35,° é o mais agradavel que conheço, porque simultaneamente acaricia a pelle e infiltra nos membros um suave torpor, causando ao banhista a mais exquisita e inebriante das sensações (27); entre 38.°—39.° mas, principalmente na ultima temperatura, sente-se calor, mas o encommodo não é grande, apparecendo a diaphorese depois de 15'—20' de estada nagua, e isto causa uma sensação de bem-estar e conforto; entre 40.° —46.° mórmente no ultimo caso, o paciente experimenta no banho uma extraordinaria sensação de ugeria respiratoria e cardiaca, até que o suor se mostre, tal é a irritação dos nervos cutaneos e a quantidade de calorico communicada ao corpo; em todo caso, apesar da sensação agradavel que a diaphorese produz num banho destes logo que se denuncia, não se pode permanecer nelle além de 5'—15' sob pena de sobrevirem vertigens, congestões e até a morte, que é inevitavel desde que a temperatura central se eleve de 6.° — 7.° A acção dos primeiros suadouros determina por via de regra lassidão dos membros, tendencia ao somno; passado este periodo, porem, o balneante sente-se mais forte, mais activo, melhor disposto; o appetite desperta-se, a digestão activa-se, os orgãos abdominaes redobram a sua acção; a actividade normal dos systemas nervoso e circulatorio augmenta de intensidade; mas o tegumento externo fica muito impressionavel ás variações da temperatura, facto que o banhista deve ter constantemente presente ao espirito, afim de evitar os resfriamentos tão communs em Poços de Caldas. Na Europa, nas estações balnearias que visitei, não se guardam estas cautelas: o individuo usa dos banhos thermaes, em *Luchon*, em *Cauterets*, em *Vriage*, em *Aix-les-Bains*, em *Vichy*, em *Englain*, em *Baden-Baden*, etc., e não interrompe por isso os seus habitos de vida, deixando de frequentar os bailes, os concertos, as festas nocturnas. Qual será a razão disto?

Na Europa ninguem se importa com o sereno, porque só ha uma estação de banhos, no verão, época em que o ar é muito sêcco, du-

(27) Na época do frio, quem entrar em Poços num banho de 35.°, sentirá a principio calor; só experimentará o bem-estar acima descripto, passados alguns minutos.

rante a noite e o dia. Por isso os medicos do velho mundo não collocam nos seus directorios: «Evite o sereno, a humidade, etc.» Quando chove, porem, ficando a atmosphera saturada de humidade, todos os aquaticos se recolhem e se agasalham. O mesmo deve acontecer aqui no verão; mas por emquanto as nossas observações meteorologicas nada a respeito nos disseram.

Seja como fôr, na Europa tudo está arranjado, ha accommodações e conforto, de modo que os cassinos e os theatros são sempre frequentados. Deve acontecer o mesmo em Poços de Caldas quando a civilização se mostrar por cà.

Mas o banho não constitue hoje, felizmente, o unico recurso curativo de Poços de Caldas; no estabelecimento de Pedro Botelho encontram os banhistas duchas de chuva, de chuva circular, de columna, de chicote, simples e escossezas, vaginaes, perineaes, hemorrhoidaeas e lombares, havendo uma cama para ducha-massagem; temos ainda um compartimento para pulverização, *humage* e duchas nasaes. Tudo isto é primitivo, a installação è modestissima; mas é o que é possivel no actual momento, em que esta estação balnearia não está sequer no começo de formação. Em todo caso, as operações balnearias estão hoje mais aperfeiçoadas em Poços, e isto prova que progredimos alguma cousa, sahindo do regimen dos suadouros, medicação violentissima que só pode ser comparada ao banho russo, unicamente usado pelos doentes corajosos e que não são facilmente irritaveis. A ducha consiste na projecção sobre o corpo da agua submettida a certa pressão, agindo pelas propriedades dissolventes e physicas do liquido, taes como a temperatura, a massa, a pressão, podendo ser fria, morna ou quente. O primeiro effeito da pressão local, é a expulsão dos liquidos dos tecidos, que ficam pallidos, anemiados; vem depois a reacção, que varia com a natureza da pressão forte e breve, fraca e longa, intensa ou não, cousas estas que só o clinico pode aconselhar; mas si a ducha se faz sob a massagem, os seus effeitos therapeuticos augmentam-se, como se verifica em *Aix les Bains*. A pulverização vale a ducha, mas então a agua é projectada em finissimas gottas, constituindo verdadeiro nevoeiro, indispensavel no tratamento das affecções do nariz, da bocca, da garganta, da larynge, de todas as mucosas em summa. A *humage* consiste na respiração dos vapores ao pé do seu fôco de desprendimento, podendo ser applicada ás mesmas molestias que a pulverização, e si esta pratica therapeutica só é usada convenientemente em *Luchon*, porque lá os vapores da agua sulfurosa acarretam com elles o polysulfureto de soda, reduzido a pó impalpavel, nem por isso estamos privados della em Poços de Caldas.

Que dizer agora da ducha nasal? Acaso poderemos tratar das rhinites sem esse meio heroico? Certo que não. Como se vê, o estabelecimento balneario de Pedro Botelho, embora modesto, está bem

munido de apparelhos, capazes de multiplicar a acção therapeutica das nossas fontes thermaes ; resta agora que os medicos da localidade lancem mão dos grandes recursos, que lhes são aqui offerecidos — afim de que a fama desta estação balnearia attinja quanto antes os altos destinos, que o porvir lhe aguarda.

São duas as epochas do anno escolhidas para se fazerem estações balnearias : a 1.ª março, abril e maio ; 2.ª agosto, setembro e outubro. Não é arbitrario esta escolha : o rigor do frio de junho a julho; as chuvas incessantes e torrenciaes que cahem nestas regiões de novembro a fevereiro, taes são os motivos que determinaram a fixação daquellas épocas. Ha mais, o levantamento das forças e o melhoramento do estado geral, são beneficios que tocam a todos os balneantes, que vêm a Poços de Caldas : respira se aqui o ar purissimo do campo, cerca de 1200m acima do nivel do mar, sob a acção de um excellente clima, como não encontramos nas estações balnearias do velho mundo. Ora as condições altamente salubres que recommendam este logar são pouco aproveitadas, si o balneante é obrigado a encerrar se em casa, e vê se privado de fazer exercicio ao ar livre ; os passeios, as distracções, a convivencia, a boa companhia, a mudança de meio e de habitos, o esquecimento dos cuidados tristes, são condições de bom exito, pois representam o elemento hygienico, que tanta parte tem na cura pelas aguas mineraes. Como quer que seja, em todas as quadras do anno, ha gente em Poços, e fóra das estações quasi todos os visitantes procuram o *Hotel da Empresa*, que tem um passadiço de communicação com o estabelecimento balneario, permittindo o uso dos banhos até sob chuva torrencial.

A estação de banhos considera se completa desde que o doente tomou de 25 — 30 banhos. Em todo caso, a duração de uma estação balnearia não póde estar adstricta a regras inflexiveis, pois depende da molestia e do doente : si este não vem com pressa, si não traz dia prefixado para a volta, si a sua disposição de animo é boa, certo que poderá prolongar a estada nas aguas por muito mais tempo, conforme as circumstancias, e isto mesmo se pratica na Europa, onde se marcam para a estação balnearia 21 dias de duração. Mas qual será a razão destes numeros, 30 e 21 ? Foi o dr. André Frederico Regnell quem fixou o numero de 30 banhos para a nossa estação, na supposição de que passados esses dias de uso das aguas, estas se tornavam inefficazes.

Ora, a observação não apoia este modo de ver. Pelo que diz respeito aos 21 dias europeos, as opiniões variam. Labat vê nesta pratica o reflexo das doutrinas hippocraticas, uma applicação da noção dos

dias criticos, que se contam por sete, quatorze, vinte e um, ao passo que Durand-Fardel acredita que este costume tem por origem o intervallo que separa duas epochas menstruaes. Como se vê, tudo isto é de uma pasmosa futilidade.

Como as aguas thermaes de Poços de Caldas só têm relação com as molestias chronicas, recommendo sempre aos doentes que o momento opportuno para fazer a estação balnearia, deve ser o mais afastado possivel de uma crise aguda, tanto mais quanto a aggravação das doenças sob a acção dos banhos é facto commumente observado nesta localidade: os rheumaticos são victimas de crises agudas do seu mal; os asthmaticos têm violentos accessos de asthma; os exzematozos vêm a sua erupção augmentada, etc. Parece que nas molestias chronicas, cuja marcha é muito mais profunda do que a das molestias agudas, a natureza não se resolve a reagir francamente contra as causas, que as engendram, senão depois de uma volta á acuidade, que prenuncia sempre crises salutares: *cada orgão chronicamente atacado deve passar por uma fluxão, um retorno artificial á acuidade, que serve de precursor a mudanças mais intimas.* De modo que estas reações, em vez de redundarem em prejuizo do doente, annunciam ao contrario que o mal vai ceder: o povo, com o seu bom-senso profundo, deante de factos desta ordem, repete sempre — *E' bom signal.*

Nesta estancia balnear, durante a cura hydromineral, o doente póde fazer uso, com dobrada vantagem, de uma indicação interna apropriada; haja vista os syphiliticos, que supportam aqui fortes doses de mercurio ou de iodureto de potassio, sem que sintam o menor abalo. Parece-me que este facto procede da acção excitante das aguas thermo sulfurosas sobre todas as funcções, de sorte que, ao mesmo tempo a absorpção se exerce na mais larga escála, a dessassimilação se faz tambem na mesma relação. O que é certo é que os doentes syphiliticos, por exemplo, sob a acção do tratamento sulfuroso, acompanhado de fortes doses do especifico, melhoram de prompto, ficando ás vezes curados numa só estação balnearia, seja qual for o periodo do seu mal. Não ha clinico de Poços que não tenha observado isto varias vezes. E porque a acção das aguas se prolonga, termo medio, por 60 dias, depois de cessar a cura hydriatica, recommendo frequentemente aos meus doentes, que continuem em casa uma medicação aqui iniciada, que não teve tempo de produzir todos os seus beneficos effeitos.

Nunca observei em Poços de Caldas a febre thermal, acompanhada das erupções exematosas ou papulosas, tão communs na Europa; aqui os phenomenos de saturação se denunciam por agitação nocturna e insomnias.

A questão da especialidade therapeutica das aguas mineraes domina toda a clinica hydrologica, no dizer de Durand-Fardel; mas como entre o conhecimento da constituição chimica dellas, que determina a sua classificação e as suas propriedades therapeuticas, não ha sempre relações muito directas; só a pratica medica pode revelar todas as virtudes curativas de um dado grupo hydrologico.

Como quer que seja, desde que uma agua mineral foi classificada entre as sulfurosas, e é o caso que nos diz respeito, ella deve possuir todas as virtudes therapeuticas, peculiares á sua classe, sem embargo de ter sido dotada pela natureza de qualidades curativas, que lhe sejam proprias. E' assim que, no grupo das sulfurosas, *Eaux Bonnes e Cauterets* são especiaes para as molestias do apparelho respiratorio; que em *Barèges* se curam especialmente as molestias da pelle, as ulceras e as feridas; que as aguas de *Luchon*, e egualmente applicaveis ás molestias da pelle, destinam se mais aos rheumatismos e ás affecções chronicas das vias respiratorias (28); finalmente, que as aguas de *Saint-Sauveur* são principalmente applicaveis ás molestias do utero. E que ha fundo de realidade nestas applicações, provam estas palavras de Durand Fardel; « procurai tratar em *Barèges* as bronchites, que se curam em *Cauterets*; as molestias do utero, que se dão tão bem em *Saint Sauveur*, e não tereis que applaudir vos por isto »; e as de Fontan quando affirma « que as aguas de *Luchon* de fórma alguma convêm ás ulceras, que as de Barèges curam rapidamente. Ora, as nossas aguas sulfurosas, que podem ser empregadas na cura de todos os estados morbidos apontados como especialidades das suas congeneres européas, destinam-se especialmente aos rheumaticos e aos bronchiticos, talvez por causa do nosso systema de suadouros á alta temperatura, provocando assim fortissima derivação para o lado da pelle. Força-nos esta affirmação a entrar em algumas considerações technicas, que são indispensaveis para a intelligencia do assumpto.

Que será o rheumatismo? Qual será a sua condição pathogenica? A palavra rheumatismo não tem uma accepção precisa em medicina e por isso cobre todas as cargas, a modo de bandeira de corso. O rheumatismo agudo é uma molestia provavelmente infecciosa e mi-

---

(28) — A *humage* é hoje a grande especialidade de *Luchon*, segundo me disse o Dr De Lavarenne. Na estação balnearia de 1895, na Europa só ha uma estação por anno, o estabelecimento da *Rainha do Enxofre* forneceu 20. 210 *humages*, fóra as pubecrizações e as inhalações. Hoje esta operação hydriatica augmentou mais, porque só *Luchon* a póde fornecer convenientemente, pois no acto da *humage* as suas aguas desprendem o polysulfureto em pó impalpavel, projectando-o em toda a arvore respiratoria.

crobiana, e como este facto não está ainda demonstrado experimentalmente, continua-se a pensar que esse mal tem a sua raiz na dyscrasia urica, oriunda de um vicio da nutrição. Mas, porque razão haverá no rheumatico excesso de acido urico no sangue, a ponto delle precipitar se nas juntas sob a forma de urato de soda na gotta, que é a maxima expressão da doença? Ninguem o sabe, de maneira que a explicação carece de explicação.

Como se sabe, o rheumatismo chronico, que particularmente nos interesse, é considerado sob quatro aspectos diversos: *rheumatismo chronico simples*, *rheumatismo nodoso ou rheumatismo chronico generalizado* e *rheumatismo chronico parcial*; *rheumatismo fibroso*. A primeira especie, *rheumatismo articular chronico simples*, procede ás vezes de um ataque de rheumatismo agudo; mas póde ser tambem primitivamente chronico, caracterizando se a sua marcha por insultos sub-agudos. Os individuos affectados deste mal são muito impressionaveis ao frio e ás variações athmosphericas, fazendo por vezes o officio de excellentes barometros, que annunciam o bom ou o mau tempo; elles têm ás vezes todas as juntas inflammadas, donde o nome de rheumatismo polyarticular; outras vezes o mal desloca se de uma junta para outra com a maior facilidade, sendo então o rheumatismo a molestia anleja por excellencia; por vezes, finalmente, as manifestações articulares cessam, traduzindo-se então a doença por dores nevralgicas e musculares. A segunda especie, *rheumatismo nodoso*, *rheumatismo chronico primitivo*, *polyartiti deformadora*, (Jaccoud), *rheumatismo chronico osseo multi-articular* (Besnier), *rheumatismo gottoso* de Fuller, não é outro sinão o *chronico progressivo* de Charcot, sobretudo observado na epocha da menopausa; é uma molestia dystrophica, dependente de profundo vicio da nutrição sem duvida, mas ninguem dirá que em tal caso se trate de rheumatismo propriamente dito, oriundo da diathese urica. A terceira especie, *rheumatismo chronico parcial*, em que entram as nodosidades dos dedos, *nodosidades* de Heberden, é uma doença peculiar á velhice, procedente das mineralizações organicas desta quadra da vida, em que as desordens da nutrição marcham a passos accelerados para o termino da vida, que é a morte. A quarta especie, *rheumatismo chronico fibroso*, só de rheumatismo póde ter o nome, mas nunca a essencia delle. E' nesta fórma que as lesões dos *tecidos fibrosos*, que se observam nas fórmas anteriores, lesões dos tendões, dos ligamentos, das aponevroses, etc., preponderam de uma maneira extraordinaria, de modo que as juntas se deslocam e se deformam, não porque existam *osteophytos* ou as epiphyses se intumescem, mas sim porque o tecido fibroso se contrahe e as juntas se desarranjam.

E não fica nisto a pathogenia dos rheumatismos. A questão tem outro ponto de vista, que merece detida discussão: sem o conheci-

A questão da especialidade therapeutica das aguas mineraes domina toda a clinica hydrologica, no dizer de Durand-Fardel; mas como entre o conhecimento da constituição chimica dellas, que determina a sua classificação e as suas propriedades therapeuticas, não ha sempre relações muito directas; só a pratica medica pode revelar todas as virtudes curativas de um dado grupo hydrologico.

Como quer que seja, desde que uma agua mineral foi classificada entre as sulfurosas, e é o caso que nos diz respeito, ella deve possuir todas as virtudes therapeuticas, peculiares á sua classe, sem embargo de ter sido dotada pela natureza de qualidades curativas, que lhe sejam proprias. E' assim que, no grupo das sulfurosas, *Eaux Bonnes e Cauterets* são especiaes para as molestias do apparelho respiratorio; que em *Barèges* se curam especialmente as molestias da pelle, as ulceras e as feridas; que as aguas de *Luchon*, e egualmente applicaveis ás molestias da pelle, destinam se mais aos rheumatismos e ás affecções chronicas das vias respiratorias (28); finalmente, que as aguas de *Saint-Sauveur* são principalmente applicaveis ás molestias do utero. E que ha fundo de realidade nestas applicações, provam estas palavras de Durand Fardel; « procurai tratar em *Barèges* as bronchites, que se curam em *Cauterets*; as molestias do utero, que se dão tão bem em *Saint Sauveur*, e não tereis que applaudir vos por isto »; e as de Fontan quando affirma « que as aguas de *Luchon* de fórma alguma convêm ás ulceras, que as de Barèges curam rapidamente. Ora, as nossas aguas sulfurosas, que podem ser empregadas na cura de todos os estados morbidos apontados como especialidades das suas congeneres européas, destinam-se especialmente aos rheumaticos e aos bronchiticos, talvez por causa do nosso systema de suadouros á alta temperatura, provocando assim fortissima derivação para o lado da pelle. Força-nos esta affirmação a entrar em algumas considerações technicas, que são indispensaveis para a intelligencia do assumpto.

Que será o rheumatismo? Qual será a sua condição pathogenica? A palavra rheumatismo não tem uma accepção precisa em medicina e por isso cobre todas as cargas, a modo de bandeira de corso. O rheumatismo agudo é uma molestia provavelmente infecciosa e mi-

---

(28) — A *humage* é hoje a grande especialidade de *Luchon*, segundo me disse o Dr De Lavarenne. Na estação balnearia de 1895, na Europa só ha uma estação por anno, o estabelecimento da *Rainha do Enxofre* forneceu 20. 250 *humages*, fóra as pubecrizações e as inhalações. Hoje esta operação hydriatica augmentou mais, porque só *Luchon* a póde fornecer convenientemente, pois no acto da *humage* as suas aguas desprendem o polysulfureto em pó impalpavel, projectando-o em toda a arvore respiratoria.

crobiana, e como este facto não está ainda demonstrado experimentalmente, continua-se a pensar que esse mal tem a sua raiz na dyscrasia urica, oriunda de um vicio da nutrição. Mas, porque razão haverá no rheumatico excesso de acido urico no sangue, a ponto delle precipitar se nas juntas sob a forma de urato de soda na gotta, que é a maxima expressão da doença? Ninguem o sabe, de maneira que a explicação carece de explicação.

Como se sabe, o rheumatismo chronico, que particularmente nos interessa, é considerado sob quatro aspectos diversos: *rheumatismo chronico simples*, *rheumatismo nodoso ou rheumatismo chronico generalizado* e *rheumatismo chronico parcial*; *rheumatismo fibroso*. A primeira especie, *rheumatismo articular chronico simples*, procede ás vezes de um ataque de rheumatismo agudo; mas póde ser tambem primitivamente chronico, caracterizando se a sua marcha por insultos sub-agudos. Os individuos affectados deste mal são muito impressionaveis ao frio e ás variações athmosphericas, fazendo por vezes o officio de excellentes barometros, que annunciam o bom ou o mau tempo; elles têm ás vezes todas as juntas inflammadas, donde o nome de rheumatismo polyarticular; outras vezes o mal desloca se de uma junta para outra com a maior facilidade, sendo então o rheumatismo a molestia andeja por excellencia; por vezes, finalmente, as manifestações articulares cessam, traduzindo-se então a doença por dores nevralgicas e musculares. A segunda especie, *rheumatismo nodoso*, *rheumatismo chronico primitivo*, *polyartiti deformadora*, (Jaccoud), *rheumatismo chronico osseo multi-articular* (Besnier), *rheumatismo gottoso* de Fuller, não é outro sinão o *chronico progressivo* de Charcot, sobretudo observado na epocha da menopausa; é uma molestia dystrophica, dependente de profundo vicio da nutrição sem duvida, mas ninguem dirá que em tal caso se trate de rheumatismo propriamente dito, oriundo da diathese urica. A terceira especie, *rheumatismo chronico parcial*, em que entram as nodosidades dos dedos, *nodoridades* de Heberden, é uma doença peculiar á velhice, procedente das mineralizações organicas desta quadra da vida, em que as desordens da nutrição marcham a passos accelerados para o termino da vida, que é a morte. A quarta especie, *rheumatismo chronico fibroso*, só de rheumatismo póde ter o nome, mas nunca a essencia delle. E' nesta fórma que as lesões dos *tecidos fibrosos*, que se observam nas fórmas anteriores, lesões dos tendões, dos ligamentos, das aponevroses, etc., preponderam de uma maneira extraordinaria, de modo que as juntas se deslocam e se deformam, não porque existam *osteophytos* ou as epiphyses se intumescem, mas sim porque o tecido fibroso se contrahe e as juntas se desarranjam.

E não fica nisto a pathogenia dos rheumatismos. A questão tem outro ponto de vista, que merece detida discussão: sem o conheci-

mento das condições de desenvolvimento e do modo de producção dos phenomenos morbidos, não ha therapeutica scientifica possivel.

Diz-se que os rheumaticos são diathesicos e que a diathese delles é o arthritismo. Que será a diathese! Quantas diatheses haverá? Que será o arthritismo?

Os medicos antigos conheciam as diatheses rheumatica e gottosa, que *Bazin* reuniu sob o nome de *arthritis* e as diatheses tuberculosa, syphilitica, rachitica, herpetica, varicosa, aneurismatica, ulcerosa, verminosa, catarrhal, etc. Esta maneira de ver não é acceita mais hoje, porque desde que a palavra diathese póde applicar-se a molestias e affecções tão diversas, cuja etiologia e pathogenia estão actualmente em grande parte resolvidas, perde ella toda a significação positiva. Considerando a diathese como *disposição* ou *temperamento morbido*, Hippocrates deu a este termo uma accepção rigorosa e precisa, adoptada ainda por muita gente, mas modernamente, depois dos trabalhos de Bouchard, a *diathese não é mais do que um modo particular de nutrição*, e a clinica só pode admittir duas, no dizer de muitos medicos: o *arthritismo* e a *escrofula*. O *arthritismo* revela-se por enxaquecas, asthma, dyspepsia, eczema, diabetes graxa, areias, gotta, rheumatismo; a *escrofula* manifesta-se por blepharite, impetigo, coryzas, leucorrhéa, hypertrophia das amygdalas, engorgitamento dos ganglios lymphaticos, e afinal pela tuberculose, que é a sua habitual terminação; devendo accrescentar-se mais que tanto o arthritico como o escrofuloso têm *facies* especial, que não póde illudir o clinico.

Praticamente este modo de ver tem visos de verdade e auxilia muito a interpretação dos factos, porque no doente rheumatico, por exemplo, vemos alternarem ou coexistirem muitas vezes varias das manifestações do chamado arthritismo, e se elle fôr unicamente asthmatico ou exzematoso, é possivel que se encontrem nos seus ascendentes as outras manifestações morbidas da diathese. E' impossivel negar, portanto, que tudo isto não seja commodo e pratico. Assim, ninguem póde ser rheumatico sem ser arthritico. Que se deverá, pois, entender por arthritismo? L. Jacquet vai-nos dizer:

« Sob a denominação de *arthritis* ou de *molestia articular*, os antigos reuniam o rheumatismo e a gotta, ou antes, descreviam uma molestia, em que reconhecemos facilmente a gotta, ao passo que hesitamos em reconhecer nas obras delles a polyarthrite aguda febril, tão frequente hoje; o isto é tão verdade que Sydenham a suppunha rara na antiguidade. Entretanto, a palavra « rheumatismo » existia naquella epocha, mas unicamente usada para designar as « funcções humoraes ».

« Foi Baillou quem desviou a palavra da sua primitiva accepção, applicando ao rheumatismo *articular agudo*, desde então separado da gotta, cahindo então em desuso a palavra *arthritis*.

« Bazin fêl a reviver para designar *uma molestia constitucional não contagiosa, caracterizada pela tendencia á formação de um producto morbido (o topho) e por varias affecções da pelle, do apparelho locomotor e das visceras, terminando ordinariamente pela resolução.*

« Bazin tendia ainda para fazer do rheumatismo e da gotta uma só molestia, e Pidoux o imitou, variando sómente em não considerar as duas molestias como identicas, mas sim congeneres, nascidas de um tronco commum, o *arthritismo*. Arthrites e arthristismos são duas expressões pouco mais ou menos synonymas, e tiveram na linguagem medica o *arthritismo* principalmente, uma fama enorme e explicavel, porque, não correspondendo a nada de preciso, serviram para designar, successiva ou simultaneamente, cousas numerosas e diversas.

« Isto não quer dizer que as tentativas para destrinçar a natureza intima deste « processo morbido », que suppunham pai de tantos males, e principalmente as hypotheses, ou até a affirmação a seu respeito, tenham faltado na sciencia. Seria longo e pouco util consignar aqui tudo isto. Limitar nos hemos a recordar o que parece até certo ponto legitimado pelos factos.

« Neste particular, póde-se dizer que tudo decorre dos trabalhos de Bouchard e da sua escola, e Legendre (*Traité de médecine, 1.re édit. t. I. p. 241 e suiv. Paris, Maison éditeure*) fez da cousa um lucido exposto. Podemos admittir como elle, ficando de accordo com o que nos ensina a chimica biologica, que cada pessoa « segundo a edade, o sexo, as origens hereditarias, dispõe de um *coefficiente nutritivo* particular », que póde variar, pelo menos em certos limites, sem que por isso periclite o estado de saude apparente. Ora, toda a pessoa « que traz de nascença um modo nutritido notavelmente differente daquelle que caracteriza as outras pessoas sãs de sua edade, do seu sexo e da sua raça, ou um coefficiente inferior á media, está, por este facto, predisposto pela innactividade, a certas molestias da nutrição ; a innactividade é, por via de regra, a reproducção por *herança*, de uma molestia nutritiva analoga nos dous procreadores ou num só delles.

« Certos individuos, portanto, nascem com um typo nutritivo desviado do typo médio da raça. E' logico suppor com *Legendre* que de taes desvios procedem provavelmente os *temperamentos* e as *diatheses*, palavras cuja banalidade, na linguagem medica, não poderia eximirnos de fixar o seu sentido. Eis a difinição de Bouchard : « O temperamento diz respeito a tudo que se refere ás variações individuaes da actividade nutritiva e funccional. E como, para um dado organismo e para um mesmo elemento, a intensidade da vida e a do funccionamento se prendem á intensidade das transformações da materia, o temperamento entende com tudo que toca ás variações individuaes na intensidade das metamorphoses da materia viva. O temperamen-

to, portanto, respeita a actividade do organismo e é uma caracteristica dynamica ».

« Ora, as mutações individuaes, nas variações nutritivas, ou na sua modalidade, podem exaggerar se ao ponto que se constitua o estado de molestia *ipso facto*; é possivel que certas molestias — infecções, intoxicações, etc. — sejam favorecidas mais que outras; podendo todas, em summa, em consequencia da particularidade do terreno, affectarem tambem uma modalidade *sui generis*. Quando o coefficiente nutritivo individual attinge este ponto, diz se que ha *diathese*. Poderiamos, portanto, com Legendre, definir a diathese por esta phrase: « E' um temperamento morbido ».

« Tudo isto, si não está provado, pelo menos é logico e provisoriamente acceitavel; começa a confusão quando tratam de *definir* cada um dos temperamentos, cada uma das diatheses, para depois numerar e classificar tudo. Hallopeau (*Traité de pathologie générale, 3.e édit, 1890*) admitte tres: a escrofula, o arthritismo e o herpetismo; Bouchard (Les maladies par ralentissement de la nutrition, 2.e édi, 1885) duas: a escrofula e o arthritismo; Lanceraux (*Leçons de clinique médicale, 3.e série, 1890, p. 271, et Traité de l' herpetisme*) duas egualmente: o herpetismo e o arthritismo, mas o seu herpetismo é precisamente o arthritismo de Bouchard.

« Deixemos o terreno movediço das doutrinas medicas e vejamos o que, tocante ao arthristismo, se póde deduzir dos factos.

« Pois bem! segundo Bouchard, a caracteristica do arthritismo seria o retardamento da nutrição, a *bradytrophia*.

« E, segundo elle, a nutrição se retarda:

« 1.º Quando, depois da ingestão de uma quantidade determinada de alimentos, o organismo gasta um tempo mais consideravel que no estado normal para voltar ao peso primitivo;

« 2.º Quando a ração de mantença póde ser menor do que a normal;

« 3.º Quando o peso do corpo augmenta com a ração normal;

« 4.º Quando, com a ração de mantença, a quantidade dos excretos é menor do que a normal;

« 5.º Quando, durante a abstinencia, a diminuição do peso do corpo é menor que normalmente;

« 6.º Quando, durante a abstinencia, a quantidade dos excretos é menor do que normalmente;

« 7.º Quando vemos apparecer nos excretos productos mal elaborados, o acido urico, o acido oxalico, os outros acidos organicos, os acidos graxos volateis.

« 8.º Quando se accumulam no corpo um ou muitos principios immediatos, sendo a alimentação normal;

« 9.º Quando ha mais do que no estado normal, um abaixamento da temperatura do corpo durante o repouso e a abstinencia e principalmente na occasião do somno.

« Ora, estes nove caracteres, isolados ou reunidos, são encontrados em um certo numero de molestias, que se observam frequentemente no mesmo individuo em diversas edades, ou em uma mesma familia, em muitas gerações, ou em muitos membros da mesma geração. Essas molestias são : a dyscrasia acida, a oxaluria, a lithiase biliar, a obesidade, o diabetes, as areias e a gotta ». A esta lista poderiamos addicionar, com Bouchard e innumeros dermatologistas contemporaneos, certas dermatoses, o eczema, o prurigo, a urticaria, etc., e este conjuncto pathologico, cujos membros são tão diversos uns dos outros, apresentaria, entretanto, nos seus varios elementos um laço cummum, isto é, a bradytrophia. Assim seriam as molestias *arthriticas* e assim seria tambem o arthritismo : comprehende se então que uma classe de dermatoses, em relação mais ou menos estreita com ellas e elle, nada tem que possa *à priori* chocar o espirito.

« Tudo isto é possivel, embora a prova falhe, como já falhára no tempo de Bazin, e foi por isso mesmo que esse espirito brilhante e systematico poude engenhar a geração espontanea *sine materia* dos *arthriticos*. (Bazin, Dict. encycl. des sciences méd., 1.re série, T. VI, p. 352).

« Sem mais nem menos, elle as enumera, as define, e assignala « claramente » o seu logar nos quadros dermatologicos.

« Ahi vai, a titulo de documento esta classificação :

« Primeira secção. — *Arthritides primitivas, pseudo — exanthematicas subagudas e peculiares á primavera.* — Divide se esta secção em dous grupos, conforme a lesão elementar :

« 1.º *Arthritides primitivas erythematosas :* erythema nodoso, erythema papulo — tuberculoso, urticaria pityriase rubra aguda ;

« 2.º *Arthritides primitivas vesiculosas :* herpes circular, *hydroa* vesiculose;

« 3.º Segunda secção. — *Arthritides secundarias communs, circumscriptas, intermediarias.* — classificam se aqui as seguintes affecções : o eczema secco, circumscripto, o hydroa vacciniforme, arthritides vesico-escamosas ; a pityriase e a psoriase, arthritides escamosas ; a achné dos pellos ou pilosa, a sycose ou montagra, arthritides pustulosas ; a achné rosea, o *intertrigo*, que ao mesmo tempo participam do erythema e da pustula ; finalmente, o prurigo, o lichen, a hydrosadenite ulcerativa da palma da mão, as duas primeiras affecções pertencendo á classe das papulas e a ultima aos tuberculos, ou antes aos tumores phlegmonosos.

« Terceira secção. — *Arthritides tardias, malignas, irregulares, generalizadas, pseudo-dartros:* — Ella comprehende : affecções erythematosas, o *enidosis* simples, o *enidosis* tuberoso ; affecções vesiculosas, o

eczema humido generalizado; affecções bolhosas, o *hydroa* bolhoso, o peruphigo chronico; affecções phlegmonosas, a erupção furunculosa successiva, o ecthyma.

« E Bazin accrescenta: Ha para as *arthritides* caracteres geraes, que servem para distinguil-as das outras affecções da pelle e principalmente das *herpetides*, e caracteres particulares de ordem mais restricta, communs sómente a certo numero dellas, que permitte dividil-as em grupos differentes. E' em parte por terem confundido os dous factos que tantos erros foram commettidos na apreciação das nossas ideias ».

« Esses caracteres geraes ou particulares, Bazin os tira da sede, da forma, da côr, dos productos excretados, etc. etc.

« E' inutil insistir a proposito desses caracteres, geraes ou particulares; todo mundo concorda hoje em recusar lhes qualquer valor, e certamente essas systematizações prematuras embaraçam e não facilitam o caminho do progresso.

« Podemos agora resumir: o laço admittido no grupo das molestias chamadas *arthriticas* é por demais desconhecido em sua essencia, mas seria tão contrario ao espirito scientifico negal o com rigor como affirmal o com presumpção.

Um conjuncto de razões e de factos, em serie logica, leva muitos medicos a admittir a sua existencia; poucos dentre elles, entretanto, força é dizel-o, trabalharam para descortinar a sua natureza. » (29)

Que deveremos pensar agora acerca da escrofula?

Si a diathese escrofulosa tem por termo a tuberculose, não será logico pensar que por detrás do vicio da nutrição, que a caracteriza, está agachado o bacillo de Koch com suas toxinas? Portanto, como se ha-de considerar *disposição* ou *temperamento morbido* aquillo que já é uma manifestação de doença e terrivel? Acaso Grancher não qualificou a escrofula de subsolo da tuberculose?

Não: a escrofula não é uma diathese, mas sim o vasto amphitheatro, onde se representa o drama lutuoso da phtisica.

Voltemos, porém, ao nosso ponto de partida, isto é, á applicação das aguas sulfurosas de Poços de Caldas á cura dos rheumatismos e das bronchites.

E' justamente na primeira fórma do rheumatismo, o *rheumatismo chronico simples*, consequencia ou não de um insulto agudo, que os nossos banhos thermaes e as nossas duchas mais aproveitam, operando verdadeiros prodigios: o individuo tem as juntas tomadas e crepitantes; as dores não lhe dão socego, nem de noite nem de dia;

---

(29) L. Jacquet. *A Pratica Dermatologica*. Tomo I. p. 431—435.

a miopragia é generalizada ; o desanimo apoderou se delle ; a anemia invadiu-lhe o organismo, traduzindo-se principalmente na pallidez da pelle, que é secca e não súa. Pois bem : logo que um doente destes se submette á acção da nossa medicação sulfurosa, a modo que renasce : as juntas tornam-se lubricas e os movimentos faceis ; as dores desapparecem ou se attenuam, de sorte que o somno se torna possivel ; o appetite se mostra de novo ; a pelle entra a funccionar, ficando outra vez macia e humida ; a anemia vai cedendo e o sangue se apresenta outra vez á flôr do tegumento externo.

Antigamente, os doentes desta especie davam-se banhos muito quentes e curtos, á temperatura natural das fontes, e os enfermos se achavam bem, porque este tratamento se fazia ao desabrigo do ar, facto este que até certo ponto attenuava a violencia da operação hydriatica.

Actualmente, depois da captação das aguas sulfurosas, da construcção dos estabelecimentos balnearios e da factura dos reservatorios, tivemos que abandonar esta pratica dos *bugres*, racionalizando melhor a medicação, quer pela administração de banhos gradativamente mais quentes, quer pela applicação das duchas e da massagem, meio heroico este na cura dos rheumatismos, como em *Aix-les-Bains* se demonstrou.

Ha mais ainda : sendo o rheumatismo um mal determinado pelo retardamento da nutrição e a miopragia de todos os orgãos, não será mais racional cural o — procurando modificar o organismo lenta e progressivamente pelo aproveitamento da acção demorada dos banhos ?

Nós o cremos. Na Europa, cujos estabelecimentos balnearios estão ao abrigo das correntes de ar, só ouvi falar em banhos a 39° centig. em *Wildbad*, a maior temperatura geralmente usada é de 38°, e o banhista súa e súa muito, porque a operação se faz num quarto abrigado e confortavel, como se dá no Estabelecimento de Pedro Botelho, nas banheiras cobertas.

Si o Governo de Minas mandar fazer nos nossos estabelecimentos as modificações, que lhe indicámos, não mais se darão tambem em Poços banhos de temperatura superior a 39° ; as temperaturas de 40° para cima só serão utilizadas para as duchas.

E porque as nossas aguas sulfurosas entendem mais directamente com o *rheumatismo chronico simples*, não se pense que a sua applicação seja contra indicada no *rheumatismo nodoso*, no *chronico parcial e no fibroso* : nestes casos ainda o retardamento da nutrição e a miopragia são os factos primordiaes daquellas doenças, e não vemos porque se deixe de applicar áquelles enfermos a mais tonica e reconstituinte das medicações, que são as nossas operações hydriaticas, acompanhadas além disto do melhor dos climas e do mais puro dos ares. Até nos pseudo rheumatismos, como os que se manifestam

nas blenorrhagias e succedem ás molestias infecciosas, as aguas sulfurosas de Poços de Caldas são de um exito conhecido.

Si ha facto perfeitamente estabelecido, tanto no ponto de vista physiologico como no pathologico, é a correlação que existe entre as funcções do systema cutaneo e as do systema mucoso, e por esta razão ha individuos em quem a influencia do frio e as variações subitas de temperatura determinam ataques repetidos de bronchite, que soem constituir se no estado chronico. E' nestes casos que a vinda dos bronchiticos a Poços é proveitosa, e não quando se trata de catarrhos pulmonares, dependentes da arterio esclerose ou de escleroses valvulares. E porque é mais conveniente chamar para a pelle uma irritação, que lhe não faz mal, ao passo que prejudica o elemento mucoso, que as nossas aguas são tambem de muito proveito nas affecções catarrhaes das outras mucosas, menos a conjunctiva ocular.

Ha, como se sabe, dous methodos oppostos no emprego das aguas sulforosas contra os catarrhos bronchicos, um directo e outro indirecto. Directamente, a agua é levada á mucosa bronchica pela via estomacal, isto é, do exterior, para o interior, ou por inhalação, pulverização e *humage*, isto é, do exterior para o interior. Nos dous casos, o gaz hydrogenio sulfuretado é o agente mais activo da medicação: no primeiro caso, é decomposto no organismo, e o gaz se exhala pelos pulmões; no segundo, elle chega directamente á mucosa. Actualmente, depois da encampação da antiga Empresa pelo Governo de Minas, temos no estabelecimento de Pedro Botelho um compartimento destinado á pulverização, á inhalação e á *humage*, de modo que hoje, no tratamento dos catarrhos bronchicos, não estamos mais obrigados a só nos servirmos dos banhos; outras operações hydriaticas se podem fazer, em beneficio dos doentes. Para o curativo dos catarrhos intestinaes e uterinos, tambem possuimos em Poços apparelhos completos.

Outra applicação muito commum das nossas aguas sulfurosas é a que se refere ás *dermatoses*, que muita gente attribue ainda ao *herpetismo*, que Gigot Suard considera como um processo morbido constitucional, caracterizado pela retenção no sangue dos principios de desassimilação habitualmente eliminados pela superficie cutanea: uratos, oxalatos, hippuratos, xantina, creatina, etc.

Esta theoria, a nosso ver, peca duas vezes: em primeiro logar, porque a existencia do herpetismo não está demonstrada experimentalmente; em segundo logar, porque sendo a pelle um orgão de textura e estructura tão complicadas como aquelle que mais o seja, não vemos razão para admittir que não esteja ella exposta como qualquer outro tecido da economia aos processos morbidos communs: congestão, anemia, hemorrhagia, inflammação, neoplasia, etc. Esta convicção arraigou se ainda mais no nosso espirito,

depois que lemos a definição que da palavra *herpetismo* dá o professor Du Castel, na *Pratica Dermatologica*, t. II, p. 823: «Desde tempos immemoraveis, alguns medicos lembram se de ligar um grande numero de dermatoses a uma alteração mais ou menos fundamental da saude. Esta doutrina experimentou phases successivas de fortuna ou de insuccesso; mas não morrerá, porque se funda em *factos*, (30) observados sem duvida confusamente na sua maioria, mas em grandissimo numero e por muitissimos observadores, para que se lhes possa recusar qualquer valor.

«As palavras:— dartros, arthrites, arthritismo, herpetide, herpetismo, diathese dartrosa, herpetica e arthritica, foram alternadamente empregados para designar esta doutrina, e, como é facil comprehender num assumpto tão difficil, as definições de cada uma destas palavras e seus respectivos limites variaram conforme os auctores, e daqui nasceu grande confusão.

«Achará o leitor o exposto systematico destas doutrinas no artigo — Arthritismo — de T. Jacquet (T. I. p. 431) e principalmente no excellente trabalho de Merklen.»

No nosso ponto de vista, o *herpetismo*, tomado causa efficiente d certas dermatoses, já fez o seu tempo, porque nada explica; quando muito essa palavra servirá para indicar desvios da nutrição; mas será então o caso de se perguntar: — Qual será a causa do *herpetismo*?

Não: o tegumento externo, como os outros orgãos, pode adoecer, e as suas molestias são determinadas por agentes mechanicos, physicos, chimicos ou animados. Exemplifiquemos.

O eczema (pomos de lado a *eczematização* de E. Besnier) é uma molestia microbiana, causada pelo *micrococo*, de Una, e é o typo das inflammações da pelle. Mas o doente, que é portador de um eczema do rosto, por exemplo, pode soffrer ao mesmo tempo de uma dyspepsia acida, e ninguem dirá que a doença do estamago gerou a da pelle, que tem causa especial. E' possivel que o mal gastrico sirva de causa predisponente para o morbo cutaneo; mas deve-se tratar separadamente uma e outra molestia.

Um excesso de acido urico no meio interior pode coincidir com uma erupção de acnés pustulosas no rosto, dando as pustulas logar a cicatrizes indeleveis, a modo da variola (deste facto temos um brilhante exemplo ao escrever estas linhas). Ora, medico algum, que tenha noções da pratica dermatologica, tratará um doente destes combatendo exclusivamente a dyspepsia urica, que talvez seja a causa occasional da molestia cutanea; elle dirigirá toda a sua at-

---

3) Factos que não são verificaveis experimentalmente, não podem ser admittidos na sciencia.

tenção para o mal local, cuja autonomia nosologica é sufficientemente conhecida.

Como o que acontece nestes dous casos, verifica se sempre na pathologia cutanea, parece-nos que não temos mais necessidade, em medicina, da palavra *herpetismo*, para explicar o apparecimento das affecções do tegumento externo.

Resta agora saber como os banhos thermaes de Poços de Caldas curam as dermatoses.

Pensa muita gente que estas doenças saram aqui, por causa da absorpção dos saes da agua sulfurosa, cuja efficacia na debellação das molestias da pelle é sem par. E' o caso de discutirmos a importantissima questão da absorpção no banho.

A pelle sã, coberta de sua camada de gordura e de seu envolucro *keratinizado*, não foi feita para se deixar atravessar pela agua do banho e seus saes. Em Vienna, immergem os doentes semanas e semanas no banho, e elles continuam a sentir sêde como se não estivessem *morando* dentro de agua. Tambem as variações de peso não servem de meio de syndicancia, porque, além da maceração da epiderme, ha perdas pela exhalação pulmonar. Em todo caso, si ha absorpção no banho, quando a pelle é sã, ella é nulla e insignificante.

Supponha-se, porém, que numa dermatose a barreira epidermica tenha sido vencida, denudando o derme. Neste caso ha absorpção no banho, e pode até ser grande.

Como quer que seja, não sendo a absorpção dos elementos do banho alcalino sulfuroso um facto geral na cura das dermatoses, essa cura não pode ser determinada senão por um factor, que não falha nunca: o banho, o contacto da agua sulfurosa, mais ou menos prolongado. E' o caso tambem de inquerirmos acerca das relações therapeuticas existentes entre o contacto da agua sulfurosa de Poços de Caldas e as molestias, que lhe dizem respeito.

Ignoramos completamente os motivos reaes da acção therapeutica dos banhos hydro-mineraes, de maneira que esta questão está ainda nos dominios do empirismo. E' assim que aguas mineraes de composição e natureza inteiramente diversa, como *Baden Baden*, *Vichy* e *Luchon*, são applicaveis ao tratamento das mesmas doenças — ás molestias chronicas, induzindo isto a crer que seja qual fôr a qualidade desta medicação, a sua parte fundamental é a *agua*, que possue uma acção propria ligada á temperatura, ao movimento e ao volume. Seja como fôr, uma agua mineral, e é outro ponto de vista da questão, é sempre um medicamento especial, cuja virtude não reside num ou dous dos seus elementos; mas sim no conjuncto de suas propriedades chimicas, physicas e dynamicas.

Ha mais ainda: quando a descarga de um ou mais grupos hydrologicos é insufficiente para o manejo das operações hydriaticas,

é praxe misturar-se a agua mineral com a commum, como se dá, por exemplo em *Aix-les Bains*, sendo a mistura dos dous liquidos obrigatoria quando se dão duchas, por isso que directamente nunca se deve aquecer uma agua medicamentosa, sob pena de alteral-a completamente; mas a agua comumm não pode substituir a mineral, ainda quando seja ella artificialmente composta.

Isto posto, comprehende se que a acção therapeutica das nossas aguas sulfurosas, na cura das dermatoses, é inteiramente desconhecida, mormente porque se trata de uma agua mineral de composição chimica fraquissima, por vezes inferior á de muitas aguas potaveis. Todos os elementos componentes de nossas fontes sulfurosas certo entram em jogo; mas ha alguma cousa de especial, que se pode apurar. Assim, o nosso banho, além de alcalino, é desinfectante, podendo esta qualidade representar importante papel na cura das dermatoses microbianas, quer a infecção seja directa, quer seja secundaria. A materia organica das nossas fontes é tão preponderante nellas, que o banho de Poços semelha a immersão do corpo no oleo, o que dá ao banhista a sensação de um suave torpor. Certo que este facto deve influir e muito na cura das molestias cutaneas, acalmando a irritação inflammatoria, acariciando a pelle, convidando-a outra vez ao funccionamento perdido. Por outro lado a temperatura da agua pode ser graduada á vontade, sendo o banho frio, morno, quente ou muito quente, e estes factores não são para despresar no resultado geral da cura.

Na estação balnearia de Poços de Caldas curam-se as molestias chronicas, e neste numero estão: a cystite chronica; a blennorrhéa; a leucorrhéa; as rhivistes com ozena ou não; a choréa, que tantas relações tem com o rheumatismo; as nevralgias; as paralysias peripherica; as anginas e as laryngites chronicas; a bronchite asthmatica; as ulceras; a carie; a necrose; a anemia; a chlorose; a escrofula e a syphillis; mas é preciso que nos entendamos.

Entregues ás suas proprias forças, as aguas sulfurosas de Poços não podem curar a syphillis, que é uma molestia microbiana e só se debella por meio do mercurio; mas os nossos banhos, além de levantarem as forças do syphilitico, combatendo a miopragia de todos os seus orgãos, permitte que se lhe administre o mercurio *larga mano*, condição esta que por certo apressa a cura. Os anemicos e os chloroticos não se curam aqui á custa de banhos sulfurosos e sim por amor *dos ares* e *dos logares*, levando tambem em linha de conta a medicação apropriada; mas as operações hydriaticas auxiliam a cura, elevando o tom de todos os orgãos, despertando o appetite e fazendo os doentes reviverem. E basta para a intelligencia do assumpto.

São estas, resumidamente expostas, as indicações therapeuticas das aguas thermaes de Poços de Caldas, que colhi durante trinta

annos de pratica medica nesta localidade; ha, porém, uma ultima, e para ella chamo a attenção dos meus collegas.

A estação balnearia de Poços de Caldas não convem unicamente aos doentes, cujas molestias têm relações therapeuticas com estas aguas; deve tambem ser aconselhada como elemento hygienico, como meio de conservar a saude e prolongar a existencia, e pelas seguintes razões: a boa execução das funcções da pelle é uma condição necessaria do equilibrio organico. Aqui em Poços se gosa de excellente clima, respira-se o ar purissimo do campo, cerca de 1.200.m acima do nivel do mar, e o solo é enxuto e desprovido de pantanos, (31) e si a estas circumstancias juntamos a acção de um banho alcalino e sulfuroso, excitante das funcções da pelle, que sobre ser agradavel, restitue ao tegumento externo todos os seus caracteres physiologicos, não sei que haja outro logar melhor apparelhado pela natureza do que este para passar o verão, readquirir forças e fazer provisão de saude.

D.r Pedro Sanches de Lemos.

Poços de Caldas, 19 de Abril de 1903.

---

(31) Segundo as nossas observações meteorologicas, que começaram a 7 de março do corrente anno (1903), o clima de Poços é muito secco durante o dia; só é humido de manhã e de noite.

Continuação da 4.ª memoria

Em vista das analogias existentes entre o *Platyonix* e o *Megatherium*, tudo quanto foi dito acima sobre a conformação das mãos do primeiro, tem completa applicação ao segundo.

Passo á considerar a disposição da parte do corpo do Platyonix que é sem duvida alguma a que tem maior interesse, e relativamente a qual elle mais se afasta de todas as formas conhecidas da fauna viva: —quero fallar das extremidades dos membros posteriores.

Excepção feita dos Tardigrados, todos os generos de Desdentados nada de notavel apresentão na conformação dos pés.

Mesmo aquelles que têm nas mãos os mais estranhos caracteres apresentão os pés com o aspecto ordinario.

Nos Tardigrados estes orgãos possuem alguns traços especiaes, que são apenas um ligeiro esboço das verdadeiras anomalias achadas no fossil de que ora me occupo.

O calcaneo do *Platyonix* (est. 4 fig. 5) por tal modo differe da forma que reveste nos outros Mammiferos, que parece ter sido feito n'um molde todo especial.

Nos demais Mammiferos este osso pode ser dividido em duas partes: —a anterior ou articular, onde estão situadas as superficies que se relacionão com o astragalo e o cuboide; e a posterior que deve ser considerada como um prolongamento da precedente. Em muitos typos da classe estas duas partes têm sensivelmente o mesmo comprimento. Na maioria dos casos, porem, a segunda é um tanto mais longa que a primeira. Na ordem a que pertence o Platyonix, a relação entre o comprimento da 1.ª e da 2.ª parte do calcaneo é, no caso dos Tatus, de 1:2; nos Tardigrados e myrmecophagos as duas partes são sensivelmente iguaes, succedendo que no tamandúa didactylo a porção anterior é mesmo mais longa que a posterior. Causa verdadeira admiração verificar-se que no Platyonix a parte anterior d'esta peça ossea não existe, estando todas as articulações situadas na superficie vertical que limita para diante a sua região posteriôr. Este caso é unico em toda a serie de Mammiferos.

Conforme o desenho de Pander e Dalton, não existe a mesma anomalia no Megatherium, em que se encontra a disposição commum. Como, porem, a montagem do esqueleto de Madrid não é de todo correcta, e a figura de Pander e Dalton não esclarece sufficientemente este ponto, nada de positivo podemos affirmar. Acho pouco plausivel que dous animaes tão proximos por todos os outros detalhes da conformação do pé, divirjão de modo tão sensivel relativamente a um caracter de tamanho valor.

Das duas superficeis articulares relacionadas com o astragalo, que em todos os outros Mammiferos ficão sobre a face superior do calcaneo e voltados para cima, uma corresponde sempre ao eixo longitudinal d'este osso, emquanto que a outra occupa uma proeminencia interna, um pouco para diante da primeira. Esta regra não é applicavel ao Platyonix, uma vez que as referidas superficies não estão voltadas para cima, na face superior do osso, mas occupão a sua face terminal anterior, e voltão-se para diante.

A articulação correspondente ao cuboide, occupa geralmente a extremidade do eixo longitudinal do calcaneo, e está, portanto, na mesma linha que a articulação externa do astragalo, e para fora da articulação interna do mesmo osso.

No Platyonix, por estranha anomalia, esta face articular do calcaneo acha-se para dentro da articulação externa do astragalo, e precisamente abaixo da interna, da qual pode ser considerada um prolongamento. Esta extraordinaria inversão relaciona-se com a situação não menos singular do cuboide.

Geralmente as faces terminaes do astragalo e do calcaneo ficão no mesmo plano. Os tardigrados formão uma excepção á esta regra, porque o astragalo não proemina tanto como a outra peça ossea, a qual corresponde a todo o bordo inferior do escaphoide. O Platyonix é tambem, sob este ponto de vista, uma excepção, mas em sentido inverso, pois, como ha pouco vimos, articula-se o astragalo ao bordo anterior do calcaneo, relativamente ao qual muito proemina.

A porção posterior do calcaneo é grande e fortemente desenvolvida.

O astragalo (estampa 4, fig. 2—3) não é menos extraordinario e desviado da forma commum que o calcaneo. A superficie articular correspondente ao tibia, verdade é que constitue como em todos os Mammiferos (com excepção unica do tardigrado didactylo) o exclusivo apoio do osso superior, e tem o caracter ordinario de uma trochlea; mas a conformação d'esta afasta-se muito da que apresenta nos outros animaes da classe. Aqui o bordo interno da trochlea transformou-se em uma cabeça regular e hemispherica, emquanto o bordo externo forma um grande circulo em redor d'esta saliencia. D'esta disposição extraordinaria, resulta que o animal não podia abaixar ou levantar o pé, sem que a sua extremidade descrevesse um arco de quasi 90°; o

movimento do pé sobre a perna era, por tal razão, quasi uma rotação em torno d'ella, em um plano perpendicular, e não o deslocamento em um plano parallelo, como succede no geral dos Mammiferos. Esta rotação é encontrada nos tardigrados, embora produzida por um mecanismo differente, encaixando uma apophyse do peroneo em um buraco do astragalo.

Uma segunda particularidade d'este ultimo osso, é a ausencia completa da apophyse que proemina para diante, no seo lado interno, denominada *collo*, a qual é achada em todos os outros Mammiferos, e apresenta a articulação relacionada com o escaphoide. Todos os animaes da familia á que pertence o Platyonix têm esta saliencia; em uns é curta e larga, em outros longa e estreita, mas em nenhum falta. D'ahi ser o lado interno do osso mais largo que o externo. No Platyonix em que falta a dita apophyse, succede justamente o inverso.

A conformação da superficie articular relacionada com o escaphoide não é menos notavel. No caso commum, ella representa um segmento de esphera e occupa a proeminencia ossea acima indicada. No Platyonix, em que falta a mesma apophyse, esta articulação occupa toda a largura do osso, sendo, por tal motivo, muito larga, mas pouco elevada, de cima para baixo; é fortemente concava no lado externo e convexa no interno. Este ultimo caracter faz lembrar os Myrmecophagos, unicos animaes vivos em que a mesma articulação é concava, e os Tardigrados, em que existe uma pequena fossa ao meio da superficie articular convexa.

A articulação do astragalo com o calcaneo faz-se, como de ordinario, por meio de duas superficies: — uma, a maior, é concava, e collocada abaixo do bordo externo da trochlea; outra, a menor, é ligeiramente convexa e situada sob a extremidade antero-interna do osso.

No commum dos Mammiferos, como existe o collo do astragalo e n'elle está situada a segunda superficie articular unida ao calcaneo, fica esta muito para diante da primeira. Faltando o collo no Platyonix, o mesmo aqui não acontece, e as duas superficies estão lado á lado. A direcção da segunda superficie articular é tambem aqui differente da que tem nas outras formas da mesma familia: — em lugar de ser dirigida obliquamente para diante e para dentro, é voltada obliquamente para traz e para fora.

Articula-se o artragalo ao peroneo por meio de uma superficie muito elevada, situada em sua face externa, de modo a fornecer firme apoio ao movimento de rotação do pé.

A principal anomalia que o astragalo apresenta é a existencia de uma grande fossa articular, abaixo da articulação do escaphoide, servindo para receber a maior parte do cuboide.

Este detalhe osteologico é exclusivamente peculiar a este typo fossil.

Em todos os Mammiferos da fauna viva, o cuboide está situado para fora do escaphoide e só articula-se ao calcaneo.

Da descripção acima feita, resulta que o astragalo do Platyonix differe por muitos caracteres do osso correspondente dos outros Mammiferos.

A sua altura, a pequenez da largura e do comprimento, a falta do collo, a forma especial das superficies articuladas relacionadas com o tibia e com o escaphoide, a posição da articulação que o prende ao calcaneo, e afinal a existencia de uma extensa fossa onde encaixa o cuboide, são outros tantos traços especiaes á este typo extincto, e não encontrados em forma alguma da fauna hodierna.

Já demonstrei qual a influencia da conformação tão original da superficie articular correspondente ao tibia, sobre os movimentos do Platyonix. Passo a considerar as outras particularidades do astragalo, sob o ponto de vista physiologico.

A situação relativa das articulações que o prendem ao cuboide e ao escaphoide, indicão a posição correspondente d'estes dous ossos: — em lugar de acharem-se lado a lado, como no geral dos Mammiferos, estão um acima do outro. A situação do escaphoide determina a dos ossos esphenoides unidos á sua face anterior: da posição d'estes ultimos e do cuboide, depende a situação relativa dos metatarsianos a elles ligados. Estes ultimos ossos não estão, portanto, collocados lado a lado, como no caso ordinario, mas uns acima dos outros, achando-se os externos situados inferiormente.

A' esta anomalia da collocação dos metatarsianos e por consequencia dos ortelhos, prende-se igualmente a forma particular da articulação do astragalo com o escaphoide. Esta articulação, como já indiquei, é muito larga, mas tem pequena altura, o que representa um desvio da regra geral, que é a igualdade das duas dimensões, ou a altura pouco mais consideravel que a largura.

Tal particularidade de forma d'esta articulação causa estranheza, tanto mais que o terceiro metatarsiano, com o qual ella se relaciona, por intermedio do escaphoide e do terceiro esphenoide, é muito elevado e estreito. Esta apparente contradicção desapparece, se collocarmos a serie das peças osseas nas suas relações naturaes. Nota-se então que a superficie articular unida ao escaphoide em lugar de ser situada na extremidade d'este osso, com a posição normal, está voltada para um lado, de modo a tornar-se a pequena dimensão largura, e a grande dimensão altura. D'ahi ficaram tambem voltados para um lado os outros ossos, a saber: o escaphoide, o esphenoide, o metatarsiono e as peças do ortelho.

O que fica descripto permitte interpretar facilmente o resultado de todas as anomalias da conformação do astragalo. A sua natural consequencia é um desvio notavel do plano do pé, cuja planta volta-se para dentro, e não para baixo, e a sua verdadeira rotação em torno á

perna, ao em vez do movimento ordinario, em um plano parallelo ao eixo d'esta. E' sabido que o mesmo succede na fauna viva aos Tardigrados, e só a elles, e que de taes disposições são correlativas a impossibilidade da marcha terrestre, e a facil execução dos movimentos de trepar.

O escaphoide (est. 22 fig. 1 — 2) é muito curto e elevado, formando uma lamina transversal entre o astragalo e o esphenoide.

Na sua face anterior apresenta duas articulações:— uma para o terceiro esphenoide, e outra para duas peças osseas que representão a fusão do primeiro e segundo esphenoides, primeiro e segundo metatarsianos, e primeiro e segundo ortelhos. De todos os animaes vivos, são os Myrmecophagos que apresentão o escaphoide mais comparavel ao do Platyonix, especialmente pelo facto de ter a superficie articular relacionada com o astragalo, concavo-convexa, como succede ao dito fossil, quando nos outros Mammiferos ella é de todo concava. A posição d'esta superficie é, porém, muito diversa.

Emquanto no Platyonix a parte concava e a convexa estão lado a lado, nos Myrmecophagos fica uma acima da outra, differença que está em harmonia com a situação do plano do pé, diverso nos dous casos.

Além d'isto o escaphoide dos Myrmecophagos é mais reduzido que o do Platyonix.

O cuboide (est. 32 fig. 3 — 4) do nosso fossil, apresenta tambem particularidades de forma e ligações especiaes.

E' um grande osso sensivelmente triangular, cuja principal superficie de articulação, conica e fortemente convexa, encaixa em uma fossa do astragalo. Esta mesma superficie está anteriormente relacionada com uma pequena articulação do terceiro esphenoide. Na face posterior do cuboide ha uma superficie articular plana, em relação com o calcaneo.

Voltada obliquamente para baixo e para diante, existe ainda uma grande superficie semi-circular, cuja porção interna corresponde ao quarto metatarsiano, estando a externa, que é a maior, relacionada com o quinto metatarsiano.

O terceiro esphenoide (est. 32 fig. 5 — 6) tem a forma ordinaria de uma cunha: apresenta apenas de especial um franco achatamento antero-posterior. A sua posição é, entretanto, inteiramente insolita, como já indiquei, pois a sua base está voltada para fóra, e não para cima, como nos outros Mammiferos.

Acima do terceiro esphenoide, existem dous outros pequenos ossos que correspondem ao primeiro e ao segundo (est. 33, fig. 2 — 3).

Estes não têm em seguida nem metatarsianos nem phalanges, de maneira que o primeiro e o segundo ortelhos não existem no Platyonix. Os tres dedos seguintes, unicos existentes, são por este facto mais fortemente desenvolvidos.

O metatarsiano do terceiro dedo (est. 7 — fig. 1) caracterisa-se por seu pequeno comprimento e sua grande altura. Aqui, contrastando com o caso geral dos Mammiferos, o comprimento é a menor das dimensões, seguindo-se a largura e afinal a altura, que sobrepuja de muito as duas primeiras.

Na face posterior apresenta este osso uma superficie articular grande, alongada, um tanto espessa, destinada ao esphenoide, e cujo eixo está dirigido transversalmente. A articulação anterior é muito elevada e ligeiramente concava de baixo para cima, e provida de tres fortes dobras longitudinaes.

Em consequencia d'estas disposições, os movimentos relativos d'este terceiro metatarsiano e da primeira peça do ortelho, são de amplitude muito reduzida, quasi nulla.

Esta primeira phalange do terceiro ortelho distingue-se igualmente por seu pequeno comprimento, embora se reconheça que representa a união de duas phalanges distinctas. A altura d'este osso é muito consideravel, de maneira a dar-lhe uma feição monstruosa, concorrendo para isto a adherencia dos ossos sesamoides. O mesmo facto verifica-se na preguiça didactyla da fauna viva, e d'ahi a immobilidade do ortelho em relação ao metatarsiano.

Na face anterior da primeira peça do ortelho, existe uma fossa articular profunda destinada á phalange ungueal: esta é muito grande, mais elevada e chata que a das mãos, e pode dobrar-se sob o pé, mas não estender-se no mesmo plano.

O quarto metatarsiano (est. 7 — fig. 2) é bastante alongado, existindo entre o comprimento e a largura a relação de 2 1/2:1. A peça seguinte (est. 7 — fig. 4) é, como a correspondente do terceiro ortelho, formada pela fusão de dous ossos, um pouco menos alongados. A sua superficie articular posterior mostra que os movimentos em relação ao metatarsiano erão muitos reduzidos, e articulação anterior indica que ahi existia uma pequena garra.

O quinto metatarsiano (est. 5 — fig. 1) é de uma conformação pouco vulgar. E ainda mais longo que o quarto, e por tal modo dilata-se para traz, que a largura excede o comprimento.

Parece que este quinto metatarsiano estava relacionado com trez peças de um ortelho, todas muito reduzidas.

Esta summaria descripção do pé do Platyonix, mostra que é elle um dos mais anomalos em toda a serie dos Mammiferos conhecidos.

A falta completa do primeiro e do segundo dedos, a conformação tão especial e a pequenez do terceiro, a largura do quinto metatarsiano, que produz uma amplitude insolita de toda a região metatarssica (nota *a*), e, finalmente, a feição de todo anomala do astragalo, cuja influencia sobre a posição relativa das outras partes do pé foi por nós assignalada, são detalhes que distancião o *Platyonix* de todas as

formas vivas. Quanto mais elle se afasta, pelo conjuncto d'estes caracteres, dos typos hodiernos, mais se avisinha do *Megatherium*.

Basta um lancear de olhos sobre os desenhos, para reconhecermos que os pés d'estes dous animaes forão feitos conforme o mesmo plano, e as differenças que parecem existir devem ser attribuidas, como tentei mostrar, á montagem incorrecta do esqueleto de Madrid.

Em virtude da conformação dos seos pés, quando o *Platyonix* queria manter-se apoiado sobre as quatro patas, como o geral dos outros Mammiferos, tinha que firmar sobre o solo apenas o bordo externo da planta dos pés, ficando, portanto, n'uma attitude muito incommoda. Uma vez n'esta posição, era-lhe impossivel mudar de lugar, pois os pés não podião executar outro movimento que não fosse uma rotação em torno ao eixo da perna. Então a locomoção terrestre do Platyonix era justamente comparavel á dos tardigrados: — não podia manter-se sobre as patas, nem executar uma verdadeira marcha, sendo forçado á deslocar-se lentamente, de rojo. Tão difficeis devião ser os seus movimentos sobre o solo, quanto faceis e seguros, quando executados em uma superficie vertical.

A posição das plantas dos pés, voltadas uma para a outra, que nos tardigrados representa uma das condições essenciaes para a facil subida as arvores, devia aqui adquirir importancia ainda maior, pois a este caracter vantajoso unia-se uma enorme largura da superficie de apoio, e muito maior vigor para agarrar os ramos, em vista do grande desenvolvimento de um dedo provido de garra.

Podemos, pois, considerar o pé do *Platyonix* como o ideal do pé trepador, como o mais perfeito modelo da adaptação d'este orgão a semelhante trabalho.

As patas trazeiras das actuaes preguiças d'elle muito se approximão. N'estas o numero de dedos eleva-se a trez, com desenvolvimento quasi igual. Como as outras formas vivas de desdentados têm em geral cinco dedos iguaes e todos providos de garras, os tardigrados de hoje constituem, quanto á conformação do pé, um typo intermediario entre ellas e o genero fossil de que trato.

A cauda muito desenvolvida e forte que apresentavão estas formas gigantes da creação extincta, sem duvida destinada a auxiliar a subida ás arvores, tornavão-n'as tambem animaes trepadores mais perfeitamente conformados que as nossas preguiças.

Em virtude dos estreitos limites do presente trabalho, não me é licito alongar as considerações sobre este assumpto, tanto mais que posso enviar o leitor a outros escriptos que tratão do mesmo ponto.

Penso que qualquer espirito lucido e imparcial, não hesitará em collocar os generos extinctos:— *Coelodon*, *Megalonix*, *Megatherium* e *Platyonix*, na familia dos tardigrados. Se reflectirmos que na maioria os caracteres que os afastão d'este grupo vivo, são-lhe exclusivamente

proprios, e servem para a sua adaptação ainda mais perfeita á vida arboricola, reconheceremos que é natural consideral-os como o typo fundamental da familia, embora, sob outros pontos de vista, sejão comparaveis aos Myrmecophagos.

Desconheço quaesquer semelhanças que permittão ligar as formas fosseis de que trato á familia dos tatús, excepção feita das que forão por mim já indicadas:— não concorrer o occipital, no *Platyonix*, para a formação da abobada craneana (caracter que, aliás, existe em outros mammiferos estranhos a ordem dos Desdentados); e apresentar o *Myatherium* o tibia e o peroneo adherentes nas duas extremidades.

Penso que todos acharão rasoavel a minha asseveração de que o lugar assignalado por Cuvier no quadro systematico para estes animaes, é perfeitamente natural (nota b).

Nada tenho que ajuntar á familia dos Pachydermes. A familia dos Ruminantes augmentou de uma especie do genero *Cervus*, do tamanho da maior forma hoje aqui encontrada: o *Cervus paludosus*.

Sendo este animal muito raro no valle do Rio das Velhas, ainda não pude obter um esqueleto, de maneira que não conheço as differenças existentes entre a especie fossil e a viva.

Familia dos Carnivoros

Devo apresentar uma rectificação relativa á um facto muito importante, o qual servio de fundamento essencial á um dos principaes resultados á que cheguei, fazendo o estudo comparativo das relações existentes entre a fauna fossil e a fauna viva d'esta parte do globo:— quero fallar da existencia da hyena no Brasil, durante o passado periodo geologico.

Sou forçado a modificar as minhas asseverações, toda a vez que o animal que até agora eu acreditava dever referir ao gen. *Hyaena*, apresenta, conforme as minhas ultimas descobertas, taes dissimilhanças em relação á este typo, que deve formar um genero especial, o qual parece ter preenchido n'este continente o mesmo papel que no velho mundo desempenhou tão voraz carnivoro.

Pretendia dar á esta fera da creação extincta o nome de *Hyaenodon*, lembrando a sua frisante parecença com a hyena, quanto á muitos traços do systema dentario.

Desisto deste proposito, porque tive noticia que o mesmo nome já foi dado, e com propriedade ainda maior, pelos Snrs. Laizer e Parien, á um carnivoro do periodo do *Paleotherium*, procedente do calcareo de formação terciaria do Auvergne.

Os dentes incisivos do fossil brasileiro (est. 37) distinguem-se á primeira vista dos dentes congeneres dos dous *grupos* de grandes carnivoros aqui achados:— *o g. Felis* e *o g. Canis*.

No g. *Felis* têm os incisivos a forma de thezoura, e n. g. *Canis* o seu bordo é trigumeo.

No typo fossil são estes dentes conicos, e tem na face posterior duas proeminencias separadas por um sulco longitudinal, caracter que hoje só é encontrado em dous grandes carnivoros: no urso, onde é pouco accentuado, e na hyena, onde apresenta-se tão definido como no proprio animal extincto.

Durante muito tempo eu só possuia d'este fossil os incisivos e alguns molares, e longe estava de suppor que elle tanto se afastasse do genero ao qual á primeira vista parecia pertencer. E' verdade que eu descobrira um pedaço de um canino singular, que em um certo momento fez-me crer na existencia de um carnivoro novo. Mas lembrando o aspecto d'esta defeza alguma especie proxima do urso, não tive absolutamente a ideia de attribuir ao fossil semelhante á hyena, este destroço apparentemente tão dispar. Mais tarde encontrei os mesmos caninos em taes condições, que nenhuma duvida pode subsistir quanto á sua origem: — elles pertencem realmente ao fossil de que me occupo.

Um pedaço de um d'estes caninos é representado na estampa 37, fig. 5—7, em tamanho natural.

Este dente é muito achatado, pouco curvo, e com um bordo cortante para diante e para traz. Dos carnivoros vivos só o gen. *Nasua* apresenta incisivos comparaveis.

Além dos dentes citados, possuo do mesmo animal apenas um astragalo, que é por sua conformação um meio termo entre o osso correspondente do *Felis* e do *Ursus*, alguns ossos metacarpianos (est. 37 fig. 8—10 e est. 36 fig. 3—5) que apresentão natural semelhança com os do *g. Felis*, mas cujas dimensões são unicamente comparaveis ás que têm os mesmos ossos no gen. *Ursus*, e ainda alguns dedos dos pés (est. 36 fig. 6—7) que não é possivel differençar das peças correspondentes do esqueleto d'este ultimo.

Estes ultimos ossos á principio levarão-me á acreditar na descoberta de uma grande especie de urso fossil, differente da pequena já mencionada.

Quanto ao talhe, este singular carnivoro da fauna extincta podia bem rivalisar com as maiores formas conhecidas dos felinos e ursinos; o tamanho das suas defesas (nota C) é incomparavelmente superior ao que apresenta em todas as especies de carnivoros terrestres vivos e fosseis. A julgar pelas dimensões dos seos dedos, o seo corpo devia ser mais pesado que o de todos os gatos vivos, inclusive o leão.

E' evidente que um carnivoro de taes dimensões e dotado de tão formidaveis armas, devia immolar numerosas victimas d'entre os habitantes do mundo antigo; achei com effeito os seus destroços em tres cavernas differentes, que todas encerravão um grande amon-

toamento de ossos de diversos animaes, muitos de talhe agigantado, dominando os gen. *Platyonix*, *Hoplophorus*, *Chlamydotherium* e *Tapirus*.

Em vista da forma insolita dos incisivos d'este fossil, proponho para denominal-o o termo generico de *Smilodon* (dente em forma de faca bigumea); os seos feitos sangrentos, cuja memoria ainda perdura nas cavernas que lhe serviam de guarida, dão-lhe sem duvida o direito de ser qualificado especificamente de *populator* (devastador).

A sua posição no quadro systematico deve ser ao lado do gen. *Felis*, formando uma transição entre este grupo e as hyenas, ao mesmo tempo que por diversos caracteres apresenta natural semelhança com o g. *Ursus*.

Riscada a hyena da lista das formas da antiga fauna do Brasil, diminue muito a importancia do conceito por mim enunciado, que na era geologica passada existião na America meridional especies hoje confinadas no velho continente.

E' mesmo prudente renunciar á qualquer opinião definitiva sobre este ponto, pois os outros generos que podem servir-lhe de fundamento não fornecem provas de valor incontrastavel.

Estes generos são : — *Cynailurus*, *Speothos*, *Antilope* e *Equus*. Quanto aos dous primeiros, pode-se objectar que são apenas sub-divisão de grupos genericos, e não têm por isto importancia decisiva. Quanto ao g. *Antilope*, depende o seu valor da exactidão ainda não verificada do que asseverão alguns viajantes, acerca da sua existencia actual nas regiões montanhosas do Chile. Do *Equus*, afinal, pode-se dizer que, sendo elle um animal domestico, o seu testemunho só poderá ser reputado irrecusavel, no caso de ter solução negativa a questão da existencia do homem na era geologica passada, porque, no caso contrario, poder-se-ha admittir a sua introducção na America, advindo do antigo continente.

Posso ajuntar á lista dos animaes da creação extincta o gen. *Lutra*.

Ha pouco descobri destroços de uma especie d'este genero, parecida com a *L. brasiliensis*, hoje aqui encontrada. Estes restos revelão a sua origem fossil, por se acharem em parte petrificados; mas algumas duvidas podem subsistir, porque foram retirados de uma caverna em que todos os annos, n'uma certa epocha, penetrão as aguas de um lago.

Ahi, de envolta com os despojos de animaes extinctos, existião ossos de formas ainda vivas.

A' mesma familia dos Carnivoros posso tambem ajuntar uma especie nova do g. *Felis*, tendo o talhe do *F. pardalis*.

Nenhuma especie tenho que ajuntar ás outras familias de Mammiferos.

Possuo elementos para elucidar uma questão relativa ao gen. *Cœlogenys*, da familia dos Roedores, á saber: a importancia das differenças reconhecidas em individuos deste grupo.

Já fiz o reparo que em uns os ossos do craneo são caracterisados por depressões muito fundas, emquanto que outros apresentão estes accidentes relativamente insignificantes, sem existir transição entre uma e outra forma. Mostrei que estas differenças não provinhão da edade, mas não pude decidir se ellas revelão differenças de sexo, ou são dissimilhanças especificas. Novas e numerosas observações permittem decidir a questão, confirmando a minha conjectura anterior, que attribuia á diversidade dos sexos estas differenças. Segundo já fiz notar, existe um completo parallelismo entre a menor das especies fosseis d'este genero e a especie viva, quanto á este detalhe osteologico.

Por consequencia o resultado á que acabo de chegar é tambem applicavel á forma extincta, e os craneos de superficie rugosa ou de superficie lisa, pertencem aos dous sexos da mesma especie, que pode conservar o seu nome de *Cœlogenys laticeps*.

Quanto ás conclusões que julguei poder destacar dos factos observados em minhas memorias precedentes, aquella que se refere á existencia na America, durante a era passada, de generos hoje só encontrados nas zonas quentes do antigo mundo, experimentou notavel alteração, como já indiquei, pois o gen. mais caracteristico—*Hyena*—foi reconhecido como não existente na serie dos fosseis.

Não julgo poder ainda modificar o resultado negativo dos meus estudos, relativamente á existencia simultanea da especie humana e dos generos de animaes extintos.

Encontrei ultimamente no interior de duas cavernas, ossos humanos que apresentavão os caracteres da fossilisação. A natureza d'essas grutas não permittindo, porem, uma conclusão decisiva á respeito da edade geologica d'estes restos, penso que não devo dar a taes documentos o valor de uma prova irrecusavel.

Uma das cavernas acima citadas, acha-se á margem de um lago, cujas agoas, na estação chuvosa, n'ella penetrão, e, atravessando-a, vão ter ao Rio das Velhas, situado á distancia de cerca de meia legua. Uma delgada camada de terra vegetal negra, misturada com grande quantidade de conchas de *Planorbis* e de *Ampullaria*, que habitão ainda hoje no lago e em suas margens, cobria o chão dos corredores da gruta, quando ahi penetrei.

As aguas do lago n'esta occasião já não innundavão a caverna.

No meio da terra vegetal encontrei espalhados os ossos humanos, de envolta com peças do esqueleto de mammiferos, aves, reptis e peixes. D'estes destroços uns erão mais leves e frageis que ossos frescos, e tinhão um tom escuro; outros, muito pesados e duros, apresentavão côr pardacenta, quer na superficie, quer na fractura.

Os do ultimo grupo (ossos petrificados) procedião de animaes fosseis, taes como o *Platyonix Bucklandii*, *Chlamydotherium majus*, *Hydrochoerus sulcidens*, *Dasypus sulcatus*, *Antilope Maquinensis* etc.

Os ossos humanos apresentavão todas as gradações, passando do aspecto de franca fossilisação á apparencia de peças leves e frageis.

Os craneos achados pertencião á duas raças differentes. Uns erão pequenos e relativamente bem conformados.

Outros muito maiores, tinhão caracteres de inferioridade, apresentando a região frontal mais deprimida que a de muitos simios.

A segunda caverna em que descobri ossadas humanas, forma um labyrintho subterraneo, em cujas camadas a agua deposita-se na estação chuvosa.

No fundo de uma de suas numerosas galerias, encontrei um grande deposito de ossos de varios animaes, disseminados na terra que a enchia parcialmente.

A maioria d'estes restos provinha de veados, queixadas e pacas, mas de mistura tambem existião dentes e ossos do *Platyonix*, *Chlamydotherium*, *Hoplophorus*, *Megatherium*, *Smilodon*, etc., facto que attesta sufficientemente a edade d'estes depositos. Os ossos humanos não estavão em taes montões, mas em sitio distante, em outro compartimento da caverna, perto da entrada. Achavão-se quebrados, pertencião a um unico individuo, e jazião á pequena profundesa da terra, n'um espaço de alguns pés cubicos: tinhão o cunho de ossos fosseis, sendo muito quebradiços, de fractura esbranqniçada, e adherindo fortemente a lingua. Entretanto a sua jazida parecia indicar origem posterior.

Adiando para outro ensejo a descripção detalhada d'estas descobertas, julgo ter dito o bastante para provar que ellas não podem constituir documentos decisivos para a solução do importante problema: — se o homem e os animaes fosseis, cujos restos sao achados nas camadas geologicas mais recentes d'este paiz, forão ou não contemporaneos.

NOTAS

NOTA A — Esta largura do metatarsiano é bem visivel no desenho d'esta peça ossea pertencente ao *Platyonix Bucklandii* estampa 33 fig. 5.

NOTA B — Conheço a memoria do sr. de Blainville unicamente por um resumo publicado nos «Annales des Sciences naturelles, partie zoologique, T. 2.°, pag. 113.» e intitulado: «Recherches sur

l'ancienneté des Edentés terrestres à la surface de la terre par M.r de Blainville».

Não encontrando n'este resumo uma prova siquer da sua opinião relativa ás affinidades existentes entre estes fosseis e os tatús, com excepção da couraça attribuida ao *Megatherium*, não tenho elementos para determinar seu valor.

O que desperta a minha admiração é, na ausencia de taes provas, ver o auctor avançar as mais cathegoricas affirmações, acompanhadas de acres censuras á opinião de Cuvier, e ao proprio illustre naturalista e aos seus partidarios. Não comprehendo qual o fundamento de proposições como a que transcrevo abaixo, e que me parecem em franco antagonismo com a verdade: —«Na historia do esqueleto de Madrid foram tomados como guia principios erroneos, e o resultado foi chegar-se a consideral-o como uma especie de preguiça, e, portanto, como um mammifero de regimen vegetal e talvez que capaz de trepar nas arvores!

D'ahi o facto de um paleontologista contemporaneo asseverar com toda a boa fé que as arvores naquelle tempo tinham dimensões proporcionaes a estes seres! Entretanto novas descobertas não mais permittem desconhecer que o *Megatherium* pertence ao grupo dos tatús, e nenhuma affinidade real apresenta com as preguiças. De feito, nem a sua cabeça, nem a sua espadoa, nem os seus membros, nem o seu apparelho dentario, apresentão caractéres lembrando os das partes correspondentes dos Tardigrados.

E', pois, muito mais plausivel admittir que estes fosseis não subião as arvores, não tinhão tromba, e alimentavão-se de carne, cavando a terra para destruir os formigueiros».

Blainville força de um modo menos flagrante a natureza, quando colloca o *Megalonix* entre os generos *Myrmecophaga*, *Oryeteropus* e *Megatherium*. Realmente o *Megalonix* liga-se por alguns traços aos Myrmecophagos, ao passo que apresenta estreitas semelhanças com o *Megatherium*. Mas o erroneo afastamento d'este ultimo do grupo dos Tardigrados, ao qual está naturalmente ligado, reflectiu tambem na situação assignalada no quadro systematico para o *Megalonix*, a qual está em desaccordo com os seus caractéres essenciaes.

Seja-me licito observar quanto é perigoso pretender interpretar a natureza, sob o influxo de opiniões preconcebidas. E' fóra de duvida que os erros palpaveis existentes na memoria citada, derivão exclusivamente da idéa preconcebida de que os Tardigrados não devem ser collocados entre os Desdentados, e que os seus proximos visinhos não são os tatús e os myrmecophagos, mas sim os macacos, e por consequencia o homem!

Espero que diante das extranhas conclusões desse estudo falho, os naturalistas não tentarão de novo arrancar estes pobres animaes do grupo onde tão a gosto achão-se, para transportal-os á um circu-

lo mais elevado, onde representarião papel ainda mais triste que no meio dos seus pouco intelligentes affins!

Se esta promoção zoologica dos Tardigrados, tem como consequencia transformar o *Megatherium* em macaco ou em tatú, aquelles mesmos que não podem por comparação directa conhecer a semelhança das preguiças com os outros Desdentados — cousa aliás evidente—, hesitarão em romper esta união geralmente acceita.

NOTA C — Conforme as medidas que tomei sobre o desenho do «*Reliquiæ diluvianæ*» de Buckland, as defesas da *Hyæna spelaea* têm de comprimento 76 mm, as do *Felis spelaea* 102 mm e as do *Ursus spelaeus* 120 mm. Na face interna da defesa do primeiro o esmalte occupa 30 mm, na do segundo 42 mm e na do terceiro 47 mm. O resto constitue a raiz dentaria.

O pedaço de defesa que está representado na est. 37, fig. 5, tem um comprimento de 66 mm, mas acha-se quebrado nas duas extremidades; se á elle ajuntarmos a ponta, teremos o comprimento de 97 mm.

Todo o fragmento está coberto de esmalte, de maneira que procede só da coroa; é, portanto, possivel que esta fosse ainda maior.

Admittindo mesmo que ella terminasse na parte superior quebrada, e tomando para este dente, como relação entre entre a coroa e a raiz, a média existente entre as duas partes nas tres formas acima citadas (1 : 2.5), teremos como comprimento total da defesa 241 mm (um pouco mais de 9 pollegadas), que representa o duplo da defesa do grande urso troglodyta diluviano — o *Ursus spaeleus*.

867

Lista dos Mammiferos do valle do Rio das Velhas

I

Mammiferos vivos

EDENTATA

1.º	Gen.	Myrmecophaga jubata (L.).	1
»	»	tetradactyla (L.).....	2

EFFODIENTIA

2.º	Gen.	Dasypus octocinctus (L.).....	3
»		« sp. (tatú-mirim Bras.)	4
3.º	Gen.	Xenurus nudicaudus (Lund).....	5
4.º	Gen.	Priodon giganteus (C.).....	6
5.º	Gen.	Euphractus gilvipes (Ill.).....	7

PACHIDERMATA

6.º	Gen.	Tapirus americanus (L.).....	8
7.º	Gen.	Dicotyles labiatus (C.).....	9
»	»	torquatus (C.).....	10

RUMINUNTIA

8.º	Gen.	Cervus paludosus (Desm).....	11
»	»	rufus (Ill.)	12
«	»	campestris (F. C.).....	13
»	»	simplicicornis (Ill.).....	14
»	»	nanus (Lund).....	15

FERAE

9.°	Gen.	Felis onça (L.)	16
»	»	concolor (L.)	17
»	»	pardalis (L.)	18
»	»	macroura (Pr. Max.)	19
»	»	mitis (F. C.)	20
«	»	jaguarandi (Desm)	21
10.°	Gen.	Galictis barbara (L.)	22
»	»	vittata (L.)	23
11.°	Gen.	Mephitis sp.	24
12.°	Gen.	Lutra brasiliensis (L.)	25
13.°	Gen.	Canis jubatus (C)	26
«	»	Azzarae (Pr. Max.)	27
»	«	vetulus (Lund)	28
14.°	Gen.	Nasua solitaris (Pr. Max.)	29
»	»	socialis (Pr. Max.)	30

MARSUPIALIA

15.°	Gen.	Didelphis aurita (Pr. Max.)	31
»	»	albiventris	32
»	»	incana (Lund)	33
»	»	elegans (Lund)	34
»	»	pusilla (Desm.)	35
»	»	brachyura (Pall)	36
»	»	trilineata (Mus. Berl.)	37

GLIRES

16.°	Gen.	Mus principalis (Lund)	38
»	»	aquaticus (Lund)	39
»	»	mastacalis (Lund)	40
»	»	laticeps (Lund)	41
»	»	vulpinus (Lund)	42
»	»	fossorius (Lund)	43
»	»	lasiurus (Lund)	44
»	»	expulsus (Lund)	45
»	»	longicaudus (Lund)	46
»	»	lasiotis (Lund)	47
17.°	Gen.	Nelomys antricola (Lund)	48
18.°	Gen.	Aulacodus Temminckii (Lund)	49
19.°	Gen.	Loncheres elegans (Lund)	50
»	»	laticeps (Lund)	51
20.°	Gen.	Phyllomys brasiliensis	52

21.º	Gen.	Synoetheres	prehensilis (L.)	53
»	»		insidiosa (Lichtenst)	54
22.º	Gen.	Sciurus	aestuans (L.)	55
23.º	Gen.	Lepus	brasiliensis (L.)	56
24.º	Gen.	Cavia	aperea (L.)	57
»	»		rufescens (Lund)	58
25.º	Gen.	Cerodon	saxatilis (Lund)	59
26.º	Gen.	Hydrochoerus	capibara (L.)	60
27.º	Gen.	Dasyprocta	caudata (Lund)	61
28.º	Gen.	Coelogenys	paca (L.)	62

CHIROPTERA

29.º	Gen.	Phyllostoma	spectrum (L.)	63
»	»		hastatum (L.)	64
»	»		brevicaudum (Max)	65
»	»		pleiotus (Lund)	66
»	»		humerale Lund)	67
»	»		lilium (Geoff)	68
»	»		lineatum (Geoff)	69
»	»		dorsale (Lund)	70
»	»		superciliatum (Max)	71
»	»		leucostigma (Lund)	72
30.º	Gen.	Glossophaga	ecaudata (Geoff)	73
»	»		brevicasudata (Lund)	74
»	»		amplexicandata (Max)	75
31.º	Gen.	Dysopes	Temminckii (Lund)	76
32.º	Gen.	Vespertilio	velatus (Is. Geoff.)	77
»	»		leucogaster (Max)	78
»	»		caninus (Max)	79
»	»		bursa (Lund)	80
»	»		nigricans (Max)	81
33.º	Gen.	Noctilio	leporinus (L.)	82
34.º	Gen.	Nycticeins	sericeus (Lund)	83
35.º	Gen.	Desmodus	fuscus (Lund)	84

SIMIAE

36.º	Gen.	Jacchus	penicellatus (Geoff)	85
37.º	Gen.	Cebus	cirrhifer (Geoff)	86
38.º	Gen.	Callithrix	chlorocnemis (Lund)	87
39.º	Gen.	Mycetes	ursinus (Humb.)	88

II

Mammiferos fosseis

EDENTATA

1.º	Gen.	Myrmecophaga	aff. jubata	1
»	»		aff. tetradactyla	2

EFFODIENTIA

2.º	Gen.	Dasypus	aff. octocincto	3
»	»		aff. mirim	4
»	»		aff. punctatus	5
»	»		aff. sulcatus	6
3.º	Gen.	Xenurus	aff. nudicaudo	7
4.º	Gen.	Euryodon		8
5.º	Gen.	Heterodon		9
6.º	Gen.	Chlamydotherium	Humboldtii	10
»	»		majus	11
7.º	Gen.	Hoplophorus	euphractus	12
»	»		Selloi	13
»	»		minor	14
8.º	Gen.	Pachyterium	magnum	15

BRADYPODA

9.º	Gen.	Oenotherium	gigas	16
10.º	Gen.	Megatherium	Cuvieri	17
»	»		Laurillardii	18
11.º	Gen.	Platyonix	Cuvieri	19
»	»		Owenii	20
»	»		Blainvillii	21
»	»		Bucklandii	22
»	»		Brongniartii	23
»	»		minutus	24
12.º	Gen.	Coelodon	Maquinensis	25
»	»		Kaupii	26
13.º	Gen.	Sphenodon		27

PACHYDERMATA

14.º	Gen.	Mastodon		28
15.º	Gen.	Tapirus	aff. americano	29
»	»		suinus	30

16.º	Gen.	Dicotyles	sp.....	31
	»	»	sp.....	32
	»	»	sp.....	33
	»	»	sp.....	34
	»	»	sp.....	35
17.º	Gen.	Equus	neogoeus.....	36

RUMINANTIA

18.º	Gen.	Cervus	aff. paludoso	37
	»	»	sp.....	38
	»	»	sp.....	39
19.º	Gen.	Antilope	Maquinensis.....	40
20.º	Gen.	Auchenia	sp.....	41
	»	»	sp.....	42
21.º	Gen.	Leptotherium	majus.....	43
	»	»	minus.....	44

FERAE

22.º	Gen.	Felis	protopanther	45
	»	»	aff. onçae.....	46
	»	»	aff. concolori.....	47
	»	»	aff. pardali.....	48
	»	»	aff. macroura	49
	»	»	exilis.....	50
23.º	Gen.	Cynailurus	minutus.....	51
24.º	Gen.	Smilodon	populator.....	52
25.º	Gen.	Galictis	aff. barbara.....	53
26.º	Gen.	Mephitis	sp.....	54
27.º	Gen.	Lutra	aff. brasiliensi.....	55
28.º	Gen.	Canis	troglodytes.....	56
	»	»	protalopex.....	57
29.º	Gen.	Speothos	pacivorus.....	58
30.º	Gen.	Nasua	sp.....	59
31.º	Gen.	Ursus	brasiliensis.....	60

MARSUPIALIA

32.º	Gen.	Didelphis	aff. durita..... ...	61
	»	»	aff. albiventri.....	62
	»	»	aff. incanae.....	63
	»	»	aff. eleganti.....	64
	»	»	aff. pusillae.....	65
	»	»	aff. myosurae.....	66
	»	»	sp.....	67

GLIRES

33.º	Gen.	Mus	aff. principali	68
	»	»	aff. aquatico	69
	»	»	aff. mastacali	70
	»	»	aff. laticipiti	71
	»	»	aff. vulpino	72
	»	»	aff. fossorio	73
	»	»	aff. lasiuro	74
	»	»	aff. expulso	75
	»	»	robustus	76
	»	»	debilis	77
	»	»	orycter	78
	»	»	talpinus	79
34.º	Gen.	Nelomys	aff. antricolae	80
25.º	Gen.	Aulacodus	aff. Temminckii	81
36.º	Gen.	Loncheres	aff. eleganti	82
37.º	Gen.	Lonchophorus	fossilis	83
38.º	Gen.	Phyllomis	aff. brasiliensi	84
39.º	Gen.	Synoetheres	magna	85
	»	»	dubia	86
40.º	Gen.	Lepus	aff. brasiliensi	87
41.º	Gen.	Logostomus	brasiliensis	88
42.º	Gen.	Myopotomus	antiquus	89
43.º	Gen.	Cavia	robusta	90
	»	»	gracilis	91
44.º	Gen.	Cerodon	aff. saxatili	92
	»	»	bilobidens	93
45.º	Gen.	Hydrochoerus	aff. capibarae	94
	»	»	sulcidens	95
46.º	Gen.	Desyprocta	aff. caudatae	96
	»	»	capreolus	97
47.º	Gen.	Coelogenys	laticeps	98
	»	»	major	99

CHIROPTERA

48.º	Gen.	Phyllostoma	aff. spectro	100
	»	»	sp	101
	»	»	sp	102
	»	»	sp	103
	»	»	sp	104
49.º	Gen.	Dysopes	aff. Temminckii	105
50.º	Gen.	Vespertilio	sp	106

SIMIAE

51.ª	Gen.	Jacchus	aff. penicellato.....	107
	»	»	grandis.....	108
52.ª	Gen.	Cebus	macrognathus.....	109
53.ª	Gen.	Callithrix	primaevus.....	110
54.ª	Gen.	Protopithecus	brasiliensis.....	111

APPENDICE

Até agora não inclui na lista dos animaes vivos d'esta região, um mammifero cuja existencia eu já conhecia, mas do qual não podia bem determinar a posição no quadro systematico, em virtude da carencia do seu estudo anatomico.

Alguns caçadores tinhão-me fallado de um animal encontrado algumas vezes nas mattas, semelhante ao cão, mas tendo a cauda curta e a côr do *Galictis barbara*. E' visto em pequenos bandos, andando á caça com latidos comparaveis aos dos cães. D'entre os numerosos caçadores que ha muitos annos interrogo á este respeito, só trez declararão ter pessoalmente visto este Mammifero.

Como as suas descripções erão perfeitamente concordantes, eu não duvidava do facto, embora não podesse precisar o grupo á que pertencia este animal, porque a descripção não correspondia á forma alguma conhecida.

O aspecto, a voz, o modo de caçar inclinavão-me á suppor que podia tratar-se de cães foragidos nas mattas; mas, ao mesmo tempo, a particularidade da côr e da existencia de uma cauda curta parecia antes indicar uma especie nova.

A que genero devia ser referida? Seria um *Canis* ou alguma forma de mustelideo?

Nada eu podia affirmar.

Afinal, depois de ter no decurso de muitos annos promettido um premio elevado á pessoa que me trouxesse um destes animaes, tive ha alguns dias o prazer de ver satisfeito o meu desejo antigo.

Alguns rapazes que guardavão uma tropa de mulas na beira de uma matta, ouvirão de repente latidos que partião de sua profundesa, e, acudindo, depararão com um bando de animaes desconhecidos que corrião em sua direcção.

Com auxilio de cacetes conseguirão derrubar dous delles, que me trouxerão. Um estava muito machucado e morto; o outro vivia ainda, e tenho esperanças de salval-o.

Eu tinha, pois, diante de mim o mysterioso animal! Reconheci immediatamente que tratava-se de uma especie nova, ainda não descripta. Mas o simples exame do seu *habitus* exterior não me permittiu saber se era um canideo ou um mustelideo.

O estudo do seu systema dentario mostrou-me pouco depois que elle pertencia á este ultimo grupo (Mustelinæ), apresentando um unico molar para traz da carniceira, quer numa, quer noutra maxilla.

N'esta familia forma um genero especial, representando a sua ligação com a familia dos cães.

Os dous individuos erão ambos muito novos, tendo ainda os dentes de leite.

O menor tinha o comprimento de 23''6,''' da ponta do focinho á extremidade da cauda; esta media apenas 4''6'''. A cabeça longa e pontuda lembra um pouco a do cão; as orelhas são curtas e redondas.

O porte do animal é um meio termo entre o do cão e o do *Galictis barbara*; as pernas são mais compridas que em outro qualquer typo da familia das martas, e a marcha é francamente digitigrada.

Nas patas anteriores tem 5 dedos, e 4 nas trazeiras, ligados na base por uma membrana, como succede no papa-mel.

O esqueleto da cabeça lembra o da raposa, e differe pelo alongamento do focinho da forma geral da cabeça dos mustelideos.

No apparelho da mastigação ha o mesmo numero de pequenos molares que nos mustelideos do grupo das martas: trez premolares para diante da carniceira superior, e quatro para diante da inferior

Por este caracter numerico dos dentes distingue-se do gen. *Galictis*, que como o *Putorius* e o *Mephitis* só tem $\frac{2}{3}$ premolares.

Um traço que este animal apresenta de commum com o gen. *Gulo*, é ter a carniceira da maxilla inferior destituida de uma ponta na face interna (como succede tambem no gen. *Putorius* e no *Galictis vittata*) o que o distingue das martas, do *Galictis barbara* e do gên. *Mephitis*. A forma da carniceira e do dente tuberculoso da maxilla superior, torna-o distincto de todos os generos de mustelideos e notavelmente proximo do grupo dos cães.

O primeiro dos dous dentes citados tem, em todos os mustelideos, uma grande saliencia; no cão-texugo (denominação que julgo caber-lhe perfeitamente) esta proeminencia é ao contrario muito pequena e está situada na extremidade da face anterior.

De todos os dentes, porém, o mais notavel é o molar tuberculoso da maxilla superior.

Em todas as especies de mustelideos, este dente tem uma saliencia interna muito desenvolvida, que lhe dá uma grande largura, sendo a face interna tão larga ou mais que a externa. No cão-texugo nada

d'isto é encontrado. A saliencia interna do molar tuberculoso é tão pequena, que elle reveste uma forma triangular. Accrescentarei que este dente se assemelha de modo completo ao ultimo molar tuberculoso da maxilla inferior dos cães. Como este ultimo, tem a forma da corôa dos incisivos, com uma triplice ponta, ao passo que o dente correspondente da maxilla inferior é rudimentar, como nos mustelideos.

Eu proporia para este novo typo de mammifero o nome de *Cynictis* (cão-marta), se tal denominação já não tivesse sido escolhida pelo Sr. Ogilby para qualificar uma outra notavel forma da mesma familia.

Não encontro para elle melhor nome que o de *Cynogale* (cão-furão); em vista dos seus habitos de caça, adopto para designar a especie o nome de C. venatica.

878

879

A MINERAÇÃO — RIQUEZAS MINERAES

MEMORIA

POR

Antonio Olyntho dos Santos Pires

A mineração — Riquezas mineraes [a]

MEMORIA

POR

Antonio Olyntho dos Santos Pires

Primeiras pesquisas para o descobrimento das minas

Ao penetrarem no Oriente, encontraram os Portuguezes numerosos thesouros accumulados pela civilização e pelo esforço das gerações que precederam a sua conquista.

Dilatando o seu dominio com a descoberta do Brasil, não podia o governo de Portugal acudir simultaneamente ao desenvolvimento de todas as suas colonias, já espalhadas pelo mundo inteiro.

A grande porção oriental da America do Sul doada pela Providencia á corôa-lusitana e fadada a se tornar no futuro a perola de suas possessões, não mereceu a attenção da metropole, sinão depois que a Hispanha começou a deslumbrar a Europa com as riquezas que lhe vinham de suas colonias banhadas pelo oceano Pacifico.

A quantidade de metaes preciosos, encontrados pelos Hispanhoes á flôr da terra e na mão dos gentios, despertou nos Portuguezes a esperança de os encontrar tambem nos seus dominios americanos banhados pelo Atlantico.

Com esta preoccupação e attendendo á necessidade de povoar as terras e afugentar os entrelopos que enfestavam as costas, resol-

---

(a) Esta monographia foi publicada no *Livro do Centenario* (vol. III) e é transcripta com a devida venia da Associação do Quarto Centenario do Descobrimento do Brasil, sendo conservada a orthographia da primitiva publicação.

veu D. João III dividir o Brasil em capitanias, doando-as a homens poderosos e audazes, aos quaes impoz, entre outros o dever de mandar explorar o sólo, á procura de substancias mineraes e de pedras preciosas.

Martim Affonso de Sousa, a quem coube a capitania de S. Vicente, que lhe foi doada por foral assignado em Evora em 1535, foi dos primeiros a intentar essas pesquisas.

Quando percorria com a sua frota o littoral da nova colonia, expurgando-a das naus extrangeiras, que traficavam em contrabando, e ia em demanda das aguas do Rio da Prata, Martim Affonso determinou, em alguns portos onde estacionara, que homens de sua comitiva penetrassem o interior do paiz para explorál-o e trazer noticias. Segundo a narração que deixou dessa viagem seu ermão Pero Lopes, Martim Affonso ao chegar á bahia do Rio de Janeiro, em Abril de 1531, aproveitando a demora que ahi teve, mandou quatro homens pelas mattas dentro. Estes voltaram, no fim de dous mezes, depois de haver percorrido mais de 100 leguas por paiz montanhoso e campos, onde encontraram «um grande rei, senhor daquelles campos», o qual trouxe a Martim Affonso muito crystal e «deu novas de que no rio de Peraguai havia muito ouro e prata.»

Ancorando depois a frota em Cananéa, a 12 de Agosto de 1531, apresentou-se a Martim Affonso um certo Francisco Chaves, que lhe disse ser naufrago e estar habitando aquelles sitios havia cerca de 30 annos, declarando saber da existencia de ricas minas de ouro no interior do paiz, por informações que lhe deram os indigenas, com os quaes convivia. Para procural-as, confiou Martim Affonso uma expedição de 80 homens ao commando de Pedro Lobo, que, a 1.º de Septembro do mesmo anno, se internou do littoral para o sertão. Essa tentativa é mal conhecida em seus detalhes, não se sabendo ao certo, qual o ponto para onde seguiu e presumindo-se que se tenha mallogrado, á vista da resistencia opposta pelos selvagens á entrada no terreno por elles habitado. Sobre essa expedição refere o visconde de Porto Seguro, que, seguindo na direcção de Sudeste, talvez a buscar o rio Paraguai, para naturalmente depois passarem aos Estados do Inca, apenas tinham chegado ás cabeceiras do Iguassú, nos campos de Coritiba, quando foram todos traiçoeiramente assassinados pelos Indios.

A tradição desse fracasso existia em S. Vicente, meio seculo depois, segundo frei Gaspar.

O governo portuguez não cessava de acoroçoar a descoberta das minas, acenando com recompensas e honras aos aventureiros que quizessem internar-se pelos sertões á procura de jazidas de metaes ou de pedras preciosas.

Thomé de Sousa, o primeiro governador geral do Brasil, acudindo ao appello da metropole, expedia alguns pequenos bandos ar

mados, que se denominavam *bandeiras*, para descobrirem terrenos mineiros no interior do paiz.

Era crença geralmente espalhada desde aquella epocha, que existiam nos sertões da nova colonia riquezas de grande valor. Essas noticias vinham de informações ministradas pelos Indios, unicos que as conheciam, visto serem aquelles defendidos por mattas virgens, quasi impenetraveis e povoados de feras e de perigos de toda sorte.

As expedições mandadas por Thomé de Sousa embrenharam-se pela capitania de Porto Seguro, onde mais accentuadamente se acreditava na existencia de minas metallicas e de pedras preciosas.

Guiados pelos Indios, que conheciam trilhos do littoral ao interior, aventureiros audazes exploraram os rios, que vinham ter ao mar, e alguns de seus numerosos affluentes.

A mais notavel expedição desse tempo, organizada por Thomé de Sousa, mas que só se realizou no governo de seu successor Duarte da Costa, foi commandada pelo castelhano Francisco Bruza de Spinosa

Residia este sertanista em Porto Seguro, depois de já ter estado no Perú, e dizia-se muito pratico no conhecimento e descoberta dos metaes.

Pondo-se ás ordens de Thomé de Sousa para ir procural-os no interior do paiz, foi-lhe confiada a expedição, que parece ter sido a primeira a penetrar no territorio, que constitue hoje o norte do Estado de Minas. Com o consentimento do padre Manoel da Nobrega, superior dos jesuitas no Brasil, fez parte da comitiva de Spinosa o padre João de Aspilcueta Navarro, o qual relata a expedição em uma das *Cartas avulsas dos Jesuitas* possuidas pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Spinosa partiu de Porto Seguro para o Sertão em meiados do anno de 1553, e o padre Navarro descreve essa viagem em 24 de Junho de 1555, n'uma carta escripta daquella villa e dirigida ao seu superior.

Os aventureiros de que se compunha a expedição, em pequeno numero, chegaram a internar-se 350 leguas, tendo gasto mais de anno e meio na viagem.

Subiram um rio, que parece ter sido o Caravellas, do qual passaram atravez das mattas que o margeam, ao rio Jequitinhonha, e seguindo por este até quasi suas nascentes, passando depois ao valle do Jequetahi, talvez, ou do rio das Velhas, foram ter ao rio S. Francisco, onde a expedição esteve quasi perdida, sendo forçada a regressar, depois de haver soffrido numerosas privações, doenças, contratempos e ataques de indios bravios, sem ter conseguido trazer amostras de metal ou de pedras preciosas e apenas indicações e informações da grande zona percorrida.

Comquanto não desvanecesse a esperança dos aventureiros, esse mallogro confirmava, mais uma vez, os desenganos até então colhidos no descobrimento das minas, os quaes tinham levado Thomé de Sousa a escrever para Lisbôa, que «não fallaria outra vez em ouro, emquanto não o mandasse deveras e que nas diligencias por elle andaria com muito tento e pouca perda de gente e de fazenda, pois que... por muito madrugar não era que havia de amanhecer mais cedo.»

Essas palavras attestam o espirito previdente e practico do primeiro governador do Brasil, que se mostrava d'esta forma convencido de que, mais do acaso do que do esforço humano, dependia a descoberta das riquezas enthesouradas no sôlo pela natureza.

Depois da expedição de Spinosa, seguiu-se a de d. Vasco Rodrigues Caldas, vereador na Bahia, o qual, estimulado pelas narrativas de expedicionarios e dos Indios, que alimentavam sempre a esperança de descobrir os thesouros do sertão, emprehendeu uma entrada neste, subindo o rio Paraguassú para emendar o itinerario de Spinosa. Segundo o padre Leandro do Valle, que faz menção d'essa tentativa, d. Vasco apparelhou 100 homens, os quaes, em 1562, subiram o Paraguassú até 70 legoas acima, mas tiveram de retroceder, sem nada haverem alcançado, á vista da opposição dos Indios Tupinaen, ferozes senhores d'aquellas paragens e que fizeram grande estrago no pessoal de d. Vasco.

A esta succedeu a expedição de Martim Carvalho, que percorreu, em parte, mais ou menos, a zona onde esteve Spinosa e provavelmente guiado por algum dos companheiros d'este. Essa expedição durou oito mezes e realizou-se em 1570.

Segundo refere Gandavo, (1) foi ella motivada por noticia trazida pelos Indios chegados a Porto Seguro, da existencia de umas pedras verdes, que se encontravam em serras, muitas legoas pela terra dentro, e das quaes trouxeram amostras, que foram reputadas esmeraldas. Diziam os Indios que a serra que as continha era «mui formosa e resplandecente», o que na lingua tupi se traduzia por *Itiberiba* ou, no augmentativo, *Itiberiba-bussú*, ou *Itaberiba-oçu*, ou ainda *Taberá-bussú* por abreviação: ou finalmente, por corruptela, Sabará-bussú, nome com que foi conhecida, durante mais de um seculo de pesquisas, a afamada serra que continha em seu seio riquezas fabulosas. (2)

---

(1) *Historia da Provincia de Santa Cruz, o que vulgarmente chamamos Brazil*, por Pero de Magalhães Gandavo.

(2) O Dr. Theodoro Sampaio, n'uma memoria lida no Instituto Historico de São Paulo, emitte a hypothese d'essa etymologia para o Sabará ou Sobrá-bussú ou Tabaraboçu, como o chama monsenhor Pizarro.

A expedição de Martim Carvalho compunha-se de cêrca de 60 Portuguezes, além de Indios domesticados, conhecedores do sertão.

Penetraram a 220 legoas do littoral, encontrando terreno muito accidentado e montanhoso; acharam nas serras finos chrystaes, e nas areias de um ribeirão uns grãos miudos amarellos, os quaes alguns homens apalparam com os dentes e acharam-n'os brandos, mas não se desfaziam e assentaram ser aquillo ouro e nem podia ser outro metal. (3)

Encontraram tambem metaes de outra qualidade, que não conheciam; mas, estando a expedição muito acossada pelos Indios bravios e pelas privações que a estavam reduzindo e enfraquecendo, resolveu-se a volta, embora se achasse ainda a 100 legoas de distancia a serra das pedras verdes, conforme a indicação dos guias.

A esta expedição succederam-se as afamadas pesquisas de Sebastião Fernandes Tourinho, que tambem percorreu grande parte do territorio norte mineiro.

Elle internou-se com uma grande comitiva, duas vezes, entre 1572 e 1573, primeiro por Porto Seguro, regressando pelo Jequitinhonha, e depois subiu pelo rio Doce e voltou pelo valle do Caravellas.

Em 1573, o governador geral do Brazil, Luiz de Brito e Almeida tendo recebido de Tourinho a noticia da descoberta de saphiras e de esmeraldas no interior da capitania de Porto Seguro, que aquelle arrojado explorador acabava de percorrer, armou uma expedição de 400 homens, entre Portuguezes e gentios, e confiou a Antonio Dias Adorno a tarefa de verificar a exactidão de tal noticia.

Segundo Sebastião da Rocha Pitta o historiador da *America Portugueza desde sua descoberta até 1724*, o roteiro de Tourinho que guiou a expedição de Adorno, foi o seguinte: — « navegou com muitos companheiros pelo rio Doce e por um braço acima que se chama Mandi, onde desembarcou: caminhando por terra muitas legoas, chegou a uma lagôa, a qual por ser grande chamaram os gentios « Bocca do mar » e passando adeante por septenta legoas de distancia chegaram até onde no dicto rio Doce se mette outro chamado Acesi: atravessando e caminhando pelas suas margens cincoenta legoas achou umas pedreiras com pedras de côr indistincta, entre verde e azul, e afirmaram os gentios que do cume d'ellas se tiravam pedras mais coradas e outras, que, segundo a fórma com que se explicaram, tinham ouro: e ao pé de uma serra coberta de arvoredo, que tem uma legoa de comprimento, achou uma esmeralda e outra saphira mui perfeitas: septenta legoas adeante encontrou

(3) Gandavo, obra citada.

mais serras, de que se tiraram outras pedras verdes. Cinco legoas acima viu outras, em que depuzeram os gentios haver pedras maiores, vermelhas e verdes; mais acima achou outra serra toda de crystal finissimo, e foi certificado que nella haviam umas pedras azues e outras verdes mui rijas e resplandecentes. (4)

Foi esta a primeira tentativa coroada de exito, pois que Adorno, depois de penosa travessia, regressou trazendo pedras de differentes côres, as quaes remettidas para Lisbôa a el-rei d. Sebastião, foram reconhecidas como turmalinas azues e verdes e não esmeraldas e saphiras, como se suppuzera. (5)

A « Serra das Esmeraldas », assim denominada por Adorno, achava-se, segundo o seu roteiro, na capitania do Espirito Sancto, entre Porto Seguro e Rio Doce, assignalada pela lendaria e mysteriosa lagôa do Vapabussú, da qual fallavam aterrados não só os Indios conhecedores do sertão, como os aventureiros que por elle andaram, como joguetes da ambição ou do infortunio.

Pela extensão percorrida por todos os exploradores que deram noticia d'essa serra, vê-se que a zona onde foram encontradas as pedras coloridas se acha muito no interior, para o lado dos actuaes municipios de S. João Baptista, Grão Mogol, Minas Novas e Arassuahi, no Estado de Minas Geraes, onde abundam turmalinas de differentes côres, klaprotina, aguas marinhas e outras pedras coradas, que poderiam ser confundidas com esmeraldas e saphiras por pessoas pouco práticas ou que só conhecessem estas sem ter visto aquellas.

No littoral e nas proximidades da embocadura dos rios que vão ter á costa dos actuaes Estados do Espirito Santo e da Bahia, até hoje não se tem assignalado a existencia de pedras daquella natureza, o que tudo induz a crer que a zona norte-mineira actual foi o objectivo das vistas e pesquizas de todos os expedicionarios que iam á busca de pedras preciosas.

Mais do que o ouro, porém, era a prata o metal da moda naquella epocha: — a conquista do Perú fez com que ella fosse profusamente espalhada na Europa, procedente das colonias da America do Sul, então já reunidas debaixo da mesma corôa de Hespanha, depois da morte do rei D. Henrique, de Portugal.

---

(4) Essa descripção do itinerario de Tourinho, que se lê na *Historia da America Portugueza*, de Rocha Pitta, não é mais do que o resumo do mesmo itinerario feito por Gabriel Soares de Souza, no « Tratado Descriptivo do Brazil » em 1587.

(5) *A guerra dos Embochas na Historia e na Legenda*, pelo conselheiro Pereira da Silva.

Foi fama mui recebida, contra Rocha Pitta, que Roberio Dias, um dos moradores principaes e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixella e todo o serviço de sua capella de finissima prata, tirada em minas, que achara em suas terras; essa opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, porque sabendo ser já publicada essa noticia, que muito tempo occultara, passou a Madrid e offereceu a El-Rey mais prata no Brazil do que Bilbau dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do titulo de Marquez de Minas. (6)

Quando Roberio Dias fazia esse offerecimento a Philippe II, achava-se na côrte, d. Francisco de Souza, recentemente nomeado governador geral do Brasil, a quem foram dadas instrucções para a descoberta das riquezas provaveis que encerrava essa colonia e particularmente das minas de prata, de que se fallava. Não quiz, porém, o rei conferir a Roberio Dias o titulo que solicitara, de marquez das Minas, que foi dado a d. Francisco, sendo Roberio nomeado apenas administrador das mesmas.

E nesse character voltou elle ao Brasil, em companhia do governador geral, cumulado de promessas, mas pouco satisfeito com o exito de sua viagem.

Chegando á Bahia D. Francisco de Souza, em 1591, pouco depois seguiu para as terras de Roberio Dias, o qual o encaminhou por sitios tão diversos, que não foi possivel ao governador, nem a alguem de sua comitiva achar os rastos das minas, que tinha assegurado. (7)

Pouco depois fallecia Roberio Dias, levando para o tumulo o segredo da sua descoberta, a qual passou á posteridade e chegou aos nossos dias, cercada de lendas, que o tempo vai diluindo, sinão fazendo desapparecerd e todo. (b)

Foi nos primeiros tempos do governo de D. Francisco, posto não fosse directamente por elle promovida, que se realizou outra expedição notavel, não só pelo chefe que a dirigiu, como pelas peripecias que a cercaram: — a de Gabriel Soares de Sousa, auctor do «Tratado descriptivo do Brasil», que elle escreveu em 1587.

Quando Antonio Dias Adorno regressava de sua viagem ao sertão demorou-se adoentado, em uma fazenda pertencente a parentes de Gabriel Soares.

As narrativas feitas pelos expedicionarios, nas quaes os episodios da viagem e a riqueza dos terrenos eram naturalmente engrandecidos pela imaginação daquelles, levaram a João Coelho de Sousa a emprehender uma entrada pelo valle do Paraguassú, em demanda da zona de S. Francisco. Isso realizou-se antes de 1580.

---

(6) *Historia da America Portugueza*, de S. da Rocha Pitta.

(7) Sebastião da Rocha Pitta, *Historia da America Portugueza*.

(b) Vide nota 1.ª no fim da Memoria.

João Coelho chegou ás cabeceiras do Paraguassú, gastando muito tempo, talvez mais de dous annos, na faina ingrata de achar as presumidas minas, com que sonhára. Em suas pesquizas descobriu metaes preciosos, de que faz menção no roteiro que, ao fallecer naquelles sertões ermos, mandou entregar a seu ermão Gabriel Soares, para que esse fosse o continuador de sua obra, deixada a meio e que custara tantas fadigas e soffrimentos.

Munido desse precioso guia, Gabriel Soares partiu para Europa, afim de expôr á côrte metropolitana os seus planos e pedir ao rei os auxilios e meios de leva-los avante, para gloria sua e brilho do imperio hespanhol.

Na côrte de Castella não foi facil a Gabriel Soares fazer chegar ao rei o conhecimento de seus designios e da missão que alli o trouxera.

Grandemente empenhado, porém, em promover a descoberta das minas nas suas novas possessões, Philippe II, que já enfeixava debaixo de seu sceptro Portugal e suas colonias, não regateou os recursos que lhe pedira Gabriel Soares. E a 7 de Abril de 1590 partiu de Lisboa o illustre escriptor numa urca flamenga, o *Griffo dourado* (8), com o titulo de capitão-mór e governador da conquista e descobrimento do rio S. Francisco, trazendo 360 homens sob suas ordens, em demanda das presumidas minas.

Depois de varias peripecias e revezes, entre os quaes se conta o seu naufragio nas costas de Sergipe, Gabriel Soares, recomposta sua expedição com os auxilios que lhe forneceu o governador D. Francisco de Sousa, partiu das margens do Jaguaripe, onde tinha sua fazenda, em procura dos sertões de Paraguassú, para d'ahi demandar as nascentes do rio S. Francisco, que era o seu principal objectivo. Remontando o valle do Jaguaripe até suas cabeceiras, passou-se para o de Paraguassú, que transpoz depois de o haver seguido em grande extensão; enveredando-se depois para Noroeste, atravessou as catingas ao Oriente da serra do Orobó, vadeou o rio Jacuipe, attingiu as cabeceiras do rio Itapicurú, e chegou ao sitio de Jacobina, onde descobriu ouro e talvez prata: passou-se depois para as campinas do valle superior do rio Salitre, de onde se internou pelos sertões, procurando as nascentes do rio S. Francisco (9), perdendo nessa faina grande parte de sua comitiva, a ponto de não ficar tradição do itinerario que seguiu dahi por deante.

As privações e doenças dizimaram toda a comitiva, vindo a fallecer Gabriel Soares em paragem afastada e desconhecida, depois de

(8) Frei Vicente do Salvador:— *Historia do Brasil até 1627*.

(9) Theodoro Sampaio:— *O sertão antes da conquista*, em communicação feita ao Instituto Historico de S. Paulo.

haver perdido o seu precioso guia, o indio Araci ou «Guaraci, que quer dizer Sol, o qual morreu no caminho, ficando de todo as minas obscuras, até que Deus, verdadeiro Sol, queira manifesta-las.» (10)

Embora não confirmada de modo positivo, estimulavam novas pesquizas, por toda parte, as descobertas de pedras coloridas, feitas por Tourinho e por Adorno e as presumidas minas de prata e de ouro, que haviam attrahido aos sertões inhospitos as expedições de João Coelho e de Gabriel Soares.

Aventureiros se lançavam audazes em differentes direcções, ora á captura de indios, ora á procura de jazidas mineraes: e quanto mais se desvendava o sertão, mais se avolumava a crença de suas riquezas, em pedras e metaes preciosos.

A mandado de D. Francisco de Souza, partiu da Bahia em 1596, uma grande expedição que seguiu os rastos de Adorno e era chefiada pelo sertanista Diogo Martins Cão. Não se conhecem detalhes dessa nova tentativa: apenas o que se apurou della e de outras anteriores e subsequentes, que não deixaram vestigios assignalados na historia, é que nenhuma conseguiu confirmar, como egualmente não poude desmentir, as lendas correntes sobre as riquezas do sertão, que se avolumavam de dia para dia.

Os ultimos annos do primeiro seculo que se seguiu á descoberta do Brasil, foram cheios de investidas e de tentativas infructiferas para a descoberta das minas: e de cada novo desengano brotava mais vigoroso, na alma ardente dos sertanistas, o desejo de se arriscarem a mais perigosos e mais arrojados emprehendimentos.

Por seu lado, o governador d. Francisco de Souza não descançava, sacrificando nesse afan os maiores esforços, a tenacidade e a energia necessarias para os penosos emprehendimentos que aquellas tentativas reclamavam. Os onze annos de seu governo foram dos mais proveitosos á colonia, pelas conquistas que fez, e á metropole pelos elementos de prosperidade que elle creou.

Depois de haver estimulado aventureiros a se internarem pelos sertões, d. Francisco dava a todos o exemplo do seu empenho em fazer as descobertas.

«A fama das muitas minas de ouro e prata, que havia nas terras da capitania de S. Vicente, se espalhou por muitas partes: o que, sabido pelo governador d. Francisco de Souza, avisou á sua magestade, offerecendo-se para essa empresa: e el-rei lhe encarregou: e deixando no governo da Bahia a Alvaro de Carvalho partiu a dar cumprimento ás ordens d'el-rei, sahindo da Bahia no mez de outubro de 1598. E chegando á capitania do Espirito Santo, por lhe dizerem que havia minas na serra de Mestre Alvaro e em outras partes, mandando cavar

(10) Frei Vicente do Salvador:— *Historia do Brasil.*

nellas e fazendo ensaios, de que se tirou alguma prata. Tambem mandou ás esmeraldas, o que já havia mandado da Bahia, a Diogo Martins Cão que as havia descoberto. (11)

D. Francisco chegou a S. Vicente em 1589, levando o fito de organizar uma expedição que fosse em procura dos montes de *Sabaroason* (segundo a expressão de Wilhelm Glimmer) ou mais propriamente do Sabarabussú, de onde procedia a amostra, que lhe dera um Brasileiro, vindo do sertão, de um metal de côr azul escuro ou celeste, salpicado de granulos côr de ouro e que, analysado por entendidos, continha, em um quintal, trinta marcos de prata pura. (12)

De S. Vicente seguiu d. Francisco para S. Paulo, em cujas proximidades se fazia, posto que em pequena escala, a extracção do ouro, já alli descoberto havia annos, e de cuja mineração se occupava, desde 1589, Affonso Sardinha, o mesmo descobridor dos minerios de Araçoiaba, no sitio que hoje se denomina Ipanema e onde elle fundou, em 1590, um fôrno para o fabrico de ferro.

Alli chegando d. Francisco, «se empregou nas minas, aonde, por ser o ouro de lavagem, ás vezes tiravam muito, outras menos: algumas vezes se achavam grãos de peso e de preço, de que mandou enfiar um rosario, assim como saiam, redondos, quadrados ou compridos, que mandou a el-rei, com outras amostras de perolas, que se achavam no esparcel de Cananéa e em outras partes maritimas.» (13)

Os sertões d'essa capitania eram já constantemente batidos por audazes aventureiros, que se atiravam á perseguição e á conquista de indios, chegando nessa faina aos pontos mais afastados do continente americano.

E' mesmo presumivel que a noticia e a fama da serra do Sabarábussú, bem como amostras de minerios e o roteiro dos caminhos tivessem sido levados ao governador geral, na Bahia, por algum explorador que houvesse varado pelos sertões até alli. (14)

Em S. Paulo, d. Francisco de Souza organizou uma bandeira, que se tornou celebre e cujo roteiro é conhecido, não só pela descripção que della faz um dos expedicionarios, o hollandez Wilhelm Glimmer, appenso á *Historia Natural do Brasil* de Piso e Maregraff, como pelas referencias que sobre ella fazem os mais notaveis chronistas de S. Paulo.

---

(11) Informação attribuida a frei Vicente do Salvador, a qual se encontra no tomo do *Sanctuario Mariano* de frei Agostinho de Santa Maria impresso em 1723.

(12) *Historia Naturalis Brasiliæ*, publicada em 1648 pelos naturalistas hollandezes Piso e Maregraff, citada pelo dr. O. Derby no seu trabalho — *Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas*, publicado no vol. IV da *Rev. do Instituto Historico de S. Paulo*.

(13) *Sanctuario Mariano, Tomo X*, de frei Agostinho de Santa Maria.

(14) *Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas*, por O. Derby.

A bandeira, que era numerosa e composta de pessoas importantes, levava como chefe Nicolau Barreto e tinha por objectivo a descoberta das minas de ouro ou de prata, principalmente de prata, que era o sonho constante dos aventureiros naquella epocha.

Partindo de S. Paulo em Agosto de 1601, a bandeira tomou a principio a direcção do Norte; depois, transpondo serras e seguindo o curso de rios, trilhou rumo de Nordeste, á procura das serras do Sabará-bussú, que era uma denominação generica da zona desconhecida, onde se suppunham guardados os thesouros naturaes, e foram ter os expedicionarios a um rio, que acreditavam ser o de S. Francisco; mas, augmentando diariamente as difficuldades de transito e os perigos dos selvicolas, que os perseguiam, bem como a escassez de viveres e de recursos, resolveram retroceder, chegando a S. Paulo, depois de nove mezes de penosissima viagem, sem terem encontrado os metaes ou o metal que procuravam.

D. Francisco deixou S. Paulo em Junho de 1602, sem ter podido adeantar noticias mais positivas de suas emprehendidas descobertas.

Por seu lado, o governo da metropole, já sob o reinado de Philippe III, mostrava-se cada vez mais empenhado em acoroçoar os aventureiros que se atiravam da Europa ás terras incultas da America. A 15 de agosto de 1603 foi expedido o primeiro regimento das terras minaraes do Brasil, ao qual foram feitas novas concessões aos descobridores das minas e agnçada sua cubiça.

No empenho de dar mais rigoroso impulso aos descobrimentos do sertão, resolvera a côrte de Castella dividir o Brasil em dous governos independentes, — o do Norte e o do Sul, a partir da capitania do Espirito Santo.

Era nesta, bem como nas capitanias do Rio de Janeiro e de S. Vicente, que se tornavam mais activas as pesquisas e que mais intensamente se accentuavam os boatos das riquezas enterradas no sólo.

Por alvará de 2 de Janeiro de 1608, o governo da metropole entregou a administração do districto do Sul a d. Francisco de Souza, que tão solicito se mostrára na descoberta das minas, quando, seis annos antes, exercera o cargo de governador geral do Brasil.

Investido agora do cargo de governador e capitão geral do districto das trez capitanias de S. Vicente, Espirito Santo, e Rio de Janeiro, e da conquista e administração das minas descobertas e por descobrir nas ditas trez capitanias, «foram-lhe consignados os seguintes auxiliares: — um procurador, um thesoureiro, dous mineiros de prata, um mineiro de ouro de bêta, um ensaiador, um mineiro de perolas, um mineiro de esmeraldas, um mineiro de salitre, e dous mineiros de ferro».

Taes foram os favores e honras concedidos a d. Francisco pela côrte hespanhola, seriamente empenhada nas descobertas que lhe

foram confiadas, — que o governador do Norte, d. Diogo de Menezes, escrevia magoadamente a el-rey: — «creia-me v. m. que as verdadeiras minas do Brazil são açucar e pau-brasil, de que v. m. tem tanto proveito, sem lhe custar de sua fazenda um só vintem». (15)

Assim como Tourinho e Adorno tiveram Diogo Martins Cão e outros por continuadores de suas pesquisas na descoberta das pedras preciosas, assim tambem Roberio Dias, João Coelho e Gabriel Soares tiveram successores, que bateram os sertões á procura das minas de prata.

Poucos annos depois da morte de Gabriel Soares em logar desconhecido dos sertões da Bahia, um primo seu, Melchior Dias Moreira, emprehendeu continuar suas pesquisas (c). Talvez guiado por algum dos sobreviventes da expedição anterior, Melchior internou-se pelo sertão, foi ter ás serras da Jacobina e Assuruá, seguiu o rio Salitre até o de S. Francisco, transpoz este e passou-se para a capitania de Pernambuco, cujos sertões explorou até recolher-se a Itabaiana, depois de oito annos de penosos trabalhos e tendo descoberto, segundo acreditava, o salitre, ouro, prata e pedras preciosas.

Duas vezes foi Melchior á corte de Castella levar noticia de suas descobertas e pedir as mercês a que se julgava com direito, mas nada conseguiu.

Aproveitando a estada, em Pernambuco, de d. Luiz de Souza, filho de d. Francisco e então governador geral do Brasil, Melchior o persuadiu de ir á serra da Itabaiana para lhe patentear a sua descoberta; mas nada revelou, por lhe ter d. Luiz recusado as mercês que elle pedia: e, como Roberio Dias, Melchior Moreira baixou ao tumulo em 1619, deixando inteiramente de pé a lenda das minas de prata da Itabaiana. (16)

Francisco Dias d'Avila, sobrinho de Melchior, que guardou os roteiros deste, pretendeu tambem ter encontrado prata em abundancia nas minas de Caramurú, das quaes dá noticia em 1633 um official hollandez em carta collecionada por Joaquim Caetano da Silva e conservada na Bibliotheca Nacional. (17)

A 8 de agosto de 1618, foi expedido o segundo regimento das terras mineraes do Brasil, no qual eram ampliadas as disposições do regulamento de 1603 e mais francamente feitas concessões para estimular e compensar as pesquisas.

Dos dizeres que precedem esse regulamento se induz que até então a metropole nada havia colhido de positivo sobre o reconheci-

---

(15) Visconde de Porto Seguro: — *Historia do Brasil.*

(16) *Lições de Historia do Brasil*, de Mattoso Maia.

(17) Derby: — *Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas.*

(c) Vide nota 2.ª no fim da Memoria.

mento das minas ou das riquezas mineraes do Brasil, apesar dos esforços dos governadores expressamente nomeados com esse fim, como d. Francisco de Souza e Salvador Corrêa de Sá, aos quaes commettera a metropole, em particular o descobrimento das minas de ouro, de prata e mais metaes, nas capitanias de S. Paulo e S. Vicente.

Para augmentar o numero de pesquisadores, o rei abriu mão, nesse regulamento, de todas as minas, determinando mais que gosassem do privilegio de descobridor não sómente os Portuguezes que viviam nas capitanias do Brasil e os filhos delles alli nascidos, mas tambem os indios e os extrangeiros que ahi viviam com licença ou viessem viver pelo tempo em deante. Com taes estimulos, despertada a cubiça dos aventureiros e a emulação dos audazes sertanistas, as entradas se succederam, contando-se, porém os insuccessos pelas tentativas feitas.

Entre estas, teve maior celebridade a de Marcos de Azeredo, a qual não se sabe com certeza em que epocha se realizou, mas que se tornou bastante conhecida por ter servido de poncto de partida a outras, posteriormente feitas, mediante os roteiros e informações legadas por elle.

Presume-se que ella se tenha realisado entre os annos de 1608 a 1612 e provavelmente a mandado de d. Francisco de Souza.

A essa expedição se refere frei Vicente do Salvador, nos seguintes termos:

> De crystal sabemos em certo haver uma serra na capitania do Espirito Santo, em que são mettidas muitas esmeraldas, de que Marcos de Azeredo levou as mostras a el-rei; e feito exame por seu mandado, disseram os lapidarios que aquellas eram de superficie e estavam tostadas do sol: mas, si cavassem ao fundo as achariam claras e finissimas, pelo que el-rei fez mercê do habito de Christo e de 200 cruzados para que tornasse a ellas, os quaes não se deram; e o homem era velho e morreu sem haver mais até agora quem lá tornasse.

O Conselho Ultramarino de Lisboa, em fins de 1644, respondendo a uma consulta do rei, escrevia: — «Foi v. m. servido mandar remetter a este conselho um memorial para que se visse e se consultasse logo e logo, no qual se diz a v. m. que havia mais de 30 annos que um Antonio de Azeredo descobriu no sertão da capitania do Espirito Santo uma grande serra das esmeraldas e tambem alguns diamantes, que foram trazidos a esta côrte e reconhecidos pelos lapidarios, por verdadeiras e finas esmeraldas, e se lhes achava o defeito de serem algum tanto escuras e requeimadas, por estarem á flor da terra.» (18)

---

(18) *Annaes do Rio de Janeiro*. Balthazar da Silva Lisboa.

O memorial a que se repor a essa consulta era relativo á descoberta feita por Marcos de Azeredo (Marcos Antonio de Azeredo Coutinho). Este, ao fallecer, deixou uma descripção de sua viagem, em forma de roteiro, na qual pintava a configuração da «Serra das Esmeraldas», de onde havia extrahido as pedras que trouxe; e fixava a posição da lagoa *Vapabussú*, que era o indicio da mesma Serra, e que com esse nome se tornara conhecida em todos os roteiros de seus predecessores.

Na alludida consulta do Conselho Ultramarino se encontra tambem referencia ao pedido, que em 1634 fizeram os padres jesuitas ao governador d. Diogo Luiz de Oliveira, de lhes conceder a necessaria licença, para irem, á sua custa, descobrir a «Serra das Esmeraldas», sobre cuja existencia corriam tantas lendas, sem que, entretanto, tivessem ainda sido definitivamente encontradas as afamadas minas, occultas no seio do sertão bravio e inculto, e que tantas vidas, fortunas e esforços já tinham custado.

Essa licença foi concedida e emprehendida a expedição, que não foi mais feliz que as outras. A ella acompanhou o padre Ignacio de Siqueira, o qual a descreveu minuciosamente ao general da frota do Sul, Salvador Corrêa de Sá — o velho, que foi tambem um destemido explorador.

O rumor causado na metropole pela remessa das pedras, feita por Marcos de Azeredo, escaldara a imaginação dos aventureiros; recrudesceu dahi em deante a febre das esmeraldas, e todas as bandeiras que se internavam em busca das riquezas do sertão, tinham por objectivo principal descobrir as minas já tão afamadas e que as successivas expedições, mesmo no seu mallogro, tornavam mais desejadas e appetecidas, abrindo na imaginação popular um sulco de esperanças, cada vez mais fundo.

Por despacho de 16 de Novembro de 1644, resolveu o governo da metropole que se fizesse uma nova tentativa em busca das esmeraldas encarregando d'essa tarefa o governador do Rio de Janeiro. Exercia esse elevado cargo, nessa epocha, Duarte Corrêa Vasques Annes, tio de Salvador Corrêa de Sá, o qual organizou a projectada expedição com Antonio e Domingos, filhos de Marcos de Azeredo, assim reputados os mais idoneos para prosegurem nos trabalhos de seu pae. Esses, de bom grado, acceitaram a incumbencia e armaram a comitiva á sua custa, communicando-o a el-rei em carta de 16 de Abril de 1646.

Um mez depois partiram elles de Victoria, em demanda dos sertões, levando 37 homens brancos, 150 indios e 25 canoas.

O padre Simão de Vasconcellos, na *Chronica da Companhia de Jesus*, conta o mallogro d'essa expedição; e depois de relatar a viagem de Marcos de Azeredo que «trouxera quantidade consideravel de esmeraldas» diz elle: «e por diversos outros tempos fizeram a mes-

ma jornada seus filhos e outras pessoas, porem sem effeito por terem os tempos cegado os caminhos crescendo os mattos e escondendo aos homens essas riquezas» (19)

O visconde de Porto Seguro (20) affirma que esses expedicionarios estavam de regresso no anno de 1646, havendo verificado a existencia da «Serra das Esmeraldas,» mas que não eram esmeraldas verdadeiras as pedras que trouxeram.

Em 1660, houve uma nova tentativa para a descoberta das esmeraldas, levada a effeito por iniciativa de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, neto de Salvador Corrêa de Sá. Havia elle sido nomeado administrador das minas de ouro e prata e governador das capitanias do Espirito Sancto, Rio de Janeiro, S. Vicente e São Paulo por ordem de d. João IV, datada de 7 de junho de 1644.

Em 1659, enviára para o Espirito Sancto uma expedição commandada por seu filho João Corrêa de Sá em procura das esmeraldas, e passára-se elle proprio para S. Paulo, onde a exploração do ouro já se fazia. Ahi se uniu a Lourenço Castanho Taques, o intrepido sertanista que conhecia bem o interior, pelas numerosas excursões que fizera na perseguição e captura dos indios; e preparava-se para levar a effeito uma expedição, attendendo ás ordens do rei que o recommendara, em carta autographa, a Lourenço Castanho, quando chegou a S. Paulo a noticia da rebellião occorrida no Rio de Janeiro no anno de 1660, sendo depostas as auctoridades alli deixadas por elle.

Em vez de seguir para os sertões, teve Salvador Corrêa de regressar ao Rio, em 1661, para abafar o motim, ficando assim sem effeito os seus desejos e esforços, como já tinha acontecido a seu filho João Corrêa de Sá, que regressara do Espirito Sancto sem resultados positivos, depois de haver perdido nos sertões, grande parte da sua comitiva. Entre as accusações feitas pela Camara do Rio, revoltada contra as auctoridades de Salvador Corrêa, dizia ella, em officio de 16 de Novembro de 1660 dirigido á Camara de S. Paulo que o administrador das minas, Pedro de Souza Pereira, comprava ouro com os cabedaes regios e o remettia a s. m. a titulo de rendimento dos quintos, afim de manter a esperança da descoberta das minas promettidas.

O que tudo demonstra que naquella epocha não só já se mandava para a metropole producto de rendimento das minas do Brasil, como tambem se encontrava ouro para comprar, o que prova a existencia de minas em exploração.

---

(19) *Em busca das esmeraldas* por Francisco Lobo Leite Pereira, na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno II, fasciculo 3.º, 1897.

(20) *Historia geral do Brasil.*

Effectivamente havia mais de meio seculo já eram conhecidas e exploradas as minas de ouro do interior de S. Paulo e de Paranaguá.

Foi «Affonso Sardinha o primeiro descobridor das minas de ouro no Brasil, nas serras Jaguamimbaba, e que se chama hoje Mantaqueira, na de Jaraguá, termo de S. Paulo, na de Vuturuna, termo da villa de Parnahiba e na Hibiraçoiba, termo de Sorocaba... Não só fez elle os descobrimentos das minas de ouro em 1590, como fez fabricar dous engenhos de ferro, em que se fundia excellente ferro e com muita abundancia..

Affonso Sardinha contentou-se só com a gloria do real serviço fazendo os descobrimentos dos trez metaes—ouro, prata e ferro, tudo á sua custa.» (21)

Em 1663, o governo da metropole cada vez mais empenhado na descoberta das esmeraldas, resolveu confiar a pesquisa das minas ao genio arrojado dos audazes bandeirantes de S. Paulo, que tanto se assignalavam pelas temerarias e frequentes excursões que faziam pelo sertão, perseguindo e escravizando indios, ou procurando os lendarios thesouros, em que todos acreditavam.

A 17 de Dezembro d'aquelle anno, foi nomeado Agostinho Barbalho Bezerra «administrador das minas de Paranaguá e do descobrimento das esmeraldas;» e a 19 de Maio do anno seguinte lhe foi expedida por d. Affonso VI «carta patente da gente da guerra por quatro annos,» prefaciada com estas palavras, reveladoras do seu empenho nas descobertas e da improfeuidade dos esforços até então feitos:—«por poder vir a ser de grande serviço meu e augmento d'estes meus reinos e senhorios, descobrindo-se e beneficiando-se as minas de Paranaguá e da Serra das Esmeraldas, que se diz ha no sertão da capitania do Espirito Sancto, de que já tem vindo a este reino algumas amostras, o que por vezes se intentou sem se poder conseguir; e desejando eu agora que este descobrimento tenha o fim que se pretende etc.» O rei escreveu diversas cartas, datadas de 27 de Setembro de 1664, recommendando Agostinho Barbalho e sua empreza não só ás Camaras de S. Paulo e da villa de Santos, como a Fernando de Camargo, ao capitão Fernão Dias Paes e a outros paulistas diligentes, aos quaes ordenou que auxiliassem, por todos os meios ao seu alcance, essa empreza confiada á sua diligencia.

Esses auxilios tornaram-se effectivos, e Fernão Dias, só de sua parte, forneceu á comitiva de Agostinho Barbalho mil varas de panno de algodão, armas, mantimentos e indios, tudo especificado na certidão que se lhe passou em 9 de Agosto de 1669.

---

(21) *Nobiliarchia Paulista*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme — *Revista do Instituto Historico do Brazil*, vol. 33.

A missão e as regalias conferidas a Agostinho Barbalho contrariaram em extremo ao conde de Obidos, governador geral do Brasil: elle deixou attestado de sua má vontade em uma carta dirigida a d. Pedro de Mello, governador do Rio de Janeiro, escripta da Bahia a 23 de Fevereiro de 1666 e na qual se lê:

> tudo isso de Agostinho Barbalho é van ambição e vans quantas promessas ha feito das minas, por cuja causa é certo não deve ser a tenção de s. magestade que se lhe paguem soldos. Elle entra de pés de lan a pedir o que consta do ról que v. s. me enviou: pouco a pouco se hade querer ir introduzindo nos soldos, que de nenhuma maneira convem se lhe paguem: v. s. tem satisfeito a carta de s. magestade no que té aqui tem obrado: sou de parecer que se lhe não dê mais cousa alguma: que já com o que tem recebido se não pode desculpar nem v. s. deixar de ser o instrumento de todo o bom successo que tiver si acaso fôr mais feliz a sua confiança do que hão sido as diligencias de Salvador Corrêa, impossivel que só poderá vencer sem esperança a fortuna de s. magestade: pelo que v. s. suspenda o concurso de tudo o mais que lhe pedir. (22)

Não se pode traduzir mais categoricamente o desanimo que de ha muito se havia apoderado dos administradores do Norte, em relação á descoberta das minas e da Serra das Esmeraldas.

A carta do Conde de Obidos revela mais, que algumas altas auctoridades brasileiras não acompanhavam os desejos da metropole no empenho incessante de descobrir as minas.

No Sul, porém, proseguiam cada vez mais activas e energicas as diligencias para as descobertas: os sertões eram batidos por successivas partidas de bandeirantes, que voltavam trazendo indios escravizados e a convicção de que as tentativas do descobrimento das minas seriam coroadas de exito, um dia ou outro.

Não só se minerava o ouro de lavagem em S. Paulo, como crescia a crença nas minas de prata de Paranaguá e de outros pontos.

Tendo preparado em S. Paulo a sua expedição, Agostinho Barbalho seguiu para o Rio de Janeiro e d'ahi para o Cabo Frio e mattas do Espirito Sancto, onde fez pesquisas em diversas direcções durante todo o anno de 1665, sem nada ter conseguido. Quando se resolveu a penetrar os sertões, para seguir o itinerario de seus predecessores, começaram a escassear os recursos de que dispunha.

---

(22) Manuscripto da Bibliotheca Nacional, transcripto pelo dr. Francisco Lobo Leite Pereira. — *Em busca das esmeraldas. Revista do Archivo Publico Mineiro*, 1897, anno II, fasciculo 3.º

Foram baldados os pedidos que fez ás autoridades superiores do Rio e da Bahia: e não podendo no Espirito Sancto encontrar viveres e munições de que carecia, enviou um emissario, Clemente Martins de Mattos, levando cartas, datadas de 11 de dezembro de 1666 e dirigidas ás Camaras de Santos e de S. Paulo, nas quaes expunha a situação em que se encontrava e lembrava as recommendações de el-rei, na esperança de que vassallos fieis e zelosos como eram, os officiaes da camara paulistana não lhes faltariam com o auxilio necessario para levar a bom desempenho a missão de que se achava encarregado (23).

A morte, porém, colheu Agostinho Barbalho em meio de sua empreza; e nos sertões do Espirito Sancto, em sitio desconhecido, dormem os restos d'esse tenaz explorador e de grande parte de sua comitiva, ficando, ainda desta vez sem effeito o descobrimento das custosas esmeraldas, tão desejadas como jamais descobertas, tantas quantas vezes procuradas (24).

Fernão Dias, sabendo que a morte de Agostinho Barbalho frustrara os designios d'el-rei, que tão instantemente lhe havia recommendado a sua empreza, esqueceu-se da avançada edade, que tinha, e n'uma explosão de patriotismo e de dedicação ao seu soberano, offereceu-se ao governo da metropole com a sua pessoa e bens, para renovar o emprehendimento da descoberta das minas do sertão, tantas vezes intentada e tantas mallograda. Era Fernão Dias um dos homens mais notaveis de S. Paulo, naquella epocha: — chefe de illustre e numerosa familia, tinha avultados bens de fortuna, possuia grandes lavouras, trabalhadas por milhares de escravos entre os quaes se contavam indios domesticados, que havia trazido das suas investidas pelos sertões. Fernão Dias tinha domado a grande tribu dos Goianás, depois de uma lucta prolongada: — esses selvagens eram laboriosos e de boa indole; trazidos á civilização tornaram-se muito dedicados ao seu conquistador e se esforçaram á porfia por augmentar os seus haveres.

Essa conquista era um dos mais bellos florões da vida aventureira do audaz bandeirante paulista.

O offerecimento de Fernão Dias ao rei de Portugal foi feito por intermedio do governador geral do Brasil, Affonso Furtado de Castro do Rio e Mendonça, o qual apressuradamente o acceitou, enviando-lhe da Bahia uma carta patente, datada de 30 de Outubro de 1672, pela qual era elle nomeado chefe e governador de sua leva, do descobrimento das esmeraldas e da conquista dos indios Mapaxós.

---

(23) *Annaes do Rio de Janeiro* — B. da Silva Lisboa.

(24) *Informações sobre as minas de S. Paulo*, de Pedro Taques.

Outro sertanista notavel, que entre os arrojados bandeirantes d'essa epocha tinha grande fama, era Mathias Cardoso de Almeida, que já se havia assignalado por diversas entradas pelo sertão e pela conquista de grande numero de indios bravios, entre os quaes os temidos Mapaxós, cujos dominios Mathias Cardoso visitára por vezes, obrigando-os a se internarem para mais longe.

Quando Fernão Dias apresentou ao governador geral do Brasil o plano de sua expedição, pediu que fosse Mathias Cardoso nomeado seu auxiliar e successor no commando e regalias, caso lhe faltasse o vigor physico para levar a termo, por si proprio, tão audaz emprehendimento. Esse pedido foi satisfeito, sendo expedida a provisão de 13 de Março de 1673, pela qual era nomeado o capitão mór Mathias Cardoso ajudante de Fernão Dias, «o governador das esmeraldas».

Essa grande bandeira foi cuidadosamente organizada: — além de Mathias Cardoso, que era o chefe militar da expedição e que levava gente propria e sustentada á sua custa, estavam encorporados a ella Garcia Rodrigues Paes, e Manoel da Borba Gato, filho e genro de Fernão Dias, diversos sertanistas notaveis que tambem commandavam gente sua, como Antonio Gonçalves Figueira, Antonio do Prado Cunha, Francisco Pires Ribeiro e grande numero de sequazes escravos e indios, entre os quaes um contingente dos melhores Goianás que serviam a Fernão Dias. Essa numerosa bandeira, similhante a um verdadeiro exercito, poz-se em caminho do sertão, partindo de S. Paulo, a 21 de julho de 1674, sob o commando do governador Fernão Dias Paes, apezar da sua edade avançada «em tempo que os seus annos pediam a continuação de socego (25)».

Não foram menores, nem menos penosos, que os de seus antecessores, os sacrificios e trabalhos d'este intrepido e zeloso explorador, que consumiu sete annos em afanosas pesquisas de sertão, onde falleceu depois de ve-las coroadas de exito, descobrindo os sitios de onde Marcos de Azeredo havia tirado as suas presumidas esmeraldas.

Não se pode determinar com segurança o rumo, altura e graus certos em que foram encontradas as pedras que Fernão Dias trouxe do sertão, (26) e nem tão pouco o caminho exacto que seguiu. O que se sabe, á vista dos roteiros escriptos, é que elle tomou direcção differente dos seus antecesssores: — em vez de se guiar pelo curso dos rios, seguir parallelos geographicos ou caminhos de Norte para o Sul, como elles, a expedição de Fernão Dias, guiada pelo faro dos

---

(25) *Chronologia dos acontecimentos mais notaveis da Provincia de S. Paulo* Azevedo Marques.

(26) *Villa Rica* (poema): *Fundamento historico*. Claudio Manoel da Costa.

sertanistas, de que se compunha, e apoiando-se nos dados geographicos legados pelas expedições anteriores, tomou a direcção de Sul para o Norte até chegar ao poncto almejado, antevisto com uma precisão admiravel.

Apezar da escassez dos conhecimentos astronomicos da epocha, era tal o escrupulo nas sbservações feitas e tal o amor á verdade nas informações legadas por umas expedições ás outras, que estas podiam retomar com exito o roteiro d'aquellas, feitas embora com muitos annos de differença e partindo de rumos tão diversos, como occorreu com as de Fernão Dias e de Marcos de Azeredo.

Para se garantir contra a falta de viveres como contra os gentios, cujas terras ia atravessando e conquistando, Fernão Dias balisava o seu caminho por differentes póstos, onde plantava roças e deixava pessoal de confiança, de modo a assegurar a manutenção de sua comitiva e conservar aberta uma communicação permanente com S. Paulo onde seus postilhões pudessem transitar com segurança. Alguns d'estes póstos se tornaram, mais tarde, centros de população, e nunca mais se fechou a trilha aberta entre os poncetos povoados do littoral e o sertão bravio que começava a ser desvendado.

Segundo refere o historiador Southey, baseado num manuscripto de Pedro Dias Paes Leme, neto de Fernão Dias, os póstos — celleiros, estabelecidos no caminho d'essa expedição foram collocados em Vituruna, Paraopeba ou Parahibipeba, Sumidouro, Rio das Velhas, Roça Grande, Tucambira, Itamerendiba ou Itamirindiba, Esmeraldas, Matto das Pedrarias e Serra Fria.

Isso indica que a direcção geral do caminho seguido foi por Ibituruna, no rio das Mortes, perto de sua confluencia com o rio Grande, d'onde seguiram para o rio Paraopeba ou Parahibipeba (segundo se lê em velhos documentos paulistas): atravessando este perto do Brumado e seguindo o rumo da Lagoa Sancta, foram ter ao Sumidouro, onde a expedição permaneceu cerca de quatro annos.

Essa demora foi determinada por contratempos, filhos do arrojo com que os expedicionarios haviam enfrentado o sertão e que só a tenacidade e a perseverança do velho bandeirante podiam vencer, creando-lhe a aureola de renome que hoje cerca sua memoria. Os obstaculos, trabalhos, doenças e privações que foram apparecendo pelo caminho, dizimavam a comitiva, enfraquecendo e desanimando a bandeira, que tão enthusiasticamente havia partido de S. Paulo.

Atravéz de luctas incessantes contra o gentio e feras bravias, haviam os expedicionarios rompido o caminho até alli; mas já eram numerosos os claros nas fileiras, e o desalento invadia os peitos, outr'ora inflammados de tantas esperanças. Até então, não se havia feito descoberta alguma; isso, porém, não abatia o animo do intrepido sertanista, confiante no seu esforço e na sua bôa estrella.

Mathias Cardoso resolveu retroceder, levando os destroços de sua tropa; e deixando Fernão Dias nas margens do Paraopeba, voltou sobre seus passos e chegou a S. Paulo depois de dous annos de ausencia.

Outros imitaram esse exemplo e Fernão Dias se viu, nas margens do Guaicuhi ou rio das Velhas, accompanhado apenas de seus parentes, famulos e escravos.

Não era, entre estes, menor o desejo de regressar para S. Paulo; o sertão se lhes apresentava sombrio e povoado de novas luctas e de obstaculos mais temerosos; porém, a energia do velho chefe cerrou ouvidos ás supplicas e aos rumorejos. A idéa de voltar á patria, como vencido, sem trazer os attestados de seu esforço e zelo de vassallo fiel, estimulava o seu orgulho, no qual encontrava alento para se oppor aos desejos dos companheiros. O clima do Sumidouro era benigno, e as terras muito proprias á cultura dos cereaes; isto determinou a parada e demora da comitiva nesse sitio, para se reconstruir e emprehender a segunda parte da difficil jornada.

Fernão Dias despachou dous indios Goianás, como postilhões para S. Paulo, levando cartas, nas quaes dava noticias da expedição ao governador e ao principe regente, e communicava a seus amigos e a sua esposa a situação difficil em que se achava, recommendando instantemente a esta que lhe mandasse, com presteza, novos recursos de pessoal, munições e viveres, para levar por deante o emprehendimento que voluntariamente tomara a si.

Emquanto se esperava a vinda d'esses recursos, o pessoal occupava-se na plantação de roças e na exploração das circumvizinhanças, tendo como objectivo a prata e principalmente as esmeraldas, que obcecavam os pesquizadores. Durante quatro longos annos permaneceram ahi esperando os desejados recursos, que chegaram afinal.

O Sumidouro estava já transformado em arraial: dominava-o a *Quinta*, construida em uma eminencia do terreno, a qual se conserva até hoje, apezar de reconstruida e modificada atravéz dos tempos.

Os celleiros achavam-se atulhados de viveres, e grandes roças tinham sido plantadas em varios pontos do rio das Velhas, quando Fernão Dias proseguiu na sua rôta, deixando pessoal de confiança, para guarnecer este importante posto, provavelmente sob a chefia de seu genro Manoel de Borba Gato.

O velho sertanista continuou com o commando da expedição e tinha para ajudante o seu dedicado filho Garcia Rodrigues Paes.

Seguiram, a principio, o rio das Velhas; tomaram depois a direcção do Norte, até encontrar a serra do Espinhaço, que foi sempre flanqueada do lado do Poente; entrando no valle do rio Itacambira, seguiram o curso d'este até á sua confluencia no Jequitinhonha; atravessando-o, foram ter ao Arassuahi, cujo curso subiram até o

Itamarandiba, que é seu tributario na margem direita ; e ahi foi estabelecido o posto de Itamerindiba ou Itamandiba ou Itamirindiba, como se vê escripto em documentos antigos. A partir d'este logar, foram provavelmente encontrados vestigios das pesquisas de Marcos de Azeredo; e Fernão Dias poude se orientar nos roteiros d'este, de Tourinho e de Adorno, para explorar a zona banhada pelos affluentes da margem direita do Arassuahi, na qual foram estabelecidos os postos das « Esmeraldas e Matto das Pedrarias », provavelmente durante a exploração que fez das pedras verdes.

A comitiva de Fernão Dias aterrou-se, porém, com o isolamento em que se achou e com as difficuldades encontradas a cada passo de seu caminho:— vadeando rios e lagôas, cujas margens eram cobertas de espesso matto, assaltou o animo dos expedicionarios a fama de insalubridade, que, nas lendas dos seus predecessores, haviam adquirido aquellas paragens. D'ahi originaram-se novas desordens e desalentos, que Fernão Dias teve de supplantar com promptidão e energia, para não se ver novamente abandonado naquellas regiões ermas e desoladas.

O velho bandeirante chegou mesmo ao extremo de mandar enforcar o mameluco José Dias Paes, seu filho bastardo, que conspirava contra a sua vida.

Guiando-se pelas indicações dos roteiros que possuia, e com o auxilio de indios que aprisionou, pelo caminho, os quaes guardavam a tradição das pesquisas de Marcos de Azeredo, conseguiu, afinal, Fernão Dias atinar, em Fevereiro de 1681, com os socavões, dos quaes aquelle sertanista havia tirado as afamadas pedras verdes, objectivo de sua procura.

Não se conhece com certeza o sitio, onde terminou essa penosa peregrinação; mas é muito de crer que fosse na região banhada pelos rios Jequitinhonha e Arassuahi e pelos riachos Gravatá, Setubal, Lufa, Calhau, Pianhi e Urubu, que descem das montanhas a Leste da actual cidade de S. João Baptista e que separam as bacias do rio Doce e do Jequitinhonha.

E' essa a região mais rica de pedras coloridas, « que forma uma ilhota na parte Oeste da provincia de Minas, a pouca distancia dos seus limites com a da Bahia. » (27)

Effectivamente, ahi abundam as turmalinas de diversas côres negras, verdes, e rosadas, os andaluzitos dichroicos, cymophanios, trifanios, berillos, granadas almandinas, estaurotidas, quartzo diversamente colorido e amethystas. Demais, na zona banhada pelos affluentes da margem direita do Arassuahi e da margem esquerda do Jequitinhonha, existem lagoas maiores ou menores, entre as quaes

(27) *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto.* H. Gorceix, vol. I.

o « Lagoão », de grandes dimensões, que talvez fosse a celebrada Vapabussú das lendas, que acompanharam a pesquisa das esmeraldas desde os tempos de Sebastião Fernandes Tourinho. Geralmente, os lagos e rios d'essa região eram n'aquelle tempo, como alguns ainda são hoje, orlados de mattas, nas quaes penetram as cheias no tempo das aguas, desenvolvendo germens palustres, que produzem febres violentas e mortiferas, justificando a fama corrente, n'aquelles tempos, de que « os mattos circumvizinhos a Vapabussú exhalavam de si um halito pestifero. » (28)

O ultimo posto de parada, estabelecido por Fernão Dias em sua expedição, denominou-se Serra Fria, o que parece indicar itinerario de volta, na qual « se procurou um atalho para o Sumidouro passando no districto da actual cidade do Serro, onde talvez foi plantada uma roça como provisão para futuras entradas por esse caminho mais curto. » (29) Quando mais tarde se tornaram frequentes as bandeiras, que se internavam pelos sertões á busca de ouro, algumas dirigiram-se a essa zona por caminho que parecia já trilhado, ellas appellidaram-n'a *Ituruhi*, que na linguagem dos indios significa « montanhas frias » e com que foi conhecida uma vasta extensão de terrenos, que abrange os actuaes municipios do Serro e Diamantina.

Regressando triumphante de sua longa excursão, Fernão Dias não logrou, porem, rever a patria e a familia e levar pessoalmente ás auctoridades de S. Paulo o fructo de suas arduas e penosas pesquisas.

Alquebrado de forças, já septuagenario, com a saude profundamente estragada pelas fadigas, privações e molestias, que o assaltaram nos sertões, o velho bandeirante deteve-se doente nas margens do rio das Velhas e ahi expirou em paragem que não está bem determinada.

Esse acontecimento parece ter occorrido quando Fernão Dias, já tendo encontrado aquelle rio, seguia o seu curso subindo do Norte para o Sul e provavelmente abaixo do Sumidouro e dos sitios habitados por Borba Gato e sua gente.

Ao fallecer, Fernão Dias recommendara a seu filho e ajudante Garcia Rodrigues Paes, que fosse pessoalmente levar a S. Paulo a noticia da expedição e entregar á Camara as pedras colhidas, para que esta as mandasse ao rei.

Estava, então, quasi toda a comitiva adoentada, victima das febres, que em certa estação do anno assolam as margens do rio das Velhas; mesmo assim, Garcia Rodrigues partiu a dar cumprimento ás ultimas determinações de seu glorioso progenitor.

---

(28) *Villa Rica* (poema); *Fundamento Historico*, Claudio M. da Costa.
(29) *Os primeiros descobridores de ouro em Minas Geraes*. Orville Derby.

Trilhando o caminho que se conservara aberto para S. Paulo, encontrou elle pouco depois, a 26 de junho de 1681, nas margens do Paraopeba a grande comitiva de d. Rodrigo de Castel Branco, o qual vinha, como governador das Minas, emprehender novos descobrimentos e prestar auxilio de que carecesse a expedição de Fernão Dias, para levar a termo a descoberta das esmeraldas.

Depois de relatar a penosa peregrinação que fizeram pelo reino dos Mapaxós, o exito de seus esforços, a morte de seu pae e a situação de sua comitiva, Garcia Rodrigues fez entrega a d. Rodrigo de uma parte das pedras que trazia, guardando a outra para elle proprio levar á Camara de S. Paulo. As pretendidas esmeraldas, pesando 128 oitavas, foram cosidas em um saquinho, que foi depois lacrado: e disto mandou d. Rodrigo lavrar um auto para authenticar a entrega que lhe fez Garcia Rodrigues, e despachou, a 28 de junho de 1681, o seu ajudante de ordens Francisco João da Cunha para leval-as aos officiaes da Camara de S. Paulo. Este fez a entrega no dia 1.º de Septembro do mesmo anno, e pouco depois Garcia Rodrigues levava pessoalmente o restante das pedras que tinha, constando de 47 grandes e outras pequenas, que pesavam ao todo 133 1|2 oitavas.

De tudo isso foi tambem lavrado auto pela Camara de S. Paulo, a 11 de Dezembro de 1681 (30) verificando-se que o espolio de Fernão Dias continha crystaes e pedras verdes, as presumidas esmeraldas, e nenhum metal, — nem prata, que se procurava tambem, e — nem ouro, por cima de cujas jazidas elle fez uma grande extensão do caminho percorrido.

A expedição de Fernão Dias acha-se historicamente ligada á de D. Rodrigo de Castel Branco, um fidalgo castelhano, que passava por ser grande conhecedor das jazidas de prata e cujas relações e educação o fizeram mui bem acolhido na côrte portugueza. Querendo tirar definitivamente a limpo o que havia de verdade sobre as minas de prata do sertão bahiano cuja lenda se firmara com as aventuras de Roberio Dias, e bem assim das de Itabahiana, que Melchior Moreira tornara conhecidas desde 1615, pelas suas repetidas instancias perante o Governo da metropole para lhe fornecer meios de procural-as, resolveu este mandar d. Rodrigo ao Brazil, como administrador geral das minas e descobrimentos, levando pessoal e recursos, que lhe permittissem verificar, desde logo, a existencia das alludidas minas. Tinham chegado a Lisboa novas noticias e amostras destas, e isso determinou a organização do «Regimento das minas de prata de Itabahiana», datado de 28 de junho de 1673, que eram verdadeiras instrucções dadas a d. Rodrigo e ás auctori-

(30) Azevedo Marques; Chronologia de S. Paulo.

dades locaes que o deviam auxiliar. Em fins do anno de 1673 aportaram á Bahia d. Rodrigo, o seu ajudante Jorge Soares de Macedo, os guias e comitiva, trazendo um grande material para o lavor das minas e ensaio dos minerios.

Logo depois entraram para o sertão, e chegaram a Itabahiana em julho de 1674, dando começo aos trabalhos e pesquizas, que continuaram sem interrupção até 1678, mas sem outro resultado que o desengano de encontrar as esperadas minas de prata, nem em Itabahiana, nem em outros ponctos do sertão, onde se acreditava que existissem. Communicando para Lisboa o resultado negativo de suas pesquizas, foi d. Rodrigo nomeado, por alvará de 29 de novembro de 1677, administrador geral das minas de Paranaguá e Sabarabussú.

Estavam desvanecidas as esperanças das minas do Norte; e o governo portuguez ordenou a d. Rodrigo, nas instrucções que lhe foram expedidas, que se passasse ás minas de Paranaguá para averiguar a existencia das jazidas de prata, que se suppunha haver em todo o littoral e sertões do Sul; e se fosse verificada a falsidade dessa crença, que se passasse ao sertão, por onde havia se internado a expedição de Fernão Dias, procurando a serra do Sabarabussú e as afamadas esmeraldas.

O principe regente, seriamente desejoso de fazer a averiguação destas, escreveu na mesma data de 29 de novembro de 1677 aos officiaes da Camara de S. Paulo e a pessoas gradas da capitania, communicando a missão confiada a d. Rodrigo e recommendando-lhes que prestassem todo o auxilio e soccorro de que carecesse para o seu bom desempenho.

D. Rodrigo partiu da Bahia com sua comitiva para o Rio de Janeiro, onde chegou no mez de novembro de 1678; e dahi mandou incontinente um de seus ajudantes, João de Campos Mattos, a pesquizar o interior e examinar, si nos montes que formavam os contrafortes da grande Serra do Mar encontraria alguma jazida de metaes ou pedrarias; mas nada conseguiu. Partiram em seguida para Santos, de onde foi enviado o mestre de campo Jorge Soares de Macedo ao descobrimento das minas de prata do sertão do Sul até o Rio da Prata, para onde o mesmo partiu em março de 1679, indo em seguida d. Rodrigo ás pretendidas minas de Paranaguá.

Nos sertões que tinham essa denominação eram exploradas nessa epocha as minas de ouro de Peruna, que haviam sido descobertas pelo paulista Gabriel de Lara, bem como a de Itambé, no ribeirão de N. S. da Graça, descoberta por João de Araujo e as de N. S. da Conceição pelo paulista Salvador Jorge Velho.

D. Rodrigo não logrou, porém, augmentar esses descobrimentos nem tão pouco encontrar prata ou signaes de seus minerios. Com

esses desenganos, partiu elle para Santos e dahi para S. Paulo, onde chegou a 30 de Maio de 1680.

Poz-se logo a organizar sua expedição e dispôr a viagem para Sabarabussú, congregando, a 20 de junho, os mais notaveis sertanistas, afim de ouvir suas informações e conselhos.

Escolheu d. Rodrigo para commandante de sua gente a Mathias Cardoso de Almeida, o bandeirante mais conhecedor dos sitios, por onde se deviam internar, e reputado o mais capaz de conduzir soccorros a Fernão Dias, por haver trilhado o seu itinerario e ter sido seu companheiro na entrada que este fizera.

Mathias Cardoso foi com gente sua e á custa propria, como quando seguiu com Fernão Dias.

Outros sertanistas celebres se incorporaram a d. Rodrigo, taes como Manoel Cardoso de Almeida, irmão de Mathias, Estevam Sanches de Pontes, André Furtado e João Dias Mendes.

Foram, porém, morosos os preparativos d'essa expedição, nos quaes d. Rodrigo punha cuidado especial, organizando tropa de animaes, gado, viveres e munições, capazes de resistirem a uma longa demora pelo sertão.

Tal morosidade impacientava a seus companheiros; e Mathias Cardoso não o dissimulava, chegando a exproba-la a d. Rodrigo, e accusando-o por isso. A expedição, finalmente poz-se em marcha de S. Paulo, a 9 de Março de 1681, levando, além do pessoal dirigente, 120 trabalhadores para as minas, 60 indios para a conducção de objectos de d. Rodrigo e 60 outros indios pertencentes a Mathias Cardoso. O itinerario que seguiram foi o mesmo de Fernão Dias, até chegarem ás margens do Paraopeba, a 25 de Junho, onde encontraram Garcia Rodrigues, que ia para S. Paulo, e onde este entregou a d. Rodrigo parte do espolio deixado por seu pae, fructo de sua estada nas paragens conhecidas pelo «sertão das esmeraldas». Pouco depois chegou a comitiva ao Sumidouro, que já era um poneto habitado e de recursos.

Pretendia d. Rodrigo proseguir em sua rota, descortinando novas conquistas; mas a morte de Fernão Dias e as pedras que este trouxera tiravam até certo poneto a razão de ser de sua expedição; por isso deteve-se no Sumidouro, colhendo informações e estudando a situação, para resolver si devia ou não continuar as descobertas e desbravar o sertão inculto.

Já nessa epocha era patente a rivalidade dos Paulistas contra d. Rodrigo: custosamente a dissimulavam os de sua comitiva: e Borba Gato, que se conservava no Sumidouro, informado dos antecedentes do fidalgo castelhano e de seus planos, não poude esconder a contrariedade que lhe causava sua estada naquelle sitio, com regalias, vantagens e auctoridade, que affectavam até certo poneto

a sua propria auctoridade e senhorio, em terras conquistadas com tanto esforço.

Mais de uma vez os dous discutiram o caso; e a calma e prudencia de d. Rodrigo moderaram sempre o espirito escaldado do intrepido Paulista.

Desejoso, porém, de ver internar-se pelo sertão a comitiva de d. Rodrigo e deixar livre a sua auctoridade alli, como até então a tinha elle exercido, Borba exprobrou ao fidalgo castelhano a sua inacção, que contrastava com as esperanças postas pelo rei no seu esforço, como testemunhavam as regalias e honras de que se achava investido. D'ahi surgiu discussão mais acalorada, exaltando-se os dous e os famulos que os guardavam, a ponto de passarem á troca de palavras violentas, que estavam prestes a se transformar em pugilato, quando, d'entre a gente de Borba, partiram dous tiros certeiros de mosquete que prostraram d. Rodrigo sem vida.

Isso occorreu em Outubro de 1681, num sitio proximo do Sumidouro, que até hoje conserva o nome de *Fidalgo*, talvez recordando esta tristissima tragedia.

No atordoamento causado por tão extranho facto, não houve meio de manter a necessaria disciplina entre o pessoal de que se compunha a comitiva de d. Rodrigo.

Esta debandou por completo, apossando-se cada qual dos viveres, gado e munições que lhe foi possivel apanhar. Alguns regressaram para S. Paulo; outros, em pequenos grupos, se espalharam pelas margens do rio das Velhas, desceram até o S. Francisco ou internarem-se pelo sertão, estabelecendo-se em fazendas, plantações e roças, e iniciando a criação de gado, que tomou desde logo desenvolvimento nessa zona.

Trazida a S. Paulo a nova do assassinato de d. Rodrigo, foi este facto levado ao conhecimento do principe regente em carta escripta pela Camara, quasi um anno depois, a 2 de Novembro de 1682.

Já nessa epocha achava-se d. Rodrigo officialmente destituido do cargo de governador geral das minas, talvez em virtude das informações mandadas a Lisboa pelos Paulistas.

Manoel da Borba Gato permaneceu ainda algum tempo no Sumidouro; mas, pouco depois viu-se forçado a abandonar suas plantações e propriedades e procurar homisio em paragens desconhecidas, para se furtar ao castigo que lhe adviria pelo crime de lesa magestade commettido.

Deixando livre parte de sua gente, que se foi encorporar aos destroços espalhados da comitiva de d. Rodrigo, Borba não quiz se internar por esses lados, receioso de vir a ser descoberto: e foi

procurar abrigo nas mattas do rio Doce, onde permaneceu por alguns annos até regressar a S. Paulo, podendo ahi viver occulto, graças ao esquecimento de seu crime, que se ia apagando aos poucos da memoria do povo.

Mais tarde voltou elle a habitar por longo tempo aquelles mesmos sitios, onde passou o resto de seus dias cercado de toda consideração e opulentado por grande cópia de bens de fortuna.

E' controverso haver ou não Borba Gato descoberto o ouro do rio das Velhas, durante o longo tempo que alli permaneceu.

A presumpção leva a crer que fosse elle o primeiro a tocar naquelles incomparaveis thesouros. Com effeito, a sua indole aventureira de que ficaram tantas provas, repugnaria a inercia que se fazia mister para não ver e tirar a quantidade immensa de ouro espalhada á flôr da terra, em todos os sitios onde permaneceu por longos annos, ora derrubando mattas para fazer plantações, ora cavando, á procura da prata e das esmeraldas, que era a principal razão de sua estada alli.

Entre o Sumidouro e a actual cidade de Sabará, em cujas proximidades foi estabelecido o posto de Roça Grande, da expedição de Fernão Dias, existiram grandes e riquissimas alluviões auriferas, inda hoje attestadas pela enorme quantidade de montienlos de cascalho, que margeam o rio das Velhas. Essa zona foi provavelmente percorrida muitas vezes durante annos seguidos por Borba e sua gente; e não é crivel que não vissem o que todos viram e procuram depois. E' certo que no espolio de Fernão Dias não se encontraram metaes; e parece que, si o ouro tivesse já sido descoberto naquella epocha e na abundancia que tinha o rio das Velhas, era natural que o velho bandeirante se apressasse em denuncia-lo.

Mas, como a sua missão principal era a descoberta das esmeraldas, talvez elle quizesse dar conta della, deixando a gloria do descobrimento dos metaes a seus filhos e genro, que o acompanharam.

A contrariedade que teve Borba Gato em ver a longa permanencia de d. Rodrigo e de sua grande comitiva no Sumidouro e o desejo que tinha de impelli-lo para os sertões longinquos constituem mais uma presumpção de que elle queria guardar o segredo e as vantagens de sua descoberta e se mostrava receioso e ciumento de que tal gloria viesse caber a outrem.

Demais, quando os bandeirantes começaram a invadir, em partidas frequentes e successivas, as regiões de Itaverava, Ribeirão do Carmo e outras, onde se havia descoberto o ouro, e o governador Arthur de Sá resolveu visita-las, Borba Gato se lhe apresentou dizendo «que dignando-se prometter-lhe perdão em nome de el-rei, elle iria patentear-lhe minas tão abundantes de ouro que seriam

uma nova fonte de riqueza para a corôa e de prosperidade para os vassallos.» (31)

Guiando-o á região do rio das Velhas, Borba levou Arthur de Sá a minas riquissimas, não só no leito deste rio, como no de alguns dos seus affluentes, as quaes foram desde logo distribuidas, e começaram a ser exploradas: e isto lhe valeu seu perdão e o posto de tenente-general, concedido pela carta patente de 15 de outubro de 1698.

Seria de uma inqualificavel audacia esse offerecimento, que poderia perde-lo para sempre, si Manoel da Borba Gato não estivesse completamente convencido de que poderia cumprir a promessa feita ao governador da capitania.

Póde-se, pois considerar fechado com a expedição de Ferrão Dias o grande cyclo de soffrimentos e de agruras estereis, percorrido atravez de quasi dous seculos pelos primeiros sertanistas que se aventuraram ao descobrimento das minas.

Vai agora começar uma nova jornada, egualmente ponteada de dôres e de agonias, que conduziu os aventureiros aos mais longinquos sertões de Minas, Goyaz e Matto Grosso, attrahidos todos pelo descobrimento das abundantes minas de ouro, onde muitos ficaram sepultados nos seus sonhos de cobiça, e de onde muitos outros regressaram cobertos de riquezas, a despertar invejas, aguçar ambições e crear energias para novas e mais perigosas investidas.

A pertinacia do velho e destemido explorador Fernão Dias Paes Leme, demorando-se por tantos annos nos sertões, que elle esquadrinhou e percorreu em rumos differentes, com uma audacia e minuciosidade até então nunca vistas; o seu cuidado em garantir-se contra os selvagens, creando postos de defesa ao longo do caminho percorrido; e a previdencia com que se houve, deixando plantações feitas na direcção que trilhava, — foram outros tantos elementos de exito para a sua arriscada empreza, e contribuiu para o desbravamento da estrada que devia conduzir aos successivos descobrimentos que se lhe seguiram.

A fé inabalavel, que elle tinha no seu esforço, e o zêlo de que deu provas, arriscando-se, já velho a penas e soffrimentos de toda ordem, com o unico intuito de ser util á sua patria e de corresponder á confiança de seu soberano, — foram estimulos beneficos, que ficaram para os continuadores de sua empreza, e destacam na nossa historia, o seu vulto imponente como o do mais valoroso heróe dos sertões brasileiros.

---

(31) *Primeiros descobrimentos das minas de ouro na Capitania de Minas Geraes*, pelo Coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça; *Revista do Archivo Publico de Minas*, tomo IV, fasciculos I e II, 1899.

O OURO

A descoberta do ouro foi o mais efficaz incentivo para o descortinamento e povoação dos sertões da nova colonia portugueza.

A principio só o littoral recebia visitas dos europeus.

Nas florestas virgens que orlavam o oceano nas costas do Brasil, encontravam elles valiosas e preciosissimas madeiras, que fizeram o objecto de um activo commercio de exportação, despertando a cubiça dos piratas. Estes infestavam os mares, e numerosos entrelopos das nações do velho continente seguiram a esteira das naus portuguezas para lhes disputar a conquista de sua importante colonia.

Foi tão activa a exploração das riquezas florestaes, nos primeiros annos subsequentes á descoberta de Cabral, que a denominação primeiramente dada a *Terra de Santa Cruz* mudou-se dentro em pouco e insensivelmente para *Brasil*, pela abundancia da bellissima madeira desse nome tão frequente nas suas mattas. «O tracto e o uso familiar fizeram, pois, que o nome do lenho lucrativo supplantasse o do lenho sagrado.» (32)

A convivencia que se foi estabelecendo entre os primeiros colonos e os gentios, habitantes do paiz, despertava naquelles a curiosidade natural de conhecer o interior, aventurando-se aos perigos e ás fadigas de viagens, emprehendidas atravez da floresta virgem, sem guias, sem direcções, quasi sempre sem trilhos, no meio de feras e de inimigos, soccorrendo-se da caça e da pesca para o alimento, encontrando ás vezes rios caudalosos a vadear, e privados outras vezes, por dias successivos, de uma gotta dagua que lhes mitigasse a sêde.

---

(32) Visconde do Porto Seguro: *Historia do Brasil.*

Bem ou mal succedidas, todas essas tentativas, feitas com ingentes sacrificios e trabalhos, estimulavam cada vez mais a curiosidade de uns e despertavam em outros a cubiça dos thesouros de que se acreditava copiosa a terra, cuja posse tanto lhes custava.

Era natural que a imaginação daquelles audazes aventureiros, separados da patria e dos seus affectos pela extensão quasi infindavel dos mares, se estimulasse com o aspecto de uma natureza pujante de vida tropical, que lhes offerecia a cada momento espectaculos novos, ora de belleza deslumbrante, ora de perigos apavorantes e horriveis.

No silencio das longas noites, passadas no seio das florestas virgens, ou no mourejar dos dias calidos cheios de fadigas e de emoções, nasceram naturalmente sonhos de ambição e de riquezas, entre os primeiros povoadores do Brasil, quasi sem testimunhas de seus labores e sacrificios.

Formaram-se, pois, lendas, que se foram multiplicando, ampliadas e deformadas com o tempo, corroboradas pelo testimunho dos indios, vindos do interior, os quaes na sua ingenuidade e simpleza suppunham ter visto tudo quanto a suggestiva narração dos aventureiros transmittia de uns para outros.

Ellas constituiram o santelmo, que conservava sempre accêsa, no peito de gerações successivas, a esperança, que as guiou na conquista do sertão. Era, porém, tão difficil e penoso o desbravamento das mattas, que, por mais de um seculo depois da vinda dos primeiros colonos ao Brasil, pouco se conhecia do interior, apezar das reiteradas recommendações da metropole e do esforço dos primeiros administradores da colonia. Commentando esse facto, dizia frei Vicente do Salvador, em 1627:

> Da largura que a terra do Brasil tem para o Sertão não tracto, porque até agora não houve quem o andasse, por negligencia dos Portuguezes, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam dellas, mas se contentam de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos. (33)

Pouco se sabe, ao certo, das primeiras tentativas para a descoberta do ouro.

Foram tantos os que se aventuraram na procura de pedras e de metaes, tantos outros se internaram á busca de riquezas sem especificação definida, tantos os que se embrenharam nas mattas para o aprisionamento dos indios ou por simples curiosidade, voltando uns com a convicção de haver encontrado ouro, presumindo-o muitos e

(33) Frei Vicente do Salvador: *Historia do Brasil.*

desanimados outros, que difficilmente se poderá certificar qual foi o primeiro ou quaes os que verdadeiramente se enveredaram na descoberta do precioso metal.

A principio, foram as esmeraldas e depois a prata que conduziram os bandeirantes aos sertões inhospitos.

Essa obcecação permaneceu por muito tempo; e todas as tentativas terminaram por desenganos pungentes, ficando os sertões balisados pelas ossadas de numerosos aventureiros.

A primeira referencia positiva e documentada do ouro, que se encontra nos roteiros deixados pelos exploradores, é a da expedição de Martim Carvalho, que o achou entre 1568 e 1570, nos sertões do Norte do actual Estado de Minas, então pertencente á Bahia, segundo o testimunho de Pero de Magalhães Gandavo. (34)

Diz Wilhelm Glimmer, (35) que quando d. Francisco de Sousa foi da Bahia a S. Paulo, tinha antes recebido « de um brasileiro um certo metal extrahido, segundo dizia, dos montes de *Sabaroason*, de côr azul escura ou celeste, salpicado de uns granulos côr de ouro ».

E á procura d'esse mineral, que se suppunha ser prata, e das pretendidas minas de ouro do Sabará-buçú, e das nascentes do S. Francisco, partiu de S. Paulo a expedição de 1601, commandada por Nicolau Barrêto, que nada conseguiu.

Nos roteiros, que ficaram de Gabriel Soares e de Melchior Dias Moreira, faz-se tambem allusão á descoberta do ouro nos sertões da Bahia, mas nenhuma amostra foi apresentada para justifical-a.

Em epocha anterior, encontra-se egualmente referencia a esse metal na correspondencia que ficou de alguns membros da administração publica e na que entre si trocaram os padres jesuitas, incumbidos da catechese dos indios, os quaes eram os homens mais lettrados que vinham ao Brasil.

Duarte Coelho Pereira, donatario da capitania de Pernambuco, dizia a D. João III em carta datada de Olinda a 27 de abril de 1542:

> Quanto, senhor, ás cousas do ouro, nunca deixo de inquirir e procurar sobre o negocio e cada dia se esquentam mais as novas: mas, como sejam d'aqui longe pelo meu sertão a dentro e se ha de passar por tres gerações de mui perversa e bestial gente, ha de se passar essa jornada com muito perigo e trabalho, etc. (36)

---

(34) *Historia da Provincia de Santa Cruz*, já citada.
(35) *Historia Naturalis Brasiliæ*, de Piso e Maragraff.
(36) Dr. Mello Moraes: *Brasil Historico*, 2.ª serie, I.

O padre Manoel da Nobrega dizia tambem em sua carta de 6 de Janeiro de 1550, datada de Porto Seguro:

> Dizem que aqui se encontrará grande quantidade de ouro que pelas poucas forças dos christãos não está descoberto, e egualmente pedras preciosas.

O sertanista Philippe Guilhem escrevia a D. João III a 20 de Julho de 1550, affirmando que os indios chegados a Porto-Seguro noticiavam a existencia, perto de um rio, de uma grande serra,

> que resplandece muito e que é muito amarella e da qual vão ter ao dito rio pedras da mesma côr, a que nós chamamos pedaço de ouro. (37)

Em carta escripta de Olinda, a 14 de Septembro de 1551, dizia o padre Manuel da Nobrega que o governador geral Thomé de Sousa lhe pedia um padre para ir com certa gente que s. a. mandára a descobrir o ouro, do qual havia muitas novas que pareciam certas. (38)

Essa expedição realizou-se entre 1553 e 1554, sobre a chefia de Francisco Bruza de Spinosa, segundo investigação do sr. Capistrano de Abreu, e d'ella fez parte o padre Aspilcueta Navarro, que a relata na sua carta, de 24 de Junho de 1555, escripta de Porto-Seguro. Mas nella « não descobriram os haveres que buscavam. » (39)

No Sul começou-se egualmente a propalar a descoberta do ouro. O bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, escrevendo a D. João III, em carta datada do Salvador, a 12 de Julho de 1552, dizia: « Hontem chegou um navio da capitania de S. Vicente, que deu certa nova que era muito ouro achado pela terra dentro e que eram lá idos muitos Portuguezes. » (40)

Escrevendo de S. Paulo, em 1554, dizia tambem o padre José de Anchieta: « agora finalmente descobriu-se uma grande cópia de ouro, prata, ferro e outros metaes, até aqui inteiramente desconhecida, como affirmam todos ».

A' vista d'essas noticias, o governo portuguez nomeou o mineiro Luiz Martins, por alvará de 7 de Septembro de 1559, para examinar os metaes novamente descobertos. E no anno seguinte foram mandados ao sertão, em busca de ouro, pelo governador geral Mem de Sá, o alludido mineiro Luiz Martins e o provedor Braz Cubas que lhe serviu de guia.

---

(37) Dr. Mello Moraes, obra citada.
(38) Padre Simão de Vasconcellos: *Chronica da Companhia de Jesus.*
(39) Simão de Vasconcellos, ob. cit.
(40) *Revista do Instituto Historico*, vol. XLIX, parte 1.ª, 1886, pag. 583.

Braz Cubas, ao regressar a Santos, deu conta a el-rei, em carta datada de 25 de abril de 1562, da incumbencia de que havia sido encarregado.

Referindo-se a essa carta, que ainda não foi dada á publicidade, diz o historiador Varnhagem, que os d'essa jornada andaram umas trezentas leguas sem fructo, mas, ao voltarem, acharam ouro mui perto, naturalmente para as bandas de Jaraguá.

Sobre este facto existe um documento historico, citado em uma publicação recente feita pelo dr. Francisco Lobo Leite Pereira, (41) que é a «certidão de Jacome da Motta, escrivão da camara e tabellião da villa do Porto de Santos, na costa do Brasil, porque consta que Luiz Martins tinha chegado do Campo, aonde por mandado do governador tinha ido para ver si descobria alguns metaes, e que elle achára o ouro, que perante muitas testimunhas logo alli mostrou, o qual pesava tres marcos e seis grãos e ficava na mão do dito Luiz Martins para remetter ao governador da Bahia de Todos os Santos; a 11 de maio de 1562.» E da louza que cobre os restos de Braz Cubas, em Santos, lê-se que elle descobriu o ouro em 1560.

Em 1578 já era corrente a noticia da existencia das minas de ouro e de prata, da capitania de S. Paulo, como affirmava John Whithall residente em Santos, em carta que escreveu para Londres a 26 de Junho d'aquelle anno.

Ao expedir, em 15 de Agosto de 1603, o primeiro regimento das terras mineraes no Brasil, prefaciou-o Philippe III com estas palavras:

> ... que sou informado que nas partes do Brasil são descobertas algumas minas de ouro e prata, e que facilmente se poderão descobrir outras, etc.

Isso revela que naquella data já eram positivamente conhecidas minas de ouro nessa parte de suas colonias.

Chegando d. Francisco de Souza a S. Paulo, em 1599 encontrou em actividade a mineração desse metal, posto em pequena escala e espalhada por uma grande zona do littoral da capitania e nas vizinhanças da villa.

Effectivamente, refere o inglez Antonio Kneivet que, no assalto de Sanctos por Thomaz Cavendish, em 1591, os pirantes levaram muito ouro de um certo logar chamado Mutinga, que é provavelmente a garganta de Tutinga ou Itutinga, na Serra do Mar, que dá accesso ao planalto de S. Paulo, onde se achavam as dictas minas. (42)

---

(41) *Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes*, publicado no *Monitor Sul Mineiro*, folha periodica da cidade da Campanha, Estado de Minas, de 1.º de janeiro de 1901.

(42) Orville Derby: *Os primeiros descobridores do ouro em Minas Geraes*, já citado.

No testamento de Affonso Sardinha, feito em 1604, declarou elle, enumerando os bens que deixava, que era possuidor de 80,000 cruzados de ouro em pó. (43)

Esses factos revelam que anteriormente á primeira vinda de d. Francisco de Souza a S. Paulo, já ahi se minerava o precioso metal, e nem de outro modo se explica que os piratas inglezes encontrassem tanto ouro reunido em Sanctos e que Sardinha possuisse, ao fallecer, tamanha quantidade de ouro em pó.

D. Francisco de Souza, depois de haver exercido o cargo de governador geral do Brasil, foi nomeado, em 1608, para administrar as trez capitanias do Sul, quando foi resolvido dividir-se em dous o governo do Brasil.

Esse acto correspondia aos desejos da metropole, de ver descobertas as minas já tão falladas: e a nomeação de d. Francisco não deixa duvidas a respeito, quando se sabe que nenhum outro governador geral do Brasil se entregára á descoberta das minas com egual ardor e zêlo.

Ao empossar-se do seu novo cargo, foi o primeiro cuidado de d. Francisco internar-se por S. Paulo para se certificar do que havia de verdade nos boatos correntes sobre a existencia das minas de ouro, e teve occasião de visitar pequenas explorações, que já então se ensaiavam nas alluviões dos valles do Tamandatahi e Tieté e nas fraldas dos montes de Jaraguá e Japi e serra do Paranápiacaba, bem como em Paranaguá e Coritiba.

Nos primeiros annos do seculo XVII, achavam-se em franca exploração as minas de Jaraguá, distante seis legoas de S. Paulo, então villa de Piratininga, e que tiveram fama de conter grandes riquezas.

A montanha de Jaraguá e os morros vizinhos formam na opinião de Augusto de Saint Hilaire, (44) a extremidade meridional da longa cadeia da Mantiqueira.

Aquellas minas foram as primeiras descobertas no Brazil, segundo affirma o viajante inglez John Mawe, (45) que as visitou em 1810.

Partilham a mesma opinião dous outros illustres homens de sciencia que tambem as visitaram nos primeiros annos do seculo findo, o barão d'Eschwege (46) e Kidder (47), os quaes fazem remontar a descoberta a 1590. Acreditou-se, finalmente, que as minas

---

(43) Azevedo Marques: *Chronologia dos principaes acontecimentos da Provincia de S. Paulo.*

(44) *Voyage au Brésil.*

(45) John Mawe: *Travels in the interior of Brazil.*

(46) *Pluto Brasiliensis.*

(47) *Sketches.*

encontradas por Braz Cubas e Luiz Martins tivessem sido as de Jaraguá, o que recuaria a descoberta destas a 30 annos antes: mas não ha prova positiva desse facto. E o provecto investigador dr. Francisco Lobo (48), assevera: «todavia não foi esse o logar em que primeiramente se extrahiu ouro na capitania de S. Vicente», e para demonstral-o cita o criterioso historiador Azevedo Marques (49), que diz haverem os officiaes da Camara de S. Paulo informado, em carta de 13 de Janeiro de 1606, que a cêrca de trez legoas da serra de Biraçoiaba «está a Cahatiba donde se tirou o primeiro ouro».

E isso parece estar mais de harmonia com a descoberta de Braz Cubas, o qual suppunha haver encontrado tambem prata e ferro; e foi na zona de Biraçoiaba ou Sorocaba, em que mais insistentemente se acreditou por muitos annos acharem-se reunidos esses trez metaes.

Segundo o historiador Pizarro, a exploração regular das minas de Paranaguá precedeo a das de Jaraguá, pois elle faz aquella remontar a 1578.

Descrevendo a villa de S. Paulo, diz J. Mawe que ella foi fundada pelos Jesuitas, «provavelmente mais seduzidos pelas minas de ouro dos seus arredores, do que pela salubridade devida á sua posição, que a esse respeito não tem egual na America do Sul».

Referindo-se ás minas de Jaraguá, accrescenta que eram ellas «famosas pelos immensos thesouros que produziam, havia perto de duzentos annos: o ouro era embarcado para a Europa nos portos de Sanctos e S. Vicente, e aquelle districto era reputado o Perú do Brasil».

O metal era encontrado nos cascalhos lavados em bateias, fazendo-se a exploração pelos processos mais rudimentares e primitivos.

Attrahiu particularmente a attenção do viajante inglez a quantidade de residuos das antigas lavagens que formavam, por toda parte, numerosas pilhas, contendo grande diversidade de substancias mineraes.

A formação aurifera dessas minas era na opinião do naturalista brasileiro José Bonifacio, que as visitou em 1820, (50) proveniente da decomposição de minerios auriferos ferruginosos que formavam uma especie de cascalho repousando sobre camadas de grez. As minas de Jaraguá eram numerosas, com as diversas denominações seguintes: *Quebra-pedra* e *Camapiara*, tinham formação de cascalho—*Caraputuhã*

---

(48) *Monitor Sul Mineiro*, de 1.º de janeiro de 1891, já citado.

(49) *Apontamentos historicos da Provincia de S. Paulo*, pag. 225.

(50) José Bonifacio e Martim Francisco Ribeiro de Andrada: *Viagem mineralogica na provincia de S. Paulo.*

que era um veio de quartzo fendilhado e ferruginoso; as de *Santa Fé*, que foram muito ricas e onde o cascalho repousava sobre a pissarra cortada de veios de quartzo aurifero: — em *Samambaia* e *Itahi* o ouro se encontrava nas areias do ribeirão desses nomes. Não se conhece sobre as minas de Jaraguá mais do que isso: e nem no menos a tradição conservou o nome de seu descobridor ou descobridores.

Talvez fosse Affonso Sardinha, a cujo respeito se lê o seguinte na *Nobiliarchia Paulistana* de Pedro Taques: «... o affamado Paulista Affonso Sardinha, primeiro descobridor das minas de ouro em todo Estado do Brasil, em S. Paulo, na serra de Jaguamimbaba, que agora se chama Mataguira; na de Jaraguá, termo de S. Paulo, na de Vuturuna, termo da villa de Parnahiba; e na de Hibiraçoiaba, termo de Sorocaba. Esse Affonso Sardinha fez muitos serviços, á sua custa á real corôa, não só com o descobrimento de minas de ouro, já no anno de 1590, mas tambem,» etc. (51)

Quando d. Francisco de Sousa, governador e capitão geral do Estado do Brasil, esteve pela primeira vez em S. Paulo, nomeou Diogo Gonçalves Laço capitão das minas de ouro e prata de Hibiraçoiaba, em Julho de 1601, sendo, nessa occasião, declarado que o descobridor das minas havia sido Affonso Sardinha.

Este Paulista teve, porém, um collaborador, cujo nome não alcançou a mesma notoriedade, o qual foi Clemente Alves, a quem P. Taques se refere accidentalmente, falando de Gonçalves Laço: «feito capitão das minas de S. Paulo, que em 1597 foram descobertas pelos paulistas Affonso Sardinha e Clemente Alves nas serras do Jaguamimbava de Jaraguá, de Vituruna e de Biraçoiaba.» (52)

Durante todo o tempo da dominação hespanhola, foram feitas pesquisas e tentativas, quasi de todo infructiferas, para a descoberta das minas de ouro e prata, que o governo da metropole não cessava de recommendar aos seus vassallos.

As guerras hollandezas e as continuadas aventuras dos piratas no littoral, principalmente no norte do Brail, attrahiram de preferencia a solicitude dos governadores e o esforço dos colonos, que não encontravam estimulos nem podiam dispôr de forças e de recursos para intentar novas excursões pelo sertão, o qual se tornava, dia a dia mais temeroso pelo insuccesso e fracasso das expedições havidas.

---

(51) *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, tomo XXXIII, parte 1.ª, pag. 93.

(52) *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo cit., pag. 207.

Entretanto, no Sul, as pesquisas continuavam, embora não transpuzessem as zonas já habitadas: a mineração « do ouro de lavagem » se fazia em differentes pontos e animava novas tentativas que se foram extendendo pelo littoral do Sul e pelo interior de S Paulo.

Em quasi todos os rios que desaguam no oceano, desde S. Vicente até Paranaguá, foram feitas pesquisas, algumas das quaes com exito, dando logar a minerações, cujos vestigios attestam hoje uma certa actividade nos serviços de outr'ora.

Mas, as lavras de ouro achavam-se com mais frequencia nas *guapeaas* ou *gupiaras*, que são os flancos das montanhas, formando os valles dos rios, ou mesmo nos planaltos, cobertos de cascalhos de onde aquelles nasciam. No littoral propriamente dicto, não houve minas em exploração; e isso se acha comprovado pelo testemunho de um naturalista, que o percorreu a quasi um seculo, e que a respeito, se exprimiu nos seguintes termos: « a escassez de ouro em toda a beira-mar prova que os seus povos devem dar-se mais a cultura das terras e commercio para terem que dar em troca aos generos que entrarem de fóra ». (53)

Pouco se sabe ao certo sobre a exploração d'essas minas e sua descoberta: ellas não conseguiram despertar a ambição dos aventureiros, o que mostra não ter sido grande sua importancia: mas é fóra de dúvida que foram trabalhadas em éra anterior á descoberta das Minas-Geraes, cuja riqueza attrahiu, desde logo, a attenção e actividade de todos os mineiros, deixando aquellas em abandono completo.

Para attestar a sua existencia, ficaram as excavações e pilhas de cascalho lavado, que se encontram não só no Jaraguá, Japi, Penunduba, Montserrate, Aberta, Boturuna, Piedade e Dornahiba (54) como nos rios Juquiá e Larangeiras, que desaguam na ribeira de Iguape, no Taquari, Ouro-Grosso, Ouro-Leve, ribeirão do Paraguara, do Vapuruhduba, Ipiranga, Arariaiussú e diversos outros que ficam na zona comprehendida entre Iguape, Pirica Iporanga, Apiahi, Cananéa e Paranaguá. (55)

Das minerações existentes no districto de Iguape, que comprehendia uma zona extensa, dá noticia uma interessante carta datada de 1633, estampada na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, volume II: « A mineração nessa região e na de Paranaguá parece ter

(53) Martim Francisco Ribeiro de Andrada: *Diario de uma viagem mineralogica* por S. Paulo no anno de 1805.

(54) José Bonifacio: *Viagem mineralogica*.

(55) Martim Francisco: *Diario de uma viagem mineralogica*.

sido alguns annos mais antiga e provavelmente continuou sem interrupção, mas sem attrahir a attenção official até 1664 ». (56)

D. Francisco de Souza fallecido em S. Paulo a 10 de Junho de 1611, deixou o governo a seu filho d. Luiz de Souza, que foi continuador de sua obra, emprehendendo esforçadamente a descoberta e a exploração das minas. Salvador Corrêa de Sá — o velho, seu filho Martins Corrêa de Sá, e seu neto Salvador Corrêa de Sá e Benevides, investidos todos successivamente da auctoridade official, se assignalaram pelo desvelo com que procuraram corresponder aos desejos e recommendações da metropole, mostrando-se dignos successores de d. Francisco. Mas as pretendidas minas de prata, principal objectivo dos espiritos dirigentes na metropole, que se achavam fascinados pela abundancia deste metal nas colonias hespanholas do Pacifico, deram causa a muito esforço inutilizado e motivaram perda de tempo na descoberta das minas de ouro.

A restauração de Portugal em 1640, poderia ter concorrido mais efficazmente para estimular o zelo e ardor dos colonos na descoberta dos sertões, si a attenção e os recursos da metropole não estivessem voltados para os successos do Norte do Brazil, prestes a ficar definitivamente sob o dominio hollandez. De modo que no Sul, os governadores não podiam quasi contar com elementos para emprehender expedições de importancia; e não fôra o seu zelo e a bôa vontade dos principaes habitantes das villas, ter-se-hiam retardado ainda por muitos annos as descobertas que então se deram.

Investido do cargo de administrador das minas de ouro e prata, e governador das capitanias do Sul, veio para S. Paulo, em 1659, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que no anno seguinte foi pessoalmente a Paranaguá e ordenou pesquisas e exames em que se occupou por alguns mezes, para chegar á conclusão de que eram phantasticas as minas de prata daquella região; a fama destas, indo á metropole, motivara a recommendação que recebeu para descobril-as.

O governador Salvador Corrêa havia trazido, quando veio a S. Paulo, uma carta d'el-rei, para Lourenço Castanho Taques, opulento potentado da capitania; na mesma se recommendava a este que o auxiliasse, com tudo o que estivesse ao seu alcance, para o bom desempenho de sua missão de descobridor das minas.

Castanho Taques já tinha feito diversas entradas pelo sertão, desbaratando, conquistando e aprisionando indios.

Entre estes era notavel a tribu dos Cataguás, com a qual travara lucta em mais de um ponto da extensa zona que elles occu-

---

(56) Orville Derby; *Os primeiros descobridores do Ouro em Minas.*

pavam em terrenos, até então desconhecidos, do actual Estado de Minas-Geraes.

Essas memoraveis refregas, tornaram conhecido, desde aquella epocha, o sertão dos Cataguás; e, embora elle não tivesse sido explorado, para a descoberta das minas, julgavam os bandeirantes, pelas reminiscencias que guardavam, que era presumivel, si não certa, a existencia dellas alli.

Ao recolher-se de Paranaguá, desilludido da existencia das minas de prata, veio Salvadar Correia ter a S. Paulo; e planejava com Lourenço Castanho uma entrada no sertão dos Cataguás, quando a rebellião occorrida no Rio de Janeiro o obrigou a regressar e frustou esse plano.

Uma carta régia datada de 23 de Março de 1664 elogia a Lourenço Castanho Taques, por ter sido este um dos descobridores das minas dos Cataguazes e do sertão do Caethé. (57)

O erudito mineiro José Pedro Xavier da Veiga, referindo-se a ella, diz: «Vale a citada carta régia como o primeiro documento, de quantos conhecemos, em ordem chronologica e de data precisa, concernentes a entradas e explorações em Minas Geraes.» (58)

Nada, porém, confirma isto; e não ha razão para se suppor que Lourenço Castanho tivesse levado a S. Paulo alguma cousa mais do que simples noticias das minas dos Cataguás, porque não consta que alli tivesse apresentado producto algum das mesmas.

Tal referencia talvez fosse motivada por um equivoco de data.

Não menciona essa carta régia o criterioso historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme, auctor da *Nobiliarchia Paulistana*, descendente do intrepido sertanista, o qual, entretanto, se refere a outra enviada por D. Affonso VI a Lourenço Castanho em 1664, recommendando-lhe a expedição de Agostinho Barbalho, em busca das esmeraldas; e bem assim a de 23 de Fevereiro de 1674, do principe regente d. Pedro, sobre o descobrimento de ouro e prata. «Não se aquietou o ardor e zêlo de Lourenço Castanho, diz Pedro Taques, desejando sempre acredital-o no real serviço.

Por este motivo, achando-se com disciplina militar na guerra contra os barbaros indios e pratico conhecimento dos sertões, que havia penetrado na conquista de varias nações dos mesmos indios, tendo recebido uma carta do principe regente, o infante d. Pedro, datada de 23 de Janeiro de 1674, sobre o descobrimento das minas de ouro e prata, para cuja diligencia tinha partido Fernão Dias Paes, com patente de governador da gente de sua leva ou tropa,

---

(57) Azevedo Marques: *Apontamentos historicos geographicos, biographicos e estatisticos da provincia de S. Paulo.*

(58) *Ephemerides Mineiras. Vol. I.*

tomou Lourenço Castanho a si, por seus cabedaes e força do corpo de armas, penetrar o sertão dos barbaros indios Cataguazes... E conseguiu o primeiro conhecimento que depois veio a produzir a fertilidade das minas de ouro, chamadas no principio do seu descobrimento Cataguazes; e depois estendendo-se em muitas leguas de distancia, mas no mesmo sertão, os novos descobrimentos, vieram essas minas a ficar conhecidas com a nomenclatura de *geraes*, em que se conservam». (59)

Atravessava-se então uma epocha de esmorecimento na procura das minas.

Em Portugal era corrente que, depois do governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, a mineração do ouro fôra de todo abandonada, tractando os seus antigos exploradores unicamente das lavouras e das jornadas do sertão, que tinham por fim o aprisionamento dos indios que elles reduziam ao captiveiro nos seus estabecimentos agricolas.

Taes boatos determinaram a carta de 14 de Abril de 1673, pela qual o principe regente se dirigiu a Manoel Rodrigues de Oliveira, ordenando-lhe e aos capitães móres e camaras das villas de S. Paulo, S. Vicente, Itanhaem, Paranaguá e Parnahyba que «ouvindo aos povos assentem o melhor modo que parecer para que a fabrica do ouro das lavagens se continue e vá em augmento.»

Approximava-se, pois, o fim do seculo XVII, quasi todo consumido em pesquisas de ordem secundaria e tentativas infructiferas, até a missão de d. Rodrigo de Castel Branco e á expedição de Fernão Dias Paes Leme, que se internaram ambos á procura das esmeraldas e da serra do Sabarábuçú.

Foi Fernão Dias quem desbravou o caminho dos sertões juncado de riquissimas jazidas auriferas, no longo percurso que fez. Emquanto ia á procura dos afamados socavões, d'onde Marcos de Azevedo tinha tirado as pedras verdes, uma pequena parte de sua commitiva ficou sob o commando de seu genro Manoel da Borba Gato, no Sumidouro e nas margens do *Rio das Velhas* ou *Guaiachim ou Guaiachi*, onde permaneceu mais ou menos de 1675 a 1681.

Alli revolveu Borba algumas das riquissimas alluviões auriferas existentes e que foram provalmente por elle exploradas antes de serem denunciadas ao governador Arthur de Sá, para obter o perdão pela morte de d. Rodrigo Castel Branco de que fôra accusado perante o governo Portuguez pela Camara de S. Paulo.

A partir de 1670 eram, com effeito, muito frequentes as bandeiras que se internavam no territorio que veio a constituir a ca-

(59) *Nobiliarchio Paulistana*, Pedro Taques, *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XXX, 1.ª parte.

pitania de Minas Geraes tendo, principalmente, o intuito de escravizar indios para as lavouras dos Paulistas.

Foram ellas que, batendo os sertões por todos os lados e levando certamente pessoas practicas das minas de S. Paulo, Paranaguá e Cananéa, encontraram em alguns corregos amostras do precioso metal, contribuindo para avolumar a crença que se vulgarizara, de que, effectivamente eram ricas as minas d'aquelles sertões.

Na carta patente do capitão mór Mathias Cardozo de Almeida que foi ajudante de Fernão Dias na expedição das esmeraldas, se diz que elle tinha grande experiencia d'aquelles sertões e gentios, nas entradas que já tinha conseguido fazer e em que procedera com valor, conquistando e domando os barbaros povoadores daquelles remotos sitios. Essa patente, registrada nos archivos da Camara de S. Paulo, do anno de 1664, (60) demonstra que em epocha anterior a esta, já aquelle arrojado sertanista conhecia e percorrera as trilhas por onde mais tarde guiou as expedições de Fernão Dias e de d. Rodrigo.

Em 5 de Março de 1677 falleceu em S. Paulo, Lourenço Castanho, cujo ultimo feito notavel foi dictado pelos mesmos estimulos que levaram Fernão Dias a emprehender a continuação da obra de Agostinho Barbalho.

O principe d. Pedro, em carta escripta a 23 de Fevereiro de 1674, havia particularmente recommendado a elle que auxiliasse a Fernão Dias em tudo que pudesse conduzil-o ao fim que se propuzera; e honrado por tal distinção, resolveu Castanho emprehender tambem á sua custa, uma expedição aos sertões dos indios Cataguazes, onde estivera em outros tempos. Levou elle a effeito essa tentativa e trouxe a S. Paulo, antes de sua morte, noticia certa da existencia das minas de ouro que tiveram por esse facto o nome de minas de Cataguás ou dos Cataguazes, que se generalizou depois (61).

Nos sertões e no littoral de S. Paulo continuavam tambem as pesquisas para a descoberta do ouro; o capitão mór Gabriel de Lara descobriu as minas de Perema, e João de Araujo as de Itacembé no ribeirão de N. S. da Graça, as quaes foram repartidas em Julho de 1679 e reputadas muito ricas. No mesmo anno foram descobertas as minas de N. S. da Conceição e depois dessa epocha ainda outras pelo Paulista Salvador Jorge Velho. (62)

---

(60) Pedro Taques; *Nobiliarchia Paulistana*.

(61) Pedro Taques; *Nobiliarchia Paulistana*.

(62) *Nobiliarchia Paulistana* de Pedro Taques. *Revista do Instituto Historico e Geographico*, tomo XXXIII, 2.ª parte, pag. 157.

Nenhuma d'essas descobertas, porém, despertou attenção geral, muito embora se conservasse sempre de pé a esperança, que a todos animava de se descobrirem, um dia ou outro, minas em abundancia, capazes de rivalizar com as da America hespanhola, que havia tantos annos deslumbravam as côrtes européas.

Nos ultimos annos do seculo XVII patenteou-se finalmente o desejado vellocino aos olhos dos sertanistas, que tantos exemplos legaram de tenacidade, intrepidez e valor.

As noticias, cada vez mais insistentes e avolumadas, de se haver encontrado o ouro, aqui ou alli, nas jornadas dos bandeirantes que vinham das conquistas dos indios, determinaram a organização de novas bandeiras que levavam apparelhos e pessoal destinados especialmente á procura desse metal.

Entre os annos de 1692 e 1693 foi elle encontrado no alto Sapucahi e Rio Grande por um grupo de sertanistas, a cuja frente se achou o padre João de Faria Fialho com parentes e amigos seus, entre os quaes um Manoel da Borba, que parece ser o mesmo Manoel da Borba Gato, o qual habitava, nessa epocha, um sitio proximo á villa de Pindamonhangaba entre a Serra do Mar e a povoação do Paraitinga. (63)

O sitio onde foi feita essa descoberta acha-se descripto por Bento Corrêa de Sousa Coitinho, na informação prestada ao governador geral do Brasil, d. João de Lancastro, em carta de 29 de Julho de 1694. (64)

«De frente da villa de Taubaté, dizia elle, quatro ou cinco dias de viagem se acha estar o rio Sapucahi e descendo da dicta villa para a de Guaratinguetá, tomando a estrada real do sertão 10 dias de jornada para a parte Norte sobre o monte de Amantiquira, quadrilheira do mesmo Sapucahi, achou o padre vigario João de Faria, seu cunhado Antonio Gonçalves Vianna, o capitão Manoel de Borba e Pedro de Avos, varios ribeiros com pintas de ouro de muita conta: e das campinas da Amantiquira, cinco dias de jornada, correndo para o Norte, estrada tambem geral do sertão, fica a Serra da Boa Vista, d'onde começam os campos geraes até continuar com os da Bahia; e da Serra da Boa Vista até o Rio Grande são 15 dias de jornada cujas cabeceiras nascem na serra de Jurúoca, de frente dos quaes serros té o rio dos Guanhahans e um monte de Ebitipoca tem 10 leguas pouco mais ou menos de circulo, toda essa planicie com cascalho formado de safiras» etc... «entre essa distancia estão muitos montes escalvados pelos campos e muitos rios, e em um destes montes, que se chama o Baependi, se sus-

(63) *Primeiros descobrimentos das minas de ouro na capitania de Minas Geraes*, por Bento Fernandes. *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno IV, fases. I e II de 1899, pag. 92.

(64) *Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas-Geraes*, por Orville Derby. Memoria apresentada ao Instituto Historico de S. Paulo.

peita haver metal pela informação que deixou o defuncto Bartholomeu da Cunha; e adeante passando o rio Igaraí se achava uma campina dilatada de minas de crystaes finissimos e indo fazendo a mesma derrota se acharam muitos morros escalvados e campos geraes, cujos morros mostram terem haver para muitas experiencias que se tem feito que por falta de mineiros se não sabe o que é ... » « esta quantidade de campos e capões é regada de muitos rios, uns grandes e outros pequenos, em que não póde faltar ouro de lavagem, que por não ter logar não fiz exame. »

Por essas palavras se evidencia que em epocha anterior a 1694 diversas e numerosas experiencias haviam sido feitas, nos corregos e ribeirões, encontrados nos trilhos que communicavam a zona habitada de S. Paulo com o sertão denominado dos Cataguás.

Outro sitio onde foi tambem assignalada a existencia do ouro e que ficou sufficientemente balisado, — foi o do Tripuhi, pequeno regato que corre nas proximidades da actual cidade de Ouro Preto, em uma extensa varzea dominada pelo altaneiro pico do Itacolomi, cuja fórma original se gravou na memoria dos primeiros descobridores e ficou bem descripta, para ser encontrada pelas bandeiras subsequentes.

O primeiro descobridor das minas geraes dos Cataguás « dizem que foi um mulato que tinha estado nas minas de Paranaguá e Curitiba. Este, indo ao sertão com uns Paulistas a buscar indios e chegando ao serro do Tripuhi, desceu abaixo com uma gamella, para tirar agua do ribeiro, que hoje chamam Ouro Preto e mettendo a gamella na ribanceira para tomar agua, e roçando-a pela margem do rio, viu depois que nella havia granitos de cor de aço sem saber o que eram, nem os companheiros... chegando a Taubaté não deixaram de perguntar que metal seria aquelle... resolvera mandar alguns dos granitos ao governador do Rio, Arthur de Sá e fazendo-se o exame d'elles se achou que era ouro finissimo. » (65)

Mas até hoje continúa a ser « prudente a opinião de se não poder averiguar indubitavelmente qual fosse o primeiro Paulista que descobriu as Minas Geraes. » (66)

A tradição mais instantemente transmittida aos escriptores que desde meiado do seculo XVIII nos deixaram noticias a respeito da capitania de Minas foi a lenda de Antonio Rodrigues Arzão, que parece ter sido a mais conhecida em S. Paulo.

---

(65) *Cultura e opulencia do Brasil por suas « drogas e minas, »* obra escripta por André João Antonil, impressa em Lisboa em 1711. Foi o primeiro trabalho escripto sobre cousas de Minas Geraes, que se publicou: e acaba de ser reimpresso na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno IV fasc. III e IV, 1899.

(66) *Villa Rica:* Fundamento Historico, de Claudio Manoel da Costa.

Esse arrojado Taubateano batia os sertões do valle do Rio Doce á frente de uma bandeira de 50 homens, occupados exclusivamente na captura de indios, quando, em 1693, encontrou casualmente, no leito do rio Casca, a cuja margem tinha construido um abrigo para sua gente, cascalhos que muito se assimilhavam aos das *guapearas* auriferas de Paranaguá e de Iguape.

Examinados esses cascalhos, foram d'elles extrahidas amostras de ouro. Arzão, continuando a bater as mattas e descendo depois o rio Doce, foi saír na villa de Victoria, da capitania do Espirito-Sancto, onde apresentou ao capitão-mór e á Camara as amostras de ouro que trazia. Essas auctoridades se promptificaram a fornecer-lhe os auxilios de que carecesse para continuar suas pesquisas, porque essas eram as ordens que tinham d'el-rei: porém Arzão, cansado de trabalhos, doente e torturado pela longa ausencia de sua familia, resolveu voltar a Taubaté, para dahi organizar uma nova expedição a procura do ouro, porque não tinha sido essa a preoccupação que conduzira seus passos ás mattas do rio Doce.

Conta a lenda que, do ouro apresentado pelo sertanista taubateano, mandara o capitão-mór regente de Victoria fazer dous anneis, dos quaes entregou um a Arzão e guardou o outro, para poder attestar a importante descoberta feita.

Arzão falleceu pouco depois de chegar a S. Paulo, legando a seu cunhado Bartholomeu Bueno de Siqueira as informações e noticias que lhe permittissem proseguir e ultimar a descoberta das minas de ouro naquelles sertões.

Bartholomeu Bueno, intrepido e audaz, não tinha porem meios para emprehender por si só tão custosa viagem, e resolveu-se a communicar seu plano a parentes e amigos poderosos, para o auxiliarem na descoberta das minas, já tão positivamente comprovada.

Carlos Pedroso da Silveira, um dos homens de maior conceito e de grandes recursos naquelle tempo, e que, embora moço já havia exercido o cargo de ouvidor e de capitão-mór de S. Paulo, correu em auxilio de Bartholomeu Bueno, organizando uma bandeira, cuja direcção foi a este confiada e na qual tomaram parte, além de outros, o seu cunhado Manoel de Camargo, seu genro Miguel Garcia de Almeida, o ermão deste Antonio de Almeida e João Lopes de Camargo; e puzeram-se a caminho em meiados do anno de 1694. Seguindo o roteiro de Arzão, procuraram primeiro os trilhos que transpunham a Mantiqueira para a bacia do rio Grande, de onde se orientaram no rumo das aguas do rio Doce, em demanda da casa do Casca.

Como levavam o intuito exclusivo de procurar ouro, foram experimentando os cascalhos dos rios e corregos que encontravam, sem grande resultado, até que na Itaverava deram em cascalhos

auriferos de boa qualidade. Segundo o dr. Francisco Lobo, (67) na linguagem dos indios, o vocabulo *ita* significa *pedra, metal* e dahi *itaberaba* ou *metal reluzente*, significando o ouro, nome que foi naturalmente dado ao sitio pelos indios que acompanhavam a bandeira de Bueno.

Ahi ficaram os bandeirantes emquanto durou a provisão de viveres que tinham. Reconhecida a existencia do ouro e assignalada a posição do logar por uma roça que ahi plantaram, foram elles á procura de outros logares, onde a abundancia de caça e de fructos lhes permittisse esperar a maturidade das plantações feitas. Fizeram depois voltar sobre seus passos emissarios, que enviaram a Taubaté levando a noticia e as provas do exito alcançado; em caminho, encontraram-se estes com outras bandeiras paulistas, que regressavam tambem á patria, levando cópia de indios capturados no sertão, e foram outros tantos prégoeiros das novas minas de ouro, inflammando o facho da ambição, que illuminou os sertões, até então ainda sombrios e tenebrosos.

De posse das primeiras provas positivas da existencia do ouro, partiu Carlos Pedroso para o Rio de Janeiro a denuncial-a ao governador da capitania Antonio Paes de Sande, que já havia fallecido quando elle alli chegou, em principios de 1695.

Essas amostras foram entregues ao seu substituto legal, Sebastião de Castro Caldas, que as remetteu ao rei d. Pedro na metropole, a 16 de Junho de 1695, fazendo accompanhar, os requerimentos de Carlos Pedroso e Bartholomeu Bueno, nos quaes podiam ser considerados como descobridores das alludidas minas.

Como estas se achassem cêrca de duzentas legoas das de Paranaguá onde funccionavam os officiaes encarregados dos negocios mineiros, foi Carlos Pedroso investido no posto de capitão-mór e nomeado provedor dos quintos das novas minas descobertas no sertão de Taubaté, com auctorização de erigir ahi uma casa de fundição de ouro.

Esses actos de Sebastião de Castro Caldas foram approvados e confirmadas as honras concedidas a Carlos Pedroso, pela carta régia de 16 de Dezembro de 1695, dirigida a Arthur de Sá, então governador das capitanias do Rio de Janeiro e S. Paulo, em cujo territorio se tinham realizado as descobertas.

Muito embora pretendessem alguns chronistas do seculo XVIII deslustrar a obra de Carlos Pedroso, attribuindo a este artificios para conquistar os postos e honras que obteve pela denunciação do primeiro ouro das minas dos Cataguás, não se lhe poderá jirar

(67) *Monitor Sul Mineiro*, de 1.º de Janeiro de 1901.

essa gloria, que aliás nenhum outro disputará. «Elle se animou, diz Pedro Taques, á custa de sua fazenda, sem o menor auxilio, nem interesses de futuras mercês que por alvarás de lembrança com elle se praticassem, a fazer penetrar o vasto sertão dos barbaros indios Cataguás, que já Fernão Dias havia trilhado em demanda do serro de Sabarabuçú... Teve a felicidade de ser o primeiro que com o cabo da tropa Bartholomeu Bueno de Siqueira, nacional de S. Paulo, conseguisse o descobrimento das minas de ouro.» (68)

A' procura de outros ribeirões e de outros sitios auriferos, a primitiva bandeira fraccionou-se.

Bueno dirigiu-se para os lados do Paraopeba, de onde regressou pouco depois a Itaverava; Manuel de Camargo, accompanhado de seu filho Sebastião, enveredou-se no roteiro de Arzão procurando o rio Casca, mas foi detido em caminho pelos indios bravios, a cujas mãos succumbiu, regressando seu filho a Itaverava com os destroços de sua comitiva; Miguel Garcia procurou transpor os montes que entestavam pelo Norte e foi ter a serra do Itatiaia, onde encontrou ouro e, fraldejando depois esta serra, foi fazer o importante descobrimento do rio Gualaxo do Sul, que a principio tomou o seu proprio nome.

Outras bandeiras chegavam successiva e ininterruptamente aos mesmos sitios, attrahidas pelas noticias que iam a S. Paulo.

A' vista disso, a côrte de Lisboa ordenou ao governador Arthur de Sá em carta datada de 17 de Dezembro de 1696, que se passasse ás minas do Sul, para prover a distribuição dos ribeiros e animar e acoroçoar novos descobrimentos de prata e de ouro; e logo depois, em carta de 27 de Janeiro de 1697, ordenou o rei ao governador que fosse pessoalmente examinar as minas e tomar as medidas reputadas opportunas.

As descobertas continuavam no sertão; e cada dia mais animadoras noticias vinham estimular outras bandeiras, chegando a repercutir fóra da capitania, na Bahia, em Pernambuco e outros pontos, indo mesmo accender ambições além-mar, na propria metropole; e de todos esses logares partiram levas, attrahidas pela riqueza do sertão, deixando atraz de si as lavouras e outras occupações em que se entretinham e de que viviam esses novos argonautas do novo velloeino.

Umas bandeiras seguiam indistinctamente a trilha de outras; mas algumas vinham com objectivo certo, procurando, ora o rio das Velhas cuja tradição ficou entre os Paulistas que tinham acompanhado as expedições de Fernão Dias e de d. Rodrigo, ora o Tripuhi, onde se havia encontrado já o afamado Ouro Preto.

---

(68) *Nobiliarchia Paulistana, Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XXXIV, parte 2.ª, pag. 16.

Para balisar a posição deste tinham os bandeirantes o cabeço enevoado do Itacolomi, que começaram a avistar logo depois de haverem transposto o Itatiaia.

Orientados pelos picos que eriçam as serras de Ouro Branco, do Itatiaia, do Ouro Preto, do Itacolomi e da Cachoeira, seguiam os bandeirantes, ora junctos, ora separados, espalhando-se pelos valles dessas serras, todas ellas abundantes do thesouro que procuravam.

Foram assim feitas as descobertas de Congonhas, Casa-Branca, Cachoeira, Ribeirão do Carmo, Ouro Preto, etc.

Segundo informações officiaes deixadas por José Rabello Perdigão, que foi coevo dos descobridores e que accompanhou, como secretario, o governador Arthur de Sá, quando elle viu as minas em 1700, as descobertas se fizeram na seguinte ordem:

«Miguel Garcia descobriu na foz da serra de Itatiaia um ribeirão que agora se chama Gualaxo do Sul; mas recusando os Paulistas dar partilha aos Taubateanos, estes fizeram uma bandeira tendo por cabo Manuel Garcia e em breve descobriram o celebre Ouro Preto.

Acudiu tanta gente, que não couberam a cada pessoa mais de tres braças de terra; e nova bandeira lançou um Antonio Dias que descobriu o ribeirão de seu nome.

O Padre João de Faria fez então sua tropa e descobriu o ribeirão de seu nome.

Outra bandeira descobriu e socavou o ribeirão de Bento Rodrigues, nome do cabo; este tanto produzia, que de algumas bateadas tiraram-se duzentas a trezentas oitavas, sendo a pinta geral de duas e tres; e tanta gente acudiu, que em 1697, o alqueire de milho valeu 64 oitavas.

João Lopes de Lima, morador em Tibaia (Atibaia), com o padre Manuel Lopes, seu irmão, de alcunha o *Buá*, descobriu o Ribeirão do Carmo, que Arthur de Sá mandou repartir, estando já em S. Paulo, nomeando guarda-mór Manuel Lopes de Medeiros.

O Ribeirão do Carmo se repartiu em 15 de Agosto de 1700.

Passados dous annos, se descobriu, só nas cabeceiras, o ribeirão de Antonio Pereira, nome do descobridor, o qual chamam hoje Gualaxo do Norte; descobriu-o, no meio, Sebastião Rodrigues da Gama; a barra descobriu João Pedroso, descobridor tambem do Brumado e do Sumidouro, que não eram menos ricos (não era o Simidouro de Fernão Dias, mas o chamado hoje Sumidouro de Marianna). Esses rios desembocam ambos no Miguel Garcia, ou Gualaxo do Sul e todos no ribeirão do Carmo junto ao Furquim.

No mesmo desembocca o Bom-Successo, descoberto pelo coronel Salvador Fernandes Furtado, um anno depois da descoberta do mesmo ribeirão; e foi repartido por ordem de Arthur de Sá.

Outros seguiram, ribeirão abaixo, sendo o primeiro o capitão Antonio Rodovalho, a 10 leguas pouco mais ou menos do Ouro Preto, onde então estava situado Perdigão. Mais abaixo passou João Lima Bonfante, que se situou na freguezia do Bom Jesus do Monte do Furquim; mais abaixo foi o padre Alvarenga.

O ultimo de todos foi Francisco Bueno Camargo, na barra desse ribeirão, no Guarapiranga. Todos esses descobrimentos se fizeram de 1700 para deante» (69).

Emquanto essas cousas se passavam no sertão, o governador da capitania Arthur de Sá preparava-se em S. Paulo para cumprir a ordem, que recebera da metropole, de se passar ás minas.

Por intermedio dos parentes de Borba Gato, que eram pessoas influentes na capitania, esse intrepido sertanista, que ainda se achava foragido, sob o peso do crime de lesa-magestade, pela morte de D. Rodrigo de Castel Branco, approximou-se do governador e offereceu-se para guia-lo ao rio das Velhas, promettendo denunciar riquissimas minas de ouro, si lhe fosse concedido o perdão do crime que lhe era imputado.

Em 1699, Arthur de Sá se achava em caminho das minas, á frente de grande comitiva; e, em vez de tomar o caminho da Itaverava, que o conduziria ás minas de Ouro Preto e do Ribeirão do Carmo, foi ter primeiro ao rio das Velhas, guiado por Borba Gato, aonde elle se desempenhou cabalmente da promessa feita.

Não só no rio das Velhas, como em quasi todos seus affluentes, que ficam entre a actual cidade de Sabará e o Sumidouro, foram desde esse tempo descobertas e repartidas riquissimas porções de terra, assistindo Arthur de Sá a essa primeira distribuição das minas.

A Serra da Piedade, que domina toda aquella zona e era vista de muitas legoas em redor, afigurava-se aos primeiros habitantes como sendo a balisa posta pela Providencia aos thesouros do afamado Sabarabuçú das primeiras lendas, que haviam guiado os passos dos sertanistas.

Descobertos os abundantes thesouros que lhe ficavam ao pé, era natural que suppuzessem haver encontrado o Sabarabuçú; e essa denominação ficou assignalando a importante zona onde se levantou o arraial desse nome, convertido depois na actual cidade de Sabará.

Dado esse primeiro impulso, as descobertas succederam-se tambem ao Norte e ao Sul desse ponto do rio das Velhas.

Noticias foram logo transmittidas para o Rio e d'ahi enviadas a Bahia ao governador geral do Brasil, D. João de Lancastro, o qual não tardou em communica-las á metropole, a quem deu conta das

---

(69) *Os primeiros descobridores de ouro em Minas Geraes*, por Orville Derby, já citado.

providencias que tomou de seu lado, não só mandando bandeiras do littoral, á procura das novas minas do sertão, como organizando forças e fortificando o porto de Santos, para defender este e o do Rio «de qualquer nação pouco affeita, ou muito ambiciosa que os pretenda invadir, obrigada da fama, que presentemente se ha de espalhar por toda Europa, da abundancia do ouro das dictas minas» (70).

Foram despachados da Bahia por D. João de Lancastro o Paulista capitão João de Góes de Araujo, com 30 homens, que voluntariamente se offereceram, para procurar as nascentes dos rios Pardo, Doce, das Velhas e Verde, que se suppunham muito proximas das minas descobertas pelos Paulistas; bem como o Bahiano Pedro Gomes da Franca, com cérca de 100 homens, o qual devia internar-se de Ilhéos, á procura de um grande rio Patippe, que confundiam com algum dos que vinham ao littoral, e das serranias de suas nascentes, onde acreditavam encontrar egualmente minas tão ricas, como as que já estavam sendo exploradas.

Isso significa que da Bahia seguiram bandeiras, tendo como objectivo o sertão, onde os Paulistas descobriam e denunciavam os appeticidos thesouros.

Já era tão abundante a producção de ouro nas minas novamente descobertas, que a presença do governador alli foi bastante para que os quintos reaes, no anno de 1700, subissem a 12 arrobas, arrecadadas septe em S. Paulo e cinco em Taubaté, onde iam ter os mineiros das novas minas. (71)

Arthur de Sá, comprehendendo a importancia desse descobrimento, ordenou ao capitão-mór Garcia Rodrigues Paes que abrisse uma picada directamente do Rio de Janeiro até aos sertões, que começavam a ser povoados.

Da Bahia se abriu egualmente outro caminho para as minas, pelo valle do rio S. Francisco, e estabeleceu-se, desde logo, um activo commercio de gado e supprimento de viveres aos mineiros, que, seduzidos pelo ouro, abandonavam de todo as lavouras.

Entretanto a procura da prata e das pedras preciosas continuava a preoccupar os espiritos.

A lenda do sertão das esmeraldas continuava de pé; e já alguns sertanistas affirmavam ter visto em seu caminho indicios e verdadeiras amostras de saphiras.

O proprio Borba Gato não desanimava de descobrir a prata no rio das Velhas, então reputado o verdadeiro Sabarabuçú, tão procurado.

---

(70) Carta de D. João de Lancastro, datada da Bahia, de 7 de Janeiro de 1700, publicada na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo* vol. V, pag. 294.

(71) Carta de Pedro Taques de Almeida ao sr. d. João de Lancastro datada de 20 de Março de 1700: *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, vol. V, pag. 282.

Agraciado por Arthur de Sá com o titulo de tenente-general, como recompensa de seus serviços ao rei, aquelle activo sertanista não descansou, fazendo novas pesquizas e novas descobertas, nos sitios que tinham sido proscenio de sua vida aventureira de outr'ora e da tragedia que o fizera abandona-los por tantos annos.

A falta de maiores conhecimentos, porém, levava os descobridores a erros grosseiros, sobre os quaes basearam muitas vezes planos arrojados, que tiveram como epilogo pungentes desenganos.

Borba confundiu com a prata o ouro paladiado que se encontra nas proximidades de Sabará: é assim que refere Pedro Taques, na citada carta a d. João de Lancastro: « o tenente-general Manoel da Borba Gato trouxe agora ao general Arthur de Sá e Menezes umas folhetas limitadas, que parece foram douradas, que me certifica o dicto general era prata achada entre ouro das quebradas, em que alguns serros d'aquelle territorio afocinham, porque raspando o dourado mostra prata, e neste mesmo sitio se descobriu ouro, que os mineiros lhe puzeram o nome de prateado, porque é mais prata que ouro, razão por que não o lavram, por não ter valor: e sem mineiros será difficil descobrir-se prata.»

O campo das descobertas se ia, entretanto, dilatando mais e mais.

Os mineiros já se tornavam exigentes e não se davam ao incommodo de lavrar sitio onde a prova não désse de meia oitava para cima, havendo alguns ribeiros onde eram frequentes bateadas de meia libra. Cada negro lavava num dia 40 a 50 batéas de terra. (72)

As margens e os affluentes do Ribeirão do Carmo achavam-se coalhadas de população, diariamente crescente, que numa faina febril partilhava os sumptuosos thesouros alli accumulados pela natureza num trabalho de muitos seculos.

D'ahi partiram novos descobridores, que se foram installando ao Norte, ao Sul, por todos os lados, fundando povoações, que ainda hoje conservam, umas o nome dos cabos das bandeiras e outras guardam em sua denominação a reminiscencia de factos ou episodios occorridos

Para os lados de Ouro Preto fervilhavam os mineiros nos corregos do Padre-Faria, de Antonio Dias e do Passa-Dez, e nos morros do Paschoal, de S. João, de Sanct'Anna e de S. Sebastião.

Algumas bandeiras desceram aguas do Ribeirão do Carmo ou subiram seus affluentes: — João de Siqueira Affonso avançou 12 leguas ao Sul e descobriu em 1704, as minas de Guarapiranga, cuja riqueza foi origem do arraial desse nome, actual cidade do Piranga.

---

(72) Carta de Pedro Taques de Almeida a d. João de Lancastro.

No mesmo anno, encontrou elle as minas riquissimas de S. José ao lado das descobertas, no anno antecedente, por Thomé Pontes d'El-Rei, no Rio das Mortes, que se denominaram minas de S. João d'El-Rei.

Continuando suas pesquizas para o sul, João de Siqueira Affonso passou dous annos de affanosos trabalhos e conseguiu descobrir, em 1706, as minas de Airuoca e das cabeceiras do rio Grande. (73)

Os ermãos Thomaz, João e Gonçalo Lopes de Camargo, abandonando egualmente o Ribeirão do Carmo, em 1701, encontraram pouco ao Norte o ribeiro onde se estabeleceram, e fundaram o arraial que conservava o seu nome.

O sargento-mór Salvador de Faria Alvernaz, entre 1702 e 1703, descobriu as ricas jazidas auriferas que receberam o nome de Inficionado e hoje Sancta Rita Durão.

Domingos Borges, na mesma epocha, foi descobrir as minas de Cattas Altas e das fraldas da Serra do Caraça.

Antonio Bueno, em fins de 1704, fixou-se nas margens de um ribeiro, a que deu o nome de Santa Barbara, e onde fundou a povoação, hoje cidade desse nome.

O alcaide-mór José de Camargo Pimentel abandonando Ouro Preto, seguiu para o Norte, encontrou o rio Piracicaba, cujas aguas desceu até ao sitio, que se lhe revelou rico e onde se fixou, fundando o arraial de S. Miguel.

O Sabarabuçú era outro centro activissimo de exploração. As alluviões marginaes do rio das Velhas e de grande numero de seus tributarios attrahiam magotes de mineiros, que chegavam todos os dias, e se alastravam pelas margens dos rios, acima e abaixo, abrindo cattas, quebrando rochas e perfurando minas.

Ao Nordeste, distante cêrca de quatro leguas, se erguia altaneiro o pico da Piedade, quasi sempre limpo, a se destacar no meio das serranias que o cercam, como baliza providencial, destinada a orientar as bandeiras errantes e sem rumo, no seio das florestas e nos valles profundos.

Nas proximidades d'essa montanha encontram-se, como era natural, sertanistas que, deparando importantes jazidas auriferas, se foram fixando no logar a que deram o nome generico de Caeté, que significa *matto braco*.

Concentraram-se no sitio, que se povôou com o nome de Caeté e que foi, mais tarde, a importante Villa Nova da Rainha.

Em 1701, alli chegou o sargento-mór Leonardo Nardes Sizão de Souza, indo de Sabará pelo rio desse nome; as outras bandeiras que

---

(73) Bento F. Furtado de Mendonça: *Os primeiros descobridores das minas de ouro ao capitania de Minas-Geraes*: *Revista do Archivo Publico Mineiro*. Anno IV, fascicolo I e II de 1899.

povoaram o sitio vieram de Ouro Preto, subindo o rio Santa Barbara, e outras do sertão da Bahia, e talvez, do littoral do Espirito Sancto, de onde d. João de Lancastro fizera entrar diversas bandeiras em demanda do rio das Velhas e S. Francisco e da zona aurifera já então bastante afamada.

Descoberto o Caeté, não tardaram os aventureiros a seguir o rumo da Serra do Espinhaço, que era uma direcção segura, ao longo da qual esperavam encontrar outros centros auriferos. Em pouco, acharam elles a trilha por onde havia passado, em annos anteriores, a bandeira de Fernão Dias, na sua volta para o Sumidouro; e, seguindo por ella, foram ter á zona, desde aquella epocha conhecida pelo nome de *Ituruhi*, dado pelos indios, que a habitavam, e que os bandeirantes traduziram por *montanhas frias*, por ser constantemente varrida de ventos frescos, que incommodavam aos que vinham da zona quente do valle do rio das Velhas.

Segundo Bento Fernandes, (74) a primeira bandeira que se lançou do Caeté para o Norte, a embrenhar-se no Iviturui, foi em 1703, dirigida pelos sertanistas Antonio Soares e Manoel Arzão, sobrinho de Rodrigues Arzão o primeiro que revelou as minas do rio Casca.

Elles encontraram, com poucos dias de jornada, as minas do sitio que se denominou Morro de Gaspar Soares, ou do Pilar, nome que se conserva até hoje; avançando mais para o Norte, foram ter aos depositos importantissimos de alluviões auriferas que deram origem ás povoações da Conceição do Serro e do Tijuco, hoje Diamantina.

O ponto mais importante dessas mineações foi o que se denominou Serro do Frio, mais tarde a Villa do Principe, que é hoje a velha cidade do Serro:

Não tardou a se espalhar a nova dessa descoberta, que attrahiu desde logo muita gente de Ouro Preto, do Carmo e de Sabará, fóra os que entraram pelo valle de S. Francisco, vindos dos sertões da Bahia e de Pernambuco.

E' possivel que as minas do Serro e de outros pontos do Norte de Minas, ao longo da serra do Espinhaço, tivessem já sido encontradas em epocha anterior á entrada de Soares e de Arzão, vindos do Caeté, e que fossem denunciadas por sertanistas bahianos ao governo geral do Brasil, na Bahia. De facto, nas ordens expedidas pelo governo de Lisboa, em principios de 1704, mandando impedir a entrada de mais gente para trabalhos mineiros, « se falla nas minas da Serra Fria e Tocambira, d'onde se póde concluir que o movimento do littoral da Bahia e do Espirito Santo tinha seguido o antigo caminho dos indios

(74). *Primeiros descobridores do ouro na capitania de Minas Geraes*: Mem. já citada.

e descoberto ouro nos districtos dos dous postos de Fernão Dias; não é, pois, muito arriscada a hypothese de que houve a redescoberta dos corregos auriferos da expedição Martins Carvalho. (75). *(d)*

Nos centros, já bastante populosos de Sabará e Caeté, não arrefecia o amor de novas conquistas e descobrimentos.

As nascentes do rio S. Francisco continuavam a encher a imaginação dos aventureiros com a sua lendaria lagôa Dourada e com os seus campos matizados de folhas de ouro; além do sertão ignoto, onde, como enxames de insectos dourados, luziam enganosas phantasias que attrahiam os sertanistas.

Em 1709 partiu uma bandeira, organizada por pessoal de Sabará e Caeté, chefiada por Domingues Rodrigues do Prado, e tendo, além de outros cabos, os audazes e intrepidos irmãos José e Bernardo dos Campos Bicudo.

Essa bandeira destinava-se á descoberta das minas do sertão de S. Francisco, cujo roteiro era conhecido por um velho que a guiava, mas que falleceu nas margens do rio Carerú ou Cajurú, mordido por uma cobra. Para não seguir a esmo, resolveram os bandeirantes voltar sobre seus passos, e, quando começavam a fazel-o, notaram que na terra, revolvida alli pelos tatús, brilhavam folhetas de ouro; fizeram provas que deram excellente resultado e reconheceu-se que era aurifero o terreno que pisavam. Isso se passou entre os corregos de Carerú e Verissimo.

Espalhou-se a bandeira a pesquizar, por toda parte, com exito de mais a mais crescente. Os ermãos Bicudo encontraram uma riquissima alluvião, onde á flor da terra, eram apanhadas grossas folhetas de ouro; pelo que lhe deram o nome de Batatal, por parecer que se fazia uma colheita de batatas douradas.

Outras importantes alluviões achadas no «Morro do Descoberto», nos ribeirões do «Brumado», «S. João», «Onça», «Guarda», «S. Joanico», etc., tornaram aquelle sitio um novo poncto de attracção para aventureiros e mineiros, que affluiram dos povoados proximos de S. Paulo.

A denominação generica da zona foi a de *Pitangui*, que significa: «rio das crianças», porque nas margens do maior rio que alli encontraram, o rio Pará, havia um aldeiamento de indios, os quaes fugiram desbaratados com a approximação dos bandeirantes, abandonando grande numero de crianças de collo.

---

(75). Orville Derby: *Os primeiros descobridores de ouro em Minas Geraes.*

(d) Vide nota no fim.

Rapidamente povoou-se o sitio e formou-se o nucleo da população, que constituiu a actual cidade de Pitangui. Alli dominava, com autoridade incontrastavel, o primeiro bandeirante que lá foi ter, o valente Domingos Rodrigues do Prado, o qual sustentou lucta incessante com as auctoridades de Sabará, a que não queria submetter-se.

Em 1719 viu-se elle forçado a refugiar-se nos sertões desconhecidos, para escapar ás perseguições que lhe moviam; e foi mais tarde apparecer e tomar parte activa na descobertas de Goiaz.

Diversas bandeiras embrenharam-se de Pitangui á procura dos thesouros das cabeceiras do S. Francisco.

A primeira foi dirigida por Antonio Rodrigues Velho e José dos Campos Bicudo, os opulentos possuidores do morro do Batatal, e regressaram sem ter feito novas descobertas, trazendo apenas para suas lavras e lavoura de Pitangui grande cópia de indios escravizados.

Outra bandeira, chefiada por Baptista Maciel, foi dizimada, logo no inicio de sua entrada, pelos negros fugidos, organisados em poderosos quilombos, que infestavam os arredores da nova descoberta.

No correr do seculo XVIII numerosas outras bandeiras partiram de Pitangui e de ponctos povoados, ora espontaneamente, ora a mandado do governo, para desvendar as nascentes do S. Francisco e descobrir as suppostas minas daquella zona: mas nenhuma chegou ao resultado desejado. Algumas tiveram de retroceder deante da opposição dos indios e dos quilombolas, outras foram ter até as margens dos rios Parnahiba e Dourados, descobrindo pintas de ouro no Pará, Indaiá, Abaeté, etc. (76)

A indole aventureira dos Paulistas tinha-os levado, na conquista dos indios e no descobrimento dos sertões, até aos ponctos mais afastados do littoral. Na phrase de St. Hilaire, o incansavel viajante e perspicaz observador que visitou os sertões brasileiros no começo do seculo findo, «o unico limite posto ás suas descobertas era a falta de mais terras a descobrir».

Mas a vasta amplidão dos territorios que se estendiam pelo interior do Brasil offerecia campo vastissimo para novas e infindaveis aventuras e estimulava, cada vez mais, a cubiça dos sertanistas.

Penetrando no dominio dos Cataguás, foram elles se fixando por toda a parte onde encontravam ouro, principalmente ao longo da

---

(76) Da collecção das memorias archivadas na Camara de Pitangui reunidas por Manoel José Pires da Silva Pontes: *Revista do Instituto Historico e Geographico*. Vol. VI, 1844.

serra do Espinhaço, não só no flanco dos montes como no valle dos rios, que os bordejavam; seguiram além e nas bellas e ferteis planicies que orlam o S. Francisco, estabeleceram vastas fazendas para creação de gado e cultura de cereaes.

Não foram só as riquezas do sólo, mas tambem a amenidade de um clima temperado e a uberdade de terrenos aptos para todas as culturas que attrahiram, em pouco, numerosa população para esse territorio, vinda de S. Paulo, da Bahia, do Rio, de Pernambuco e de outros pontos, com prejuizo dos estabelecimentos agricolas, que iam sendo abandonados pelos senhores, os quaes transportavam para as minas suas familias, escravos e famulos, cegos pela cubiça das riquezas rapidas.

De modo que, dentro em pouco essa porção da colonia se cobriu de povoações florescentes, de grandes propriedades agricolas, de bellas e vastas vivendas, de numerosas e ricas egrejas, cuja solida construcção, zombando das injurias do tempo, attesta em nossos dias, na sua muda eloquencia, o valor, o esforço e a abastança dos seus constructores.

Tantos interesses accumulados, tantas ambições desenfreadas, tamanha população, agitando-se numa actividade desordenada e febril haviam de trazer choques violentos, capazes de abalar o pedestal da auctoridade, que se exercia de tão longe; e, effectivamente, deram-se ahi tumultos e rebelliões de importancia, que exigiam a presença constante do governador no meio da população das minas.

Tornou-se pois, necessario desmembrar esse territorio da capitania de S. Paulo, para formar uma capitania a parte, que tomou, como era natural, a denominação de «Capitania das Minas Geraes», pelo alvará de d. João V, datado de 2 de Dezembro de 1720.

Não se havia porém, quebrantado o animo varonil dos aventureiros paulistas.

Percorrendo novos sertões á procura do gentio para escravizar ou de riquezas occultas, elles vadeavam rios e transpunham cordilheiras, passando de umas para outras vertentes, ora em canôas e pirogas, ora abrindo picadas no matto virgem inçado de perigos, de indios e de animaes ferozes.

Foi nesse curso que levaram suas descobertas a Matto Grosso e Goiaz e penetraram até aos limites mais occidentaes de nossa patria.

Em 1718, sendo d. Pedro de Almeida, conde de Assumar, governador da capitania de S. Paulo, a qual comprehendia o territorio dos actuaes Estados de Minas, Goiaz e Matto Grosso, não estando ainda esses ultimos conhecidos, subiu pela primeira vez o rio Cuiabá o sertanista Antonio Pires dos Campos, que andava na conquista e captura dos indios. Regressou pouco depois tranzendo grande numero de Caxipónes escravizados.

No anno seguinte trilhou suas pegadas Pacheal Moreira Cabral, que levava o mesmo intuito, á procura dos indios dessa mesma tribu que já se haviam refugiado nas mattas. Subindo um affluente do Cuiabá que se denomina Caxipó-mirim, notou Paschoal que havia folhetas de ouro nos barrancos do rio e que os indios que o habitavam traziam comsigo amostras desse metal.

Deliberou, pois explorar os terrenos marginaes e plantar uma roça com os cereaes que lhe restavam.

Alli encontrou outra bandeira de Paulistas, que perseguiam indios; resolveram elles emcorporar-se á gente de Paschoal, fixando-se naquelle sitio em numero de 22 pessoas.

Paschoal desenvolveu a mineração e as culturas com o auxilio dos indios, governando o povoado até 1723; e não tardou em mandar Gabriel Antunes como emissario levar a S. Paulo a nova das descobertas que fizera.

Continuando a subir o Caxipó-mirim, fundaram esses primeiros povoadores, em 1721, uma nova aldeia num sitio denominado Forquilha, onde erigiram uma capella sob a invocação de N. S. da Penha.

Em 1722, Miguel Subtil, um dos companheiros de Paschoal, plantava uma roça nas margens do rio Cuiabá, quando recebeu de dous indios que mandara ao matto colher fructos e mel para seus escravos amostras de folhetas de ouro com o peso de 120 oitavas, que elles diziam haver encontrado á flor da terra.

Na madrugada do dia seguinte, foi Subtil a esse sitio, guiado pelos indios e levando todos seus escravos, bem como o seu companheiro João Francisco, cognominado o Barbudo. Subtil voltou no dia seguinte á Penha, para levar a seus companheiros a noticia da descoberta, trazendo para confirma-la, meia arroba de ouro, e Barbudo cêrca de 400 oitavas.

Todos os habitantes do novo povoado correram a esse sitio onde se encontrou uma riquissima alluvião, da qual num mez tiraram elles 400 arrobas de ouro. Ahi fundou-se, em 1723, o arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, no mesmo local que é hoje a capital do Estado. Paschoal Moreira, como guarda mór, arrecadou o imposto de capitação, na importancia de quatro arrobas de ouro, que enviou ao provedor dos quintos em S. Paulo.

Espalhando-se a noticia desse importante descobrimento, numerosos aventureiros atiraram-se das villas paulistas para o sertão, que se denominava do Matto Grosso, por causa das espessas mattas que o guardavam; mas os indios resistiram tenazmente á conquista do territorio que habitavam; e muitas bandeiras succumbiram na lucta ferida contra os habeis cavalleiros Guaicurús, ou contra os Paiaguás, os quaes em suas pirogas cortavam a marcha dos que entravam pelos rios.

De uma expedição que partiu de S. Paulo para Cuiabá em 1725, composta de 300 pessoas, só lograram chegar ao seu destino dous homens

brancos e um negro; todos os outros pereceram aos golpes dos Guaicurús e dos Paiaguás.

Essa difficuldade de communicação fazia com que as novas minas fossem muito mal abastecidas do que era necessario aos seus povoadores; alli faltava tudo menos o ouro, de modo que para economizar o chumbo e bala de que tanto necessitavam os sertanistas para sua defesa pessoal, serviam-se elles de pequenos grãos de ouro para matar a caça de que se alimentavam.

D. Rodrigo Cesar de Menezes governador da capitania de S. Paulo sob cuja jurisdicção se achavam os territorios onde se davam esses descobrimentos, nomeou em 1724 o tenente-coronel José Antunes Maciel como superintendente geral das minas, e Fernando Dias Falcão capitão-mór regente das mesmas.

Paschoal Moreira enviou nesse anno 3.805 oitavas, arrecadadas do imposto de capitação; a 21 de Junho de 1725 mandou mais 8.953, e em 1726, 16.727 oitavas,—o que demonstrava o desenvolvimento e a riqueza das novas minas descobertas.

Apenas chegaram á côrte as noticias das minas de Matto Grosso ordenou el-rei a d. Rodrigo que fosse até lá pôr em ordem as concessões e a arrecadação dos quintos e constituir auctoridades regulares nos povoados que se fundavam.

D. Rodrigo mandou abrir uma estrada por terra em cuja construcção foram gastos dous annos; e uma vez terminada esta, poz-se elle em caminho, chegando a Cuiabá no dia 15 de novembro de 1726, cinco mezes depois de haver saído de S. Paulo.

Os representantes do poder procuravam geralmente dar arrhas de sua dedicação á corôa, vexando os povos e extorquindo d'elles pesados impostos para augmentar os cabedaes regios; de modo que a chegada do governador a Matto Grosso assignalou uma epocha de sacrificios e de mal estar quando todos suppunham que elle só traria beneficios e maior regularidade e garantia dos direitos, a cuja sombra viviam.

A 1 de Janeiro de 1727, foi solemnemente creada a villa de Cuiabá, sob a denominação de Villa Real do Bom Jesus de Cuiabá, a qual tomou para brazão um escudo dentro de um campo verde e nelle um morro ou monte salpicado com folhetas e granitos de ouro

D. Rodrigo demorou-se em Cuiabá até Septembro de 1728; durante sua estada remetteu para Portugal, via S. Paulo, quatro caixotes contendo cada um sete arrobas de ouro arrecadadas dos povos; esses caixotes consignados directamente ao rei d. João V. foram fechados com todas as precauções possiveis, tendo o proprio d. Rodrigo opposto a elles o seu sello.

Quando chegaram a Lisboa fez o rei abri-los na presença dos maioraes da côrte e dos ministros extrangeiros, orgulhoso dos productos dos seus dominios, que tanto deslumbravam a Europa; mas teve a decepção de encontrar dentro dos caixotes apenas barras de chumbo!

O povo de Cuyabá persuadiu-se que o céo havia feito essa transformação para vinga-lo da tyrannia com que foram extorquidos aquelles impostos; porém o proprio povo teve de soffrer maiores vexações á custa das quaes resarciu o erario regio esse prejuizo.

Pouco depois, em 1730, uma horrivel tragedia veio trazer novo e grande prejuizo á real fazenda: — o dr. Antonio Alvares Lanhas Peixoto, que descia o rio Paraguai com uma grande comitiva, conduzindo 60 arrobas de ouro para serem enviadas de S. Paulo a Lisboa, foi assassinado pelos indios Paiaguás com todos os seus companheiros.

As extorsões do fisco foram assim abatendo o animo varonil dos mineiros de Cuyabá, e desde 1732 era grande a decadencia dessas minas.

Continuando a penetrar os sertões e atravessando florestas, onde nunca havia entrado um homem branco, foram os mineiros procurar alli riquezas e tranquillidade, que já não tinham nos logares onde se achavam as auctoridades reaes.

Os Sorocabanos Fernando Paes de Barros e Arthur Paes, tornando para oeste, na perseguição dos indios Parecis, foram ter ao rio Galera, affluente do Guaporé, onde encontraram um pouco de ouro; continuando a pesquizar, foram dar em 1734, a um novo e importante centro de minas auriferas, naquelles sertões bravios, onde fundaram o povoado, que se tornou depois a actual cidade de Matto-Grosso. Um anno depois, mandaram elles á Cuiabá a noticia do descobrimento e grande porção de metal colhido, que attrahiu muitos mineiros ao novo descobrimento.

Foram desde logo revolvidas as alluviões dos rios Sanct'Anna e Brumado.

Outros rios e ribeirões foram verificados como auriferos pelos sertanistas, que não arrefeciam em sua actividade. Em 1737, descobriram-se as minas do rio Guaporé; em 1738 as do rio Carambiará; em 1746, as do rio Arinos, que attrahiram os mineiros do Carambiará, Guaporé e Matto-Grosso, os quaes não lograram obter o resultado que esperavam: em 1747, foram achadas minas no alto Paraguai: mas estas tiveram de ser logo depois despejadas por ordem superior, por haver reconhecido que o rio tambem dava diamantes.

Em 1748 foi o territorio de Matto-Grosso desmembrado da capitania de S. Paulo; formando capitania á parte; e, em 1772, era creada a casa de fundição de Cuiabá.

A producção de ouro e a importancia das minas dessa região póde ser aferida pela quantidade do precioso metal que alli se apresentou: de 1772 a 1778 foram fundidas pouco mais de 107 arrobas de ouro das minas de Cuiabá; em 1778 apresentaram-se á fundição 26 1/2 arrobas das minas de Matto-Grosso e pouco mais de 17 das de Cuiabá. (77)

A exploração das minas auriferas de Matto-Grosso está paralyzada desde meiados do seculo ha pouco findo. Grande parte do immenso territorio daquelle vastissimo Estado não é mesmo bem conhecida: — florestas virgens, em cujo seio vivem errantes numerosas tribus selvagens, que até hoje não quizeram ermanar-se com o homem civilizado, — rios caudalosos e profundos, cujas nascentes e curso não foram fixados, — montanhas abruptas escondidas na solidão, servindo de morada a feras que nunca viram o homem, — taes têm sido os obstaculos para o devassamento das riquezas, que alli dormem desconhecidas ainda.

Apenas foram exploradas as minas dos actuaes municipios de Poconé, Cuiabá e Matto-Grosso.

No primeiro, ellas se acham grupadas nos arredores da cidade, que é edificada num planalto, cujo sólo se compõe de terra avermelhada sobre lage ou conglomeratos ferruginosos, que são ora facilmente desaggregaveis, ora endurecidos e compactos.

O ouro acha-se espalhado no planalto ou chapada, no meio das alluviões que a cobrem e, ás vezes, em veios de quartzo que ahi afloram. Sua exploração fazia-se sempre a talho aberto, como testemunham as excavações disseminadas por toda a chapada, principalmente em Cuieté, Lobo, Vargem-Comprida, Canga e Guamandi.

O mesmo espectaculo se observa nos arredores da capital do Estado, onde dominam os veios de quartzo, excessivamente friaveis, que deram origem ás alluviões do morro do Rosario, onde trabalharam os fundadores da cidade, as do corrego de Prainha, que a atravessa e vai desaguar no rio Cuiabá, bem como as dos ribeirões Caxipóguassú e Caxipó-mirim.

Finalmente, num circulo de 12 a 15 leguas da cidade de Matto-Grosso, encontram-se as minas de S. Vicente, Pilar, Ouro-Fino, Sanct-Anna e Lavrinhas, antigamente celebres por sua riqueza e de onde se extrahiu ouro geralmente grosso, que os faiscadores tiram ainda.

São tambem afamadas as alluviões do rio Cabaçal, no municipio de S. Luiz de Caceres. E ao Norte de Cuiabá, nas cabeceiras do rio Pa-

(77) *Das memorias chronologicas da capitania de Matto-Grosso*, escriptas por Philippe Jose Nogueira Coelho. *Revista do Instituto Historico e Geographico*, vol. 13, 1850.

ranatinga, existem, segundo reza a lenda, as ricas minas dos *Martyrios*, que têm sido infructiferamente procuradas por numerosas expedições, desde meiados do seculo XVIII até aos nossos dias.

Essas minas foram descobertas por uma bandeira, da qual faziam parte Manuel de Campos e o velho *Anhanguera*, os quaes levavam comsigo, em tenra idade, os seus filhos Antonio Pires de Campos e Barthomeu Bueno, que tão notavel papel tiveram nos descobrimentos feitos a partir do começo do seculo XVIII.

Pela descripção deixada por Antonio do Prado Siqueira, companheiro e amigo do coronel Antonio Pires dos Campos, e escripta em Cuiabá a 27 de Agosto de 1769 (78) a bandeira que descobriu essas minas se compunha de 60 homens.

A denominação lhes proveio de que « na serra ou pedernaes de crystaes que do meio della se emparedam até o alto, tinha pouca obra da natureza umas semelhanças da corôa, lança e cravos da Paixão de Jesus Christo, mas tudo tosco : por essa razão appellidaram a dicta serra com o nome de Martyrios ». Antonio Pires tinha 14 annos, quando percorreu aquelles sertões ; e havendo fallecido, em 1756, na edade de 90 annos, conclue-se que a descoberta dos Martyrios se fez pelos annos de 1680. Andavam elles na conquista dos gentios chamados Serranos e, seguindo no rumo do Norte e Noroeste, deram com um rio de aguas côr de leite, chamado pelos indios *Paranatinga*, que quer dizer *mar branco*.

Atravessando esse rio em canoas e seguindo sempre o rumo Norte chegaram ao pé da serra dos Martyrios, á qual fraldejava outro rio largo, cujas aguas minguavam no tempo secco, ficando elle transformado em poços, donde lhe vinha o nome de *Paraupaca*, que significa *mar partido*. Ahi estiveram muito tempo os bandeirantes detidos pela furia e pela audacia do gentio bravo, que habitava aquella paragem, onde se lembrava Antonio Pires, nas suas reminiscencias dos 14 annos, que os da comitiva apanhavam, ás mãos cheias, granitos de ouro, cujo valor ignoravam então.

Essas noticias reveladas e divulgadas depois da descoberta do ouro nos sertões de Minas Geraes, fizeram a lenda que, desde então, começou a attrahir os sertanistas ao valle do Paranatinga, sem que se conseguisse até hoje confirmar e nem tão pouco destruir o engano das minas dos Martyrios.

Pouco depois dos primeiros descobrimentos de Matto Grosso, deram-se os de Goiaz, muito embora esse territorio houvesse sido vi-

---

(78) *Dicciionario geographico dos minas do Brasil*, por Francisco Ignacio Ferreira, pag. 793.

sitado por differentes sertanistas, antes de ser aquelle conhecido.

A versão mais acceita sobre o descobrimento de Goiaz é a do *Anhanguera*, nome com que figura em nossa historia o afamado Paulista Bartholomeu Bueno da Silva.

Esse intrepido bandeirante penetrou, em 1680 até ao sitio onde se fundou mais tarde a Villa Bôa de Goiaz, que se tornou capital da capitania e é hoje a capital do Estado. Aquelle territorio era occupado pelos pacificos indios da nação Goiáz, cujas mulheres Bueno encontrou enfeitadas com palhetas de ouro nos cabellos.

Esses indios deram seu nome a todo o territorio e ao actual Estado de Goiaz. O appellido de Bartholomeu Bueno veiu-lhe segundo uns, por se ter feito chefe de uma tribu de indios que se chamavam Anhanguera, a quem disciplinou, e com os quaes dominou outras tribus bravias; mas, segundo outros aquella palavra significa *Diabo Velho*, nome que lhe deram os indios, por haver Bueno incendiado um pouco de cachaça á vista delles, para lhes mostrar que poderia fazer o mesmo aos seus rios e prival-os de agua si resistissem á sua conquista. Seja como fôr, Bartholomeu chegou a S. Paulo, de volta dessa excursão, trazendo algum ouro e muitos indios escravizados que lhe chamavam *Anhanguera*.

Acompanhou-o ao sertão seu filho, que tinha 12 annos naquella epocha e que, sendo homonymo de seu pae, herdou-lhe egualmente o appellido, depois da morte deste.

A descoberta de Bartholomeu Bueno ficou no olvido, até que seu filho, já um tanto edoso, em 1721, emprehendeu continual-a.

Outro Paulista, Manoel Corrêa, penetrou no territorio dos Goiáz, em perseguição da tribu dos Araes ou Aracis, até ao rio deste nome, de onde voltou a S. Paulo, trazendo muitos indios escravizados e amostras de ouro. Segundo uns chronistas, essa expedição se deu antes da do primeiro *Anhanguera*, mais ou menos em 1670; segundo outros ella realizou-se em 1717, antes da entrada de Bartholomeu filho. Como quer que seja Manoel Corrêa deixou, ao morrer, um roteiro das minas que descobriu no territorio dos Aracis; mas essa informação de nada serviu por ser incomprehensivel, em virtude da grande ignorancia de quem a escreveu.

Do ouro trazido por Miguel Corrêa offereceu o mesmo dez oitavas para um diadema da imagem de N. S. do Pilar da villa de Sorocaba, o que attestou perante a posteridade a sua descoberta.

A influencia das minas de Matto Grosso fez recrudecer a febre dos bandeirantes, que se internavam na esperança de fazer novos descobrimentos. Divulgada a noticia do ouro de Manoel Corrêa, encontrado no rio dos Araes, Bartholomeu Bueno filho, evocando suas reminiscencias de infancia e recordando-se de haver visto as indias dos Goiáz enfeitadas de folhetas de ouro, quando estivera naquelles

sertões com seu pae, acceitou o offerecimento de d. Rodrigo de Menezes, governador da capitania, para ir reconquistar aquelle territorio e continuar as descobertas.

Auctorizado pela carta régia de 14 de fevereiro de 1721, d. Rodrigo forneceu-lhe 200 homens e 100 armas de fogo: e Bartholomeu partiu de S. Paulo, em principios de 1722, levando como auxiliares seu genro o audaz sertanista João Leite da Silva Hortiz, os ecclesiasticos frei Jorge e frei Cosme, diversos operarios praticos na lavagem do ouro, utensilios e bagagem, carregados em 40 cavallos. Mas, como havia decorrido muito tempo que Bueno perlustrára aquelles sitios, dos quaes guardava unicamente a recordação da infancia, aconteceu que a bandeira teve de andar a esmo, procurando, de um lado e de outro, o logar onde havia pousado por algum tempo a comitiva do *Anhanguera*.

Penetrando aquelles sertões sem outros guias que não os indios e andando pelos trilhos que elles tinham, no meio das mattas, foi a expedição de Bueno ter ao *Rio da Meia Ponte*, nome que lhe foi dado, por haver a enchente arrebatado uma das duas unicas taboas, que nelle conseguiram collocar para transpol-o.

Depois tomaram a direcção de *Anicuns* e foram adeante encontrar um rio, que reconheceram ser aurifero; e como tinham necessidade de socar as pedras encontradas na margem delle para extrahir o ouro que ellas continham, denominaram-no *Rio dos Pilões*.

Hortiz quiz ficar ahi, explorando o cascalho que encontraram; mas Bartholomeu oppoz-se a isso, dizendo que não era aquelle o territorio da nação goiáz, objectivo de suas pesquisas.

Continuando o caminho que Bartholomeu suppunha dever conduzil-os ao almejado sitio, foi a comitiva encontrar um grande rio depois de haver atravessado outros de menor porte; dahi não puderam mais se orientar e julgaram-se perdidos, razão pela qual o rio ficou denominado, nos roteiros, com o nome de *Rio da Perdição*.

Mesmo assim, proseguiram em sua róta; experimentando os cascalhos de todos os rios que atravessavam, encontraram um que, pela grande quantidade de ouro que mostrou, se ficou chamando o *Rio Rico*.

Extenuado pelas fadigas e privações, quiz Bartholomeu Bueno fixar-se ahi e explorar os cascalhos encontrados; mas a isso se oppoz caprichosamente seu genro Hortiz; e as intrigas e prevenções existentes entre elles e seus partidarios quasi dividiram a bandeira em dous grupos inimigos.

Fez-se mister a intervenção dos ecclesiasticos para apaziguar os contendores e a bandeira retrocedeu procurando embalde os vestigios da primeira expedição do *Anhanguera*.

Assim, quasi a esmo, seguindo vertentes e valles, com travessia penosissima e sem resultados, chegaram ás margens do Para-

ná, onde não foi mais possivel conter a impaciencia dos bandeirantes; e a expedição se dispersou completamente.

Seguiram uns pelo rio Tocantins abaixo em frageis pirogas e foram sahir no Pará; outros morreram ás mãos de indios ferozes; e poucos conseguiram regressar a S. Paulo. Bartholomeu Bueno ahi chegou quasi só, depois de tres annos de fatigantes e estereis trabalhos, trazendo 30 oitavas de ouro, mas esquivando-se de apparecer ao governador, envergonhado do seu insuccesso.

A sua reputação de homem recto não podia deixar suspeita sobre a sua probidade, e a falta de exito nessa expedição explicava-se facilmente pela fraca memoria de quem procurava os trilhos em que passára, havia mais de 40 annos. D. Rodrigo animou Bartholomeu a emprehender de novo esse descobrimento e ministrou-lhe recursos para isso: de modo que o *Anhanguera* filho se resolveu a emprehender outra entrada, que foi realizada em 1726.

Desta vez foi mais feliz; e depois de seis mezes de jornada, por florestas e campos desertos, começou a encontrar ouro em diversos regatos; chegou a um sitio, onde existiam vestigios de já haver passado por alli antigamente alguma bandeira; aprisionou uns indios da nação Goiáz que encontrou, e elles o conduziram á antiga pousada do velho *Anhanguera*. Era um sitio onde se fundou o arraial do Ferreiro, a cerca de uma legoa do lugar em que se construiu mais tarde Villa Bôa, hoje capital do Estado.

Bartholomeu alli se demorou algum tempo, e foi depois a S. Paulo levar pessoalmente ao governador a noticia de sua descoberta, trazendo perto de 8.000 oitavas de ouro para confirmal-a.

D. Rodrigo fel-o voltar logo depois, em fins de 1726, nomeado capitão-mór regente das novas minas, com auctoridade para distribuil-as e exercer o mando sobre as povoações que se fundassem.

Os indios, porém, offereceram-lhe combate na entrada de seu territorio; e, para conquistar este, foi necessario quasi exterminar aquelles.

A fama das minas dos Goiáz espalhou-se rapidamente; e como o som de uma tuba de ouro, chamou numerosos aventureiros e mineiros áquelles sertões. Espalhados elles ao longo dos rios, os descobrimentos foram-se succedendo e as populações se formando; e em menos de dous annos, acharam-se fundados os arraiaes da Barra, Sanct'Anna, Meia-Ponte, Crixás, Natividade, Sancta-Luzia e outros.

Entre os mineiros vindos para as novas minas figurou o celebre Domingos Rodrigues do Prado, fundador do Pitangui, na capitania de Minas, o qual descobriu, em 1726, as minas auriferas e as salinas dos Crixás, que se tornaram notaveis não só pela insalubridade de clima, como pela barbaria dos indios que alli habitavam e deram seu nome áquelle sitio.

A opposição dos selvagens fez com que fossem abandonados alguns dos arraiés, onde era activa a mineração do ouro; foi assim que os Caiapós, por suas constantes incursões, obrigaram aos habitantes do Bomfim a abandona-la.

Em 1757, foi, pela primeira vez, a Goiaz o governador de S. Paulo, sob cuja jurisdicção se achava aquelle territorio, para regular o imposto do ouro; e adoptou-se o da capitação de 4 1/2 oitavas de cada mineiro. Dous annos depois o governador D. Luiz de Vasconcellos lá foi tambem, e sob seus auspicios foram feitas algumas expedições com exito completo.

As jazidas da Serra Dourada foram descobertas nessa epocha.

Mandou elle egualmente duas bandeiras, chefiadas uma por João da Veiga Bueno e outra por Amaro Leite afim de redescobrirem os afamados rios Rico e dos Arães que figuravam no primeiro roteiro de Bartholomeu Bueno filho. Marcharam juntas as duas bandeiras em direcção do Sul e foram ter ao rio Caiapó, onde encontraram muito ouro; d'ahi seguiram rumo differente, — João da Veiga continuou a penetrar os sertões, mas Amaro Leite, guiado pelos indios, desceu o rio Grande até a confluencia de outro, que se chamou o rio das Mortes, subiu por este até certo ponto de sua margem, onde encontrou muito ouro, ahi se fixou e fundou uma povoação que recebeu o seu nome, tambem chamada dos Arães, por se acreditar que fosse aquelle o rio que Bartholomeu baptizára com esse nome.

Outros descobrimentos fez ou ordenou tambem o governador D. Luiz Mascarenhas, que viajou muito e reconheceu, por si, quão difficil seria o povoamento d'aquelle territorio, pela opposição tenaz que faziam os indigenas, principalmente os Caiapós no Sul e os Chavantes no Norte.

Para se avaliar a producção das minas goianas basta considerar que, durante alguns annos, o imposto de capitação rendeu 40 arrobas de ouro, tendo sido mais de 200 arrobas recolhidas ao erario regio durante a vigencia d'esse imposto, o qual vigorou até 1747.

Em 1748 foi Goiaz elevado a capitania, na mesma occasião em que tambem o foi Matto-Grosso, sendo uma e outra desmembradas de S. Paulo, sob cuja jurisdicção se achavam.

O primeiro governador da capitania de Goiaz foi d. Marcos de Noronha, que se installou em Villa-Bôa a 8 de Novembro de 1749.

Para substituir o imposto de capitação, ordenou-se a cobrança dos quintos, sendo para isso estabelecidas duas casas de fundição, uma na capital e outra ao Norte, em S. Felix.

A de Villa-Bôa começou a funccionar em 1752, rendendo nesse anno, para o erario real, 9.0.6 oitavas de ouro; em 1753 o rendimento foi de 169.180 oitavas, e foi o maior arrecadado em Goiaz.

A fundição de S. Felix começou a funccionar em 1754, e no anno seguinte arrecadou 59.569 oitavas, porção maior alli recolhida. Esse

rendimento foi progressivamente caïndo, arrecadando em 1805 a fundição de Villa-Bôa 12.308 oitavas e a de S. Felix apenas 3.300; em 1819, o rendimento do quinto foi apenas de 36 marcos de ouro; e d'ahi em deante, pódem considerar-se abandonadas as explorações auriferas, caïndo em ruinas os arredores de Villa-Bôa.

Durante o governo de d. Marcos de Noronha deram-se importantes descobrimentos, sendo um dos mais notaveis o do sitio do Cocal, cêrca de 60 leguas ao Norte da capital, que numa pequena área produziu, em um anno, 150 arrobas de ouro, sendo que só as duas datas concedidas ao descobridor produziram mais de 5.000 oitavas.

Foi seu descobridor Diogo de Gouvêa Osorio, em 1749.

Em 1755, no governo do conde de S. Miguel, houve o importante descobrimento das minas auriferas no sitio das Tesouras, 10 legoas a Nordeste de Sancta-Rita, e assim denominádo pela ábundancia das aves d'esse nome, o qual se transformou em pouco tempo no florescente arraial de S. Miguel das Tesouras, hoje em ruinas.

Nos governos de João Manuel de Mello, em 1759, de Antonio Carlos Furtado de Mendonça, em 1770, e de José de Almeida Vasconcellos, novas bandeiras foram mandadas aos sertões para redescobrirem as riquezas de que fallavam os primeiros descobridores, ou para averiguarem as noticias, ora reaes ora phantasticas, que todos os annos vinham de novas minas achadas no interior.

Na procura das riquezas da ilha do Bananal succumbia completamente uma bandeira ás mãos dos indios Chavantes.

Procurando a região aurifera do Fundão, foi o capitão Bulhões ter ás dilatadas campinas onde descobriu a serra, a que deu o nome de *Torre de Babel*, por causa de sua forma.

Na imaginação de todos appareciam o rio dos Arães e a serra dos Martyrios como sitios guardados por perigos quasi insuperaveis, mas cheios de riquezas, capazes de compensarem fartamente todos os sacrificios para conquista-las.

Tal lenda animava novos emprehendimentos; e o espirito varonil dos sertanistas não se arrefecia deante dos frequentes insuccessos que colhiam.

D. Luiz da Cunha Menezes, governador em 1778, muito se esforçou para animar novas descobertas de minas, mas nada conseguiu; nem mesmo as do rio Maranhão, que em 1772 haviam attrahido milhares de mineiros deslumbrados pela estupenda riqueza de sitio, puderam ser novamente exploradas, em virtude da insalubridade do clima, que chegou a ceifar alli a vida de 50 pessoas por dia, na epocha da primeira descoberta.

No governo de Tristão da Cunha Menezes, a mais importante descoberta feita foi a do Ouro-Podre, em 1784, perto das minas dos Arroios.

José Caetano Alves de Magalhães, o primeiro que lá foi ter, obteve de uma só bateiada 130 oitavas de ouro e grande quantidade de platina.

A mina é um veio de quartzo friavel e rico, d'onde lhe veio o nome de *Ouro-Podre*, o qual dava commummente 60 oitavas por bateiada; e conta-se que, em uma só noite, foram d'ahi extrahidas trez arrobas de ouro.

Sendo governador d. Francisco de Assis Mascarenhas, recebeu elle em principio de 1809 de um pobre homem, por nome Luciano, a noticia de haver este descoberto um rico veio aurifero em Anicuns, á margem direita do rio dos Bois, distante 12 leguas da capital.

Essa mina já era conhecida por denunciação de Salvador Mari' anno, alguns annos antes; mas a descoberta de um novo veio riquissimo, encravado na pedra, determinou a organização de uma sociedade para explora-lo, a qual se formou a 2 de Março de 1809 e trabalhou com exito até 1812. No primeiro anno, o ouro extrahido rendeu 52.000 cruzados; em 1810, rendeu 20.000; em 1811, produziu 19.000 e, em 1812 apenas 9.000 cruzados, isto é, em pouco mais de trez annos de trabalho, as minas de Anicuns produziram mais de oito arrobas de ouro.

Inundando-se pelas aguas de um poço feito para a exploração do minerio, não puderam os trabalhos proseguir alli; nem tão pouco tiveram resultado as differentes tentativas posteriormente feitas para recomeçar o serviço d'essas minas.

Na febre das primeiras descobertas elevaram-se em Goiaz diversas povoações, que no começo do seculo findo estavam já em ruinas.

Poucas d'estas conseguiram permanecer de pé até nossos dias, graças á agricultura e á creação a que se entregaram os seus habitantes, depois de haverem extrahido os cascalhos existentes á flôr da terra e abandonado o trabalho das minas de que se originaram aquellas povoações.

Assim foram, além das anteriormente citadas, a de Jaraguá, cuas minas começaram a ser exploradas em 1737; Ouro-Fino, a quatro leguas da capital, coetanea das primeiras descobertas e onde existe ainda excellente minerio a ser explorado; Arroios, que começou em 1740; Pilar, a 33 leguas da capital, donde se extrahiram mais de 100 arrobas de ouro em pouco tempo, no morro da Boa-Vista, em cujos serviços estiveram empregados 9.000 escravos; Agua-Quente, fundada em 1732, mais de 60 leguas da capital, onde se conta haver extrahido uma pepita de ouro de 43 libras de peso; Sancta-Cruz, cujas minas foram descobertas por Manoel Dias da Silva, em 1729; S. Felix, nas cabeceiras do rio Tocantins, onde a exploração data de 1736; Pontal, a cerca de 150 leguas ao Norte da capital, no corrego Lavapés, proximo á margem esquerda do rio Tocantins e perto das lavras do ribeirão da Matança, que, em quatro epochas differentes,

se tentou minerar, sem resultado, pela opposição dos selvagens, que ahi faziam continuas e perigosas correrias. (79)

Desde as primeiras descobertas das minas de Goiaz affluiram para alli mineiros já espalhados por uma vasta extensão das Minas-Geraes.

Uma d'essas bandeiras que batia os sertões á procura do caminho que os levasse alli, encontrou muito ouro na paragem, onde se edificou mais tarde *Paracatú*.

O precioso metal foi achado nas margens de um ribeiro a que denominaram Corrego-Rico; mas como o objectivo que os attrahia estava mais longe, resolveram os bandeirantes proseguir e assignalar aquelle sitio, segundo narra a lenda, atravessando uma corrente entre duas palmeiras nascidas em cada margem do Corrego.

O roteiro dessa viagem veio ter ás mãos do Paulista José Rodrigues Fróes, o qual partiu com dous escravos apenas, a affrontar aquelles sertões desertos e perigosos, e foi encontrar em 1774 o almejado sitio, que procurava com tanto ardor e coragem.

Fróes appellidou o rio de *Piracatú*, por haver nelle encontrado, em abundancia, peixe muito saboroso, e se apressou em regressar para Sabará a denunciar a descoberta feita, trazendo grande cópia de ouro para provar a sua qualidade de descobridor.

Voltou mais tarde, nomeado guarda-mór das minas do Piracatú e em pouco tempo alli se levantou uma povoação florescente, com mineiros de Sabará e de Goiaz attrahidos pela riqueza das dictas minas.

No correr do seculo XVIII outras jazidas auriferas foram descobertas em ponctos differentes de outras capitanias.

Nenhuma dellas, porém, conseguiu a notoriedade e a importancia das que eram trabalhadas em Minas-Geraes, Goiaz e Matto-Grosso.

Só mais tarde uma ou outra d'essas jazidas conseguiu chamar a attenção sobre suas riquezas, sem deixar, entretanto, traços salientes nas memorias ou nas chronicas do tempo em que foram trabalhadas.

No interior da Bahia, a descoberta mais importante foi das minas de Jacobina, cuja noticia chegou ao governador geral, D. João de Lancastro em 1701 e determinou a ida áquelle sitio, a seu mandado, do Paulista coronel Antonio Alves Silva, practico na exploração do ouro, levando comsigo pessoal e ferramentas.

Com certa intermittencia têm sido trabalhadas as minas de Jacobina até hoje, na zona limitada pelas serras da Itiúba, Assurná e

---

(79) Parte d'estas informações sobre o historico e o desenvolvimento das minas de Goiaz se encontra no Pluto Brasiliensis, do barão de Eschwege, que visitou a capitania antes da independencia do Brasil.

Chique-chique, onde correm o rio Itapicurú e seus affluentes, de um lado, e alguns dos tributarios do S. Francisco para Noroeste.

D'essas minas foram remettidas á casa da moeda da Bahia, entre os annos de 1747 a 1748, cerca de 3,800 oitavas de ouro de excellente toque.

Pouco depois das de Jacobina, foram descobertas as minas chamadas do Matto-Grosso, ao Sul, no interior dos sertões bahianos, no valle do Tromba e nascentes do rio das Contas.

Quem primeiro as mineron foi o Paulista coronel Sebastião Raposo, que com sua familia, escravos e famulos, vinha de S. Paulo e Minas seguindo a mesma direcção do Norte e experimentando os rios por onde passava. Tal foi a sua fortuna, que encontrou um sitio, onde o cascalho se achava quasi á flôr da terra, dando ouro em grossas pepitas.

Conta-se que uma vez encontrou o coronel Raposo um pedaço de ouro pesando arroba e meia, do feitio da aza de um tacho, e que outra vez achou tão bom cascalho, que num dia trabalhando até alta hora da noite com toda sua gente, homens, mulheres e creanças, alcançou extrahir nove arrobas de ouro.

Outros sitios do territorio bahiano têm egualmente sido reconhecidos como auriferos, mas não conseguiram ainda essas minas attrahir a attenção dos exploradores ou dos aventureiros.

Em tempos mais proximos de nós, a unica jazida que chegou a fazer certo ruido foi a do Assuruá, cuja exploração já cessou.

No territorio do actual Estado do Rio de Janeiro, não houve tambem centro notavel de exploração aurifera. As unicas minas que deixaram recordação foram as de *Cantagallo*, descobertas pouco depois de 1780 por aventureiros foragidos, que procuravam na solidão das mattas virgens a impunidade dos delictos que lhes eram imputados. Mamed Henrique Mão de Luva Chopotó, chefe de um desses bandos, que habitava num sitio denominado Sancta-Rita, distante pouco mais de quatro leguas da actual cidade de Cantagallo e 20 do littoral, encontrou ouro nas margens do corrego, que explorou com a sua gente por algum tempo.

Esses aventureiros foram descobertos pelas patrulhas que batiam as mattas na captura de criminosos, e diz-se que foi o cantar dos gallos que possuiam, que guiou os passos de seus perseguidores. D'ahi o nome de Cantagallo, dado áquelle sitio e com que ficou sendo conhecida a povoação, que se levantou ahi. Essas minas foram exploradas sem grandes resultados até 1804: havia uma administração regular para a arrecadação dos impostos, a que estavam sujeitos os mineiros, sob a direcção do guarda-mor João Pinto da Cunha e Sousa.

A pequena importancia dos trabalhos das minas de Cantagallo se avalia pela arrecadação dos quintos, que renderam de 1785 a 1803

pouco mais de 174 marcos de ouro, sendo que, no ultimo decennio em que alli funccionou a superintendencia das minas, de 1794 a 1803 a arrecadação dos quintos não chegou a attingir 70 marcos.

Em epocha mais recente, foi tambem descoberto um campo proprio para exploração aurifera no territorio do actual Estado do Rio Grande do Sul a qual não se tem desenvolvido, apezar das tentativas feitas em epocha differentes.

As principaes jazidas auriferas conhecidas no Rio Grande se acham em Caçapava, ou mais propriamente nas proximidades de Sancto Antonio de Lavras e valle do rio Camacuam que banha essa localidade e nasce a 16 kilometros a Oeste.

Em principios do seculo findo, foram descobertas alluviões auriferas nos arredores da povoação, que por isso se denominou de Lavras; e, em 1835, encontraram-se veeiros de quartzo ricos em pyritos de ferro e impregnados de horneblenda, que foram exploradas a talho aberto nos ponctos em que o ouro era visivel a olhos nús.

Em uma zona extensa fumegam diversos veeiros dessa natureza, nos quaes o quartzo ora é compacto e offerece difficuldades ao trabalho grosseiro dos seus descobridores, ora se apresenta como quartzitos granulosos de facil desaggregação.

Esses veeiros e alluviões foram explorados por particulares e associações diversas até serem concedidas as lavras, por decreto de 31 de Maio de 1873, a uma companhia que ahi emprehendeu, sem grande succeso, trabalhos que cessaram pouco depois.

Em outros ponctos do territorio brazileiro, desde o extremo Norte, até o Sul, tem-se assignalado a existencia de jazidas auriferas.

A falta de estudos e de explorações regulares num terreno extensissimo, ás vezes de accesso difficil e perigoso, de população escassa e sem recursos, tem retardado o conhecimento exacto de riquezas adormecidas no subsolo de nossa patria e que a industria e o trabalho farão um dia resurgir, em futuro que não é dado a ninguem descortinar por emquanto.

Sem que tenham sido objecto de exploração propriamente dicta, já se reconheceu a existencia de minas auriferas nas nascentes dos rios Branco e Japurá, no Amazonas; no rio das Tres Barras confluente do Itapajoz, nos valles do Acará, Guripi e Guajará e em differentes ponctos do territorio do Amapá, no actual Estado do Pará; em Maracassumé, e nos valles do Guripi e Turiassú, no Maranhão; na serra dos Cariris, nos valles do Curumatan, Juré, Salgado, Araracú, Jaguaribe, no Ceará; e, finalmente, em todos os Estados que formam a parte meridional do Brazil.

Em Minas Geraes, além dos ponctos já indicados, foram descobertos, desde os primeiros tempos, outros centros de exploração, como o de Itabira de Matto Dentro, e de Minas Novas do Fanado e do Arassuahi; e como as explorações nunca cessaram de todo, no

territorio deste Estado, nôvas descobertas têm sido feitas, em todos os tempos e em diversos pontos; entre estas são de grandes esperanças as que se têm encontrado nos valles do rio Doce e serra do Caparaó, nas fronteiras do Espirito Sancto.

As principaes jazidas auriferas que, desde os tempos coloniaes, têm sido exploradas em Minas Geraes, acham-se nos seguintes actuaes municipios—de Ouro Preto as *do Velloso, Saragossa, Pelucia, do Rio Gualaxo, Capanema, Venda do Campo, Falcão, Tapera, Morro de S. Vicente, Morro das Almas, Brenha, Machado, Goiabeira, Catta Branca*, e *Antonio Pereira:* no municipio de Marianna: as do *Morro de Sancta Anna, Maquiné, Passagem, Catta Preta, Furquim, Taquara Queimada, Thesoureiro, Tinôco, Vassado*, além das alluviões já indicadas: no de Sabará: as de *Raposos, Morro Velho, da Gloria, Gaia, Gabiroba, Espirito Sancto, Dufles. Faria, D. Florisbella, Capão, Papa Farinha, Pissarrão* e *Taquaril;* no de Cacté: as de *Cuiabá, Jacutinga, Borges, Boa Esperança, Carranca, Juca Vieira, Descoberto, Catita, Carvalho, Carrapato, Mocó, Sancta Cruz, Roça Grande* e *Vira-Copos ;* — no de Santa Barbara : as de *Barra, Pari, Capoeirinha, Pitangui, S. Bento, Santa Quiteria, Boa Vista, Agua Quente, Brucutú, Gongo-Soco, Cocaes, Corrego de S. Miguel, Pitangui de S. Miguel* e *Morro das Almas ;* as de *Bandeirinha e Riacho das Varas*, no municipio de Diamantina: *Itatiaiassú*, no de Bomfim: *Logôa Dourada* e *Prados*, no de Tiradentes, *antigo S. José d'elRei ;* as de *S. João de Guanhães, S. Cyriaco, Serra da Mina*, no de Serro: *Itabira de Matto Dentro*, no municipio desse nome: *Barro Alto* e *Ouro Falla*, no da Campanha e *Descmboque* no do Sacramento. (80)

Grande parte das minas exploradas até principios do seculo findo o foram pelo processo denominado de *talho aberto*, isto é, rasgando o solo á busca de cascalho ou dos veeiros e alargando a excavação á medida que aprofundavam as explorações.

Isso exigia um grande movimento de terras para pôr a nú a jazida aurifera e permittir o serviço dos trabalhadores, tornando de mais a mais difficil o exgotamento das aguas que affluiam.

Sem conhecimento da arte de exploração das minas, um outro mineiro animava-se a accompanhar os veeiros por meio de excavação subterraneas; mas essas eram feitas sem methodo e nenhuma providencia se tomava para a ventilação e garantia da vida dos trabalhadores e dos serviços propriamente dictos.

De sorte que, em pouco, tinham as galerias de ser abandonadas ás aguas que as invadiam, quando dentro dellas não ficavam soterrados os mineiros e os ricos veeiros que os seduziam.

---

(80) *L'or a Minas Geraes*, Paul Ferrand vol. I.

Era principalmente nas proximidades de Ouro Preto e de Marianna que se fazia a mineração subterranea: «Varios montes se mineraram, como o de Villa Rica, dizia um illustre naturalista brasileiro, e, posto que essas minas não tinham ainda toda a perfeição que se requeria, todavia isto bastou para que, deste monte sahissem rios de ouro.» (81) Em sua viagem a Ouro Preto, em 1809, John Mawe confirma-o nestes termos: «A montanha estava perfurada como um favo de mel, porque os mineiros exploravam todas as porções tenras que encontravam e penetravam quanto podiam.» (82)

Os depositos de alluvião que eram os mais explorados, se classificavam em trez cathegorias: — «serviços de veios,» quando o cascalho se achava no leito, propriamente do rio; serviço de *gopiaras* ou *grupiaras*, como hoje se diz, quando o cascalho se encontrava nas encostas dos montes, cuja base os rios fraldejavam; e serviços de *taboleiro*, quando os depositos auriferos se achavam em nivel superior aos rios, occupando provavelmente antigos leitos abandonados, em virtude da elevação dos terrenos.

Quando o ouro não se achava nas alluviões e se encontrava em veeiros, eram esses explorados a talho aberto, como as *grupiaras* e *taboleiros*, e raramente eram aquelles seguidos em direcção, por meio de galerias subterraneas.

No caso de um minerio friavel, ou de facil desaggregação, esta se fazia por meio de uma forte corrente d'agua, auxiliando os trabalhadores o serviço com alavancas, picos e almocafres, de modo que as terras, cascalhos e areias arrastadas pela agua se depositavam em *mundéos* ou grandes cubas feitas de grossas paredes de pedra e lageadas.

Si, porém, o veeiro era de quartzo compacto ou formado de massas pyritosas, a rocha era quebrada a marrêtas, arrebentada á polvora, ou então tractada a fogo, isto é, fazendo-se sobre ella uma grande fogueira para elevar a temperatura e resfriando-se bruscamente, por meio de agua fria, o que fazia a rocha partir-se e fraccionar-se em blócos.

Neste caso o tractamento do minerio exigia que fosse elle previamente reduzido a pó, o que era feito por meio de marrêtas, martellos e, mais modernamente, por pilões impellidos por motores hydraulicos.

O tratamento das areias auriferas fazia-se geralmente por simples e successivas lavagens, de modo a concentrar o ouro, reduzindo a massa de areias em que elle se achava, ou enriquecendo-as.

---

(81) *Memoria sobre a Capitania de Minas Geraes*, escripta em 1799 pelo dr. José Vieira Couto; — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Tomo IV.

(82) Travels in the interior of Brasil.

Essas lavagens e concentração eram feitas primeiro em *canôas* e *bolinetes*, para onde as terras eram arrastadas por uma corrente d'agua, e fortemente agitadas, de modo a permittir que se escapassem os elementos menos densos levados pela corrente e se depositassem os mais pesados, entre os quaes ficava o ouro.

A's canôas e bolinetes seguiam-se mesas inclinadas cobertas de couro ou baeta, cujos pellos serviam para reter as porções mais pesadas das areias ahi levadas pela agua, as quaes se depositavam com o ouro.

Feita a concentração por esses meios mechanicos, onde a agua repretentava papel principal, eram as areias assim enriquecidas, e sob um volume menor, apuradas nas *bateias*. Estas são uma especie de gamellas de madeira, afuniladas ou de fórma conica, com paredes lisas, nas quaes se põem as areias a apurar com um pouco d'agua; agita-se, dando um movimento de rotação, de modo a ter suspensas as substancias leves que se escapam com a agua; e por meio de ligeiras pancadas, durante esse movimento de rotação, o ouro reune-se no fundo da bateia.

Si o metal é muito fino, póde fluctuar e escapar-se com as aguas e areias que se escoam, emquanto se mantém o movimento de rotação na bateia; os lavadores practicos têm meios de rete-lo e obriga-lo a mergulhar, espargindo na massa durante esse movimento o succo de certas folhas como o *maracujá*, *jurubeba*, *matapasto*, *etc.*

Mesmo assim, grande porção de ouro fino se perdia; e como em certas zonas mineiras elle se acha em pó muito tenue, só á custa de muito trabalho e de cuidados especiaes conseguia-se apura-lo ou retira-lo das areias e cascalhos onde se achava.

De modo que, a partir do principio do seculo findo, os mineiros começaram a lançar mão do mercurio para separar o ouro das areias enriquecidas, fazendo a amalgamação.

Esse serviço se practicava sem methodo e tornava-se dispendioso pela grande porção de mercurio que se perdia; uma vez formado o amalgama, o ouro era retirado d'elle, volatilizando-se o mercurio que, só em pequena parte, era regenerado por sublimação.

John Mawe viu praticar-se essa primitiva operação em Villa-Rica, pelo anno de 1810.

> «Punham-se na bateia bem limpa cêrca de duas libras de mercurio, diz elle. Essa massa humedecida era esfregada á mão de encontro ás paredes da bateia, durante 20 minutos; parecia então que o mercurio tinha separado o esmeril (oxydo de ferro que ficava com as areias enriquecidas), apoderando-se de todo o ouro, porque elle offerecia á vista uma pasta tenra que tomava todas as formas que se lhe davam. Os grãos de ouro não estavam, entretanto, amalgamados no mer-

curio, que sómente os envolvia. Punha-se a massa em um lenço e, torcendo-se, fazia-se sair uma onça e mais de mercurio, collocava-se o resto em um pequeno prato de cobre, coberto de folhas frescas de arvores que se punham sobre fogo de carvão, agitava-se a massa com uma bagueta de ferro para impedir que as particulas de ouro adherissem ao prato. Mudavam-se as folhas á medida que o calor as queimava; as que se tiravam continham em algumas partes globulos de mercurio e em outras oxydo branco. Observei diversas vezes que depois d'essa operação o ouro tinha passado de uma côr amarella tenra e agradavel a um pardo sujo: offerecia apparencia toda differente daquelle que tinha sido submettido ao mercurio.»

A falta de conhecimentos apropriados fazia com que os mineiros encontrassem cada vez mais penosos os trabalhos de suas minas, depois de haver retirado as camadas ricas de cascalho, depositadas á flor da terra.

Os pesadissimos impostos, a que estavam sujeitos, vinham completar a ruina e a miseria dos mineiros, apenas tinham elles transposto a phase ephemera e brilhante da primeira exploração de suas lavras.

Na segunda parte do seculo XVIII, começaram a declinar esses trabalhos, que se achavam grandemente reduzidos ao principiar o seculo findo.

Com a transferencia da côrte portugueza para o Brasil, em 1808, procuraram os ministros de d. João VI desenvolver e activar, na colonia, as industrias que pudessem acudir ao erario régio.

O conde de Linhares, comprehendendo que a mineração ainda poderia ter o lustre de outros tempos, se fosse feita conforme as regras prescriptas pela arte e pela sciencia, mandou contractar, em 1811, um allemão que estivesse habilitado a estudar o assumpto e fornecer aos mineiros as informações e conselhos de que carecessem.

A sua escolha foi muito feliz na pessoa do barão Von Eschwege, o qual permaneceu em Minas Geraes até á epocha da independencia do Brasil, estudando as riquezas mineraes do paiz, lançando os fundamentos para sua Geologia, indicando aos mineiros o que mais lhes convinha fazer para melhor aproveitamento dos minerios que exploravam: prégando, finalmente, suas ideas pelo exemplo com a organização da *Sociedade Mineralogica*, que explorou a mina da Passagem e com a fundação de uma fábrica de ferro em Congonhas do Campo.

Na viagem de inspecção, que Eschwege fez por Minas-Geraes, teve occasião de reconhecer que, nas numerosas minas existentes

entre Villa-Rica e Itabira do Matto-Dentro, dominavam a impericia e a imprevidencia; nellas eram frequentes os desastres, não só por falta de sustentação das camadas, de exgottamento das aguas e por ausencia de ventilação, como porque a ambição de seguir um veio rico cegava de todo o mineiro que se descuidava das mais elementares previdencias, pagando com a propria vida a sua ignorancia e offuscamento.

Em 1814, existiam em exploração em Minas-Geraes, segundo dados officiaes colhidos por Eschwege, 565 minas, das quaes 337 em alluviões e 228 em veeiros.

Entre mineradores fixos e faiscadores ambulantes, trabalhavam nessas minas 12.400 pessoas, que extrahiram 228.449 oitavas, das quaes 113.128 foram tiradas em lavras e 115.321 em faisqueiras.

Vendo que os seus conselhos não eram adoptados, sinão em pequena escala, pelos mineiros suspeitosos da efficacia dos mesmos, quiz Eschwege mostrar-lhes, por exemplos practicos a vantagem dos methodos que indicava.

Para isso conseguiu, depois de numerosas difficuldades, que fosse expedido, em 1817, o decreto permittindo o estabelecimento de uma sociedade de mineração, que elle tractou immediatamente de organizar, vencendo opposições de todo genero.

Tentou pôr em actividade duas minas em Ouro-Preto, onde pretendia installar pilões e lavadouros mais proprios do que os antigos socoadores, canôas e bolinetes, de que usavam os primitivos mineiros.

A ignorancia e má vontade dos condominos fizeram fracassar os seus esforços para lavrar a que ficava atraz do edificio do palacio do Governo, em Ouro-Preto, bem como outra ao lado da egreja de Antonio Dias, na fralda do morro das Lages.

Depois dessas duas tentativas inuteis, conseguiu Eschwege arrematar a 12 de março de 1819, a mina da *Passagem*, entre Ouro Preto e Marianna, a qual foi a primeira trabalhada por uma sociedade regularmente organizada.

Foi esta constituida com o expressivo nome de *Sociedade Mineralogica* e com o capital de 20.000 cruzados ou lb. 1.900, tendo gasto 5:000$ com a compra da lavra, edificios e escravos.

Eschwege montou um engenho de septe pilões, construindo lavadouros e moinhos até então alli desconhecidos; e o serviço foi tão bem organizado, que, apezar de se ver forçado a deixar a gerencia dos trabalhos antes de começar a exploração propriamente dicta, teve Eschwege a satisfacção de ver a sociedade em plena prosperidade, em 1824, dando dividendo aos accionistas, depois de pagas todas as despesas e dividas.

A proclamação da independencia do Brasil trouxe novo alento á mineração do ouro

As facilidades concedidas pela lei e o successo da *Sociedade Mineralogica da Passagem* determinaram a organização de outras companhias, quasi todas inglezas, que tinham por objectivo as minas do Brasil, principalmente as da provincia de Minas Geraes.

Quem primeiro organizou uma companhia ingleza para esses serviços no Brasil, foi Eduardo Oxenford que esteve estabelecido como negociante em Ouro Preto em 1812, e que tendo-se relaciona do bem alli, regressou pouco depois para Inglaterra, onde se occupava no commercio de topasios.

Vendo capitalistas inglezes desejosos de se atirarem á mineração do ouro, Oxenford, obteve, por intermedio de suas relações no Brasil, a expedição do decreto de 16 de septembro de 1824, que auctorizava a organizar uma companhia para esse fim: e assim foi lançada em Londres, nos ultimos mezes do anno de 1824, a *Imperial Brasilian Mining Association* com o capital de lb. 350.000.

Essa companhia adquiriu logo as minas de *Matta Cavallos*, em Antonio Pereira, perto de Ouro Preto, e as de *Catta Preta*, proximas ao Inficionado, hoje *Sancta Rita Durão*.

Em 1825, comprou a companhia outras minas, como a afamada *Gongo-Soco*, entre as cidades de Sancta Barbara e Cacté e a cinco legoas desta.

A mina tinha adquirido justo renome desde os primeiros annos do seculo findo.

Conta-se que ella foi encontrada por um negro africano, escravo de uma propriedade vizinha, o qual era appellidado de *Congo;* esse negro tinha sempre comsigo muito ouro que elle tirava num sitio que não revelava a ninguem: uma vez surprehenderam-n'o agachado, excavando a terra, de onde tirava grandes pepitas, como ovos, de ouro; dahi dizerem que estava o «Congo no Chôco», e por corruptela e abreviação *Gongo Soco*, nome com que ficou conhecida essa riquissima paragem.

O seu primeiro proprietario conhecido foi o coronel Manuel da Camara de Noronha, cujo filho a recebeu por herança e vendeu, em 1808, ao capitão-mór José Alves da Cunha, e ao sobrinho deste, João Baptista Ferreira de Souza Coutinho, que foi mais tarde barão de Cattas Altas.

Cunha trabalhou ahi durante alguns annos, tendo conseguido, em 1818, descobrir um veio de jacutinga aurifera, da qual tirou em um mez 170 kilogrammas de ouro.

O barão de Cattas-Altas, tornando-se depois proprietario unico, continuou a exploração, por meio de talho aberto, fazendo uma excavação de mais de 200 metros de largura, para attingir á profundidade de 40 metros, onde attacou o veio de Jacutinga e conseguiu extrahir nos mezes de fevereiro e março de 1824 perto de 200 kilogrammas de ouro.

Em 1825 o barão vendeu a mina a *Imperial Brasilian* por lb. 73.916.

Apezar da má direcção dos trabalhos da companhia ingleza, das despesas exaggeradas que tinham e do imposto pesadissimo que pagavam, a mina do Gongo-Soco compensou por muitos annos e fartamente, o capital que se empregou alli.

As galerias subterraneas, abertas pela companhia, puzeram a descoberto linhas auriferas de uma riqueza phenomenal, como nunca mais foram vistas outras em Minas Geraes.

Cita o capitão Lyon, superintendente do Gongo-Soco, que, no dia 21 de janeiro de 1830, elle retirou da mina uma porção de terra aurifera contida num chapéo de cabeça, da qual apurou 10 kilogrammas de ouro. (83)

Como estes, outros dias de grande producção teve a mina, taes como:

	kilgs.
de 19 a 24 de janeiro de 1829 produziu.....	58,8
» 25 a 26 » fevereiro de 1829 produziu.....	47,6
» 22 a 25 » setembro » » »	193,0
» 21 a 22 » janeiro » 1830 »	52,6
Total em 16 dias.....	352,0 (84)

A mina offerecia um campo de exploração comprehendendo nove andares, que se communicavam por meio de poços de septe braças de profundidade, de modo que o ultimo nivel se achava a uma distancia de cêrca de 114 metros, da superficie.

Apezar do grande madeiramento e das precauções tomadas para a sustentação das galerias e exgottamento das aguas, os dous ultimos andares se achavam constantemente inundados, e os veios auriferos foram-se adelgaçando, á medida que os trabalhos proseguiram.

A companhia explorou Gongo Soco durante 30 annos, de 1826 a 1856; nesse periodo extrahiu 12.887 kilogrammas de ouro.

Os annos de maior producção foram os de:

1829 com.....	1.564 kilogs.
1830 »	1.535 »
1831 »	1.132 »
1832 »	1.568 »
1833 »	1.115 »

(83) Capitão Lyon. *Reports of the Imperial Brasilian Mining Association.* VIII.

(84) Hanrod. *Observations on metalliferous deposits and subterranean temperature.*

A partir de 1845 a producção esteve sempre abaixo de 100 kilogs., até 1856, em que apenas attingiu a 26 kilogs.; nesse anno o pessoal empregado era de 450 trabalhadores, egual ao do primeiro anno em que se iniciou o serviço; porém, em mais da metade do tempo em que a companhia trabalhou, alli estiveram empregadas mais de 500 pessoas, excedendo de 800 as que trabalharam em 1840.

Hoje, entre os pequenos arraiaes do Morro Velho e de S. João do Morro Grande, existem apenas as ruinas das grandes e sumptuosas casas da administração dos operarios e dos machinismos do Gongo Soco.

Essas minas contam na sua muda eloquencia a actividade e a riqueza dos tempos, em que prosperou aquella companhia.

O successo de Gongo Soco foi um poderoso estimulo para a organização de outras companhias inglezas, visando a mineração no Brasil.

Em Abril de 1830, foi lançada em Londres uma nova companhia, com o capital de lb. 165.000, para a exploração de jazidas auriferas situadas proximo de S. João d'El-Rey, a qual teve por isso a denominação de *St. John d'El-Rey Mining Company*.

Os trabalhos começaram logo em 1831, e nos fins de 1834 verificou-se um prejuizo na importancia de perto de lb. 26.300, o que determinou a companhia a ir procurar em outro logar novo mais proveitoso campo de exploração.

Perto de Sabará, em Congonhas, havia uma mina denominada do *Morro-Velho* que pertencia, em principio do seculo findo, a um padre Freitas, havida por herança de seu pae, que a tinha comprado por 150.000 cruzados e era reputada muito rica.

O padre Freitas explorou-a com successo e vendeu-a depois ao capitão Lyon, superintendente do Gongo-Soco, o qual a transferiu a *St. John d'El-Rey Mining*, em 1834, pelo preço de lb. 56.434.

A Companhia transferiu para Congonhas todas suas machinas; e começou ahi, desde logo, os trabalhos, abrindo trez campos de exploração nos sitios denominados « Quebra Panella e Bahú » «Cachoeira » e «Gambá »; este ultimo veio foi logo depois abandonado por ser de riqueza inferior, e o serviço concentrou-se nos dous primeiros.

A partir de 1860, a mina só tinha uma excavação profunda e larga, determinada pela juncção dos dous veeiros que explorava.

Durante os quatro primeiros annos, a companhia teve muitos gastos, mas, a partir de 1839, começou o rendimento a cobrir as despesas, e de 1842 em diante a dar dividendos ao capital empregado.

O minerio era de boa qualidade: seu teor médio era de 23,5 de ouro por tonelada, do qual se extrahiam 15,5; até 1867 os dividendos regularam na média 25 % do capital empregado.

Na noite de 26 de Novembro de 1867 deu-se um incendio no madeiramento da mina, o qual produziu desabamentos e soterrou os trabalhos, que se achavam a quasi 300 metros de profundidade.

Nesse primeiro periodo de seus trabalhos, a *St. John d'El-Rey Mining Company* produziu 28.650 kilogrammas de ouro; e os serviços tinham tomado tal desenvolvimento que, possuindo, em 1835, apenas 27 pilões, em 1858 já tinham installado 65, os quaes quebravam 16.000 toneladas de minerio. A partir de 1856, estavam montados 135 pilões, que soccavam 90.000 toneladas, achando-se occupadas nos trabalhos 2.400 pessoas, das quaes apenas 130 europeus.

Vendo os seus serviços parados em plena phase de prosperidade, a companhia não hesitou em reabril-os, levantando logo os capitaes necessarios e começando a perfurar dous poços para encontrar o minerio pouco abaixo do poncto onde se fazia a exploração.

Começados em Outubro de 1868, estes poços attingiram o veeiro com 365 metros de profundidade; os trabalhos continuaram sempre com a actividade dos outros tempos, e, em pouco, começou novamente a companhia a prosperar, até 1882; nesse periodo, a média dos dividendos distribuidos elevou-se a 31 % do capital empregado.

A' medida que os trabalhos se aprofundavam, cresciam as difficuldades de extracção, e as aguas que chegavam ao fundo da mina, em grande quantidade, exigiram, a installação de bombas possantes e dispendiosas. Na noite de 10 de Novembro de 1886, novo desastre veio interromper os serviços, tendo havido um formidavel desabamento que destruiu as machinas e trabalhos e affectou os poços de entrada, de modo a impedir que a exploração proseguisse.

Nessa epocha, achavam-se em serviço 132 pilões, soccando perto de 60.000 toneladas de minerio; e as excavações subterraneas tinham attingido a 570 metros abaixo da superficie. A producção total de ouro nessas duas phases da companhia, desde o seu começo, abrangendo 52 annos, elevou-se á 58.344 kilogrammas, apresentando o valor de lb. 5.215.000.

O sr. G. Chalmers, então superintendente da companhia e a cuja competencia se acha até hoje confiada a direcção dos importantes trabalhos de-sa mina, não hesitou em propôr a reabertura dos serviços, o que ia exigir grandes dispendios e muitos trabalhos. Graças, porém, á sua tenacidade e á confiança que inspirava, foram levantados os capitaes necessarios para esse ousado emprehendimento.

Reconstruida a companhia em 1888, começou-se logo a perfuração de dous poços que deviam ir ter ao veeiro, e de uma galeria destinada a ligar os poços ao engenho, onde o minerio devia ser tractado. Essa galeria, começada em Abril de 1889, estava terminada em Março de 1890, com a extensão de 307 metros; e, em Abril de 1892, attingiam ao novo campo de exploração os dous poços, um com a profundidade de 662 e outro com a de 700 metros. Logo depois eram alcançados

os veeiros por galerias transversaes, e sua exploração continúa até hoje com a profundidade vertical de 1.000 metros a partir da entrada da mina. Em 1894 estavam terminadas as novas installações da companhia, com uma bateria de 120 pilões californianos e processos novos para a apuração do ouro por amalgamação e cyanetação, tudo feito com capricho, solidez e arte; de modo que a companhia entrou em sua terceira phase, pujante de vida, reoccupando o logar de primazia entre suas congeneres do Brasil.

Das outras minas que a companhia possue e cuja exploração tem tentado em epochas differentes, nenhuma tem alcançado notoriedade, nem por sua riqueza, nem pela importancia de seus trabalhos. Ellas são a do *Gaia e Gabiroba*, distantes cerca de cinco kilometros do Morro-Velho e situadas numa antiga propriedade de Fernão Paes, perto da actual estação de Honorio Bicalho, na Estrada de Ferro Central do Brasil; e a de *Cuiabá*, na estrada que liga Sabará e Caeté.

Em 1832, formou-se em Londres a *Brasilian Company* com o capital de lb. 60.000 para explorar a mina de *Catta-Branca*, situada no planalto, de onde emerge o pico de Itabira do Campo, nas proximidades do arraial e da estação desse nome, na Estrada de Ferro Central. Essa mina pertencia ao conde de Linhares, que a vendeu a M. Mornay, para a Companhia Ingleza, pelo preço de 78:000$000. A jazida era um veeiro de quartzo quasi vertical atravessando eschistos micaceos. A exploração fez-se com exito, durante um pequeno numero de annos, porque o desabamento de parte da mina, em 1844, veio interromper os trabalhos e inutilizar os serviços, que ficaram soterrados com grande numero de trabalhadores. A installação de *Catta Branca* permittia soccar um pouco mais de 20.000 toneladas de minerio por anno; e o teor deste era de 14 a 20 grammas de ouro por tonelada; de sorte que a producção da mina, de 1840, em que os serviços se achavam todos installados, até 1844, em que elles terminaram, foi de perto de 1.182 kilogrammas de ouro. A *Brasilian Company* explorou tambem, na mesma epocha, a mina do *Morro das Almas*, perto de Agua-Quente, nas fraldas da Serra do Caraça, onde ha uma jazida de itabiritos e jacutinga auriferos; mas essa exploração não teve grande importancia.

O successo do Gongo-Soco animava a organização de outras companhias, que visavam operar na mesma zona.

Em 1833, formou-se a *National Brasilian Mining Association*, para explorar as jacutingas auriferas das minas de *Cocaes*, proximas da localidade desse nome e nas vizinhanças de Gongo-Soco. Essas minas achavam-se no alto da montanha e tinham sido reconhecidas como ricas desde os fins do seculo XVIII, sendo trabalhadas a talho aberto por seus primeiros proprietarios. A companhia perfurou galerias, communicando-se por poços, e começou o serviço em Junho de 1834.

Seis annos depois, os trabalhos se faziam a 90 metros da superficie e empregavam cerca de 400 pessoas. A installação para o exgottamento das aguas era, porém, insufficiente, e não podia vencel-as: d'ahi os desabamentos que se tornaram frequentes. Até 1840, apenas tinham conseguido extrahir pouco mais de 200 kilogrammas de ouro, e as despesas, que já eram avultadas, foram crescendo tanto, que, em 1851, se resolveu abandonar de todo a mina de Cocaes. Mudando o campo de sua acção, a companhia tentou rehabilitar-se, mas sem successo, nas minas de *Cuiabá* e de *Brucutú*, onde explorou uma jacutinga aurifera que não compensou o trabalho e as despesas. A *National Brasilian*, porém, resistiu até 1862, em que conservou os seus serviços abertos.

Houve certo periodo de retrahimento de capitaes inglezes para as mineracões brasileiras: e só depois da brilhante phase de prosperidade do Morro Velho, a partir de 1860, recomeçou a especulacão das companhias mineiras.

Em 1861 organizou-se, em Londres, a *East del Rey Mining Company*, com o capital de Lb. 10,000, para explorar o quartzo aurifero das minas do *Capão* e *Papa-Farinha*, nas proximidades de Sabará. Esses veeiros, porém não tinham constancia que permittisse trabalhos regulares: e a companhia abandonou-os depois de haver despendido Lb. 36,000, indo tentar a exploração das minas do *Morro de S. Vicente* e *Morro das Almas*, proximas ao arraial do Rio das Velhas, a seis legoas de Ouro-Preto. Todos os serviços d'essa companhia cessaram, porém, em 1876, sem ter dado lucros compensadores.

A *Don Pedro North del Rey Gold Mining Company* organizou-se em 1862, com o capital de Lb. 125,000 para explorar um veio de quartzo e de pyritos auriferos no *Morro de Sant'Anna*, pouco adeante de Marianna. Os trabalhos não tiveram grande resultado e começaram a trazer desalentos á companhia, quando, em 1865, se resolveu esta a explorar uma jazida de jacutinga aurifera no *Machiné*, em frente ao Morro de Sant'Anna e a menos de um kilometro de distancia.

O ouro ahi se achava disseminado no meio de itabiritos friaveis: e o resultado da exploração foi notavel nos primeiros annos. De 1865 a 1867 a producção do ouro foi de 2.427 kilogrammas, e em 1868 tiraram-se 124 kilogrammas de 163 toneladas de minerio. D'ahi em deante a producção média foi de 15 grammas por tonelada; mas as difficuldades de exploração foram crescendo, como sóe acontecer nas minas de jacutinga, que exigem forte madeiramento para sustentaculo das galerias e possantes bombas para exgottamento das aguas. Em 1878, os trabalhos se achavam na profundidade de 212 metros e tiveram de ser suspensos pela affluencia das aguas, que não podiam ser vencidas. Com alternativas diversas tem a mina do *Machiné* se conservado aberta até hoje; e sempre que se consegue pôr

a descoberto os veios auriferos, o resultado é seguro. Ultimamente, a propriedade das minas de *Sant'Anna* e *Machiné* passou-se para uma nova companhia, e os trabalhos vão recomeçar em breve.

Em 1862, formou-se a *Santa Barbara Gold Mining Company*, com o capital de Lb. 60.000 para explorar as minas do *Pari*, perto do arraial de S. Francisco, nas vizinhanças da cidade de Santa Barbara. Em outubro de 1862, a companhia deu começo a seus trabalhos, abrindo uma galeria que foi encontrar o minerio e exgottar as aguas nos serviços que ahi se tinham feito em epochas anteriores. Terminada a installação de 12 pilões e de um barril de amalgamação, os serviços proseguiam com regularidade, quando, por falta de sufficiente revestimento da mina, uma parte d'esta esboroou-se a 12 de Maio de 1882, epocha em que já se explorava a 90 metros de profundidade. A companhia reparou os damnos, abrindo outras communicações para o veeiro; e, a partir de 1885, os trabalhos proseguiram regularmente, com installações novas e mais apropriadas para o tractamento do minerio. Posto que modestos, os resultados obtidos, têm sido compensadores. A producção total da mina do *Pari* até 1 de Janeiro de 1894, foi de 2.682.453 grammas de ouro extrahido de 270.661 toneladas de minerio soccado, o que representa o teor medio de 10 grammas de ouro por tonelada. A partir de 1891, foram decrescendo a riqueza do minerio, a producção do ouro e a actividade do serviço, a ponto de não figurar hoje a *Sancta Barbara Company* na estatistica das minas que exportam esse metal.

Em 1863, fundou-se a *Anglo-Brasilian Gold Mining Company* com o capital de Lb. 100.000 para recomeçar a exploração das minas da *Passagem*, trabalhadas havia perto de 50 annos pela *Companhia Mineralogica*, formada por Von Eschwege. Em Janeiro de 1864, a nova companhia ingleza encetou seus serviços, utilizando-se de alguma cousa que ainda existia da primitiva companhia, não só no interior da mina como nas installações externas. Estas foram completadas, sendo construidos 54 pilões, lavadouros, arrastas e apparelhos de amalgamação. Os trabalhos proseguiram ininterruptamente até 1873, em que o minerio já se apresentava muito empobrecido e isso determinou a cessação dos serviços. Durante esses nove annos de exploração regular, foram tractadas na *Passagem* 103.978 toneladas de minerio, as quaes produziram 753.500 grammas de ouro, o que representa o teor médio de 7.g25 por tonelada, que é muito baixo. Desde 1871, a *Anglo-Brasilian* explorava tambem as minas de *Pitangui*, nos contrafortes da Serra do Caraça. Ahi os resultados não foram mais animadores; e a abundancia da agua que se infiltrava na jacutinga, onde a mina se achava aberta, determinou a cessação dos trabalhos em 1874, epocha em que, estando exgottado o capital da Companhia, a *Anglo-Brasilian* entrou em liquidação.

Em 1864 foi organizada a *Roça Grande Brasilian Gold Mining*

Company, com o capital de Lb. 100.000 para explorar os veeiros da mina de *Roça-Grande*, perto de Caeté, afamada por sua riqueza, que se dizia ser de 150 grammas de ouro por tonelada. Os resultados da exploração industrial, porém, não corresponderam a essas esperanças; e a mina fechou-se alguns annos depois, deixando ruinas, que ainda hoje attestam o vigor e a animação dos seus trabalhos.

A mesma sorte teve a *Basilian Consols Gold Mining Company*, formada em 1873, com o capital de Lb. 100.000, para explorar a jazida de *Taquara-Queimada*, na serra de Ouro Preto, entre Marianna e Antonio Pereira. O capital da companhia não foi todo subscripto; e como em 1875 se tivessem extrahido apenas 4.750 grammas de ouro, insufficiente para o pagamento das despesas feitas, a exploração cessou nesse anno e não foi recomeçada mais tarde.

Em 1870 um syndicato inglez, desejando organizar companhia para explorar as numerosas minas de *Itabira de Matto-Dentro*, que tinham fama de muito ricas, comprou todas ellas por cerca de 350 contos de réis. Depois de muitos dispendios, não se tendo formado a companhia, foi tudo vendido, em 1874, por preço infimo, a uma associação que se fundou no paiz, sob a denominação de *Associação Brazileira de Mineração*, a qual pouco tempo trabalhou e quasi nenhum resultado colheu por insufficiencia de capital e impericia na direcção dos serviços. Até hoje, pequenos faiscadores conservam abertas essas minas.

Para explorar novamente as jacutingas auriferas de *Pitangui*, perto de Cattas-Altas, organizou-se, em 1876, a *Pitanguy Gold Mining Company*, com o capital de Lb. 8.000. A mina foi comprada aos liquidantes da *Anglo-Brasilian* por Lb. 900; e os trabalhos proseguiram até 1887, tendo-se extrahido nesse periodo 285 kilogrammas de ouro de 18.227 toneladas de minerio, o que representa o teor de 15gr,6 por tonelada. Além da abundancia das aguas, as difficuldades de sustentação das galerias determinaram a cessação dos trabalhos, que já tinham attingido a profundidade de cerca de 200 metros.

Em 1878 formou-se outra companhia nacional, sob a denominação de *Empreza de Mineração do Municipio de S. José del-Rey*, com o capital de 500 contos de réis, para explorar os veios de quartzo aurifero de *Lagoa Dourada* e as alluviões das grupiaras de *Prados*, ao norte de S. José d'El-Rei, hoje cidade de Tiradentes.

Não foram ahi feitos trabalhos de importancia, e a companhia cessou o seu serviço, sem ter tirado resultado apreciavel.

A *Brasilian Gold Mines* constituiu-se em Londres, com o capital de Lb. 80.000, em 1880, para explorar os veios de quartzo aurifero do *Descoberto*, perto de Caeté, nos contrafortes da Serra da Piedade. Foi apenas subscripta a metade do capital; e, em 1883, a Companhia tinha extrahido apenas 15 kilogrammas de ouro, o que de-

terminou a cessação dos trabalhos. A companhia tentou reorganizar-se em 1887, para explorar uma jazida aurifera, que tinha em seus terrenos; mas nada conseguiu e os serviços terminaram definitivamente.

Em 1880 organizou-se na Europa um syndicato para comprar minas que estivessem em condições de ser exploradas, afim de se organizar depois uma companhia para as trabalhar. Após varios estudos, esse syndicato comprou as minas da *Passagem*, pertencentes outr'ora á *Sociedade Mineralogica* e depois á *Anglo-Brasilian*, tendo sido tambem adquiridas pelo syndicato as minas de *Raposos* e de *Espirito Santo*, situadas perto de Sabará, e as de *Borges*, nas proximidades de Caeté. Em 1884, formou-se a *The Ouro Preto Gold Mines of Brazil* com o capital de lb. 400.000 para explorar essas minas.

Os trabalhos começaram em Abril do mesmo anno na *Passagem* e em *Raposos*. A *Passagem* é a mais importante das minas adquiridas pela Companhia; e os seus serviços se têm feito até hoje, sem interrupção. O minerio, que era explorado a 175 metros de profundidade, quando foram recomeçados os serviços na *Passagem*, hoje é extrahido de mais de 500 metros abaixo da superficie. A installação externa para o seu tractamento compõe-se de perto de 100 pilões.

A partir de 1889, abandonou-se alli o processo de amalgamação, improprio para minerio excessivamente pyritoso, como é o da *Passagem*, e foram installados fornos de ustulação para queimar as areias concentradas, que são depois submettidas á chloretação havendo-se ensaiado egualmente, nos ultimos tempos, o processo de cyanetação. Os pilões trituraram até 1893 cêrca de 218.000 toneladas de minerio, que produziram 2.567 kilogrammas de ouro. Das outras minas da companhia, apenas a de *Raposos* apresentou resultados dignos de nota; até 1893, os 12 pilões alli installados haviam soccado 31.447 toneladas de minerio, que produziram 157 kilogrammas de ouro. A exploração cessou, não só nesta, como nas demais minas da companhia, pelo fraco teor aurifero que o minerio apresentava; e toda a actividade e esforço concentraram-se na *Passagem*, que se torna, dia a dia mais importante e interessante.

A mina do *Faria*, distante quatro kilometros da estação de Honorio Bicalho, na Estrada de Ferro Central do Brasil, foi comprada por uma companhia que se organizou em Paris a 13 de Abril de 1887, com o capital de frs. 1.800.000.

A mina consiste em um veeiro de quartzo eschistoso e pyrito aurifero, intercalado em eschistos argillosos, o qual aflora no flanco do Morro do Pires, na Serra do Curral d'El-Rei.

A companhia franceza iniciou desde logo os trabalhos perfurando galerias para attingir o veeiro e exgottar os trabalhos dos anti-

gos mineiros que o tinham explorado. Foi feita uma installação electrica para mover os concassores, os 20 pilões, os Frue-Vanners, bem como as bombas de exgotto e demais machinismos. As installações foram terminadas em 1891, e d'ahi até 1893, os pilões trituraram 19.672 toneladas de minerio, que produziram perto de 150 kilogrammas de ouro. A companhia se reorganizou em 1897 com capitaes inglezes e passou a denominar-se *Faria Gold Mining Company*; os seus trabalhos proseguem até hoje, e novos melhoramentos foram ultimamente introduzidos na apuração do ouro, que se faz por chloretação e pela cyanetação.

Outras companhias inglezas e nacionaes se formaram antes da proclamação da Republica, para explorar minas nas provincias de Minas Geraes e de Goiaz; mas os seus trabalhos e a sua riqueza não chegaram a chamar a attenção sobre ellas; e de muitas não existem hoje vestigios, nem no terreno, nem nas chronicas.

Entre ellas, cumpre assignalar a companhia ingleza que, ha perto de 40 annos, explorou as minas do *Taquaril*, de jacutinga aurifera envolta em ricos oxydos de manganez, nos arredores de Bello Horizonte, antigamente Curral d'El-Rei, hoje Capital do Estado de Minas Geraes, na encosta occidental da serra que o separa da paragem, onde estão as minas do Morro Velho.

Depois da proclamação da Republica, a Constituição, votada a 24 de Fevereiro de 1891, creou direito novo em materia de minas estatuindo que «as minas pertencem ao proprietario do sólo, salvas limitações que serão postas em lei em bem da exploração desse ramo de industria». O Congresso Nacional até hoje não votou a lei que deve completar a disposição constitucional, o que é lamentavel, porque esse estado de cousas, provisorio e anormal, tem causado retrahimento de capitaes e difficuldade de organização de companhias extrangeiras para as minas do Brasil. Apenas algumas pequenas companhias nacionaes se tem fundado, e sem grande resultado, por emquanto.

Em 1890, organizou-se a *Companhia de Mineração do Furquim*, com o capital de 150 contos de réis, para explorar as alluviões do rio Carmo, proximo do arraial do Furquim, perto de Marianna. Dous annos depois, o capital da companhia foi elevado a 600 contos, mas não foi todo subscripto. Depois de haver installado duas baterias de trituração do minerio, uma com 10 e outra com 20 pilões, a companhia liquidou-se, em fins de 1893, sem ter tirado resultado de seus trabalhos.

Tambem para explorar as alluviões auriferas do *Ouro-Falla*, a trez kilometros do rio Sapucahi, proximo á cidade de S. Gonçalo do Sapucahi, foi organizada a *Companhia das Minas de Ouro-Falla*, a 11 de Julho de 1891, com o capital de 150 contos de réis. Planejou-se atacar a camada aurifera por meio de jactos hydraulicos o que exi-

gia a construcção de um canal de 33 kilometros de extensão com diversas obras de arte. Os trabalhos preparatorios absorveram todo o capital da Companhia, elevado a 200 contos: e os serviços não proseguiram, a partir de 1895

A *Companhia Mineralogica Brasileira* foi lançada no Rio de Janeiro, em 1891, com o capital de 2.000 contos de réis, dos quaes só realizou 400, para comprar e explorar as minas do *Falcão e Venda do Campo*, bem como as alluviões do rio Gualaxo, no sitio denominado *Volta do Rio*, tudo nas proximidades de Ouro Preto. Foram feitos diversos trabalhos preparatorios ; mas os serviços cessaram a partir de 1894. As propriedades dessa Companhia acabam de ser adquiridas por um syndicato belga, que pesquiza minas de manganez e de cinabrio existentes nos terrenos.

Em 1892 organizou-se a *Empresa de Mineração do Caeté* com o capital de 200 contos de réis para explorar as minas do *Carrapato, Carralho e Arraial Velho*, nas proximidades da cidade de Caeté. Feitos os trabalhos preparatorios e installada uma bateria de 15 pilões, o serviço de exploração não tomou desenvolvimento, posto se conserve a mina aberta até hoje, trabalhando intermittentemente.

A *Companhia Aurifera de Minas Geraes* foi fundada a 21 de Março de 1892 com o capital de 200 contos de réis, logo realizados, para explorar as minas denominadas *D. Florisbella*, que ficam em frente á estação de Honorio Bicalho, na Estrada de Ferro Central do Brasil.

E' a unica das companhias nacionaes que tem mantido seus trabalhos em actividade até agora. Ella installou uma bateria de 10 pilões californianos, movidos por uma roda Pelton, que utiliza importante queda d'agua, de mais de 100 metros de altura. Tem egualmente installados concassores, Frue Vanners e fornos de ustulação. O capital da companhia já foi elevado a 1.000 contos de réis, que está realizado e gasto, e cogita-se agora de eleval-o a mais para completar e desenvolver as installações, á vista das esperanças que a riqueza e a abundancia do minerio despertam.

Os trabalhos são feitos em galerias horizontaes que attingiram o veeiro em diversos pontos e que, sommados, tem um total de 1.000 metros de extensão. O minerio tractado é um quartzo aurifero que se apresenta ora com aspecto saccharoide e com ouro visivel, ora muito pyritoso e duro. Os trabalhos ainda podem ser considerados no periodo preparatorio, e a mina não tem uma producção regular, muito embora já tenham saído della mais de uma centena de kilogrammas de ouro.

Em 1893 a *Companhia Brasileira de Salitraes*, organizada para explorar minas de salitre, de ouro e de outras substancias, adquiriu a mina do *Vasado*, a tres kilometros do Sumidouro de Marianna, ao

Sul do Itacolomi, onde existe um veeiro de quartzo branco, acompanhado de pyritos e de galena argentifera com ouro visivel. A exploração d'essa mina cessou a partir de 1895, sem ter deixado grande resultado.

A mina da *Barra* ou de *Santa Quiteria*, proxima da cidade de Santa Barbara, pertence á familia Penna, que a tem trabalhado com exito ha muitos annos, posto que em pequena escala. Ella está sendo estudada, ha dous annos, pelo *Anglo-Brasilian Syndicate*, que pretende adquiril-a. Alli já tem elle feito installações aperfeiçoadas, perfurando galerias, e, a partir do anno passado, começou-se a fazer exportação de ouro.

Outras minas estão egualmente em estudos para a organização de novas companhias, taes como a mina do *Corrego de S. Miguel*, perto de S. João do Morro-Grande, a da *Bôa Esperança*, ao Sul de Caeté e perto do Gongo-Soco, a de *Juca-Vieira*, a alguns kilometros de Caeté, as de *Carranças*, *Leitão*, *Jacutinga* e outras nessa mesma zona. (85)

Recentemente, começaram os trabalhos de uma nova companhia ingleza, intitulada *S. Bento Gold Estates*, que ha perto de quatro annos explora a mina de *S. Bento*, entre Gongo-Soco e Santa Barbara

A trituração do minerio ahi se faz a sêcco, por meio de concassores cylindricos e peneiras, tangidas por uma machina a vapor; e a apuração é feita pelo processo da cyanetação, de modo que se consegue extrahir 93 % do ouro contido no minerio. Esse excellente resultado é devido á natureza do mesmo, que tem apenas 25 % de pyrito, e ao processo de tratamento, que, dispensando o emprego da agua, evita a perda do ouro fluctuante, commum nas minas d'essa zona, onde o ouro dos veeiros de quartzo é muito fino.

Não é possivel apresentar-se estatistica exacta da producção do ouro no Brasil, desde as primeiras explorações. A ausencia de dados d'essa ordem é facto reconhecido e lamentado.

Tomando, porém, para base a arrecadação do imposto do quinto, a qual, apezar de não ser segura é a unica que ficou nos archivos officiaes, o barão Von Eschwege calcula a producção do ouro em Minas-Geraes, durante o dominação portugueza, nos seguintes termos:

---

(85) As informações relativas á organização d'essas companhias se encontram com maior desenvolvimento no excellente livro do mallogrado professor da Escola de Minas de Ouro Preto, o dr. Paulo Ferrand, intitulado *L'or a Minas Geraes*, vol. I, 1894.

De 1700 a 1713.....	1.224	kilogrammas
» 1714 » 1725.....	22.934	»
» 1726 » 1735.....	36.693	»
» 1736 » 1751.....	150.439	»
» 1752 » 1777.....	183.190	»
» 1778 » 1820.....	129.614	» (86)
	524.094	

O sr. Hanrod, antigo director das minas do Gongo-Soco, calcula a producção do ouro em Minas-Geraes, no periodo de 1820 a 1860, em 63.783 kilogrammas, o que daria um total, desde a descoberta do ouro até 1860, de 587.877 kilogrammas, ou, em numeros redondos, 600.000 kilogrammas, calculo que fica áquem da verdade por causa dos faiscadores numerosos, cuja producção não póde entrar em estatisticas regulares.

Sem grande receio de erro, póde-se, pois, avaliar que a producção do ouro em Minas-Geraes até nossos dias excede de 700.000 kilogrammas.

No ultimo quinquennio do seculo, as companhias que exportaram ouro e pagaram o respectivo imposto produziram :

Em 1896.....	1.988.527	grammas
» 1897.....	2.233.944	»
» 1898.....	3.090.205	»
» 1899.....	4.192.414	»
» 1900.....	4.670.400	»
Total.....	16.175.490	

Ou, computando-se o ouro extrahido pelos faiscadores, pode-se avaliar em 20.000 kilogrammas o total do que produziram as minas auriferas do Estado de Minas-Geraes, nos ultimos cinco annos do seculo.

No anno findo, a producção do ouro em Minas attingiu a cerca de 5.000 kilogrammas, incluindo o que extrahiram as pequenas sociedades nacionaes e os faiscadores. As companhias extrangeiras exportaram o seguinte :

Morro-Velho.....	3.227,0	kilogrammas
Passagem.....	838,0	»
S. Bento.....	285,9	»
Faria.....	182,0	»
Santa Quiteria.....	137,5	»
Total.....	4.670,4	»

(86) *Pluto Brasiliensis*, de Von Eschwege.

Foi certamente arduo e escabroso o cyclo percorrido pela industria extractiva do ouro nos seus dous seculos de existencia; mas foi tambem brilhante e cheia de esperanças a posição que ella occupava ao findar-se o ultimo seculo.

Ainda ha poucos annos, a extracção do minerio se fazia do modo mais primitivo, accendendo-se fogueiras sobre a rocha do veeiro e depois lançando-se agua fria para fazel-a saltar; hoje a dynamite realiza em todas as minas essa operação, de modo mais proveitoso e rapido.

Outr'ora, as galerias eram tortuosas, infectas, perigosas e escuras; em nossos dias, a profundidade alcançada pelos trabalhos attinge a muitas centenas de metros e mesmo a um kilometro na mina do Morro-Velho, — as galerias são largas e ventiladas, algumas arejadas pelo ar comprimido, depois de ser utilizado nos perfuradores mechanicos, e outras illuminadas pela electricidade, tambem empregada para fazer detonar a dynamite a grande distancia.

Não ha muito, o ultimo progresso no tratamento e concentração do minerio consistia em pilões toscos, canôas, bolinetes e mesas inclinadas, que são hoje substituidas por baterias de pilões californianos e Frue Vanners ou por cylindros concassores e peneiras.

No principio do seculo, a amalgamação era um ensaio timido para a apuração do ouro, e a sublimação do mercurio uma difficuldade quasi insuperavel; hoje, as placas de cobre amalgamadas substituem com vantagem os barris de amalgamação, e a ustulação, a chloretação e a cyanetação, vencendo os minerios refractarios, conseguiram apurar as menores particulas do ouro, que então escapavam zombando de todas as precauções e cuidados; e assim se consegue aproveitar até os 93 % do ouro contido no minerio e revelado pela analyse chimica.

Si não temos caminhado tanto quanto deviamos e os recursos de nosso sólo permittiam, não estamos, entretanto, estacionarios; e no dia em que os capitaes se resolverem a fecundar a industria extractiva entre nós, essa ha de compensal-os fartamente, fazendo brotar das entranhas virgens da terra riquezas abundantes, que mal podemos hoje antever.

PARTE TERCEIRA

O diamante

Era natural que á do ouro acompanhasse de perto a descoberta do diamante.

O precioso metal, em cuja busca corriam, sem cessar, levas de bandeirantes, arrastando os perigos e as aventuras do sertão ignoto, é um dos satellites que mais commummente acompanham a mais bella das pedras preciosas que a todas sobrepuja por seu brilho inegualavel.

Partindo de Caeté, em 1703, havia a bandeira de Antonio Soares e de Manoel Corrêa Arzão seguido o rumo do Norte e lançado já os fundamentos das povoações do Morro do Pilar, da Conceição e do Serro do Frio.

A fama das riquezas do *Iritatrahi* ou da zona das *montanhas frias*, estava attrahindo outras bandeiras, sahidas do Sabará, do Caeté, do Ouro Preto, do Ribeirão do Carmo, bem como de S. Paulo e mesmo da Bahia e outros pontos do littoral, as quaes entravam pelo caminho do sertão.

Todos os corregos, rios e grupiaras que se extendem ao Norte da actual cidade do Serro foram assim se povoando; e alli a abundancia do ouro compensava largamente o esforço e a tenacidade de seus descobridores.

O coronel Manoel Corrêa Arzão fixou-se no Serro, onde exerceu grande auctoridade, recebendo posteriormente a confirmação dos postos que conquistara, por meio de cartas-patentes que lhe foram conferidas pelos governadores Antonio de Albuquerque e d. Braz Balthazar da Silveira.

Ahi tambem se conservou Lourenço Carlos Mascarenhas, que havia entrado com Arzão e que conduziu, a mandado deste, para a cidade da Bahia, ao vice-rei, pelo caminho do sertão, a primeira remessa de ouro, do imposto do quinto arrecadado no Serro.

Egualmente permaneceu no Serro o arrojado sertanista Geraldo Domingos, que disputava a Arzão a suprema auctoridade, que este se arrogava, o que determinou o governador Antonio de Albuquerque a enviar alli, em 1711, o capitão-mór Garcia Rodrigues Velho, para se informar do motivo das desordens havidas e dos meios de remedial-as.

O paulista Francisco Machado da Silva, que tambem foi dos primeiros a penetrar naquella zona, descobriu as jazidas auriferas dos ribeirões do Caetê-mirim, Rio Pardo, Morrinhos, Rio do Peixe, Rio Manso e outros, que tão notaveis se tornaram por suas riquezas, — todos elles nos arredores da actual cidade de Diamantina.

Segundo o que allegou, em uma petição dirigida ao rei (87) refere esse sertanista que gastou septe annos a fazer os descobrimentos daquelles sitios, despendendo grandes cabedaes e munições para vencer a opposição, que á sua marcha faziam os gentios bravos e animaes ferozes, havendo succumbido na lucta muitos de seus escravos e companheiros, tendo toda a comitiva suportado numerosos revezes e soffrimentos, para penetrar as mattas virgens e atravessar os perigosos rios, que vadearam.

Os primeiros povoadores dos sitios descobertos por Machado tiveram a primazia das minas auriferas do Jequitinhonha e de seus affluentes.

Um dos sitios que se tornaram desde logo conhecidos, e no qual se grupou grande população, diariamente crescente, foi o do *Tijuco* nome de um pequeno arroio, affluente do Rio Grande, os quaes juntos banham a actual cidade de Diamantina.

Esses rios, bem como os corregos de S. Francisco e do Piruruca, chamaram a attenção dos aventureiros, que chegavam das descobertas vizinhas, attrahidos pela abundancia do ouro, que brilhava á flor d'agua e nas margens daquelles riachos. Elles corriam em leitos de finissima e clara areia ou no meio de seixos rolados, de fórma e coloração caprichosas, a que os mineiros deram o nome de *piruruca*, como chamavam os indios, ou *caagica* na traducção portugueza.

Dahi, bem como de outros pontos já povoados, se avistava o pico do *Itambé*, emergido da cordilheira do Espinhaço, a qual seguia seu rumo Norte, dividindo as aguas do Jequitinhonha das do rio das Velhas, como antes já tinha separado o valle deste do do rio Doce.

O Itambé constituiu-se uma balisa ou ponto de referencia e de attracção para outras bandeiras, do mesmo modo como foram o

(87) *Revista do Archivo Publico Mineiro*, — fases. I e II, do anno IV, 1899, pag. 298.

Itacolomi e os picos da Piedade e da Itabira, em epocha anterior. A belleza e coloração dos seixos que formavam o leito dos corregos desse novo campo de exploração aurifera, reviveram a illusão das esmeraldas, que attrahiu novos bandeirantes a novas descobertas.

O governador da capitania, Antonio de Albuquerque, recebeu ordem da metropole para fazer continuar os descobrimentos de ouro, prata e esmeraldas; e lembrando-se do guarda-mór Garcia Rodrigues, já então edoso, confiou-lhe esta missão pela carta-patente de 3 de fevereiro de 1711, passada de Sabará.

Nas diligencias das esmeraldas tambem andaram alguns dos habitantes do Serro, entre elles o sargento-mór Lucas Freitas de Azevedo, que descobriu ouro em abundancia no corrego que até hoje tem o seu nome naquella cidade, e Balthazar de Lemos e Siqueira, seu companheiro e auxiliar.

Outros, orientados pelo Itambé, lançaram-se a descobrimentos nos corregos que o fraldejam ou que nascem de seus contrafortes; entre elles, tornaram-se notaveis Felix Pereira da Rocha, Diogo de Braga, Lourenço Henriques do Prado, Manuel Pereira de Castro e outros, que, á frente de bandeiras, desbravaram e povoaram os sitios que constituem hoje a parte agricola mais importante do municipio do Serro.

Em quasi todas as alluviões revolvidas pelos bandeirantes do *Iritiruhy*, jaziam grandes depositos de diamantes.

Cegos, porém, pela ambição do ouro e ignorando totalmente o valor daquellas pedras, brilhantes e facetadas, que encontravam no cascalho, não lhes davam os mineiros o devido apreço e limitavam-se a catar as mais bellas por méra curiosidade.

A unica serventia que encontravam para essas pedras, cujo brilho facilmente as fazia distinguir de quaesquer outras no meio do cascalho onde scintillavam, era para tentos de jogar.

Nessa ignorancia dos mineiros decorreram alguns annos, antes que a certeza da existencia do diamante viesse modificar radicalmente o genero de vida que tinham, e trazer as vexações e soffrimentos que se tornaram, dahi em deante, o apanagio dos Tijuquenses, durante todo o periodo colonial.

A lenda que até hoje tem mais curso em Diamantina e que o inolvidavel mineiro, dr. Joaquim Felicio dos Santos, tão bem poetizou no seu precioso romance *Acayaca*, (88) attribue a descoberta

---

(88) «*Acayaca* — romance indigena, 1729», teve duas edições, a primeira feita no Rio de Janeiro em 1893 na typographia Perseverança e a segunda em Ouro Preto, em 1895, na typographia do jornal *Estado de Minas*.

do diamante no Brasil a um personagem mysterioso, cujo nome se perdeu, talvez offuscado pelo brilho de seu invento.

Conta-se que pelos annos de 1728 chegara ao Tijuco, vindo da India, um frade da irmandade da Terra Santa, que percorria os sertões, esmolando em beneficio de sua ordem.

Offereceu-lhe hospedagem, em sua casa, Bernardo da Fonseca Lobo, um prestativo mineiro, o qual, como todos os habitantes do Tijuco, tinha sobre a mesa de sua sala grande porção das taes pedras brilhantes e crystallizadas, que encontravam nos cascalhos.

O frade, que conhecia os diamantes de Golconda, surprehendeu-se com a abundancia delles no Tijuco e mais ainda com a innocente ignorancia dos Tijuquenses sobre o valor da preciosa gemma.

Passado o primeiro momento de surpreza, que elle procurou dissimular, revelou o frade a Fonseca Lobo o desejo de levar em recordação daquella hospitaleira terra o maior numero possivel daquellas pedrinhas, que tanto lhe agradaram; e facil foi a Lobo obter para seu hospede uma farta provisão dellas, arrecadando as que possuiam seus vizinhos. Durante a noite, porém, o hospitaleiro Tijuquense surprehendeu um monologo do sacerdote, fascinado pela riqueza que o acaso lhe collocara nas mãos, e teve certeza de que aquellas pedras eram bellos e verdadeiros diamantes; mas o frade desappareceu bruscamente de sua casa, na madrugada seguinte, levando o precioso thesouro e sem deixar de si indicio ou indicação alguma.

Essa lenda, posto não seja de todo verdadeira, tem um fundo historico que lhe serve de base.

Effectivamente, foi Bernardo da Fonseca Lobo quem primeiro denunciou ás auctoridades da capitania e da metropole a existencia do diamente nas alluviões auriferas do Serro do Frio.

Entre os annos de 1721 e 1722 lavrava elle á procura do ouro, o corrego dos Morrinhos, affluente do Pinheiro, nas proximidades do arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina.

Uma vez, um seu camarada Francisco Teixeira, natural do Porto e criado na Bahia, encontrou na bateia um bello crystal que deu a Lobo; e este declarou immediatamente que era um diamante, mas que não sabia si era fino, porque não lhe conhecia o valor.

Essa asseveração de Fonseca Lobo fez com que os mineiros, dahi em deante, catassem taes pedras, quando as encontravam na lavagem do cascalho aurifero; e no mesmo sitio de Morrinhos, diversos tiraram muitos outros diamantes, que guardavam ou davam de presente aos seus amigos.

Entre os mineiros de Morrinhos, que desta maneira possuiam diamantes, achavam-se Manuel Nogueira Passos e Nicolau Gonçalves.

Vindo este, uma vez, á missa no Tijuco, teve a idéa de trazer algumas daquellas pedras e « mostrou a Felippe Santiago, que tinha sido ourives, e ao Padre Eloy de Torres, clerigo italiano, os quaes, vendo que riscavam os cristaes e aço, suspeitaram ser diamante; e juntando algumas, Felippe de Santiago, que passou para a Bahia, as vendeu por 8.000 cruzados e convidou a Domingos Alves Amarello para continuarem esse commercio de companhia, de que lhe segurava lucros, e por este Felippe Santiago mandou Manoel Nogueira Passos um bom diamante a N. S. da Conceição da matriz de Santo Antonio além do Carmo, da cidade da Bahia, na duvida de ser diamante e na total ignorancia de seu valor». (89)

Dahi, naturalmente a lenda do frade da Terra Santa, talvez fosse o padre italiano Eloy de Torres.

Desde 1714, porém já se tinha conhecimento da existencia do diamante no Tijuco: quem primeiro se serviu dessas pedras para presentes foi Francisco Machado da Silva. Residia elle na sua lavra de S. Pedro, no ribeirão do Machado, tambem chamado do Pinheiro, naquelle anno, quando sua mulher Violante de Sousa poz-se a quebrar uns crystaes que encontrou no cascalho das lavagens auriferas e achou-os muito duros e bellos, e com uma dessas pedras presenteou Machado a Luiz Botelho de Queiroz, quando este veio ao Serro na occasião de ser o arraial elevado a villa.

Machado encontrou depois pedras similhantes no corrego do Mesquita, onde trabalhava e obsequiou com uma dellas ao seu compadre José Leitão de Oia, que servia de tabellião; e este achou-a tão preciosa, que a offereceu ao governador d. Balthazar da Silveira. Egual mimo recebeu o capitão de dragões, João de Almeida de Vasconcellos, o qual, mandando lapidar a pedra, reconheceu ser diamante. (90).

Ao ouvidor da comarca do Serro, desembargador Antonio Rodrigues Banha, chegaram noticias e amostras mandadas por Bernardo da Fonseca Lobo, das pedras descobertas em Morrinhos e Caetémirim e por este consideradas como diamante.

O ouvidor ajuntou-as, pretextando o desejo de as enviar a seus amigos de Lisbôa, para os adornos em que se empregavam pedras

---

(89). Informações prestadas ao conde de Sabugosa, vice-rei do Brasil, por Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, encarregado pelo Governo portuguez de assistir á demarcação das terras mineraes dos diamantes do Serro do Frio e de determinar a cobrança para os impostos destes. Carta datada de 23 de septembro de 1734, e conservada inedita entre os manuscriptos possuidos pelo Instituto Historico e Geographico do Brasil.

(90). Informação citada de Martinho de Mendonça, da qual foram resumidos outros topicos referidos adeante.

falsas. Lobo mandou a elle 16 dessas pedras recommendando que as estimasse, porque eram diamantes verdadeiros; mas o desembargador Banha orgulhosamente as devolveu, dizendo que pedia crystaes bonitos e não diamantes; e Lobo obstinou-se a não lhe remetter mais, apezar dos instantes pedidos que lhe faziam os amigos communs de ambos.

O ouvidor obteve eguaes pedras de outras procedencias: enviou algumas para Lisbôa; e no testamento que fez, no Serro, mencionou entre seus bens 60 dessas pedras, de cuja qualidade duvidava.

Indo a Villa Rica, em 1726, Bernardo da Fonseca Lobe levou 24 diamantes, dos quaes fez 18 chegarem ás mãos do governador d. Lourenço de Almeida, por intermedio do secretario d'este, Manoel da Fonseca de Azevedo, entregando elle pessoalmente a d. Lourenço os seis restantes, que possuia, para que esta importante descoberta fosse sem tardança communicada ao governo da metropole.

Não tendo noticia alguma do resultado de sua denuncia Lobo escreveu ao governador a respeito, em fins do anno de 1727: e d. Lourenço respondeu-lhe, a 10 de Fevereiro de 1728, pedindo mais pedras para serem examinadas e se dar depois conta a el-rei, si fosse certificada a existencia dos diamantes, como se presumia.

Fonseca Lobo enviou-lhe mais 20 diamantes por intermedio de José Bonifacio da Fonseca.

Refere Silvestre Garcia do Amaral, no requerimento em que pediu ao rei de Portugal mercês e premios, como primeiro descobridor dos diamantes do Brasil, (91) que, entre os annos de 1725 a 1726, habitando elle em Villa-Rica fôra chamado pelo governador d. Lourenço de Almeida, para, como lapidario, que era e conhecedor de diamantes, examinar 11 pedras que lhe foram apresentandas.

Elle as reconheceu como legitimos diamantes, de excellente qualidade, e melhores do que os do Oriente; mas d. Lourenço recommendou-lhe que guardasse absoluto silencio e reserva disso.

Refere o mesmo Garcia que esteve, em 1727, no Serro do Frio, onde «tivera a felicidade de ser o primeiro descobridor dos diamantes que ahi se achavam, conhecendo-os por haver sido lapidario, e logo partiu para a Côrte a dar noticia d'aquelle invento.»

Em 1727, foi nomeado ouvidor geral da comarca do Serro o dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello o qual veio da Bahia pelo caminho do sertão: e, antes de chegar ao Serro, foi esperado no sitio de Jaboticabas pelo inquiridor José Ribeiro, que havia viajado de

---

(91). *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno II, fasc. 2.° 1897, pag. 274—276.

Villa-Rica com Fonseca Lobo e lhe deu a nova do apparecimento das pedras que reputava diamantes.

Ao novo ouvidor o proprio Lobo participou sua descoberta e deu amostras das dictas pedras. (92).

Conta Martinho de Mendonça na carta ao conde de Sabugosa, que o ouvidor Antonio Ferreira, depois de persuadido, por José Ribeiro, da existencia da preciosa gemma, empregara no sitio do Caeté-mirim, pertencente a Fonseca Lobo, numerosos escravos que lhe havia remettido o opulento mineiro Mathias Barbosa, explorando francamente os diamantes, os quaes guardava para si sem communical-o ao governo da metropole, como era de seu dever.

O ouvidor e seus amigos continuaram a explorar essas pedras no Caeté-Mirim até o anno de 1729, em que o dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello vendeu por 18.000 cruzados uma parte de suas propriedades alli, reservando para si uma outra donde extrahia diamantes com grande facilidade e em muita cópia.

Tambem elle disputou a Bernardo da Fonseca Lobo a primazia dessa descoberta, por meio de uma justificação a que procedeu no Serro, em 1732, perante o dr. Francisco Leite Tavares, seu syndicante.

Outro que tambem pretendeu premios, inculcando-se o descobridor dos diamantes no Brasil, foi o dr. padre Antonio Xavier de Souza, que, desde o apparecimento das primeiras pedras, insistiu com o ouvidor Antonio Rodrigues Banha para envia-las a seus amigos de Lisboa, afim de certificar-se si eram ou não diamantes, como se acreditava.

O desembargador Banha mostrou-lhe em resposta «carta que dizia ser de Gregorio Pereira, fidalgo, em que motejava de lhe mandar similhantes seixinhos.»

O padre Antonio Xavier não se satisfez, porém, com esse desengano e continuou a inquirir sempre de todos que lhe podiam informar si as pedras encontradas no Caeté-mirim, Morrinhos e outros sitios seriam ou não diamantes.

Quando em 1729 elle viu os mysterios com que se haviam os amigos e empregados do ouvidor, que trabalhavam no sitio do Caeté-mirim, resolveu-se a partir para Lisboa a dar conta ao rei de tudo o que se passava no Tijuco, levando algumas pedras para comprovar o que affirmava.

O padre Antonio Xavier partiu do Serro a 18 de maio, pelo caminho do sertão e foi á Bahia: d'ahi passou-se a Portugal, onde communicou á Côrte uma confusa noticia das descobertas que se faziam na comarca do Serro do Frio.

---

(92). Requerimento de Bernardo Fonseca Lobo pedindo premios, por ter sido o primeiro descobridor dos diamantes no Brasil, *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno II, fasc. 2.°, 1897, pag. 271.

No requerimento de Bernardo da Fonseca Lobo ao rei, se encontra a seguinte referencia a isso, «e ainda que o padre Antonio Xavier de Souza sem reparar em ser transgressor de huma ley, em que Vossa Magestade prohibe se lhe falte a verdade, affirmasse ser o descobridor dos diamantes, com tudo o contrario mostra o supplicante pela justificação a f. 38, ficando assim pela legal prova que o supplicante faz, prevalecendo a verdade aquella em propria asseveração do dito Padre Antonio Xavier de Souza.» (93)

Millet de Saint Adolphe, no *Dicionario geographico, historico e descriptivo do Brasil*, attribuiu a descoberta do diamante a um Sebastião Lima do Prado, (94) o qual, tendo encontrado, em 1725, no ribeiro Manso, afluente do Jequitinhonha, onde trabalhava, umas pedras brancas, reconheceu depois serem diamantes.

A mesma versão se encontra na interessante obra de Henrique Gerber—*Noções geographicas e administrativas da Provincia de Minas Geraes*.

Nada disso, porém, tira a Bernardo da Fonseca Lobo a gloria de ter sido o primeiro a descobrir e a denunciar a existencia dos diamantes ás auctoridades que governavam o paiz.

Silvestre Garcia do Amaral confessa, no seu requerimento ao rei, que a primeira vez que viu aquellas pedras foi em mão do governador d. Lourenço de Almeida, que tinha duvidas sobre a natureza das mesmas; mas que naturalmente as recebeu de quem já acreditava serem diamantes; e foi Bernardo da Fonseca Lobo quem denunciou logo que as encontrou, ao ouvidor Banha e depois a Antonio Ferreira, ao governador d. Lourenço e a todos que pudessem fazer chegar á metropole a noticia de sua descoberta.

Ao proprio rei enviou Lobo amostras dos diamantes que encontrou, como se vê do seguinte topico de seu requerimento: «tambem não ha duvida de fazer o supplicante logo que ás suas mãos chegaram as ditas pedras, exactas diligencias para V. Mag.ª ser sabedor de negocio tão importante tanto assim, que, por Antonio Pereira Garcia, negociante da Bahia para as minas, mandou cincoenta pedras para da Bahia as remetter ao padre Manoel Paulo da Costa, morador no pateo dos Gallegos desta cidade, a quem o supplicante, como seu correspondente, escreveu para que as apresentasse a V. Mag.ª.» Mas esses diamantes não chegaram ás mãos do seu correspondente, como se verificou depois.

---

(93) *Revista do Archivo Publico Mineiro*, citada.

(94) E' possivel ter havido confusão com o nome do Paulista Sebastião de Leme Prado, fundador da povoação das Minas Novas do Fanado, em 1727, e que foi antes habitante do Rio Manso.

Por acto de 12 de abril de 1834, o governo portuguez conferiu a Fonseca Lobo recompensas por ter sido o primeiro descobridor de diamantes em Minas Geraes.

Embora lograsse Silvestre Garcia do Amaral uma carta régia, datada de 18 de janeiro de 1836, reconhecendo-o e recompensando-o como verdadeiro descobridor dos diamantes e «não há Bernardo da Fonseca Lobo que com menos verdade impetrara e conseguira de mim varias mercês inculcando-se ser o que havia descoberto taes pedras,» vê-se claramente que essa carta recompensava a Silvestre Garcia serviços de ordem diversa, entre elles o que prestou ao conde de Assumar por occasião dos serios motins de 1720, em Villa-Rica.

Nos arredores do Tijuco, principalmente no Caeté-mirim, Morrinhos e Pinheiros, de 1727 em deante, fazia-se francamente a exploração dos diamantes; e por intermedio da praça da Bahia se estabeleceu, a partir de 1728, activo commercio dessas pedras com a metropole.

> O sitio do Caeté-mirim parece que foi formado, diz Martinho de Mendonça, pelo auctor da natureza para cofre seguro e fechado dos diamantes, pois, cercado de forte muralha de asperos rochedos, só permitte entrada pela parte do poente, aonde Bernardo da Fonseca tinha uma porta que totalmente defendia a entrada, pois ainda hoje nem para gente de pé ha outro caminho.

Em maio de 1729, o governador deferiu o requerimento de alguns mineiros que pediam datas mineraes no rio Caeté-mirim, mas o guarda-mór Francisco Machado da Silva objectou que

> elle só podia repartir as terras mineraes do ouro, que sabia de certo não haverem conveniencias naquelle sitio e que as pedras alli achadas erão diamantes que se não deviam repartir, mas dar conta a El-Rey por ser um tamanho haver.

Esse acto de probidade valeu a Machado uma reprimenda do ouvidor, que o tratou de «regulo insolente e soberbo,» e mais tarde a exoneração do cargo, em beneficio de um dos apaniguados daquelle magistrado, o qual por sua vez era tambem explorador de diamantes e se insinuou nas bôas graças do governador, a quem presenteou com 24 dessas pedras.

Entretando, só a 22 de julho de 1729, o governador da capitania de Minas, d. Lourenço de Almeida, deu noticia ao governo portuguez da descoberta dos diamantes na comarca do Serro.

O conde de Sabugosa vice-rei do Brasil, em carta escripta da

Bahia a Martinho de Mendonça, datada de 22 de dezembro de 1734, (95) imputa ao governador e ao ouvidor Antonio Ferreira do Valle culposa omissão, deixando de communicar ao governador a descoberta das pedras preciosas, a cujo commercio, entretanto, elles e seus ammigos se entregavam.

> Diz o conde que teve na Bahia varias conferencias com o padre Antonio Xavier de Souza e Felippe de São Thiago e ambos elles e algumas outras pessoas convieram que d. Lourenço conheceu desde logo as pedras por preciosas; e eu com muito maior razão me persuadi ao mesmo, porque em cinco annos que estive em Gôa fiquei tão practico que facilmente as distinguiria entre as outras, veja Vmce, agora si com desassete que o dito Dom Lourenço residia na India e trazendo o seu dote e cabedal que adquirio com a sua boa equinomia nellas se poderia equivocar-se.

Taes suspeitas chegaram até Lisbôa, e o governador foi censurado pelo rei, como se vê da seguinte carta extrahida do «Livro 29 de originaes de cartas e ordens régias» pertencente ao Archivo Publico Mineiro.

> Governador e Capitão General das Minas-Geraes.
>
> Amigo, Eu El-Rey vos envio muito saudar. Foi-me presente a vossa carta de 22 de julho passado em que me daes conta do descobrimento que se fez na Comarca do Serro do Frio de umas pedras brancas de que me remetteis amostras, referindo a opinião que corre de serem diamantes e as razões porque até agora, me não participastes esta noticia e porque sou informado que ella se divulgou nessas minas ha alguns annos e que já ha dous que nas frotas se remettem varias pedras semelhantes com a certeza de serem diamantes, vos extranho muito a indisculpavel omissão que tivestes em não averiguar logo no seu principio uma novidade de tanta importancia, succedida no districto de vossa jurisprudencia, o que pela obrigação de vosso cargo deveis aplicar todo o cuidado e dar-me conta della ainda na incerteza de verificar-se a noticia vaga, que dizeis correo, por não ser justo, que ella chegasse primeiro a minha presença, por outra via do que pela vossa informação.
>
> E como a que ainda agora me participaes das circumstancias deste descobrimento não é bastante para poder tomar re-

(95) A correspondencia do Conde de Sabugosa e de Martinho de Mendonça se conserva inedita nos manuscriptos pertencentes ao Instituto Historico e Geographico do Brasil.

solução sobre a arrecadação das ditas pedras, que hé sem duvida serem diamantes e que as minas em que se acham igualmente são da minha regalia, do que as dos metaes, e me são devidos dellas os mesmos direitos, vos ordeno que tomando mais algumas informações do sitio em ... (duas palavras illegiveis), e do mais que pertence a esta materia, procureis applicar-lhe inteiramente aquella providencia, que julgaes mais conveniente para promover o dito descobrimento ou seja o de mandar e o continuar por conta da fazenda real ou a cometeres esta diligencia a quem a faça por sua conta, pagando o 5.º que me é devido das pedras que extrahir, procurando evitar os muytos descaminhos que pode haver na sua arrecadação, sobre o que ouvireis as Pessôas practicas e que vos parecer e com os arbitrios que vos propuzerem e o vosso parecer, me dareis conta como tambem do que inteiramente resolveres, e mandares pactuar, para que à vista de tudo possa eu tomar a resolução que julgar mais conveniente. Escripta em Lisbôa Occidental a 8 de Fevereiro de 1730.

Rey.

A' vista das ordens contidas nessa carta, convocou d. Lourenço uma juneta para assentar sobre as providencias que deviam ser adoptadas a respeito. A essa juneta, que se realizou a 9 de junho de 1730, compareceram o provedor da Fazenda de Villa-Rica, os ouvidores das comarcas de Villa-Rica, Rio das Mortes e Serro do Frio bem como Eugenio Pereira de Andrade, Manoel da Costa Reis, Salvador de Seixas, Mathias Barbosa, Manoel Ribeiro da Costa, Rafael Ferreira Brandão e José Bento da Fonseca, todos mineiros practicos e pessoas de consideração.

Ficou resolvido permittir-se a exploração dos diamantes a todos que o requeressem, mediante a capitaçao de 5$000, lançada sobre cada escravo empregado nesse serviço.

Dissentiu desse modo de ver o afamado mineiro Mathias Barbosa, que achou pequena a capitação, julgando que seria assim lesada a fazenda real, visto como calculava que, pagando em especie cada negro retirando das lavras auriferas para o Serro representava pelo menos 10$000 do quinto de ouro que era devido a el-rei.

Entretanto, D. Lourenço concordou com a maioria da juneta; e expediu, a 24 de junho de 1730, o bando que permittiu a todos a exploração do diamante mediante a capitação de 5$000, dando immediatamente parte à Côrte da resolução tomada, e pedindo sua approvação.

Foram assim annulladas as concessões anteriormente feitas pelos guarda-móres para a exploração de ouro nessa zona; mas affluiram ao Serro numerosos mineiros que d'ahi se haviam reti-

rado, em demanda de outras lavras auriferas, principalmente para as Minas-Novas do Arassuahi, recentemente descobertas.

A noticia de se haver encontrado diamantes no Brasil causou grande jubilo á Côrte de D. João V e motivou festas e *Te-Deums*, não só em Lisbôa como em todo o Portugal.

Repercutindo pela Europa inteira, veio essa nova causar um grande abalo no commercio da preciosissima e rara gemma, que até então só o Oriente produzia e unicamente principes possuiam.

A deliberação de d. Lourenço não produziu bom effeito na metropole, porque era crença geral que se devia difficultar o mais possivel a extracção dos diamantes, para não lhes tirar o character de raridade e não deprecia-los. Tanto essas idéas eram correntes na epocha, que nas instrucções dadas pelo governador da Bahia para novos descobrimentos de metaes, se recommendava que — achando se pedras que parecessem preciosas, se não consentiria habitação dez legoas em redor.

Não tendo recebido outras ordens em contrario, d. Lourenço consentiu que, no anno de 1731 continuasse o lavor das minas diamantiferas mediante a mesma capitação de 5$000.

A 26 de Março d'esse mesmo anno, o rei expedia um decreto mandando despejar das lavras diamantinas toda pessoa, de qualquer condição que fosse, que nellas minerasse, mesmo que ahi tivesse habitação fixa e familia estabelecida, sob pena de dez annos de degredo para Angola e o confisco de todos seus bens em beneficio da fazenda real.

Essa ordem foi publicada a 7 de janeiro de 1732; porém sua execução se tornou difficillima e motivou a ida do ouvidor a Villa-Rica para representar ao governador a respeito.

> «Fizeram os mineiros de diamantes, refere Martinho de Mendonça, uma representação á Camara da Villa do Principe, que ditou o Ouvidor Antonio Ferreira, com algumas clausulas republicanas para que instasse suspendesse o governador a execução desse bando, offerecendo duzentos mil cruzados e os diamantes que pesassem mais de 20 quilates para que se permittisse a todos minerar diamantes.»

A Camara, porém, não os quiz attender; e os mineiros fizeram uma petição ao governador, com 80 assignaturas, offerecendo-se a pagar a capitação de 15$000 para se consentir que proseguissem em suas antigas minerações.

Diante das reclamações instantes do povo e da desgraça que pairava sobre todo o Serro, até essa epocha tão prospero e rico, resolveu d. Lourenço de Almeida tomar sobre si a responsabilidade de

desimpedir as lavras diamantinas, mediante a capitação de 20$000, o que fez por um bando datado de 22 de Abril de 1732.

> Como teem sido grandes os clamores, reza o bando, que teem feito os mineiros, apresentando sua perda e total ruina: me resolvo a tomar sobre mim interinamente por um anno sómente o consentir que se possa minerar diamantes em todos os rios e terras da comarca do Serro do Frio, como até aqui se fez, pagando-se por cada praça 20$000 por anno, até que Sua Magestade mande o que for servido. (96)

Por essa epocha foram descobertos diamantes tambem na Bahia; mas não se sabe com certeza o sitio em que isso se deu.

O vice-rei, receiando talvez as complicações que se davam em Minas, prohibiu extrahi-los em todo o districto bahiano de sua jurisdicção, por acto datado de 4 de outubro de 1732. (97)

A deliberação de d. Lourenço, entretanto, reanimára a exploração dos diamantes na comarca do Serro.

Novas descobertas foram feitas, e entre ellas a do afamado sitio do Curralinho, a septe kilometros do Tijuco, que começou a ser trabalhado em Outubro de 1732, e com grande exito, pela cópia de diamantes e pela grandeza e pureza deste.

Os annos de 1732 e 1733 se assignalaram pela abundancia de pedras preciosas que chegaram a Lisboa mandadas das Lavras circumvizinhas do Tijuco.

O prazo da capitação, estabelecido pelo governador, terminava a 9 de Maio de 1733; e, desde 10 de Septembro do anno antecedente já tinha sido d. Lourenço de Almeida substituido no governo da capitania por André de Mello e Castro, conde de Galveas.

Fitando unicamente os interesses da fazenda real, o novo governador, a quem parecia incommodar a prosperidade dos mineiros de diamantes, estabeleceu para estes a capitação de duas dobras de 12$800, ou 25$600, a partir de Maio até Dezembro de 1733.

E, para dar uma nova prova do seu despotismo e arbitrariedade, prohibiu elle por um bando datado de 3 de Maio desse anno, que permanecessem abertas as vendas da rua do Limoeiro, no Tijuco, a qual constava de mais de quinhentas casas: o que determinou o despovoamento da dita rua e a ruina de muitos commerciantes.

Não tendo chegádo até fins desse anno resolução alguma do governo da metropole a respeito da consulta feita por d. Lourenço de

---

(96) *Memorias do Districto Diamantino da Comarca do Serro Frio*, pelo dr. Joaquim Felicio dos Santos, 1868, pag. 27.

(97) Carta de Martinho de Mendonça ao conde de Sabugosa.

Almeida, o conde de Galveas estabeleceu a capitação de 40$ a partir de 1.º de Janeiro de 1734, e expediu o bando de 3 de Dezembro de 1733, que é o mais eloquente attestado da arbitrariedade e tyrannia com que era governado o povo do Tijuco.

Esses vexames e rigor estabelecidos contra a exploração dos diamantes determinaram a mineração clandestina e a fraude, as quaes não puderam ser contidas, nem pela vigilancia dos corpos de dragões patrulhando constantemente os corregos, grupiaras e taboleiros diamantinos, nem pela severidade das penas com que eram punidos taes crimes. A partir de 1734, diminuiu consideravelmente o numero de trabalhadores registrados no livro da capitação, já elevada a 40$: e, por edital de 21 de Fevereiro, foram prohibidas pesquisas para novos descobrimentos diamantinos.

Até então, a unica auctoridade que superintendia toda a comarca do Serro do Frio era o ouvidor, o qual residia na villa do Principe, hoje cidade do Serro.

A elle incumbia a resolução de todas as questões relativas á exploração dos diamantes bem como a execução dos bandos do governador e das ordens régias, que deviam ser alli observados.

Por maior que fossem sua actividade e zêlo, muita cousa escapava, pois, á vigilancia do ouvidor.

A população havia crescido extraordinariamente, não só no Tijuco, como nos seus arredores, onde já floresciam, pela riqueza e luxo, os arraiaes do Rio Manso, Penha da França, Arassuahi, Rio Preto, Gouvêa, Corumatahi, Pouso Alto e Curralinho; além da população errante, que andava pelos corregos e riachos, na exploração dos diamantes e lá se fixava nas fazendas e roças, para abastecer de viveres as lavras e povoados.

E demais, não era bem definida a zona, dentro da qual deviam ter execução os bandos relativos á exploração dos diamantes, cuja severidade era muito superior á dos regimentos executados nas regiões simplesmente auriferas.

Dahi a necessidade de ser creada uma repartição especial para superintender os trabalhos diamantinos e, bem assim, limitar a zona destes.

Isso se fez no correr do anno de 1734, em que foi creada a *Intendencia dos Diamantes*, sendo nomeado primeiro intendente o desembargador Rafael Pires Pardinho, um espirito cultivado e recto, magistrado zeloso no exacto cumprimento da lei e de seus deveres. A 9 de Junho do mesmo anno, chegou ao Tijuco o intendente Pardinho, trazendo ordem do governador para expulsar das lavras todas as pessoas inuteis e os escravos não matriculados, ou indevidamente inscriptos no livro da capitação.

E a 22 do mesmo mez, ahi tambem chegou Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, amigo particular do vice-rei, o qual

veio ao Brasil incumbido de importante missão, trazendo instrucções que lhe foram passadas em Lisbôa a 30 de Outubro de 1733, e nas quaes se lhe recommendou, entre outras cousas, que assistisse á demarcação das terras mineraes dos diamantes na Comarca do Serro do Frio e suggerisse os meios que lhe parecessem melhores para conservar a reputação dos diamantes.

Na sua primeira carta ao conde de Sabugosa, escripta tres dias depois de sua chegada ao Tijuco, aconselha Martinho de Mendonça «que se difficulte o mais possivel ou mesmo se impossibilite por meios indirectos a extracção e cópia de um genero, cuja abundancia lhe faz perder a estimação».

A 24 de Agosto de 1733, o conde de Galveas remetteu ao vice-rei o mappa do producto da capitação, arrecadado em seu governo, até aquella data, e que consistiu no seguinte:

capitação estabelecida por d. Lourenço, de Maio de 1732 a Maio de 1733.....	109:333$654
capitação das duas dobras, de 12$800 estabelecida pelo conde de Galveas, para os oito mezes restantes, a razão de uma dobra de quatro em quatro mezes, producto arrecadado até 4 de Agosto.....	96:720$600
producto da arrematação das datas mineraes pertencentes a s. magestade.....	1:742$000
condemnações e confiscos.....	808$100
Somma total.....	208:703$354
Despesa com a tropa de vigilancia.....	6:290$554
Saldo.....	202:412$800

ou 506.032 cruzados.

Isso significa que, fóra os faiscadores ou *garimpeiros*, que se entregavam á mineração clandestina, trabalharam as lavras diamantinas, no anno de 1732, perto de 6.000 negros, e no anno de 1733, mais de 7.000

Em 1733, foram tambem encontrados diamantes nas explorações auriferas que se faziam no rio dos Pilões em Goyaz, num sitio onde se fundou outr'ora o arraial do Senhor do Bomfim, ou dos Pilões, destruido pelos indios Caiapós, e que é hoje cidade do Rio Claro, situada a pouco mais de 20 legoas de distancia da capital do Estado.

Descobertos os diamantes ahi, foi logo impedida a exploração do ouro e estabelecida a capitação de 50 oitavas por trabalhador empregado nessas lavras: o que, junto aos frequentes ataques dos indios, determinou o abandono completo das minas dos Pilões.

O intendente Pardinho e Martinho de Mendonça determinaram em 1734, a Demarcação Diamantina da Comarca do Serro, limitando-a por meio de marcos, postados em penhas ou na confluencia de corregos, abrangendo uma área de fórma elliptica, cujo maior eixo, de Norte a Sul, era de doze legoas, e o menor, de Leste a Oeste, de septe, abrangendo cerca de 75 legoas quadradas, sem contar o leito, margens e taboleiros do rio Jequitinhonha até sua entrada na Bahia o que tudo entrava na Demarcação. (98)

A capital desse districto era o arraial do Tijuco, então já muito importante, rico e povoado, onde tinha residencia o intendente, por ser ahi a séde da Intendencia Diamantina.

As fronteiras da demarcação eram patrulhadas por corpos de pedestres e de dragões, os quaes faziam que se respeitassem as ordens e bandos expedidos.

No correr do anno de 1734 a côrte de Lisboa tomou afinal uma resolução sobre as jazidas diamantinas, esperada desde o tempo do governo de d. Lourenço.

Considerando que o erario regio era prejudicado com a capitação lançada sobre os trabalhadores e que não convinha favorecer mas antes restringir a exploração dos diamantes, foi esta terminantemente prohibida em toda a Demarcação diamantina, pelo bando do conde de Galveas, datado de 19 de Julho de 1734 e publicado no Tijuco a 6 de Agosto, ao som dos tambores, como era costume.

Ordens as mais severas foram dadas ás auctoridades e aos corpos de vigilancia para que essa prohibição se tornasse effectiva: e sem piedade, foram applicadas as penas do confisco e do desterro, tendentes a reduzir a população e os interesses, que formigavam no districto diamantino.

Não contente com isso d. João V, o poderoso «rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem Mar, em africa, senhor de Guiné e da Conquista, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc.», mandou expedir o alvará de 24 de Dezembro de 1734, no qual determinava:

> Faço saber aos que esta minha Ley virem, que como ás Minas dos diamantes, que se acham nos meus Dominios, me pertencem da mesma sorte que todas as de metaes, e posso reservar dellas o que me parecer, e que pelo costume dos Dominios, em que se acham diamantes, são reservados para o Soberano os de especial grandeza. Hey por bem, que ainda nas terras, em que com minha permissão se extrahirem diamantes, além das outras providencias, que prescrevem as Leys,

(98) *Memorias do Districto Diamantino*, por J. Felicio dos Santos.

e que eu for servido dar fiquem reservados para a minha Fazenda, os que forem de peso de vinte quilates ou d'ahi para cima.

Essa como todas as ordens similhantes sobre as jazidas diamantinas, continha, como complemento necessario, ameaças severas de confisco, desterro e outras penas, além do convite á delação que era sempre premiada como prova de zêlo pelo real serviço.

Não se fizeram esperar os protestos e as reclamações que tão inopinada, quão despotica prohibição devia naturalmente provocar

De boa fé, haviam muitos mineiros arrematado ou comprado o terreno onde se achavam estabelecidos com familia e interesses; e não podiam abandonar tudo, para correr a aventuras ou mendigar além, com a precipitação que as ordens exigiam.

Gomes Freire de Andrade tomou posse do governo da capitania a 26 de Março de 1735 e no mez seguinte veio ao Tijuco, por ordem da côrte, para combinar com o intendente sobre o modo mais proficuo de tributar os diamantes; os dous resolveram que o melhor seria contractar a extracção dessas pedras com uma companhia unica, e por tempo curto, afim de serem mais bem attendidos, em contractos subsequentes, os interesses da corôa.

As constantes e fundamentadas reclamações dos mineiros que a metropole submetteu ao estudo do governador da capitania, com o intuito de attende-los foram sophismadas, e burlados os esforços dos que defendiam os interesses do povo tão intimamente ligados aos do erario regio.

Permittia-se a exploração do ouro na demarcação, unicamente nos sitios onde não houvesse diamantes e sendo a extracção d'esses severamente punida.

Esse estado de cousas permaneceu até 1739; em que o governo portuguez resolveu fazer a extracção dos diamantes por meio de contractos.

Em Junho desse anno, veiu novamente ao Tijuco o governador Gomes Freire regular esse serviço.

Os primeiros arrematantes foram João Fernandes de Oliveira e Francisco Ferreira da Silva, os quaes assignaram o contracto, com a assistencia do governador, a 10 de Junho.

O prazo começou a correr a 1 de Janeiro de 1740 e devia findar se a 31 de dezembro de 1743.

Os contractadores podiam empregar no serviço até 600 escravos, pagando 230$ de cada um, e sendo-lhes vedado ter maior numero de trabalhadores. Mas, tanto estes como os contractadores subsequentes transgrediram essa clausula; e sabe-se que foram desde o principio empregados 4.000 escravos por anno, e e ás vezes maior numero.

Mais rigorosa tornou-se a vigilancia, para se fazer effectiva a prohibição absoluta de extrahir diamantes, sendo esse previlegio garantido só aos arrematantes, os quaes tinham no seu contracto meios de compressão, vexames e violencias de que se serviam frequentemente contra seus inimigos e desaffectos, por meio das auctoridades da Intendencia ou dos chefes de patrulhas que policiavam sem cessar, a Demarcação Diamantina, já agora com limites mais extensos.

Terminado o praso do primeiro contracto, foi esse renovado com os mesmos arrematantes João Fernandes de Oliveira e Francisco Ferreira da Silva para o segundo periodo de 1 de Janeiro de de 1744 a 31 de Dezembro de 1747.

A severidade das ordens expedidas e a fiel execução d'estas não conseguiram annullar, e pelo contrario estimular a abnegação e a astucia dos mineiros, que passaram a fazer a mineração furtiva e clandestina dos diamantes, então chamada GARIMPO.

Apesar da caça constante, que se dava, da guerra sem tregoas que se fazia aos garimpeiros, foram estes ampliando pelos sertões o campo das explorações diamantinas, fazendo novas descobertas e desenvolvendo o contrabando no commercio d'essas pedras, o qual se fazia em grande escala.

O terceiro contracto, de Janeiro de 1748 a 21 de Dezembro de 1752, foi arrematado por Felisberto Caldeira Brant, que particularmente associou nelle os seus tres irmãos Sebastião, Joaquim e Conrado Caldeira Brant.

A capitação estabelecida para cada um dos seus 600 escravos foi de 220$, havendo, além d'isso, a obrigação de empregar duzentos d'esses escravos nos descobertos diamantinos de Goiaz em Pilões e Rio Claro.

No anno de 1748, não houve rendimento algum, porque o tempo foi gasto em dispor o serviço; por isso, o contracto teve praso maior que os anteriores.

Foi uma epocha de prosperidades a do contracto dos Caldeiras: —não só estes, a principio, tiveram grande felicidade nas explorações que fizeram, como não vexavam nem perseguiam o povo, de modo que o commercio tomou grande impulso, e o Tijuco reviveu e cresceu rapidamente.

As auctoridades relaxavam as ordens de repressão que recebiam e as patrulhas deixaram de vigiar a Demarcação como outr'ora.

Esse estado de cousas determinou a ida do governador Gomes Freire ao Tijuco em Septembro de 1751, e a nomeação de outro intendente o qual começou a dar arrhas de sua dedicação ao rei pelas vexações que instituiu desde logo.

As mineraçôes diamantinas de Goiaz administradas por Joaquim Caldeira Brant deram grande prejuizo ao contracto, e cessaram de todo a partir de 1751.

Egualmente não quizeram os arrematantes tentar como lhes facultava o contracto, outras aventuras no Paraguai diamantino de Mat. to Grosso reconhecido aurifero desde 1726, e onde foram descobertos diamantes em 1746.

Os ultimos dous annos desse contracto foram o crespusculo da grande fortuna de Felisberto Caldeira Brant que se viu em lucta com as auctoridades da capitania: depois foi preso e perseguido pelo poderoso ministro de d. José, o marquez de Pombal, terminando seus dias no meio de agruras e soffrimentos.

O quarto contracto foi de seis annos, de 1.º de Janeiro de 1753 a 31 de Dezembro de 1758, e arrematou-o João Fernandes de Oliveira o arrematante dos dous primeiros.

Foi estipulada a capitação de 240$000 para cada um dos seiscentos escravos que empregasse.

Afim de se evitar o que occorreu durante o contracto dos Caldeiras, o governo portuguez expediu o alvará de 11 de Agosto de 1752, prefaciando-o assim: «—que sendo informado da imminente ruina a que se acha exposto o contracto e commercio dos diamantes do Brazil, não só pelas desordens que até agora se commetteram na administração e no maneio delles preferindo-se os interesses particulares ao bem publico que se segue da reputação deste genero mas tambem pelos consideraveis contrabandos que delles se fizeram com grave prejuizo do Meu Real serviço e do cabedal de Meus Vassallos que licita e louvavelmente se empregam neste negocio em commum beneficio dos meus Reinos e das suas conquistas. E tendo consideração a que no estado a que teem chegado as sobredictas desordens não podia caber o remedio dellas nem na applicação dos meios ordinarios nem nas faculdades dos particulares que nelle teem interesse:— Hei por bem tomar o referido contracto e commercio debaixo da Minha Real e immediata Protecção».

Esse alvará tinha a cauda caracteristica das ordens regias d'aquella epocha com as ameaças de desterros, devassas, castigos, confiscos e outras violencias, que eram severamente exercidas mediante a denuncia de quem quer que fosse, sem se attender mesmo ao valor moral do delator nem ás virtudes e aos precedentes da victima.

O quarto contracto não foi muito feliz nos primeiros tempos em que os trabalhos eram dirigidos por José Alves Maciel; mas sob a regencia do desembargador João Fernandes de Oliveira, filho do arrematante, a fortuna sorriu a este, pois foi opulenta e farta a colheita de pedras preciosas que se fez no rio Jequitinhonha, deixando grandes lucros em todos os serviços emprehendidos.

Em 1757 um sertanista Antonio Lourenço Costa, offereceu ao intendente de diamantes que era então o dr. Francisco José Pinto de Mendonça um volumoso itinerario, onde relatava suas pesquisas e trabalhos, soffrimentos e luctas durante 10 annos, por sertões desconhecidos onde descobriu diamantes e outras pedras preciosas de que offereceu amostras encontradas no rio das Almas perto da Meia Ponte e nos rios Urubú, Trahiras e suas gupiaras, bem como no Bacalhau, Tocantins pequeno e Bagagem. (59)

Pela preterição de uma formalidade exigida pela lei o quinto contracto só foi arrematado a 1.º de Julho de 1759 seis mezes depois de findo o anterior que devia durar até 30 de Junho de 1760.

Foram contractadores João Fernandes de Oliveira, Antonio dos Santos Pinto e Domigos de Basto Vianna.

As condições da arrematação foram mais ou menos as do contracto anterior, isto é, o pagamento de 140:000$ correspondentes á capitação de 240$ de cada um dos 600 escravos empregados, devendo os diamantes tirados ser vendidos em Lisboa e recebendo os contractadores a titulo de emprestimo para despesas de custeio dos trabalhos, a quantia de 150,000 cruzados.

Esse contracto foi prorogado até 31 de Março de 1761, porque os trabalhos só começaram a 1.º de Fevereiro de 1760, e «por justos» motivos que foram presentes á s. mag., o marquez de Pombal excluiu delle os dois ultimos arrematantes, ficando só João Fernandes e seu filho João Fernandes de Oliveira.

Com esses foi egualmente firmado o sexto e ultimo contracto, que começou a vigorar em 1762 e durou até Dezembro de 1771, em virtude de successivas prorogações.

Ordens severas foram dadas ao intendente para punir com todo o rigor, o contrabando dos diamantes, os quaes estavam inundando o mercado europeu.

O desembargador João Fernandes, que se tornou o unico arrematante do contracto depois da morte de seu pae, teve uma felicidade extrema no serviço e lavras que emprehendeu; foi elle o mais feliz de todos os contractadores e o que extrahiu diamantes em maior porção.

O Tijuco tomou grande impulso nessa epocha, pelo seu commercio, riqueza e população; alli chegavam frequentemente grandes levas de aventureiros vindos em geral de Lisboa, depois da grande catastrophe de 1.º de Novembro de 1755.

Durante todo o periodo dos contractos a exploração dos diamantes foi previlegio dos arrematantes; e, para manter esse previlegio

---

(59) Memorias do Districto Diamantino, do dr. Joaquim Felicio dos Santos.

com a severidade que prescreviam os alvarás e ordens regias, a corôa portugueza estabeleceu os quarteis do Caeté-mirim, Inhahi, Rio Manso, Milho Verde, Gouveia, Tijuco e Rio Pardo, nos limites da Demarcação Diamantina, a qual era constantemente patrulhada por tropas de dragões.

Este serviço de vigilancia custava cerca de 13:000$ annualmente.

Apezar, porém, da severidade recommendada e das arbitrariedades e despotismo que os bandos permittiam, o garimpo florescia por toda a parte e o contrabando dos diamantes era largamente praticado e muitas vezes com plena aquiescencia, sinão coparticipação directa das auctoridades encarregadas de cohibi-lo.

Até á epocha dos contractos, não se fez estatistica dos diamantes extrahidos: — a corôa portugueza contentava-se com a capitação paga pelos mineiros.

A partir porém de 1740, houve registro official da producção das lavras diamantinas; e dos livros respectivos consta não só a quantidade de diamantes tirados nos diversos contractos como o preço da venda delles e o pagamento feito pelos arrematantes ao erario regio: porém uma grande porção de diamantes escoou-se por contrabando, e não póde ser levado em conta nas estatisticas officiaes.

Durante esse tempo, esteve sempre em vigor o alvará de 24 de Dezembro de 1734, que estipulava serem da corôa todos os diamantes extrahidos de peso superior a 20 quilates.

Nos 32 annos, em que vigorou o regimen dos contractos a producção foi a seguinte:

Contractos		Diamantes extrahidos (Carats)	Preço de venda	Pago ao erario regio
1.º	1740—1743	134.071	1.696:272$037	575:864$438
2.º	1744—1747	177.200	1.807:472$837	755:875$726
3.º	1749—1752	154.579	1.438:015$087	609:526$465
4.º	1753—1758	300.004	3.625:808$888	914:021$424
5.º	1760—1762	106.416	929:476$750	329:320$072
6.º	1762—1771	704.269	6.108:579$163	1.458:063$563
		1.666.599	15.515:578$962	4.644:172$588

A unidade de peso então usada em toda a capitania de Minas, não só para o ouro como para o diamante, era a oitava subdividida em 72 grãos. Mais tarde, foi determinado que nas relações officiaes se adoptasse, para unidade de peso do diamante, o *quilate*, ou *carat ou karat* que é hoje universalmente usado.

Essa unidade serviu primeiro na Africa para pesar o ouro; e depois no Oriente para se avaliar o peso das pedras preciosas.

Segundo M. Bruce, desde tempos immemoriaes já se fazia o commercio do ouro no paiz dos Shangallas, utilizando-se da semente de uma leguminosa chamada *kanara* para pesal-o. Essa semente uma vez secca, tem mais ou menos, o mesmo peso e d'ahi o seu emprego para esse mister na Africa, uso este que se estendeu á India, onde o knara serviu para se avaliar o peso dos diamantes, desde o começo do commercio d'essa pedra. A palavra *kanara* se transformou depois em *carat*.

O peso do *carat* variava um pouco entre os paizes da Europa; hoje, porém, é adoptada geralmente a relação de um carat — 0,205 grammas; e no Brasil, desde os tempos coloniaes, ficou estabelecido que uma oitava valesse 17,5 carats.

Muitos sitios tornaram-se notaveis nos arredores do Tijuco pela grande abundancia de diamantes que nelles foram encontrados, durante o periodo dos contractos.

Nas cabeceiras de Caeté-mirim, num terreno de uma legua de extensão, foram extrahidas 19.000 oitavas ou quasi 333.000 carats. Na grupiara do Lava-pés, nas margens do Jequitinhonha, o contractador João Fernandes encontrou tamanha quantidade de diamantes, que, num terreno de menos de 50 metros quadrados, tirou elle 5.000 oitavas ou cerca de 87.500 carats de diamantes.

Conta-se que, maravilhado diante da primeira prova que ahi mandou fazer, o contractador, vendo a quantidade de diamantes que *estrellaram* na bateia, lançou-se de joelhos por terra, e, levantando as mãos aos céos exclamou: «Senhor, si tanta riqueza tem de ser a causa da minha perdição, fazei que todos estes diamantes se convertam em carvão» (100).

Antes de findar o ultimo contracto, cujo prazo ia até 31 de Dezembro de 1771, o governo portuguez expediu ordens para que a exploração dos diamantes fosse feita directamente por conta do erario regio.

Para isso, foi creada, por decreto de 12 de julho de 1771, uma directoria que funccionava em Lisboa, composta de tres membros, sob a inspecção do director geral das rendas, á qual competia nomear tres caixas que residiriam no Tijuco e aos quaes ficava incumbida a administração dos serviços e lavras diamantinas.

Esses administradores determinavam no começo do anno os serviços que deveriam ser executados e inspeccionavam-n'os, velando egualmente pela boa execução das ordens reaes quanto aos diamantes.

Os caixas resolviam todas as duvidas occurrentes, com a assistencia do desembargador intendente geral dos diamantes, constituindo

---

(100) *Memoria do Districto Diamantino*, do Dr. J. Felicio dos Santos.

assim uma juncta administrativa que se chamava — *Real Extração* ou simplesmente a *Extracção*.

A 2 de Agosto de 1771, foi expedido o «Regimento dos terrenos diamantinos», composto de 54 artigos, nos quaes ficaram consolidadas as ordens anteriores, estabelecidas novas penas e recommendado maior rigor contra os contrabandistas de diamantes e garimpeiros.

Esse codigo draconiano, que vigorou até a epocha da Independencia, era conhecido com o nome do *Livro da Capa Verde*, por ter sido elle enviado de Lisboa á Intendencia do Tijuco, enquadernado com capa de marroquim verde.

No preambulo justificativo d'esse regimento, se dizia que fôra o governo informado de lesivos e intoleraveis abusos introduzidos na mineração dos diamantes, não só pelos methodos seguidos na lavra dos rios, como pela condescendencia e contemplações que permittiam empregar numero superfluo de escravos dando margem á mineração clandestina e ao extravio dos diamantes.

De modo que o regimento procurou coarctar os abusos e attentou contra a liberdade e direito de todos, cerceando o commercio, ampliando o campo das delações e denuncias, e deixando margens para as violencias e tirannias de que foram victimas os Tijuquenses e contra as quaes elles se insurgiram, por mais de uma vez, aos gritos de «morra o Livro da Capa Verde»!

Fazendo a analyse d'esse regimento, dizia, em 1799, o naturalista e sabio brasileiro, dr. José Vieira Couto, na sua *Memoria sobre a Capitania de Minas Geraes:* (101)

«O regimento diamantino é um accrescimo de leis particulares, pelas quaes é governado o povo d'esta Demarcação e ainda de toda a comarca...

«Tendo sido o antigo ministerio mal informado sobre as cousas tendentes a diamantes d'esta comarca por homens, uns que, tendo a experiencia do paiz, eram incapazes todavia para darem judiciosas informações, sobre as quaes se deve informar uma perfeita lei; outros, que, pretendendo os primeiros logares d'esta administração, deram essas mesmas informações, tendo mais em ôlho os seus interesses particulares do que os do publico... O fim destes homens interessados, que deram taes informações era o prender d'este modo mais as mãos do povo e faze-lo mais seu dependente, como fizeram; era o ter em si o poder de vedar a quem lhe parecesse a faculdade de pisar esse chão, de colher d'elle o seu alimento, e até de respirar o seu ar... A terra se depovôa, o commercio se estanca,

(101) Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil, segunda serie tomo 4.º, 1891, pag. 330.

não se atrevem a fazer girar o seu cabedal, porque não sabem a hora em que se verão perdidos ou elles proprios, ou os que lhes compram as fazendas... Emfim, o despotismo feio, magro e escarnado mostrou a sua hedionda cara entre este povo, e o retrato de um pequeno bairro de Constantinopla é o que hoje offerece o Tijuco, a povoação mais linda em outro tempo, de Minas. »

Foi sob tal regimen que começou a funccionar a Extracção.

O governo portuguez estipulou para esses serviços uma assistencia annual de 500:000 cruzados, pagos semestralmente pela Real Fazenda de Villa Rica, podendo ainda, em caso de grandes despesas, a Extracção gastar o ouro apurado das mineracões diamantinas.

Para as despesas do prompto pagamento foram emittidos os valles denominados *Bilhetes da Extracção*, que circulavam como moeda e eram recolhidos quando no fim de cada semestre chegava no Tijuco a assistencia dos 100:000$000 em ouro mandados pela Fazenda Real.

Os diamantes extrahidos tinham de ser enviados para o Rio com todas as cautelas, em cofres fechados e por emissarios de confiança, afim de serem mandados para Lisbôa nas naus de guerra, que periodicamente faziam as communicações da metropole com a colonia.

O primeiro caixa nomeado para a Extracção foi Caetano José de Souza, mineiro amestrado na administração dos serviços diamantinos do ultimo contracto; e que, por ordem régia de 22 de Agosto de 1771, passou a ser o director unico dos trabalhos da Extracção.

Esses começaram a 1.º de Janeiro de 1772, sendo empregados 3.610 escravos nas 12 lavras, estabelecidas em pontos e corregos differentes.

Victima, porém de intrigas e da inveja, não foi de longo periodo a administração de Caetano José de Souza, exonerado a 2 de Agosto de 1773.

O decreto em que se determinava que se desse por finda, em Dezembro desse anno, a sua administração, ordenava que elle saísse logo da Demarcação, como se fazia ás pessoas superfluas, ficando o intendente dos diamantes, desembargador João da Rocha Dantas e Mendonça, incumbido de abrir uma devassa sobre o procedimento desse administrador.

As despesas da Extracção foram grandes nos dois annos da administração de Caetano José de Souza, e excederam a consignação marcada, porque tudo estava para se montar naquelles serviços.

A producção dos diamantes e a despesa feita nesse tempo foi de:

Anno	Diamantes extrahidos (Carats)	Despesa total
1772.....	33.493	433:117$329
1773.....	50.342	360:714$233

A 12 de Agosto de 1773, foram nomeados para administradores da Extracção, 1.º caixa Manuel Baptista Landim, 2.º Luiz Lopes da Costa e 3.º José da Silva e Oliveira; recommendando a Directoria de Lisbôa que não se excedesse nos trabalhos da Real Extracção o supprimento de 240$000 que lhe foi consignado.

A nova administração procurou melhorar os serviços; e, em Maio de 1774, foi feita no tanque do quintal de uma casa do Tijuco a primeira experiencia da bomba, que se tinha mandado vir de Lisboa, destinada ao exgottamento das aguas dos serviços profundos. Essa bomba foi empregada no *Serviço das Almas*, onde os caldeirões e sumidouros tornavam impraticavel o processo do *rosario*, que era geralmente usado para seccar as *catas*.

Os garimpeiros que continuavam a exercer a mineração clandestina e que se multiplicavam, apezar da severidade com que eram tractados, extendião para longe da Demarcação Diamantina o campo de suas explorações.

A's vezes chegavam ao Tijuco os rumores de descobertas importantes, que elles faziam, attrahindo novos aventureiros aos sitios onde não chegava a vigilancia dos pedestres e dragões.

Um bando de garimpeiros capitaneado por um habil e audaz mineiro, João da Costa, fazia da zona do Itacambirussú e da Serra do Grão-Mogol o seu esconderijo, explorando, longe das vistas e das perseguições das auctoridades, as jazidas diamantinas importantes que alli descobriram.

Vagas e incompletas noticias disso que chegaram até Lisbôa, determinaram a Directoria a recommendar á Junta da Extracção, em Outubro de 1778, o exame dos rios *Mocambas*, *Tocambirussú* suas *Itaipabas* (grupiaras) e o corrego da *Extrema*.

A 27 de Abril de 1779 partiu do Tijuco uma tropa de 60 negros, sob as ordens de um dos administradores da Extracção para pesquizar naquella zona.

Essa tropa regressou em Novembro, trazendo noticias seguras do rio Tocambirussú, que tinha uma extensão exploravel de cerca de 60 leguas de lavor facillimo, por não ter areias nem pedras por cima do cascalho; mas este não era muito rico e as communicações para alli eram demoradas, por falta de estrada e de povoações, gastando-se mais de 20 dias de ida e de vinda no melhor tempo, que era o da secca.

Em 1781, a Extracção mandou trabalhar as minas diamantiferas da Serra de Santo Antonio e do Itacambirussú, onde os garimpeiros continuavam a encontrar diamantes em grande porção e de bôa qualidade e peso.

Esses serviços foram iniciados pelo administrador Miguel Ribeiro de Araujo e continuaram com mais ou menos actividade d'ahi em

deante, apezar das luctas que sustentaram os garimpeiros para conservar suas conquistas e descobertas.

A Extracção empregava nessa epocha cerca de 5.000 pessoas em seus trabalhos.

No principio do anno de 1786, correu no Tijuco a noticia de se haverem descoberto diamantes abaixo da barra do ribeirão *Oruçuia*, no sertão do rio S. Francisco, e para alli se fez immediatamente seguir o feitor Manuel da Silveira Maia, com escravos e ferramentas, para pesquizar e reconhecer o que havia de verdade nessa noticia.

Elle verificou que não tinha grande importancia o descobrimento, porque os diamantes encontrados eram escassos e finos; mas, na sua volta, passando pela comarca de Paracatú, ahi soube que haviam os garimpeiros encontrado diamantes nos rios *Mandacarú*, *Sancto Antonio da Agua Fria*, *Somno*, *Barra das Almas*, *Riacho da Onça*, *corrego do Carallo*, *Extrema do Henrique Correia* e *Ribeirão da Fé*.

Logo depois, a Extracção fez seguir para aquelle sertão o administrador Miguel Ribeiro de Araujo, muito practico em pesquisas e explorações, afim de reconhecer que valor teriam aquellas jazidas diamantinas.

O bom exito dessa expedição foi transmittido para Lisbôa, de onde veio ordem da Directoria, a 12 de Julho de 1790, para emprehender serviços alli.

E no anno seguinte foram esses iniciados pelo administrador Antonio José Alves Pereira, que levou 200 escravos e uma tropa de dragões para expellir os garimpeiros.

Como o rio diamantino mais importante dessa zona era o Abacté, os serviços tomaram alli a denominação do rio.

De 1791 a 1795, foram explorados os sitios mais afamados; e, embora os resultados não fossem bastante compensadores, a Extracção os mantinha para impedir o garimpeiro.

Em 1795, foi reduzida a 120:000$000 annuaes a assistencia da Extracção; e isso determinou a suspensão de muitos serviços, entre elles os do Abacté e da Serra de Sancto Antonio e do Itacambirussú.

O naturalista dr. José Vieira Couto foi encarregado pelo governo portuguez, em 1800, de estudar a zona do Abacté e informar o resultado que se poderia tirar do seu lavor.

Elle percorreu aquelle sertão, ao qual denominou de *Nova Lorena do Abacté*, em homenagem ao governador da capitania, d. Bernardo José de Lorena.

Segundo a descripção que delle fez, «esse districto confina ao Poente com Goiaz, ao Nascente lava-lhe a extrema o rio S. Francisco, Bambuia do Sul; e os rios Paracatú e Preto á do Norte. A sua

latitude corre entre 16° 30' a 20° 30', tendo 72 leguas de comprimento; e a sua largura ao septentrião, se prolonga das cabeceiras do Paracatú até á fóz e póde ter mais de 60 leguas: dahi correndo ao Meio-dia, vai o terreno sempre se estreitando até o Bambuhy.» (102) As informações do dr. Couto determinaram o estabelecimento de novos trabalhos no Abaeté, os quaes só cessaram em virtude da ordem de 28 de Septembro de 1808, que mandou recolher ao Tijuco o pessoal e ferramentas empregadas na Nova-Lorena.

A partir de 1807, porém, os serviços diamantinos tomaram nova orientação sob a competente e sabia intendencia do desembargador Manuel Ferreira da Camara Bittencourt Aguiar e Sá.

Foi este o unico Brasileiro que logrou a honra de dirigir o mais importante ramo da administração, que a metropole mantinha em sua opulenta colonia.

O desembargador Camara era filho dos sertões do Itacambirussú e nasceu em 1762; fez brilhantes estudos em Coimbra, onde conquistou com applauso de seus mestres e condiscipulos, o grau de bacharel em leis e philosophia.

Depois de haver frequentado durante oito annos as melhores escholas e centros industriaes da Europa, regressou á sua patria, trazendo grande copia de conhecimentos e de relações que o tornaram um dos homens mais eminentes de sua epocha.

Durante sua administração no Districto de Diamantina que durou até á proclamação da independencia do Brazil, teve Camara que luctar contra a má vontade e ciume de alguns ministros de d. João VI. Estes não viam com bons olhos os melhoramentos e progressos que o intendenet introduzia na sua patria, encarando certamente o futuro que antevia proximo, no qual tinha o Brazil de pôr em contribuição os seus recursos proprios, para manter a independencia e autonomia, a que aspirava.

As maiores despesas que se faziam durante o periodo colonial nas mineração, tanto de ouro como de diamntes, eram com a compra do ferro e do aço, para ferramentas e da polvora para arrebentar as pedras.

Esses materiaes vinham da Europa por intermedio do commercio portuguez, que os monopolizava, muito embora tivesse de comprar o ferro na Suecia e a polvora em outros paizes.

O desembargador Camara, que era naturalista e um espirito pratico, amadurecido nos centros industriaes que percorrêra, viu, desde logo que o Brazil poderia exonerar-se do pesado imposto que pa-

(102) *Memoria do Districto Diamantino*, do dr. J. Felicio dos Santos.

gava á Europa, e tirar de seus recursos proprios os meios para desenvolver sua industria mineral.

Assim obteve de d. João VI, que já se tinha transferido para o Rio de Janeiro, a necessaria permissão, para fundar a fabrica de ferro no Morro de Gaspar Soares ou do Pilar, começando os trabalhos d'esta a 5 de Abril de 1809 e tendo tido a gloria de ser o primeiro que fez correr o ferro de um forno alto no Brazil.

A 21 de Outubro de 1815 entraram no Tijuco as primeiras barras de ferro fabricado no Morro do Pilar e destinadas aos trabalhos da Extracção.

Esse acontecimento foi solemnizado com festejos enthusiasticos, porque representava um passo agigantado para a emancipação economica da colonia.

Desde 1815 a 1821, a fabrica do Morro do Pilar forneceu á Extracção mais de 4.000 arrobas de ferro.

A descoberta das nitreiras da serra do Cabral, em 1799, e mais tarde as do Matta-Matta, mais proximas do Tijuco, determinaram Camara a ensinar o fabrico da polvora aos Tijuquenses, para o fornecimento dos trabalhos de Extracção, com o que os barateava consideralmente.

Além desses elementos que creou, introduzio Camara diversos outros melhoramentos na arte da mineração dos diamantes: — foi elle quem primeiro empregou guindastes e cabrestantes para a remoção das grandes pedras, que outr-ora, só eram retiradas das minas em fragmentos; — introduziu o transporte mechanico das areias e terras, que até então, eram removidas em *carumbés* á cabeça dos negros, empregou peneiras para fazer a separação do cascalho por grossura o que antigamente só se fazia nos *bacos*, de modo primitivo e moroso; — introduzio bombas mais perfeitas e practicas do que os *rosarios* e as bombas primitivas que vinham do tempo dos contractos e dos primitivos trabalhos da Extracção; — finalmente emprehendeu serviços arrojados até então reputados impraticaveis de onde extrahio muitos diamantes em annos successivos, como na Poção do Moreira, no Matta-Matta onde fez abrir nas rochas parallelamente ao leito do rio, canaes profundos para substituir os bicames de madeira que as enchentes periodicas levavam causando grandes prejuizos, arruinando os serviços feitos e pondo em risco a vida do pessoal empregado.

Eis como J. Mawe (103) descreve um dos serviços do Rio Jequitinhonha e do Mendanha onde trabalhavam mais de 1.000 negros, quando elle foi ao Tijuco, por occasião da intendencia de Camara:

« A parte que se trabalha é uma curva ou cotovello, de onde a corrente é desviada para um canal que atravessa a lingua de

(103) *Travels in the interior of Brazil.*

terra, por onde o rio serpeia. Elle é tapado na parte de sua derivação por um cerco formado de areias. Essa obra é de consideravel grandeza e requer muitos negros para se completar, porquanto o rio sendo largo e profundo é sujeito a inundações e pede reparos fortes, capazes de resistirem á pressão da agua, que se eleva a quatro ou cinco pés de altura.

As partes mais fundas do alveo do rio são exgottadas por grandes caixas ou bombas encadeiadas, puchadas por uma roda movida pela agua. Tiram-se então o lodo e o cascalho, que é levado para o logar da lavagem.

Esse trabalho era feito por negros, que levavam o cascalho em gamellas (carumbés), na cabeça; mas M. da Camara formou dous planos inclinados com o comprimento de perto de cem varas (cento e poucos metros) por onde se tiram carros por uma roda d'agua dividida em duas partes, cujos cubos são construidos de maneira que o movimento rotativo póde alterar-se mudando a corrente d'agua de um para outro lado.

Essa roda, por meio de uma corda feita de couro não curtido, pucha dous carros, um dos quaes desce vazio sobre um dos planos inclinados, emquanto outro, carregado de cascalho, sobe para o topo do outro plano, onde despeja e désce por sua vez.

Nas minas da Canjica, outr'ora de grande importancia, perto de uma milha da outra margem do rio, havia tres machinas cylindricas para tirar o cascalho, similhantes ás que se usam nas minas de Derbyshire.»

A lavagem do cascalho diamantino fazia-se mais ou menos como se faz ainda hoje.

Separam-se primeiro as pedras grandes, por meio de peneiras ou no *baco*, o qual consiste em uma cuba de taboas, aberta de um dos lados, onde penetra agua corrente; ou então esta é alli atirada por meio de bateia, enquanto o cascalho é remexido por um trabalhador munido de almocafre ou de enxada.

Feita essa primeira separação de grossura, e reduzido o volume do cascalho, é elle levado á bateia, onde se faz a classificação por densidade, atirando-se fóra as pedras maiores e a terra; colhe-se então o diamante no meio das formações, onde elle scintilla de modo peculiar, que chama a attenção mesmo das pessoas que não teem habito de vel-o, ou que não o conheçam.

No fundo da bateia, no meio de areias ferruginosas chamadas esmeril, fica o ouro, que quasi sempre apparece nos cascalhos diamantinos.

Não incluindo o que foi extraviado pela mineração clandestina e pelo contrabando, o que J. Mawe computa em mais de 2 milhões de libras esterlinas, vendidos a preço baixo, a producção dos dia-

mantes nas lavras da Extracção, desde o seu inicio, em 1772, até os ultimos dias dessa administração, foi a seguinte:

Annos	Diamantes extrahidos (Carats)	Despesas da extracção
1772..	33.493	433:117$329
1773.....	50.343	360:714$233
1774....	37.083	256:320$163
1775.....	36.877	264:140$916
1776.....	37.414	295:607$091
1777.....	40.517	260:584$173
1778.....	39.068	248:066$219
1779.....	39.479	214:760$652
1780.....	31.947	235:490$467
1781.....	38.605	239:662$086
1782.....	51.262	279:816$304
1783.....	48.117	268:515$714
1784	62.038	266:950$282
1785.....	37.528	260:676$202
1786.....	30.677	263:131$025
1787.....	28.404	260:990$858
1788.....	28.630	278:448$122
1789.....	29.557	244:369$114
1790.....	31.664	236:021$772
1791.....	28.400	250:008$030
1792.....	26.184	245:490$100
1793.....	27.781	250:151$681
1794.....	33.320	239:412$474
1795 (104).....	26.031	175:808$692
1796	14.805	75:109$354
1797.....	11.007	91:069$992
1798.....	11.082	78:372$956
1799.....	11.952	72:947$554
1800.....	12.022	87:859$443
1801.....	15.719	115:174$095
1802.....	29.268	115:429$206
1803.....	28.435	126:292$582
1804.....	14.892	126:266$369
1805.....	15.302	128:127$014
1806.....	18.095 (105)	

(104) A partir desse anno ficou reduzida a 120:000$000 annuaes a assistencia que o Erario Regio fazia á Extracção, sendo recommendado a esta que restringisse os trabalhos e despesas.

(105) Entre esses incluiu-se um grande diamante, pesando 70 kilates, encontrado no Curralinho.

Annos	Diamantes extrahidos (Carats)	Despesas da extracção
1807 (106).....	17.517	
1808-1809 (107).....	19.924	131:230$542
1809-1810.....	16.732	151:408$020
1810-1811.....	17.925	141:803$293
1811-1812.....	18.329	145:943$954
1812-1813.....	15.811	164:708$101
1813-1814.....	18.558	163:141$634
1814-1815 (108).....	26.944	
1815-1816.....	22.965	
1816-1817.....	9.213	
1817-1818.....	9.396	
1818-1819.....	10.540	
1819-1820 (109).....	5 920	
1820-1821.....	6.807	
1821-1822.....	7.420	
1822-1823 (110).....	7.275 (111)	
1823-1824.....	9.894 (112)	
1824-1825.....	6.124 (113)	

(106) Na correspondencia entre a Junta da Extracção no Tijuco e a Directoria de Lisboa, de onde foram extrahidos esses numeros, não se encontra a conta das despesas feitas pela Extracção nos annos de 1806, 1807 e 1808.

(107) Em outubro de 1808, foi ordenado á Junta que o anno diamantino se contasse de 1.º de abril ao ultimo de março subsequente; portanto, nesse anno, se fez a remessa dos diamantes extrahidos de 1.º de janeiro de 1808 ate 31 de março de 1809.

(108) A partir dessa epocha não se encontra mais a conta das despesas annuaes da Extracção, na sua correspondencia que já era muito irregular. Os laços de subordinação vão se afrouxando, as despesas crescendo e os rendimentos diminuindo.

(109) Este brusco salto na producção foi explicado á Directoria pelo facto de haver completamente falhado o serviço do Matta-Matta que era o mais importante, e onde se achava empregado o maior numero de escravos da Extracção.

(110) Não podendo impedir o trabalho das minerações aos particulares, a Directoria permittiu que esses explorassem as minas de ouro, com a condição de vender á Extracção, por um preço taxado, todos os diamantes que fossem encontrados nesses serviços.

(111) Inclusive 1.412 carats comprados.

(112) Inclusive 4.420 carats comprados.

(113) Inclusive 56 carats comprados.

Annos	Diamantes extrahidos (Carats)	Despesas da extração
1825-1826	5.361 (114)	
1826-1827	6.113	
1827-1828	3.721	
Total.....	1319.192	

A partir de 1828, não existia mais estatistica que merecesse fé.

Os serviços de extracção já se achavam profundamente desorganizados.

A correspondencia dos ultimos annos versava quasi exclusivamente sobre os vexames que a Juncta do Tijuco soffria, por falta dos pagamentos atrazados.

Os bilhetes emittidos, todos os annos, para cobrir o excesso da despesa sobre a consignação, com que assistia o Real Erario, iam-se avolumando e depreciando.

Em 1815 havia cerca de 450 contos desses bilhetes em circulação.

Demais, a assistencia semestral não era remettida com regularidade: os acontecimentos politicos absorviam a attenção e os recursos da administração publica, que passava dous e tres annos sem acudir aos reclamos da Juncta do Tijuco.

Os salarios e os mantimentos elevaram-se de preço; as forças e o prestigio da Extracção diminuiram, e ella quasi nada podia fazer.

Emquanto a mineração dos particulares floresceia ao seu lado, — o desempedimento das lavras de ouro havia determinado uma grande immigração para os arredores do Tijuco, os mineiros tinham obrigação de vender á Extracção os diamantes que encontrassem: mas como esta não tinha dinheiro para compra-los, a consequencia foi que o commercio do diamante passou-se a fazer ás escancaras.

A Extracção agonizou desde a Independencia do Brasil até o anno de 1832, em que foi extincta pela lei de 25 de outubro votada pela Assembléa Geral Legislativa.

Essa lei estatuiu, no seu art. 9, que «os terrenos diamantinos, actualmente reconhecidos como taes na provincia de Minas-Geraes, ou que, para o futuro, nella se descobrirem, continuam a ser do dominio da nação. Ninguem explorará sem titulo, sob pena de ser punido como réo de furto.»

---

(114) Inclusive 121 carats comprados.

Nessa remessa foi incluido um diamante pesando 63 kilates que foi encontrado na mina do Pagão, e outro pesando 34 kilates.

O art. 1.º da lei determina que: «concedet-se-ha aos cidadãos brasileiros exclusivamente a faculdade de explorar os sobredictos terrenos por arrematações, que nunca serão conferidas por menos de tres annos, nem por mais de seis e nem a pessoas que não sejam sufficientemente abonadas, para emprehenderem taes serviços e satisfazerem as prestações e obrigações a que se sujeitarem.»

Creou-se no Tijuco, que passou a ser a cidade de Diamantina, uma «Inspectoria Geral dos Terrenos Diamantinos» para superintender esses serviços.

D'ahi em deante, foram franqueadas a todos os nacionaes as lavras de diamantes ou de ouro, mediante arrematação em praça publica, sendo de 48$000 o preço minimo de cada *data* com quinze braças quadradas ou cêrca de 73 metros quadrados.

Nos arredores das actuaes cidades de Diamantina e Grão-Mogol, surgiram florescentes povoações; e, por toda a parte, nesses dous municipios, abriram-se lavras diamantinas. Novas descobertas foram feitas: e até nos mais longiquos sertões, na antiga Nova-Lorena, as margens dos rios Abaeté, Sancto Antonio da Agua Fria, Somno, Catinga, Cannabrava, Indaiá, Borrachudo e Bambuhi se cobriram de choças de exploradores, que excavavam os leitos e flancos dos riachos e corregos, procurando a preciosa gemma.

Em Goiaz e Matto-Grosso, novos pontos de attracção arrastaram aventureiros que vinham de longe fascinados pelo diamante, cujo commercio, por tantos annos prohibido, se tornava então franco e altamente lucrativo.

As jazidas dos rios Claro, Ditões, Fortuna, Desengano, Trez Barras e Caiapósinho, em Goiaz, bem como as dos ribeirões do Ouro, Sancta-Anna, Areias, Buritisal e Diamantina, que formam as cabeceiras do Paraguai, as do Sumidouro, que verte para o Arinos, as grupiaras e chapadas que dividem estas, em Matto-Grosso, todas ellas foram exploradas e revolvidas, como o attestam as excavações e montículos de cascalho lavado que existem nas cercanias das povoações então fundadas, e das quaes algumas se mantêm de pé ainda, como as cidades do *Rio Claro*, a 50 leguas da capital de Goiaz, e de *Diamantina* a cerca de 40 leguas a Noroeste de Cuiabá.

A distancia, porém, em que ficavam do littoral e dos centros commerciaes as lavras diamantinas de Matto-Grosso e de Goiaz, encravadas nos sertões e sem meios de facil transporte alliado isso ao facto de não serem grandemente ricos os pontos explorados, fez com que não fossem duradouros os serviços ahi tentados.

E, embora apparecessem no mercado muitos diamantes d'essa procedencia, nos primeiros annos subsequentes ao desempedimento das lavras diamantinas, a exploração d'essas pedras não tomou im-

pulso em Goiaz e Matto-Grosso, e se limita, ate hoje, a serviços isolados de garimpeiros.

Nas antigas provincias e hoje estados do Paraná e de S. Paulo existem tambem regiões de ha muito reconhecidas como diamantinas.

Ellas, porém, pouco tem preoccupado os pesquisadores, porque os diamantes alli encontrados são geralmente pequenos e em pouca abundancia, posto sejam de boa coloração e brilho.

A região diamantina do Paraná está confinada no valle do Tibagi, affluente do Paranapanema, tendo sido encontrados cascalhos diamantiferos não só naquelle, como nos rios Japó, Pitangui e seus affluentes.

Da mesma forma que em outros pontos do Brasil, onde existem lavras diamantinas, a preciosa gemma se encontra no Paraná e S. Paulo, nos cascalhos depositados nos leitos dos rios, nas suas grupiaras e chapadas.

O pouco resultado, porém, que offereciam as explorações do Tapagi, nunca permittiram que alli se estabelecessem serviços de grande porte. Egualmente se deu em S. Paulo, onde foram encontrados alguns diamantes nos rios Verde e Sapucahi-mirim. No sertão da Bahia o diamante foi descoberto pouco depois de haver começado a exploração das lavras diamantinas do Serro do Frio.

Entretanto, a severidade com que o governador prohibiu sua extracção, em Ordem datada de 4 de Outubro de 1732, impediu que essa descoberta fosse conhecida, perdendo-se até a memoria do sitio onde ella se deu.

O impedimento de todas as lavras diamantinas feito em 1734, obstou que quem quer que fosse intentasse pesquisas para encontrar a preciosa pedra no territorio brasileiro

Quando os naturalistas allemães Spix e Martius percorriam o interior do Brasil, em excursões scientificas, tiveram, mais ou menos em 1822, occasião de reconhecer na serra do Sincorá a existencia dos diamantes, e fizeram sciente d'isto ao sargento-mór Francisco José da Rocha Medrado, possuidor de grande extensão territorial naquella paragem (115); mas, ou porque essa descoberta não houvesse despertado a attenção, que merecia, ou porque ainda se achavam em vigor as leis severas que prohibiam aos particulares a exploração das minas de diamantes, esta só se fez na zona, depois que a lei de 25 de Outubro de 1832 a permittiu francamente.

---

(115) *Memoria descriptiva da riqueza mineral na provincia da Bahia* por Gustavo Adolpho de Menezes, 1863.

Um mineiro, o alferes Malto, que vinha das mineraçoes de Diamantina e havia penetrado no sertão bahiano, attrahido pela descoberta do ouro na zona do Assuruá, encontrou alli em 1841, indicios de formações similhantes aos das lavras diamantinas.

Continuando suas pesquisas, teve occasião de apanhar diamantes na serra da Chapada-Velha, entre os annos de 1842 a 1843.

Porém só a partir de 1844 foram os diamantes encontrados em abundancia capaz de attrahir áquelles sertões os aventureiros, que a noticia da grande descoberta convidava de toda parte.

Em Septembro de 1844, foram encontradas as minas diamantinas denominadas do Sincorá, ao Sul dos sitios explorados por Malto.

Foi no rio Moncugê que José do Prado, seu filho, e um escravo encontraram os primeiros diamantes nessa zona.

Este e o rio dos Combucas, tambem reconhecido diamantino, se reunem proximo ao logar, onde se fundou a povoação do *Paraguassú Diamantino*, para irem junctos se despejar no rio Paraguassusinho ou alto Paraguassú.

Todos estes vertem da Chapadinha, que vem a ser um dos contrafortes da serra do Sincorá.

A noticia da descoberta dos diamantes no Moncugê attrahiu para alli uma enorme população, que, em menos de seis mezes, elevou-se a cêrca de vinte mil pessoas.

Teve assim começo o *Paraguassú Diamantino*, hoje cidade de S. João do Paraguassú, edificada na confluencia dos rios Moncugê e Combucas.

Todos os rios, que nascem da serra do Sincorá correm sobre cascalhos diamantinos; não só os affluentes do Paraguassú, taes como os rios Negro, o Alparcato, o Catinga-Grande, o Una, o Tirabó e o Moncugê, como o Sincorá, que verte para o rio de Contas.

Alguns d'elles nascem em brejaes, que são tambem diamantinos, como tambem o são as grupiaras que se encontram no seu percurso.

Todo o alto Paraguassú, até a confluencia do rio Sancto Antonio, duas leguas abaixo da Passagem do Andarahi, foi muito rico de diamantes.

Os outros affluentes do Paraguassú, que vertem da serra hoje denominada das *Lavras Diamantinas*, tem egualmente ricos e abundantes cascalhos, cuja exploração deu logar á formação de muitos povoados, que até hoje permanecem; entre outros, tornaram-se celebres os rios Piabas, Chique-Chique e Cajueiro.

Dos contrafortes d'aquella serra, denominados o do Andarahi e o dos Lençóes, nascem os riachos da Garapa, Roncador, Bicas, Caldeirões, Capivaras, Ribeirão do Inferno, Lençóes e outros, que, unidos, formam o rio S. José, o qual vai desaguar no Sancto-Antonio,

affluente do Paraguassú, tambem denominado rio do Coxó, ou do Andarahi, em alguns pontos do seu curso.

Todos são diamantinos, desde suas nascentes, nos brejos que existem no alto das montanhas até á fóz, para onde elles se precipitam, geralmente cachoeirados.

A's aguas do Sancto-Antonio veem ainda juntar-se as do rio Utinga, nascido na *Serra do Morro do Chapéu*, muito rico de cascalhos diamantinos, nas primeiras legoas de seu curso.

Entre os contrafortes da serra de Lavras Diamantinas, que se denominam serra de Aroeiras e Chapada-Velha, nasce do brejo chamado *Commercio do Meio*, o rio Verde, que desagua no S. Francisco, e, emquanto faz o seu curso pelas montanhas esse rio verde passa tambem sobre cascalhos, outr'ora muito ricos de diamantes.

Foi ainda, nessa região, reconhecido como diamantino o alto rio das Contas, que verte das *Serras de Tromba*, com o nome de rio Jussiapé; mas sua exploração nunca foi de grande importancia.

Em summa, todos os riachos e corregos que banham a zona comprehendida entre as *serras do Sincorá* ao Sul, *Lavras Diamantinas* a Léste, *Morro do Chapéu* e *Chapada-Velha* ao Norte, *Remedio* e *Tromba* a Oeste correm sobre leitos diamantinos, e foram objecto de activa e remuneradora exploração até á decadencia dos diamantes brasileiros, pela descoberta dos do Sul da Africa.

Como era natural, a exploração das lavras diamantinas do sertão bahiano fez-se desordenadamente nos primeiros tempos.

Desde a descoberta até 1850, acudiram á Chapada Diamantina cêrca de 50.000 pessoas, que se estenderam por aquella vastissima zona, procurando e explorando jazidas novas, em todas as direcções.

Não se póde, porém, fazer uma estatistica verdadeira dos diamantes ahi extrahidos, porque a unica base segura, que era a exportação, verificada pelo pagamento dos impostos, torna-se illusoria não só porque acudiam áquella zona numerosos negociantes de Minas, que os compravam para vende-los onde encontrassem melhor preço, como pela quantidade de pedras preciosas que saíam sem pagar o imposto devido.

No decennio de 1852—1862, passaram pela alfandega da Bahia, com destino á Europa, 876.250 carats de diamantes assim distribuidos:

Annos	Carats
1851—52	54.495
1852—53	71.260
1853—54	32.285
1854—55	56.297
1855—56	97.195
1856—57	151.695

Annos	Carats
1857—58	79.835
1858—59	93.117
1860—61	73.832
	709.411

Em outros ponctos do territorio bahiano tem sido egualmente descoberto o diamante, taes como em S. Felix, no rio Itapicurú e no Salobro.

Estas ultimas foram as mais importantes das minas recentemente encontradas.

As minas do Salobro ficam ao Sul da Bahia, nas proximidades de Canavieiras, no meio da espessa matta.

Ellas foram descobertas em 1882, e sua exploração não durou muito tempo.

Os diamantes eram alli extrahidos com grande facilidade, em abundancia e geralmente bons.

Divulgada a noticia da descoberta, cêrca de 1.000 ranchos toscos foram levantados no meio da matta, enterrados na lama, abrigando alguns milhares de trabalhadores, que se agitavam numa actividade febril, no meio de discordias, de enfermidades e de incommodos attrahidos todos pela esperança da fortuna facil.

Uma testemunha ocular synthetizou aquelle montão de homens correndo atrás da preciosa gemma, nestes termos:

«Lama, immundicie, podridão por todos os lados, todos os vicios por fim alli imperam com toda altivez, desde o jôgo até á crapula.» (116)

Em Minas, além das jazidas dos arredores de Diamantina e de Grão-Mogol, onde a exploração tomou maior desenvolvimento, foram tambem muito trabalhadas as do Abaeté, da Bagagem, de Cocaes e de outros sitios de menor importancia.

Depois de desempedidas as lavras diamantinas, aventureiros corriam os sertões, procurando novos campos de exploração, mormente nas proximidades das zonas onde já havia sido assignalada a existencia dos diamantes.

Passando do Abaeté para Goiaz e pesquisando nos rios que encontravam em seu caminho, acharam elles as jazidas do rio Bagagem e de seus affluentes, no extremo Oeste de Minas Geraes, na zona que tem a expressiva denominação de *Triangulo Mineiro* a cêrca de 130 kilometros ao Norte da hoje florescente cidade de Uberaba.

Os diamantes não eram muito abundantes na Bagagem; mas essas jazidas tornaram-se notaveis pela pureza e brilho de seus productos.

(116) JORNAL DO COMMERCIO de 17 de Fevereiro de 1883.

Elles eram geralmente brancos: porém, quando colorados, faziam bellissimo effeito pela suavidade de suas cores, ora de azul esbatido ora de amarello topazio, ora de verdadeiro rubim.

As jazidas da Bagagem adquiriram grande renome a partir de 1853, pela descoberta do afamado diamante, conhecido pelo nome de *Estrella do Sul*, o qual pesava no estado bruto 254,5 quilates e é o maior diamante extrahido no Brasil.

Pouco depois, em 1857, foi ahi tambem encontrado outro grande diamante, que pesava bruto 177 quilates e recebeu o nome de diamante de Dresda.

Por occasião da guerra do Paraguai, os mineiros fugiram dos pontos povoados, e procurando escapar ao recrutamento militar, internaram-se pelos sertões, indo descobrir novas minas que exploravam em seu homisio.

Por essa occasião, foram descobertas nessa zona as jazidas do Douradinho e da Agua-Suja; estas ficam a 20 kilometros a SE. da cidade da Bagagem, sobre um pequeno affluente da margem direita do rio d'esse nome, e do qual distam apenas cêrca de 1,5 kilometro.

Foi ahi encontrado o primeiro diamante, em Janeiro de 1869, por um garimpeiro de nome Sebastião; e começou desde logo a florescer a exploração pela facilidade do trabalho e excellencia das pedras extrahidas.

Não havia, porém, agua bastante para os serviços necessarios, o que determinou o mineiro Pedro Marianno a tirar, em 1868, a agua da denominada cabeceira da Tatrona, pequena vertente do ribeirão dos Marrecos, com o percurso de 18 kilometros e uma queda de 32 metros. (117)

A descoberta das minas do Cabo da Boa Esperança, que determinou o esmorecimento dos trabalhos nas minas de diamantes do Brasil, fez com que as da Agua Suja nunca tivessem grande desenvolvimento, não passando de pequenas faisqueiras que perduram até hoje.

O mesmo se deu com as minas de Cocaes na serra desse nome acêrca de 20 kilometros a N. O. da cidade de Santa Barbara.

Ahi os diamantes são muito finos e claros; e posto não sejam abundantes, alimentaram por alguns annos uma pequena exploração que hoje desappareceu.

Em diversos outros pontos de Minas Geraes foi assignalada a existencia de cascalhos diamantiferos; mas sua exploração não tomou desenvolvimento e sua riqueza não foi grande, para attrahir a attenção sobre ellas.

---

(117) *Jazidas diamantiferas de Agua Suja*, pelo engenheiro Luiz Philippe Gonzaga de Campos.

Em Diamantina nunca cessou de todo a exploração dos diamantes, muito embora a descoberta das jazidas sul-africanas dessem baque no commercio dessa gemma em todo o mercado brasileiro.

Entre outros serviços importantes alli feitos nesses ultimos 20 annos, cumpre assignalar o do *Portão de Ferro*, em 1883, o qual preparou os do *Poção do Moreira*, *Boa Vista e Paranaã*, onde têm sido empregados os mais modernos apparelhos, com que os progressos da industria vão em nossos dias enriquecendo a arte da exploração das minas.

O *Portão de Ferro* fica sobre o ribeirão do Inferno a 18 kilometros de Diamantina, entre os arraiaes do Currallinho e da Itaipaba.

Essa lavra havia sido explorada no tempo da Extracção, nos primeiros annos do seculo ha pouco findo.

Ahi haviam rasgado um canal de 500 metros de extensão, na rocha viva, parallelamente ao leito do Ribeirão e em nivel de quatro metros acima das aguas normaes deste.

Acreditava-se que depois de tirado muito cascalho, de excellente aspecto e de grande riqueza, havia a montanha marginal do Ribeirão arraiado sobre a jazida, impedindo a continuação dos trabalhos.

As lendas da riqueza do *Portão de Ferro* estiveram de pé por muitas dezenas de annos, até que os serviços emprehendidos em 1883—1885 vieram desvanecel-as.

Nesses serviços foram empregadas bombas de exgôtto as mais perfeitas; motores hydraulicos tocavam machinas que puxavam vagonetes em planos inclinados para facilitar o transporte das areias e cascalhos; e, pela primeira vez no Brasil, foi ensaiado o emprego da electricidade como motor, em septembro de 1883, dando resultado bastante satisfactorio.

Pouco depois, na exploração da lavra do *Poção do Moreira*, já a electricidade entrava como elemento de trabalho e não como objecto de experiencia ou de curiosidade, sendo todas as construcções embora toscas, os ranchos de abrigo e os serviços illuminados á luz electrica, o que permittia fazer os trabalhos sem interrupção, dia e noite, para aproveitar os poucos mezes da estação secca, unicos em que se faz a extracção das areias e cascalhos do leito dos rios.

Hoje estão em franca actividade os serviços das lavras de *Boa Vista* e do *Paranaã*.

Boa Vista é um planalto que dista cêrca de 15 kilometros de Diamantina e onde o cascalho se acha espalhado numa extensão de dous a tres kilometros.

Nas encostas desse planalto, que está mais ou menos á 1.200 metros sobre o nivel do mar, nascem o corrego do Bom Successo e outros pequenos tributarios do rio Jequitinhonha, que vão formar o rio Santa Maria, affluente deste.

As aguas do Sancta Maria, com a queda de 103 metros, são aproveitadas para tocar uma roda Pelton, desenvolvendo a força de 200 cavallos que vai gerar a energia electrica para tocar bombas poderosas.

Estas elevam as aguas do Bomsucesso a um reservatorio, que fica a 86 metros acima do ponto onde se faz a captação, e se depositam em um tanque de 3,500 metros cubicos de capacidade.

Essa agua é destinada á lavagem dos cascalhos espalhados pelo planalto, sendo a separação das pedras feita por peneiras de differentes grossuras.

Com taes apparelhos que contribuem para facilitar os trabalhos, são realizados serviços que pareciam incompativeis com os methodos até agora seguidos.

Uma nova êra está despontando, portanto, para a mineração dos diamantes do Brasil; e, posto a concurrencia da Africa do Sul se conserve de pé cada vez mais alentada pela abundancia dos capitaes de que dispõe, ella não poude vencer ainda as gemmas brasileiras, consideravelmente superiores aos diamantes do Cabo, pela sua belleza e brilho.

Ha perto de 170 annos, só se tem explorado no Brasil as jazidas de alluvião; muitas destas ainda se conservam intactas no interior da Bahia, Matto Grosso, Goiaz, Minas Geraes e outros Estados; mas hoje vão sendo procuradas, de preferencia, as jazidas primitivas ou matrizes, que permittem trabalh mais constante e duradouro, o que attrahe melhor os capitaes e as actividades.

Foi nessa segunda phase de trabalho mais seguro, com processos mais adequados e com o instrumental aperfeiçoado de que dispõe a adeantada industria extractiva, que o novo seculo veio encontrar a exploração do diamante no Brasil.

Embora tenham já algumas applicações na industria moderna, os diamantes são quasi que exclusivamente empregados como objecto de luxo, desde tempos immemoriaes. Originarios da India não está averiguada a remotissima data, a partir da qual elles começaram a figurar na civilização oriental. Velhas tradicções recuam a exploração das minas do Randapali perto de 5,000 annos; e o activo mercado que desta gemma se fazia em Golconda, no reino de Visam tornou afamados os diamantes daquella região.

Dahi passaram elles para o Occidente pelo commercio do Mediterraneo, apoz as expedições de Alexandre o Grande, que vieram estreitar as relações do continente asiatico com o europeu.

Até o começo da exploração das minas do Brasil, em 1728, os unicos diamantes conhecidos no mundo eram de procedencia indiana e deviam ter sido de excellente qualidade essas pedras, para gozarem da fama que até hoje conservam, entre os joalheiros, «diamantes antigos ou de velha rocha».

Das minas de Randpali sahiram diamantes afamados, como o «Grão Mogol», que depois de lapidado, pesava 279 carats, o diamante azul de «Hope», que pesava 44 /2 carats, depois da lapidação, o crê-se que tambem o «Regente», uma das mais afamadas e formosas pedras existentes, que pesa 134 1/1 carats.

As jazidas da India, que hoje têm pouca importancia, são ainda exploradas em Panna, no Bundolkland, e nas alluviões de Sambalpur, que mal chegam para alimentar o consumo local.

Os diamantes do Oriente eram introduzidos nos mercados europeus no estado natural, ou *brutos*, sendo apenas rudimentarmente talhados, quando tinham jaças ou poucos que se procurava esconder.

A arte da lapidação, propriamente dicta, foi inventada por Luiz de Berquem em 1476.

A lapidação tem por fim dar ao diamante uma forma regular, abrindo nelle maior ou menor quantidade de facetas, que são depois polidas, para eliminar ou occultar os defeitos que a pedra possa ter, bem como para augmentar e fazer realçar o brilho que lhe é peculiar.

No principio, os diamantes eram talhados sómente em ponta, com poucas facetas.

A partir do seculo XVII, começou-se, porém, a fazer a lapidação em rosa, com 16 facetas, depois com 24, 32 e 58, que é a forma dominante na lapidação moderna.

A abundancia dos diamantes fornecidos pelas minas do Brasil e o desenvolvimento da arte da lapidação, que permittiu transformar em lindos *brilhantes* diamantes imperfeitos e feios, vieram, a partir do seculo findo, generalizar e como que democratizar o uso dessa preciosa gemma, até então reservada unicamente aos reis, principes e potentados.

Apezar dos caprichos da moda e da inconstancia do gôsto, entre os povos, atravez das eidades, o diamante tem conservado a sua supremacia entre os objectos de luxo, desde os mais remotos tempos em que foram elles usados para adorno.

O preço dos diamantes e, portanto, a sua maior ou menor estima têm seguido de perto a abundancia ou a carestia de sua exploração.

O trabalho das ricas minas sul-africanas, irregularmente feito a principio por numerosas companhias, que não applicavam as mesmas regras e cujos serviços se prejudicavam mutuamente determinava oscillações muito fortes na producção, que se traduziam por continua inconsistencia no preço do diamante.

Foi só depois da organização do poderoso syndicato, que amalgamou quasi todas as propriedades diamantiferas do Sul da Africa na de *Beers Consolidated Mines limited* que, a partir de 1890, ficou regularisado o preço do diamante, cujo commercio foi quasi monopolizado em todo o mundo, por aquella poderosa companhia, que pode assim regrar, de accordo com a procura, a producção annual dos diamantes.

A lapidação ou o preparo artistico da pedra, que a torna mais preciosa, não é geralmente feita no proprio logar das minas.

Desde muitos annos as fabricas de lapidação de Amsterdão tornaram a Hollanda o paiz classico dessa industria, que é exercida por operarios, os quaes guardam certo sigillo de sua arte.

O governador portuguez, possuidor das minas diamantinas, que durante todo o seculo XVIII abasteceram a Europa, tinha contractos com lapidarios e negociantes hollandezes que atiravam essa gemma no mercado.

D. João V, tentou estabelecer fabrica de lapidação em Portugal, mas não logrou resultado.

Só em principio do seculo XIX essa tentativa foi coroada de exito, devido aos esforços de d. Rodrigo de Souza Coutinho.

O decreto de 4 de Maio de 1801, estabeleceu e organizou a fabrica de lapidação, que foi fundada, em 1803, na Quinta do Campo Pequeno, em Lisboa; mas foi de pouca duração o seu funccionamento que cessou em 1807, pela invasão franceza em Portugal.

Tendo d. João VI transferida para o Brasil a sua residencia e transplantado para o Rio de Janeiro diversas instituições que funccionavam na Capital Portugueza, mandou vir de Lisboa pela provisão de 7 de Janeiro de 1809, os lapidarios que lá se achavam.

Em meiados de 1812, foi installada a fabrica de lapidação, annexa á Casa da Moeda do Rio de Janeiro, sob a direcção do dr. José de Rezende e Costa, que esteve á testa deste serviço até 1827.

Os mestres vindos de Lisboa crearam um corpo de aprendizes, que transmittiram até aos nossos dias os segredos de sua arte.

Naquella epocha, a lapidação de um carat de diamante ficava em 5$, dos quaes 3$200 tocavam ao mestre e o resto era despesa do material e de auxiliares, ganhando os aprendizes 120rs diarios.

Só erão lapidados os diamantes de bom formato e não se talhavam nem os diamantes miudos nem os de *antiqui*.

Essa primeira fabrica brasileira de lapidação deixou de existir em virtude da portaria de 7 de junho de 1830.

Depois da independencia, sendo permittido aos brazileiros o exercicio de todas as profissões, dous antigos discipulos da extincta fabrica continuaram a exercer sua arte, apoz o fechamento da lapidação da Casa da Moeda.

Foram elles Augusto José de Carvalho, que estabeleceu uma fabrica no centro da cidade e José Francisco Ferreira, que fundou outra na Gavea.

Essas fabricas, porém, eram rudimentares e as rodas de lapidação tocadas á mão.

Entre os annos de 1852 a 1853, foi fundada no Rio de Janeiro uma pequena lapidação a vapor, de propriedade de Domingos José de Oliveira e Mello, que a entregou a dous lapidarios vindos da Hollanda.

Em 1855, Ferreira melhorou sua fabrica da Gavea, tocando-a por animaes.

Em 1857, Francisco José Lopes montou nova fabrica utilizando um motor hydraulico, e o seu exemplo foi imitado por José Ferreira e Domingos Francisco Ferreira.

Em 1866 a 1867, Domingos Montinho montou ainda uma nova fabrica a vapor, a qual prosperou e servia de eschola a muitos lapidarios que foram desenvolver a arte da lapidação em outros pontos.

Em 1870, foi estabelecida a lapidação na Bahia por Francisco José Lopes.

Mas foi em Diamantina, que a lapidação tomou maior desenvolvimento e radicou-se de modo definitivo.

O commercio de diamantes, que essa cidade norte—mineira activamente entretinha com a praça do Rio de Janeiro, e por seu intermedio com as de Europa, que então se abasteciam daquella gemma exclusivamente no Brasil, fez com que a Diamantina soffresse mais do que qualquer outra, os effeitos da descoberta das minas diamantiferas do Sul da Africa.

Muitos negociantes, que tinham avultado capital empregado naquelle commercio, arruinaram-se completamente.

Levando ao Rio de Janeiro grandes partidas de diamantes brutos como annualmente faziam, não poderam vendel-os, porque os negociantes do genero tinham ordens das casas européas de só comprar diamantes lapidados.

Na Europa, para onde seguiram os negociantes diamantinenses, a offerecerem a sua mercadoria lhes foi repetida a mesma negativa e isto lhes abriu os olhos, lamentando a incuria, até então commettida, de não terem estabelecido em Diamantina fabrica de lapidação.

Os negociantes diamantinenses tentaram um ultimo recurso levando ás fabricas hollandezas os seus diamantes brutos os quaes foram alli mesmo rejeitados, porque já todas aquellas fabricas se achavam arrendadas aos compradores de diamantes africanos, que vinham em grande abundancia das jazidas recentemente descobertas.

Isso determinou a fundação das primeiras fabricas de lapidação em Diamantina, o que occorreu entre 1873-1874, sendo seus primeiro directores Josephino Ferreira da Silva e Luiz Paulino de Oliveira Miranda, lapidarios que se haviam iniciado nesse arte nas fabricas do Rio.

A primeira fabrica de lapidação assentada na Diamantina foi propriedade do fallecido negociante e explorador de diamantes, Serafim Moreira da Silva.

Ella foi edificada e montada pelo intelligente artista Felix Guizard em 1873 e situada nos suburbios da cidade, no local denominado *Chacara do Martins da Serra*, para os lados da Palha, na estrada que vae de Diamantina para o Serro.

Era movida por uma roda hydraulica que aproveitava as aguas do *Rio Grande*, que circunda a cidade.

Foi estabelecida com 12 rodas e dirigida por Josephino Pereira da Silva, que formou um excellente corpo de lapidarios, discipulos seus.

Nos primeiros tempos, não se lapidavam alli sinão diamantes grossos, e o preço da lapidação regulava de 20$ a 24$, o quilate; depois, com o desenvolvimento da arte da lapidação e abundancia de lapidarios, esta, como todas as outras fabricas, começou a lapidar diamantes finos e de *natura*, havendo o preço da lapidação descido a 12$ e até 7$ o quilate, conforme a natureza e as dimensões da pedra.

Essa fabrica, no correr dos tempos, chegou a ter 18 rodas; passando depois a diversos proprietarios, está hoje parada.

A segunda fabrica de lapidação de Diamantina foi fundada pelo fallecido negociante de diamantes, João da Matta Machado, sendo dirigida por Luiz Paulino de Oliveira Miranda, construida na *Formação*, distante seis kilometros da cidade, onde ha uma boa queda d'agua que servia de motor.

Foi fundada com 12 rodas de lapidação, e hoje está tambem parada.

A terceira fabrica foi assentada no districto de Gouvêa, no municipio de Diamantina e distante cêrca de 35 kilometros para S. O.

Ella foi inaugurada a 14 de junho de 1874, com 29 rodas, sob a direcção do lapidario Avelino Ponciano de Souza, e era de propriedade do finado barão de S. Roberto.

Hoje ella trabalha ainda com 18 rodas.

A quarta fabrica de lapidação foi inaugurada em maio de 1875, na Palha, arrabalde de Diamantina.

Tinha, como as outras, um motor hydraulico. Era propriedade dos cidadãos francezes Antonio Richier e Alexis Vial, que constituiram, para isso uma sociedade, sob a firma de Antonio Richier & Sobrinho.

Essa fabrica começou a trabalhar com 18 rodas e chegou a possuir 24.

Havendo já nessa epocha diversos lapidarios habeis, discipulos todos de Josephino Pereira e de Luiz Paulino, os proprietarios da fabrica da Palha não lapidavam por conta propria e alugavam as rodas aos lapidarios que faziam interesse lapidando a 12$ e a 14$ o quilate.

A quinta fabrica assentada foi construida a dous kilometros de Diamantina, no logar denominado *Os vinte e quatro* caminho da Formação, onde já funccionava outra, que era propriedade do fallecido negociante Antonio Ludovico de Almeida, tendo sido inaugurada a 14 de dezembro de 1876, com 12 rodas. Administrou-a a principio, o lapidario Josephino José de Almeida, que trabalhava, com 16 operarios, dos quaes eram quatro cortadores e 12 lapidarios propriamente dictos. Essa fabrica trabalhou regularmente durante

quatro annos e depois foi desmontada, sendo o seu material utilizado para outras que se fundaram depois.

A sexta fabrica fundada por Santos & C. em 1878, no Beriberi, a 12 kilometros de Diamantina, annexa á fabrica de tecidos que alli funcciona, foi installada com 18 rodas.

Em 1887, passou esta mesma fabrica a funccionar com 42 rodas como propriedade da Companhia Industrial do Beriberi tendo sido augmentado o numero de rodas a 45: estiveram em trabalho por muitos annos, occupando lapidarios homens e mulheres, sendo estas em maior numero.

Os trabalhos desta fabrica como de quasi todas as outras estão hoje muito reduzidos pela escassez de diamantes, cuja exploração, nestes ultimos annos, tem diminuido consideravelmente.

Além d'estas, numerosas outras pequenas fábricas de lapidação foram installadas no municipio de Diamantina, entre 1875 a 1882, nos centros de exploração de diamantes que circundam aquella cidade.

Na Gouvêa além da fábrica do barão de S. Roberto, foram fundadas: uma de seis rodas de propriedade de Ragosino Alves Ferreira; uma de oito rodas, de Domingos Souto; uma de nove rodas de Licinio Balsamão e José Alexandre.

No districto do Curralinho, a 12 kilometros de Diamantina, funccionaram trez a quatro pequenas fábricas com duas a quatro rodas cada uma.

No districto do Mendanha, tambem foi installada uma pequena fábrica, pertencente a Francisco Gomes da Rocha; e numerosas outras tiveram vida ephemera em S. Gonçalo, Palmital, Sopa, Rio-Manso, Caeté-mirim, etc.

O serviço da lapidação que começou a declinar de 1882, em que as minerações de diamantes se foram reduzindo, acha-se hoje muito reduzido por falta de diamantes brutos.

No anno de 1889, a Camara Municipal de Diamantina promoveu uma exposição de productos do municipio, como preliminar para a Exposição Universal de Pariz, na qual o Brasil se fez representar.

Por essa occasião, o municipio de Diamantina possuia 19 fábricas de lapidação, com 174 rodas, das quaes 146 em trabalho, como se vê do seguinte mappa, então organizado pelo lapidario João Raimundo Mourão:

Numero de Fabricas	Logares onde se acham assentadas	Numero de rodas assentadas	Numero de rodas em trabalho	Proprietarios das Fabricas	Observações
1	Palhe.	12	12	Antonio Eulalio de Souza.	Cada roda lapida, na media, 10 carats por mez, que da 1.440 carats nas 144 rodas em trabalho.
2	Ponte Queimada	3	3	» » »	
3	Martins da Serra.....	12	10	José Correia da Silveira.	
4	Formação.....	12	10	D. Amelia da Matta Machado.	
5	»	2	0	Viuva João Lourenço.	Tomando o preço medio de 5$000 pela lapidação de cada carat, verifica-se que o rendimento mensal das fabricas de lapidação de 2:000$000, annualmente..... 24:000$000.
6	Beriberi.....	12	12	Santos & Comp.	
7	Mendanha.....	3	2	Francisco da Rocha.	
8	Curralinho.....	2	2	Modestino Velho.	
9	»	2	2	Joaquim Rabello.	
10	Cafundó.....	6	5	Silva Porto.	
11	»	3	2	Coriolano S. Coelho.	
12	»	3	3	Francisco Velho.	
13	Sopo.....	2	1	Miguel F. de Aguilar.	
14	Gouveia.....	6	6	Raposino Alves Ferreira.	
15	»	4	3	Marcolino Abreu.	
16	»	10	10	Lelinio & José Alexandre.	Existem mais no municipio de Jequitahy duas fabricas de lapidação, com 9 rodas, e no Serro uma fabrica com 6 rodas.
17	»	10	5	Antonio A. F. Dornas.	
18	»	6	5	Brazil & Comp.	
19	»	29	20	Quintiliano A. Ferreira.	
19		144	146		

Parte d'essas fabricas ainda estão em trabalho, outras se conservam inactivas, porem montadas, aguardando a epocha, na qual todos acreditam que a mineração dos diamantes readquirirá, em Minas, a actividade de outr'ora, restituindo a Diamantina a supremacia que teve no commercio dos diamantes e o diadema brilhante que a destacava entre as cidades mineiras.

PARTE QUARTA

Outras substancias mineraes

Foram quasi totalmente infructiferas ou de muito pequenos resultados as pesquisas feitas nos sertões, em procura de metaes e de pedras preciosas, nos dous primeiros seculos que se seguiram á descoberta do Brasil.

O brilho da prata e das esmeraldas accendia na imaginação dos aventureiros a tenacidade e energia necessarias, para affrontar as florestas virgens e os desertos, unicamente guiados pelas lendas transmittidas de geração em geração.

Si alguns succumbiam nessa faina, legando aos seus successores a orientação dos trilhos por elles percorridos, outros, cada vez mais temerarios, viam brotar novos estimulos das ossadas que balisavam essas veredas sombrias.

Em vez da prata encontraram, porém, os sertanistas o ouro; e em vez das esmeraldas acharam o diamante; e foi d'ahi que se evaporou aos poucos o velho sonho da prata e das esmeraldas, á medida que os mineiros viam brilhar cada vez mais abundantemente em suas bateias aquellas duas preciosas e fascinantes substancias.

Entretanto, com o correr dos tempos e até os nossos dias, têm se encontrado no sub-sólo brasileiro quasi todos os mineraes e minerios, em que se assentam os fundamentos da propriedade de outros povos.

A' nossa patria póde-se applicar, talvez de modo mais justo do que a qualquer outra parte do mundo, as palavras de Seneca, tão verdadeiras na sua bella synthese:—*Sunt et sub terra minus nota nobis jura naturæ; sed non mi certa. Crede infra quid-quid vides supra.*

Ferro

Não está ao alcance de todos a elaboração dos metaes e muito menos a sua extracção dos differentes minerios que os contém.

Si ainda hoje a Metallurgia não é uma arte vulgarizada, no passado ella não era mais do que um conjunto de processos empiricos, que muito poucos conheciam.

D'ahi o motivo de não terem desde logo despertado a attenção dos primeiros sertanistas as grandes jazidas de ferro que encontraram á flor da terra.

Affonso Sardinha, cujo nome se acha ligado á descoberta do ouro foi o primeiro que montou fornos para a fabricação do ferro.

Descobriu elle esse mineral em Biracoyaba, (no sertão de Sorocaba) pelo anno de 1589, segundo dizem os chronistas de S. Paulo.

Desde 1590 funccionavam alli dous fornos que elle estabeleceu para o tractamento directo do minerio.

Quando d. Francisco de Souza, governador do Brasil, veio da Bahia a S. Paulo, em 1599, foi seu primeiro cuidado ir ás minas do sertão de Sorocaba e da serra de Biracoyaba para pessoalmente examinar os trabalhos de Sardinha; com esse fim partiu de S. Paulo a 23 de Maio em companhia dos mineiros allemães, Jaques de Valte e Geraldo Betimk, que trouxera da Bahia.

Sardinha doou a d. Francisco uma de suas duas forjas para a fabricação de ferro, e elle alli voltou a 11 de Fevereiro de 1601.

Por fallecimento de d. Francisco passou essa propriedade a seu filho d. Antonio de Souza, o qual interessou nella Francisco Lopes Pinto e seu cunhado Diogo de Quadros, nomeado em 1606 provedor e administrador das minas de Sorocaba.

Estes fundaram um novo forno no sitio denominado Brapoeira, no qual se trabalhou effectivamente até 1629, epocha do fallecimento de Lopes Pinto.

D'ahi até 1681 ninguem mais fabricou o ferro: e já se ia perdendo a lembrança das tentativas de Sardinha e de Lopes Pinto quando, naquella epocha, Luiz Lopes de Carvalho, capitão-mór e ouvidor de Itanhaem suppoz-se o descobridor das minas de ferro de Biracoyaba e Cainabatiba, entregando-as á Camara de Sorocaba, em cujo territorio ellas se achavam.

Communicado o facto á métropole, d. Pedro II, então regente enviou frei Pedro de Sousa para examinar si no meio d'essas minas existia tambem a prata, como muitos presumiam.

Depois, Martim Garcia Lombria, capitão-mór de Itanhaem, fez por si diversas pesquisas nas montanhas, então chamadas do Biraçoiába, onde encontrou abundantes minerios de ferro.

Communicou elle ao governo da metropole o resultado de seus exames e tentou renovar a fabrica de ferro; mas a morte veio surprehende-lo no meio de seus planos, tendo ficado unicamente como testemunho de seu esforço a carta régia de d. Pedro II datada de 26 de Outubro de 1698, em que lhe agradecia a dedicação e promettia remunera-la.

Nada se fez, porém, para aproveitar esse manancial de riquezas, descoberto havia quasi cem annos; e tal estado de cousas perdurou até 1760, em que Domingos Ferreira Pereira obteve do governo portuguez previlegio exclusivo por dez annos para minerar ferro e chumbo nas terras da capitania de S. Paulo e nellas estabelecer fabricas de cal dear o metal.

Esse concessionario organizou uma companhia para fundar uma fabrica no morro de Araçoiaba, que era o mesmo Biraçoiaba antigo: os trabalhos foram dirigidos pelo mestre fundidor João de Oliveira Figueiredo; e em 1765 eram remettidas para Portugal as primeiras amostras de ferro d'esse sitio.

A fabrica funccionou seis annos, chegando a produzir quatro arrobas de ferro por dia. Foi depois vendida ao capitão Victoriano José Sentena, o qual viu-se forçado a abandona-la, no fim de pouco tempo, á vista das exigencias do capitão-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, que prohibiu a continuação dos trabalhos até que o capitão Victoriano apresentasse alvará de licença, visto haver expirado o prazo da concessão obtida por Domingos Pereira.

Os trabalhos das minas auriferas e os da industria agricola que se desenvolviam no Brasil exigiam grande consumo de ferro nesta opulenta colonia que tudo importava, por intermedio da metropole.

O reino, porém, não o fabricava. O forno estabelecido para esse fim em Figueiró dos Vinhos, em Portugal, apezar de ter custado muito caro, de nada valia: e tanto o governo como o commercio portuguez se abasteciam de ferro e de aço nas fabricas da Suecia e em Biscaia.

> «Hum quintal de ferro (cerca de 60 kilogrammas), dizia o bispo d'Elvas, d. José Joaquim da Cunha Azeredo Coitinho, custa em Portugal pouco mais ou menos 3$800; nas Minas-Geraes custa 19$200 e nas capitanias de Goiaz, Cuiabá e Matto-Grosso custa 28$800.
>
> Quanto a direitos tanto se paga por arroba de seda como por arroba de ferro». (116)

---

(116) Discurso sobre as minas do Brasil, 1804, *Investigador Portuguez*, Vol. I.

Convencido de que em Portugal não se podia fabricar o ferro com vantagem e conhecendo a importancia dos minerios de Sorocaba, o governo da metropole pensou em desenvolver a exploração d'estes.

Para isso ordenou, em 1800, ao capitão-general Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça que mandasse estudar o assumpto e escolher o sitio mais apropriado para o estabelecimento de uma fabrica. D'essa missão foi incumbido o coronel (depois marechal) Candido Xavier de Almeida, que se fez acompanhar do chimico João Manço Pereira, e escolheram um local perto de Sorocaba, nas proximidades dos antigos fornos de Sardinha, Lopes Pinto e Domingos Pereira, nas margens do rio Ipanema, cujas aguas deviam tocar os machinismos da fabrica e á qual deu elle o seu nome.

O governo portuguez animou a creação de uma empresa, por acções, para levar a termo o estabelecimento d'aquella usina.

Organizada a sociedade, foram contractados na Suecia o metallurgista Hedberg e uma colonia de operarios, mestres no fabrico do ferro, os quaes seguiram para Sorocaba accompanhados pelo capitão Frederico Luiz Guilherme Varnhagen, na dupla qualidade de interprete e de representante dos accionistas.

Esses Suecos, porém, retiraram-se do estabelecimento antes de haver feito correr o ferro dos fornos construidos.

Eram elles em numero de quatro, todos do systema *stückoffen*, com dous metros de altura e calculados para produzir 90 kilogrammas de metal em 24 horas. Em 1815 resolveu o governador encampar as acções da companhia particular, nomeando Varnhagen para dirigir a mina, auxiliado pelo barão de Eschwege, que foi incumbido de montar os fornos altos e as forjas de refino.

No dia 21 de Outubro daquelle anno foram lançados os alicerces do primeiro desses fornos. Vencidas as difficuldades que uma industria nova sempre tem que enfrentar, conseguiu Varnhagen fazer a primeira corrida do forno alto do Ipanema, no dia 1.º de Novembro de 1818; e sob a direcção desse profissional continuaram os trabalhos da usina até a epocha da independencia do Brasil em 1822. A Varnhagen substituiu o capitão Rufino José Felizardo e Costa, que dirigiu a fabrica até 1824; e d'ahi até 1834 ficou a usina sob a direcção de Antonio Xavier Pereira que assistiu e presidiu ao declinio da obra de Varnhagen.

A regencia de 1834, desejosa de reerguer a fabrica, nomeou uma commissão composta do coronel João Florencio Pires e do major João Bloem para estudar e propor os meios de restaural-a.

O major João Bloem nomeado director, em 1836, conseguiu imprimir novo impulso aos trabalhos já quasi abandonados e obteve que a fabrica florecesse até 1842, em que deixou sua direcção.

Seguiram-se d'ahi até 1860 as administrações do coronel Antonio Manoel de Mello, barão de Itapicurú-mirim, major dr. Joaquim José

de Oliveira, general Ricardo José Gomes Jardim, barão de Caruarú e major João Pedro Lima da Fonseca Gutierres; e nesse periodo a fabrica foi declinando successivamente, a ponto de resolver o governo extinguil-a, á vista dos resultados negativos que apresentava.

Em 1869 ficou resolvido transportar todos os machinismos para Matto-Grosso, afim de fundar alli outra fabrica sob a direcção do engenheiro Rodolpho Wankeld; mas essa tentativa foi um novo desastre, porque ficaram perdidas pelo caminho, ou enferrujadas nas margens dos rios, todas as machinas e o material da fabrica, nada tendo chegado a Matto-Grosso.

A guerra do Paraguai revelou, porém, a necessidade de usinas nacionaes, como a antiga de Ipanema, onde os nossos arsenaes pudessem se prover do necessario, em vez de importarem do extrangeiro, custosa e arriscadamente, deante das emergencias do momento.

Foi assim resolvida a reorganização da fabrica de Ipanema, em 1865, sob a direcção do capitão de engenheiros Joaquim de Sousa Mursa, o qual reconstruiu os fornos altos para uma producção diaria de tres a quatro toneladas de metal, ampliou a area florestal da usina, de modo a garantir o supprimento de combustivel necessario ao funccionamento dos fornos e foi á Europa em 1873 buscar machinas e pessoal apropriados aos multiplos trabalhos, que a usina assim reconstituida estava apta a produzir.

A fabrica de Ipanema, que até ahi esteve sempre subordinada ao Ministerio da Guerra, passou-se para o da agricultura em 1878, á vista da feição puramente industrial que tinha.

Alli se abasteciam os fazendeiros paulistas de machinas e engenhos agricolas, e a fabrica fornecia aos arsenaes do Rio, ás officinas da Estrada de Ferro D. Pedro II e a diversas fundições do Rio e de S. Paulo a materia prima de que necessitavam.

Proclamada a Republica, o dr. Mursa, com a practica adquirida e louvavel patriotismo, representou ao Governo Provisorio sobre a improficuidade do regimen official naquella usina, demonstrando que elle havia de impor sempre ao Estado sacrificios não compensadores, ao passo que a fabrica poderia prestar serviços e prosperar, entregue á industria privada.

Por isso foi auctorizada a venda desse proprio nacional, por decreto de 19 de Fevereiro de 1891. Mas o Congresso Nacional revogou-o pela lei de 30 de Janeiro de 1892, transferindo novamente a fabrica de Ipanema para o Ministerio da Guerra, e mandando transformal-a em arsenal.

Essa disposição da lei não foi, porém, cumprida: e o governo tentou mais tarde transferir a fabrica á industria particular; e como não apparecessem licitantes, os fornos foram apagados e a fabrica está parada desde 1896.

Ainda no periodo colonial outras fabricas de ferro foram installadas no Brasil: estas, porém, na capitania de Minas-Geraes, onde abundam excellentes minerios por toda a parte e onde a necessidade d'aquelle metal mais se fazia sentir, não só por ter a capitania a maior população, que se entregava quasi exclusivamente ás industrias extractivas e agricola, como pela distancia em que estavam seus povoados dos portos do littoral e pelas difficuldades de transporte para cargas pesadas.

> A abundancia, riqueza e pureza dos minerios de ferro na provincia de Minas-Geraes são tão extraordinarias que é impossivel não attrahir a attenção do viajante o mais indifferente e extranho ás cousas de Mineralogia.
>
> Considerando unicamente os depositos que rodeiam as Serras do Caraça, o professor Gorceix avaliou-os em 8.000.000.000 de toneladas. Só se tracta de um logar entre muitos que acabo de citar, e pela minha parte não duvido que essa avaliação esteja aquem da verdade.
>
> Qualquer pessoa que percorra essa região terá a impressão incontestavel de depositos practicamente inexgottaveis, qualquer que venha ainda a ser a producção. (117)

O desembargador Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, nomeado intendente geral das minas e dos diamantes, em 1807, veio assumir seu espinhoso cargo, depois de brilhante curso na universidade de Coimbra e de ter percorrido os principaes centros industriaes e scientificos da Europa. Atravessando grande parte do territorio de Minas-Geraes, até o Tijuco, onde foi residir, viu os depositos enormes de minerios de ferro que jaziam ao longe da estrada: e isso suggeriu-lhe a idéa de estabelecer um forno para o fabrico desse metal, tão necessario aos trabalhos que ia superintender e cuja importação constituia a maior despesa com que tinha de arcar.

Representando ao governo, com insistencia, sobre esse assumpto, obteve da Camara auctorização, pela carta régia de 10 de Outubro de 1808, para estabelecer uma fabrica de ferro no logar mais apropriado da comarca do Serro do Frio.

Foi escolhido o morro de Gaspar Soares, então denominado Pilar.

> Uma grande montanha, toda ella quasi uma pinha de variadas minas de ferro,

---

(117) *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*, vol. 2, 1883. « A Industria mineral na Provincia de Minas-Geraes », por A. de Boret.

que fica proxima da Conceição do Serro, na estrada que conduzia da Villa-Rica ao Tijuco e a cerca de 25 leguas deste.

Foi escolhido esse local.

> já não tanto porque abundava nestes mineraes, ou aliás era toda uma só peça de ferro, como porque offerecia outras muitas commodidades, quaes grandes mattas ainda em seus arredores, espaçosas campinas de ricas pastagens para os animaes necessarios, aguas muitas e altas: e sobretudo por estar quasi em meio e á mão de toda a capitania, e perto de um braço do rio Doce, por onde se poderá estabelecer uma activa e vasta exportação para os logares maritimos de toda a costa do Brasil. (118)

Escolhido o local, o guarda-mór Sancho Bernardo de Heredia, rico mineiro residente no Pilar, fez doação gratuita ao desembargador Camara, do terreno necessario para a fundação da fabrica e de uma sesmaria de terra com mattas para o fabrico de carvão.

A 5 de Abril de 1809 tiveram começo as obras da fabrica de ferro no morro do Pilar.

Foram arduas as difficuldades e obstaculos que Camara teve de superar para ver realizado o seu plano; mas tambem foram grandes a actividade, perseverança e energia que desenvolveu para formar operarios especiaes no interior da capitania, ensinar-lhes tudo e luctar além disto contra a má vontade de invejosos, que apresentaram-n'o perante a côrte como um visionario extravagante.

Camara construiu primeiro um forno alto de 8m,5 de altura e um metro de diametro na abertura superior, podendo tractar de cada vez cerca de duas toneladas de minerio.

Resolveu-se depois a construir trez forjas catalãs para auxiliar o trabalho daquelle: e apoz numerosas tentativas, de fadigas quasi desalentadoras, teve Camara a felicidade de ver correr o ferro do forno alto no anno de 1815.

Camara teve assim a ventura de ser o primeiro, no Brasil, que fez correr o metal de um forno alto.

Este successo foi condignamente festejado no Tijuco, onde chegaram as primeiras barras de ferro fabricado no morro do Pilar, no dia 21 de Outubro de 1815: e por uma coincidencia notavel, nesse mesmo dia eram lançados em Ipanema os alicerces do primeiro forno alto que alli se construiu.

---

(118) *Investigador Portuguez*, 1816, vol. XVI.— Primeira Fabrica de Ferro no Reino do Brasil, pag. 143.

As primeiras barras de ferro fundidas na fabrica do morro do Pilar foram transportadas em tres carros de bois, que fizeram o trajecto para o Tijuco em seis dias e foram destinadas ao serviço da Real Extracção dos Diamantes.

Os carros entraram triumphantes no Tijuco, adornados de folhagens e de figuras allegoricas no meio de festas e de acclamações populares

> pois que todos sabiam bem avaliar as primicias de um estabelecimento tão importante e indispensavel, a primeira fabrica nacional que o Brasil via, depois de trezentos e mais annos de conhecido e povoado e que estava reservada a sua factura para immortalizar (quando não houvessem outros titulos) o sr. d. João, que tão liberalmente deu aos seus vassallos a propriedade do ferro e a liberdade fabril de tão util, necessario e precioso metal. (119)

Enquanto Camara esteve na direcção dos trabalhos da Extracção Diamantina, repartia sua actividade e solicitude com a fabrica do Pilar, a qual fornecia parte do ferro consumido nos serviços diamantinos.

De 1815 a 1822 saíram do forno alto e das forjas catalãs 133,582 kilogrammas de ferro refinado e puxado, além de 3,000 kilogrammas de peças moldadas e trabalhadas.

O governo de d. João VI mandou contractar em Berlim, no anno de 1820, mestres e artistas práticos na metallurgia do ferro e nos serviços dos fornos altos para as fabricas do Brazil.

D'estes foram destinados ao morro do Pilar os dous mestres prussianos Hermano Ustch e seu filho João Henrique Ustch; os outros seguiram todos para Ipanema.

Pouco depois da chegada d'estes ao Pilar, Camara exonerou-se do cargo de intendente geral das minas e dos diamantes, para occupar outras posições a que foi chamado, como dos mais capazes collaboradores na obra da constituição do paiz, já Imperio independente.

Os mestres Ustchs, porém, não tinham habilitações sufficientes para dirigir os trabalhos do forno alto, installado no Pilar; e limitavam-se a fabricar pequenas barras e peças nos fornos catalões, já modificados nos seus successivos reparos.

De modo que, em 1830, quando expirou o prazo do contracto Ustchs, a fabrica se achava no mais lamentavel estado e era uma fonte constante de despesas.

---

(119) *Memorias para servir á Historia do Brazil escriptas na corte de, 1821* e offerecidas a D. João VI pelo padre Luiz Gonçalves dos Santos, vol. I pag. 357.

A' vista d'isto foi ella fechada em 1831, sendo vendidas todas as suas machinas, moveis e utensis, bem como os terrenos e mattas.

Si Camara foi o primeiro no Brazil que fez correr o ferro incandescente de um forno alto, não teve entretanto a facilidade de ter sido o primeiro a fabricar ferro em Minas Geraes.

Essa gloria coube ao barão de Eschwege, que desejoso de mostrar praticamente a efficacia das ideias que propagava, organizou a *Sociedade Patriotica*, para fundar uma fabrica de ferro perto de Villa Rica.

Essa sociedade teve como presidente o governador da Capitania, o conde de Palma, e foi fundada depois de haver Camara começado a construcção do forno do morro do Pilar.

A primeira fabrica fundada pela *Sociedade Patriotica* foi a fabrica do Prata, perto de Congonhas do Campo, e cuja fundação começou em Novembro de 1811.

As primeiras lupas de ferro produzidas nessa fabrica saïram dos fornos, a 17 de Dezembro de 1812; mas a fabrica do Prata só ficou completamente terminada em julho de 1813.

Ella se compunha de quatro pequenos fornos, do systema sueco; e não foi duradoura sua existencia, tendo sempre funccionado com intermittencias.

A mesma Sociedade Patriotica estabeleceu sob a direcção de Eschwege, outra pequena fabrica em Itabira de Matto-Dentro, e começou outras em S. José da Lagoa, Cocaes e Inficionado.

Todas ellas porém, tiveram vida ephemera; entretanto não caïram em terreno safaro as sementes lançadas por Camara e Eschwege, e do morro do Pilar e da fabrica do Prata saïram mestres fundidores que estabeleceram numerosas pequenas fabricas de ferro por todo o territorio de Minas Geraes e mesmo nos sertões Goianos.

Essas fabricas eram entretidas geralmente por pessoas ás quaes faltavam os mais elementares conhecimentos de Metallurgia, e que só chegavam a fabricar o ferro de qualidade regular graças á excellencia do minerio empregado e á custa de exaggerado gasto de combustivel.

Só na região comprehendida entre as cidades de Ouro Preto e Diamantina existiam até ha pouco em plena actividade mais de 80 dessas forjas para o fabrico do ferro: todas ellas do systema de Cadinhos ou do systema italiano, imitação grosseira das antigas forjas catalãs e suecas, construidas sem regras nem proporções.

A maior parte d'ellas se achavam grupadas em torno dos contrafortes da serra do Caraça e ao longo do rio Piracicaba, do qual se pode dizer que corre sobre um leito de minerio de ferro.

Na margem esquerda d'esse rio e a 12 kilometros abaixo do arraial de S. Miguel, fixou-se, em 1817 um habil engenheiro francez Mr. de

Monlevade, o qual ahi fundou uma usina para o fabrico do ferro, muito differente das numerosas fabricas que existiam em torno. Era uma forja do systema catalão, a qual, durante mais de meio seculo, fabricou para o consumo local fouces, machados, facas, martellos, ferragens diversas e até objectos de construcção mais delicada como machinas e engenhos agricolas, relogios para torres de egrejas, etc.

Recentemente, ha cêrca de 10 annos, foram fundados em Minas Geraes mais dous fornos altos para a fabricação de ferro com o carvão de madeira : a «Usina Esperança» estabelecida proximo ao arraial de Itabira do Campo, á margem esquerda do rio Itabira, na actual estação da Esperança, da Estrada de Ferro Central do Brasil e a «Usina Wigg», na estação de Miguel Burnier, entroncamento do ramal de Ouro Preto. Ambas foram fundadas nas proximidades de excellentes jazidas de minerios de ferro, mas não podem ser sufficientemente abastecidas de combustivel a preço baixo.

Essa circumstancia alliada á situação economica do paiz, fizeram de pouca duração a campanha d'esses fornos altos.

A «Usina Esperança», porém, fabrica até hoje, em pequena escala excellente ferro, que exporta para a Capital Federal.

Hoje são tambem exportados de Minas Geraes diversos oxydos de ferro, ocres de differentes côres, empregados na tincturaria.

Manganez

As applicações recentemente feitas do manganez na industria siderurgica chamaram a attenção para os grandes depositos de *pyrolusito* e de *manganito*, existentes em diversos pontos do territorio brasileiro.

Não só ao lado de algumas jazidas auriferas exploradas, como escoltando minerios de ferro utilizado nas fabricas de Minas Geraes, eram conhecidas grandes jazidas de manganez, que ninguem cogitava de trabalhar, por serem muito restrictas as applicações industriaes d'este metal.

A partir, porém, de 1894 ensaiou-se a exportação de taes minerios, primeiramente pela estação de Miguel Burnier, na Estrada de Ferro Central do Brazil.

O exito d'este ensaio desenvolveu a exploração do manganez não só em Minas Geraes como na Bahia. Em outros Estados brasileiros, em S. Paulo, Goiaz e Matto Grosso tem-se encontrado tambem boas jazidas de minerios de manganez ; estas, porém, ainda se conservam intactas. Na Bahia, sómente a «Mina das Pedras Pretas», a 26 k. Oeste da cidade de Nazareth, tem sido regularmente explorada.

Em Minas Geraes, as minas em actividade acham-se ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil, entre as estações de Ouro Preto e Lafayette, distantes 540 e 462 kilometros do porto do Rio de Janeiro, por onde são os minerios exportados para a Europa.

Ellas grupam-se principalmente em torno da Estação de Mignel Burnier.

A exportação dos minerios de manganez em Minas-Geraes, que foi inferior a 7.000 toneladas no anno de 1895, cresceu successivamente até 80.000 toneladas em 1899, e attingiu a mais de 100.000 toneladas no ultimo anno do seculo.

Combustiveis Mineraes

Em muitos dos actuaes Estados do Brazil tem-se encontrado indicios de terreno carbonifero e em alguns, já se revelou a existencia de combustiveis mineraes.

Só no Rio Grande do Sul e em Sancta-Catharina têm esses combustiveis sido objecto de exploração.

Desde o começo do seculo findo, e talvez um pouco antes, foram conhecidos eschistos betuminosos e lignitos no Rio Grande do Sul.

Affirma-se que entre os annos de 1792 e 1793, um soldado portuguez, que tinha sido ferreiro, encontrou em Capellinha, distante seis leguas da cidade de Cachoeira, nas margens do arroio Irapuá, uma jazida de combustiveis, que elle experimentou com exito, e da qual deu depois noticia ao general Raphael Pinto Bandeira.

Nas margens do arroio Candiota foram descobertos lignitos desde 1801.

D. Diogo de Souza quando administrou o Rio Grande do Sul, enviou ao Rio de Janeiro, para ser examinada uma amostra de lignito, encontrada no Curral-Alto em 1807.

Na Serra do Herval e nos terrenos vizinhos encontrou-se em 1828 não só o lignito de melhor qualidade daquelles até então conhecidos, como tambem eschistos betuminosos.

No arroio dos Ratos, affluente do Jacuhi e nos terrenos que se extendem por todo o municipio de S. Jeronymo foram encontrados combustiveis de melhor qualidade, os quaes depois de cuidadosamente examinados formaram objecto de uma exploração regular, que se mantêm até agora.

Esses serviços foram precedidos de sondagens, em pontos differentes, que attingiram algumas a muitas dezenas de metros.

Desde 1857 foram feitas concessões a particulares para explorar carvão de pedra em diversas porções do Arroio dos Ratos, nos municipios de S. Jeronymo e do Triumpho; mas a unica levada a ef-

feito foi a de James Johson, constante do decreto n. 3715 de 6 de outubro de 1866.

Havia annos que Johson fazia pesquisas, por conta do Governo Provincial, desde a serra do Herval até o Arroio dos Ratos.

Obtendo aquella concessão conjunctamente com Ignacio José Ferreira de Moura, desenvolveu elle a exploração das minas do Arroio dos Ratos, de onde se transportava em carretas, o carvão extrahido até S. Jeronymo a septe leguas de distancia.

Depois conseguiu encorporar na Inglaterra a *Imperial Brazilian Colliery Company*, que continuou as pesquisas e iniciou os seus trabalhos de exploração no anno de 1872.

Para organização d'essa companhia a provincia do Rio Grande do Sul subscreveu 2.000 acções, e os trabalhos proseguiram com actividade até 1878.

Foram feitas novas sondagens em diversos pontos da zona que a concessão abrangia, perfuraram poços e galerias, a camada carbonifera foi attingida e explorada; e finalmente construiu-se uma linha de tramways para o transporte do carvão extrahido até as margens do rio Jacuhi.

A qualidade do carvão, porém, não era boa, por conter grande quantidade de pyritos de modo que a companhia não encontrava saída para o producto de suas minas, as quaes, por isso, não podiam ser aprofundadas para attingir as camadas de melhor qualidade, como se acreditava.

Isso levou a companhia a abandonar a exploração, passando todo o seu material e propriedades, por compra á firma Holtz Weissig & C.ª, de Porto-Alegre.

A estes foi transferida por decreto de 6 de julho de 1878, a concessão da antiga companhia, para explorar carvão de pedra nos municipios de S. Jeronymo e Triumpho, que o decreto de 24 de março de 1881 extendeu aos municipios de Cahi e S. João do Monte-Negro.

Esses direitos passaram depois a uma companhia nacional, que mantém até hoje a exploração d'aquellas minas, extrahindo carvão que vai encontrando consumo não só na industria local, como nas companhias de navegação fluvial e costeira do Rio-Grande e tem sido tambem experimentado em algumas estradas de ferro brasileiras.

Na parte meridional do Estado do Rio-Grande-do-Sul, na bacia do Jaguarão, tambem existe uma bacia carbonifera, que tem sido objecto de estudos e de pesquisas.

As jazidas mais conhecidas se acham nas margens dos rios Candiota e Jaguarão-Chico.

Além desses, outros pontos têm sido estudados; em quasi todos, porém o combustivel se apresenta pyritoso, sem grande poder ca-

lorifico e deixando abundantes residuos na combustão ; isso tem motivado seu abandono.

No Estado de Sancta Catharina as minas das margens do rio Tubarão, antigamente denominado Laguna, tiveram grande fama e foram egualmente objecto de estudos e de um começo de exploração.

Ellas foram conhecidas desde os primeiros annos do seculo findo, e em 1832 formou-se uma sociedade para lavra-las, a qual solicitou dos poderes publicos permissão para fazel-o, o que não levou a effeito pela morosidade e pelas delongas havidas nesse serviço preliminar.

As jazidas do Tubarão foram estudadas em 1833 pelo naturalista Selow, que forneceu boas informações sobre ellas ; e isso determinou a commissão de Alexandre Davidson, que foi enviado pelo Governo Imperial para melhor examina-las e organizar um plano de exploração.

A este seguiram-se outros, como Boulieck e mais tarde o dr. Parigot, de cujos estudos e informações resultou a deliberação do Governo de explorar essas minas por conta propria, determinando, por aviso de 21 de outubro de 1842, que se preparassem accomodações para engenheiros e pessoal que viessem contractados da Europa.

Outras tentativas sem exito succederam-se até que o visconde de Barbacena obteve permissão pelo decreto de 6 de fevereiro de 1861, para explorar essas e outras minas que viesse a descobrir no municipio de Laguna.

Conseguiu elle organizar uma companhia ingleza para levar a effeito a sua concessão, a qual teve auctorização para funccionar no Brazil pelo decreto de 20 de septembro de 1876; mas os trabalhos emprehendidos nunca passaram de pesquisas e de ensaios, sem entrarem na phase de verdadeira exploração industrial.

Em 1883 foi ensaiado o carvão de Sancta-Catharina na Companhia de Gaz do Rio de Janeiro, e d'esse ensaio se verificou que se prestava para tal mister, mas que poderia ser empregado com melhor vantagem para produzir vapor.

Algumas companhias de navegação o utilizaram mas tiveram que disistir de seu emprêgo, porque o carvão era pyritoso e dava muita cinza.

Em S. Paulo não foi descoberto ainda o carvão de pedra ; mas em diversos pontos e principalmente no valle de Tieté o terreno carbonifero se tem revelado pelas rochas e alguns outros characteristicos.

O lignito e a turfa são abundantemente encontrados, e os eschistos betuminosos têm sido mesmo explorados para a fabricação do gaz de illuminação de algumas cidades.

A commissão geologica, que ha annos estuda esse Estado, já determinou uma faxa carbonifera que corre do S. O. a N. E. com a largura média de um gráo ao lado das serras da Fartura, Rio-Novo, Botucatú, Banharão, Brotas, Araraquara e Cravinhos.

Em Minas-Geraes o dr. Gorceex, então director da Eschola de Minas, estudou nos annos de 1880-1883 duas interessantes bacias de lignito no Gandarella e no Fonseca, existentes nos contrafortes da serra do Caraça.

No norte, egualmente, o terreno carbonifero se revela pelas rochas e fosseis que o characterizam mas o carvão de pedra não appareceu ainda talvez por falta de estudos mais accurados e de sondagens profundas.

> As localidades carboniferas mais bem estudadas, disse em publicação recente o engenheiro F. de Paula Oliveira, (120) são: no Tapajóz as dos arredores de Itaituba, na caverna de Bom-Jardim, a Pedra do Barco e Fructal Maneassú, pequeno rio entre Tapajóz e Madeira, no norte a serra do Tajauri, perto de Monte-Alegre, e duas pequenas lagôas Arapicu e Abui, na margem do rio Trombetas, estudadas pelo professor Derby: o rio Caruá e o districto em torno de Alemquer entre aquelle rio e o Maicuru, explorados pelo Geologo H. Smith: e as margens do rio Uatuama, pequeno rio entre o Trombetas e o rio Negro donde o distincto botanico Barbosa Rodrigues trouxe fosseis similhantes aos do Tapajoz.

Cobre

Os minerios de cobre têm sido encontrados em differentes Estados do Brazil; e em alguns essas jazidas já foram estudadas, mas em poucos tem sido tentada a exploração.

São conhecidas as *Minas de Pedra Verde*, no Ceará. Na Bahia foi reconhecida uma extensa jazida que affora nas proximidades da cidade do Bomfim e se extende pela serra de Itiuba. Em Minas-Geraes já se encontraram veeiros bem definidos nos arredores das cidades de Ouro Preto e Septe-Lagôas; mas onde as jazidas de cobre têm sido mais bem estudadas e tiveram começo de exploração foi no Rio Grande do Sul.

Nos arredores e proximidades de Caçapava, entre os rios Ibicuhi e Quarahi, proximo ao Rio Piratinim e em outros pontos, vêem-se

(120) *Jornal do Commercio*, da Capital Federal.

á flor da terra veios de minerios de cobre, nos quaes dominam o carbonato e sulfureto, não sendo raro encontrar-se egualmente o cobre nativo.

Depois de numerosas explorações, em ponto pequeno e feitas geralmente sem methodo, organizou-se, em 1873, uma companhia para minerar o outro e cobre na comarca de Caçapava, a qual ahi montou apparelhos, encetando uma exploração regular em dous veeiros auriferos, cêrca de uma legua distante de Caçapava na estrada que conduzia a S. Gabriel.

Essa companhia, porém, teve pequena duração. Na zona do Quarahi, a cêrca de cinco legoas de Uruguaiana, o naturalista Nathaniel Plant abriu um poço para estudar um veio de quartzo, muito rico de minerio de cobre e no qual encontrou porção de cobre nativo.

A tradicção desses trabalhos tem revigorado ultimamente o espirito de pesquizas, e novos estudos, agora mais persistentes e utilizando melhores methodos, se vão effectuando.

Prata e chumbo

Nos primeiros tempos da descoberta do Brasil foi a prata procurada com afan pelos mais audazes aventureiros que penetravam nos sertões.

As abundantes minas desse metal existentes em toda a America Hespanhola, haviam gerado a convicção de que o Brasil deveria contel-o tambem, por estar contiguo e suppôr-se que muito proximo do territorio do Perú, onde ellas mais abundavam.

Porém ficaram sem confirmação as lendas de Roberio Dias e de Melchior Moreira, e foi-se desvanecendo a esperança de se encontrar prata nos sertões da Bahia, em Itabaiana, em Cananéa, no Sabará-bussú e noutros sitios, onde tantos a procuravam.

Em muitos logares do Brasil se acredita existirem jazidas de prata; mas geralmente essa crença é filha da confusão, que fazem pessoas pouco versadas na Mineralogia, com o mispikel e as substancias metallicas de coloração branca.

Entretanto a prata existe no Brasil, e em Minas Geraes já foi objecto de exploração.

O minerio que mais commumente se encontra nas jazidas brasileiras é a galena argentifera, que permitte a exploração simultanea da prata e do chumbo.

Nos sertões do Abaeté, capitania de Minas Geraes, foram descobertos veeiros de galena pelos exploradores de diamantes, em 1778.

A noticia dessa descoberta, levada ao governo de Villa Rica e transmittida para Lisboa, determinou a ida do naturalista José Vi-

eira Couto aquelles sertões, no anno de 1800, a mandado do governo da metropole. Elle recolheu amostras e estudou o sitio onde está essa jazida, nas margens de um regato que denominou ribeirão da Galena, e afflue para o rio Abaeté.

Amostras foram mandadas para Portugal e alli analysadas, resolvendo o governo portuguez explorar a jazida á vista dos resultados colhidos.

O barão de Eschwege, encarregado desse serviço, partiu para o sertão em Junho de 1812, levando pessoal e material apropriado. Alli montou fornos e abriu galerias, extrahindo grande porção de minerio, que não conseguiu tratar, por ter de retirar-se da séde dos trabalhos.

Em 1825 o governo mandou proseguil-os sob a direcção do engenheiro João Antonio Monlevade, o qual remetteu para a capital da provincia grande porção de chumbo, que tirou do minerio; e daquelle foi extrahida depois a prata que continha.

Mas esses trabalhos cessaram pouco depois; e são attestados apenas pelas galerias perfuradas que alli existem hoje cheias d'agua, e pelas ruinas dos fornos então construidos.

Em 1880, o engenheiro F. de Paula Oliveira tentou restaurar os serviços; mas não levou avante o seu plano, pela distancia em que as jazidas se achavam dos meios de transporte.

Em outros logares de Minas Geraes, como no valle do alto S. Francisco, nos arredores de Diamantina, de Ouro Preto e de Septe-Lagôas tem-se encontrado egualmente a galena; mas essas jazidas não foram estudadas e não têm sido exploradas.

No Sul de S. Paulo, nos valles dos rios Ipiranga e Apiahi, affluente do Paranapanema, tambem existem veeiros que contém, em abundancia, a galena argentifera, mas não foram ainda explorados.

Pedras coloradas

O Brasil já manteve com a Europa um activo commercio de pedras coloradas, desde meiados do seculo XVIII até principios do seculo findo.

Nos arredores de Ouro Preto, em Saramenha, Bôa Vista, José Corrêa, Capão, etc., existem jazidas de topasios de differentes côres, que foram exploradas a talho aberto e das quaes ficaram grandes excavações que assignalam hoje seu local.

Em diversos tributarios do rio Arassuahi, no Norte do Estado de Minas e na zona limitrophe desse Estado com o da Bahia encontram-se cymophanios, aguas marinhas, granadas, turmalinas verdes, roseas, negras e azues, andaluzitos, amethystas e topazios que ali-

mentaram tambem um commercio regular, existente ainda hoje em pequena escala.

Na Bahia e em Goiaz se tem egualmente explorado e exportado amethystas e crystaes de rocha.

O Rio Grande do Sul entretem um pequeno commercio de agatas, notaveis por sua variedade e belleza, amethystas e quartzo amarello.

Arêas monaziticas

Nas alluviões diamantinas e auriferas de Diamantina e no valle do rio Casca, em Minas Geraes, conhecia-se o monazito e o xenotimio, que apparecem em pequenos fragmentos de envolta com os seixos rolados.

Ha cêrca de 20 annos, sendo analysadas as areias amarellas, que formam grande parte do littoral do Espirito Santo e do Sul da Bahia, reconheceu-se que nellas dominava o monazito; mas só mais tarde esses depositos tornaram-se notaveis, depois que a industria encontrou applicação para o cerio, o thorio e outras substancias que ellas conteem.

O monazito entra na cathegoria das terras raras e, posto exista em outros paizes, em nenhum os depositos são tão importantes, e tão bem collocados como no Brasil, onde se acham ao longo do littoral e concentrados em virtude de preparação mechanica effectuada pelo movimento continuo das ondas do mar.

O monazito do Brasil conquistou na Europa o monopolio do mercado, e ha cêrca de septe annos sua exportação se faz em proporção crescente.

A exportação dessas areias se circumscreve no littoral bahiano entre o porto de Caravellas e a Villa do Prado; mas o monazito se encontra em outros pontos da Bahia e do Espirito Sancto, não só no littoral como no interior, a *pouca distancia* do mar.

Além das substancias mineraes que actualmente são exploradas, ou em outros tempos o foram no Brasil, muitas outras existem que não têm sido ainda entre nós objecto de commercio ou de applicações industriaes.

A platina apparece frequentemente nas alluviões diamantinas dos affluentes do Abaeté e do Santo Antonio da Agua-Fria, em Minas Geraes.

Desde os primeiros estudos alli feitos pelo naturalista dr. José Vieira Couto, no começo do seculo findo, foi verificada a existencia desse precioso e rarissimo metal.

No corrego das Lages, proximo da cidade da Conceição, tambem em Minas, encontra-se egualmente a platina em grãos mais grossos

do que os que ficam no fundo das bateias dos exploradores de diamante no Abaeté.

John Mawe, quando foi ao Tijuco em 1809, passou por esse sitio e assignalou ahi a existencia de platina, dizendo:

> « eu obtive amostras daquella substancia, ella me pareceu acompanhada de osmio e iridio e continha grãos mais asperos do que a platina trazida da provincia do Choco. (121)

A Eschola de Minas de Ouro Preto recebeu ultimamente amostras dessa procedencia.

O amianto existe abundantemente em muitos Estados do Brasil. Em Minas Geraes existem jazidas, onde elle se apresenta ora em longas fibras, alvas e sedosas, como no Taquarussú, nas proximidades de Sancta Luzia do Rio das Velhas; ora colorido pelos oxydos de ferro como nos arredores de Ouro Preto; ora compacto como nos municipios de Sabará e Diamantina.

A mica tem sido objecto de estudos, ultimamente, e tem-se tentado a sua exportação. De Goiaz, de Minas Geraes e da Bahia, onde existem numerosas jazidas, foram recentemente mandadas á America do Norte e á Europa algumas toneladas dessa substancia.

Marmores notaveis pela variedade de sua coloração e fina estructura se tem encontrado, em possantes jazidas, nos Estados de Minas Geraes, S. Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Goiaz e Matto Grosso.

A exploração destas pedreiras não foi ainda objecto de especulação industrial; mas edificios modernamente feitos em alguns daquelles Estados já são adornados como essa bellissima pedra de construcção.

O graphito encontra-se em mais de um ponto no Norte de Minas Geraes,—em S. Miguel do Jequitinhonha, Salinas e Capellinha de Minas Novas. A' Eschola de Minas foram ultimamente remettidas bellas amostras de *graphito*, bem como de *cassiterito*, minerio de onde communmente se extrahe o estanho, todas daquella procedencia.

O cinabrio foi encontrado nos arredores de Ouro Preto, no Tripuhi e Tres Cruzes.

Desde o começo do seculo findo, o barão de Eschwege descobriu alli fragmentos desse minerio; mas ultimamente a jazida foi posta á vista e reconheceu-se sua similhança com as de Almada, na Hespanha, as quaes fornecem grande parte do mercurio consummido no mundo.

Póde-se, finalmente, asseverar que o Brasil, no seu vastissimo territorio, do qual grande parte ainda se conserva desconhecida,

---

(121) Travels in the interior of Brasil.

possue todas as substancias mineraes que fazem objecto de pesquisas accuradas em outros paizes. E mais ainda, no sub-solo brasileiro se acham riquezas raramente encontradas algures.

Com taes elementos, poderá nossa patria lançar os alicerces de sua grandeza, e prosperidade, e caminhar desassombrada para os destinos que a Providencia lhe traçou.

Nota 1.ª

Depois de publicada esta Memoria no *Livro do Centenario* teve o seu autor ensejo de folhear documentos, que contradizem algumas das narrativas que alli se encontram. Em homenagem á verdade historica vamos transladal-os para aqui, nas notas que se seguem:

O Sr. Dr. Felisbello Freire na sua *Historia de Sergipe*, publica documentos descobertos pelo illustre professor Dr. Capistrano de Abreu, pelos quaes se conclue que tudo o que se imputa a Roberio Dias, ou a Rubelio Dias, relativamente á descoberta de minas e ás diligencias para a sua exploração não passa de lendas que tornaram o seu nome popular pela influencia de Rocha Pitta.

O que se attribue a Rubelio deve ser referido a seu pae Belchior Dias Moreyra. Aquelle nunca tratou de minas, nunca foi a Europa e conservou-se sempre indefferente ás pesquizas de seu pae.

Belchior Dias Moreira, ou Belchior Dias Moreyra é que foi verdadeiro bateador dos sertões; mas o seu nome quasi desappareceo da Historia, para ser substituido pelo de seu filho, graças á confissão de Rocha Pitta, que os historiadores subsequentes copiaram.

Melchior se dedicou primeiro á creação de gado, tornando-se um dos maiores fazendeiros das margens do Rio Real, onde está hoje a villa de Campos, em Sergipe, e cuja capella foi por elle edificada. Teve fóros de fidalgo e foi tronco de grande familia. Morreu em 1622, em sua fazenda, na edade de 80 annos e deixou, entre outros filhos, Rubelio Dias, que era seu filho natural com a india Lourensa e nascido no Gerú, o qual passou a occupar na Historia o logar assignalado que competia a seu pae.

Nota 2.ª

Tudo o que se reffere a Melchior Dias Moreira, ou antes a Belchior Dias Moreyra se acha bem elucidada na seguinte carta do Coronel Pedro Barbosa Leal, escripta ao Conde de Sabugoza em 1725, e publicada na *Historia de Sergipe* do Dr. Felisbello Freire, graças ás pesquizas do Dr. Capistrano de Abreu.

(a) A descoberta das jazidas auriferas do Serro do Frio ou do *Iriturui* se fez com effeito pouco antes da epocha indicada por Bento Fernandes.

Parece, entretanto, que os seus verdadeiros descobridores foram os capitães Antonio Soares Ferreira e Manoel Corrêa Arzão, que penetraram naquella zona em 1701, tendo por companheiros João Soares Ferreira, filho de Antonio

Soares, Lourenço Carlos Mascarenhas de Araujo e outros. Naturalmente d'ahi se puzeram estes logo em communicação com sertanistas vindos da Bahia e por elles tiveram noticia das minas auriferas em exploração na Itacambira, que era caminho para os currales ou fazendas de creação de gado existentes nas margens do rio S. Francisco, a grande arteria por onde se fazia a viagem da Bahia.

Desde Março de 1702 registrou-se alli a arrecadação dos *quintos*, pagos pelos mineiros do Serro do Frio e de Tucambira ao guarda-mór dessas minas, capitão Antonio Soares Ferreira, officialmente reconhecido como descobridor dellas; com effeito no seguinte documento que o *Archivo Publico Mineiro* possue em original, se lê:

« Livro primeiro de Receita da Faz.da R.l destas Minas do Serro do Frio e
« Tucambira, de que hé Guarda mor Explorador o Cappitão Antonio Soares
« Ferreyra.

« 1702

« Livro que ade Servir da Reseita da fazenda Real, destas minas do serro do
« frio e tocambira, de que he descubridor, o guarda Mor e Capp.am Ant.o Soares
« Ferr.a, que numerei e rubriquei, pela faculdade que p.a iso tenha, e tem prin-
« cipio, ou catorze de marso de mil setecentos e dous annos. — O Procurador da
« Coróa, e fazenda Real B.xar de Lemos de Moraes Navarro

« Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil setecentos e
« dous annos, Aos quinze dias do mez de Março do dito anno, nestas minas de
« Santo Antonio do bom Rectiro do Cerro de frio, Arrayal do Rybeyram dellas,
« em pouzadas do Cappitão Antonio Soares Ferreira goarda Mor e descobridor
« destas ditas minas, ahy por elle foy dado a mim Escrivão deste Livro nu-
« metado e Rubricado pello Cappitão Balthezar de Lemos Moraes Nabarros,
« Procurador da fazenda Real deste destricto, com seu emsertamento no fim
« em que declara as folhas que tem, e a Rubriqua que cada huma tem na forma
« do estillo, mandando a mim escrivam declaraçe aquy a muita pertinacia que
« avia feito por descobrir novas minas, e explorando a sua custa este certam,
« como com effeito tinha descoberto, e satisfazendo a este mandato eu
« Lourenço Carlos Mascarenhas de Araujo, escrivão da fazenda Real e
« dattas destas ditas minas, que o ditto goarda Mor Antonio Soares
« Ferreira fes exactissimas deligencias por descobrir novas minas e ex-
« plorando com todo o zello e cuidado do serviço de Sua Magestade de que
« Deus goarde, todo este certão do serro do frio, e Tucambira, não só pellos
« lucros que dos quintos do ouro que dellas se tirasse resultavam a sua Real
« fazenda, mas tambem das dattas, que ao dito Senhor se avião de dar en os
« Ribeyros deixando de asestir nas minas geraes ou do Ryo das Velhas, aonde
« se parasce com os negros que bem podia ter lucrado muitos cabedaes, no
« tempo que gastou por este Certam, publicando que como bom e leal Vassallo,
« e ter grande desejo de que ouvesse mais descobrimentos para que assim tivece
« a fazenda Real mayores lucros vinha por estas partes tam distantes a desco-
« brir estas novas minas, como com effeito descobrio a sua custa, com grande
« trabalho, e perda de sua fazenda, calamidades, e perigos de vida a que se
« opos por este deserto, a cuja deligencia não ouve quem se opuzece pellas
« grandes deficuldades que lhe achavão, e o acompanhou seu filho João Soares
« Ferreira, e o Cappitão Manoel Correa Arzão, o que eu escrivão certifico e

« sey, por tambem acompanhar ao dito Guarda Mor por este certão neste des-
« cobrimento, por firmeza do que passey a presente certidão, por mim feita e
« assignada nestas minas do Cerro frio, em o dito dia, mez e anno atras decla-
« rados e eu Loureço Mascarenhas de Araujo o escrevy e assigney.— *Lour.* o
« *Carlos Mas.as Ar.* o. »

Revista do Archivo Publico Mineiro. Anno VII, fasc. III e IV – Julho a Dezembro de 1902, pag. 939.

1038

José Rodrigues Froes

O dr. Virgilio Martins de Mello Franco, em seu livro *Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz*, diz que a exploração de minas de ouro é que deu motivo á fundação de Paracatú, em 1744, sendo nomeado governador ou capitão-mór dellas o aventureiro portuguez José Rodrigues Froes. Mais tarde, porém, no artigo *Limites entre Minas e Goyaz* (*Revista do Archivo*, anno VI, pag. 541), escreve que Froes, pertencente a uma familia importante de S. Paulo, foi quem teve a honra da descoberta pelos annos de 1741.

Pereira da Silva nos *Varões illustres*, tom. II, pag. 183, diz: «Descobriu no anno de 1744 o guarda-mór José Rodrigues Froes, audaz sertanejo que vivia de procurar terrenos auriferos e diamantinos na capitania de Minas Geraes e Goyaz, umas riquissimas faisqueiras de ouro nas margens dos rios Paracatú, Abaeté e S. Francisco.»

Todas as chronicas e memorias, que pudemos consultar, bem como a generalidade dos escriptores coloniaes, attribuem a Froes o descobrimento das minas de Paracatú, segundo o roteiro que obtivera. Rodrigo Octavio, porém, no seu interessante trabalho *Felisberto Caldeira*, conciliando quanto possivel a historia e a lenda, demonstra que os descobridores de taes jazidas foram os irmãos Felisberto, Conrado, Sebastião e Joaquim Caldeira Brant. E accrescenta: falando da *bandeira* que ali os sorprehendeu:

«Grave era o problema a que Felisberto tinha de dar solução. O arranchamento que o viera affrontar no coração dos seus dominios, era o de uma bandeira que trazia grande numero de praças. O chefe, José Rodrigues Froes, era um destemido aventureiro, experimentado na travessia do sertão para caça do gentio selvagem ou busca do ouro recatado. Desta feita viera da Bahia e o fim da longa jornada era precisamente a exploração das grandes minas de ouro que os Caldeiras já estavam explorando e cuja existencia trazia assignalada em seu roteiro. Possuindo o original do precioso documento, Froes julgava-se no direito de se assenhorear do descoberto e negava obstinadamente a legitimidade com que os Caldeiras ahi se tinham fixado. Exhibido

o roteiro que o jesuita offerecera a Felisberto, verificou-se que era apenas uma copia do que possuia Rodrigues Froes, que, para explorar estas minas nelle indicadas, vinha fazendo longuissima viagem desde a cidade de S. Salvador ».

Estes factos se deram entre 1738 e 1741, pois, em 1744 Froes denunciou o grande descoberto ao governador Gomes Freire de Andrada (conde de Bobadella) e obteve a nomeação de guarda-mór, superintendente e distribuidor dos terrenos.

Apesar dos esforços que desde longa data hemos empregado em pesquizas e informações, não conseguimos até agora estudar detidamente este vulto, que tamanho destaque merece no quadro da historia de Minas. Apenas pudemos averiguar que Froes era paulista e descendente de uma nobre familia portugueza.

Na impossibilidade de fazer-lhe a biographia, vamos transcrever algumas notas relativas á sua familia, colhidas na *Nobiliarchia Paulistana*, de PEDRO TAQUES, na *Corographia Portugueza*, do padre ANTONIO DE CARVALHO, e noutras obras e informações particulares.

Estas notas genealogicas, lançadas embora sem coordenação, servirão de subsidio a quem quizer reconstruir a figura lendaria do guarda-mór de Paracatú.

I

Diogo Lopes de Brito viveu em 1402, na villa de Coruche, diocêse de Evora, Portugal, onde edificou a quinta do Lago, com o senhorio do logar do Couço, e ahi foi commendador da ordem de Aviz. Era de familia mui esclarecida em nobreza e das principaes do reino, assim em antiguidade como em numero de casas e varões insignes que nelle floresceram. Casou com Helena Rodrigues Froes, filha de Fernão Rodrigues do Campo, senhor da villa da Erra, e desse matrimonio nasceram:

1 — 1. João Lopes de Brito.

1 — 2. Martim Lopes de Brito.

1 — 3. Francisco de Brito, que foi conego da Sé de Evora.

1 — 1. João Lopes de Brito serviu a el-rei d. Affonso V nas guerras com Castela, em companhia de seu tio Alvaro do Campo, e teve mercê de terras em 1475. Falleceu solteiro.

1 — 2. Martim Lopes de Brito, por morte deste seu irmão, foi senhor da casa de seu pae e seguiu as partes de d. Antonio, prior do Crato, pelo que andou muitos annos ausente. Casou com sua prima Leonarda Froes, filha de Alvaro do Campo e houve:

2 — 1. Diogo Lopes de Brito, fallecido solteiro.

2 — 2. Luiz Lopes Froes de Brito, casado com Joanna de Andrade, filha de Pedro de Andrade, veador da casa do infante d. Duarte; e houve:

3 — 1. Martim Lopes de Brito, sem geração.

3—2. Francisco de Brito, que foi para a Africa e falleceu em Malega, sem descendencia.

3—3. Fr. Rodrigo da Encarnação, franciscano.

3—4. Antonio Froes de Andrade, que foi senhor da casa de seu pae e fronteiro em Tanger, onde serviu tres annos, como capitão, nas guerras. Voltando ao reino e indo a Madrid, mandou-o d. Philippe IV por cabo de quatro embarcações a soccorrer a cidade de Ceuta, atacada pelos Inglezes, em 1625. Casou com Catharina Freire, filha do comdr. Manuel de Andrade e Beatriz Freire, e teve:

4—1. Luiz de Brito Freire, falecido solteiro.

4—2. Manoel Freire de Andrade, idem.

4—3. Maria Freire, casada com seu tio Luiz Correia, de quem houve: Christovam Correia Freire e João Correia, religioso de Santa Cruz, em Coimbra.

4—4. José Froes de Andrade, senhor de Couço e fidalgo da casa de d. João IV, a quem serviu nas fronteiras do Alemtejo em campanhas e, em 1650, nos navios que se aprestaram a pelejar com a armada ingleza. Por patente de 15 de fevereiro de 1653 el-rei o encarregou do governo da praça de Castelo de Vide e das armas da comarca de Aviz, com mercê de uma commenda de Christo, feita a 30 de Março de 1664. Casou com Izabel Luiz de Castro, filha de Luiz Cotta Falcão, e segunda vez com Paula Magdalena de Moraes, filha de Manuel de Moraes Sapico. Sem geração.

4—5. Francisco de Brito Freire, natural de Coruche, que succedeu a seu irmão na casa de seu pae. Serviu no Alemtejo, na Beira, e nas conquistas da corôa, exercendo os cargos de commendador, conselheiro de guerra e almirante-general. Por ordem de 24 de maio de 1860 foi mandado conduzir a el-rei d. Affonso VI á Ilha Terceira, com o titulo de visconde e governador da villa. Não obedecendo a essa ordem, por fidelidade ao soberano que d. Pedro II desthronára, foi preso, privado de todos os postos, riscado do fôro de fidalgo da casa real e despojado de seus bens. Seu primo Manoel Freire de Andrade, sendo general do exercito da Beira, lhe deixou sua fazenda afim de lh'a vincular ao morgado. Passou duas vezes ao Brasil, como almirante da armada portugueza, obrigando na primeira a que os Hollandezes deixassem o Brasil em 1654, e na segunda conduzindo para Lisboa 107 navios que carregavam nove milhões. Foi governador do Maranhão, de Pernambuco (26 de fevereiro de 1661 a 5 de março de 1664) e da praça de Jurumenha. Delle fazem honrosa menção o padre CARVALHO na *Corographia Portugueza*, MANUEL LUIZ na *Vida do principe Theodosio*, GIUSEPPE DE SANTA-TEREZA na *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, SOUSA, na *Historia genealogica da casa real portugueza*, e FRANCISCO MANUEL, na *Epanaphora de varias historias*. Foi fidalgo mui discreto e erudito e escreveu a *Nova Lusitania ou historia da guerra brasilica*, publicada em Lisboa, em 1675, e a *Relação*

da viagem que fez ao Brasil a armada da Companhia em 1655, publicada em 1657. Morreu em Lisboa, a 8 de novembro de 1692, com mais de 70 annos de edade. Casou com Maria Mauricia de Menezes, filha do fidalgo Pedro Alvares Cabral e Leonor de Menezes, e desse casamento tiveram:

5—1. Antonio de Brito de Menezes, cavalheiro de grande estimação por seu brio e capacidade. Nomeado governador do Rio de Janeiro em 29 de abril de 1716, tomou posse a 27 de Junho de 1717, e ali faleceu em 1719, sendo sepultado na egreja dos jesuitas, conforme dispoz em testamento.

5—2. Josepha Gabriela de Brito, casada a 7 de fevereiro de 1720, com José Bernardo de Tavora, commendador de Santa Maria de Escalhão, filho de Miguel Carlos do Tavora (conde de São Vicente) e Maria Caetana Cunha.

2—3. Alvaro do Campo, que foi maltez.

2—4. Francisca das Chagas, freira.

2—5. Helena de Brito, freira em Odivelas.

II

Gaspar Froes, irmão de Grimaneza Froes, que foi casada com o dr. Pedro Vaz de Castelo-Branco, viveu em Santarem (Portugal) pelos annos de 1540. Casou com Catharina de Lemos, e houve:

1—1. Gaspar Froes de Lemos, casado com Catharina Nobre, paes de:

2—1. Fr. Jeronymo da Paixão, religioso de S. Domingos, vigario geral na India e consultor do Santo Officio. Era natural de Pernes, villa de Alcanede, e foi assassinado pelos barbaros indianos.

2—2. Simão Froes de Lemos, casado com Andreza de Figueiredo, filha de Luiz Alvares Serrão e Isabel de Andrade, com tres filhos:

3—1. Gaspar Froes de Lemos.

3—2. Paula Froes de Lemos.

3—3. Brites Froes de Lemos.

3—1. Gaspar Froes de Lemos casou com Catharina Cerqueira de Avelar, filha de Philippe da Costa Ribeiro e Anna Cerqueira de Avelar, e teve:

4—1. Fr. Jeronymo da Paixão, religioso de S. Bernardo.

4—2. Balthazar Froes de Lemos, que se não casou, mas houve dois filhos bastardos:

5—1. Gonçalo Froes de Lemos, almoxarife e juiz dos feitos reaes em Pernes, onde casou com Domingas Michaela de Affonseca, filha do capitão João Gonçalves de Affonseca e Andreza da Costa, e houve:

6—1. Ignacio Froes de Lemos, casado com Anna de Avelar Cerqueira, filha de Pedro Mendes e Maria Avelar de Cerqueira, com tres filhos:

7—1. Gaspar Froes de Lemos.

7—2. Luiz Froes de Lemos.

7—3. Maria de Avelar Cerqueira.

6—2. Simão Froes de Lemos, solteiro.

6—3. Andreza da Costa Froes, casada com Pedro Juzarte de Frias, filho de Sebastião Pereira de Frias e Antonia Vieira de Rezende, com dois filhos: Antonio e Brites.

3—2. Paula Froes de Lemos casou com Diogo Castelão Barata, e houve:

4—1. Luiz Froes Castelo-Branco, casado com Anna da Motta de Brito, e teve:

5—1. Marianna de Brito, freira em Semide.

5—2. Maria Ignez Castelôa, idem.

5—3. Paula Froes de Figueiredo, casada com Vicente Caldeira de Brito, paes de:

6—1. Anna Luiza.

6—2. Catharina Antonia.

3—3. Brites Froes de Lemos casou com Antonio Serrão Soares, e houve:

4—1. Fr. Luiz de Lemos Serrão.

4—2. Isidro Froes de Andrade.

4—3. Andreza de Figueiredo Froes.

4—4. Joanna Froes de Andrade, casada com Antonio de Amorim paes de:

5—1. Maria Froes de Azevedo e Andrade, casada com Estevam de Araujo Freitas, e teve:

6—1. Antonio de Araujo Azevedo.

6—2. Maria Josepha de Azevedo.

6—3. Joanna Michaela de Azevedo.

5—2. Anna Maria de Araujo Froes, casada com Rodrigo de Sá e Mendonça, e houve:

6—1. Estevam de Sá e Mendonça.

6—2. Maria Froes de Mendonça.

6—3. Antonio.

6—4. Catharina.

III

Em auto de fé, a 24 de julho de 1735, a inquisição de Lisboa condemnou a carcere e habito, por judaismo a Henrique Froes Moniz, de 38 annos de edade, christão novo, mineiro, solteiro, filho de Manoel Froes, homem de negocio, natural de Covilhan, bispado da Guarda, morador nas minas de Ouro-Preto.

IV

Nos « documentos sobre a revolução pernambucana de 1817 », publicados na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, vol XXIX, vem uma relação dos réos perdoados, entre os quaes se acha Joaquim Rodrigues Froes, europeu, official do almoxarifado, que fôra preso após a batalha, dizendo ter ido ao sul obrigado pelo rebelde Domingos Martins.

V

Pedro Rodrigues Froes, familiar do Santo Officio de Lisboa e uma das principaes pessoas de Mogy das Cruzes (S. Paulo), onde serviu por vezes honrosos cargos e, por patente de 13 de agosto de 1728, o posto de coronel dos auxiliares, possuiu uma fazenda no *caminho novo de Goyaz*, proximo á fazenda ou sesmaria do *Jacaré*, de Lourenço de Amorim Costa, no municipio de Paracatú, em 1737. Casou com Isabel Barbosa de Moraes, filha de João Martins Bonilha e Maria Correia de Moraes, falecida em Mogy das Cruzes a 20 de abril de 1742, deixando os seguintes filhos :

1—1. Maria Rodrigues Froes.
1—2. Antonio Rodrigues Froes.
1—3. Miguel Rodrigues Froes.
1—4. José Rodrigues Froes.
1—5. Salvador Rodrigues Froes.
1—6. Helena Rodrigues Froes.
1—7. João Rodrigues Froes.
1—8. Quiteria Rodrigues Froes.
1—9. Bento Rodrigues Froes.

1—1. Maria Rodrigues Froes casou em 1742 com Marcelino Correia de Mattos, capitão, filho de Marcelino Correia de Moraes e Maria da Cunha Caraça. Faleceu em 1793, com seis filhos :

2—1. José Marcelino Froes, casado em 1768 com Anna Maria Dias, filha de Ignacio Dias da Silva e Maria Bueno de Camargo.

2—2. Helena Rodrigues Froes, casada em 1763 com Manuel Pereira de Magalhães, filho do capitão Manuel Pereira de Magalhães e Rosa de Oliveira, e foram paes de :

3—1. Firmino Pereira Froes, casado em 1799 com Leonor Franco de Camargo, filha de Pedro Franco de Camargo e Maria Josepha, e segunda vez em 1808, com Heleodora Maria. Houve um filho do primeiro consorcio : Manuel.

3—2. Miguel Pereira Froes, casado em 1794, em Garatinguetá, com Maria Isabel Jacyntha.

2—3. Joaquim Froes Caraça, solteiro em 1793.

2—4. Alexandre Mariano Froes, ausente na Hespanha.

2—5. Manuel Bartholomeu Froes, casado em 1792 com Leonor Franco de Camargo, filha de Antonio Bueno Freire e Maria Joaquina Franco, e teve :

3—1. Maria Delfina, casada em 1819 com Henrique José da Silva Barbosa, portuguez.

2—6. Angelica Maria Froes, casada em 1761, em Mogy das Cruzes, com Antonio João de Toledo, filho de Floriano Toledo Pisa e Antonia de Medeiros Cabral, neto do dr. Simeão de Toledo Pisa e Francisca de Almeida. Deixaram sete filhos:

3—1. Emerenciana.

3—2. Joaquim Xavier de Toledo.

3—3. Maria.

3—4. Floriano de Toledo Pisa.

3—5. Josepha.

3—6. Gertrudes.

3—7. José, nascido em 1780.

1—2. Antonio Rodrigues Froes, casou em 1736, com Catharina Bueno da Luz, filha de Jeronymo da Veiga Bueno e Mariana da Luz. Faleceu em Atibaia, em 1792, deixando os seguintes filhos:

2—1. Caetana Bueno do Prado, casada em 1765 com Lourenço Cordeiro Leme.

2—2. Pedro Rodrigues Froes, casado com Escolastica Ortiz.

2—3. Bento Rodrigues Froes, casado.

2—4. José Rodrigues Froes, casado em 1774, em Nazareth, com Adriana de Sousa, filha de João de Sousa Furtado e Thereza Pereira.

2—5. João Rodrigues Froes casado em 1772, com Anna Cardoso, filha de José Cardoso de Moraes e Escolastica Lopes Siqueira Faleceu em 1824 e houve os seguintes filhos:

3—1. Joaquim Mariano Froes, alferes, natural de Camandocaia (Jaguary), casado em Nazareth, em 1804, com Maria Escolastica de Ornellas, filha do alferes Manuel Rodrigues Preto e Escolastica Maria de Ornellas. Deixou oito filhos.—os Froes de Ornellas, de Jaguary.

2—6. Angelo Rodrigues Froes, que falleceu solteiro.

1—3. Miguel Rodrigues Froes tirou dispensa na camara ecclesiastica de S. Paulo, em 1745, para se casar com sua parenta em quarto grau de consanguinidade Francisca Pedrosa Leme, de Guaratinguetá, filha de Antonio Raposo Leme e Luzia Leme.

1—4. José Rodrigues Froes habilitou-se *de genere*, mas não se sabe que estado tomou. Foi guarda-mór das minas de Paracatú.

1—5. Salvador Rodrigues Froes casou com Maria Pedrosa, e houve de entre outros filhos:

2—1. Helena Rodrigues Froes, casada com o portuguez Manuel José da Cunha, paes de:

3—1. Maria José da Cunha Froes, nascida em Paracatú, em 1789, e falecida no Araxá, em 1869. Casou com o capitão Floriano de Toledo Pisa, nascido em Pitanguy, em 1777, e falecido no Araxá, a 25 de maio de 1855, filho de José Antonio de Sousa Sodré e Anna Isabel de Faria Leite, de cujo enlace nasceram:

4—1. Luiza Josephina de Toledo, casada com Luiz Pinto Brochado, e teve:

5—1. Idalina Josephina Brochado.

5—2. Adelaide Carolina Brochado.

5—3. Alipia Candida Brochado.

4—2. Jacintha de Toledo, casada com Francisco Paptista Roquette Franco, moradores na Estrella do Sul, paes de:

5—1. Horacio Augusto Baptista, casado com Leocadia Tormin

4—3. Francisca Tertuliana de Toledo, nascida em Paracatú, em 1825, e falecida em S. Antonio de Carangola, em 1892. Casou a primeira vez com o tenente Vicente Augusto de Pinho e a segunda com o tenente-coronel Antonio José Coutinho. Houve do primeiro:

5—1. Alfredo Gustavo de Pinho, casado com Amelia de Pinho, falecido em 1885.

5—2. Josephina de Toledo de Sampaio, falecida no Pomba, casada com o dr. José Antonio de Sampaio, de cujo consorcio deixou tres filhos:

6—1. Alfredo Osorio de Sampaio, casado em Itabira do Campo.

6—2. Maria, casada.

6—3. Dr. João de Deus Sampaio, casado em Campinas com Maria Angelica de Sales Sampaio, filha do dr. Joaquim Antonio Pinto Junior e Maria de Sales Pinto.

4—3. Pedro Affonso de Toledo, fallecido no Araxá, onde tem descendencia.

4—4. Anna Jacyntha de Toledo, fallecida.

4—5. Antonio Augusto de Toledo, nascido em 1832, no Paracatú, e falecido em 1880, no Araxá, onde se casou com Thomazia Augusta de Toledo, natural de Itapecerica (Minas), filha de Jacyntho Manuel Teixeira e Luiza Alves França, fallecida em 1891. Desse consorcio nasceram:

5—1. Zulmira, fallecida em 1863.

5—2. Octaviano de Toledo, nascido em 1863 e fallecido em 1893, solteiro.

5—3. Lafayette de Toledo, nascido no Araxá, em 1865, casado em Casa-Branca, primeiro com Maria Farani de Toledo e depois com Umbelina Xavier de Toledo.

5—4. Albertina de Toledo, casada com Joaquim Tito de Almeida.

5—5. João de Toledo, solteiro, residente no Rio de Janeiro.

1—6. Helena Rodrigues Froes casou em Paracatú, em 1742, com Joaquim Caldeira Brant, natural de São João del-Rey, filho do portuguez Ambrosio Caldeira Brant e Josepha de Souza e Silva. Tendo Felisberto Caldeira arrematado o contrato dos diamantes do Tijuco, de 1748 a 1751, em sociedade com seus irmãos, tomou Joaquim Caldeira a administração das minas de Pilões e Rio-Claro, de Goyás, e incluidas no contrato. Não tendo produzido resultado a mineração goyana, Joaquim Caldeira se retirou para o Tijuco (hoje Diamantina), em 1752. Deste casal descende a familia de que foi chefe o conselheiro Antonio Pedro da Costa Pinto, formado em direito na faculdade de S. Paulo, em 1860, inspector de alfandega e director de estabelecimentos bancarios, falecido a 4 de julho de 1901, no Rio de Janeiro, com geração.

1—7. João Rodrigues Froes esteve na mallograda colonia de Iguatemy e não mais se houveram noticias suas.

1—8. Quiteria Rodrigues Froes ignora-se que estado e destino tomou.

1—9. Bento Rodrigues Froes ignora-se tambem o destino que tomou. Parece-nos que se estabeleceu em Sabará, onde ainda se encontram membros desta familia.

VI

Salvador Rodrigues Froes, natural do Estado da Bahia, foi fazendeiro abastado em Paracatú, proprietario das fazendas *Jacaré* e *Banabuihê*, e faleceu naquella a 23 de setembro de 1854, e foi supultado na capella de Sant'Anna dos Alegres. Era capitão da guarda nacional, e de seu consorcio com Anna Feliciana da Gama houve:

1—1. Thereza de Jesus Froes, casada com o capitão Francisco Themistio de Assis.

1—2. Isabel Rodrigues Froes, casada com o capitão Joaquim Antonio de Figueiredo Torres.

1—3. Manuel Rodrigues Froes, casado com Anna Carneiro de Mendonça.

1—4. Candido Froes da Gama, casado com sua sobrinha Zenobia de Assis.

VII

Alexandre José Froes foi negociante no Rio de Janeiro e residiu em Minas-Novas, Rio-Pardo, Paracatú e Serro e nesta ultima cidade tinha um irmão estabelecido. Era proprietario, em 1822, da fazenda *Maracá*, na Bahia. Tomou parte como rebelde na revolução de 1842. *A Revista do Archivo Publico Mineiro*, vol. III, pag. 120, traz uma interessante questão em que este Froes foi protagonista.

VIII

Vicente Ferreira Froes, nasceu na fazenda do *Maracá*, Estado da Bahia, e ainda moço passou a residir na de Itanguá, municipio de Araçuahi, onde faleceu em 1892. Prestou muitos serviços a esta localidade, mórmente durante a secca que a flagelou em 1833. Tomou parte na junta eleitoral que se reuniu em 1822 para escolha dos membros do governo provisorio de Minas, como representante da camara de Diamantina. Assignou, com o dr. José Vieira Couto e outros, a 30 de janeiro de 1822, uma representação ao governo provisorio da provincia, pedindo a creação de uma typograqhia na capital e isenção dos impostos de entrada para os livros e papeis publicos.

IX

O tenente-coronel Antonio Pe iro Rodrigues Froes, residente em Araçuahi, casou com Maria Leonor Coutinho Froes, e tem os seguintes filhos:

1—1. Pedro Rodrigues Froes, major, casado com Eugenia Alvim da Gama e Mello Froes.

1—2. Antonio Gabriel Coutinho Froes, casado com Maria José da Costa Carvalho, sobrinha do barão da Passagem.

1—3. Salvador Rodrigues Froes.

1—4. José Pedro Rodrigues Froes.

Casa-Branca (S. Paulo), 1903.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

1049

EXPLORAÇÃO

Dos rios Mucury e Todos os Santos e seus affluentes -- feita por ordem do governo da Provincia pelo engenheiro dr. Pedro Victor Renault

Colleccionada e organizada por

Léon Renault

1903

1050

BREVE EXPLICAÇÃO

Ao tentar a publicação do presente trabalho, não se me deparou outro intuito que o interesse de tornar conhecida a linguagem e os costumes dos Botocudos, indigenas que habitam as margens do rio Mucury e seus affluentes e sobre os quaes nada se ha escripto ainda.

Este trabalho, dadas as condições e o meio em que foi elaborado, resente-se de defeitos, e necessita de rectificações que não puderam ser feitas pelo auctor que, naturalmente, ou não o destinava á publicação, ou encontrou insuperavel difficuldade em obter dos indigenas outras muitas informações indispensaveis.

Elle proprio reconheceu esta falta, quando disse: « faltam muitas expressões, muitas significações que, com a frequencia, o estudo e auxiliados por este pequeno vocabulario, poderão alcançar as pessoas que se dedicarem a esse trabalho, sobretudo se, como eu, não tiverem de luctar com tribus bellicosas, soffrendo fome, sêde, nudez e todos os demais flagellos que podem assaltar neste mundo ao homem, etc. ».

Muitas originalidades se encontram no tocante aos costumes desses indigenas, e vem a pello transcrever aqui uma pagina do illustre explorador francez Liais, colhida em documentos que lhe foram presentes pelo dr. V. Renault:

« .... Je présenterai quelques considerations sur la vie de l'homme sauvage dans les contrées chauds du globe, où notre espèce parait avoir pris naissance, car il est évident que l'homme n'a pu habiter nos climats avant la découverte du feu et la création d'un certain degré d'industrie, au moins pour se bâtir de chétives habitations et pour préparer des peaux d'animaux sauvages afin de se couvrir. Ne voyons-nous pas en effet frequenment en Europe, en France même, des hommes périr de froit au milieu des neiges, malgré les vêtements qu'ils possédent?

Quelque simple qu'il nous paraisse d'obtenir le feu à nous qui en faisons tant usage, nous devons penser que sa découverte a présenté une grande difficulté à l'humanité. Il a dû s'écouler bien du temps avant que l'homme ne trouve qu'un frottement prolongé de deux morceaux de bois peut les enflammer. La connaissance de ce seul fait a suffit pour constituer le 1.° degré de l'échelle de la civilisation sur laquelle nous progressons aujourd'hui avec tant de rapidité. Quoique les forêts tropicales offrent un peu plus de ressources pour l'alimentation de l'homme que celle de nos climats à cause des fruits des palmiers et des racines de certains fongéres ou aroïdées et de quelques autres plantes, on reconnaît cependant en les parcourant que les substances alimentaires s'y trouvent en très petite quantité.

A l'état de sauvagerie complète et sans l'établissement d'aucune trace de cûlture, il ne peut pas conséquemment exister de population nombreuse.

La pêche dans les rivières, une des principales ressources des nations sauvages, a dû manquer aussi à l'origine et la chasse elle-même a nécessairement présenté de grandes difficultés avant que l'homme n'ait découvert les engins à l'aide des quels il la pratique. Encore de nos jours, malgré la connaissance du feu, malgré celle d'appareiles divers pour la chasse et la pêche, les sauvages mènent dans les forêts la vie la plus misérable possible, en souffrant à chaque instant de la faim qui a toujours dû les décimer quand leur nombre tendait à augmenter. C'est très problablement à cette circonstance qu'il faut attribuer l'origine de l'anthropophagie, qu'on a trouvée chez tous les peuples des régions tropicales non civilisés à un certain degré. Ces faits d'anthropophagie se sont montrés à la fois dans l'Amérique, dans l'Afrique et les îles de la mer du Sud à des degrés divers.

Chez certains peuples, ils étaient arrivés à se limiter aux prisonniers de guerres accidentelles : chez d'autres, ils s'appliquaient à tous les individus surpis d'une autre tribu, et un état de guerre permanent avait lieu entre les diverses nations voisines.

Partout où des habitudes de culture ont commencé à s'introduire, la population s'est accrue dans des proportions considérables. L'Inde nous en offre un exemple, comme en Amerique, le Mexique et le Pérou à l'époque de leur découverte. Grâce à l'invention des moyens de faire du feu, l'espéce humaine a pu envahir les régions tempérées et les coloniser. La nécessité de lutter avec des climats plus rigoureux a amené un degré d'industrie plus grand.

Même les hordes restées sauvages ont été obligées d'atteindre, cependant un certain degré de civilisation. La culture était nécessaire, et l'anthropophagie a disparu hors des tropiques, en même temps qu'avec des moyens d'existence plus assurés la population a

pu s'acroitre considerablement. Sous les tropiques, au contraire, un E'tat plus sauvage s'est maintenu.

Aujourd'hui, si on excepte l'Inde, et sa civilisation spéciale, les regions tropicales sont encore tres-peu habitées. La colonisation européenne est trop récente pour leur avoir fourni une population en rapport avec leur immense surface, et leurs races primitives peu nombreuses continuent de mener la vie sauvage dans les forêts.

Le Brésil renferme encore sur son vast territoire des hordes indigènes à l'état de barbarie.

Sa population insuffisante de race européenne n'a pu se répandre que sur une partie de son étendue, e le reste est peuplé d'Indiens errants.

Ces Indiens appartienent à deux races distinctes, les nombreuses tribus du groupe Guarani et les feroces Botocudos. Les prémiers, qui possédaient des tendences à la vie pastorale, ont pu sur beaucoup de points être reunis, par les soins du gouvernement brésilien, dans des villages nomées — *aldeias* — où ils se livrent un peu à la culture et pratiquent de petites industries. J'ai visité une de ces aldeias, prés de la côte sud de Pernambuco, à l'époque où je relevais la carte hydrographique de cette côte. L'aldeia en question est à peu de distance de Villa de Barreira, village situé sur le Rio Una. Je remontai dans un canot en partant de son embouchure cette rivière dont les rives tantôt couvertes de mangliers ou garnies d'immenses arundinacées en fleur et de grands feuillages d'aroïdées, tantôt longeant de belles masses granitiques ou chargées d'une luxuriante végétation m'offraient à chaque instant un spéctacle nouveau, et aprés 2 heures et demie de route, je débarquai à Villa de Barreira, d'où je me rendis à pied au village indien qui n'en est qu'à une demilieue. Ce village se compose d'une trentaine de maisons de paille de palmier formant une sort de rue: la majeure partie de ces chaumières accuse par son mauvais état la paresse des habitants.

En traversant le village, je vis la plupart d'entre eux couverts de guenilles et couchés sur des paquets de jonc ou bien se reposant dans des hamacs. Quelques uns assis les jambes croisées devant leur portes étaient occupés à tisser des nattes ou des paniers qu'ils vendent au village de Barreira. C'est cette petite industrie qui sert à les faire vivre, car leurs cultures sont très insignifiantes: j'aperçus seulement quelques rares et petits enclos avec des bananiers ou des plantes de manioc et de tabac.

Quoique le type de la majeure partie des Indiens de l'aldeia soit encore de race pure, cependant de profondes traces de mélange avec les noirs et les créoles se font déjà remarquer chez beaucoup d'entre eux. Ils parlent d'ailleurs portugais, et avec leur idiome primitif ils ont perdu bien des caractéres qui eussent été intéressants à étudier. Malheuresement le contact avec les tribus entiérement sauvages pré-

sente trop de difficultés, à cause de leurs habitudes farouches, pour qu'on puisse dans les rares relations possibles avec elles se faire une idée bien précise d'un degré de perfectibilité de la race americaine.

Ce point intéressant pour l'anthropologie ne peut guère être vu que dans les aldeias où les efforts pour les civiliser se sont produits, mais le mélange qui s'opére alors immédiatement entre les races jette une grande incertitude sur ce genre d'études.

J'ai toutefois cherché à lier conversation avec les Indiens de l'aldeia. Une pluie d'orage qui est survenue pendant que je circulais dans leur village m'eu a facilité les moyens. L'un d'eux m'invita a entrer dans sa chaumiére. Ce mouvement, que je pris d'abord pour une politesse, n'était au fond que de la curiosité. Il voulait savoir ce qu'un étranger venait faire au milieu de leur village; il me posa une multitude de questions à cet égard. Sa femme, assise sur un des bancs de bambous qui formaient l'unique mobilier de la cabane, était occupée à bercer son enfant dans son petite hamac. L'un et l'autre, d'une couleur jaune olivâtre, presentaient complétement le type Guarani sans aucun mélange. Ce type, qui n'a guére de la race mongolique que la couleur, mais qui n'en montre ni l'obliquité des yeux ni les pommetées saillantes, manque d'ailleurrs de beauté. Les yeux bridés et les lévres minces nuisent beaucoup à l'expression de la physionomie.

Les cheveux sont noirs et longs. La plupart les portent pendants sur les épaules. De plus, la taille chez les hommes est petite, et la barbe peu fournie se montre surtout au menton. Lorsque je fus installé dans la cabane, plusieurs autres Indiens hommes et femmes entrérent. Leur conversation était animée, car ils sont très loquaces. A propos de chaque question et réponse, ils contaient, les femmes surtout, mille anecdotes sur les gens qui avaient passé au village, mais ils sautaient sans cesse d'un sujet à un autre sens que leur verve tarit et assez fréquemment la superstition se mêlait aux recits. En voyant leur manque de suite dans les idées, leur caractére défiant, leur esprit d'independence farouche qui a persisté malgré leur organisation en village et enfin leur paresse, il m'est resté l'impression que les tribus-américaines n'auraient pu parvenir d'elles-mêmes à un état de civilisation avancé sans un grand nombre de siècles, et qui elles n'y parviendraient pas, malgré le contact de la race caucasique, sans la fusion avec la colonisation européenne qui a peuplé l'Amerique. Incapables de réflexions profondes et prolongées, l'esprit de ces hommes ne perçoit que des images matérielles. Ils ont toutefois acquis avec le christianisme la notion du bien et du mal qui semble même manquer aux farouches Botocudos.

Les Indiens de ce dernier nom, dont quelques tribus errent encore aux limites des provinces de Minas Geraes et d'Espirito, ont dans leur type une assez grande ressemblance avec les autres, mais ils sont plus robustes et beaucoup plus rebelles encore à la civili-

sation. Ils se percent les lèvres et les oreilles et y introduisent de gros morceaux de bois. Ils sont complétement nomades. Un voyajeur français, aujourd'hui habitant Barbacena, et qui a traversé avec une escorte, il y a une trentaine d'années, la région qu'ils occupent, M. le docteur Victor Renault, a pu, par un séjour prolongé sur les rives du Mucury qu'il explorait, étudier à fond leur habitudes. Je lui dois de nombreux documents sur ces peuplades qui, depuis cette époque, ont été bien refoullées par les progrès de la colonisation, mais ont cependant continué de persister dans leurs usages feroces de cannibalisme. S'attaquant sans cesse entre eux par trahison, marchand toujours en alerte l'arc bandé, devorant leurs victimes, ces êtres dégoutantes, dont les 2 sexes sont entièrement nus et toujours couverts de boue, offrent l'aspect le plus hideux que puisse présenter l'humanité.

Chaque jour ils changent de lieu, et, après leurs chétifs repas de racines de fougéres et de gibier grillé qu'ils déchirent avec leurs ongles, ou après leurs horribles festins d'anthropophages, ils se jettent pêle-mêle sur la terre comme un troupeau de sangliers, l'un servant d'oreiller à l'autre.

Cette vie nomade leur est nécessaire pour trouver leurs aliments. Leur industrie se borne à la fabrication d'arcs et de fléches et à celle de colliers de dents de cabiai et de jaguai, elle ne va pas jusqu'à la construction de huttes de palmier.

Ils restent exposés à l'action des pluies comme à la famine. Il y a loin de cet ignoble tableau, de cette vie miserable de guerre et de famine aux images de la vie sauvage depeints par qualques philosophes et quelques poëtes du dernier sciecle. Certainnement les Botocudos sont au plus bas degré de l'échelle des peuples existants ; ils sont inférieurs a la presque totalité des peuplades africaines et océaniennes.

Ils ont moins de perfectibilité que les dernières races nègres elles-mêmes qu' on peut dresser au travail, ce qui montre que le prognatisme de la face est loin d'être le signe d'infériorité intellectuelle le plus caractéristique. La capacité cranienne, la nature du tissu cérebral et mille autres causes, la plupart inconnues, jouent un rôle non moins important. Mais quelque grand que nous semble le degré d'inferiorité des Botocudos, cependant un peu de réflexion nous indique qu'ils ne sont déjà plus à un état complétement primitif. Ils connaissent le feu et les armes.

Leur langue a des expressions assez nombreuses : ils possédent des chants, et bien que la plupart de nos idées morales et philosophiques fussent inexprimables dans leur langue, cependant des images empruntées à la nature qui les entoure leur servent déjà pour représenter et faire naître chez eux les rudiments d'idées d'un autre ordre. Ils savent le spropriétés de beaucoup de plantes, enfin

ils montrent des traces d'organisation sociale puisqu'ils ont des sortes de chefs, mais on ne leur connait aucun culte religieux. A peine soupçonne-t-on chez ces sauvages tribus, bien differentes des Indiens proprement dits, quelque chose d'analogue aux premiers rudiments du fétichisme africain dans lequel réside, au moins à l'origine, non la croyance à la divinité, comme on le dit généralement-mais une sorte de crainte mêlée de respect et inspirée par certains animaux, le serpent, par exemple, dont le venin redoutable provoque par ses effets extraordinaires une sorte d'étonnement mêlé de terreur : c'est plus tard que, par voie de généralisation et d'abstraction, conséquence du développement intellectuel progressif, naît l'idée d'esprits independants de ces êtres matériels et les animent, ce qui représente le second degré du fétichisme, point de départ de la croyance au merveilleux chez les peuples sauvages. En assistant à l'horrible spectacle que présentent les tribus Botocudos avec le cannibalisme dominant leur existence, en songeant cependant a tout ce qu'ils ont déjà d'acquis par rapport à un état vraiment primitif, on se demande ce que doivent être les misères de la vie dans cette situation d'absence complete de la civilisation vantée avec tant de reflection et de folie par des aucteurs qui n'avaient jamais vû errer le sauvage dans ce fôret. »

A exploração dos rios Mucury e seus affluentes, como se vê do Relatorio apresentado ao Governo da Provincia pelo dr. P. Victor Renault, era tendente a procurar um ponto para degredo.

Outras explorações se seguiram, mas já com o caracter de estudar essas paragens para se tentar a navegação dos rios Jequitinhonha e Mucury, e tambem o aldeamento, catechese e civilização dos indigenas, o que se pode verificar, de entre outros documentos, pelo officio e instrucções infra, dirigidos ao sr. coronel Honorio Esteves Ottoni.

Eil-os, pois julgo ser interessante a transcripção desses documentos para estas paginas:

« Illm. Sr.

Devendo ser de incalculavel vantagem para o municipio de Minas Novas a navegação do Rio Mucury, tem o Governo resolvido empregar todas as diligencias á seu alcance, á fim de abrir á estrada, em direcção á barra de todos os Santos no sobredito Mucury, e dar as providencias necessarias para que os Colonos, que se dirigirem para aquelle lado, encontrem a necessaria protecção contra as aggressões dos Selvagens, cuja catechese tambem procura levar á ef-

feito, inspirando-lhes confiança, amor ao trabalho, e aos salutares preceitos da Religião.

Para este effeito tem resolvido pôr á disposição do coronel Honorio Esteves Ottoni a força da Companhia de Pedestres do Jequitinhonha, á fim de ser collocada nos pontos, que se julgarem mais necessarios, empregando além disto os fundos de que puder dispôr, não só na compra de ferramenta, e utensilios para os trabalhos ruraes em que devem ser empregados os Indios, como na acquisição de viveres para as primeiras entradas, como tudo consta das instrucções juntas.

Entretanto, por maiores diligencias que faça o Governo, ellas serão mal succedidas, se não forem coadjuvadas pelos patrioticos esforços dos habitantes da importante comarca do Jequitinhonha, e especialmente do termo de Minas Novas, aos quaes esta empreza interessa tanto de perto, e he por isso que me dirijo a V. S. para pedir-lhe muito encarecidamente que pela sua parte faça o que for possivel para se levar á effeito a referida empreza: certo de que tenho nomeado uma Commissão para ahi promover huma subscripção, a qual he composta dos srs. Antonio Joaquim Cezar, Francisco Fulgencio Alves Pereira e Silverio José da Costa, e eu espero que V. S. concorra para que a commissão obtenha o mais satisfactorio resultado.

Junto lhe envio hum exemplar do Relatorio do engenheiro Victor Renault, que em 1837 fez de ordem do Governo Provincial a exploração dos Rios Mucury, e todos os Santos.

Deus guarde a V. S. Palacio do Governo, no Ouro Preto, 18 de Maio de 1846.

Quintiliano José da Silva.

Instrucções pelas quaes se deve reger o sr. coronel Honorio Esteves Ottoni, encarregado do Aldeamento, catechese, e civilisação dos Indios da comarca do Jequitinhonha.

1.ª O sr. Ottoni, além das obrigações que na qualidade de director de aldêa lhe impõem o regulamento n. 426, de 24 de julho de 1845, terá mais a seu cargo a abertura da estrada que se dirige á Barra de todos os Santos no rio Mucury, dando todas as providencias para que seja protegida a colonização, não só ao longo da estrada, como em toda a margem dos ditos rios.

2.ª Para este fim fica desde já á sua disposição toda a força da companhia de pedestres do Gequitinhonha, assim como as quantias,

ils montrent des traces d'organisation sociale puisqu'ils ont des sortes de chefs, mais on ne leur connait aucun culte religieux. A peine soupçonne-t-on chez ces sauvages tribus, bien differentes des Indiens proprement dits, quelque chose d'analogue aux premiers rudiments du fétichisme africain dans lequel réside, au moins à l'origine, non la croyance à la divinité, comme on le dit généralement-mais une sorte de crainte mêlée de respect et inspirée par certains animaux, le serpent, par exemple, dont le venin redoutable provoque par ses effets extraordinaires une sorte d'étonnement mêlé de terreur ; c'est plus tard que, par voie de généralisation et d'abstraction, conséquence du développement intellectuel progressif, naît l'idée d'esprits independants de ces êtres matériels et les animent, ce qui représente le second degré du fétichisme, point de départ de la croyance au merveilleux chez les peuples sauvages. En assistant à l'horrible spectacle que présentent les tribus Botocudos avec le cannibalisme dominant leur existence, en songeant cependant a tout ce qu'ils ont déjà d'acquis par rapport à un état vraiment primitif, on se demande ce que doivent être les misères de la vie dans cette situation d'absence complète de la civilisation vantée avec tant de reflection et de folie par des aucteurs qui n'avaient jamais vu errer le sauvage dans ce fôret. »

A exploração dos rios Mucury e seus affluentes, como se vê do Relatorio apresentado ao Governo da Provincia pelo dr. P. Victor Renault, era tendente a procurar um ponto para degredo.

Outras explorações se seguiram, mas já com o caracter de estudar essas paragens para se tentar a navegação dos rios Jequitinhonha e Mucury, e tambem o aldeamento, catechese e civilização dos indigenas, o que se pode verificar, de entre outros documentos, pelo officio e instrucções infra, dirigidos ao sr. coronel Honorio Esteves Ottoni.

Eil-os, pois julgo ser interessante a transcripção desses documentos para estas paginas:

« Illm. Sr.

Devendo ser de incalculavel vantagem para o municipio de Minas Novas a navegação do Rio Mucury, tem o Governo resolvido empregar todas as diligencias á seu alcance, á fim de abrir á estrada, em direcção á barra de todos os Santos no sobredito Mucury, e dar as providencias necessarias para que os Colonos, que se dirigirem para aquelle lado, encontrem a necessaria protecção contra as aggressões dos Selvagens, cuja catechese tambem procura levar á ef-

feito, inspirando-lhes confiança, amor ao trabalho, e aos salutares preceitos da Religião.

Para este effeito tem resolvido pôr á disposição do coronel Honorio Esteves Ottoni a força da Companhia de Pedestres do Jequitinhonha, á fim de ser collocada nos pontos, que se julgarem mais necessarios, empregando além disto os fundos de que puder dispôr, não só na compra de ferramenta, e utensilios para os trabalhos ruraes em que devem ser empregados os Indios, como na acquisição de viveres para as primeiras entradas, como tudo consta das instrucções juntas.

Entretanto, por maiores diligencias que faça o Governo, ellas serão mal succedidas, se não forem coadjuvadas pelos patrioticos esforços dos habitantes da importante comarca do Jequitinhonha, e especialmente do termo de Minas Novas, aos quaes esta empreza interessa tanto de perto, e he por isso que me dirijo a V. S. para pedir-lhe muito encarecidamente que pela sua parte faça o que for possivel para se levar á effeito a referida empreza: certo de que tenho nomeado uma Commissão para ahi promover huma subscripção, a qual he composta dos srs. Antonio Joaquim Cezar, Francisco Fulgencio Alves Pereira e Silverio José da Costa, e eu espero que V. S. concorra para que a commissão obtenha o mais satisfactorio resultado.

Junto lhe envio hum exemplar do Relatorio do engenheiro Victor Renault, que em 1837 fez de ordem do Governo Provincial a exploração dos Rios Mucury, e todos os Santos.

Deus guarde a V. S. Palacio do Governo, no Ouro Preto, 18 de Maio de 1846.

Quintiliano José da Silva.

Instrucções pelas quaes se deve reger o sr. coronel Honorio Esteves Ottoni, encarregado do Aldeamento, catechese, e civilisação dos Indios da comarca do Jequitinhonha.

1.ª O sr. Ottoni, além das obrigações que na qualidade de director de aldêa lhe impõem o regulamento n. 426, de 24 de julho de 1845, terá mais a seu cargo a abertura da estrada que se dirige á Barra de todos os Santos no rio Mucury, dando todas as providencias para que seja protegida a colonização, não só ao longo da estrada, como em toda a margem dos ditos rios.

2.ª Para este fim fica desde já á sua disposição toda a força da companhia de pedestres do Gequitinhonha, assim como as quantias,

que se houverem de destinar á esta empreza, ou sejam provenientes dos cofres publicos, ou da subscripção, que o Governo manda abrir nessa comarca.

3.ª Além da abertura da mencionada estrada, tratará o sr. Ottoni de estabelecer com toda a brevidade o quartel geral da força na dita Barra de todos os Santos, escolhendo para esse fim o lugar mais apropriado, e que tenha as convenientes proporções para uma povoação, cujas ruas, e praças deverão logo ser alinhadas, e demarcadas por meio de estacas fortes.

4.ª Fará aldear os Indios que se forem apresentando, e empregará todos os possiveis meios para os chamar á civilização, distribuindo-lhes as ferramentas e brindes que julgar convenientes, bem como os viveres necessarios, durante as primeiras entradas.

5.ª Procurará por meio de navegação, ou de estradas, entreter communicações com a colonia militar que o exm. presidente da provincia da Bahia mandou ultimamente estabelecer no Rio Mucury.

6.ª Fará com que os habitantes do aldeamento que se dedicarem á agricultura, se occupem na plantação de generos, que offereçam vantagem na exportação, como sejam: chá, café, algodão, etc.

7.ª Velará na segurança, e tranquillidade do aldeamento e seu districto, procurando evitar por todos os modos, que ahi se estabeleçam pessoas de caracter rixoso, e de maus costumes, que introduzão bebidas espirituosas, ou que tenham enganado os Indios com lesão enorme; e quando não sejam bastantes os meios brandos, as fará expulsar até cinco leguas para fora dos limites do districto, requisitando das competentes auctoridades as providencias a esse fim necessarias.

8.ª Das quantias que se mandão pôr á disposição do sr. Ottoni serão applicados 200$000 annuaes (pagos a trimestres) para gratificação do sacerdote que, sob a inspiração do reverendo vigario da vara da comarca do Gequitinhonha, deve ser encarregado da instrucção moral e religiosa dos Indios do aldeamento.

9.ª Em todos os casos não previstos, assim no regulamento já citado, como nas presentes instrucções, o Governo confia que o sr. Ottoni se haverá com aquella prudencia, e bom senso que o caracterisão, dando logo quaesquer providencias que lhe pareçam acertadas, e communicando-as opportunamente ao governo para as approvar, ou resolver como for mais conveniente.

10.ª Corresponder-se-ha directamente com o Governo e com o director geral dos Indios, dando sempre a mais circumstanciada conta dos trabalhos de que ora é encarregado.

Palacio do Governo, no Ouro Preto, 18 de maio de 1846.

Quintiliano José da Silva. »

Vindo para o Brazil bem moço ainda, o engenheiro Victor Renault, chegado que foi ao Rio de Janeiro, submetteu-se a exame perante a Escola de Medicina e, mediante as provas exhibidas, lhe foi passado o diploma de medico-homeopatha, profissão a que se dedicou durante muitos annos, em Barbacena, depois que abandonou o cargo de engenheiro da Provincia, que por muito tempo exerceu.

Activo, instruido, trabalhador — deixou, consoante a palavra auctorizada de Xavier da Veiga, de seus merecimentos e serviços, traços que lhe recommendam o nome.

Espirito esclarecido e amante das cousas do nosso paiz, explorador consciencioso e illustrado, raro era o viajante extrangeiro que, sabendo de que em um recanto de Minas residia o dr. Renault não o procurasse afim de obter delle preciosas informações sobre a flora e fauna mineira e colher documentos de valor no tocante aos usos, costumes e linguagem de diversas tribus por elle estudadas nas importantes commissões que desempenhou como engenheiro da Provincia de Minas Geraes.

Disso dão testemunho em suas obras Lund, Liais e Agassis.

Burton, cuja obra tievmos sempre á vista na organização deste trabalho, dá disso testemunho nas seguintes linhas:

«The good dr. Renault supplied us with letters, not forgetting one for sr. Francisco José de Meirelles, innkeeper of Barroso, the *muddy* where we intended to night. In this country *recommendations*, as introductions are called, may often prove more valuable than bank-notes.

. . . . . .

He acompained us on horseback for a few miles, and I felt sad when taking leave of him.

We presented our letter to sr. Meirelles, who condescendingly bade us alight, otherwise we had remaiened in the saddle.

A *dirty pueturesque* mob of muleteers pressed to the door and eyed us as if we had come from one of the *foreign parts* which Virgil described.»

E mais adeante diz: «A happy inspiration induced me to call upon dr. Pierre Victor Renault of Sierck, vice-consul of France, homeopathic physician, professor of mathematics, geography and history at Barbacena.

He has spent thirty-four years in the Brazil, he knows by heart the bye e ways of Minas Geraes, especially about the Rivers Paracatú and Doce, and he has lived amongst and learned the languages of the wildest savagery. He once acted cashier to the Morro Velho Mine, ande between 1842 — 6 he assisted M. Halfeld in opening the coreh-road.

He has married a Brazilian wife, and all the notables in the place are his *gossips*. What more could be desired in a guide ?

Although somewhat invalided by the bivouac and the field, he kindly and cordially placed himself at our disposal, took his stick, and led us out to look at the city. »

. . . . . .

Ao capitão Richar F. Burton prestou o dr. Victor Renault importantes e minuciosas informações, auxiliou-o, encaminhou-o em suas explorações e estudos, conforme declaração do primeiro, nos seguintes trechos de sua obra :

« According to Dr. Renault, Martius has not yet named the Jacutupé. It is evidentley a legumen with papilionaceous flowers, creeping on the ground, with a root 4-5 decimetres long, by 1-2 in diameter.

The flower of blue-violet is followed by siliquæ, each containing 4-5 beans, resembling the *fève de marais* (Windsorbeans ?) These are very poisonous, killing animals in a short time. The toxic substance may be a new and especial alkaloid, or as it seems by analogy, perhaps Brucine.

Its tonic properties are supposed to be the result of a great disengagement of carbonic acid. The beans are planted in September and the roots are edible after six months: when taken up they cannot be kept long.

The well-rasped fecula makes excellent starch, and is used by the Brazilian house-wife for thickening soups and for making sweetmeats, wich muche resemble conserves of the cocoa-nut.

The Jacutupé flourishes most in light lands whare there is shade.

Dr. Renault tells me that this Helianthus tuberosus is also called « Artichaut de Canada » and Poire de terre: it belongs to the great family of Synantherea, order Radiacea, genus Helianthus. It has been often confounded with the sweet potato (Convolvus Batatas), as in both plants the tuberosities of the roots are mere swellings. Some derive it from Chili, others make it a native of the Brazil, where however it is little cultivated, and only in gardens. It is a hardy plant, which would thrive in Europe. Dr. Renault says that the root would be a blessing to the poor, and opines with the philosopher that a new dish is of more general importance to humanity than the discovery of a new star or planet. »

A 18 de outubro de 1892, falleceu em Barbacena o engenheiro dr. Victor Renault.

Os jornaes dessa epocha, infelizmente quasi todos perdidos, vieram repletos de noticias interessantes a seu respeito.

«Le Brésil», periodico francez, assim se exprimiu ao ter conhecimento de sua morte:

«Victor Renault. — Nous avons reçu la triste nouvelle du décés de M. le dr. Victor Renault, qui vient de mourir à Barbacena à l'âge de 82 ans.

M. Renault est très certainnement l'un de nos rares compatriotes qui, au Brésil, dans des temps déjà lointains, ont le plus contribué à faire connaitre la France, à répandre les produits de son industrie, à faire apprécier son genie, à divulguer ses idées.

Médecin homeopathe très-distingué, ancien ingénieur et directeur de mines, M. Victor Renault était depuis plus de trente ans vice-consul de France à Barbacena.

Il fut le premier explorateur des *rios* Doce, Paracatú, Mucury et et leurs affluents.

Ce fut lui aussi qui fit le plan et entreprit la construction de la première route carossable de Ouro Preto à Parahybuna, Rio Preto et Pessarão.

M. Renault est l'auter de beaucoup d'œuvres didactiques sur les mathématiques et sur la pédagogie.

Dans ses nombreux voyages, il étudiá la faune et la flore brésiliennes, les coutumes et le langage des divers peuplades sauvages, et il laisse un dictionnaire inédit.

Son nom est cité comme autorité par divers auteurs célèbres qui ont écrit sur le Brésil.

Sa descendence se compose de 79 personnes: 9 fils, 50 petit-fils, et 72 arrière petit fils.»

As transcripções que tenho feito me pareceram necessarias, para justificar o justo renome de que sempre gosou o dr. Victor Renault, de um homem de vastos conhecimentos nos dominios da sciencia e das lettras.

A noticia de sua morte echoou lugubremente no seio de seus compatriotas e na sua Patria natal, onde era vasto o circulo de amigos e parentes e onde já havia elle deixado rastos luminosos de proficiencia e illustração entre seus coetaneos da Escola de S. E'tienne, cujas aulas cursára e de onde sahira diplomado em engenharia civil.

O governo francez, por intermedio do seu consulado no Brasil, significou-lhe o testemunho do que affirmo, como se vê do seguinte officio:

«Consulat de France à Rio de Janeiro.— Aux descendants de Monsieur Victor Renault.

Je soussigné, consul gérant du Consulat de France à Rio de Janeiro, me fais un devoir d'exprimer aux enfants de Monsieur Victor Rénault, Vice-Consul Honoraire et agent consulaire de France à Barbacena, tout le regret que j'ai eu de la mort de leur père dont la longue vie restée sans tache a été consacrée par l'honorabilité la plus intacte. Sa mort a été considerée comme une grande perte pour toute la Colonie Française du Brésil et en ma qualité de gérant de ce consulat, je suis heureux de déclarer que dans ses fonctions d'agent consulaire de France à Barbacena, Monsieur Renault a toujours rempli fidélement les devoirs de sa charge à la satisfaction de ce consulat, donnant toujours des preuves de son attachement à la patrie Française et veillant avec zèle aux intérets de ses compatriotes.

Il me reste un regret, c'est que la mort inattendue de Mr. Renault n'ait pas permis au gouvernement Français de reconnaître, par une distinction spéciale, les services qu'il a rendus.— Mais j'autorise les descendants de Monsieur Renault à faire de ma déclaration l'usage qu'ils jugeront convenable pour la memoire de leur ancêtre.

Le Consul Gérant du Consulat de France.
F. Bernard. »

As citações feitas linhas atraz não me parecem ociosas : só ellas me conduziram á consecução do fim que tive em vista e me facilitaram a reconstrucção de alguns pontos deste trabalho, na carencia absoluta de dados que me pareciam indispensaveis.

O opusculo que ora atiro aos embates da publicidade, consegui-o depois de cinco annos de incessante labuta : colleccionando documentos esparsos em archivos de familia, procurando aqui e alli informações que se me antolhavam necessarias para o esclarecimento da verdade historica.

Para não o tornar demasiado longo, tive necessidade de supprimir alguns documentos que bem poderiam figurar neste trabalho. Entretanto, eu os entregarei ao Archivo Publico Mineiro.

Terminando, faço votos para que elle possa possa servir de estimulo a outros mais competentes.

Léon Renault.

Belló Horizonte, 1903.

1053

NOTICIA HISTORICA

1064

Achando-me presentemente n'esta Cidade, não devia deixar de cumprir com o grato dever de visitar e entreter-me diversas vezes, como o faz todo o viajante patriota e amante das couzas do nosso Paiz, com o illustre e muito digno cidadão francez D.r Victor Renault, ao qual tenho a honra e o prazer de me ligar tambem pelas mais gratas relações de amizade e parentesco, desde muitos annos mantidas.

N'estas uteis e proveitosas visitas e entretenimentos de uma conversação sempre alimentada pela vastidão de conhecimentos de que o Snr. D.r Renault é um verdadeiro e inexgotavel repositorio, vivo e de plena lucidez, muito me impressionou o espirito a certeza que tive de não existirem, talvez, publicados tão preciosos conhecimentos, e nem d'elles terem as necessarias informações, os homens competentes nas sciencias.

Entretanto, esses conhecimentos são variadissimos, especialmente os que são relativos a muitas couzas do nosso Estado de Minas Geraes, adquiridos pelo illustre Snr. D.r Renault, sobre os sertões do Mucury e as raças indigenas que occupavam essa região, quando por elle explorada em 1836.

Digo que talvez não existam publicados esses preciosos documentos relativos áquella exploração, e que nem todos os homens competentes estão ao facto d'elles, porque, si bem que o D.r Renault escrevesse um *relatorio*, ápos a sua volta d'aquelles sertões, elle fez entrega desse *relatorio* ao então Presidente da Provincia, não reservando copia para si; sendo certo tambem que o *relatorio* foi publicado, pelos *cuidados* de Theophilo Ottoni, no *Mercantil*, periodico do Rio de Janeiro, bem como no *Recreador-Mineiro*, que se publicava em Ouro-Preto; com tudo nem uma esperança se pode ter de que se encontre ainda o original daquelle relatorio, nem a collecção dos 2 jornaes que o publicaram.

Accresce, ainda, que num relatorio o Snr. D.r Renault estava adstricto a referir especialmente o que era relativo aos pontos sobre que estava incumbido de verificar nas regiões que foi explorar; entretanto quando na conversação intima com aquelle erudito explorador, ficámos scientes de muitos successos, minudencias e acontecimentos cheios do maior interesse para todos os brazileiros e para as sciencias, mas que nem sempre podem vir em um relatorio official nas condicções acima expostas, si bem que com isso nada perca de seu merito especial.

Da melhor vontade e da bondade proverbial do Snr. D.r Renault obtive a devida permissão para que no «Rio Novense» fossem publicados alguns factos, occurrencias e acontecimentos principaes da sua viagem áquelles sertões, até então inexplorados, factos, occurrencias e relações estas que não se achavam em seu relatorio, caso ainda exista nos Archivos da Provincia.

Já vêdes, Snr. Redactor, que ainda que tenhamos a felicidade de encontrar o manuscripto endereçado ao Governo pelo Snr. D.r Rénault, ou os jornaes que transcreveram o manuscripto, esta nossa publicação em nada desmerecerá por isso, e muito menos o referido relatorio, que será sempre um documento historico e ethnographico.

O Sñr. D.r Renault compoz tambem um «Diccionario» de grande numero de palavras e expressões dos indigenas do Mucury, manuscripto que se acha em meu poder, e que com a devida permissão de seu auctor será publicado neste — «Jornal» — si a isso me permittir a vossa consideração e o acolhimento que me haveis tantas vezes dispensado.

Cumpre-me, porém, desde já ponderar tambem que esse «Diccionario» é da maior importancia, attendendo-se que a lingua fallada pelos indigenas que habitam as margens do Mucury, não é nem a lingua Pury, nem a Tupy, mas inteiramente differente destas.

Por tudo isto que temos exposto se vê de quanto interesse e importancia é o assumpto de que tratamos, e é por isso que apezar de me faltarem os conhecimentos e competencia scientifica, mas sobrando-me bastante patriotismo e bôa vontade, não deixo de approveitar a occasião de colher estes valiosos dados e noticias, e pedir-vos a publicação em vosso Jornal, afim de que fiquem archivados e ao dispôr da sciencia e dos nossos compatriotas esses conhecimentos ha tantos annos adquiridos e com tantos labores pelo homem scientifico, probidoso e amante do nosso Paiz como o é o Sñr. D.r Renault.

Além d'isto considero este meu esforço como um pequeno incentivo para que outros mais habilitados procurem fazer mais ampla colheita em tão vasta e rica seára, se o proprio Auctor não fizer a publicação desta importante viagem.

O nosso illustre viajante, engenheiro francez, veio na sua mocidade para o Brazil, e á 26 de abril de 1836 foi encarregado pelo Regente

do Imperio (Diogo Antonio Feijó), sendo Presidente da Provincia de Minas Geraes José Cesario de Miranda Ribeiro, para fazer a exploração dos sertões do Mucury, descendo por esse rio até á sua foz, e dahi marginando a costa do oceano até á embocadura do Jequitinhonha, e subindo por este até ás nascentes em Minas Novas.

Levou comsigo 20 soldados das divisões de montanha, armados, municiados, a pé e conduzindo os comestiveis que era possivel, assim como algumas ferramentas para uso da caravana e presentes para serem distribuidos entre os indios botocudos, habitantes dos sertões banhados por esses rios.

O Snr. D.r Renault, começou a sua exploração descendo pelas cabeceiras do rio Mucury.

Foi no ribeirão das Americanas que nos tempos coloniaes foi encontrada uma —*agua-marinha*, — que sendo enviada a D. João V este presentou-a a Napoleão I.º, que della fez um copo.

No mesmo ribeirão foram encontradas muitas — Chrysolitas —.

Manifesta-se com um enthusiasmo verdadeiramente communicativo o Snr. D.r Renault quando se refere ás grandiosas e magnificas florestas virgens, que percorreu, povoadas de innumeros passaros e animaes quadrupedes de variadas especies, fórmas, côres e costumes; de innumeraveis madeiras preciosas, quer para construcção, tinturaria, medicina, marcenaria e outras industrias, quer pelas fructas, balsamos, flôres e aromas que exalavam.

N'alguns lugares mais baixos a matta tão espessa e emaranhada não permittia a entrada de quem quer que fosse sem ser a golpes de facão que abriam — PICADAS —; n'outros, tão limpa e desembaraçada que se poderia por ella andar a cavallo um dia inteiro, pisando sempre sobre verdadeiros tapetes de — POAIA —, que se alastrava por todo o sólo.

O ar que se respirava era o mais puro e saudavel oxygeno, impregnado dos deliciosos aromas balsamicos da floresta.

Ouvimol-o repetir varias vezes que até hoje tem saudades dos dias que passou por aquellas mattas virgens, ponderando-nos que as verdadeiras obras dignas de admiração são aquellas grandiosas obras inimitaveis da natureza, e não aquellas de que se orgulham os grandes architectos da humanidade.

Accrescia, ainda, áquillo tudo os festivos cantos dos passaros durante o dia, ou cheios de doce melancholia juncto ás vozes monotonas e tristonhas dos quadrupedes, ao pôr do Sol e ao anoitecer, assim como os brados e uivos ameaçadores das féras durante a escuridão da noite; mas depois o magnifico concerto da alvorada, entoado por todos aquelles milhares de seres, como um hymno de prazer pelo despontar do dia, e como que um accordo ingente e solemne de festiva saudação ao supremo Creador do Universo.

Tres tribus ou raças de indios eram as que existiam n'aquelles sertões: os — NAC-NANUKS —, os — GIPOROKAS —, e os — ARANÁS.

Todos estes indios eram muito selvagens, não construindo cabanas para se agasalharem e ignorando o uso dos mais rudimentares instrumentos de ferro.

Usavam de pedras muito duras, de forma oval, com as quaes batiam repetidas vezes e com força juncto ao lugar em que n'um tronco havia colmeia, e assim arrombando a cavidade do tronco punham a colmeia a descoberto na qual enfiavam e besuntavam uma porção de — embira — secca de — *embaúba* —, que assim empregnada de mel era chupada por quasi todos junctos e ao mesmo tempo.

Empregando semelhante processo para arrombarem a cavidade da arvore, mostravam o pouco ou nem um emprego que faziam, até dos machados de pedra, tão communs entre outros selvagens.

Demoravam-se em qualquer lugar emquanto ahi encontravam o que comer, mudando-se logo para um outro, em que ás vezes demoravam, apenas, um dia em cada parada, dormindo sempre pelo chão, junctos, promiscuamente homens, mulheres, velhos e creanças, sem mostrarem a minima idéa ou sentimento de pudor e andando todos completamente nús.

Era para elles motivo de grande admiração verem um passaro ou qualquer caça cahir ferida pelo chumbo, ao som do estrepito de uma arma de fogo, ao mesmo tempo que acompanhavam o espanto com grandes risadas, alarido e demonstrações de alegria.

Eram muito sensiveis ás offensas que se lhes fizesse, e uma vez despeitados ou irritados e offendidos, tornavam-se vingativos em excesso, de maneira que se tornava necessario evitar todo e qualquer motivo de desgostal-os ou offendel-os.

Para se saber até que ponto estes selvagens levam o espirito de vingança, contava-se que um delles tendo sido maltratado por um branco determinou vingar-se e poz-se por detraz de uma arvore á beira do caminho por onde havia de passar o seu inimigo e ahi se conservou tres dias (!) á espreita.

Conhecedor de taes instinctos o Sñr. D.r Renault sempre evitava desgostal-os ou evital-os, de sorte que estando em uma occasião tomando n'uma vasilha a sua refeição preparada mais ou menos á moda dos brancos, um dos indios de que se achava rodeado desejou tambem participar d'aquella iguaria e sem mais ceremonia alguma foi tomando a vasilha e tratando logo de comer o conteúdo muito commoda e socegadamente.

O Sn'r D.r Renault não se mostrou irritado, desculpou aquella acção propria de um selvagem e de um BARBARO que a ella não ligava a idéa de offensa.

Com a primeira vista dos exploradores os botocudos assustados, receiosos de sua vida, mulheres e filhos, ameaçados pela invasão de homens desconhecidos que elles julgavam inimigos, reuniam-se e atacavam, a caravana, com flechas e outras armas de que faziam uso, cercando o pequeno grupo de exploradores por todos os lados.

Com a pratica que tinham os soldados, conheciam, por indicios nas folhas das arvores e no chão por qualquer signal, a approximação de botocudos: e então todo cuidado estava em não se deixarem sorprehender pela retaguarda, pelo que formando logo um circulo, a caravana esperava o ataque dos indios, e como estes (pelo medo que tinham dos brancos, que julgavam bichos), só atacassem de longe, as flechas chegavam já com pouca força, e tornava-se facil desvial-as com a espingarda ou com um pão.

Desgraçado d'aquelle que é apanhado por uma flecha, pois sendo ellas farpadas, o unico meio de as extrahir era deitar o ferido no chão e com as duas mãos fazendo rodar a flecha dentro da ferida, até que se alargasse esta, porém rarissimas vezes póde escapar um ferido.

Mas um dos maiores cuidados do Chefe da caravana era evitar que os soldados fizessem fogo sobre os botocudos, porque era da maior conveniencia não os assustar com o estampido das armas de fogo e muito mais ainda que fossem feridos pelos projectis d'estas, nem de qualquer outra maneira; ao contrario o Sn'r D.r Renault tratava de faze-los chegar á falla por meio do — *lingua* — ou interpretes que havia entre os soldados, ou por elle proprio que já fallava alguma cousa da lingua dos botocudos.

O digno e humanitario Chefe da exploração, não só considerava estes selvagens, quando aggrediam, exercendo um direito natural de defesa do sólo de que eram os legitimos possuidores, como tambem era o seu fim fazer pazes com elles a bem da civilização dos mesmos selvagens, e do commercio da parte Norte da Provincia de Minas para o estabelecimento de um porto de mar aonde desaguasse o Mucury.

N'um desses ataques em que se viu envolvida a caravana mineira, no meio d'aquelles sertões, durou tres dias, em que cerca de 400 botocudos atacavam sempre, procurando todos os meios de trucidar os brancos.

Durante todas as peripecias que se deviam dar na lucta pela existencia, que dia e noite os soldados sustentavam contra a aggressão d'aquelles barbaros, o illustrado Chefe evitava, a todo transe, que se disparasse um só tiro: mas por fim um soldado já cançado e irritado por uma lucta que parecia não mais acabar, levou a arma ao hombro para fazer fogo sobre os selvagens.

Rapidamente o Sn'r D.r Renault, com a mão esquerda, abaixa-lhe o cano da arma, e com a direita apontando-lhe uma pistola no peito, lhe disse:— « *Si atiras nos indios, eu tambem te mato já* ».

Vê-se por aqui de quanta paciencia, de quanta habilidade, de quanta energia, humanidade e phylosophia era preciso revestir-se o Sn'r D.r Renault para levar ao termo a sua delicada e laboriosa tarefa.

Tive o prazer de ouvir algumas vezes do Sn'r D.r Renault, ao referir-nos esses factos, dizer cheio de contentamento e tranquilidade da alma que a consciencia não lhe accusava, por dar logar, uma só vez que fosse, a que se derramasse o sangue d'aquella pobre gente, que estava no seu direito, deffendendo o seu torrão natal.

Os botocudos do Mucury tambem eram antropophagos, o que era bem conhecido dos exploradores, os quaes, principalmente pelo temor das onças, tinham o cuidado de dormir trepados nas arvores, sempre que podiam faze-lo, excepto o Chefe que não tendo o habito de subir em arvores, deitava-se sempre sobre a relva humida e o chão frio, juncto ao tronco de alguma arvore que lhe offerecesse abrigo.

Desta maneira era raro poder dormir bem, e por vezes foi sorprehendido por selvagens que, com intenções sinistras, delle se approximavam.

Uma dessas vezes deveu a vida a um menino indigena que a elle se affeiçoára, e que, deitado juncto a seus pés, foi quem pressentiu a approximação do—*canibal*—e despertou o Sñr. Dr. Renault para que se precavesse.

Outra vez achava-se durante o dia em palestras rodeado de selvagens e em boa paz com elles: chamou para junto de si um menino botocudo que, apesar da timidez natural, chegou-se a elle, mas emquanto o Sr. Dr. Renault discutia com os outros, elle se entretinha em mirar muito a mão do mesmo Sr., pegando-a e a lambendo amiudadas vezes.

No momento em que os botocudos se desviaram um pouco, o pequeno pegou na mão do Chefe, pelo pulso e disse-lhe:

«—*Corta a sua mão aqui para mim comer ella*»—

Isto nada mais revelava do que os instinctos canibaes da horrorosa tribu, cujas creanças já estavam acostumadas a comer carne humana.

Os botocudos não punham duvida alguma em vender um filho, a troco de qualquer objecto trazido pelos brancos e que lhes conviesse.

O Chefe dos exploradores muito desejava obter um pequeno botocudo, para trazel-o comsigo á sociedade civilisada, e educal-o nos nossos costumes: por isso perguntou um dia a certa mãe indigena o que ella queria em troca de um dos seus filhos.

A botocuda respondeu que lhe dava o filho em troca de uma rapadura.

O negocio foi realisado, e cada um ficou de posse do objecto que lhes cabia em troca; isto em presença de outros selvagens que se retiraram logo com a india que vendera o filho.

Não decorreu muito tempo, porém, que a india não voltasse com os outros selvagens, dizendo que a rapadura já se havia acabado, e que por isso queria de novo receber e levar o filho comsigo.

Perante taes ideias de direito e de justiça, expostas por gente de tal catadura, não havia que recalcitrar, afim de não contrarial-os e evitar questões com elles; pelo que o menino foi novamente entregue á mãe que o reclamava, ficando desfeito o contracto sem algum conflicto prejudicial.

Apezar dos habitos de desconfiança, aggressão, vingança e de canibalismo de que eram possuidos estes selvagens, tinham tambem os mais bellos sentimentos, uma vez que fossem bem tratados e que não se contrariasse nunca as suas inclinações naturaes.

Desta maneira tornavam-se amigos dedicados, affeiçoando-se e servindo aos brancos, a ponto de mostrarem a maior gratidão possivel, com o sacrificio da propria vida.

O Sr. Dr. Renault, depois de effectuado o distrato com a india, com quem trocára um filho por uma rapadura, fez acquisição de um outro menino indigena, visto que a primeira transação havia-se annullado.

De volta ao centro da sociedade civilisada fez baptisar o menino, servindo-lhe de padrinho e dando-lhe o nome de Alonso.

Quem escreve estas linhas, sendo ainda menino, viu muitas vezes o joven indio em Barbacena, e com elle brincou tambem em companhia de outros meninos, appreciando sempre a brandura de caracter e a bondade de coração do pequeno Alonso, assim como a sua affeição e amor ao seu padrinho e bondoso tutor.

Esta affeição e dedicação ao seu bemfeitor chegou ao ponto de que, tendo o Sr. Dr. Renault de fazer uma viagem, o joven Alonso, queria por força acompanhal-o, sendo dissuadido disso por seu padrinho que lhe affirmava que voltaria em poucos dias. Alonso submetteu-se, mas não ficando contente dizia constantemente durante os dias daquella ausencia—*«Padrinho foi embora e não volta mais.»*

Possuido deste pezar e deste sentimento adoeceu e o encommodo tornou-se mortal, de maneira que quando o Sr. Dr. Renault chegou não poude mais salval-o, pois o seu protegido succumbiu ás dores da saudade intensa do seu unico amigo.

A caravana continuava sempre descendo pelo valle do Mucury, ora em canoas, ora por terra; tomava certos guias entre os indios, com quem já se haviam relacionado, mas não raro era desapparecerem esses guias, sem que dissessem cousa alguma; e quando isto succedia era necessario porem-se guarda os exploradores, usando de toda cautella e prudencia, porque aquellas fugas inesperadas

indicavam que estavam perto de uma tribu de indios inimigos crueis e antropophagos.

Os exploradores desciam o rio abaixo, quando ouviram um grito de rebate, partido de uma das margens, que dizia na lingua indigena: «— *Olha o bicho bravo que vae descendo o rio na casca de páu*». (1).

Poucos momentos depois eram assaltados por uma alluvião de flechas disparadas pelos selvagens.

Chegando ás cachoeiras do rio e abaixo dellas, encontraram a tribu dos indios—Mucuinis—, raça differente da dos botocudos que ficavam acima das cachoeiras e que não eram errantes ou nomades como aquelles outros.

Esses indios, além de terem os olhos obliquos como os Chinezes, tinham uma linguagem tambem differente da dos botocudos e muito semelhante em grande numero de palavras á Chineza.

Por exemplo:—As palavras—« *Tchone—pio*; *Tchone pek*—lenha, tição de fogo; *Tchini*— animal, carne—etc. etc.; palavras estas que correspondem, segundo a opinião do Sr. Dr. Renault, a outras identicas na lingua chineza e que representam as mesmas cousas.

Perguntando-se-lhes donde tinham vindo os seus antepassados, respondiam: «*Amôrôni!*» e accrescentavam: «*óh! óh! óh!* ...», pronunciando o—h— com aspiração guttural.

Na opinião do Snr. D.r Renault esses indios, si bem que descendendo da raça mongolica (como todos os demais da America), provêm muito directamente do ramo chinez, em vista da analogia de feições, de linguagem e da lenda do paiz longinquo de onde vieram os seus antepassados.

Parece que foi pela região abaixo das cachoeiras que os nossos viajantes já se achavam descalços, e os mantimentos que levaram ao começar a viagem, já de ha muito estavam consumidos.

A fome tambem houve de assalta-los no meio d'aquelles sertões, pois que passaram mais de 20 dias, não tendo outra cousa a comer senão os *rhizomas* de uma especie de *sanbambaia-assú* que, apenas, lhes forneciam alimentação fraca, constituida por alguma mucilagem e amido, insufficientes materias para dar força a quem vivia dia e noite em trabalho afanoso e cheio das maiores attribulações.

Em consequencia d'isso um dos soldados não poude resistir, e morreu de fome no centro d'aquelles invios sertões, onde foi sepultado por seus companheiros.

O Snr. D.r Renault, além de andar descalço e mal vestido, já tinha as pernas em feridas vivas, produzidas pelos espinhos de jape-

(1) O *bicho bravo*—eram os brancos e a—*casca de páo*—eram as canoas em que iam os exploradores.

canga, por varios cipós espinhosos e pelos cólmos cortantes de muitas *cyporaceas*.

Foi assim que chegaram á São José de Porto Alegre, povoação que fica na embocadura do rio Mucury, á sua margem esquerda, pertencente á Provincia da Bahia.

D'ahi seguiram as costas, marginando a Provincia da Bahia, e caminhando a pé pelas vasas de beira mar ou pela areia humida que havia n'estas costas.

O trajecto de S. José de Porto Alegre á embocadura do Jequitinhonha é de cerca de 45 a 50 leguas; e d'ahi o Snr. D.r Renault, tomando o curso e o valle d'esse rio, internou-se de novo n'aquellas matas, e seguindo sempre — rio ácima — achou-se novamente em Minas Novas (Estado de Minas), d'onde havia partido ha 15 mezes, tempo esse que durou a exploração.

Era tal o estado em que o Snr. D.r Renault chegou ao termo de sua viagem, que um amigo que d'elle se despedira quando partiu de Minas Novas para os sertões que ia explorar, lançou-se-lhe nos braços derramando lagrimas ao ve-lo descalço, roto macilento e em extrema magreza.

Julgamos que foi na sua volta da exploração do Mucury, que estando elle com o Snr. Moulevade, proprietario de uma fabrica de ferro em Itabyra, appresentou-se-lhes um sertanejo alto, barbado, de apparencia sympathica, pedindo-lhes para que examinassem e dessem a opinião sobre uma amostra de certo mineral que trazia do centro das mattas de Moribéca, na Provincia da Bahia.

O mineral foi examinado, e reconheceram ser uma rica galena argentifera.

O sertanejo informou-lhes que attrevessando o sertão de Moribeca, encontrou os restos de edificios de pedra, desmoronados, e as ruinas abafadas pela densa vegetação da matta, distinguindo-se caracteres desconhecidos em algumas pedras, reconhecendo vestigios de antiquissima mineração.

Estando tambem em Sabará, parece que antes de encetar a exploração, ahi appareceu o celebre naturalista dinamarquez D.r Lund que vinha encetar suas viagens e explorações scientificas em Minas, e que tão inesperados resultados iam dar ao mundo scientifico sobre os restos da fauna ante-deluviana existentes nas cavernas calcareas da Lagôa Santa e Rio das Velhas.

O Snr. D.r Renault, confraternisando-se logo com o seu joven e illustre collega deu-lhe uma carta de recommendação, para um seu amigo, indicando tambem, ao D.r Lund a gruta do Ribeirão Vermelho como uma das mais importantes da região do Rio das Velhas.

Dirigiu-se para Ouro Preto para dar contas da sua exploração e appresentar o competente Relatorio ao Desembargador Antonio da Costa Pinto, que era então o Presidente da Provincia.

Estavam explorados os sertões do Mucury e reconhecidas as suas incalculaveis riquezas, faltando, apenas, que fossem utilisadas racionalmente e sob o impulso das idéas que o Snr. D.r Renault appresentava, afim de se alcançar o approveitamento dos braços dos indios e o seu concurso a bem da lavoura, industria e commercio, cujo systema consistia em trata-los, sempre, amigavel, leal e fraternalmente.

Estas ideias eram muito judiciosas, muito humanitarias, de grande previdencia e muito racionaes.

Parece, porém, que não foi este o meio seguido na posterior colonisação da grandiosa região, pois as magnificas florestas do Mucury foram logo devastadas pelo machado e o fogo distruidor, reduzindo-se a cinzas, e sem grande proveito, toda aquella riqueza vegetal que a natureza empregou muitos seculos para crear.

As tribus indigenas do Mucury, que podiam ser attrahidas por meios brandos, civilisarem-se e se tornarem valiosos auxiliares dos colonos mineiros, declararam-se inimigas, porque si algum indio (desconhecendo o que é direito de propriedade), tirâva algumas espigas de milho de uma roça, era perseguido e caçado a chumbo, nascendo d'ahi as represalias e as vinganças crueis de que foram victimas muitos colonos.

Muitos são os dados que se poderão colher do Snr. D.r Renault, que me prestou sempre todas as informações que delle eu exigia ácerca das explorações feitas nos sertões da Provincia de Minas, onde as florestas e riquezas naturaes se appresentam pujantes e cheias de vida.

Fr.co Leopoldino de Araujo.

1075

RELATORIO APRESENTADO AO GOVERNO

1076

Relatorio da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos, feito por ordem do Ex.mo Governo de Minas Geraes pelo engenheiro Pedro Victor Renault, tendente a procurar um ponto para degredo

Ex.mo Snr. Antonio da Costa Pinto. — Mandado pelo Ex.mo Governo de Minas Geraes a explorar (1) as mattas comprehendidas pelos rios Mucury e Todos os Santos, onde o mesmo Governo tenciona estabele-

---

(1) Como disse de principio, muitas explorações se fizeram das brenhas do Mucury. Vou cital-as, não me referindo á que levou a effeito o coronel Honorio Esteves Ottoni, por já o ter feito nas primeiras paginas deste trabalho :

— A primeira dessas explorações, creio, foi a que levou a cabo Bento Lourenço, e á qual se encontrarão referencias diversas no correr do presente Relatorio.

Della, parece-me, não ficaram documentos que nos possam dar maiores esclarecimentos.

— Viagem ás villas de Caravellas, Viçosa, Porto-Alegre, de Mucury e aos rios Mucury e Peruhype, por Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, que com o dr. Caetano Vicente de Almeida (juiz de Direito da comarca de Caravellas) e o missionario apostolico Fr. Caetano Troina, e no intuito de cathechisar os indios e estabelecer uma colonia militar, empenharam-se na dura tarefa de penetrar aquelles incultos sertões.

— Pelos annos de 1815 a 1816 dois officiaes portuguezes (com um ouvidor) chegaram ás cachoeiras do Mucury, tendo-se delles perdido qualquer escripto sobre a viagem.

— 2 de Dezembro de 1808 — Em carta regia desta data ordena-se ao Governador de Espirito Santo que promova a navegação do Rio Doce e que procure (á força ou não) submetter os botocudos.

— 3 de Maio de 1808 — Aviso ao Governador da Capitania, louvando « o habil e valoroso João do Monte da Fonseca pelo feliz encontro com o gentio botucudo, em quem matára a muitos, aprisionara 13 e lhes tirára o immenso roubo que q' levavam. »

Nesse aviso se declara mais o fazer guerra offensiva, perseguindo-os.

— 25 de abril de 1882 — Contracta o Governo da provincia com o cidadão Arthur Ferreira Torres a collocação de uma barca no Jequitinhonha.

(Nota de L. R.)

cer uma colonia de degredados e vagabundos, sahi aos 22 de janeiro de 1836 da Imperial cidade de Ouro Preto dirigindo-me a Sabará, onde tinha os meus instrumentos: esperei nesse lugar o Snr. Amedée Lavaissière, por quem devia eu ser coadjuvado n'essa commissão.

Chegado este, sahimos de Sabará, indo por Minas Novas e passando pela Villa de Diamantina, e sem querer entrar em superfluas minudencias sobre uma estrada de ha muito conhecida, chegámos á Villa de Minas Novas aos 18 de Março do mesmo anno, um mez depois da nossa sahida de Sabará.

Remetti no mesmo dia ao Presidente da Camara da dita Villa o officio do Ex.mo Governo, em que mandava que a mesma Camara coadjuvasse com todos os meios ao seu alcance a uma empreza de que devia resultar tão innumeros resultados a esta Comarca e á Provincia, em geral: mas direi a V. Ex.ia com muita magua, é tão lastimavel a posição dos *Minanorenses* e portanto de sua Camara, que não existia no cofre dinheiro sufficiente para pagar alguns — *proprios* — que a Camara tinha precisão de mandar.

A villa de Minas Novas, situada a 17.° 37' e 3" de latitude e a 40° e 20' de longitude, foi outr'ora a metropole do commercio d'esta Provincia com a da Bahia, para onde transportava annualmente um sem numero de fardos de algodão, exportação esta que não só bastava para as necessidades publicas da Provincia, que infelizmente como as outras do Imperio, não usava senão de fabricas ultramarinas, como permittia tambem a muitas pessoas ajuntar consideraveis fortunas, que ainda existem em algumas mãos.

Porém o systema arruinado de agricultura, usado em umas terras tão favorecidas sobre diversos pontos, tem cançado as mesmas de tal sorte que hoje não produzem senão *carrascos*, debaixo dos quaes raros animaes, que por acaso resistiram a tão desastrosa peste, procuram algum alimento, que com difficuldade encontram; e o que é mais ainda a perda, por muitos annos, em Minas Novas, das sementes que produzem o algodão.

Algumas minas exploradas, tambem, no mesmo tempo, accrescentariam ainda a felicidade dessa Comarca, porém, trabalhadas a talho aberto, entupiram-se e ficou de menos aos *Minanorenses* a esperança de verem-se levantar o seu paiz, por minas de ouro, que na verdade são todas de quartzo, o que augmenta ainda a inconstancia que geralmente caracterisa esse genero de riqueza.

Encontrei, finalmente, pedras preciosas a saber: crysolithas, aguas marinhas (do numero das quaes foi a tão afamada pedra de 16 libras que foi offerecida á Sua Magestade Dom João VI pelo seu descobridor) que serviam para augmentar um futuro não remoto á felicidade de Minas Novas.

Mas os botocudos Jiporocas, que com muito custo se haviam afugentado, e não se vendo sem pouca magua despojados de suas terras, fizeram um ultimo esforço e continuaram independentes a percorrer as suas vastissimas possessões.

A sua presença e as suas atrocidades horrorisam de tal maneira a alguns emprehendedores que essas riquezas poderiam procurar, que nenhum d'elles se atreve a ir sacrificar a sua existencia.

Presentemente os *Minanorenses* vivem sobre si mesmos e do que conseguiram ajunctar em tempos mais felizes.

Foi este o estado de pobreza em que achei Minas Novas, não lhe ficando para remedio á sua decadencia senão uma communicação mais immediata com o littoral do Oceano e ainda a cultura de fertilissimas mattas; portanto ocioso seria pintar a V. Ex.ª o enthusiasmo com que os Minanovenses me receberam, fazendo mil votos afim de que eu desenvolvesse n'essa empreza toda a coragem, constancia e patriotismo que me poderia sugerir a minha patria adoptiva.

Apezar da penuria que já expuz a V. Ex.ª, muitos fazendeiros, vendo que por meio d'essa empreza podiam se livrar dos indios, fizeram uma subscripção que subiu a 117$000, quantia esta destinada á abertura de uma estrada, diminuindo assim a despeza do governo.

Dirigi-me tambem ao Tenente-Coronel Francisco Innocencio de Miranda Ribeiro, encarregado pelo Ex.mo Governo, não só para dirigir a Commissão com os seus conselhos, mas tambem auxilia-la com dinheiro, tendo-se mandado uma lettra de 1:000$000 que para esse fim foi destinada.

Esse digno e honrado militar prestou-se com todo o patriotismo e desvelo de que é dotado e de que já tem dado exhuberantes provas, tendo, o mesmo Snr., dado todas as providencias necessarias afim de que nada faltasse durante aquella viagem.

Estavamos promptos a principiar a nossa deligencia, não esperando senão a chegada dos soldados das divisões que por 2 vezes foram expedidos do Quartel Geral, precedidas de dez praças cada uma.

Tendo eu recebido, conforme determinação do Ex.mo Governo, a quantia de 200$000 destinada á compra de brindes para os Botocudos, encarreguei ao Cidadão José Antonio Coelho de m'os comprar.

Chegados os soldados das divisões, sahimos, de Minas Novas a 25 de Abril, com grande receio dos habitantes de que pagassemos o dizimo ás mattas do Rio Mucury.

Seguimos sempre a direcção léste indo para a Fazenda da Conceição, da qual é possuidor o Snr. Antonio José Coelho, fazendeiro rico, de cento e tantos captivos, que sendo morador das encostas das mattas, tem soffrido immensos prejuizos causados pelos Botocudos—Nak-nanuks, que de vez em quando lhe fazem visitas sempre hostis

e perigosas, matando-lhe o gado e destroçando as suas plantações. (1)

E' na esperança de se vêr livre de semelhantes visinhos que esse Fazendeiro fez os maiores sacrificios, e ultimamente prometteu fazer (pelo Ex.mo Governo) uma estrada transitavel para os animaes—*carguciros*—até ao Rio Mucury.

Chegados n'esta Fazenda da Concecição aos 28 do mesmo mez de Abril, esperavamos contemplar d'esde então aquellas tão antigas e magestosas florestas; foi-nos, porém, necessario ainda pôr um termo á nossa impaciencia, porque tendo o Cidadão Antonio José Coelho aberto um espaço de caminho, seguindo os antigos vestigios de Bento Lourenço, que ahi penetrou no anno de 1816, que foi impedida pela apparição de fumaça que se presumia ser dos Botocudos Jiporocas (cujo nome só basta para horrorisar não somente aos habitantes civilizados, como tambem aos seus proprios visinhos—os Nak-nanuks) voltou e tomou outra direcção, abrindo uma estrada tendente a procurar as cabeceiras do mesmo rio na distancia de 12 leguas.

Depois de feita esta, pudemos emfim preencher os nossos desejos fazendo a nossa entrada por esse caminho aos 9 de Maio, acompanhados: pelo Capitão Antonio Gomes Leal, seu filho, um interprete e soldados das divisões, seguindo a direcção de léste-sudéste, sem ter tido nada de extraordinario a notar n'esta travessia, a não ser mattas ordinarias, pertencentes ao rio Setuval.

Chegados a esse ponto, onde acabava a estrada, fizemos um quartel, distante 1/2 legua das cabeceiras do Mucury, afim de podermos verificar si os arredores preenchiam as vistas do Governo, e por isso subi a uma alta pedra de formação granitica, podendo alcançar até uma distancia assaz consideravel para me convencer de que não podia ser este o logar adoptado; resolvemos, então, a acompanhar o curso do rio Mucury até encontrar a travessia da antiga estrada de Bento Lourenço.

N'este ponto achei reunidos para mais de 300 Botocudos (entre homens, mulheres e creanças), da nação dos Nak-nanuks que, sendo mansos muitos delles tinham sido chamados pelo seu *capitão* — que hoje se entrega ao trabalho e vive muito amigo dos brazileiros, achando-se ao serviço na casa de Antonio Gomes Leal; e outros, —bravos—ainda, acompanhavam estes ultimos afim de partilharem dos brindes que eu fazia aos Botocudos mansos.

Os Nak-nanuks, cuja etymologia na sua linguagem quer dizer—*habitantes da serra*, (por ser com effeito verdade, visto como habi-

---

(1) O temor das hostilidades dos gentios era a unica causa de não serem habitadas e cultivadas as terras que se estendem além do rio Mucury. (N. de L. R.)

tam as serranias que devidem as aguas dos rios Mucury e Gequitinhonha) fazem parte da grande e numerosa nação dos Botocudos, que chegados áquellas paragens ha 50 annos, mais ou menos, das partes (deve se suppôr do Norte) em numero immenso (apezar de todos os esforços que fiz para saber dos mais velhos de onde vieram e que marcha haviam seguido, nunca me souberam dizer) parece-me terem vindo da Asia, pelo estreito de Bhering quando o mar ainda não havia creado a passagem descoberta pelo celebre navegante que lhe traz o nome.

Atacavam, em diversos pontos e debaixo de differentes nomes, os antigos habitantes das mattas regadas pelos rios Doce, São Matheus, Mucury e Gequitinhonha; obrigaram, depois de ataques sanguinolentos, a nação dos indios, tambem dividida em grupos de differentes nomes, a se entregar á civilisação, resistindo, apenas, a este ataque geral os indios puris—, que ficaram nas suas possessões.

A sua linguagem, muito aspirada, tem uma semelhança extraordinaria com a chineza, como se poderá facilmente reconhecer por um *vocabulario* que tirei: o seu semblante é bem parecido com o dos chinezes, seus cabellos pretos, lisos e duros; têm pouca ou mesmo nenhuma barba (supponho que a arrancam).

Elles julgam homens corajosos aquelles que têm muita barba e crescida, por isso só os seus capitães deixam crescer a barba (no queixo) para tornar patente o seu grande animo.

São de estatura alta, constituição forte e genio extraordinariamente vingativo e independente.

Este caracter moral da maneira por que são creados, pois tendo eu visto um filho que por ter sido castigado por seu pae (sem duvida por tel-o merecido) batera em seu proprio pae auxiliado por sua mãe, que lhe ensinou por esta conducta que nunca se devia deixar impune qualquer offensa.

O pae, com effeito, prestou-se ao castigo e provou com gritos e fingidas lagrimas que reconhecia a sua culpa.

As idéas religiosas são poucas ou nenhumas; apenas elles suppoêm a existencia de um — *ente supremo* — que chamam em sua linguagem — *Krenhouh Jissa Kijú* — (1) (Chefe grande), mas não lhe

---

(1) A respeito dos sentimentos religiosos dessa raça, nada de positivo se pode affirmar, attenta a discordancia profunda em que se encontram os diversos exploradores dessas paragens.

Na opinião de Hermenegildo Barbosa de Almeida, os aborigenes das regiões incultas das margens do rio Mucury conhecem o sentimento de religiosidade e acreditam num ente supremo a que chamam TUPAN.

Segundo o mesmo viajante, elles possuem a palavra CHRENTONE, que significa christão.

rendem culto absolutamente algum; pelo contrario quando troveja, suppondo (pelo seu caracter já descripto) que não se pode aplacar a ira senão pelo medo, lançam flechas ao ar, com muitos gritos e dizendo: — *Krenhouh Jissa Kijú jak jemes* (que o *chefe grande está bravo*) e que precisam amansa-lo ou o atemorisar.

São nomades, isto é, nunca residem no mesmo logar, e arrancham aonde com mais facilidade podem encontrar caça; são antropophagos e gostam principalmente de negros, que chamam — *Ankorá* — (macaco do chão), porém nunca deixam de passar a carne ao calor do fogo: comem algumas raizes, e entre ellas a—*caratinga*—; tambem comem cipós, que contêm fecula assaz abundante e agradavel.

Quanto ao mais ignoram inteiramente o uso de plantas medicinaes e somente os vi usar de um—*remedio*—que consiste em encher

---

O dr. Renault, ao contrario, diz que elles apenas suppõem a existencia de um *ente supremo*, que chamam em sua linguagem — KRENHOUH JISSA KIJÚ (chefe grande), mas ao qual não rendem culto algum.

Mas «o selvagem brasileiro não tinha, nem podia ter, uma divindade superior, como essa que muito depois do descobrimento lhe attribuiram. Seria um facto unico em toda a ethnologia e estudos das manifestações do sentimento religioso no homem.

Os primeiros escriptores que o descreveram em plena natureza, e em toda sua pureza primitiva, Claudio de Abeville, Andre Thevet, Lery, Montoya, Gabriel Soares, Haus Staden, Anchieta, Nobrega, Cardim, todos formalmente lhe contestam a crença na existencia de Deus.

E quando a affirmassem, devia-se crer antes num defeito de observação que em tal existencia, pois ella se acharia em contradição flagrante com quanto se sabe de todos os povos em egual periodo de civilização.

TUPAN é uma creação européa, dos primeiros christãos que com elles tiveram contacto e systematizada pelos jesuitas. TUPÁ era o trovão, o raio manifestados na trovoada, que como a todos os povos na infancia os aterrorisava. Naturalmente, como em todos os povos, a começar pelos aryas, succedeu, viram nesse phenomeno, que muitas vezes causava a morte e o incendio, uma personalidade, uma vontade, uma potencia, como viram em mil outros phenomenos. Mas foram, certamente, os europeus, os seus cathequistas quem, conforme com a velha e primitiva concepção theologica, que fez das raizes que nas linguas aryanas primitivas, como em todas as linguas, significam o céu, brilhar, reluzir, o brilhante, scintillar, o vocabulo de Deus, identificou para elles o trovão com uma divindade superior e dominadora, que elles absolutamente não podiam conceber.»

Mas para o dr. Renault essa entidade *superior* não era *dominadora*, pois os indigenas procuravam atemorizal-a com gritos e vozerias.

Entretanto, a solução desta questão interessante fica ao estudo dos competentes.

(N. de L. R.)

de cynza ou terra qualquer ferida que tenham, por mais profunda que seja.

São muito achacados a dôr de olhos.

Vivem em constantes combates com os seus visinhos: as suas flechas são hervadas com o—neurú—; vivem até muito adiantada idade, e um d'elles me pareceu ter para cima de cento e cincoenta annos!.

Abrimos uma picada, por entre brejos e pantanos, em uma distancia de dez legoas, onde encontramos vestigios do caminho seguido por Bento Lourenço: o nosso mantimento ia carregado nas costas dos soldados porém tendo nós encontrado outros Botocudos (da mesma tribu dos Naknanuks) mais bravos ainda e aos quaes nos foi necessario distribuir viveres para grangear a sua amizade, fomos obrigados a nos estabelecer nas margens do rio Mucury e ahi fazer um—*quartel*—, pois o mantimento que tinhamos calculado poder durar dous mezes, já estava quasi acabado.

A picada que haviamos seguido era intransitavel para os animais cargueiros e distava doze leguas da Fazenda mais proxima.

Resolvemos dar promptos remedios aos nossos males, abrindo, do ponto em que nos achavamos, uma estrada que fosse encontrar a que Antonio José Coelho havia abandonado por causa dos Jiporokas.

Portanto aos soldados que dirigiamos, demos para esse fim todo mantimento que nos ficava, afim de que abriviassem um trabalho tão necessario; mas fomos illudidos, não indo nós mesmos assistir o trabalho (para que não augmentasse o gasto do pouco mantimento que havia, e assaz necessario aos trabalhadores): assim, sem mantimento algum, em um lugar distante 22 leguas da primeira Fazenda, cercados de Botocudos (que muito embora tivessem relações comnosco, não deixavam de mostrar caracter hostil bastantemente accentuado), vivendo, como elles, de cipós e cocos de brejauba, sem apparecer caça alguma, afugentada ou destruida por tão extraordinario numero de pessôas, entregues a uma cruel fome, que conta, no meio de suas victimas, um velho soldado das divisões: luctando todos os dias com o desejo de desempenhar a importante commissão de que fomos incumbidos e pensando na deshonra que nos acompanharia por uma vergonhosa retirada, e ainda os sentimentos de humanidade, que me suggeria ao vêr os males de meus companheiros, desconfiado, ainda, de que os soldados que mandára abrir a estrada, haviam succumbido ás flechas dos Jiporokas, que já tinham feito recuar Antonio José Coelho, resolvi a me sacrificar ou soccorrer os meus companheiros; e 15 dias depois da sua partida, puz-me em marcha, acompanhado pelo capitão Antonio Gomes Leal, seu filho e mais dois soldados, tendo deixado o Snr. Amedée Lavaissière com

seis soldados, duas ordenanças e alguns botocudos mansos que ja se achavam ao nosso serviço.

Promettemos-lhe breve soccorro; e no 5.º dia depois de tão penosa viagem, privados do sustento necessario, tivemos a felicidade de encontrar um dos filhos do Capitão Antonio Gomes Leal que vinham soccorrer os soldados que eu havia mandado.

Pedi-lhes que fossem com brevidade prestar soccorros ao quartel do Mucury, e eu, seguindo a minha viagem, acompanhado por dous soldados, tratei de abreviar a conclusão da estrada.

No dia seguinte ao da minha chegada na Fazenda da Conceição, voltando para o quartel do Mucury, com as ferramentas necessarias e os soldados da divisão, que se achavam na referida Fazenda, abri cinco leguas de estrada, n'esta parte, em quanto que o Capitão Antonio Gomes Leal abriu em outro ponto, igual distancia até nos encontrarmos, tendo eu feito pontes em todos os ribeirões, indo chegar justamente á margem do Mucury, onde estava estabelecido o Quartel, communicando-o com a outra margem do rio por meio de uma ponte que fiz construir sobre elle.

Foi na occasião em que estava abrindo esta estrada que tive occasião de fazer experiencia de uma fructa que tem toda a semelhança com a — *noz moscada* — da India, e que eu suppunha, por essa razão, ter identicas propriedades; e sentindo-me com uma febre bastante forte, cansado, soffrendo um inverno rigoroso, fiz d'ella bebida que me foi tão favoravel e proveitosa que fiquei immediatamente alliviado do encommodo.

Algumas d'essas fructas se acham commigo, que poderei mostrar si assim o determinar V. Ex.ª.

Tambem n'esta mesma occasião, experimentei uma canella que não é bôa como a da India, mas que cultivada será em tudo igual a ella.

As diversas quinas conhecidas no Brazil, existem ahi em abundancia, e devo principalmente notar uma de casca fina, vermelha e que compete em tudo com a do Perú, devendo-se observar que o effeito febrifugo d'aquella é devido á *chincoina* em quanto que o effeito desta é devido á *quinina*.

O *sassafraz*, por ser muito conhecido no Brazil o seu effeito, e existir em tamanha abundancia n'aquelles sertões, não merece senão uma simples referencia.

A *congonha* — encontra-se tambem, a cada passo, de differentes qualidades e todas bôas.

Até ao ponto em que estava feita a estrada, abandonada por Antonio José Coelho, as terras ainda são vertentes do Jequitinhenha, porém deste ponto para deante começam as vertentes do Mucury, e mudam-se completamente as mattas, que desde logo tomam outro aspecto.

A' vista destas mattas tão vastas, gigantescas, bellas e ricas regadas por tão abundantes rios: á vista desses magestosos arvoredos, cujas frondosas copas impediam a penetração do Sol até as humildes plantas que rastejavam no chão: á vista d'esses enormes cipós que se estendiam de uma a outra arvore e assim pareciam liga-las para resistirem á impetuosidade dos ventos: á vista d'esses outros mais finos que humildemente se serviam dos troncos das arvores como amparo á sua ephemera duração; á vista de tudo isso, a minha imaginação me representou o emblema da sociedade, prescrevendo-me as regras que a devem reger.

Emquanto estava fezendo a ponte, no Mucury, para passar os animaes cargueiros, o sr. Amedée Lavaissière, continuava a estrada que se dirigia a Todos-os-Santos, e ahi chegamos todos aos 2 de agosto, (terça-feira) seis dias depois de sahir do rio Mucury, onde havia deixado a ordenança Fagundes com alguns outros soldados das divisões que deviam me aguardar n'esse ponto.

A estrada que vae até Todos-os-Santos (chamado na linguagem dos Botocudos Tenta-hó) dista 20 leguas do rio Mucury.

Esse rio já foi visitado pelo Coronel Bento Lourenço e algumas *bandeiras* que alli tinhão chegado e voltaram impedidos pelos Botucudos que lhes mataram tres ou quatro companheiros.

Esse logar tinha adquirido fama das mais extraordinarias riquezas possiveis, a saber: diamantes, esmeraldas, aguas marinhas, e crysolithas, que disputavam ao afamado rio a honra e o previlegio de serem arrastadas, no seo leito, pelas suas aguas correntes, que se iam junctar ás do Mucury de que é tributario.

Mas estudando a constituição geologica do logar e todos os indicios que me pudessem denunciar a presença de tão appreciaveis mineraes tive o desengano dessas suppostas riquezas, e reconheci que as aguas d'aquelles rios não carregam senão os despojos das ricas florestas que regam.

Em quanto eu me occupava n'estas difficeis investigações que foram sem proveito, o sr. Amedée Lavaissière foi visitar a serra chamada das Ametistas por suppo-la composta de pedras do mesmo nome e que se achava a 2 leguas de distancia do Quartel de Todos-os-Santos, não podendo eu, pelas amostras que me trouxe o mesmo sr., provar a supposta existencia de *ametista* n'aquella formação de accumuladas materias mineraes.

Aos 7 de Agosto chegou o soldado Innocencio, sendo portador de um officio de V. Ex.ª communicando-me os desejos que tinha de ver explorado o rio Mucury até á sua foz, ou embocadura no Oceano Atlantico.

Depois de sua volta da serra das Ametistas, dispoz-se o sr. Amedée ir á Fazenda da Conceição providenciar alguma cousa necessaria

para a viagem, ficando a meu cargo toda a triangulação do logar destinado ao degredo e exploração (por terra) do rio Todos-os-Santos.

Portanto aos 8 do mesmo mez de Agosto, o sr. Amedée partiu com destino á fazenda da Conceição, e logo no dia seguinte comecei a exploração do rio Todos-os-Santos, que corre com enorme differença de nivel, atravessando grandes rochedos, que produzem n'elle immensas cachoeiras; as aguas que correm em seu leito são em pequena quantidade, tornando a sua navegação custosa.

Na distancia de doze leguas até a sua barra, correm vinte quatro corregos dos quaes sómente cinco d'elles conservam a agua no tempo da secca; não obstante esta falta no tempo da secca, podem industriosos colonos se utilizar de suas ricas mattas.

Durante essas digressões não encontrei os Jiporocas apezar dos esforços que fiz para chama-los á cathequização, si bem que tivesse encontrado frescos vestigios que testemunhavam a sua incontestavel presença.

Todas essas explorações estavam sendo feitas com a bussola na mão tomando todas as voltas do caminho pelas diversas direcções que tomava a agulha magnetica, e regulando com o relogio a distancia percorrida.

Este methodo, que não é de exactidão mathematica, não merece o nome de topographico, mas sim o de reconhecimento de terreno; outro meio é porém, impraticavel até hoje n'essas matas tão sombrias.

Os dous pontos necessarios do mappa são exactamente conhecidos, sendo cada um delles determinado pela sua Latitude e Longitude.

Emquanto eu explorava o rio Todos-os-Santos os soldados das divisões estavam empenhados na construcção das canoas que nos deviam conduzir até o Oceano, e logo depois do meu regresso fui medir o logar destinado ao dicto degredo, e que se acha distante 4 legoas do rio Todos-os-Santos, nas serranias que dividem as aguas do Mucury e Todos-os-Santos, tendo subido ao cume da serra afim de poder fazer a medição.

A natureza já havia destinado este logar para semelhante empresa.

Grande numero de serranias quasi inaccessiveis ao homem cerca este reducto em uma distancia de duas legoas sobre meia de largura; dous ribeirões que nunca seccam, e mattas fertilissimas o cobrem, não existindo senão duas entradas e uma bocaina por onde passa o ribeirão.

Assim com certas obras que poderão ficar em 25:000$000, ahi poderão ser guardados e seguros os criminosos que forem remettidos, sem jamais poderem conservar esperança de se evadirem; e se tal acontecesse teriam uma matta de 40 legoas a atravessar até chegar

á primeira Fazenda, e não lhes deixando armas de qualidade alguma como tambem mantimento á sua disposição, parece muito custoso poderem se evadir.

A colonia ahi estabellecida, estará limitada de uma parte pelo rio Mucury, da outra pelo rio Todos-os-Santos, fazendo um triangulo isoceles de 20 leguas de um lado, 12 de base e 10 de altura, appresentando por tanto uma area de 120 leguas.

Os criminosos principaes fiariam circumscriptos a uma area fechada trabalhando a terra durante o dia, e sendo recolhidos a noite.

E em logar dessa ociosidade que se entregam os criminosos recolhidos nas cadeias publicas, ver-se-hiam obrigados a trabalhar, e talvez que lhes voltasse o amôr ao trabalho e por essa obrigada applicação (esquecendo os vicios acoimados em seus corações) tornassem a ser uteis á sociedade e a si mesmos.

Para este fim deverá ser formado um quartel de divisão composto de 80 praças, repartidas em diversos destacamentos, conforme exigirem as circumstancias.

Acho aqui occasião de falar no *gonum* que alguns chamam *azogue vegetal* ou tambem Anna Pinta, e que se acha em grande abundancia n'essas paragens.

O seu effeito em muitas enfermidades é assáz conhecido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Merece maior attenção (por não ser conhecida) uma fructa cujo oleo extrahido tem a propriedade de combater as mais pertinazes empigens.

Algumas dessas fructas acham-se em meu poder, e farei a este respeito o que determinar V. Exc.ia

Encontrei tambem outra fructa que sendo cultivada poderá ficar uma das melhores que temos e que os Botocudos chamam de *Kupanja*.

A ipecacuanha (ponia) impede pela sua abundancia o progresso de muitas outras plantas que nascem nesses logares.

Havendo finalmente terminado a medição do degredo voltei para o quartel de Todos-os-Santos onde achei tudo prompto para a viagem, esperando apenas para me embarcar pela presença do sr. Amedée; e receando ao mesmo tempo embarcar só com os soldados, e descer o rio ainda intransitavel, por não ser ainda navegado, esperei 6 dias, vivendo no meio da matta, unicamente com dez soldados, quatro botocudos mansos, um —*lingua*— e o meu camarada.

A estação pluviosa que já estava adeantada, e que ia tornar impossivel a navegação do Mucury; o grande empenho e desejo que eu tinha de levar a effeito a empresa começada, resolveram-me a embarcar aos 13 de Septembro com 7 soldados, 4 Botocudos, um—*lingua*— e o camarada tendo enviado os outros para se ajuntarem aos que se achavam no quartel do Mucury, onde de ante mão tinha dado pro-

videncias para que no meu regresso encontrasse os mantimentos necessarios.

A este respeito officiei a V. Ex.ª aos 10 de Septembro, relatando igualmente o que havia até então occorrido.

Esperei neste logar o sr. Amedée, e tinham já decorridos 36 dias sem delle ter noticia alguma.

A ordenança Lourenço achando-se doente não me poude acompanhar e voltou para a Fazenda da Conceição.

Embarcando-me finalmente aos 13 de Septembro de 1836, encontrei trez dias depois (16) a barra do rio Todos os Santos no Mucury

O rio Mucury até encontrar o rio Preto, que desagua n'elle, na parte norte, é largo e magestoso; para baixo do Rio Preto encontra-se o primeiro cordão de serranias, sobre as quaes elle faz grande numero de cataipadas e travessões, que apezar da muita correnteza não offerecem nem difficuldades, nem perigos aos navegantes, podendo asseverar a V. Ex.ª, que sómente tres vezes tivemos de conduzir as cargas na distancia de 40 a 50 passos apenas.

No 7.º dia de viagem, logo para baixo do Rio Preto, tive o primeiro encontro com os botocudos selvagens (da nação dos Jiporocas) em numero de 25 arcos; pouco mais ou menos 80 pessôas.

Não pressentiram elles a nossa chegada por causa das muitas precauções que tomei, ordenando sempre que não dessem tiros, nem gritassem, pois não desejava encontral-os com tão pouca gente (da minha parte), e tão minguados soccorros; e graças a essas precauções, escapamos milagrosamente de diversos ataques a que talvez não resistissemos com facilidade.

Impedidos, pela violencia com que desciamos, de nos lançarem flechas, avisaram com gritos estrondosos, aos seus companheiros que iamos rio-ábaixo.

Mandei então parar as canôas no meio do rio, e por meio do — *lingua* — que commigo levava, e depois de ahi permanecermos até á noite resolveram chegar a falla.

Reparti entre elles algumas ferramentas, que para esse fim levava, e pelo que pude colligir, elles nunca tinham conhecido pessôa alguma civilizada, não vendo nas suas possessões cousa alguma por que pudesse descobrir indicios do uso de ferramentas, como tambem lhes eram desconhecidos os mais usuaes viveres usados pelos habitantes da Provincia.

Passei a noite no meio d'elles, e já adormecendo, quando sahirão

---

(1) O rio Preto é confluente do Mucury e nelle (segundo tradições) existe grande abundancia de minerios.

(N. de L. R.)

todos com as flechas mettidas nos arcos, cercando-nos e tomando a sahida das canôas.

Dei immediatamente ordem aos soldados para que tivessem promptas as armas, caso fosse necessario usar d'ellas.

Conhecedor dos seus instinctos, sabendo que não nos faziam mal sinão por trahição, tinha certeza de que nada nos faziam si vissem qualquer pessôa accordada.

Suponho que o projecto d'elles, apezar de apparente amizade que nos testemunhavam, era o de nos tirar a vida, apoderando-se do que existia nas canôas.

Embarquei-me no dia seguinte bem cedo e já com a noticia de outra tribu que se achava *rio-abaixo*.

No 8.º dia de nossa viagem, tivemos a infelicidade de ver-se submergir a canôa que levava o mantimento, vivendo nós, até chegarmos ao Oceano, de pouca farinha, que se havia salvo, sem nos podermos utilizar da caça que apparecia para não dar a conhecer aos selvagens a nossa presença por aquellas paragens.

Todos os objectos conduzidos na canôa, tanto pertencentes ao Governo como aos soldados, perderam-se.

Tres dias depois tive um segundo ataque de outra tribu que se achava logo ábaixo da ultima cachoeira: esses nos haviam pressentido, e por isso, fazendo emboscada, já nos esperavam na entrada de um boqueirão, onde o rio muito diminuto em largura, permittia-lhes esconderem-se atraz das pedras que ahi se achavam.

Chegados á entrada do boqueirão, que não nos permittia mais voltar (caso entrassemos), e já arriscados pelos vestigios que appareciam, e avistando uma fumaça na parte Norte do rio, mandei embicar a canôa na parte contraria, e ainda não tinhamos desembarcado, quando um numero consideravel de flechas lançadas de distancia muito proxima nos mostrou o eminente perigo, mas protegidos pelos troncos das arvores, aonde nos abaixavamos mandei-lhes dirigir a palavra, convencendo-lhes de que não era nosso intento fazer-lhes mal algum e que pelo contrario lhes traziamos instrumentos mais faceis e mais violentos dos que usavam.

Nada aplacava a ira que lhes causou a nossa presença.

Cada flecha era novo trabalho para mim que já não podia conter os soldados que anhelavam responder com tiros.

Perdidos seriam para sempre, os nossos trabalhos, e para sempre fechadas essas mattas ao elemento civilisador, si dessem algum tiro, porque instigados pelo caracter moral de que já fiz mensão, principiariam uma guerrilha interminavel, como si vê ainda nos botocudos do rio Doce que quasi sempre atacam os passageiros si bem que entregues á civilização.

Vendo assim, que nem as promessas, nem outros meios faziam demover-lhes a ira, usei de um estrategema que satisfez cabal os meos intentos.

Tendo eu sabido pela tribu que deixei atraz que existia uma rixa entre esses botocudos e os indios de beira-mar, (chamados na sua linguagem: *Makão Kugi* — indio pequeno), approveitei-me dessa noticia e disse-lhes que havendo sabido nos paizes longinquos d'essa rixa e os prejuizos que lhes causavam esses inimigos, vinha para auxilia-los.

Immediatamente longe de nos hostilizar, fazendo-nos gestos de alegria e satisfacção, pediram-me que não tardassemos em vinga-los.

Reparti entre elles o restante da ferramenta que trazia, e ficando muito satisfeitos, prometteram-me não atacar mais a pessôas que por alli passassem.

Depois de tão innumeros trabalhos, cheguei aos 29 de Septembro á barra do rio Mucury, onde desagua no Oceano Atlantico, tendo-o explorado e tomado todas as suas voltas por meio da bussula e regulada a celeridade da canôa por uma ampulheta que fiz, e uma corda a qual tinha amarrado um peso para servir de ponto fixo; esta corda era dividida em metros e conforme a celeridade da canôa se desenvolvia mais ou menos durante o tempo em que vasava a sobredita ampulheta.

O rio Mucury corre para Léste-Sudéste e serve de limite natural ás provincias brazileiras de Espirito Santo e Bahia (pelo Norte).

A trinta leguas *riosdeiro* existe outro limite natural entre a Provincia de Minas (ao Oeste) e Bahia (a Léste); é uma cordilheira que corre de Norte a Sul, e na qual tem nascimento muitos rios.

D'esta cordilheira em diante o rio corre com muita mansidão, e é chamado pelos naturaes — *Rio de Areia* —.

A barra do Mucury é uma das melhores na costa do Sul do Brazil, pois tem canaes de 8,14 ou 18 palmos d'agua (maré baixa), com fundo de lama e agua doce para as embarcações.

No pontal feito pelo rio e o mar existe uma pequena villa, composta de quarenta fogos habitada por pescadores, cujo aspecto e existencia é o mais miseravel possivel (chama-se villa de S. José do Porto Alegre).

Esta situada a 18° e 30' de lattitude e 41° 37' e 30" de longitude, e habitada pelos antigos indios — *Makuiris* — que vieram nestas costas procurar um refugio contra os ataques dos botocudos — *Jiporokas*.

As margens do rio são ferteis em madeiras de lei, a saber: *jacaranda, cabiúna, cinhatico, balsamo, ipê, jiquitibá, aroeira e braúna.*

Não tem ramo algum de febres malignas, nem sezões, vantagem que bastaria para torna-lo preferivel aos rios Doce e Gequitinhonha, cujos habitantes são diariamente assolados por innumeras epidemias.

Alem de todas essas vantagens, offerece uma navegação (que

principia da barra do rio das Americanas, que desagua nelle na parte do Norte) menos perigosa e mais rapida.

O unico obstaculo que se offerece, pois, a pôr uma communicação por agua entre esta tão desgraçada Comarca de Minas Novas, é o numero de Bugres que infesta as margens do Mucury, obstaculo este muito facil de se solver, confiando-se a um homem de zelo, prudencia e capacidade reconhecida a cathequisação dos selvagens habitantes d'essas mattas: e estou certo de que no espaço de dous annos, contará o Governo d'esta Provincia mais este elemento de prosperidade em seu seio.

Por esta obra de philanthropia e de dever, estarão francas aos emprehendedores as riquezas existentes no rio das Americanas.

Tendo eu perdido a esperança de voltar pelo mesmo caminho (rio ácima) por causa de uma grande enchente, e não querendo esperar para não perder algum tempo que me não pertencia, resolvi-me a costear o mar (por terra), dirigindo-me para Norte, procurando a estrada que acompanha as margens do Gequitinhonha e seguindo-a até Porto Seguro, distante 40 legôas da Villa de São José de Porto Alegre.

Rompendo a picada chamada das boiadas, achei-me, no fim de 5 dias de viagem, na estrada do Gequitinhonha, até á barra do Arassuahy (seu confluente) e chegado ao Calhão dirigi-me para a Fazenda da Conceição, onde cheguei aos 14 de Novembro depois de haver percorrido 150 legôas desde Porto Alegre até a Fazenda do Coelho, como se poderá vêr no mappa que tenho a honra de appresentar a V. Ex.ª.

Durante esta viagem gastei com 15 pessôas a quantia de 110$000.

A navegação do Gequitinhonha, que tambem tive occasião de explorar, é a peior possivel, e não o permitte alimentar esperança de se verem facilitados em seu seio os meios de communicação, sem contar ainda no numero das difficuldades as sezões que assolam annualmente os habitantes, que contam no meio das victimas, uma decima parte de suas povoações.

No dia seguinte ao da minha chegada na Fazenda da Conceição, tratei de fazer o Relatorio que vos appresento.

Chegando á Villa de Minas Novas aos 3 de Janeiro do corrente anno, onde me occupei em finalisar as contas relativas á expedição, puz-me em marcha para essa Capital, passando pelas Villas de Diamantina e do Principe.

Cheguei finalmente a esta Capital aos 21 de Fevereiro, onde tenho tratado dos ultimos retoques na prestação de contas da incumbencia que me coube.

O Governo poderá tirar da miseria e penuria a que está entregue a Comarca de Minas Novas, que por meio da navegação por mim

indicada, e cujos serviços poderão ficar em 20:000$000, abrirá communicação immediata com Oceano, podendo-se ir de Minas Novas a Porto Alegre em 13 dias (com canôas carregadas) e d'ahi por mar até á Bahia em 2 dias.

Deve, porém, ser preferida a navegação para o Rio de Janeiro, apezar da inconstancia dos ventos que sopram de Léste Nordeste, podendo-se fazer esta viagem, de Porto Alegre, em 3 dias.

Entregando á V. Ex.ia este meu trabalho, reclamo, de um lado, a indulgencia por algumas faltas imprevistas, e alguns erros, que si os tive, foram dictados pelo amor e grande interesse que tomei por esta tão grande, ardua e melindrosa tarefa, e vangloriando-me si por esses limitados serviços, puder pagar o tributo de reconhecimento á tão conhecida hospitalidade desta rica e bella Provincia.

Deus guarde á V. Ex.cia

Ao Ill.mo Ex.mo Snr. Antonio da Costa Pinto, Muito Digno Presidente d'esta Provincia.

Do encarregado da expedição. — *Victor Renault.*

Ouro Preto, em 2 de abril de 1837.

1093

VOCABULARIO

094

Vocabulario da lingua dos Botocudos, Nac-nanuks e GIPOROCAS, habitantes das margens dos Rios Mucury e Todos-os-Santos, tambem identico ao dos Kraik-mús habitantes das margens do Rio Gequitinhonha (1).

N. B.—Sendo muito aspirada a linguagem dos Botocudos, e não havendo na lingua Brasileira letras que correspondessem bem ao som exigido, foi preciso recorrer ás letras de outros idiomas, assim foi applicado o jota hespanhol todas as vezes que se quiz dar hum

---

(1) No vol. correspondente ao 2.° semestre, da *Revista* do Instituto Historico Brasileiro, encontram-se algumas notas ligeiras que se referem aos indigenas do Mucury, acompanhadas de um resumido vocabulario.

Julguei opportuno transcrever para aqui o que possa interessar aos estudiosos que, compulsando este trabalho, nelle encontrarão o que de mais importante se refere a esses indigenas.

E' este o vocabulario, que vem seguido da *nota* que transcrevemos:

O idioma dos indios das brenhas do Mucury

Amonerim	Vamos embora.
Arec	Pequeno.
Barom	Soldados, batalhão.
Bentonhe	Christão.
Caraca	Faca.
Caractan	Foice.
Carapok	Machado.
Chomorone	Mato.
Crene	Cabeça.
Crene cotin cote	Dóe-me a cabeça.
Cuparaga	Onça.
Epok	Peixe.
Icau	Pae.
Impó	Pés, mãos.
Inhapú	Mãe.
Ink jac	Irmão.
Jacano	Marido.
Jacaune	Amizade.

som aspirado, como v. gr. urujo e vai adiante escripto (asp.) dando assim a entender que o jota deve ter uma pronuncia espanhola: quando não existem as letras asp. é porque deve ser pronunciado o j como se usa na lingua Brasileira. O h, tambem quando for aspirado levará as letras (asp.) e deverá ser pronunciado como o Ha allemão, isto é com toda a força possivel e não levando as letras (asp.) entrará na regra ordinaria da lingua Brasileira. As linguas dos habitantes das selvas Brasileiras são essencialmente negativas, caracteristico de todas as indoles melancholicas tão naturaes em entes que tem vida negativa nos immensos bosques onde a mór parte das vezes lhes faltão todos os recursos necessarios para não cahirem de inanição: assim dizem iak-geme-amenuk para dizer que são manços e que estão de paz (litteralmente, não sou bravo) para exprimir possessão dizem anqui-menuk (litteralmente, não estou sem priva

---

Jac-jee	Ouviu?
Impangue	Cançado.
Jac jemenú	Estamos em paz. Póde chegar. Seja bem vindo. Pela mesma maneira se exprimem nos sentimentos que indicam benevolencia, amizade e harmonia.
Jampee	Fogo.
Jampee uruju que geme	Faz muito fogo em minha casa.
Jucana	Rapariga.
Macou	Anzol.
Mavonhe	Mau.
Mo-ok de jacú	Peixe grande.
Pao-inkok nok	Mandioca.
Pani	Farinha.
Tarú-amporu	Fresco.
Que jeme	Casa, domicilio.
Sincorana	Tenho fome.
Sincorana pani nun cute	Dá-me farinha, que tenho fome.
Temprano	Dia.
Tupan	Deus.
Tamanque jepé	De pressa
Um pipe	Quero.
Um pipe-nú	Não quero.
Urone	Alto.
Urufú	Muito.

Do que podemos ajuizar, o idioma dos indigenas que habitam as brenhas incultas do Mucury e muito resumido.

Falam quasi sempre cantando, produzindo na pronuncia um som guttural.

(N. de L. R.)

ção) (anqui) e na verdade entes como estes vivendo continuamente a procura de caça e raizes para sustentarem-se e que a mór parte das vezes lhes faltão (com quanto se creia geralmente o contrario) como podem dizer que possuam com que sustentarem-se? só podem affirmar que n'aquella occasião entendem que não soffrerão privações (anki-menuk).

A lingua sendo a expressão da indole dos póvos como poderia ser florido o idioma d'estas creanças da natureza? he composta quase toda de dous substantivos ou raizes, as quaes quase sempre são por onomatopéas: e toda a via quanto não é expressiva e até mesmo significativa esta linguagem dos homens da natureza da qual Virgilio se aproximando merecco até hoje os louvores dos entendidos.

Este trabalho muito defeituoso é verdade, precisa de rectificações que não me forão possiveis fazer no meio das mattas em que vivi, escrevendo a mór parte das minhas observações em cascas de palmitos, sendo alem d'isso sobremaneira custoso alcançar d'esta podre gente alguma informação que por demasiadas vezes não entendião e que d'elles se exigia: faltão por conseq.es muitas expressões, muitas significações que com a frequencia e ajudados por este pequeno vocabulario poderão alcançar as pessoas que se dedicarem a este trabalho, sobretudo se como eu, não tiverem a lutar com tribus bellicosas, soffrendo fome, sêde, nudez e todos os flagellos que podem assaltar n'este mundo ao homem, que entranhando-se nas mattas incultas e desejando chamar ao gremio da civilisação estes entes miseraveis, ainda se via obrigado a soffrer com toda a moderação os insultos que na sua bem fundada desconfiança lhe dirigião, a fim d'esta arte não se parecer com os feroses hespanhoes na conquista do Mexico: d'estes insultos resultarão sempre faltas de recursos: pois sitiados por aquellas tribus durante 3, 8, 15 e até 23 dias, tudo faltára na occasião, e a propria caça passava impune perto de nós, pois que para usarmos de nossas espingardas, dariamos indicio de resistencia ou manifestações hostiz e longe de mim semelhante proposito, pois que só anhelava paz e amisade como felizmente creio ter conseguido, não tendo a me exprobar durante os 14 mezes da minha residencia na matta, a menor offença feita a estes entes tão fracos e tão merecedores de toda a compaixão do Governo: são amorosos em extremo, prova o meo pobre Alonso, botocudo de 12 annos que morreo definhado de saudades por ter-me ausentado d'elle 15 dias: voltei a tempo p.a velo ainda, mas o mal tinha lavrado e não pude mais salva-lo.

Abaixar	iejok.
Abandonar, largar	apône.
Abelha, mel	pang.
Latir	encão-juanne.
Abrigo, esconderijo	jionne.
Accompanhar, seguir	indijione-mû.
Parir	kruknim-intá.
Acto da propagação	teok-teok.
Pendurar	tokonne-apok.
Ajuntar	ari.
Abraçar	amerek.
Apontar afinar	tehon-gdunne.
Saudades, pezares	a-nein.
Ajudar	autumme.
Gavião	ohho (asp.).
Azedo	kui.
Pontudo	gdunne.
Amolar	angreuk.
Amolado, alisado	kmereppe-jikaramme.
Aza	kmak.
Amar	pramme.
Odear	pramme-menuk.
Ar	paovi.
Ir, andar	mû.
Ir-se	anti-mene.
Accender	hène (asp.)
Postema, furunculo	mojon.
Ausencia, foi-se embora	makin.
Espia, tocaia, emboscada	jiionne.
Irritar, offender	ampote-ijak-jemes.
Ajoelhado	kri-ie-jok.
Duvidar, suppor	mantchou.
Sêde, seccura	muguangue-pramme.
Emmagrecer	knienne-ati.
Amarrar	aguik-aratte.
Chamar	porô.
Trazer, conduzir	tatte-ni.
Amargo, forte	mugnan-krok.
Levantar-se	mû-him.
Amolecer	teu-ignoek.
Isca para apanhar caça	tetrine-athué-kninknine.
quer dizer litteralmente:	carne cortada pequenina.
Espinha de peixe	ampok-djek: osso de peixe.
Brincar, divertir	intchó-antchu-mène.
Ananaz-bravo, gravatá	putte.

Burro, besta	mgro-jomme-grak-orône.
quer dizer litteralmente:	orelha-grande.
Acabado, finalizado	nojomme.
Páo que passão nas orelhas	bêtó-apok.
Dar annuncio, fazer saber	hac (asp.)
Animal — bixo qualquer	tchine.
Estar vivo, existir	knang.
Adiante	knauri.
Gruta, lapa, profundidade	nak-mâ.
Apasiguar (I)	ampang-nu-tepp.
Ver, enxergar	pôme.
Esteio, estaca	tchone-apê.
Depois	indijôré.
Meio dia (II)	trarú-pompeú-tchepp.
Depois do meio dia	tarú-gnigûine.
Ainda	kuanuk.
Arvore, páo	tchone.
Folha	gdeute.
Desconhecido	nuk-knang.
Este	nim-jôme.
Arrancar	antik.
Parado	mú-him.
Atrás	djôré.
Páo que passão nos beiços	bêtó.
Chegado	gnering-guep.
Arredondar	con-tú.
Assasino	nampeuk-djadji.
Ajuntar-se	tknó-kré.
Assentar-se	nak-hep (h. asp.)
Bastante	henamú.
Alcançar, apanhar	anti-mène.
Esperar	mú-him-kré-munguérá.
quer dizer litteralmente:	vá—até aqui espero.
Comer, engulir, tragar	numkutte.
Hontem	tompran éra.
Com, juntamente	intchó.
Hoje	tompran.
Meo	gnuk.
Tenho	na-kati.
Perto	guaré.

(I) Quer dizer litteralmente: briga não, vai assentar.
(II) » » » : sol no meio-pendurado.

Tambem	na-kati.
Nada na mão	antcheuk-bocuri.
Sacco de malhas, q.' serve p.ª carregar, e q.' os praticos appellidão balaio	tang.
Guerreiro, valoroso	gni-maiokóme.
Banhar, lavar-se	kjeoum.
Banana	iipokane.
Canôa	tchone-katte.
Magoal	páo.
Muito	urujo (asp).
Bonito	ereje (asp).
Destroçar (I)	kjéme-autang-nème.
Guerra, briga (II)	iipanne-nojôme-nagite.
Acabar, concluir	jôme.
Bico	djinn-kakanne.
Balançar-se (III)	kujunn-apok-antchung.
Sipó	kujumne.
Berrar, gritar	mê-mê-uanguc.
Branco	jurûne.
Pallido	guôme.
Ferir	ingró.
Esfolado	imprippe.
Lenha (IV)	tchône-quême.
Carapuça de malhas de embaúba que fazem e trazem em signal de victoria	kon-tá.
Escrescencia, grossura	majon.
Bocca	keton-pimá.
Quando arrebentão os labios pelo demasiado diametro do béto, dizem:	keton-puma katte.
Lama, barro	matacú-malaki.
Cosinhar	kitôte-kitute.
Brasil, brasa	tchou-peck-prôme.
Braço	iiporok.
Bravo	máiokome.
Neblina	tarú-mot-mot.

(I) Quer dizer litteralmente: ranchação — qualquer arco.
(II » » » : tomar tudo, tambem mulheres.
(III) » » » : cipó pendurado andando.
(IV) » » » : páo morto.

literalmente:	sól fechado.
Corajoso	kukin-amenuk.
literalmente:	medo-não-tem.
Beber	geoppe.
Não saber	tokóne.
Pato	kurutte.
Canna	kumerine.
Caratinga, (raiz)	amão.
Caxoeira (catadupa)	mignan-aiú.
Miollos	mune-kimiak.
Calor	hú-hú-hú (asp).
ou dizem tambem:	iitchá
Cão	inkau.
Cantar	tarungri.
Carga, peso	tang.
Carga pezàda	tang-makran.
Caçar	tchin-pimá-ou: tchin-niajú.
Gato	kuparak-kuji.
Calvo, calvicie	krène-tuó.
Pelado de todo	krène-kaou.
Cabellos	krène-ké.
Só	bokurine.
Veado (1)	bokurine.
Escolher	iikatte-iikatte.
Evacuar, obrar	inkak.
Queda	arak.
Pestanas	keton-ké.
Madrugada, aurora	tompran-gikaram.
Coati	kakiek.
Porco	kurek.
Coração	pompeo, (eu faz diphthongo).
Pescoço	ijpuk.
Ira, colera	iiak-iemes.
Collar de sementes	pó-hotte, (h asp.)
Collar com dentes	pó-hotte-jume-apok.
literalmente:	collar dentes pendurados.
Mandar	inkau-kan.
Orgãos sexuaes da mulher	kijó.
Conhecer	dja-djé.
Accompanhar	intchó-mú.
Conversar	gueppe-pmerá.

(1) Dizem tambem para exprimir a nudez de cabellos q' costuma acontecer depois do uso das capucaias: « krène bokurine ».

Gallo	erek-nek.
Vamos conversar	ni-tehão.
Côrvo, úrubú	ampeu.
Corda	jatak.
Corda do arco	néme-jatak.
Costellas	jek-orône.
literalmente :	osso comprido.
Serras, morros	jupik.
Deitar	homé-tê-kuipe.
Cotovello	kri-kri.
Escorrer	jampate-apô.
Pancada, golpe	apmon.
Cortar	atirú.
Torto, curvo	tang-tang.
Furar	angrô.
Correr	antehi.
Chocar (passaro chocando)	kruk-entá-kuangue.
Cuspir	atuk.
Gritar	kuangue.
Chamar	anôrone.
Cru	tippe.
Cosinhar	kitotte.
Anus	gotangue.
Parte posterior	gotangue.
Dentro	pompá.
Dansar (1)	tarú-intek.
De (preposição)	guink, ou: uan.
Em pé	mujim.
De pé	mujim.
Fora	eratte.
Pedir	iok-jénes.
Desemmaranhar	antikke, ou: aná.
Metade, meio	apontão a metade do dedo.
Nascer dentes	jountá.
Dentes	junne.
Desde, depois	indjóré.
Atraz	indjóré.
Sobre	pok.
Adiante	gnanri.
Diabo	nantchon.
Deus	kupanne.
Dizer	pó juanne.

(1) Litteralmente: ar-saltar.

Discutir	juikik-juikik.
Partir, dividir	intchack-hume.
Dedo	jekk.
Dar	iisk-jène, ou op-mun-hume.
Dormir	kukijunne.
Costas, cacunda	jukû.
Dôr	iojok.
Direito	tché.
Duro	pimeron.
Agua	munhangue.
Escamar	ampok-angreuk.
Errar, desacertar	gine-tchik.
Alumiar (I)	tokone-ampruk.
Esfollar	katte-apône.
Casca, couro	katte.
Escutar	amorohé-jème (h. asp.)
Saltar, atirar-se	pui.
Afastar-se, retirar-se	amû-katinhá.
Abraçar	amerek.
Encher	intcheuk.
Em	oti.
Ainda	kuangue.
Logar, onde	akré, ou : akuá.
Menino, filho	krukutinhe.
Afincar (II)	nak-atan-tchone-api-apimeran.
Junto	jiitú.
Enrolar	areutte.
Ouvir	ampongue.
Entrar	ni-gré.
Rodear	tchik-guerá.
Hombro	ghennûne.
Espiga	pokke.
Endigestão	pompeo-anhurungue.
litteralmente :	estomago-doente.
Espinha	hak-aune (h. asp.)
Cuspir	kinhangue-keritte.
Estomago	pompeu (eu dipth).
Pé ferido, doente	pó-tikke.
Estender	appongue.
Abrir o ventre	inkuangue-intasiganó.
Extraordinario	takonne-nak-gname.

(I) Litteralmente alguma cousa accender.
(II) » : terra-buraco-pão afincar duro

Faces	impongue katte.
Falso	amptchá-gi-nuk.
Fazer	atchá-hume.
Familiia	kruk.
Barro, terra delida	nak-atchok.
Urucú (planta cujas sementes servem p.ª se tingirem)	tchone-krène.
Pó, poeira	tautchi-razi-kuá (h asp.)
Cançado	ararate, ou impangue.
Femea de q.ˡ q.ᵉ animal	jopú.
Rachar	ampingue.
Racha	ampingue.
Fogo (1)	tchone-pek.
Cordão que fazem com cascas de pão	kujunne-nokuánhane.
Molestia, febre	gitchá.
Varrer	nak-ari.
Acabar	no-jome.
Céo, firmamento	tarú.
Flor	murune.
Força	no-jutte.
Assubiar	nujoppe.
Derreter	tchè-ré-tché.
Fresco	amporú, ou: tarú-amporú.
Fructa	tchone-kone.
Esfregar	anhreuk.
Coçar	kigatte-ankheupe.
Fumaça	tchone-puk-keu-keu (eu diph.).
Fugir	intá-niri.
Relva	jóme.
Gemeos	inteak-kruk.
Joelho	krikri.
Agasalho	djème.
Escorregar	pó-jak.
Garganta, guellas	tak-rek-entchamme.
Sementes	goati-ketomme.
Muito alto	engrake-oróne.
Grande	iipakiiú.
Gordo	jokokanne.
Assar	takruk.
Ralhar	kupanne-djème.
Grosso	ankupeu-iipakiiu.

(1) Litteralmente: páo-aceso.

Curar, sarar	numpatte.
Alto	orône.
Capim, herva	jamme.
Homem	naja.
Leicenço, sarna	aimnio-jou.
Materia	pantchik
Berrar, urrar	angróni.
Aqui	keré.
Incendio, fogo grande	amporuk.
Incommodar, vexar	kinik-umpang.
Intestinos, tripas	jotan.
Nunca	mamme.
Perna	mak.
Atirar	angrin.
Sem comer (em jejum)	tchin-nuk-cuangue.
Cortar, derribar uma arvore	ncaprim, ou kraintuá.
Trabalhador, activo	kutippe-nuk.
literalmente:	preguiçoso não.
Covarde	kuking, ou takreuk.
Largar	apone.
Lagoa	bitak.
Leite	perak.
Atirar qualquer objecto	angrin.
Caranguejo	kat-merak.
Lingua	jojokke.
Largo	aukupá-iipakiiú
Lagrima	put-put.
Lavar	kuri-kjumme.
Ir lavar-se	mú-kuri.
Elle, ella	antchuk.
Ilha	munhangue-teorú, ou nak-munhangue pompeu — terra-agua-meio.
Léve	compó.
Amarrilho	nhaguikke.
Companheira	vronekú.
Longe	amarône-ône-ône-ône, (isto em cadencia).
Lua	munthnhiac.
Estrella	het-krette (hasp.).
Luz	amotte.
Mastigar	nopiguik.
Mão	pó.
Juntas de q.[st] q.[r] membro	kekri.
Rancho, coberta de Indio	kijème.

Doente	mouth-muth.
Peito das mulheres	parak, ou: kupá.
Comer	mumkutte.
Errar	tchin-tchik.
Andar	tupó.
Casar, ajuntar	kijéme-ha.
Mão, ou tudo qt.ᵉ he ruim	toutône, ou tone: tambem dizem: mpéran, ou djadji.
Feder	ampú.
Mal satisfeito	takrek.
Barba	epiche.
Mar	nahû-iipakiiú-û-ú-ú (1).
Mãe	kiiopú.
Por	gene erá.
Eu	ati.
Pedaço	kine
Morte, morto	quéme.
Com catarro	gin-akoji-motte.
Olhos	kêtomme.
Mosca	koppe.
Mosquito	koppe.
Musgo	tokône.
Nadar	munhã-mú.
Anão	krukinini.
Nascer	entá.
Ventas de nariz	jintmá.
Nariz	jinne.
Limpar	kuri.
Miudo	krukinini.
Preto	himme (h. asp.).
Afogar	munhangue-arak.
Escuro	ampimme.
Osso	jak.
Tirar	pê.
Mel	pangue.
Palha	inkanne.
Sipó, embiras	kujunne.
Fallar	hão.
Não, nada	mnenuk.
Passar	gurin-mú.
Passaro	bankanne-toutonê.

(1) Pronunciando em cadencia.

Pé de gente ou animal	pó.
Pescar, apanhar peixe	ampok-iiojek.
Anzol	mokuangue.
Furar	atuppe.
Tirar mel	pangue-hangue.
Perder, esconder	jijône
Ninguem	mãme
Pequeno	mek-mek, ou erekrek
Magro	tontône, ou guène
Pouco	potchique.
Pedra	takruk.
Serranias	krak-june.
Soccar	kunhangue.
Picar, morder	gró-inkroppe.
Ferida	nak.
Chorar	putte-puk
Cheio	mot-motte.
Penna	bacane-kamak, ou bakanne-ké.
Ave	bakanne.
Pegar	mène.
Passaro assentado	gueppe.
Galinha	hahan, (h. asp.).
Para	huanne.
Ourinar	ampiangue.
Apodrecer	huamme.
Perto	gnarè.
Emprestar	huppe-mune.
Apanhado	mène.
Limpo	jurûne.
O que hé?	kokonime?
Trazer	tatte-ni
Negar	kon-anki.
Rapoza	apijûne.
Entregar, resitituir	hop-mú-jokone.
Responder	hão.
Resto	potchique.
Arrematado, acabado	nojòme
Nada	mâme.
Rir	hangue.
Teso, rigido	apmeran.
Redondo	mounknhiae.
Assar	haop.
Caminho	bron.
Areia	nak.
Sangrar	kamptchek-jujú.

Sangue	kamptchek.
Saber	djá-dji.
Saltar	ankupá-tchune
Salvar-se, fugir	anti-ii, ou intar-aniri.
Acabado	nojóme.
Secco	jitcheuk.
Cheirar	uappe.
Feder	ampû.
Fugir	anti-ii.
Apertar	mené-ampimeran
Assobiar	uappe.
Signal	pó-hette.
Macaco	tchérengue.
Sol	tarú-tépó.
Só, pouco, isolado	potchik, ou bokurine.
Cume, alto	ankupeu.
Sahir, ir-se	jamme.
Soffrer	chik.
Surdo	impan-mnuk.
Cego	ketône-tuó.
Debaixo	iojok.
Parte baixa do ventre	uangue.
Côxas	mak.
Chupar	hú-hú-hú-jitchá.
Gordura	tchin-má.
Anta	gupmaran.
Tarde, he tarde	tarú-nhinhine, ou tarú-tompé.
Apalpar	guk-un-toppe.
Tempestade	tarú-iiakjemes.
Trovejar	tarú-ingri.
Terra	nak.
Cabeça	krene.
Sarna miuda	mankuk.
Atirar	jintchi.
Cahir	rak.
Rodear, andar a roda	notte-notte.
Tranquillo, socego	aguik-nuheppe (h. esp.).
Trancar	nukatak.
Muito	urujú-tang na-guritte (j. asp.).
Buraco	nak-má, ou krô.
Vento	tarú katak.
Minhoca	augrá-pó.
Esvasiar	najôme.
Eis ahi	onib-am.
Voar	antiji.

Roubar	inkiek.
Ladrão	inkiek.
Vosso, teo (pron. poss.)	ajuk-gnime.
Depressa	nank-nank, ou nanank-nank, ou maiiprette.
Quanto?	tang?
Destro	atcheu (eu diph.).
Velho	makinhamme.
Para diante, vamos	mu-katinhan, ou maiiprette.
Guariba	cupirik.
Mono	kepokk.
Lontra	amkum-merik.
Mutúm	pontcheuk.
Sahuim	harha-guik-guik.
Boi	pô-kokri.
Cavallo	krêne-june.
Macúco	anguevok.
Jakutinga	pokórine.
Zabêlé	anguevok-kuji.
Capoeira	anguevok-erek-rek
Coati	hak-jek.
Preguiça, (bixo)	kejó.
Tamanduá	kujûne.
Caititú	hok-kuêne.
Quexada	kurek.
Sahuá	kuruk-kuk.
Arakuan, (jacú pequeno)	kaiaká
Mamão, (fruta)	krotte.
Frutas deliciosas que se acham nas margens do Gequinhonha:	kupan, ou kupan-kuji.
litteralmente:	Deos, ou Deos pequeno.
Coruja	jokokane.
Kagado	krotehok.
Jacaré	jakaré.
Sipó que serve p.ª se comer	ketenan.
Palmito	jamme, jipinne.
Coqueiro	tehone-catune
Irára	hapé-june.
Cutia	maiak-inhíng.
Arára	kabarâne.
Cabellos	krênkê.
Sobrancelhas	kankê.
Pestanas	ketomke.
Palpebras	ketom-kat.
Nariz	kijink.

Ventas	kijink-má.
Beiços superiores	kijink-makat.
Beiços inferiores	kiinijink-makat.
Dentes	kuiiûm.
Gengivas	kuiiûm-juik.
Orelhas	kuinhocegône.
Pescoço	kuijipuk.
Hombros	knão.
Cadeiras	kmusinhiá.
Coxas	kmákiopok.
Barriga das pernas	prûme.
Canellas	kekri-iak.
Pernas	prumme-iják.
Tornozellos	pôkekerí.
Dedos dos pés ou das mãos	pô-jinne.
Dedo grande do pé	po-jinne-gikanne.
Unhas	morenkatte.
Braço	kigin-nûnne.
Parte superior do braço	kigin-nûnne-jopok.
Parte inferior do braço	kigin-krê.
Mão	pô.
Juntas dos dedos	pô-kekri.
Arvoredo	tchône-iipakiiú.
Galho, ramo	tchon-mak.
Folhas	jamme.
Raiz	tchône-jitak.
Pé da arvore	tchône-jú.
Casca da arvore	tchône-katte.
Veado	mokri, ou tambem bokorine.
Onça	kuparak.
Jacutinga	pô-kori.
Papagaio	kuákuá.
Periquito	creknette.
Tucano	kurak-sâ.
Cobra	grô.
Cascavel	nankuan.
Jararaca	grôgibron.
Matar cobra	grô-ampok.
Matar anta	monpran queme.
Couro	krankatte.
Molestia	montt-mank.
Ter força	nank-meran.
Duro	kmaran.
Pequeno	namkruknini.
Grande, alto	naniikanne.

Muito	urujú (j. esp.).
Hum, dizem:	potchik.
Dous e mais (1)	urujú (j. esp.).
Cinza	tchône-inkakû.
Tissão	tchône-pêk.
Atrepar na arvore	knon-hême (h. asp.).
Jacú	hahanne (h. asp.).
Irára	hupiijunne.
Bonito	hereé (h. asp.).
Feio	tontône.
Venha	mukuani.
Vá buscar agua	munhangue-ha (h. asp.).
Peixe	impok.
Caxinguelé	júknek.
Macaco de estrella	anguik-eguik.
Macaco	irái.
Guariba grande	kupirik.
Mono	kupó.
Paca	ekran.
Cutia	manhaceguie.
Lontra	mon-merik.
Capivára	kijinn-ponne.
Formiga	purik.
Tamanduá	kujamme.
Tamanduá pequeno	kujamme-check.
Tatú	guntchon.
Abelha	paniakuppe-pan-iiakuppe.
Laranja	krani-homme (h. asp.)
Banana	iipokanne.
Ananas	rançon.
Sapucaia	ha, (h. mt.º asp.)
Poáia	arakuá.
Boi	pó-kekri.
Vacca	pó-kekri-ioponne.
Bezerro	pó-kekri-kukinine.
Cavallo	krên-júmme.
Grosso	iipakiiú
Calinha	ha-ha-ha (h. asp.)
Gallo	ha-ha-ha-iikanne. (h. asp.)
Pinto	hachá-ha-kruknute (h. asp.)

(1) Dous e mais não conhecem os numeros, empregando sempre « urujú » (muito).

Chefe	kren-tone.
Rabo	ijuk.
Fumo, tabaco	anganan.
Pato	keta-pmône.
Sól	tarú-tepó.
Lúa	kamoniak.
Vamos	uamú, ou iiakin.
Rezar a Deos	kupan-nahang (h. asp.).
Remedar, imitar	nahang.
Soprar	hú (h. asp.).
Homem	koteu (eu diph.).
Mulher	iikonam.
Homem	ha-ha (h. asp.).
Bixo	kitomarek.
Morrer	quême.
Viver	koahangue (h. asp.).
Orgãos sexuaes da mulher	kijó.
Orgãos sexuaes do homem	kijuk.
Trazer	parani.
Vir	ni.
Aqui	krê.
Non sei	mâmme.
Saber	djadjii.
Escrotos	jâmme.
Irmãos	kiiak.
Irmãa	kiiak.
Chapéo	tapête.
Bom	hé-ré-hé (h. mt.° asp.).
Bom	jaji.
Bravo	iak-jemmes.
Manço	iak-jemme-menuk.
Não (negativa)	amenuk.
Sim (affirm.)	hen-hen (h. asp.).
Dormir	kokijûne.
Batter	nukuãn.
Brigar, descompor	uhin-hik. (h. asp.)
Acção da propagação	tchok-tchok-iiajik.
Metal qualquer	kak.
Faca	kak-guhinn-guhinn (h. asp.).
Eiscada	purôré.
Sapato	pó-katte.
Farinha	amkóki.
Fubá	munhangue.
Raiva	tang-erangue.
Sempre	empangue.

Rapadura	kamurinne-kitomnik.
Faces	impáo.
Cara com barbas	impomké.
Cara bonita	ketomme-héréhé (h. asp.).
Lingua	iichok.
Cara sem barba	impáo-iieuk.
Claro, branco	iirûn, ou gnome, ou unake.
Preto	keri-himme (h. asp.).
Vermelho	brû-kû-kû.
Amarello	iirûne.
Verde	krên-kré.
Azul	iintchungue.
Gordo	iiaku-kanne.
Magro	guinhûme.
Chuva	minhangue-peu (eu diph.).
Vento inferior, flatus	tik.
Filho	kurûk.
Pai	iikanne.
Mãe	iopû.
Netto ou netta	kurûk-catainãa.
Mulher casada	iiokanne.
Casar	kijamá.
Casa	kijéme.
Uriz caixeiro	krenk-gnó.
Tome isso	tokonne-pé.
Ponha ahi	genu-érá.
Meo	guak.
Bixo de vareja	kap-kokûne.
litteralm.	mosca-excrementos.
Não he isso?	nok?
O que he que quer?	hokonine-antchuk-akkorine
Fedorento	iiotangue-nãme.
Para que?	hokonine?
Cheio, carregado	kuangue.
Encher	intchek.
Dança	tarungri.
Feijão	iiantá.
Tirar	kitte.
Nada	anqui.
Tem, ter	anqui-menuk.
Tabaco	anguinangue.
Frexa	najik.
Arco	nême.
Corda de arco	iitak.
Sipó	kuiiûne-jiikaranne.

Legitimo	jiikaramme.
Grutta, corrego	munhangue-nhingutingue.
Rio grande	uatú.
Attirar no chão	nojutte-nungri.
litteralmente:	com força jogar lá.
Luttar	nangmêne.
Tanto	tãrã.
Fallar	agueppe-merá.
Indio	uandjurú, ou mahon-kuji (h. asp.)
Esperar	mung-erá.
Ferida	nak.
Cunhado	gentchú.
Materia está sahindo	pantchik-jújú.
Vem ralhando	iinjik-iinjik.
Vagalume	arr[illegible]u (eu dipht.).
Acertar	heppe, ou gnieppe.
Vir	katô.
Aranha	katte-merak.
Frecha de pelota	munthrihiak.
Lagrimal	taivô.
Morro	iopik.
Vargem	amperik.
Atoleiros	nak-nung.
Noite	ampimme.
Dia	ampchunne.
Braço	maûme.
Mumbuca, (abelha)	pote-panj.
Timirim (abelha)	mure-epang.
Errar	tchinchik.
Mentir	kuin.
Os outros	nankrên.
Ralhar	ii-kurí.
Aquatico	munhangue-djeme.
litteralmente:	(agua-casa).
Tudo	panteu (eu dipht.).
Toco de pão	tchône-tnô.
Triste	pompeu-takrek (eu diph.).
Embrejauba	djaheu (h. asp. eu dipth.).
Rachar alguma cousa	kon-ampiam.
Pedir alguma cousa	intchak-hum.
Os outros não querem callar	naukranne-iéié-nuk-ankupahãa.
Bom	ingame.
Machado	krak-má.
Fouce	krak-ontangue.

Estas são as palavras e explicações que pude alcançar no decurso das minhas perigrinações; falta systema neste trabalho, as palavras não estão de baixo de classificação alphabetica, porque me guiei pelas palavras da lingua franceza, e por que não havia tempo para mais: muitas palavras vão repetidas, e isto o fiz todas as vezes que me pareceo dar uma significação no portuguez, qualquer mudança de palavra que acheis devida esta a indole de cada pessoa ou tribu, ou talvez porque não fosse ainda bastante iniciado no idioma.

Systematisando este trabalho e estabelecendo certas regras e collocando as raizes, poderá se colligir alguma cousa que habilite a fazer-se observações melhores q.' possam iniciar naquella linguagem as pessoas que se dérem a este trabalho. de 20 de abril de 1836 a 1837.

Victor Renault.

P. S.

He incrivel a facilidade com que os Botocudos inventam palavras para designar objectos desconhecidos; he como por uma inspiração e acclamação unanime e sempre no meio de risadas e alaridos: não se deve portanto admirar se no meio deste vocabulario apparecem significações de objectos desconhecidos forçosamente de selvagens que nunca tinham estado em contacto com gente civilizada, pois que estes nomes foram todos inventados a minha vista e certamente tem significações que eu não pude penetrar e q.' deveriam ser estudadas por pessoas mais habilitadas: o cavallo foi logo baptisado por «dentes compridos na cabeça», o boi por «pé rachado», mas que quer dizer «jio antá», nome que deram ao feijão: e o nome de «anganan» para significar o tabaco, e o de «tapéte» para designar o chapéo; talvez que com estes estudos se pudesse conhecer o jogo das raizes da lingua que não pode ser tão abreviada como parece, e dahi se alcançaria um passo immenso na linguistica descobrindo os arcanos da lingua do sanscrito com que parece ter tanta analogia, sendo sem duvida patria primitiva destes selvagens as paragens onde se fallara aquella linguagem perdida hoje e que tanto trabalho tem dado aos sabios.

1116

INDICE ALPHABETICO DO VOLUME VIII DA REVISTA

Administração da Justiça em Minas Geraes em 1826..... PAG. — 631
Aguas thermaes de Poços de Caldas..... » — 653
Carta a Gomes Freire (morte de Sarzedas)..... » — 615
Commendador Joaquim Alves da Silva (noticia biographica).... » — 3
Dados estatisticos sobre a população da freguezia de Santo Antonio da Villa de S. José do Rio das Mortes em 1795..... » — 623
Estudo summario do reino animal no Brazil antes da ultima revolução do globo (continuação da 4.ª memoria)..... » — 853
Expedição mandada fazer por Gomes Freire de Andrada para abater os quilombos..... » — 619
Exploração dos rios Mucury, Todos os Santos e seus affluentes, feita por ordem da Provincia pelo engenheiro Pedro Victor Renault..... » — 1049
Familia de Vicente Ferreira de Paula Bueno..... » — 625
Imprensa (A) em Bello Horizonte..... » — 585
Instrucção para o governo da capitania de Minas Geraes por José João Teixeira Coelho..... » — 303
José Rodrigues Fróes..... » — 1039
Memorias municipaes para a historia do governo de Minas Geraes..... » — 291
Mineração — Riquezas mineraes (memoria)..... » — 881
Noticia historico-geographica do municipio do Araxá..... » — 269
Officio do Barão de Eschwege ao conde de Palma sobre a exploração da galena do Abaeté..... » — 635
Parecer sobre o systema tributario, por Bernardo de Vasconcellos..... » — 641
Pedido (Um) de concessão para estabelecimento de colonias em Mucury..... » — 647
Questão de limites entre os Estados do Rio de Janeiro e Minas Geraes (relatorio do dr. Nominato José de Souza Lima)... » — 175
Relação chronologica do Santuario e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo no Estado de Minas Geraes..... » — 15
lo da nobre familia dos Arias, Aguirres e Sodrés da cidade e S. Paulo..... » — 259